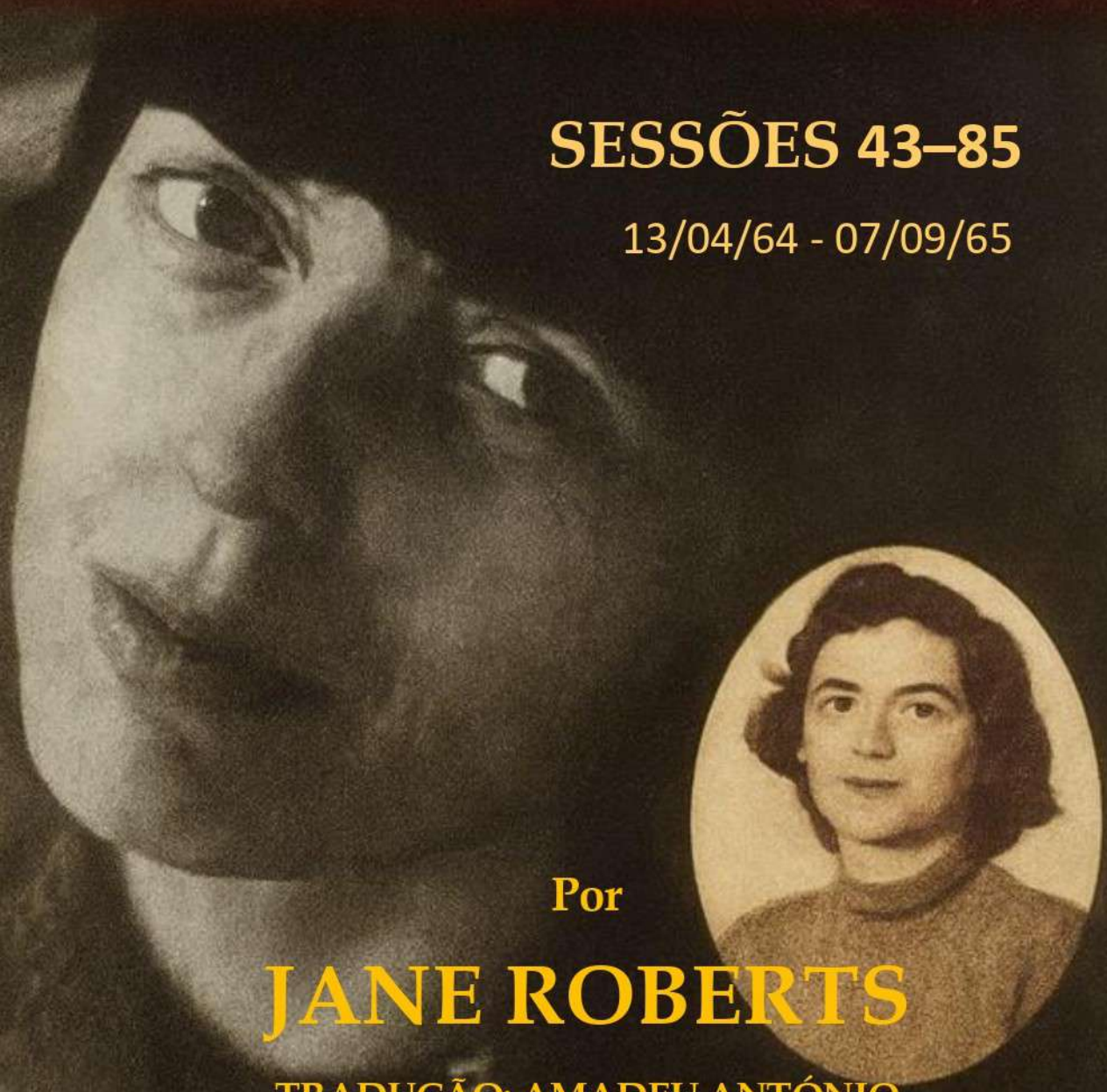
UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 2 do Material Seth



SESSÕES 43–85

13/04/64 - 07/09/65

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

Sessões 43-85
13/4/1964–7/9/1964

Dedico *The Early Sessions* à minha esposa, a Jane Roberts, que viveu os seus 55 anos com a maior criatividade e a mais valente coragem.

Rob

The Early Sessions: Book 2 of The Seth Material
Nota: em alguns casos, são mencionados números de página no texto para efeitos de remissão cruzada. Estes números dizem respeito apenas às páginas da edição em brochura (*trade paperback*).

(*Os dois episódios seguintes são incluídos aqui porque são tratados pelo o Seth na sessão seguinte, a 43.ª.*)

(*Pela a Jane:*

(*Na noite passada, 10 de abril de 1964, pouco antes de adormecer, tive a seguinte experiência: Tinha os olhos fechados, mas vi uma folha de papel cheia de escrita que reconheci como sendo a caligrafia da a Dee Masters, a minha supervisora na a Galeria de Arte Arnot, onde eu trabalho nas tardes.*

(*Era uma folha de bloco de notas, não do tamanho de papel de máquina de escrever, mas mais pequena. Distingui o nome do meu marido, o Rob, e mais umas palavras que entretanto esqueci. A folha de papel estava luminosa, como se houvesse luz algures, mas tudo o resto estava escuro, como costuma estar quando temos os olhos fechados. Tenho a sensação de que outra experiência do mesmo género aconteceu logo a seguir a esta, mas adormeci e não me lembro. Tinha-me esquecido completamente do incidente até esta tarde, 11 de abril de 1964.*)

(*Pelo o Rob:*

(*Na noite passada, 12 de abril de 1964, tive um sonho breve mas muito vívido, no qual vi um dos grandes ramos da árvore em frente da casa do Stamp, na esquina da nossa rua, cair ao chão.*

(*Aconteceu à luz do dia e a cores. O ramo, que terá talvez uns dez pés de comprimento e três ou quatro polegadas de diâmetro, desabou na rua. Quando bateu no asfalto, ressaltou e lascas brancas de madeira levantaram-se como faúlhas de uma bigorna. O ramo não atingiu quaisquer carros, pessoas, etc. Eu devo ter estado a observar ali perto,*

embora não estivesse envolvido de maneira nenhuma. Não me lembro de tempestade nem de ventos fortes.

(*Este ramo em particular parece ser sólido na árvore, mas cresce num ângulo peculiar, de tal modo que parece fraco e de algum modo deslocado entre os padrões rítmicos dos outros troncos e ramos. Muitas vezes reparei nele e interroguei-me sobre quão forte realmente é.*)

SESSÃO 43

13 de abril de 1964

(*Enquanto a Jane lia de manhã, depois do pequeno-almoço, a 42.ª sessão, a palavra "desenredamento" ocorreu-lhe. Isto, acredita a Jane, é o oitavo sentido interior, que torna possível o transporte e a levitação; o Seth referiu brevemente que estes dois dependem de outro sentido interior.*)

(*Durante uma sesta por volta das 16:00, por um momento muito breve, a Jane experimentou a sensação que descreveu como negrume infinito, ou ampliação. Ver página 309 [no Volume Um de The Early Sessions]. A sensação surgiu enquanto a Jane ainda estava acordada; acabara de relaxar e tinha os olhos fechados. Esta noite o Willy portou-se admiravelmente, dormindo durante a sessão inteira. Era uma noite de primavera quente e ventosa, muito bonita, e durante a sessão uma das janelas da sala de estar esteve aberta.*)

(*A Jane ditou com uma voz um pouco mais forte do que o normal; andou de um lado para o outro a um ritmo médio, os olhos escurecidos como de costume. Começou a falar um pouco mais depressa do que nas duas sessões anteriores. Estava nervosa, como habitualmente, antes de a sessão começar.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Isto pode ficar para registo ou podem apagar.

(*"Sim?"*)

Eu disse ao o Ruburt que ele não estava grávido, por isso agora espero que as nossas sessões voltem a ser um pouco mais fluidas, agora que ele está aliviado da grande questão. Devo dizer que a disciplina dele foi admirável e que eu próprio lhe dei muita ajuda. As próprias sessões ajudaram o Ruburt a desenvolver disciplina.

Fico satisfeito por os nossos exercícios práticos fora da aula, por assim dizer, estarem a correr tão bem. Por um lado, o nosso o Ruburt é um São Tomé duvidoso desde há muito, e as evidências dos sentidos interiores que são experienciadas fora das nossas sessões ajudam bastante neste campo.

Não quero néscios crédulos; no entanto, certamente que apreciaria ser levado à letra de vez em quando. Embora o choque pudesse ser demasiado até para a minha constituição.

Espero, o Joseph, que também venhas a experienciar mais dos sentidos interiores. Devias, sem dúvida.

(*"E o meu sonho do ramo da árvore a cair? Alguma ligação com os sentidos interiores?"*)

O sonho da árvore? Neste momento não sei se foi apenas um sonho ou não. Não foi do mesmo tipo de experiência que a outra que tiveste em ligação com uma árvore. Simplesmente não sei se esse ramo em particular cairá dentro de um período específico. Podes ter visto a sua queda final, mas não foi o mesmo tipo de experiência que a visão do relógio por parte do o Ruburt.

O Ruburt tinha razão. Vamos chamar ao oitavo sentido interior o sentido de desenredamento; e é um dos sentidos interiores mais básicos. Um desenredamento completo raramente ocorre no vosso plano, embora seja possível alcançá-lo com treino. Ocorrem variações, mas geralmente mantém-se algum resíduo de dados de camuflagem.*

**(NT: 'Camuflagem' no contexto do Seth, é o nome dado às aparências e estruturas do mundo físico — aquilo que os nossos sentidos e crenças constroem e tomamos por real "sólido": corpo, objetos, espaço, tempo de relógio, causalidade, etc. É "camuflagem" porque cobre/mascara a realidade subjacente (mais ampla, "psicológica/energética") que os sentidos interiores podem aceder. Universo de camuflagem = realidade consensual de vigília (matéria, distância, antes/depois).*

Padrão de camuflagem = qualquer conjunto de dados/sinais que montam essa aparência (p. ex., um relógio e a "hora"; o corpo físico; o "espaço vazio" da janela).

Mesmo aqui há gradações. Considera de novo o Ruburt numa divisão com os olhos fechados, a "ver" as horas num relógio noutra divisão. Esta clarividência é da variedade mais fácil e, no entanto, representa um passo importante no desenvolvimento dele, e deveria representar no teu também. Ele ocupou-se de uma ideia de camuflagem, a do tempo, e do tempo de relógio, sendo o próprio relógio uma camuflagem. Clarividentemente, ele apenas se desenredou o suficiente para ignorar alguma camuflagem a fim de perceber a camuflagem que estava por detrás, e este é um primeiro passo necessário.

Mesmo, por exemplo, a levitação envolve em grande medida a camuflagem, na medida em que o corpo físico de camuflagem se eleva, mas continuamos aqui a usar a forma física de camuflagem. Viajar sem a forma física de camuflagem é um passo gigante, claro, mas possível de acordo com o vosso desenvolvimento. Aqui, no entanto, estão a viajar

através de espaço de camuflagem. É muito difícil, ao vosso nível, prescindir de qualquer camuflagem, e, no entanto, pode ser feito; e aqui novamente o uso do tempo psicológico é extremamente importante, pois quando o tempo psicológico é utilizado na sua máxima extensão, a camuflagem é reduzida a um grau quase assombroso.

(*Aqui, a Jane bateu na minha secretária para dar ênfase. A entrega tinha abrandado um pouco nesta altura, decorrendo ao ritmo das duas últimas sessões.*)

Não vou dar-vos lições de levitação, tal como não dei lições de clarividência ao o Ruburt. O vosso próprio desenvolvimento e o vosso próprio ritmo de assimilação serão a regra, no que toca ao movimento de objetos de camuflagem através de espaço de camuflagem. Mais uma vez: estão a lidar com camuflagem. Movem objetos de camuflagem através do uso dos vossos sentidos interiores constantemente sem o vosso conhecimento consciente. O truque não é aprender como, mas reconhecer a ocorrência, e com prática isto é possível.

Devo dizer que sou um tanto velhaco, pelo menos o suficiente para apreciar o traje primaveril do o Ruburt. Como o Ruburt, gosto do vento selvagem, e houve muitas noites em que nós os três caminhámos por ruas primaveris juntos.

(*"Em Boston?"*
(Tentei puxar pelo o Seth, como faço periodicamente apenas para meu entretenimento. O Seth-Jane não respondeu à minha pergunta, como de costume; mas o olhar superior, de "devias-saber-melhor", que a Jane me lançou fez-me soltar uma gargalhada.)

Na Dinamarca e noutros lugares. Sugiro que façam o intervalo antes que me façam perder a compostura.

(*Intervalo às 21:26. A Jane estava bastante dissociada. A referência do o Seth ao tempo primaveril selvagem provavelmente surgiu porque, enquanto entregava o material acima, a Jane parou muitas vezes junto à janela aberta da sala de estar. Era de facto uma noite linda.*)

(*Discutimos alguns sonhos recentes que tivemos; e, enquanto o fazíamos, a Jane levantou-se e começou de repente a ditar novamente. A voz estava normal, a entrega lenta. Retoma às 21:30.*)

O universo está a expandir-se da maneira como um sonho se expande. Por outras palavras, esta expansão nada tem que ver com a vossa ideia de espaço. A expansão, de um modo muito básico, assemelha-se mais à expansão de uma ideia. Não tem nada que ver com espaço ou tempo da maneira como estão habituados a pensá-los. Eu disse-vos antes que a ideia do vosso o cientista de um universo em expansão estava errada, embora, num sentido importante, o universo estivesse a expandir-se; e era a isto que me referia.

(*De novo a Jane bateu na minha secretária. No material seguinte sublinharei alguns dos pontos a que ela deu ênfase.*)

O vosso próprio mundo de sonhos expande-se constantemente. As vossas ideias expandem-se constantemente, mas as vossas ideias nada têm que ver com espaço, e a maneira pela qual o universo se expande constantemente nada tem que ver com a vossa ideia de espaço. O verdadeiro espaço, o espaço de quinta dimensão, tem capacidades de expansão que não necessitam de espaço, não nos vossos termos.

Não existe método de medição ao vosso dispor que vos permita determinar exatamente aquilo a que me refiro, mas talvez isto o torne um pouco compreensível. Vou usar, o Joseph, um exemplo ligado à tua própria profissão.

Toma duas pinturas do mesmo formato e tamanho; isto é, duas pinturas que ocupam a mesma quantidade de espaço no vosso universo. Uma pintura é extremamente tosca e malfeita. A outra pintura não só parece de qualidade superior, como também aparenta sofrer uma transformação contínua, continuando, ainda assim, a ocupar a mesma quantidade de espaço.

Digamos que a pintura é uma paisagem e que essa transformação inclui, dentro da mesma quantidade de espaço, a adição contínua de mais árvores, mais colinas; que as colinas, ainda dentro da mesma quantidade de espaço atribuído à pintura, crescem mais altas e, no entanto, nunca ultrapassam a moldura. Imagina essa transformação incluindo também a adição de distância, avançando sempre mais para o fundo sem perturbar a parte de trás da tela.

Imagina, se conseguires, as figuras ou habitantes da pintura a terem realidade psicológica, tudo dentro dos limites definidos pelo espaço dado. Imagina, por outras palavras, consciência, crescimento, realidade e expansão, nada tendo que ver com expansão de espaço nos teus termos, mas uma liberdade quase completa de realidades psicológicas, e aproximar-te-ás pelo menos do âmbito de compreender o que quero dizer com um universo em expansão que nada tem que ver com o universo em expansão de que os vossos o cientistas falam.

A maioria das realidades nada tem que ver com o espaço tal como o imaginam. A maioria das realidades tem o seu crescimento e existência em algo muito próximo daquilo a que chamámos tempo psicológico, e isto é completamente independente do espaço tal como o concebem. O tempo psicológico é uma espécie de clima ou ambiente propício à existência de toda a consciência.

Vós pensais no espaço como um vazio a ser preenchido porque, no vosso plano, preencheis aquilo a que chamais espaço com padrões de camuflagem. E repito: em vez disso, o verdadeiro espaço, o espaço de quinta dimensão, é a vitalidade e a substância de toda a existência, vital e

viva, a partir da qual todas as outras existências são tecidas por meios que descrevi até agora de modo algo esquemático. Mesmo no vosso plano, a qualidade — que representa um tipo de expansão — não implica necessariamente uma expansão do espaço. O universo expande-se continuamente de um modo qualitativo que nada tem que ver com o espaço tal como é geralmente concebido. E essa expansão é mais vívida e válida do que vos consigo explicar neste momento.

Sugiro um breve intervalo. Conseguimos obter material excelente até agora, pelo qual estou muito grato, e a qualidade do material agora dado transcendeu o vosso tempo e espaço, existindo a expansão da qualidade, neste caso, de forma independente.

(*Agora a Jane gesticulou de forma dramática, com os braços estendidos, os olhos muito escuros.*)

As paredes da divisão não recuam para receber uma grande ideia, por exemplo, e, novamente, a expansão do universo a partir de dentro não implica um empurrar para fora nem um enchimento.

(*Intervalo às 9:58. A Jane estava dissociada — "muito longe", disse ela. Além disso, as mãos voltaram a parecer-lhe grossas. Ela usa dois anéis, um em cada quarto dedo. Ambos costumam sair facilmente. Agora não conseguiu tirar a aliança de casamento; o outro anel acabou por sair à custa de um nódoa-negra no dedo.*)

(*A sensação de mãos inchadas durou um ou dois minutos e depois começou a abrandar. É a minha própria observação que a Jane experimenta esta ampliação quando está a entregar material excecional, e ela concordou. Estranhamente, eu nunca tinha pedido ao o Seth uma explicação; por isso, desta vez fiz questão de comentar que esperava que ele tratasse disso esta noite. As mãos da Jane pareciam-lhe normais quando ela voltou a ditar, numa voz normal. Retoma às 10:07.*)

Antes de responder à pergunta que levantaste durante o intervalo, o Joseph, deixa-me continuar primeiro na linha da nossa discussão. Mais uma vez, o mundo de sonho, que é muito vívido e válido, não ocupa espaço algum. Está também, em grande medida, livre do vosso tempo físico, mas existe no clima ou ambiente do tempo psicológico.

Certamente que não consegues localizar um sonho com precisão, mesmo que o local corresponda a um sítio familiar no universo de camuflagem. O sonho em si não é vivido no local específico de camuflagem. O corpo permanece deitado na cama. Embora reconheças, num sonho, o recheio completo de uma casa real, ainda assim o sonhador está deitado na cama. As duas localizações, a do sonho e a de camuflagem, parecem iguais, mas não são as mesmas.

Uma ocupa espaço no vosso universo e a outra não. O universo expande-se da maneira como um sonho se expande, não ocupando espaço de camuflagem. Isto não quer dizer que não haja crescimento envolvido na

expansão do universo. Isto não implica que não haja movimento. Implica simplesmente uma existência e uma expansão de natureza qualitativa, para além das vossas medições ou compreensão completa atuais.

O pleno funcionamento dos sentidos interiores só é possível neste clima. Há tanto aqui que estou impaciente por vos dizer, e tão pouco que possam agora entender. Conceções irrompem no ser, evoluem, transformam-se em outra coisa, e ainda assim tudo isto dentro de uma estrutura que é definida mas que não pode ser vista nem tocada por vós — a expansão psicológica até de átomos e moléculas, que, por si, contêm compreensões condensadas para lá do vosso entendimento. A substância do universo não é inanimada, nem mesmo no vosso plano é um vazio a preencher, mas está em contínua expansão de formas que ainda não conseguem sondar.

(*A Jane levantou-se de novo junto da janela aberta, olhando para fora enquanto ditava.*)

Mesmo quando o o Ruburt olha pela janela, aparentemente através de espaço vazio para a rua, o chamado espaço simplesmente não está vazio, embora, através dos sentidos especializados de camuflagem, possa parecer vazio. Os vossos sentidos exteriores apenas vos equipam para percecionar a vossa própria camuflagem; mas, para outros, a vossa camuflagem pode em certos casos aparecer como espaço vazio, enquanto aquilo que vos parece vazio está cheio de atividade para eles.

A ideia dos vossos o cientistas de um universo em expansão depende tanto das vossas teorias limitadas que se torna muito difícil tornar a questão clara. Mais uma vez, imploro-vos que pratiquem o uso do tempo psicológico, pois aqui os sentidos interiores recebem a maior liberdade face à camuflagem. E, ao experienciar a consequente expansão interior, talvez vos aproximeis um pouco das ideias envolvidas no nosso verdadeiro universo em expansão.

A analogia do sonho também é muito útil aqui, e sugiro que a leiam cuidadosamente.

Quanto às mãos gordas do o Ruburt e às tuas, isto é, de modo muito limitado, um indício das qualidades de extensão que podem ser esperadas. Trata-se de um tipo de experiência totalmente diferente, nada tendo que ver com a nossa discussão imediatamente anterior. Esta extensão envolve um estender da cápsula de tecido. O grau é bastante limitado, sendo a experiência oposta a de contração. Isto pode comparar-se mais claramente a uma pulsação, ou, na verdade, a uma batida que pode seguir um ritmo mais ou menos regular.

Envolve o o eu interior e a cápsula de tecido que também envolve o corpo físico de camuflagem, de um modo e para um propósito que expliquei brevemente numa sessão anterior.

Sugiro que façam um intervalo.

(*Intervalo às 10:32. A Jane estava dissociada como de costume. Retoma às 10:38.*)

Muito brevemente, deixem-me referir que o transporte no universo, isto é, o transporte enquanto tal, é basicamente desnecessário. Isto é apenas uma afirmação preliminar para outras sessões, e não a vou desenvolver profundamente agora.

Quando, ou à altura em que, as dificuldades de transporte forem resolvidas, já não precisarão de transporte. O uso dos sentidos interiores torna o transporte, tal como o concebem, completamente desnecessário, já que o uso completo dos sentidos interiores equivale a uma comunicação tão próxima da perfeição e tão independente do chamado espaço que o transporte através do espaço, nesses termos, se torna um método ultrapassado de comunicação.

Os sentidos interiores fornecem o seu próprio "transporte" — e ponham isto entre aspas. O transporte enquanto tal é válido apenas dentro de uma moldura de espaço e dentro de um conceito de tempo, como os do vosso plano. O "transporte" (entre aspas) dos sentidos interiores consiste principalmente naquilo a que podem chamar uma mudança de frequências ou vibrações ou pulsações, uma transformação de forma-vitalidade de um determinado padrão ou aspeto para outro.

O movimento através do espaço é uma distorção. Espero dizer muito mais sobre isto em sessões futuras, pois é extremamente importante; e podem ver agora, talvez, por que o nosso oitavo sentido, o desenredamento, é tão importante, já que o o eu interior tem de se desenredar de uma camuflagem particular antes de poder mudar. Tem de ignorar, por assim dizer, um conjunto de camuflagens e ser capaz de adotar outra suavemente, ou de prescindir por completo da camuflagem.

O agrupamento de sentidos interiores com que agora nos ocupamos trata do desenredamento de um conjunto de padrões de camuflagem e da adoção de outro conjunto. Os agrupamentos de sentidos interiores mais dependentes do uso do tempo psicológico são aqueles que envolvem um desenredamento quase completo do padrão de camuflagem, sem assumir outros padrões — e estes são talvez os mais importantes porque se aproximam mais da experiência direta da realidade desvelada.

De certa forma, veem, o vosso mundo de sonho está de facto muito mais próximo da experiência direta da realidade do que o vosso mundo de vigília, onde a operação dos sentidos interiores é tão protegida da vossa própria consciência. Isto não significa que o mundo de sonho seja mais importante para vós na vossa situação presente; significa apenas que contém mais verdade sobre a fonte da vossa própria existência.

Verão que esta noite abordámos alguns pontos excelentes, que serão muito úteis em discussões futuras. Há outras facetas que abordarei, mas

mais tarde. Estou a aguardar com prazer as discussões de verão. Talvez o o Ruburt até vista um fato de banho.

(*"Talvez."*)

Mais uma vez deixem-me referir que tu, em particular, o Joseph, tiveste um inverno muito mais agradável do que terias tido sem o conhecimento da tua personalidade atual, adquirido através das nossas sessões. Sugiro um breve intervalo.

(*Intervalo às 11:00. A Jane estava dissociada como habitualmente. Mais uma vez discutimos um assunto de que esperávamos que o o Seth falasse depois do intervalo. Desta vez foi a experiência clarividente da Jane de 10 de abril. Ver página 1. A Jane retomou a ditar, numa voz normal, às 11:05.*)

A pulsação de que falei antes, como extensão e contração, envolve o uso de certas frequências inerentes à cápsula de tecido e, até certo ponto, representa — ou é — um aspeto limitado da capacidade do o eu interior de alterar frequências e pulsações de um modo ainda mais livre, menos limitado. Quis deixar este ponto claro mais cedo.

A experiência do o Ruburt com o pedaço de papel constituiu clarividência, tal como a experiência dele com o relógio; e a clarividência está ligada ao padrão de camuflagem. A telepatia, por exemplo, não está. Em experiências futuras deste tipo, o o Ruburt será capaz de "ver" (entre aspas) mais, à medida que a sua capacidade cresça.

O papel, tal como ele o viu, estava escrito à mão pela a Durosha Piry. Estava em cima de uma secretária. A nota mencionava o teu nome, juntamente com outros nomes de artistas cujas obras estavam a ser consideradas por essa mulher para serem colocadas em escritórios.

(*O nome formal da a Dee Masters, supervisora da Jane na galeria, é Durosha Piry Masters.*)

A nota estava numa secretária no apartamento da mulher, e o o Ruburt não a tinha visto nem estava familiarizado com ela de forma comum. Não vou aprofundar mais isto agora, porque o teu nome estava envolvido, o Joseph. O o Ruburt "viu" (entre aspas) o papel, e não conseguiu ler o resto simplesmente porque o teu nome não voltava a ser mencionado e não havia mais informação no papel; eram apenas nomes, e ele não tinha mais incentivo emocional.

Espero que te desenvolvas nesta linha, mas a velocidade do progresso, claro, depende de ti, e as tuas capacidades individuais variam quanto aos pormenores. É o que se espera. Regra geral, o uso do tempo psicológico ajudará ambos a desenvolver de forma bastante equilibrada. Apreciei a sessão desta noite. Depois de mais algum material sobre os nossos sentidos interiores, talvez tiremos algum tempo para analisar as vossas várias leituras de vida, que deixei em espera para vos trazer outro material.

De passagem — embora eu tivesse prometido, não foi?, que não me iria intrometer — creio que a vossa ideia, acampar ao fim de semana durante o verão, é excelente. E também que tomaste uma boa decisão no que toca à a Artistic, em particular por teres pedido mais dinheiro. Precisas de poder comprar todo o papel para registar as nossas sessões.

(*"Certo."*)

(*A Jane-Seth sorriu, inclinando-se sobre a minha secretária.*)

Brincadeiras à parte, já não te sentirás sobrecarregado na a Artistic, e talvez consigas ver agora que teria sido perfeitamente aceitável teres feito o teu pedido de aumento muito mais cedo, já que o pedido estava certamente justificado pelo valor entregue.

(*Durante três anos trabalhei a tempo inteiro para a a Artistic Card Co. Depois deixei o emprego por um ano. Recentemente aceitei um trabalho a tempo parcial com eles, com um aumento salarial bastante grande. Isto dá-me as tardes livres para pintar, e é um arranjo muito satisfatório.*)

Posso rejubilar convosco? Podes pôr isto no registo ou não: não terão filhos, por razões que já expliquei. É possível dentro dos domínios do livre-arbítrio, mas não provável.

E agora, meus caros amigos, desejo-vos uma boa noite afetuosa e até alegre.

(*"E o mesmo para ti, o Seth."*)

Como sempre, não gosto de vos deixar; mas, depois de o o Ruburt andar para trás e para a frente e proferir o meu monólogo de forma contínua por períodos tão longos, e depois de tu rabiscares as minhas palavras imortais com tanta fúria, sei então que hão de ficar contentes por descansar.

(*"O que é que vais fazer agora? Depois de nos deixares?"*)

(*Esta é outra pergunta que gosto de lançar ao o Seth, e é outra a que ele ainda não respondeu.*)

Não vou fazer o que tu vais fazer. Falarei dos meus ir e vir — se não para tua completa satisfação, pelo menos o suficiente para te sossegar por um tempo —, mas numa data posterior.

(*"Oh."*)

Talvez dediquemos boa parte de uma sessão a isso.

(*"Parece-me bem."*)

E, entretanto, tem paciência comigo. Direi que algumas das vossas camuflagens são absolutamente deliciosas e, por vezes, quando regresso, de algum modo, anseio de novo pela primavera e pelo tempo quente e ventoso.

(*"Boa noite, o Seth."*)

(*Fim às 11:32. A Jane estava dissociada como de costume. Ainda tinha um ligeiro traço de ampliação nas mãos e não conseguiu tirar a aliança de casamento. E eu tinha um traço de ampliação na mão direita.*)

SESSÃO 44

LEIS GERAIS DO UNIVERSO INTERIOR

(Hoje às 11h, enquanto relaxava, a Jane teve o que acredita ter sido outra tentativa de clarividência. Com os olhos fechados, a escuridão habitual começou a ficar cinzenta, depois branca ou clara; viu finalmente uma luz leitosa difusa, como se estivesse a olhar através de vidro fosco. Não viu mais nada, disse ela, embora tenha sentido claramente que poderia ver através dessa luz opaca se esta se tornasse transparente.

(Às 20h40, a Jane deitou-se para um breve descanso, enquanto eu me sentava calmamente, tentando usar o tempo psicológico. Não experimentei nada de especial; a Jane, no entanto, conseguiu acalmar-se um pouco e não estava tão nervosa.

(Ela começou a ditar com voz e ritmo normais, mas em breve abrandou de novo. Este ritmo mais lento tem sido tão constante nas últimas sessões que parece estar a tornar-se a norma, facilitando-me as anotações. Como de costume, os olhos dela escureceram.

— Boa noite, companheiros de brincadeiras.

("Boa noite, Seth.")

Fico contente que estejam satisfeitos com a nossa última sessão. Na verdade, ia falar-vos sobre os locais de sonho, nos quais vocês definitivamente experimentam realidades nos sonhos que não ocupam espaço no vosso espaço físico.

A um certo nível, pode dizer-se que não existem — e no entanto existem. Enquanto sonham, conseguem ver, tocar e movimentar-se nesses lugares. Só quando acordam é que eles vos escapam. Isto deve ser considerado em conjunto com o que já dissemos sobre o universo em expansão, pois os locais de sonho representam realidades, estruturas que não existem no vosso espaço físico; e, medido segundo as vossas linhas habituais, nada indicaria a sua existência.

Medido em termos das vossas conceções de camuflagem, muitas coisas que sabem existir parecem não existir.

Vocês não podem negar a vossa realidade psicológica, embora às vezes pareça que gostariam de o fazer. Não podem sentir externamente, ver ou medir uma emoção, e esta não ocupa espaço. Ainda assim, as emoções existem. Os sentimentos intensificam-se. Em termos de valor, pode dizer-se que se expandem — mas essa expansão de valor não ocupa mais espaço.

A cor vermelha é mais viva do que a cor preta, usando aqui o preto também como cor. No entanto, o vermelho não ocupa mais espaço do que o preto. Em outras palavras, a expansão, ocorrendo em termos de qualidade de valor ou gradações de intensidade, nada tem a ver com expansão no espaço. E a expansão de valor e intensidade é a única forma real de expansão.

Eu disse que a mente não pode ser detetada pelos vossos instrumentos atuais. A mente não ocupa espaço e, no entanto, é ela quem dá poder ao cérebro. A mente expande-se continuamente, tanto em termos individuais como em termos da espécie como um todo, e ainda assim a mente não ocupa nem mais nem menos espaço, seja a mente de uma pulga ou de um homem.

A mente simplesmente não existe em termos espaciais. Tu não tens maneira de medir a expansão da mente, assim como não podes medir a expansão do universo enquanto pensares em termos espaciais. Negar a realidade do que não existe no espaço seria negar grande parte da tua herança e das tuas próprias habilidades.

Mais uma vez: o mundo dos sonhos existe de maneira muito pessoal, vívida e válida, mas não ocupa centímetros, metros, jardas ou hectares. Agora entramos noutro ponto. Se o mundo dos sonhos existe — e existe —, mas não existe no espaço, então onde é que se localiza, em que meio é que existe, e que caminhos nos levam até lá?

(A Jane bateu na mesa para dar ênfase. Ela falava devagar nestas primeiras páginas, e eu próprio senti, em certos momentos, uma espécie de telepatia: antecipava frases que ela ia dizer.)

Como também disse, o universo básico não tem mais a ver com o espaço, nos vossos termos, do que o mundo dos sonhos. Podem, portanto, deduzir uma semelhança entre o meio onde tanto o universo básico como o mundo dos sonhos existem. É importante entenderem que a vossa ideia de espaço é muito diferente da realidade do espaço de quinta dimensão de que vos falo. Quero deixar isto claro antes de prosseguirmos: a vossa noção de espaço é a de um vazio a ser preenchido — e essa conceção está errada.

No vosso universo, coisas, planetas, estrelas e nebulosas surgem continuamente, de acordo com as vossas mais recentes teorias, e o universo expande-se, como se fosse empurrado para fora, com as galáxias exteriores a explodirem em direção a “nenhum lugar”.

Mas o verdadeiro espaço de quinta dimensão, como já vos disse, é antes energia vital: viva, capaz de infinitas transformações, formando todas as existências — até mesmo o universo camuflado que conhecem e que tentam sondar tão ineficazmente.

Este espaço de quinta dimensão, este universo básico de realidade, expande-se constantemente em termos de intensidade, qualidade e valor — e não em termos espaciais, como vocês imaginam. O universo interno

básico, sob toda a camuflagem, não existe no espaço tal como o concebem. O espaço que conhecem é apenas uma camuflagem.

Os sonhos, o mundo dos sonhos, não existem, de forma real, dentro do tempo tal como vocês o compreendem. Semanas podem ser vividas num sonho que, no vosso relógio, dura apenas uma fração de segundo. As ideias internas da mente também não têm existência real no tempo, e o pequeno traço de tempo que lhes toca é apenas um atributo da vossa forma física de camuflagem.

Assim, enquanto podem viver dois dias num sonho, não envelhecem dois dias dentro desse sonho: estão libertos do tempo enquanto sonham.

O mundo dos sonhos e a mente só são tocados pelo tempo na medida em que mergulham no universo de camuflagem. Na sua essência, tanto os sonhos como as ideias da mente interior não existem no tempo — embora possam ser vislumbrados a partir da perspetiva temporal da existência física.

O universo interior também não existe, basicamente, no tempo como vocês o imaginam. Em certos casos, pequenas partes dele podem ser vistas do ponto de vista do tempo de camuflagem, mas apenas uma parte muito pequena.

Se o mundo dos sonhos, a mente e o universo interior existem, e se não existem no espaço nem no tempo tal como os conhecem, a pergunta que surge é: em que meio, então, existem? E sem tempo, como se pode dizer que têm duração?

Já vos dei muitas pistas. A resposta não deve parecer inacreditável: sabem com certeza que os sonhos existem, sabem que a mente existe. Têm conhecimento pessoal e íntimo dessas realidades.

Estou a dizer-vos que o universo básico existe da mesma maneira, atrás dos universos camuflados, tal como a mente existe atrás do cérebro.

O cérebro é um padrão de camuflagem: ocupa espaço e existe no tempo. A mente, não. A mente não ocupa espaço nem tem a sua existência básica no tempo. O universo interior real também não ocupa espaço nem se fundamenta no tempo.

O vosso universo de camuflagem, por outro lado, ocupa espaço e baseia-se no tempo, mas não é o universo real, tal como o cérebro não é a mente.

O mundo dos sonhos, a mente e o universo da realidade existem, sim. Eles existem num meio que chamarei de **clima de valor da realidade psicológica**. Este é o verdadeiro meio — e substitui o conceito de espaço que vocês têm.

Este clima de valor psicológico é uma qualidade que torna possível toda a existência e toda a consciência. É uma das forças mais poderosas que sustentam a vitalidade que, por sua vez, compõe todos os fenómenos.

Um dos atributos principais desse clima é a espontaneidade, que se manifesta no único tipo de tempo com significado real: o **presente infinito**.

O presente infinito não nega a existência de durabilidade, mas durabilidade não implica a existência de um futuro, como vocês o concebem. Embora possa parecer contraditório, espero que mais adiante compreendam melhor.

O presente infinito, existindo espontaneamente e acontecendo simultaneamente, contém em si qualidades de duração.

Uma ideia, por exemplo, não tem consciência de passado, presente ou futuro, mas perdura. E essa duração não implica crescimento no sentido de adquirir espaço nem de projetar-se no tempo.

No vosso universo camuflado, crescer geralmente significa ocupar mais espaço. No universo da realidade interior, o crescimento acontece em termos de valor, de expansão qualitativa — e não de espaço — nem de projeção no tempo.

Sei que este material é difícil e estou a dar-vo-lo nos termos mais simples possíveis. Se o crescimento é uma das leis essenciais do vosso universo físico, então a **realização de valor** é a sua correspondente no universo da realidade interior.

As leis do vosso universo de camuflagem não se aplicam ao universo interior. Nem sequer se aplicam a outros planos de camuflagem. No entanto, as leis do universo interior aplicam-se a todos os universos camuflados, e toda a consciência, em qualquer plano, deve seguir as leis básicas do universo interior.

Algumas destas leis básicas têm correspondências conhecidas em vários planos de camuflagem — com diferentes manifestações e diferentes nomes.

REALIZAÇÃO DE VALOR

Essas leis básicas são seguidas em muitos níveis no vosso universo. Entraremos nessas leis a vosso tempo. Até agora eu vos dei apenas uma, que é a realização de valor.

No vosso universo físico, esta regra cumpre-se como crescimento corporal. A entidade segue esta norma através do ciclo de reencarnações. As espécies da humanidade, e todas as outras espécies no vosso universo, no vosso plano horizontal particular, seguem esta lei sob os auspícios da evolução. Noutros planos, esta lei realiza-se de formas diversas, mas nunca é ignorada…

TRANSFORMAÇÃO DE ENERGIA

A segunda lei do universo interior é a transformação de energia. Isto ocorre constantemente. Transformação de energia e realização de valor, tudo o que existe dentro do presente infinito, soma-se a uma durabilidade simultânea e espontânea.

*(Aqui, **a** Jane sorriu.)*

ESPONTANEIDADE

Já percebeis para onde tendemos? A nossa terceira lei é a espontaneidade: apesar de todas as aparências de início e fim, de morte e decadência, toda consciência existe no presente infinito, de modo espontâneo e em harmonia simultânea; e, ainda assim, nesse mesmo presente infinito, subsiste a durabilidade.

DURABILIDADE

A durabilidade é a nossa quarta lei. A duração dentro da estrutura do presente infinito não existiria se não fosse pela realização de valor e pela transformação de energia. Assim, a permanência no presente infinito torna-se não apenas possível, mas necessária.

ASPETOS INTERNOS DO NOSSO UNIVERSO DE CAMUFLAGEM

No vosso universo de camuflagem particular, estais a aprender a transformação de energia. No vosso caso, aprendeis a modelar a energia interior em construções físicas que o plano permite manipular, através da formação de sentidos externos específicos. Ainda estais severamente limitados no uso dessas vossas habilidades. Quando dominardes as duas leis — realização de valor e transformação de energia — então a durabilidade será a consequência natural.

O que considerais morte não tem realidade mais profunda do que as vossas ideias de tempo e espaço. A morte representa apenas um ponto cego na vossa atual capacidade de perceber a transformação de energia e de valorizar a realização. Representa meramente o término da vossa perceção, ou seja, o fim da vossa compreensão. Os vossos sentidos não estão equipados para apreender a energia a transformar-se de uma forma para outra.

Certamente o nascimento de uma criança é, em si, tão incompreensível — mas essa transformação está projetada dentro, e não fora, da vossa esfera de compreensão. O que chamais morte é, na essência, a passagem da vossa energia para uma esfera que não pode ser percebida pelos sentidos externos. Espero haver tornado este material suficientemente claro para o vosso plano…

CRIAÇÃO

Não vos apresento estas leis por ordem de importância, mas pela sequência que me é mais simples transmitir. A criação é, obviamente, uma das leis fundamentais — chamemo-la quinta lei. No vosso universo físico, esta norma cumpre-se através de ideias que se tornam aproximações da realidade interior, ainda que em grande parte distorcidas, formando os vários padrões de camuflagem que conheceis.

Abordaremos estas e outras leis em sessões futuras. Vereis também como os sentidos internos servem para manipular, dentro do vosso universo de camuflagem. Este material não é tão difícil de entender quanto pode

parecer: intuitivamente, devereis apanhá-lo com facilidade. As vossas intuições não estão limitadas pelas chamadas leis da lógica, causa e efeito; elas não consideram o tempo como o entendeis, pelo que não estão sujeitas à continuidade nem dependem do encadeamento de palavras ou pensamentos.

As intuições aceitam o conteúdo e a validade de um conceito até certo ponto — onde o vosso cérebro por vezes falha. Dir-me-ia entrar em mais leis esta noite, mas é melhor retê-las até que estejais mais familiarizados com o presente material.

Lembrai-vos, porém, do nosso universo que se realiza sem ocupar espaço, da pintura imaginária em que a distância recuante nunca atinge o verso da tela — isso poderá dar-vos uma intuição do presente infinito que dura e, ainda assim, ocupa espaço.

Contradições aparentes surgem apenas de conceções erradas, sobretudo devido ao vosso sistema de causa e efeito. Se causa e efeito fossem absolutos, a continuidade teria de o ser também, e a clarividência – até no vosso plano – seria impossível. Mas somente porque não há causa e efeito absolutos, apenas aparentes, e nenhum passado, presente e futuro essenciais, a clarividência torna-se possível no vosso universo.

E ainda que a clarividência consciente seja rara, ela existe; e, embora geralmente diluída, é um método natural de alerta para acontecimentos fora do alcance dos vossos sentidos externos. Sem a clarividência constante de cada homem e de cada mulher, a existência no vosso plano seria psicologicamente intolerável, por causa da insegurança interior que daí resultaria.

Vós sois sempre avisados dos desastres, para que o organismo se possa preparar a si mesmo antecipadamente. O dia da vossa morte é conhecido. Conscientemente, esse saber não vos é concedido ao vosso ego por razões óbvias, mas todo organismo, por meio dos seus sentidos internos, está dotado de conhecimento subconsciente de desastres pessoais, mortes, etc.; a própria personalidade decide de antemão aquilo que considera desastroso; e os membros da vossa espécie, como um todo, conhecem de antemão as suas guerras. Assim como a telepatia opera constantemente a nível subconsciente, servindo de base a toda linguagem e comunicação, a clarividência atua sem cessar, para que o organismo físico se possa preparar para enfrentar os seus desafios.

Os vossos sentidos internos também vos transmitem o conhecimento de que a morte é meramente uma transformação de energia, e as vossas religiões — praticamente incontáveis — representam apenas ideias-símbolo que tentam clarificar esse saber ao ego. Que elas negociem com distorções e material de camuflagem não surpreende: conseguiram, de algum modo, incorporar esse conhecimento interior na compreensão egoica da vossa espécie.

— Isso chega por hoje para a sessão, meus pombos.

(Posso colocar uma pergunta?)

Podereis, sem dúvida.

(Podereis contar-nos algo acerca da Srta. Callahan esta noite?)

Lembrai-vos de que, na 33.ª sessão, na página 262 (no Volume Um), o Seth sugeriu a data de 15 de abril de 1964 como significativa para a Srta. Callahan. Por coincidência, essa sessão ocorreu precisamente a 15 de abril, e eu fiquei naturalmente curioso por saber mais. Na altura, pensava-se que essa data poderia significar para a Srta. Callahan algo diferente de «a sua morte» — se bem que, de facto, aí radicasse a necessidade dessa expressão.

Eu estava também curioso por verificar se a distorção surgiria — o Seth tivera já tratado, até certo ponto, deste problema na 36.ª sessão. A distorção, no que respeita ao companheiro pessoal, prende-se com o facto de que a Jane e eu ainda conservamos uma possibilidade de antecipação até que as nossas habilidades amadureçam.

Mas hoje — ou melhor, esta noite, entre esta mesma noite e, na realidade, às duas horas da madrugada, no vosso horário — a Srta. Callahan atravessará uma grave crise, e esse rápido declínio na proporção do seu tecido cerebral manifestar-se-á. Ela superou, ou superará, o pior desse então, e até o ego será compelido a aquiescer.

As derradeiras lutas do ego decorrerão nessas horas. Compreender-se-á, por fim, que ele não deve ser descartado, mas antes assumido por si próprio, de importância independente, permanecendo ao lado de outros egos independentes que representam facetas da entidade.

Nenhum poder é subtraído ao ego. Ele possui as habilidades que já alcançou, bem como a capacidade de recorrer a outra energia que, de outro modo, não poderia extrair. É tudo quanto tenho a dizer, a esse respeito. A sessão foi excelente. Até o velho «Duvidoso» Thomas Jane ficou suficientemente impressionado com o material para admitir que o seu precioso subconsciente simplesmente não poderia ser a única fonte de tudo. Desejo-vos boa noite e, como sempre, aguardo, com expectativa, o nosso próximo encontro. Não ficaria surpreendido se o vosso amigo Phillip assistisse. Tata, tootsies.

(Boa noite, Seth. Vemo-lo na terça-feira.)

A Jane esteve novamente inteiramente dissociada. Quando o Seth nos forneceu o material acerca da Srta. Callahan, senti um arrepio.

A Jane disse que, por melhores que sejam as sessões, ela deve isentar-se de qualquer sentido de responsabilidade por elas; agir de outro modo torna invariavelmente tudo tenso e dificulta o fluxo do material. Mais uma vez, o Seth referiu-se às distorções na 36.ª sessão, no Volume Um.

Ao isentar-se dessa responsabilidade, a Jane sente que o material consegue passar-lhe através de forma clara. Nunca tentei fazê-lo para a

Srta. Callahan sem distorção. No final da sessão, a Jane sentiu-se melhor do que em qualquer momento daquele dia.

Os indivíduos são sempre avisados de desastres, para que o próprio organismo se possa preparar a tempo. O dia da morte é conhecido. Conscientemente, esse conhecimento não é facultado ao ego por razões óbvias, mas cada organismo, através dos seus sentidos internos, está dotado de conhecimento subconsciente de desastres pessoais, mortes, etc., com a própria personalidade a decidir de antemão o que considera desastroso; e os membros da espécie, enquanto um todo, conhecem previamente as suas guerras. Tal como a telepatia opera constantemente a nível subconsciente, servindo de base a toda a linguagem e comunicação, a clarividência funciona de forma contínua para que o organismo físico se possa preparar para enfrentar os seus desafios.

Os sentidos internos transmitem também o conhecimento de que a morte é meramente uma transformação de energia, e as suas religiões, quase incontáveis, representam apenas símbolos e ideias que procuram tornar esse conhecimento claro para o ego. Não surpreende que negociem com distorções e materiais de camuflagem. Conseguiu-se, de algum modo, integrar esse conhecimento interior na compreensão que o ego tem da espécie.

'Isso é suficiente para uma sessão, meus pombos.'

(*Posso fazer uma pergunta?*)

Você pode.

(*Você pode-nos contar alguma coisa sobre a Srta. Callahan esta noite?*)

(*Lembre-se de que, na 33.ª sessão, página 262 (no Volume Um), o Seth sugeriu a data, 15 de abril de 1964, como significativa para a Srta. Callahan. Por coincidência, esta sessão ocorreu no dia 15 de abril, pelo que naturalmente fiquei curioso por saber mais. O pensamento do tempo na altura da 33.ª sessão era que 15 de abril significaria possivelmente uma mudança para a Srta. Callahan, em vez de — necessariamente — a sua morte.*)

(*Eu estava agora também curioso por ver se a distorção aparecia, já que o Seth havia lidado até certo ponto com este problema na 36.ª sessão. Distorção em que o companheiro pessoal… O que está em causa é que a Jane e eu ainda sentimos essa possibilidade até que as suas habilidades amadureçam.*)

Só que hoje, ou melhor, esta noite — na verdade, entre esta noite e as duas da manhã no seu horário — ela passará por uma grave crise, e esse rápido declínio na taxa de tecido cerebral estabelecer-se-á. Ela superou, ou superará, a pior corcova desse momento, e até mesmo o ego será forçado a aquiescer. As últimas lutas do ego ocorrerão nestas horas. Este compreenderá finalmente que não deve ser descartado, mas assumido como

parte integrante de si próprio, tão importante quanto, como sempre, ficar ao lado de outros egos independentes que representam facetas da entidade.

Nenhum poder é subtraído ao ego. Este possui as competências que alcançou, para além da capacidade de recorrer a outra energia que não conseguiria extrair por si só. É tudo o que direi por agora nesse sentido. A sessão foi excelente. Até o velho Duvidoso Thomas Jane está impressionado o suficiente com o material para admitir que o seu precioso subconsciente simplesmente não poderia ser a fonte de tudo. Desejo-lhe uma boa noite e, como sempre, aguardo com expectativa o nosso próximo encontro. Não ficaria surpreendido se o Phillip assistisse. Tata, tootsies.

(*"Boa noite, o Seth. Vemo-nos na terça-feira."*)

(*A Jane esteve novamente inteiramente dissociada. Quando o Seth nos forneceu o material acerca da a Srta. Callahan, senti um arrepio.*)

(*A Jane disse que, embora saiba que me compete proceder a toda esta gravação e dactilografia para estas sessões, não faz ideia de como é estar no lugar dela. Ela fica às vezes horrorizada.*)

(*Ela continuou dizendo que, por melhor que deseje que as sessões sejam, aprendeu que deve superar qualquer sentimento de responsabilidade por elas; de outro modo, fica inevitavelmente tensa e dificulta o fluxo do material. Mais uma vez, o Seth tinha algo a dizer sobre distorções na 36.ª sessão, no Volume Um.*)

(*Ao isentar-se de qualquer responsabilidade, a Jane sente que deixa o material fluir com maior clareza. Tem de ser assim. Ela tentou — disse ela — deixar o material passar pela a Srta. Callahan sem distorção. No final da sessão sentiu-se melhor do que em todo o dia.*)

SESSÃO 45

A FUTILIDADE DA CIÊNCIA - HIPNOTISMO

20 de Abril de 1964

(*Ultimamente, tanto a Jane como eu começámos a praticar o tempo psicológico com regularidade, ainda que apenas por alguns minutos por dia. Da minha parte, não tenho ainda nada a relatar; e, como já foi notado, a Jane teve algum êxito em várias alturas com aquilo que normalmente são lampejos de perceção bastante breves.*)

(*Já estávamos mais habituados ao nosso novo horário e sentíamo-nos mais alerta para as sessões. Pelas 20:50 desta noite, a Jane estava nervosa, como de costume, sem fazer ideia do tema do o Seth para a sessão.*)

(*Foi um começo muito calmo. O o Willy dormia tranquilamente no sofá. A Jane começou a ditar a um ritmo bastante rápido, numa voz um*

pouco mais forte e grave do que o normal. Os olhos escureceram como de costume, e ela andava de um lado para o outro com bastante rapidez.)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*

(A Jane sorriu amplamente e gesticulou.)

Somos já velhos amigos, mesmo nesta existência, depois de tantas sessões. Com quem mais falas tu mais do que falas comigo?

(*"Com ninguém, suponho."*)

Sinto-me de facto bastante honrado pela receção que me dás. Nem sempre me cumprimentaste com tanta amabilidade. Tu e eu chegámos às vias de facto em algumas ocasiões. Nem um material tão pesado te teria agradado então. Aliás, a mim também não.

O o Ruburt, de muitas maneiras e mais vezes do que qualquer um de nós, era mais recetivo ao que não podia ser visto ou tocado. Mas, pelo contrário, ele duvidava, investigava sempre e depois, muitas vezes, duvidava de resultados bastante legítimos, como aliás por vezes continua a fazer.

Estão ambos, com a minha ajuda inestimável, a progredir muito bem. As vossas atitudes em relação ao mundo exterior melhoraram certamente. Dez minutos do vosso tempo de relógio por dia seriam sem dúvida de grande valor no uso do tempo psicológico, e sugiro que experimentem isto.

(*Agora a Jane começou a abrandar a sua dicção, como tem acontecido em sessões recentes. Mais uma vez, o seu modo tornou-se bastante lento e deliberado.*)

As condições de valores da realidade psicológica pode ser comparado a um oceano no qual toda a consciência existe. Há inúmeros níveis a explorar, repletos de formas de vida diversas e estranhas, mas, ainda assim, interligadas e dependentes umas das outras. Gosto da analogia com o oceano porque transmite a ideia de fluxo e movimento contínuo, sem divisões aparentes.

Assim como as temperaturas variam a diferentes profundidades do oceano — alterando a cor da água, a fauna e a flora –, também no nosso clima de valor há mudanças qualitativas, e os sentidos internos estão equipados para captar e interpretar essas mudanças. Existem, naturalmente, distorções causadas pelas limitações dos sentidos externos; no entanto, os sentidos internos não distorcem. Estes habitam diretamente a atmosfera do nosso clima de valor e percebem, com clareza, os padrões de camuflagem sempre mutáveis e o fluxo contínuo das aparentes transformações.

Nas nossas sessões, ainda que de forma modesta, mergulhais neste oceano do clima de valor. E, na medida em que sois capazes de vos libertar das vestes da camuflagem, podeis, de facto, ter consciência desse ambiente. Contudo, mais do que um simples despojamento das vestes de camuflagem, é necessário outro passo: para mergulhar neste oceano, também deveis

deixar o corpo físico na praia. Ele estará à vossa espera quando regressardes. Os vossos padrões de camuflagem podem ser comparados às sombras e reflexos que o sol projeta sobre as ondas em movimento. Enquanto mantiverdes esse padrão na vossa mente, ele existirá. Mas, se por um momento desviarem o olhar e voltarem a focar-se, verão apenas a onda.

O vosso mundo e a vossa realidade são formados pela atenção consciente e pela concentração inconsciente. Apenas ao desviar brevemente o olhar conseguireis ver o que está por trás do padrão aparentemente sólido. Ao mergulhar neste oceano do clima de valor, podeis olhar para cima e ver o vosso sistema de camuflagem flutuar, sem fundamento, sobre vós — movido, moldado e dirigido pelos ventos da vontade e pela força da concentração subconsciente. No entanto, até mesmo esses padrões de camuflagem devem seguir as regras básicas do universo interior e refletir a sua essência, ainda que de maneira distorcida. Assim, a expansão do valor assume a forma da reencarnação, da evolução e do crescimento. O mesmo acontece com todas as outras leis fundamentais do universo interior — estas manifestam-se em todos os planos de existência, refletindo-se desde o mais ínfimo espectro até à escala mais grandiosa.

Ao concentrares-te no teu próprio universo de camuflagem, és capaz de distinguir apenas o padrão distorcido. E é com base nesse padrão que constróis as tuas conceções de causa e efeito, passado, presente e futuro, bem como a ilusão de um universo em expansão. No entanto, a consciência não ocupa espaço nem está limitada pelo tempo, tal como o concebes. Os padrões de camuflagem que parecem envolver a consciência são temporários – servem apenas a propósitos específicos e limitados.

A FUTILIDADE DOS EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS

Qualquer investigação do universo interior — que é o único universo real — deve ser conduzida a partir de uma perspetiva que transcenda as próprias distorções da realidade camuflada. O único caminho para escapar a essas distorções é viajar para dentro. Para sair do vosso próprio universo de camuflagem, precisais de mergulhar no vosso mundo interior. Essa é a única perspetiva verdadeiramente livre de elementos distorcidos e, portanto, o único ponto de observação a partir do qual a experimentação válida pode ser realizada. Os vossos chamados experimentos científicos, que se consideram objetivos, podem continuar indefinidamente – mas limitar-se-ão a sondar, cada vez mais profundamente, um universo de camuflagem com instrumentos que são, eles próprios, meras projeções dessa camuflagem.

O subconsciente, é verdade, contém as suas próprias distorções, mas estas são infinitamente mais fáceis de ultrapassar do que as camadas esmagadoras de distorção que afetam os vossos métodos científicos. Não é possível realizar experiências genuinamente objetivas quando tudo ao vosso redor – e todos os vossos instrumentos — estão inseridos e

entrelaçados no mesmo universo de camuflagem. Os cientistas estão a operar dentro de um pequeno cubo dentro de milhões de cubos semelhantes, mas distintos. Cada um desses cubos representa um universo de camuflagem. Mesmo que conseguissem perfurar as barreiras do seu próprio cubo — o que já é duvidoso — apenas descobririam o cubo imediatamente adjacente, sem nunca suspeitar da existência de uma infinidade de outros.

Uma ínfima fração do presente atemporal manifesta-se no vosso cubo, mas vós interpretai-la através das lentes da camuflagem, projetando sobre ela uma continuidade ilusória de passado, presente e futuro. Como ratos num labirinto, poderíeis, na melhor das hipóteses, viajar de um cubo para outro – mas mesmo isso, na prática, é quase impossível. E mesmo que os vossos experimentos vos proporcionassem um vislumbre de múltiplos cubos camuflados, ainda assim aprenderíeis muito pouco sobre o verdadeiro universo interior, onde todas essas divisões desaparecem.

A CIÊNCIA E AS LIMITAÇÕES DA CAMUFLAGEM

Qualquer figura científica da vossa era entraria em pânico diante das sugestões que estou a apresentar. Estais tão presos aos vossos preciosos padrões de camuflagem, e tão pouco familiarizados com a força propulsora que os origina, que levará tempo até que algum progresso real seja feito. Einstein, por exemplo, confiou nas suas intuições e usou os seus sentidos internos. Teria descoberto muito mais se tivesse conseguido confiar ainda mais nas suas perceções intuitivas, deixando que homens de menor visão se preocupassem com a prova científica das suas teorias. Dessa forma, teria usufruído de uma maior liberdade interior.

Há apenas uma camada relativamente pequena de material pessoal e, portanto, egoico e distorcido, nos níveis superiores do subconsciente. Esta camada pode ser rapidamente reconhecida, como regra geral. A Jane já o compreende, e ela nem sequer é cientista ou psicóloga. Para clarificar: quando me refiro a "material egoico", refiro-me à porção da mente que está orientada para a camuflagem externa. O ego interno, mais profundo e poderoso, representa a verdadeira força e capacidade por trás do ego superficial.

Abaixo desse nível pessoal do subconsciente, encontra-se o material racial, que poderia ser de imenso valor para os psicólogos na compreensão da história das diversas raças e das diferenças psicológicas resultantes. Mais abaixo, encontra-se o material que diz respeito à espécie humana como um todo — a sua origem, evolução e conhecimento intrínseco. E abaixo disso, finalmente, encontra-se a verdade pura, sem distorções, livre para ser explorada: o conhecimento inerente ao eu interior sobre o universo fundamental, as suas leis e princípios, a sua estrutura e natureza. Aqui, encontrarás, sem ilusões ou camuflagens, a compreensão profunda da criação do universo físico e da mecânica envolvida nesse processo.

Descobrirás os métodos pelos quais o eu interior – como habitante primordial do universo interior — constrói os vários planos de existência, desenvolve sentidos externos para projetar e interpretar essas realidades e reencarna nos diversos planos. Aqui residem as respostas sobre como o eu interior manipula a energia para os seus próprios propósitos, altera a sua forma, adota diferentes realidades aparentes – tudo isso livre para a investigação, sem os entraves das camadas de camuflagem que limitam a ciência convencional.

O HIPNOTISMO E A EXPLORAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O hipnotismo tornar-se-á, progressivamente, uma ferramenta fundamental na investigação científica.

A telepatia será, sem dúvida, comprovada e amplamente utilizada. Infelizmente, no início, será explorada para fins de guerra e intriga. No entanto, será a telepatia que permitirá à humanidade estabelecer o seu primeiro contacto com inteligências extraterrestres. Esse contacto, contudo, não será, a princípio, reconhecido como tal. Não há nada de mais estranho nesse contacto do que no meu próprio contacto contigo. No entanto, dado que estais tão imersos na realidade aparente da camuflagem, esse evento será uma descoberta surpreendente. O primeiro contacto ocorrerá entre um humano e uma entidade masculina alienígena de outra galáxia camuflada. Essa entidade estará, contudo, muito mais desenvolvida do que a vossa atual conceção do que é possível.

O contacto telepático real com essa inteligência extraterrestre dar-se-á, acredito, numa época não muito distante — talvez no ano de 2001. Contudo, por razões que não irei detalhar agora, surgirá um problema que os vossos cientistas não serão capazes de identificar, pelo menos nos termos convencionais. A inteligência com a qual comunicareis já não estará a habitar o mesmo universo no momento do contacto. A esta altura, já tereis descoberto que a vossa atual teoria do universo em expansão está errada. Esse erro afetará, inevitavelmente, os vossos cálculos sobre a localização exata dessa inteligência no espaço.

O contacto será feito, creio, na Austrália.

AS VIAGENS ESPACIAIS E A NATUREZA DO ESPAÇO

O desenvolvimento das viagens espaciais, tal como as concebeis hoje, ocorrerá de uma forma aparentemente extravagante e surpreendente. No entanto, essas conceções iniciais acabarão por ser abandonadas quando os vossos cientistas perceberem que o espaço, tal como o entendem, não passa de uma distorção. A viagem entre duas chamadas galáxias será, na realidade, concluída através da libertação da camuflagem do corpo físico. O verdadeiro veículo para as viagens intergalácticas será a mobilidade mental e psíquica — um processo de transformação energética que possibilita a mobilidade espontânea e instantânea através do presente atemporal. Em termos técnicos, o método mais rudimentar para esse tipo de

deslocação será o hipnotismo. No entanto, isto apenas acontecerá porque, neste momento, as vossas personalidades não confiam plenamente nas suas próprias capacidades e, por isso, necessitam de depender da sugestão externa.

EXPERIÊNCIAS FUTURAS E A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Espero, num futuro próximo, explorar contigo métodos de transferência de energia que não dependam do hipnotismo. Este será um dos nossos experimentos conjuntos, e não tardará muito a ser realizado. Quando chegar o momento, nós três realizaremos esta experiência em conjunto.

Enquanto isso, a preparação deverá incluir uma prática sistemática e programada do tempo psicológico. O hipnotismo será usado, no contexto científico, como uma ferramenta para libertar a personalidade consciente das suas inibições associadas à camuflagem. É desnecessário dizer que essas inibições são necessárias no vosso plano de existência. Por essa razão, quaisquer experiências que realizemos serão conduzidas de forma disciplinada. Nunca sugerirei, nem permitirei, um abandono total das defesas externas da personalidade. O meu objetivo é fortalecer as vossas personalidades externas na vossa interação com o mundo, ao mesmo tempo que ensino ao eu interior a liberdade e a espontaneidade. Este é um desafio considerável.

A personalidade exterior deve ser estruturada e resiliente — capaz de expandir os seus limites para permitir liberdade ao eu interior, mas suficientemente forte para regressar e manter o controlo sobre a experiência externa. Este é, sem dúvida, um exercício de disciplina.

Estou tentado a continuar sem vos dar intervalo. O Ruburt está a sair-se bem sem ele, mas estou preocupado com os teus dedos. Estão a vacilar? Se assim for, então façam intervalo, sem dúvida.

(*"Está bem."*)

Queres fazer intervalo?

(*"Sim."*

(Intervalo às 10:23. Eu estava, claro, consciente de que a hora habitual de intervalo já tinha passado há algum tempo. Por um lado, a minha mão direita estava bastante contraída. Na verdade, estava quase dolorosa, e eu teria sido forçado a interromper em breve, de qualquer modo. Creio também que, enquanto anotava parte do material acima, estive numa espécie de leve estado de transe; algum tempo depois de o nosso período regular de intervalo ter passado, pareceu-me tomar consciência de que estivera a escrever continuamente sem qualquer consciência — ou com muito pouca — do material que estava a registar.

(A Jane estava totalmente dissociada. Disse que achava que o Seth a manteve a falar até ter transmitido todo o material acima. Normalmente, ela não atinge dissociação completa antes do segundo intervalo.

(A Jane experimentou também as suas já familiares mãos "grossas". Não se apercebeu disto até um ou dois minutos após o início do intervalo. As mãos estavam muito húmidas e pareciam espessadas, especialmente ambos os dedos indicadores. Falámos em arranjar forma de medir a circunferência dos dedos dela antes e durante este fenómeno, para ver se há de facto algum aumento físico.

(No entanto, a Jane não conseguiu tirar de todo a aliança de casamento, por mais que tentasse. Tinha tirado o outro anel que costuma usar antes da sessão. Em regra, esse anel fica largo, mas agora teve de o forçar de volta ao quarto dedo; ao invés, depois teve de o molhar para o conseguir retirar.

(Ao longo do dia, a Jane telefonou para o hospital para tentar confirmar a informação que o Seth nos dera sobre o estado da a Miss Callahan. Ver a 44.ª sessão, página 17. Em vez disso, soube que, uma semana antes ou coisa assim, os familiares da a Miss Callahan a tinham transferido para um lar de repouso. O hospital não sabia qual. Para mim, isto implicava que a Miss Callahan estava em melhor estado, mas a Jane disse que sentia o contrário, que o material do o Seth aqui não estava distorcido.

(A Jane retomou a ditar, após um intervalo mais longo do que o habitual, numa voz normal.)

A FUNÇÃO DO HIPNOTISMO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O hipnotismo tem importância apenas enquanto ferramenta para libertar a personalidade consciente do seu foco excessivo na camuflagem externa. Ele permite, então, que o verdadeiro conhecimento venha à superfície. Em circunstâncias normais, o eu consciente lida principalmente com a realidade da camuflagem — afinal, esse é o seu propósito principal. No entanto, quando consegue libertar-se temporariamente dessa preocupação, torna-se capaz de receber e processar a informação que é percecionada pelos sentidos internos. Esses dados não precisam de permanecer armazenados apenas no subconsciente. A personalidade consciente pode ser treinada para receber, interpretar e reter esse conhecimento. Caso contrário, tal conhecimento teria um valor limitado no vosso universo de camuflagem.

O hipnotismo, então, não é mais do que uma ferramenta para mudar o foco da consciência — redirecionando-a da realidade exterior para o eu interior. A regra principal é simplesmente uma alteração de perspetiva. O conhecimento do universo fundamental pode ser alcançado, interpretado e assimilado por cientistas através de métodos que descreverei mais adiante. O hipnotismo é um método mais seguro para começar do que as drogas. No entanto, o hipnotismo não é necessário caso haja uma vontade genuína de explorar o universo interior.

A PRINCIPAL BARREIA: O MEDO DO EGO

O maior obstáculo nesse processo é o medo do ego de ser subjugado – o mesmo medo que alimenta a vossa conceção de morte. Se o ego compreender que a consciência interior e a investigação psíquica ampliarão a sua própria perceção e controlo, então a resistência diminuirá consideravelmente. No início, pode ser necessário induzir uma amnésia parcial durante essas experiências. Contudo, isso deve ser evitado. Através da prática constante do hipnotismo, os vossos cientistas descobrirão que é possível – e altamente benéfico – permitir que o ego consciente retenha a sua memória. Dado que não existe uma separação real entre o ego e o subconsciente, os seus conhecimentos acabarão sempre por se fundir. Para que esta investigação seja realmente eficaz, não deve haver qualquer tentativa de esconder do ego o conhecimento subconsciente.

O FUTURO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E A TELEPATIA

Reconheço que, inicialmente, o hipnotismo será a principal ferramenta utilizada.

No entanto, o progresso poderia ser acelerado se os cientistas selecionassem indivíduos que não precisassem de hipnotismo para desviar o foco da realidade externa. Com prática, as camadas distorcidas do subconsciente podem ser facilmente reconhecidas e, mesmo assim, oferecerão informações valiosas sobre os mecanismos psicológicos. A telepatia, por sua vez, envolve um refinado controlo da energia mental.

O problema é que, quando se tenta transmitir uma imagem, ainda se está a lidar com a camuflagem. A telepatia será mais eficaz quando o recetor não estiver a impor qualquer expectativa. Deves estar recetivo ao que vier, sem tentativas de manipular o conteúdo da experiência. Caso contrário, concentrar-te-ás numa projeção de camuflagem e obterás apenas um resultado igualmente camuflado.

O CAMINHO PARA A VERDADEIRA CIÊNCIA

Para alcançar o verdadeiro conhecimento, é essencial adotar uma abordagem mais aberta e recetiva. E a ironia deste processo é que os dados aparentemente subjetivos permitirão cortar através da ilusão da realidade objetiva, fornecendo provas concretas que não podem ser obtidas por outros meios. Embora estas ideias possam parecer radicais agora, mesmo antes do ano 2000, estas perspetivas parecerão bastante razoáveis. Muito antes desse tempo, os vossos cientistas alcançarão conclusões semelhantes às que aqui apresento.

Em última análise, é muito mais fácil – e cada vez mais científico – obter uma perceção objetiva do vosso universo ao viajar para dentro, do que tentar fugir da vossa atmosfera distorcida indo cada vez mais para fora. Pois na direção do exterior, encontrareis apenas mais camuflagem. Se os cientistas consideram o mundo interior um labirinto obscuro de caos subjetivo, então que vejam o que acontece quando tentam viajar pelo espaço — ou seja, quando tentam deslocar-se num espaço de camuflagem

que, na realidade, nunca existiu, utilizando um veículo igualmente camuflado.

Com essa abordagem, não chegarão mais perto da verdade ou da realidade do que uma mosca que, zumbindo ao redor de uma maçã redonda, dura e verde, acredita compreender a sua totalidade sem jamais penetrar no seu interior. Existem, no entanto, experiências concretas que podem ser conduzidas em laboratórios científicos e que permitirão aos investigadores vislumbrar a realidade interior. Esses experimentos possibilitarão a compreensão dos processos pelos quais o eu energético interior transforma a sua própria energia em padrões físicos. Há leis que regem o nascimento e a morte, não apenas dos seres humanos, mas de todas as formas de consciência. E essas leis podem ser descobertas por aqueles que realmente as procuram.

EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS E A VALIDAÇÃO DA CONSCIÊNCIA INTERIOR

Antes de concluirmos, fornecer-vos-ei material detalhado sobre estas experiências. Elas apenas terão de ser testadas, e a sua validade tornar-se-á evidente por si mesma. Se conseguir que a Jane supere a sua teimosia ocasionalmente inflexível e os seus erros do ego, ela poderá realizar proezas que demonstrarão, de forma inequívoca, a veracidade das minhas palavras. E pensar que, em certa medida, estou dependente do seu desenvolvimento! Quanto a ti, também poderias fazer muito mais. Relaxa e permite que as coisas fluam. Também és tão obstinado como um burro — mas não te preocupes, puxarei a tua cauda! Em breve, chegaremos ao ponto em que os teus dedos não sentirão fadiga e, então, recuperaremos o tempo perdido.

As minhas desculpas, esqueci-me outra vez do vosso intervalo. E, de passagem: a teimosia cabeça-dura e o arrastar egotista dos pés do o Ruburt, até agora, atrapalha-me uma demonstraçãozinha linda. Vejo o escritório da vossa preciosa a Sociedade Psíquica e a vossa diretora, mas o Ruburt tem medo de cometer um erro e bloqueia-me. Façam intervalo.

(*Intervalo às 11:15. A Jane rematou o monólogo com outra pancada na secretária. Estava totalmente dissociada — "muito longe", disse ela. Sentiu que o Seth estava pronto para falar sobre a American Society for Psychic Research; mas estava com tanto receio de se enganar que não conseguiu deixar o material passar ainda. O Seth, disse ela, podia continuar durante horas. O intervalo era só para meu benefício, para descansar a mão. Onde antes me incomodara, agora já não sentia desconforto. Quando a Jane recomeçou a ditar, retomou imediatamente o seu modo muito enérgico e vigoroso. Retoma às 11:17.*)

Para edificação do o Ruburt: essa beligerância egotista cabeça-dura é, até certo ponto, uma coisa boa, na medida em que, sem ela, as nossas sessões — teoricamente e talvez na prática — poderiam resultar em

exibições indisciplinadas e até, em certa medida, perigosas de hesitações, sem controlos adequados. O Ruburt possui duas qualidades necessárias que, felizmente, não se anulam, embora pudessem.

Ele é extremamente recetivo, aberto e até apreciador de dados interiores, e possui também um ego forte o suficiente para manter a disciplina necessária. Isto torna-me o trabalho simultaneamente mais fácil e mais difícil, mas vai longe no sentido de minimizar quaisquer perigos psicológicos da vossa parte, e o que se ganha é sólido. Não haverá retrocessos e, embora as conquistas em algumas frentes possam ser mais lentas, podem contar com elas. Sem a tua confiança e a tua afirmação intuitiva, o Joseph, muito deste material seria bloqueado da parte do o Ruburt, e o o Ruburt depende fortemente de forças interiores que tu possuis — e das quais estás, em grande medida, ignorante.

Vamos abordar os mecanismos envolvidos no nosso gestalt mais tarde e tornaremos toda a questão clara. Estou a tentar desenvolver as capacidades do o Ruburt para que ele não use a sua própria energia nervosa nestas sessões porque, oh, ele resmungaria se ficasse cansado e não tivesse o seu próprio tempo de escrita. (*Para sublinhar o ponto, a Jane agitou os braços numa exibição cómica de aflição.*) Da tua parte também há, ou haveria normalmente, um dispêndio bastante grande de energias, e estou a tentar minimizar isto igualmente. Não quero tirar energia do teu próprio trabalho e, com treino, o resultado final será um reservatório extra de energia.

AS VIAGENS ATRAVÉS DA CAMUFLAGEM

No que diz respeito aos experimentos científicos projetados, infelizmente teremos de abordar questões que, em última análise, são irrelevantes, apenas para convencer aqueles que precisam de provas tangíveis. Os cientistas também acabarão por reconhecer essa necessidade. Estamos a avançar gradualmente em alguns aspetos, mas estamos, ao mesmo tempo, a construir uma base sólida. Por exemplo, serão realizados experimentos relacionados com a deslocação através do espaço de camuflagem.

E mais do que isso: a forma física deverá tornar-se visível em dois locais distintos ao mesmo tempo. O material recolhido por essa personalidade no seu segundo local de manifestação deverá ser cuidadosamente analisado, para que esses experimentos possam ter validade científica. Haverá, naturalmente, alguns fracassos — mas haverá muitos êxitos. O medo do fracasso será o maior factor inibidor.

Quanto a ti, as tuas capacidades são latentes e da mais alta qualidade, mas também ergues barreiras inibidoras que espero que desapareçam. Nalguns aspetos, o Ruburt desenvolveu há muito a sua capacidade de recorrer à energia básica. Se conseguirmos — e conseguimos — superar os medos e inibições bastante naturais dele, todos poderemos usar essa

capacidade com resultados muitíssimo benéficos. Ele acha que é indisciplinado. Na realidade, cedo reconheceu a sua capacidade de recorrer a energia acrescida e teve-lhe algum receio.

Os teus reservatórios também são profundos e as tuas inibições, embora não tão conscientes e evidentes como as do o Ruburt, são, no entanto, igualmente fortes.

Se a tua mão estiver cansada, então faz intervalo, meu velho amigo.

(*A Jane inclinou-se sobre a secretária, sorrindo para mim. Tinha fumado bastante durante a sessão e, agora, a voz começava a ficar bastante rouca. Ficou mais baixa, a sua entrega mais lenta. Permaneceu à secretária durante alguns minutos e depois passou para a nossa janela da sala de estar.*

("A minha mão está bem.")

EXPERIMENTOS REAIS: TELEPATIA E O TEMPO PSICOLÓGICO

Quero iniciar uma discussão sobre experimentos reais que podem ser conduzidos em laboratório, com resultados inequívocos e verificáveis. A telepatia é um desses exemplos. Contudo, para que a sua realidade seja plenamente compreendida, a telepatia terá, eventualmente, de ser dissociada da camuflagem física. O uso do tempo psicológico será extremamente essencial para qualquer experimento sério neste campo, uma vez que permitirá que a consciência contorne, em grande medida, as leis da física. Mais do que isso: possibilitará evitar reações químicas que, de outra forma, tenderiam a sobrecarregar a estrutura física.

A EXISTÊNCIA PARA ALÉM DA ILUSÃO DO TEMPO

A minha existência é mais vasta e variada do que possas imaginar. Quando as nossas sessões terminarem, não terás medo da morte nem da vida. E eu continuarei a guiar-te enquanto estiveres disposto a seguir este caminho. Não há plano de existência que não possas habitar. Não há barreira que não possas atravessar. Nada é desperdiçado – nenhum movimento, nenhum pensamento, nenhuma respiração. Essas sessões representam, de certo modo, um vislumbre da eternidade. Pois, até certo ponto, sois recetores de pensamentos que não são condicionados pelo tempo, e estais em contacto com uma consciência cuja existência não cessou com o passar dos séculos. A nossa relação emocional transcende o aspeto de camuflagem da realidade física.

PROVAS IRREFUTÁVEIS E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO CONHECIMENTO

Esta tem sido uma sessão muito boa. Eu poderia continuar durante horas. Não o farei por deferência, embora esteja tentado. Em Triev houve noites em que conversávamos e, agora, de novo, há noites em que conversamos.

(*Recorde-se que o o Seth fez muitas referências ao facto de nós os três termos vivido na cidade de a Triev, na a Dinamarca, no século XVII.*)

Há tanto para vos dizer e tão pouco que possam compreender. Num momento futuro, quero mesmo entrar numa discussão sobre a fragmentação animal. A ideia de que os animais são sagrados não é tão descabida como pode soar.

A rua está silenciosa e, se eu fosse poético, teria mais a dizer. A minha existência é mais variada do que podem imaginar. Não terão medo da morte nem da vida quando as nossas sessões terminarem, e eu continuá-las-ei enquanto vocês quiserem. Não há plano de existência que não possam habitar, não há barreira que não possam atravessar. Nada se perde, e nenhum movimento ou sopro se extravia.

Estas sessões representam aquilo a que podem chamar antevisões da eternidade, na medida em que são, até certo ponto, recetores de pensamento que não é travado pelo tempo, e de uma convivência que não cessou com o agitar dos séculos, e com uma relação emocional válida que escapou ao aspeto de camuflagem da realidade física.

Posso – e irei – provar-te mais sobre a minha identidade, mas também sobre a tua própria identidade. O presente atemporal envolve-te, mas não te aprisiona. As minhas palavras são um guia que te conduzirá por esse espaço vasto e sem fronteiras. Poderá haver distrações e até algumas distorções pelo caminho. Mas, a longo prazo, não restará qualquer dúvida. As vossas melhores obras artísticas, e os melhores textos escritos pela Jane, refletirão as realidades internas que até os vossos cientistas acabarão por reconhecer.

Serão fornecidas provas que não poderão ser refutadas. Serão recebidas mensagens que ninguém mais poderia conhecer. A nossa base está a ser construída agora – e será inabalável. Em oportunidades futuras, para vossa própria edificação pessoal, discutiremos as vidas que viveram e as lições que aprenderam. E verão que, através do vosso próprio esforço, poderão ajudar outros. Verão avanços ocorrer onde antes não havia progresso. E compreenderão, por fim, que tudo o que procuram já está dentro de vós.

(*A entrega da a Jane era agora muito lenta e calma.*)

Estou a ir devagar para não te assustar. Quando tiveres testemunhas, efeitos e conhecimento serão exibidos. Não quero pôr fim à serenidade das nossas sessões quietas e íntimas, e nunca sugerirei que sejam todas testemunhadas. No entanto, os testemunhos serão uma mais-valia quando te sentires preparado e forem encontrados os adequados. Em absoluto, experimentem o tempo psicológico, ambos, pois aí encontra-se a confiança.

Por mais que eu, sinceramente, lamente encerrar a sessão, fá-lo-ei, para que possam dormir. Contudo, estou muitas vezes aqui, e a minha energia permeia a cadeira, o Joseph, onde te sentas, e a caneta com que escreves. Hesito, mesmo agora, em encerrar a sessão, mas reconheço que devem estar cansados.

(*A Jane riu-se.*)

Contudo, se me convidasses a ficar mais tempo, então, claro, eu ficaria. Em qualquer caso, é melhor fazerem intervalo. A sensação na mão do o Ruburt é agora bem evidente, representando apenas um pequeno e insignificante aspeto da extensão do o eu de que falei antes. Quando isto ocorre pela primeira vez, a reação natural é traduzi-lo em termos de dados de camuflagem física, de modo que se obtém um alargamento correspondente dos tecidos. Façam intervalo ou terminem a sessão.

(*"Bem, infelizmente vamos ter de a terminar, receio. Boa noite, o Seth. Foi muito agradável."*)

(*Fim às 12:05. A Jane estava totalmente dissociada. A sensação na mão começou a recuar logo que a sessão terminou. Nenhum de nós se sentia particularmente cansado, mas pensámos que notaríamos a falta de sono no dia seguinte.*)

(*O material que se segue é incluído aqui porque remete para a 44.ª sessão e é retomado na sessão seguinte, a 46.ª.*)

(*A 46.ª sessão estava marcada para quarta-feira, 22 de abril de 1964, às 21:00, como de costume. Às 20:35, dois familiares da a Miss Callahan bateram à nossa porta: a Miss Betty Dineen, uma senhora mais velha, professora, parente afastada mas amiga íntima da a Miss Callahan, e o sobrinho da a Miss Callahan, o John. Nós guardamos a chave do apartamento da a Miss Callahan e subimos o correio dela todos os dias; periodicamente, um ou outro familiar vem buscar o correio e ver o apartamento.*)

(*A Miss Dineen deu à a Jane informações que evidentemente confirmavam a previsão do o Seth de que 15 de abril seria um dia de crise para a Miss Callahan. Sem entrar em todos os pormenores sobre o o Seth, a Jane soube pela a Miss Dineen que, a meio dessa semana — o que corresponderia a 15 de abril —, o estado da a Miss Callahan piorou de tal modo que os responsáveis do hospital insistiram que fosse transferida para um lar de repouso o mais depressa possível. A Miss Callahan precisava de cuidados constantes, que o hospital não podia prestar.*)

(*Foi, por isso, transferida do o hospital no sábado, 18 de abril. O estado da a Miss Callahan apresentava os seguintes sintomas: comportamento errático, gritos, berros, arremesso de objetos, tentativa de sair da cama. [Ela tem sido imobilizada na cama há já algum tempo.]*)

(*A Miss Dineen disse que, por vezes, mesmo no lar de repouso, a Miss Callahan tem breves períodos de lucidez relativa.*)

(*Quando a Jane telefonou para o hospital em 20 de abril, falou com uma enfermeira que não conhecia os pormenores do caso da a Miss Callahan, disse a Miss Dineen; de outro modo, teríamos sabido muito mais cedo das verdadeiras circunstâncias da remoção da a Miss Callahan. Eu*

supusera que a sua saída do o hospital significava uma melhoria do seu estado.)

SESSÃO 46
A SESSÃO DO BILL MCDONNEL

(Às 20h, Jane e eu tentamos um experimento de tempo psicológico, antes de fazermos um breve cochilo. Não experimentei nada que me lembrasse, mas a Jane recebeu pedaços de pequena música, como se estivesse a ser tocada num piano velho e frágil.

(Às 8h35, os parentes da senhorita Callahan chegaram. Eles partiram por volta das 8h50.

(Às 8h55, enquanto a Jane e eu discutíamos a visita deles e as informações, Bill Macdonnel chegou, para nossa surpresa. Ele pediu para ser testemunha e é claro, nós concordamos. Lembraremos que Bill havia participado da sessão única que nós os três tentamos, em 1º de Janeiro de 1964; e tínhamos programado tê-lo como testemunha na 36ª sessão, a 18 de Março de 1964, mas não pudemos à última da hora. {Ver Volume Um.}

(Bill mal teve tempo de tirar o casaco e pegar num lápis e papel que lhe ofereci para que ele pudesse fazer as suas próprias anotações, quando a sessão começou. Como sempre, a Jane mostrou-se nervosa antes das 21h. Ela começou a ditar com uma voz bastante acentuada, e um pouco mais rapidamente. Tive a sensação de que ela estava um pouco nervosa por causa da testemunha. O ritmo era bastante acelerado, os olhos escurecidos como sempre.

(Pode-se notar também que o Willy, o nosso gato, pulou para o colo da Jane um ou dois minutos antes do início da sessão. A Jane disse que foi a primeira vez em todas as sessões que Willy fez isso; evidentemente, se ele sentiu a presença, ele não se perturbou.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.')

Fico satisfeito por ver que o nosso velho amigo Mark achou por bem aproveitar finalmente a minha companhia. É melhor chegar atrasado do que não chegar em absoluto, e eu certamente dou-lhe as mais calorosas boas-vindas. Teremos algo a dizer-lhe antes que eu termine esta noite.

Uma nota. O material não foi distorcido quando a Jane o ditou a 15 de Abril com respeito à senhorita Callahan e à crise que referi. Seu ego desistiu da luta. Ele percebe que não será liquidado. Momentos de lucidez irão cintilar e desvanecer-se. Ela está basicamente satisfeita agora, ao perceber, por experiência própria, que a morte envolve uma transformação, e se há um fim nos vossos termos, então existe igualmente um novo começo.

(A Jane bateu na minha mesa para enfatizar; depois ela sorriu em tom um tanto paciente ante a pergunta seguinte que eu fiz.

(O Frank Watts já sabe o que está a acontecer com a senhorita Callahan agora?')

Eu certamente admiro o interesse e preocupação que sentes pelo Frank Watts. Tu sempre consegues trazê-lo para uma discussão. Frank Watts está agora ciente do estado da senhorita Callahan e estará presente para a cumprimentar, para sua surpresa, já que o nosso Frank sempre se considerou um amigo dela, embora ela mal tivesse conhecimento da sua existência.

A nossa testemunha, o nosso Mark,* teve muitas experiências, no que diz respeito ao que vocês chamam de aparições, e no caso dele foram de vários tipos e ele as viu por diversos motivos.

** (NT: Mark é o nome de entidade que o Seth atribui ao Bill McDonnel)*

Obviamente, até certo ponto ele conseguiu usar os sentidos internos dele. Independentemente das muitas das aparições fragmentárias que ele viu, pois na verdade ele viu mais aparições fragmentadas do que imagina, muitas delas foram fragmentárias devido à sua própria incapacidade de organizar o material com base nos sentidos internos.

Isto é, lá por ele ter "visto" (entre aspas) uma aparição parcial, isso não significa que a chamada aparição em si não fosse íntegra, ele apenas percebeu parte. As capacidades dele são originalmente fortes nesse aspecto. O que é necessário é uma confiança interior adicional e até mesmo o desenvolvimento da disciplina interior. A disciplina, para o Mark como para qualquer outra pessoa, é difícil de conseguir, na medida em que o que é necessário é uma disciplina passiva em vez de uma disciplina agressiva. A disciplina passiva permite uma perceção mais em pleno. Também ajuda

a evitar que o ego consciente retroceda muito rapidamente, como é o que acontece frequentemente no caso de Mark.

Essa disciplina passiva também possibilita que os dados internos tenham durabilidade suficiente. O Mark precisa esperar e ouvir mais quando tais experiências se apresentam. Ele aceita-as, mas depois, numa tentativa intelectual de as capturar, ele sufoca-as até à morte.

(O ditado da Jane já havia desacelerado consideravelmente. Ela apontou para o Bill sentado em silêncio no sofá.)

Este, aquele, é um dos teus favoritos e um dos da Jane, e por essa razão eu próprio sinto cordialidade. Eu sugeria que o Mark também se exercitasse no uso do tempo psicológico. Ele deve progredir bastante e rápido. A sua natureza impulsiva é, na verdade, um pouco mais contida nesta vida do que foi na vida anterior. No entanto, um dos problemas da personalidade ainda é a necessidade de um ego mais disciplinado.

Três vidas atrás, Mark estava contido numa natureza extremamente cruel e violenta. Ele agora é extremamente gentil para compensar pelas crueldades do passado. Na vida imediatamente anterior ele foi mulher, que viveu no vosso próprio oeste, Centro Oeste.

(A rir, a Jane apontou repetidamente para o Bill.)

Ele era errático. Poder-se-ia dizer que Mark era errático demais para ser erótico. Naquela época, ele era bastante rico e doava muito dinheiro numa tentativa subconsciente de compensar a existência masculina agressiva e cruel anterior.

A escolha da personalidade de uma mulher na vida passada representou uma fraqueza um tanto compreensível da parte dele, mas também representou coragem em certo sentido.

A qualidade impulsiva e calorosa começou com aquela existência como mulher no Centro Oeste. Devido à natureza errática da personalidade da mulher, ele conseguiu ser muito mais amável. A personalidade de um homem naquele ponto teria sofrido muitas tentações no que diz respeito à agressividade e à crueldade.

("Pode-nos dizer onde foi que Bill viveu naquela vida no Centro Oeste?")

No Centro Oeste, na década de 1840, onde hoje se situa o Iowa, numa cidade que hoje é uma das principais cidades. Ele teve três filhos. A sua actual mãe foi sua esposa quando ele era excessivamente agressivo, e ele escolheu nascer como filho dela nesta existência para pagar uma dívida antiga. Ele foi cruel com ela quando ela foi esposa dele, e aqui nos deparamos com outro caso em que o subconsciente sabe o que sabe.

A mãe dele agora recorda subconscientemente aquela existência anterior e a atitude insensível que ele teve como marido. Este é um belo exemplo. Mark ainda tenta superar uma propensão anterior que teve para a insensibilidade e, consequentemente agora é sensível e impulsivo. A sua actual mãe, lembrando-se subconscientemente de suas transgressões passadas, agora conta com a natureza impulsiva e sensibilidade para lhe retribuir, o que, claro, representa um erro da parte dela, pelo qual ela terá que sofrer as consequências ainda numa outra existência.

Na verdade, toda a família de Mark esteve, de uma forma ou de outra, ligada de uma maneira bastante incomum ao longo de pelo menos três existências sucessivas, e a família, é claro, trocou de papéis em conformidade. Eles ainda estão a resolver problemas antigos e, em alguns casos, estão a sair-se muito bem. Há também outro membro desta família em particular que actualmente é mulher, e há igualmente outro membro que actualmente é homem. Nenhum desses dois esteve intimamente ligado com a família do Mark nas últimas duas vidas e representam a única excepção.

A excepção deve interessar a todos vocês. Tens alguma ideia, Joseph, de quem poderiam ser os dois?

(A sorrir amplamente, com os olhos muito escuros, a Jane olhou para mim. Ela mostrava-se bastante divertida.

('Ora, a Jane e eu, suponho.')

Por vezes tu lês-me correctamente. Mark foi um de teus filhos de cuja existência falei. Um dos actuais irmãos do Mark foi filho do Mark quando ele foi mulher no Iowa.

('Qual irmão?')

O irmão mais velho. Mark foi uma mãe excepcionalmente boa.

Eu sugiro que façam um intervalo.

(A Jane mostrava-se bastante dissociada. O Bill percebeu que por vezes ele tinha consciência do que a Jane iria dizer antes de ela o expressar.

(Quando a Jane começou a ditar de novo, a voz soou bastante forte e um pouco mais profunda, mas o fenómeno não durou. Em poucos parágrafos ela voltou a adotar uma fala bastante normal e lenta.)

Posso ver pela vossa conversa que algumas breves explicações se fazem necessárias. Da tua parte, Mark, a impulsividade excessiva representa apenas uma compensação excessiva pela agressividade inicial. Certamente não há nada de errado em ser excessivamente impulsivo, mas também deve ser estabelecida uma disciplina.

Em muitos casos, tu terás aproveitado por teres medo de agir até mesmo em modo de autoproteção, porque no passado as tuas ações terem resultado em violência. Sentes uma simpatia excepcionalmente forte pela tua mãe, pois inconscientemente lembras o tratamento que lhe dispensaste quando ela foi tua esposa.

Tu já mais do que compensaste pelos erros do passado, não apenas nesta vida, mas na vida anterior. A tua pintura é praticamente resultado directo de um desejo de criatividade, que equilibre o que antes foi a tua personalidade destrutiva. A pintura tem a sua concepção (alicerçada) na intuição que tu conquistaste durante a tua vida passada como mulher. No entanto, a disciplina agora torna-se-te numa necessidade. As intuições e o impulso por trás da criatividade que sentes devem ser disciplinados, para que a criatividade atinja a fruição.

Qualquer tipo de arte é extremamente importante como forma de saldar dívidas, ou seja, dívidas psicológicas. Quando foste mulher, Mark, e rica, doavas dinheiro. Agora, como Joseph e a Jane, doas partes de ti próprio, fragmentos de si próprio, transformados mais ou menos em formas psicológicas vivas que, de acordo com a tua capacidade, se acham livres não apenas do tempo, mas de muitos dos defeitos da tua personalidade actual.

Tu vales-te das capacidades e conhecimentos ocultos da tua própria entidade e, por conseguinte, transcendes os limites da tua personalidade atual. Tu não és apenas a tua personalidade atual, és a soma de todas as tuas personalidades. Isto deveria ser compreendido.

A pintura e, para benefício da Jane, a poesia - certamente não quero que a Jane se sinta negligenciada - mas os quadros têm a sua própria vitalidade e existem independentemente do artista, e são o resultado de uma explosão espontânea, livre e impulsiva de doação que não pede retorno, e como tal - por nenhum retorno ser esperado - os retornos são dados.

Qualquer forma de arte toca as gerações. O carma pode ser resolvido de muitas maneiras, e aqui novamente voltamos à personalidade agressiva e masculina anterior do Mark.

Desta vez, através da criação de beleza em pintura, ele mais do que compensa os erros do passado; não apenas por as pinturas certamente deverem possuir beleza, mas por instilarem ideias criativas positivas na mente de quem a vê.

A família actual do Mark é composta por uma rede peculiarmente vívida de complicações anteriores. O envolvimento tem sido benéfico para o Mark até agora. Contudo, a situação deveria agora ser alterada.

Sugiro que façam uma pausa; e novamente, sem dúvida, deixe-me complicar ainda mais as coisas, comentando o facto de o próprio Mark te ter conhecido, Joseph, duas vezes antes, e talvez tu te lembres dos comentários que teci sobre a relação que tiveste com as amantes do teu filho na Dinamarca.

(Quem eu?

(A Jane sorriu, depois riu enquanto apontava para mim e a seguir para o Bill.)

Há aqui uma história bastante suculenta, na qual o Mark esteve diretamente envolvido. Há poucos dos teus amigos e conhecidos nesta vida com os quais tenhas estado conectado de forma veemente em vidas passadas. Alguns conhecidos estiveram no teu círculo em várias vidas e simplesmente nasceram numa situação semelhante à tua por causa de problemas que corresponderam mais ou menos aos teus.

O Mark, no entanto, esteve intimamente ligado a vocês os dois, tal como o Rendalin, que agora é o vosso Ed Robbins, que não é desta cidade. Façam uma pausa, se fazem favor.

(A Jane mostrava-se dissociada como sempre. Bill disse que nas observações que fazia da Jane enquanto ela ditava o material, ela andava com passos mais pesados do que normalmente usava, que ela mantinha as

mãos nos bolsos, coisa que geralmente não faz; e que a voz dela, embora se mostrasse na gama dela, era um pouco mais pesada e profunda do que o normal.

(A menção que o Seth fez ao Ed Robbins, que agora reside em New Paltz, Nova Iorque, pareceu-me bastante estranha. O Ed e eu conhecemo-nos por correspondência, quando ambos fazíamos trabalhos de arte comercial autônomo. Na época, há muitos anos, nunca nos encontramos. Mais tarde, enquanto eu morei na minha cidade natal, Sayre, PA, recebi um telefonema do Ed a convidar-me para trabalhar com ele num projeto em Saratoga Springs, Nova Iorque. Desta vez tratava-se da distribuição de uma banda desenhada. Na verdade, Ed apresentou-me à Jane um dia depois de me mudar para Saratoga, onde morei durante cerca de um ano, em meados dos anos 50. Dentro de um ano, a Jane e eu casamo-nos. Então, durante algum tempo, não vimos o Ed; a última vez que o vimos foi durante uma parada nocturna que ocorreu em New Paltz, quando Jane e eu estávamos a caminho de Iorque Beach, no Maine, de férias. Deverá ser recordado que foi no salão de dança de Iorque Beach que a Jane e eu vimos os fragmentos projectados das nossas próprias personalidades, que Seth tratou tão extensivamente na 9ª sessão, de 18 de Dezembro de 1963. [Consultar Volume Um.}

Eu quis fazer um comentário de natureza elevada a respeito da imensa alegria que a Jane sentiu com a nova roupa que adquiriu recentemente. Ela vai aos trancos e barrancos; tendo sido masculina durante tantas vidas, ela por vezes fica bastante perplexa com esse calmo turbilhão feminino, e eu acho isso muito divertido.

("Também achei que sim.')

A impulsividade da parte do Mark é, em muitos aspetos, uma qualidade excelente e utilizável que pode ser desenvolvida, mas a disciplina de natureza mental e psicológica deve ser usada para lhe imprimir direção, propósito e um senso de continuidade. No caso dele isso é extremamente importante. Ele não se casou e, enquanto solteirão alegre que foi muitas vezes, eu aplaudo.

No entanto, assumirei a responsabilidade de apontar parte do motivo, que tem os seus próprios aspetos hilariantes, vistos de uma perspectiva talvez mais distanciada do que aquela de que o Mark é agora capaz.

Por exemplo, ter como mãe uma mulher que já foi nossa esposa é algo desconcertante para ela e certamente pode levar a todo tipo de desconforto

psicológico. Não obstante o meu senso de humor pender para contrário, o Mark está a sair-se muito bem. Os erros anteriores estão a ser um tanto compensados em excesso mas ele sairá ganhando nesse aspecto.

As complicações latentes nas relações familiares são sempre dinâmicas e sofrem constante mudança. Não há razão para supor que tais problemas sejam insolúveis; e lembrem-se igualmente que os problemas entre essas personalidades são frequentemente resolvidos através da interação com outras personalidades.

Eu disse muito nesse sentido em sessões anteriores, e o Mark deveria remeter-se a elas. Ele foi marinheiro de um navio que transportava especiarias exóticas. O navio era meu.

(Aqui, Jane apontou para si própria. Ela ficou muito divertida, depois apontou primeiro para mim e a seguir para o Bill.)

Tu, Joseph, era o proprietário de terras rechonchudo, de peito peludo e lascivo, e a cidade era Triev. O teu filho era um artista e isso certamente pavoneia-se para nos seus altos e baixos agora na pessoa da tua Jane; mas naquela época tu não tinhas compreensão nenhuma nem usavas a arte como profissão de homem; e diga-se que, nesse aspecto, Jane te trata muito melhor do que tu a trataste (quando foi teu filho).

Mesmo assim, num celeiro, numa noite de Outubro, um marinheiro chegou bêbado e em bicos de pés, vindo dos campos, e esse marinheiro embriagado era o nosso Mark. Ele esperava encontrar a sua bela donzela nos braços do teu filho, e vinha bastante preparado, com uma faca no cinto. Ele ouviu o riso nervoso sufocado da garota.

(A Jane apontou o dedo ao Bill.)

- ela era uma imbecil, dificilmente digna da tua atenção, e ele entrou a correr, para descobrir o que? Não a sua contemporânea - o teu filho - mas um velhote de peito largo, cabelos brancos, lascivo -

(Tive que rir. "Quem eu?"

Tu, no ato de desflorar a bela donzela, que aliás já havia sido desflorada muitas vezes antes. Esta história é verdadeiramente para a eternidade. Tu, Joseph, deixaste cair o teu lindo pacote; isto é para que conste, pelo que não vou anotar a posição em que tu a envolveu tão ternamente. Não havia luz no celeiro. O nosso amigo Mark soltou um

bramido. Tu pensaste que o intruso era o teu filho, já que a garota era uma das amantes dele. Numa tentativa verdadeiramente ridícula de obter a simpatia do teu filho, tu literalmente choraste baba e ranho.

Quando o Mark percebeu quem tu eras, quase te estrangulou. Mas há um pós-escrito. Tu voltaste para casa, a chorar pelo destino do teu velho. O Mark agarrou a garota para um abraço vingativo. A Jane atravessou os mesmos campos com o seu cavalo, conduziu-o até o celeiro e encontrou Mark e a amante dela (ou melhor, dele).

Tu contaste-me esta história na manhã seguinte, quando os dois jovens apareceram com os olhos roxos e o Mark com o pulso quebrado. Mas o Mark, numa atitude de bondade do coração, nunca contou ao filho quem ele encontrou primeiro no celeiro, nem os incidentes tão mesquinhos, mas gostosos, como os de que é feita a história da raça.

('Estou em dívida para com ele.')

Vocês não conseguem apreciar a história toda, já que conscientemente nenhum de vocês consegue recordá-la, mas pelo menos posso dar uma boa gargalhada às vossas custas.

('Uma boa gargalhada.')

Falamos sobre a ampliação e a realização de (sentido de) valor, como uma das leis do universo interior. O reflexo dessa lei é visto na reencarnação, evolução e crescimento físico.

À medida que vocês amadurece e obtêm conhecimento, vocês obviamente não engordam; por outras palavras, essas qualidades não ocupam espaço. Elas não são nem visíveis no vosso espaço. O crescimento físico existe em termos do vosso senso de continuidade e, portanto, é projectado no espaço e no tempo. A mente em evolução não ocupa espaço. A personalidade não ocupa espaço. Vocês não podem ver a coisa nem senti-la. Vocês podem simplesmente constatar os seus resultados.

Em arte, por vezes conseguimos colocar numa estrutura de espaço algo que geralmente não existe no espaço. A crucificação não existe no espaço. Não existe basicamente no tempo, na medida em que não ocorreu a nenhuma pessoa em particular, per se, em nenhum momento específico. No entanto, é uma realidade no vosso plano e tem existência nele.

E no quadro da crucificação existem verdades inesgotáveis ainda por explorar. As pinturas da crucificação de Marcos, assim como outras pinturas semelhantes, criaram uma forma conceitual, dentro da qual um conceito inexprimível é transformado em termos passíveis de expressão e colocado numa estrutura espacial.

O quadro está numa sala com três janelas, num grande edifício. Não foi roubado, mas extraviado. As razões (para tanto) foram muitas. Um dos principais motivos tem que ver com a personalidade e a constituição psicológica do Mark.

Ele sentiu-se atraído pelo quadro e, inconscientemente, ressentiu-se de ceder ao impulso de o entregar à mãe. Como punição subconsciente, ele permitiu que a pintura se perdesse através de uma série de pequenos deslizes, erros e enganos da sua autoria e da autoria de outros.

("Podes-nos nos dizer onde está o quadro agora?")

O quadro está no mesmo lugar desde que foi retirado de uma exposição.

Existe uma sala com três janelas, ligada a uma sala maior num edifício de tipo público onde trabalham homens.

("Aqui em Elmira?")

Nesta cidade.

Sugiro que façam uma pausa.

(A Jane mostrava-se dissociada, como sempre. O quadro a que o Seth se referiu é um que o Bill perdeu no verão passado, enquanto ou depois de ter sido exibido numa exposição de arte na calçada aqui em Elmira. O Bill procurou-o muitas vezes e finalmente conseguiu a ajuda da polícia, sem sucesso. Eu havia mencionado o assunto no último intervalo, dizendo que talvez o Seth discutisse o assunto.

(Enquanto a Jane ditava o material sobre a Dinamarca e Triev, Bill disse que se lembrava vividamente da sua experiência com o episódio da "cidade perdida." Isso envolve uma época em que Bill tinha 11 anos. Caminhando pelos campos e florestas ao norte de Elmira, ele se deparou com uma cidade de aparência antiquada. Era bem pequena, ele se lembra de uma ferraria e de alguns outros prédios, e de pessoas com roupas estranhas. Algumas semanas depois, tentando retornar a esse lugar

estranho, ele conseguiu. Ele não o encontrou. Nunca o encontrou, embora em momentos estranhos tenha tentado fazê-lo ao longo dos anos. Isso impressionou-o tanto que ele nunca o esqueceu. Ele agora tem 25 anos e é professor. Começou por contar à Jane e a mim sobre a sua experiência há cerca de um ano.

(O Bill também disse que pela descrição do Seth da localização dedo quadro desaparecido dele, poderia estar no escritório do director de uma escola, ou em algum lugar semelhante. Ele conhece vários directores na área e vai verificar junto deles. A Jane começou a ditar a um ritmo lento, com uma voz muito parecida com a dela.)

Os recursos energéticos do Mark estão espalhados esta noite. Em outra ocasião, quando ele os controlar melhor, sem dúvida conseguiremos fazer melhor. As capacidades dele são vibrantes, mas a disciplina da qual falei é necessária de modo a capacitá-lo a focar e a concentrar as suas capacidades em linhas construtivas e objectivas.

Em outra ocasião irei (entrar na questão da) sua cidade perdida e de algumas das suas outras experiências. Não faz diferença como os dados internos são recebidos. Pode ser tão válido num sonho, ou até mais, do que na vida desperta. O incidente da cidade perdida foi extremamente significativo para ele e representou a projeção subconsciente de uma memória de uma vida passada no presente.

A cidade era de facto Triev. No entanto, ele projectou apenas aquela parte da cidade à qual em algum momento esteve intimamente ligado. O nome era Grand Graley.

('Esse é um nome estranho.')

A família vivia na Dinamarca há duas gerações. Ele partiu para a Espanha aos 32 anos. Falarei mais sobre esse material em outro momento. Eu cobri isso esta noite por uma questão de variedade e diversão.

A nossa próxima sessão retornará a outro material, já que temos muito do nosso esboço a cobrir. Fico satisfeito por vocês terem sido mais fiéis nas vossas tentativas de usar o tempo psicológico; e fico muito satisfeito, Joseph, com o desenvolvimento que conseguiste num todo nos últimos meses.

A Jane superou os problemas sazonais, com os quais eu estava bastante preocupada. Encerrarei a sessão após algumas breves observações.

O dia 23 de Maio representará outra e talvez a última crise no que diz respeito à senhorita Callahan.

Eu aconselharia o Mark a prosseguir com os seus planos de encontrar um apartamento, mas a examinar todos os aspetos de qualquer apartamento específico que ele tenha em mente, prevendo dificuldades de natureza temperamental e não prática com o proprietário. Isto não terá nada a ver com arranjos práticos, mas será antes um antagonismo mais ou menos mútuo que surgirá entre eles em pouco tempo.

Como sempre, hesito em encerrar a sessão. Talvez eu deva dar uma espreitadela de vez em quando, com vossa permissão. Sugiro também que você mantenha uma fita extra à mão.

Boa noite com muito carinho e os meus cumprimentos ao Mark. Se ele tivesse trazido mais de si mesmo esta noite, então eu poderia ter ajudado mais. Falarei convosco na segunda-feira, se não antes.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane estava dissociada como sempre. O Bill disse que o Seth afirmou algo sobre ele com o qual ele concorda especialmente - o facto de frequentemente tirarem vantagem do Bill. O Bill disse que sempre se interrogou da razão disso.

(Enquanto nós os três discutíamos a sessão, em duas ocasiões distintas tive indícios muito ligeiros da minha antiga sensação de formigamento, que Seth chamou de sensação de som. Eu esperava que elas fossem mais fortes, mas isso não aconteceu.

(Ontem à noite, quinta-feira, 23 de Abril de 1964, enquanto tentava o tempo psicológico antes de adormecer, por volta das 21h30, tive duas visões separadas e distintas.

(Ambas foram excepcionalmente claras para mim – muito mais claras, por exemplo, do que a visão do meu irmão Dick durante a sua vida em Inglaterra na década de 1670.

(A primeira visão pairou-me pela mente enquanto eu estava deitado num estado de sonolência muito agradável, sem pensar em nada de particular. Foi completamente a cores e, apesar da sua clareza e duração, desapareceu antes que eu percebesse completamente o que havia acontecido.

(Estava relacionada com uma jovem com um tipo de vestido de festa azul largo com cinto. Ela tinha cabelos longos amarelos; estava de costas para mim. Usava meias brancas curtas e sapatos pretos brilhantes de couro envernizado com uma única tira no peito do pé. . . E ela estava a calcar repetidamente um cachorrinho branco e marrom, com o pé direito. O cachorro estava deitado de costas, com as pernas para cima. Não fez nenhum gemido, nem parecia estar magoado. A menina de cerca de seis anos batia repetidamente com o pé no animal. Os braços dela erguiam-se como asas, e o cabelo era muito bonito. O cinto em volta da sua cintura tinha cerca de cinco centímetros de largura.

(O cachorrinho indefinido agiu desnorteado. Tenho uma lembrança dele finalmente a levantar-se e a sair correndo, ileso. Embora essa visão tenha desaparecido antes que eu percebesse o que estava a acontecer senti que, no que diz respeito à sua duração, eu tivera um certo sucesso em mantê-la; em comparação, esta durou muito mais tempo do que qualquer uma das minhas visões anteriores.

(Enquanto ainda estava nesse estado de sonolência, sem fazer grande esforço, tentei deixar o avistamento retornasse. É claro que eu estava mais alerta agora, mas tenho a sensação de que consegui, parcialmente, permitir que ele retornasse. Isso é, embora não tenha visto nada de definitivo, tenho a sensação de que estava logo ali, fora do meu alcance.

(A segunda visão veio, creio eu, logo depois da primeira. Desta vez vi com bastante clareza uma espécie de tela emoldurada com cantos arredondados, como uma tela de TV. A visão era a de uma cabeça masculina careca, descentralizada à minha direita enquanto eu olhava para ela. A borda da tela cortava uma parte da cabeça, mas eu podia ver os dois olhos claramente. O resto da tela, à minha esquerda, estava vazio, parecendo ser um espaço branco leitoso.

(Essa cabeça careca quase preenchia a tela de cima a baixo, embora eu percebesse um pescoço bastante fino. Não percebi nenhuma roupa. O homem talvez tivesse mais de quarenta anos, ou mais. Tinha uma cabeça arredondada. . . Havia algo de sentimento oriental nas feições e na composição, embora eu não acredite que a pessoa fosse oriental.

(Ele estava a sorrir diretamente para mim, um sorriso muito gentil e compassivo. A sua expressão era muito simpática. Tinha uns lábios largos, recortados profundamente nos cantos sob as maçãs do rosto. A característica mais marcante eram os olhos. Eles eram brilhantes, não muito abertos, e ainda assim estavam cheios de lágrimas. Não havia

lágrimas nas suas bochechas. Havia também pequenas luzes, ou cruzes brancas, centradas em cada pupila; estas, juntamente com as lágrimas transbordantes e o sorriso, formaram um efeito mais impressionante e invulgar. . .Toda a atitude foi compassiva, compreensiva e triste.

(A cor era bastante monocromática nesta visão, quase um cinza acastanhado geral na cabeça. As feições não me lembram de ninguém que eu conheça, embora haja uma semelhança entre elas e um desenho a tinta-da-china a preto e branco que tenho à venda na galeria onde a Jane trabalha à tarde. Sinto que este desenho é um dos meus melhores e tenho a esperança bastante secreta de que não venda, pois gostaria de o preservar.

SESSÃO 47

24 DE ABRIL DE 1964

(Na tarde da última quarta-feira, 22 de abril de 1964, o Jim Beckett visitou-me brevemente. Ele é um técnico de assistência a computadores, que a Jane e eu tínhamos conhecido apenas duas ou três vezes há alguns meses, antes de as sessões começarem. Ficámos a conhecê-lo quando ele era técnico de reparação de televisores. Ele é também operador de rádio amador e fã de ficção científica; assim, nós os três entendemo-nos bem desde o início, quando conhecemos o Jim ao vir prestar assistência à nossa TV. Mas depois desse primeiro contacto não o voltámos a ver, e muitas vezes perguntámo-nos o que lhe teria acontecido.)

(O Jim visitou a Jane na galeria e ela convidou-o a vir a casa na sexta-feira à noite para podermos falar sobre o Seth. O Jim queria também falar-nos de dois amigos dele que tinham andado a fazer alguns testes de telepatia com pessoal do laboratório de parapsicologia da Universidade de Duke. O Jim tentaria trazer um dos amigos na sexta-feira. O Bill Macdonnel, a testemunha da 46.ª sessão, também estaria presente.)

(O amigo de o Jim não pôde vir, mas o Jim, o Bill, a Jane e eu começámos a falar sobre o Seth por volta das 19:30 de sexta-feira. Falámos também da carta de 23 de abril, recebida hoje, da A.S.P.R., a pedir-nos que deixássemos de enviar cópias destas sessões a menos que contivessem informação específica sobre os testes prometidos por o Seth. A Jane e eu sentimos que não podemos apressar o desenvolvimento dela, nem temos qualquer desejo de o fazer; por isso a carta deixou-nos um pouco desorientados; acabámos por decidir deixar os acontecimentos seguir o seu curso e enviar à A.S.P.R. quaisquer dados em que pudessem estar interessados, quando, se alguma vez, se manifestassem.)

(O Bill quis ouvir de novo a transcrição da 46.ª sessão, da qual foi testemunha; como eu ainda não a tinha dactilografada, comecei a lê-la a ele. Foi bastante hilariante e rimo-nos com aquilo; mas, quando terminei a leitura por volta das 21:45, apercebi-me de que estava a sentir uma sensação de alargamento no indicador e no dedo médio da mão direita. O Bill afirmou que, na opinião dele, esses dois dedos estavam visivelmente "mais gordos" do que os dois correspondentes da mão esquerda. Cortei então tiras estreitas de papel e pedi a o Bill que medisse e assinalasse a circunferência de cada dedo, planeando verificar essas medidas quando a sensação passasse. Este é o sistema que tenciono usar para verificar também as mãos de a Jane.)

(No momento em que reparei no fenómeno da minha mão, o nosso gato o Willy começou a disparar pela casa numa atividade frenética. Ao mesmo tempo, a Jane disse que achava que sentia o Seth a agitar-se, já que todos nós tínhamos falado dele constantemente há algum tempo. Preparei as minhas canetas e papel, por via das dúvidas.)

(Mostrei então a o Jim e a o Bill os dois desenhos das minhas visões da noite anterior; fiz os desenhos esta tarde. O desenho da cabeça, com os olhos a transbordar, impressionou o Jim bastante. No seu modo calmo, ele disse que o desenho lhe era muito perturbador, e mencionou isso várias vezes depois de eu os ter guardado. Tanto o Jim como o Bill acharam o outro, da rapariga e do cão, bastante macabro. Aconteceu que ambos os desenhos ficaram bastante conseguidos; senti que tinha feito um bom trabalho ao pôr no papel a minha memória das visões.)

(Às 22:25, a Jane entregou-me abruptamente papel e lápis e apontou para a mesa. Eu tinha, no entanto, o meu próprio material à mão e agarrei-o. A Jane começou então a ditar com uma voz forte e um pouco mais grave, caminhando de um lado para o outro com energia. Foi a primeira sessão com mais de uma testemunha. Note-se também que, no fecho da 46.ª sessão, o Seth tinha observado que "falaria convosco na segunda-feira, se não antes".)

"Vou falar brevemente para saberem que estou aqui. Tenho ouvido as vossas discussões; antes de terminarmos, reuniremos um círculo de conhecidos, todos aqueles que já conhecemos antes.

"Levará pelo menos três anos até que todos sejam atraídos para aqui, mas então poderemos realmente fazer alguma coisa, e o nosso trabalho mostrará resultados inauditos.

"O vosso convidado desta noite não veio ao vosso conhecimento por mero acaso, embora o livre-arbítrio opere, como tenho defendido. Não obstante, o Roarck, R-o-a-r-c-k, tem também as suas memórias subconscientes, e ele lembra-se das vezes em que estivemos juntos.

“Nem é coincidência que o desenho que fizeste como resultado da tua visão o tenha impressionado tão fortemente. Roarck é o nome do vosso conhecido; é o nome da entidade de o Jim, e sobre isto terei mais a dizer.

“As habilidades dele na área da eletrónica não são nada surpreendentes, tendo sido desenvolvidas de várias maneiras em existências anteriores. Ele esteve envolvido em cerimónias religiosas esotéricas e preocupado com certas experiências religiosas, científicas e psíquicas muito antes de o vosso continente estar civilizado. Ele foi sacerdote há 4.000 anos.

“Estas habilidades manifestaram-se de várias formas, e ele assumiu muitas vezes tarefas também de natureza sacrificial. Em vidas passadas ele nunca apreciou a natureza carnal de que tu, o Joseph, a Ruburt e o Mark fostes tão desmedidamente dotados. Ele foi, em quase todos os casos, uma personalidade estética, quatro vezes mulher; duas dessas vezes sacerdotisa, e uma vez como freira na Idade Média. A personalidade, em muitos aspetos, tem sido rígida, na medida em que o seu propósito foi tão inflexivelmente certo e severo que não permitia espaço para leveza ou divertimento.

“De novo, o padrão começa a revelar-se. A rigidez, embora favorável ao desenvolvimento da criatividade, também traz tentações, na medida em que um certo orgulho pode tornar-se psiquicamente estéril ou fechado sobre si mesmo. Contudo, nesta existência a personalidade abriu-se em grau mais considerável, e para o seu próprio desenvolvimento deve continuar a fazê-lo.

“Esta sessão está fora das nossas sessões regulares porque soube que o Roarck acabaria por ser atraído para aqui, e é em benefício dele que convoquei a sessão. Haverá outros que virão. Não considerem, porém, que vós próprios tendes a verdade na palma da mão.

“A verdade não contém distorções, e este material, com todos os meus melhores esforços e com os vossos, por necessidade tem de conter distorções apenas para conseguir existir no vosso plano. Nunca aprovarei uma atitude em que tu ou a Ruburt sustenteis que detendes a verdade não adulterada através destas sessões.

“Qualquer material, para existir no vosso plano, tem de certo modo de vestir a indumentária do vosso plano, e, na própria entrada no vosso plano, tem de ser um pouco distorcido. Tenho de usar frases com as quais as vossas mentes estejam algo familiarizadas. Tenho de usar o subconsciente de a Ruburt até certo ponto. Se eu não tirasse partido do vosso próprio sistema de camuflagem, então não seríeis capazes de compreender o material neste momento.

“Os dados interiores, até estes, têm de fazer a sua entrada através de alguma distorção. Devemos trabalhar sempre em conjunto, mas nunca me deveis considerar uma fonte infalível. Este material é mais válido do que

qualquer material possível no vosso plano, mas é, não obstante, até certo ponto condicionado pelos atributos de camuflagem do plano.

"Não pode haver rigidez aqui. Isto é uma experiência viva, vital e válida. Sugiro que todos façam um breve intervalo, e, se estiverdes de acordo, então continuarei por mais um pouco. Contudo, quero deixar claro que certamente não estamos a instituir um novo dogma. Façam, por todos os meios, o vosso intervalo."

(Intervalo às 22:45. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse que algo tinha deixado o Seth zangado esta noite; achava que tinha a ver com a nossa atitude e comentários depois de termos recebido a carta da A.S.P.R.)

(O Jim relatou que sentiu arrepios fortes quando a sessão começou, e que ainda os sentia em menor grau durante o intervalo. Quando a Jane recomeçou a ditar, a voz dela estava tão forte como antes, e igualmente enfática. Retoma às 22:50.)

"A Ruburt tinha toda a razão. Achei as atitudes de ambos, mais cedo esta noite, extremamente presunçosas. É-vos fácil culpar outros por não terem o conhecimento que vós obtivestes até agora, quando esqueces que tive muito a ver com a escolha de quem receberia o conhecimento. A situação e o tempo e o crescimento das vossas próprias capacidades tiveram algo a ver com isto. Embora eu certamente não seja dado à humildade, a vossa presunção é, no entanto, verdadeiramente astronómica.

"Vós não sois, afinal, ídolos automaticamente brindados com conhecimento cósmico, e o resto da humanidade em luta não deve ser tratado como imbecil, seja ou não imbecil."

(A Jane bateu na mesa, embora sorrindo.)

"Tudo isto envolve treino. Envolve disciplina, e depois há liberdade. A natureza estética inerente à personalidade de o Roarck vai equipá-lo para acompanhar muito bem. Que ele também leve a peito o meu pequeno sermão sobre humildade. O Mark pode esquecê-lo. A personalidade dele precisa de toda a robustez que conseguir.

(Recorde-se que o Mark é o nome que o Seth deu à entidade de o Bill.)

"Disse que o universo, isto é, o universo interior, se expande, mas não se expande no espaço. Para benefício de o Roarck: ideias, teorias, planos, capacidades expandem-se, mas não ocupam mais espaço. E assim o universo se expande, mas o espaço é apenas uma camuflagem, útil para vós por um tempo, construída através do uso de enzimas mentais, subconscientemente e apenas por um breve lapso.

"Por detrás da camuflagem existe a verdadeira realidade. Dei a entender experiências a realizar, e vamos avançar para elas. Através do uso de regressão de idade e hipnose, sereis capazes, com esforço e disciplina, de provar a existência da reencarnação. Registos serão encontrados.

"A hipnose é, na melhor das hipóteses, uma ferramenta pobre. Um estado de transe ligeiro, autoinduzido, pode produzir excelentes resultados num sujeito treinado nestas linhas. Mais tarde entraremos noutras experiências. Como disse, a chamada viagem espacial estará principalmente separada de veículos, e o uso do tempo psicológico é o primeiro passo nesta direção.

"As barreiras são vossas. As barreiras são camuflagem. É ridículo desenvolver veículos de camuflagem para lidar com espaço de camuflagem, quando tudo o que é necessário é que reconheçais que camuflagem é camuflagem. Portanto, a barreira desaparece. Teremos muito mais a dizer nestas linhas. Quando compreenderdes que o tempo, tal como o conheceis, não existe, então os veículos tornam-se desnecessários."

"O Roarck, numa das suas existências passadas, ocupou-se precisamente de tais problemas. No entanto, a sociedade com a qual ele esteve envolvido estava, claro, imersa na sua própria ignorância, tal como a vossa sociedade está imersa na sua agora.

"Não vou manter uma sessão longa. Isto é apenas uma introdução e, já agora, dou as boas-vindas a o Roarck à sessão. Haverá mais por vir, e muitos acontecimentos parecerão tão acidentais como a vinda de o Roarck ao vosso lar.

"Fico satisfeito por o Mark estar a seguir as minhas sugestões. Professores estão algures perto da sala onde o quadro dele deverá ser encontrado.

"Aquela sala é extremamente grande. Há som de atividade. O quadro, creio, esteve em tempos entre duas paredes. Algures por perto há a cor vermelha, talvez num linóleo. O quadro não está danificado, embora me pareça ver duas pequenas marcas no canto inferior esquerdo.

"Se estiveres com disposição, o Joseph, podes subtrair os minutos da sessão de hoje à tua próxima sessão. Contudo, pessoalmente eu acharia isso algo mesquinho."

("Nunca me ocorreu.")

"Alguma noite falarei para muitas pessoas, todas as quais me conheceram, e muitas das quais se conheceram entre si. Quando as capacidades de a Ruburt amadurecerem, e quando — se alguma vez — ela for capaz de esquecer esse formidável ego, então sim, mostraremos alguns sinais. Originalmente eu não era a favor de exibições chamativas. Contudo, a vossa preciosa Sociedade Psíquica fez-me sentir vontade de lhes dar um bom pontapé.

"Como esta é uma sessão não agendada, não vos vou reter, mas estou extremamente satisfeito, tanto porque o Mark lá conseguiu finalmente comparecer a uma sessão na outra noite — finalmente, depois de saber sobre as sessões há meses — como porque o Roarck foi enfim atraído para

aqui. Como nota de rodapé, o Roarck, vieste cedo demais da primeira vez. Eu ainda não estava pronto.

"Agora, antes que a mão de o pobre e difamado Joseph caia por pura fadiga, vou terminar a nossa breve sessão, como sempre com os meus próprios pesares."

("O que é que vais fazer agora, o Seth?")

"Estás a tentar apanhar-me. Eu não 'faço' nada nos termos a que te referes, e as minhas atividades apenas paralelizam as vossas de modo muito ligeiro. Há uma qualidade de existência-valor e de extensão com a qual não estais familiarizados, e uma pulsação que ainda não vos consigo fazer compreender."

("Porque é que tive algum aumento na mão antes de esta sessão começar?")

"O vosso gatinho soube, ou sentiu, que eu estava aqui. Tu sentiste-o, daí o inchaço das tuas mãos, que é apenas um sintoma do funcionamento de um sentido interior particular. O Roarck soube-o quando viu o teu desenho."

("Qual é o significado desse desenho para ele?")

"O quadro que tu fizeste foi o resultado de uma visão que recebeste na noite passada, e, meus caros amigos, o quadro representa duas coisas. Sugiro um breve intervalo e, depois, entrarei no significado do quadro."

(Intervalo às 23:15. A Jane estava totalmente dissociada. O Jim sentia-se agora mais confortável, os arrepios dele tinham abrandado; a minha mão estava bem; e o Bill tinha uma lista de talvez duas dúzias de casos em que ele soubera de antemão que sequência de palavras a Jane usaria para apresentar certas ideias. As frases tinham três e quatro palavras.

(O Bill estava também curioso por saber porque tinha escrito, nas suas próprias notas, que o Jim fora em tempos um monge; ao passo que o Seth afirmara que o Jim tinha sido uma freira, na Idade Média.

(A Jane manteve a sua voz forte e vibrante quando recomeçou às 23:20).

"O quadro é um composto de duas imagens que dizem respeito a o Roarck. Tu sabias conscientemente que ele vinha, e, na tua visão interior, viste muitas coisas e fizeste delas uma imagem. Os olhos a transbordar de lágrimas representam os olhos dele, como tantas vezes foram: estéticos, compassivos e subjugados. O rosto a rir, porém, representa outra coisa. Representa a entidade global de o Roarck—

(Aqui, a Jane riu-se e apontou repetidamente para o Jim Beckett. Ao mesmo tempo, senti na pernas a minha sensação familiar — o formigueiro emocionante do som — começar a intensificar-se. Nunca se tornou proeminente, mas persistiu durante alguns minutos.)

—“a rir, devo dizer, numa alegria transbordante perante essa natureza estética das suas próprias personalidades, que tantas vezes fecha a porta à alegria e à liberdade, e aos prazeres da natureza no vosso plano.

“Aqui temos a entidade global de o Roarck, a rir com júbilo mas também com compaixão, pois, enquanto a entidade desfruta de tudo o que é, as personalidades têm frequentemente virado as costas a muita coisa, a fim de perseguirem um propósito estético. Noutra altura aprofundaremos isto, mas o Roarck reconheceu o quadro e, subconscientemente, viu-se a si mesmo. De muitas maneiras, ele e o Mark têm personalidades opostas e, no entanto, basicamente as entidades são semelhantes em grau surpreendente.

“Há muito mais a dizer aqui. Mesmo agora, até ao quase presente imediato, o Roarck seguiu nesta vida a sua inclinação estética. Escolheu nascer em circunstâncias bastante pobres e, até ao presente recente, fez poucas tentativas reais — ou, melhor, eficazes —, apenas tentativas a meia-força, para procurar melhores condições para a sua personalidade atual. Ele não foi filho único, e no entanto sentiu-se filho único.

“Há uma forte inclinação para a proteção na personalidade dele. Isto é parcialmente saudável e parcialmente resultado de medo da parte dele. Espero que ele assista a uma sessão regular. Ele também esteve na Mesopotâmia.

“O Mark tomou a palavra freira por monge, porque conheceu o Roarck quando o Roarck era sacerdote, e substituiu monge, na verdade, por sacerdote.

“O desejo de descoberta e a capacidade de criar são fortes em todos vós, e também noutros que virão aqui. De várias maneiras tendes lutado com realidades psíquicas; e o Mark e o Roarck estão também envolvidos com considerações práticas envolvendo mulheres, tal como dantes a Ruburt esteve envolvida com o Walter dela, e tu, o Joseph, também estiveste envolvido.

“Tu e a Ruburt resolvestes esses problemas. O Mark e o Roarck ainda têm de resolver os deles. Por uma questão de cortesia, sugiro que façais um intervalo ou encerreis a sessão, como preferirdes. Como sempre, quando digo que vou terminar uma sessão, acho difícil fazê-lo.”

(“Muito bem, então, veremos te na segunda-feira, o Seth.”

(Fim às 23:40. A Jane estava dissociada como de costume. O Bill recebeu uma frase de nove palavras de a Jane durante a transmissão, antes de ela a pronunciar. Ele deu-me as suas notas para incluir no registo. O Jim declarou que a informação pessoal sobre ele estava correta, embora nem a Jane nem eu tivéssemos conhecimento dessas coisas, tendo-nos encontrado com ele apenas brevemente em algumas ocasiões há meses.

(O Bill anunciou que, com a informação que o Seth deu nesta sessão e na anterior sobre o quadro desaparecido de o Bill, ele vai começar uma lista — em tela — das escolas da zona, na tentativa de o localizar.

(Como o fenómeno da minha mão tinha entretanto desaparecido, fiquei curioso por verificar as medidas dos meus dedos agora, face às que o Bill fizera antes. O indicador da minha mão direita conferiu aproximadamente a mesma circunferência — 2 ". O meu dedo médio, no qual eu mais notara a sensação de aumento, tinha medido 2 " à época; a sua circunferência agora conferiu 2 ", para uma diminuição de th de polegada.

(Este material é incluído aqui porque é tratado com alguma extensão na sessão seguinte, a 48.ª.

(Esta noite, segunda-feira, 27 de abril de 1964, tive uma experiência muito estranha.

(Às 20:30, a Jane e eu tentámos o tempo psicológico, antes da sessão marcada para as 21:00. A Jane deitou-se no sofá da sala de estar; eu usei a cama no quarto ao lado do meu estúdio. Estava muito quieto e pacífico, e lá fora já quase escuro.

(Deitei-me sem me concentrar em nada em particular; disse a mim mesmo que me sentia leve e relaxado. Como estava a usar a palavra "leve" pela primeira vez nestas experiências [com uma ideia algo indefinida de levitação em mente, depois das tentativas de a Jane], disse também a mim mesmo que não tinha medo. Repeti estas poucas palavras algumas vezes, mas não creio ter-me colocado em qualquer tipo de transe, embora, na altura, me tivesse precavido lembrando-me de que poderia sair disso quando quisesse.

(Durante algum tempo, tentando manter um estado de espera natural e agradável, não tive resultados. Depois, surgiu uma experiência. E, de novo, embora tivesse uma duração definida, acabou antes que eu conscientemente compreendesse o que tinha acontecido. Foi exatamente como experimentei as duas visões de 23 de abril de 1964, descritas na página 39.

(Desta vez, encontrei-me de pé na ombreira da porta de um edifício de escritórios na cidade de Nova Iorque. Não sei em que piso ficava, exceto que era pelo menos vários andares acima. Não era um escritório onde eu alguma vez tivesse estado, mas era ao lado de um escritório que eu costumava visitar ocasionalmente quando a Jane e eu vivíamos em Tenafly, NJ, e eu trabalhava como freelancer, artista, em NYC. O prédio podia ser o edifício de escritórios do Carnegie Hall, ou um muito próximo do Carnegie Hall, na 57.ª Rua. Não me lembro do número da rua. O editor para quem eu trabalhava ocasionalmente era o Charles Biro; a época era por volta de 1955. Não sei se ele ainda está lá, ou o que lhe aconteceu, por não o ver desde então.

(A entrada dos escritórios de o Charles Biro ficava no fim de um corredor, segundo me lembro, e a porta do escritório anónimo que visitei esta noite é mesmo ao lado. Esta noite, eu estava de pé, do lado de dentro dessa porta aberta. À minha esquerda havia uma janela estreita de desenho vertical, com caixilharia de alumínio ou aço inoxidável. Olhando por essa

janela, que teria talvez apenas sessenta centímetros de largura, pude ver um corrimão brilhante de alumínio ou aço, e que, mesmo que alguém conseguisse saltar ou cair por essa janela, havia a segurança de um parapeito de pedra talvez três metros abaixo. Era de dia.

(À janela, conforme eu olhava na sua direção, vi uma rapariga. Ela tentava abrir a janela, que creio ter sido concebida para bascular para dentro, talvez em duas partes, uma metade superior e uma metade inferior.

(A rapariga estava de costas para mim. Ela tinha cabelo preto comprido e brilhante, era bastante esguia e elegante, e vestia uma blusa amarela sem mangas, de tecido sedoso, que parecia esvoaçar e cintilar com reflexos iridescentes, como se houvesse brisa. Pensando melhor, creio que a metade superior da janela estava aberta; parece-me recordar ter visto o braço esquerdo de a rapariga pousado sobre a aresta superior da metade inferior ainda fechada.

(A rapariga lutava para abrir a janela. Ela nunca me viu, nem eu falei com ela. Nunca me ocorreu tentar fazê-lo.

(Pensei comigo: "Ora, ela está com dificuldade nessa janela, mas eu vou abri-la por ela. E não só isso, vou fazê-lo ficando exatamente aqui — por poder mental. Ela vai ficar surpreendida." Os meus pensamentos reais aproximar-se-iam bastante deste diálogo.

(Contudo, nunca saí do meu lugar, mesmo dentro da ombreira da porta do escritório. Não vi mais ninguém e não me lembro de mais nada do próprio escritório. Parece-me que observei a rapariga a lutar com a janela durante alguns segundos — certamente tempo suficiente para a visão ter uma duração definida e mensurável. Nunca cheguei a abrir-lhe a janela.

(Depois "voltei a mim" na cama, sentei-me e vi que eram 20:45. Enquanto observava a rapariga, não tive qualquer sensação, ou memória, ou consciência de estar deitado na cama. Fui para a sala de estar para descrever imediatamente a experiência a Jane).

SESSÃO 48

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Após a nossa sessão improvisada da outra noite, não sabia se estarias à minha espera esta noite, depois do esforço adicional que a digitação implicou.

("Já terminei de digitar.")

Parabéns. Na verdade, a minha intenção era conceder-te uma noite de descanso; no entanto, teremos uma sessão breve. A menos, é claro, que prefiras descansar — nesse caso, tal seria inteiramente merecido.

("Não, estamos bem.")

A noite está extremamente agradável e, depois de termos tido um total de duas testemunhas numa sessão anterior, esta parece ser um encontro particularmente íntimo e sereno. A vossa experiência desta noite representa um avanço, e por isso felicito-vos. Com o tempo, conseguirão manter a estabilidade dessas viagens. Estamos apenas no início.

Em situações como esta, em que a estabilidade pode ser sustentada, tentai, sempre que possível, estabelecer contacto com qualquer pessoa que encontrardes. Esta noite, por exemplo, viste a jovem na janela. Se conseguires falar com aqueles que encontrares, pede-lhes que escrevam para ti, fornecendo-lhes o teu endereço residencial.

(Este método simples, é claro, não me ocorrera. No entanto, assim que Seth o mencionou, pareceu-me evidente. O facto de ter feito uma viagem foi para mim surpreendente – não tinha interpretado a minha experiência dessa forma.)

("Por que não vi o rosto da jovem?")

Levará algum tempo até que consigas sustentar a experiência durante o tempo suficiente para estabelecer esse contacto. No entanto, se possível, apresenta-te pelo teu próprio nome e fornece o teu endereço, pedindo-lhes que te escrevam. Isso contribuirá para a validade da experiência.

Não viste o rosto da jovem simplesmente porque ela estava de costas para ti. Se tivesses conseguido falar com ela, é provável que se tivesse virado. Não sei dizer se estavas fisicamente presente no momento em que a avistaste, pois há muitas variáveis envolvidas. A viagem da tua própria essência deve ser alcançada primeiro. Existem diferentes formas de essa jornada ocorrer.

Em alguns casos, ao viajar através da essência da personalidade, qualquer contacto será de natureza telepática, e um observador físico não veria nada, pois os sentidos externos não registariam essa presença.

("Essa ocorrência não assustaria o observador?")

Não, no caso referido.

Outro método, um pouco mais complexo, envolve a difusão de energias. Nesse processo, um corpo secundário de camuflagem parcialmente visível pode aparecer no novo local, enquanto o corpo original permanece na sua posição habitual.

Neste caso, o corpo original permaneceria visível na cama, enquanto um corpo idêntico surgiria no local para onde a essência da personalidade tivesse viajado. Se isso acontecesse, um observador nesse novo local veria o que pareceria ser um ser humano comum. A conversa poderia então prosseguir normalmente.

Existem diferentes graus de materialização. O corpo secundário poderia parecer absolutamente normal em todos os aspetos ou, dependendo da habilidade do viajante, poderia apresentar-se de forma mais etérea. Esta noite, tiveste um desempenho notável.

("O Jim pode dizer-nos algo sobre a jovem? Ele viu-a?")

A jovem era apenas uma secretária, que se encontrava perto da janela, a caminho de outro escritório.

("Acertou na localização do escritório?")

Sim.

Sempre que praticares o uso do tempo psicológico, fortalecerás as tuas capacidades, ainda que os resultados nem sempre sejam imediatamente percetíveis. Há um processo de condicionamento envolvido, tal como em qualquer outra aprendizagem. No entanto, este representa um dos teus melhores desempenhos até agora e, com certeza, continuarás a melhorar. Demonstras uma predisposição natural para essas experiências e possuis uma disposição interior para a experimentação, o que muito te beneficiará.

("É possível escolher os locais que irei visitar?")

Sim, é possível selecionar os locais que desejas visitar. No entanto, não sei se já possuis a capacidade de realizar viagens intencionais de forma consistente. Ainda assim, estás mais avançado do que eu previa, pelo que essa possibilidade pode já estar ao teu alcance. Em todas essas ocasiões, tenta estabelecer algum tipo de contacto, sempre que possível. Contudo, não desanimes se tal não for imediatamente alcançado. As tuas habilidades, assim como as da Jane, variam naturalmente, e pode acontecer que tenhas um talento excecional nesta área específica.

Quando tentares visitas propositadas, escolhe, se possível, pessoas com quem tenhas uma relação próxima. Assim, caso te materializes por completo, elas reconhecer-te-ão e seguirão quaisquer instruções que lhes possas dar. Mesmo que não possas fornecer instruções diretas, se a materialização ocorrer, essas pessoas saberão que foste tu e, provavelmente, escrever-te-ão a relatar a experiência. Este é um ponto importante a ter em consideração.

No futuro, considera ainda outra possibilidade: a de trazeres de volta um objeto do local para onde viajaste, como prova da experiência. Embora

seja extremamente difícil, tal feito não é impossível. A principal razão pela qual estas ocorrências são tão raras é o facto de a essência da personalidade ainda se sentir incapaz de libertar-se da crença na estruturação do tempo e do espaço. Para que tais feitos sejam possíveis, não basta acreditar que são alcançáveis – deves estar profundamente convencido de que tu próprio os podes realizar. Além disso, deves também treinar para aperfeiçoar as tuas habilidades.

O fracasso pode advir de qualquer um destes factores. Uma certa suspensão daquilo a que se poderia chamar *lógica convencional* é necessária antes que tais proezas possam ser realizadas com sucesso e de forma suficientemente definida para que sejam aceites como prova científica. Antes que essas manifestações possam ocorrer com regularidade, é necessário dar um salto emocional e psíquico. Só então poderás olhar para trás e reconhecer as ligações que unem esses acontecimentos.

Quando esse entendimento se consolidar, poderás indicar esses caminhos a outros. Isto é de extrema importância. Sempre deve haver pioneiros. À medida que fores aprofundando essas experiências, irás deparar-te com diferentes gradações e variações, que acharás particularmente interessantes. Se, durante essas viagens, te encontrares num local desconhecido, procura sinais ou pontos de referência. Inicialmente, a singularidade da experiência pode fazer com que te esqueças de detalhes relevantes. No entanto, uma descrição precisa de uma cidade estrangeira que nunca visitaste antes seria, obviamente, inestimável.

Se ouvires pessoas a conversar durante essas experiências, lembra-te de prestar atenção ao que estão a discutir e ao idioma em que falam. Agora, estou a referir-me à probabilidade e não a uma possibilidade imediata. No entanto, não é impossível viajar, aparentemente, tanto através do tempo como do espaço. Digo “aparentemente” porque essa viagem tem, na realidade, pouco a ver com transporte no sentido convencional.

Dado que tanto o espaço como o tempo são construções de camuflagem, falar em viajar através deles é, no fundo, desprovido de significado. O que está verdadeiramente envolvido neste processo é uma transformação de energia e, no vosso plano, uma extensão da essência da personalidade, permitindo uma ampliação da perceção. Explicarei isto com maior clareza posteriormente.

O transporte é apenas uma ilusão. Em termos fundamentais, no contexto da vossa dimensão, o corpo parece surgir num novo local, mas não percorre um trajeto entre dois pontos, como um veículo faria. Há, sim, uma transformação de energia que ocorre simultaneamente em dois locais distintos.

O tempo, tal como o conheces, é simplesmente ignorado neste processo. Não é necessário um período de deslocação para viajar de Elmira

para Nova Iorque quando utilizas os sentidos internos. Nesses momentos, estás simplesmente a operar numa dimensão diferente.

O tempo psicológico, como já referi várias vezes, aproxima-se grandemente do ambiente no qual existo e no qual também existes, ainda que inconscientemente. A experiência com o tempo psicológico e a familiaridade contínua com ele ensinar-te-ão mais sobre as realidades fundamentais da existência do que qualquer explicação verbal poderia oferecer.

A morte, num primeiro momento, parece um estado psicológico. Há um período em que a consciência retém a ideia do tempo linear antes de alcançar plena liberdade, e um breve intervalo antes de uma nova orientação ser possível.

O uso do tempo psicológico tornará a experiência da morte consideravelmente menos assustadora. Ao praticares essa perceção expandida, aprenderás a reconhecer a vastidão do presente, compreendendo-o pelo que realmente é. Assim, o ego consciente não se sentirá tão desnorteado e confuso perante a perceção repentina da nova realidade que se apresenta.

Pouco antes da morte, a atemporalidade — ou "o presente expandido" — começa a ser percecionada. É precisamente porque o ego está tão ligado ao passado que, nesse momento, ele o vê emergir. O ego tem, de facto, a capacidade de vislumbrar o futuro, por assim dizer, mas, enquanto se mantém assustado e na tentativa de preservar o controlo, opta por ver apenas uma parte do que é possível. Assim, momentos antes da morte, escolhe, na maioria dos casos, refugiar-se no passado.

Sugiro que façamos uma pausa.

(Pausa às 22h00. A Jane encontrava-se dissociada, como sempre. Geralmente, leva até ao segundo intervalo para alcançar uma dissociação completa, segundo ela própria referiu.)

No entanto, algo diferente aconteceu quando começou a ditar novamente. Estava sentada na nossa cadeira favorita – a cadeira de baloiço Kennedy. Em vez de se levantar e caminhar, como habitualmente fazia, começou a ditar enquanto permanecia sentada. Os olhos permaneceram fechados, e balançava suavemente para a frente e para trás, falando com voz normal. Como este procedimento era distinto do seu habitual, observei-a atentamente, ponderando se, caso parecesse estar a entrar num estado de transe mais profundo, seria prudente interromper a sessão. No entanto, em nenhum momento tive essa perceção. Disse que esta seria uma sessão breve.

Até que aprendas — e estás a aprender — a reabastecer as tuas energias psíquicas, experiências como a desta noite deixar-te-ão com algum cansaço. Isso não é necessário, mas, no início, receio que seja inevitável.

Estás a utilizar faculdades que nunca usaste antes, e levará algum tempo até que te habitues a esse processo.

A sessão extra que realizámos pode não ter sido a melhor ideia, do meu ponto de vista, embora, por várias razões, tenha querido promovê-la. No entanto, não é minha intenção causar-te fadiga. Sempre que convocar uma sessão não programada por qualquer motivo, procurarei compensá-la encurtando a seguinte sessão ou, consoante a sua duração, cancelando a seguinte.

Uma nota sobre a Jane:

Ela encontra-se em boas condições.

O facto de lidar com manuscritos deixa-a, frequentemente, impaciente e, especialmente nesta altura do ano, isso afeta o seu equilíbrio químico. No entanto, está a aprender a controlar esse impacto até certo ponto – e, por isso, deverias estar grato. Menciono isto apenas para aliviar as tuas preocupações sobre o assunto.

Estou muito satisfeito com o teu progresso, Rob, e espero que continues a avançar. Talvez, um dia, tragas um punhado de areia de uma praia da Flórida. Talvez não em quantidade suficiente para criares a tua própria praia, mas, ainda assim, um punhado sobre a mesa da sala já seria uma grande conquista.

("Eu estava a perguntar-me...")

(A Jane continuava a balançar tranquilamente.)

Estou a experimentar algo novo com a Jane durante alguns minutos, e parece estar a funcionar bem. Antecipo uma sessão excelente e completa na quarta-feira.

Não pretendo, de modo algum, sobrecarregar-te com registos adicionais, especialmente porque os teus próprios experimentos exigirão um acompanhamento mais detalhado.

("A minha mão inchada no início da noite foi um sinal da tua presença?")

Pouco depois do jantar, aproximei-me brevemente, sem ter decidido ainda se iria ou não conduzir esta sessão, considerando a sessão extra que realizámos. Ainda temos muito material a ser explorado. No entanto, esta noite quis focar-me na tua própria experiência e oferecer-te os meus comentários e encorajamento. Aliás, deves adquirir as tuas vitaminas e tomar regularmente a dose diária recomendada. Ambos estão a consumir uma grande quantidade de energia nestas sessões. Embora estejas a aprender a utilizar um tipo de energia distinto do habitual, isso também requer tempo para ser aperfeiçoado — e as vitaminas auxiliarão nesse processo.

("A Jane riu-se novamente. Ainda estava a balançar.")

Devo admitir que senti alguma culpa por te ter imposto esta sessão numa noite que deveria ser de descanso. No entanto, foram alcançados

progressos e, por isso, permitirei que termines mais cedo esta noite. A energia que utilizas nestas sessões e nos teus próprios experimentos não precisa de provir inteiramente de ti. Já estás a recorrer a outras fontes de energia, mas esta é também uma habilidade que estás a desenvolver. A regeneração ocorrerá quase automaticamente, e esse processo já está a acontecer, até certo ponto.

(Neste momento, os olhos da Jane abriram-se. Parecia perfeitamente consciente. Continuou sentada enquanto a sessão era encerrada.)

Sugiro que terminemos por aqui. Em suma, avançámos um pouco mais com esta sessão e com a sessão não programada.

("Boa noite, Seth.")

(Fim da sessão.)

A Jane referiu que, enquanto estava na cadeira de baloiço, experienciou um grau de dissociação mais profundo do que nunca, ainda que não tivesse alcançado um estado de transe completo. No entanto, não estava preocupada. Naquele momento, o seu pensamento foi que não tinha a certeza de como Seth iria induzir um estado de transe.

(Este tema é abordado brevemente na sessão 49.)

SESSÃO 49

29 DE ABRIL DE 1964

(Às 19:50, o Jim Beckett chegou para ser testemunha. Ele trouxe um amigo, o Jim Tennant, técnico de investigação em medições espectroscópicas e tabulação de dados, da Corning Glass, perto de Elmira. Ambos os Jims têm cerca de 25 anos, ambos têm aptidões em eletrónica, ambos são operadores de rádio amador.)

(Às 20:00, tentei o tempo psicológico, sem sucesso. Não consegui atingir aquele necessário estado de espera e serenidade que antecede o sono. A Jane tentou às 20:30, também sem resultados.)

(Pelas 20:55, a Jane estava nervosa como de costume, embora não por causa das testemunhas. Quando começou a ditar, a voz dela estava bastante forte e um pouco mais grave, mais do que o habitual. Ela manteve essa boa voz ao longo da sessão, portanto não será necessário voltar a mencioná-la. O caminhar dela era antes lento, os olhos escuros como de costume.)

"Boa noite."

("Boa noite, o Seth.")

"Fico satisfeito por o Roarck ter vindo a uma sessão regular, e também por ele ter trazido consigo um amigo, que tem sido amigo dele, embora não meu, em incontáveis ocasiões.

“Esta relação prolongou-se por três vidas sucessivas no que diz respeito a o Roarck e ao amigo dele. Eu não o conheci, nem tu, o Joseph.

“Ele esteve envolvido no período da Inquisição e, tal como o Roarck, ainda tem remanescentes de antigas rigidezes.

“Não obstante, no caso dele, uma natureza excessiva, fervorosa, sempre existiu e, mesmo agora, os entusiasmos dele são extremamente fervorosos e, embora uma personalidade exterior humorada mostre agora a sua face, não obstante a natureza extremamente autoritária e por vezes demasiado rígida mantém a personalidade presentemente dentro de limites.

“Os limites, em alguns casos, equivalem a grilhões. Ele é dado a fidelidades fervorosas e muitas vezes devia escutar os ditames da disciplina interior. A crueldade que ele infligiu a outros durante o período da Inquisição foi infligida com os mais puros propósitos. Ele acreditava firmemente que seguia os ditames de Deus. Mais crueldades foram levadas a cabo por homens de princípios do que homens sem princípios alguma vez sonhariam.

“A personalidade tentou reparar velhos erros, e conseguiu-o em grande medida, mas à custa de sacrificar a espontaneidade interior e até com o risco de perder os aspetos mais autoritários da sua natureza, de tal forma que ainda há tendência para seguir em vez de liderar; simplesmente porque, no período da Inquisição, ele estava numa posição de autoridade — ele liderou — e conduziu homens a atrocidades cometidas em nome nobre de princípio e religião. Por essa razão, embora ainda seja tentado a liderar, permite-se liderar apenas em pequenas coisas, não confiando ainda no julgamento que, em tempos, o traiu.

“Os interesses religiosos, portanto, repetem-se na personalidade presente, mas fazem-se esforços para ligar estas ideias ao mundo da chamada realidade. O interesse na perceção extrassensorial, o interesse na ciência e na religião — tudo isto representa esforços da parte dele para ligar várias das suas personalidades antigas e aprender com os seus erros.

“O Roarck conheceu-o bem durante o período da Inquisição e, novamente, numa vida imediatamente passada no Midwest do vosso país, assim como noutra existência. Não obstante, dou as boas-vindas ao vosso novo amigo às sessões, e ele é um daqueles de quem falei anteriormente.

“Não achei de grande utilidade fazer recapitulações durante as nossas sessões, particularmente porque virão novas testemunhas. Terá de haver algum método — e deixo isto a teu cargo, o Joseph —, algum método de pôr as testemunhas a par das sessões anteriores. Isto deverá ser tratado de alguma forma.

“Quero fazer uma observação em teu benefício, o Joseph. A experiência, durante o tempo psicológico, envolvendo a tua própria imagem junto a um corpo de água, foi uma experiência clarividente das

mais válidas, na medida em que ainda não visitaste esse local específico, e foi um vislumbre daquilo a que preferes chamar o futuro.

"Já expliquei demasiadas vezes que o tempo é uma camuflagem para voltar a isso agora. Não obstante, portaste-te bem, particularmente esta semana, nas tuas experiências, e o teu progresso deverá ser razoavelmente rápido a partir de agora."

("Podes dizer-me algo sobre a minha experiência de ver a rapariga maltratar o cão?"
(Ver página 39.)

"A rapariga era uma tua parente. O incidente ocorreu de facto em 1935. A parente vive agora na tua cidade. O cão não.

("Quem era a parente?")

"O nome da parente é a Ruth. Presumo que o nome te faça sentido. A Ruburt adora bloquear tais dados pessoais. No entanto, vejo que ela o deixou passar sem distorção. Bravo, a Ruburt. Eu poderia esperar que isto continuasse.

"Sugiro que façais um intervalo, pois há muito material que gostaria de abordar esta noite."

(Intervalo às 21:25. A Jane estava mais plenamente dissociada do que o habitual, para um primeiro monólogo.

(A minha confusão quanto ao nome da minha prima a Ruth derivou do facto de, quando o Seth se referiu a "a tua cidade", eu ter pensado em Sayre, PA, onde cresci, em vez de Elmira, a 18 milhas de distância, onde a Ruth cresceu. Em 1935 eu tinha 15 anos. Sendo a Ruth poucos anos mais nova, as dimensões físicas dela nessa altura corresponderiam de perto à rapariga que desenhei no meu esboço a tinta dessa experiência. Além disso, a rapariga que vi era loura, e a Ruth é loura.

(O Seth afirmou que o Jim Tennant é um dos elementos que ele espera reunir em torno de a Jane e de mim. O Jim T. relatou que, esta tarde, ao ser convidado por o Jim B. para assistir a uma sessão, sentiu distintamente o couro cabeludo arrepiar-se em três ocasiões separadas, levantando-se como se se fosse desprender. O Jim T. declarou que a mãe dele é bastante clarividente e que, muitas vezes, quando ele está doente, por exemplo, ela entra em contacto com ele antes que ele tenha tempo de a informar da doença.

(O Jim T. já foi locutor de rádio e discutimos maneiras de gravar as sessões, a par das minhas notas.

(A Jane retomou às 21:32)

"O vosso novo amigo pode ser chamado o Mareth, M-a-r-e-t-h, que é o nome mais adequado para a entidade dele. Percebeis que tais nomes são traduções, tal como, de facto, todo este material é uma tradução de realidades em padrões conceptuais, e de padrões conceptuais em palavras. É com as palavras, claro, que as distorções necessárias têm de ocorrer.

“Se o material há de ser compreendido por o ego, então tem de ser traduzido, no início, em termos que o ego seja competente para manejar — infelizmente. Os dados interiores, que serão e estão a ser recebidos, serão válidos, vívidos e existirão sem qualquer dúvida. Estabeleceremos planos para que todas as experiências fiquem documentadas.

“Não obstante, deve permitir-se alguma liberdade em relação a o ego, para que o eu interior possa operar com maior liberdade. Falei de testes e experiências que podem ser conduzidos e que darão resultados físicos que acabarão por ser aceites.

“Também disse que a viagem espacial, assim chamada, por necessidade se desviará da sua preocupação atual com veículos. Descobrir-se-á que os sentidos interiores representam o único método duradouro de tal viagem.

“Quando se entender que espaço e tempo são ambos camuflagens, e que a vossa teoria de causa e efeito é resultado de uma teoria de continuidade que já não faz sentido, então os vossos cientistas reconhecerão a impossibilidade de tentar decifrar a realidade básica com instrumentos — e veículos — de camuflagem, que por si mesmos produzem teorias distorcidas e apenas servem para sondar ainda mais um padrão de camuflagem.

“As experiências serão muitas. A hipnose, como mencionei, será uma ferramenta básica no início. A hipnose, veem, não é uma ferramenta de camuflagem, mas uma ferramenta psicológica que é, portanto, não camuflada e relativamente não distorcida.

“A hipnose será necessária, porém, apenas por um tempo e apenas para induzir o estado de transe ligeiro. No estado de transe ligeiro, o eu interior fica livre da natureza de camuflagem do vosso plano, e o aspeto verdadeiramente humorado é este: só libertando-vos do vosso próprio universo de camuflagem é que o podeis ver claramente, compreender pelo que é e realmente aprender a usá-lo para o melhor proveito de a humanidade.

“Quando forem conduzidos testes — e isto levará algum tempo —, mas quando, em laboratório, se usar o transe, o transe controlado e disciplinado, como ferramenta e instrumento, então muito rapidamente podereis mergulhar para além do material subconsciente pessoal até outras camadas.

“Já falámos destas outras camadas. Para edificação das nossas ilustres visitas, vou mencioná-las rapidamente. Por baixo do material subconsciente pessoal encontrareis dados, livres, que tratam de memórias raciais, o que será de grande benefício para os psicólogos e os sociólogos. Por baixo disto encontrareis material que diz respeito aos inícios da espécie como um todo; e, por baixo disto e ligado a isto pelas emoções, chegareis aos limites de o eu interior.

"Quando os testes forem feitos, o eu interior pode ser alcançado sem grande dificuldade. Os métodos a usar aqui já são-vos familiares, a ti, o Joseph, e a a Ruburt."

(Para dar ênfase, a Jane bateu com os nós dos dedos na mesa. Ao longo de todo este material ela falou com muita ênfase e usou muitos gestos.)

"Quando este material começar a coincidir, quando sob transe se receberem muitas das mesmas respostas, quando se descobrir que o conhecimento do universo básico está contido no indivíduo vivo e quando não houver dúvida de que as soluções dadas são as mesmas, então — e só então — começareis a resolver os problemas que tendes diante de vós.

"O transe ligeiro, repito, é necessário apenas por um tempo e, teoricamente, não é necessário de todo. A única necessidade aqui é permitires a ti mesmo não deslocar o ego, mas, mais, capacitar-te a olhar para dentro e para além de o ego.

"Há aqui mais alguns pontos, meramente material de ligação, que quero expor antes de avançar para uma discussão de experiências que devem, e serão, tentadas."

"Sugiro que façais um intervalo; e, numa destas noites, vou desmanchar-vos a todos, mas certamente havemos de guardar as peças. Talvez, entre todos nós, consigamos voltá-las a juntar de novo, de modo esplêndido."

(Intervalo às 9:55. A Jane estava totalmente dissociada. O Jim Beckett declarou que, a meio do monólogo, sentiu a presença de o Bill Macdonnel tão intensamente que esperou ver o Bill entrar pela porta. No entanto, o Bill não apareceu durante toda a noite. Lembrar-se-á que o Jim B. e o Bill foram testemunhas da 47.ª sessão. Foi a primeira vez que se conheceram, embora o Seth tenha afirmado que eles já se conheciam em vidas anteriores.

(A Jane retomou a um ritmo mais lento às 10:05)

"Expliquei-vos como o eu interior está ligado à personalidade presente e como as emoções, do vosso lado, ao atravessarem as camadas do subconsciente, começam no vosso plano como partes da personalidade e como parte do vosso campo de forças e, depois, são transformadas e tornam-se o conector de sentido interior que liga o ego exterior a o eu interior.

"Expliquei também como a energia é transformada e muda, adaptando-se ao padrão de camuflagem particular de qualquer plano dado. Agora, nestes testes, alcançareis o eu interior. Os resultados serão, então, válidos em termos físicos. As emoções são as extensões exteriores dos sentidos interiores e, por isso, é através das intuições e das viagens — a viagem pelos caminhos das emoções — que entrareis em contacto com o

eu interior e, portanto, podereis trazer de volta esta informação do mesmo modo.

"Os vossos visitantes ainda não estão familiarizados com o ego interior, e sugiro que os ponhais a par. O ponto a recordar aqui é que os resultados dos testes serão tão válidos que não serão ignorados, e, no entanto, a sua validade será diferente em qualidade. Lembrai-vos do que disse sobre a experiência psicológica. A experiência psicológica não tem realidade no espaço ou no tempo.

"Se confiásseis apenas no vosso chamado método científico, então não admitiríeis sequer ter tido uma experiência psicológica, já que ela não ocupa espaço e existe independentemente do tempo. No entanto, ninguém afirmará que uma experiência psicológica não tem validade. Uma experiência psicológica é tão válida que pode alterar o rumo, não só de uma vida, mas de muitas.

"Portanto, a prova nas nossas experiências será válida nos termos em que uma experiência psicológica é válida; e mais, porque pelos seus resultados ela se dará a conhecer. Na viagem espacial, por exemplo, não vos verão a voar pelo ar como alguma águia grisalha. A vossa viagem simplesmente não será através do espaço, uma vez que o espaço é uma camuflagem.

"Quando percebeis isto, então entram em jogo a nossa transformação de energia e a nossa mudança de estrutura molecular. Não há barreira de espaço a superar; há apenas uma transformação, antes de mais, da energia psíquica e, depois, porque estais no vosso plano presos a muitos conceitos de camuflagem, haverá uma reconstrução secundária de a imagem física.

"Nos vossos sonhos, quando o ego consciente está silenciado, vós frequentemente e continuamente operais esta transformação, e já abordámos este problema. O que nos preocupa é esta reconstrução — mas esta reconstrução em termos suficientemente duráveis para que a comunicação possa ter lugar.

"Mesmo nos sonhos, essa comunicação ocorreu; mas nós queremos muito mais. Queremos uma tal reconstrução física de a imagem, de modo intencional, num lugar e tempo determinados, no vosso plano. Isto está longe de ser impossível, mas requer disciplina e treino, juntamente com a liberdade que, cada vez mais, a Ruburt consegue trazer a estas sessões.

"No mundo do sonho, fazeis e realizais mais do que imaginais. Problemas de personalidade secundária que não podem ser assumidos pela personalidade na vida regular, por várias razões, são resolvidos, como sabeis. O que não percebeis, porém, é que essas imagens que todos criais têm uma existência independente do vosso conhecimento, uma vez criadas.

"Nenhum pensamento ou ideia é extinto, e todos seguem as leis que vos estou a expor. O crescimento de uma ideia não ocupa espaço. Expliquei que a teoria do universo em expansão contém erro crasso, pois o universo,

o universo real, está a expandir-se; mas expande-se em termos de realização de valor e nada tem que ver com expansão no espaço.

"Assim existem também as vossas imagens de sonho, do mesmo modo, e estais tão inconscientes da existência delas como estais da existência do vosso próprio subconsciente. Não sabeis como vos deslocais pelo chão. Não estais conscientes de cada respiração que dais. Sabeis que os vossos músculos se movem sem a vossa vontade. Sabeis que respirais e, do mesmo modo que executais saltos e funções fisiológicas, biológicas e mentais, assim criais também a realidade do mundo do sonho.

"Quis abordar isto porque posso provar-vos a existência desse mundo do sonho e a sua continuidade, sempre dentro do presente espaçoso. Deveis compreender a realidade psicológica, o tempo psicológico, a experiência psicológica e a existência onírica antes de poderdes aprender a utilizar muitas capacidades, pois, em todos os aspetos referidos, usais as vossas capacidades — isto é, os vossos sentidos interiores — a nível subconsciente.

"Aqui podeis ganhar o tato delas, para saberdes com o que estais a trabalhar. Estais sempre, constantemente, a transformar energia dos sentidos interiores em construções de ideias físicas. Quero que vos familiarizeis com o processo pelo qual realizais isto sem saber, para então poderdes executar as mesmas proezas com consciência própria.

"Sugiro o vosso intervalo e, se pareço estar a ignorar os nossos convidados, nunca fui muito dado a festas, embora tenha os meus momentos. Eles são extremamente bem-vindos, e eu esperava-os a ambos.

"Agora, antes que me esqueça por completo do vosso intervalo, sugiro que o façais."

(Intervalo às 10:35. A Jane *estava dissociada como de costume.* Ela *retomou às 10:46, continuando a usar uma voz forte.)*

"Já expus as razões subjacentes a estas sessões, e podem ser consultadas. Temos aqui um equilíbrio delicado e, no próprio equilíbrio delicado, reside o desenvolvimento e a libertação de energia. Mencionei antes que, numa experiência de sonho, no que toca aos sentidos, podeis visitar um local particular, experimentar uma certa duração temporal; e, no entanto, o local não existe nem pode ser encontrado no vosso espaço e, embora experimenteis, digamos, cinco horas de tempo no vosso sonho, isso ocupa talvez apenas um relâmpago de tempo de relógio, e o corpo físico não envelhece durante a experiência onírica psicológica em proporção à realidade psicológica efetivamente envolvida. Estais livres do espaço e, em grande medida, do tempo, no estado de sono, porque não estais a usar as vossas energias para transformar ideias em padrões físicos de camuflagem duradouros.

"Transformais ideias em padrões de imagem, mas eles não têm durabilidade nem continuidade no vosso plano. Possuem, porém,

durabilidade e continuidade noutro plano com o qual estais subconscientemente familiarizados. Essas imagens são tão independentes do vosso controlo consciente como os mecanismos internos do vosso próprio corpo físico estão para além do vosso controlo consciente.

"Essas imagens continuam a resolver problemas que lhes colocastes, do mesmo modo que resolveis problemas como personalidade presente, de uma encarnação para outra. Essas imagens de sonho têm também o seu próprio livre-arbítrio, dentro de limites. Expliquei a realidade por detrás de toda a arte. Expliquei que a energia aí contida é regeneradora e, embora contida dentro de certos limites, está constantemente ativa. O mesmo se aplica ao mundo do sonho e, nas nossas experiências, o mesmo também se aplicará.

"Estareis apenas a fazer o que sempre tendes feito, mas, com o auxílio de o ego, podereis provar a extensão do vosso feito. Se toda a gente no vosso plano de súbito acreditasse que o mundo físico iria terminar a uma determinada altura, então assim seria: simplesmente cessaríeis as vossas construções de ideias. Nas nossas experiências, portanto, teremos de começar com uma crença forte de que aquilo a que nos propomos pode, de facto, ser alcançado."

"Em muitos casos isto será desagradável para muitos, mas todas as construções físicas são transformações de energia tornadas manifestas como ideia, e depois construídas em realidade física. Sem a ideia não tens realidade física, e sem crença de que os nossos objetivos são possíveis, não haverá realização. A realização alcançada, porém, fornecerá então as suas próprias provas físicas.

"Comecei a expor as leis do universo da realidade interior. Contudo, neste momento não lhes acrescentarei mais, pois os vossos visitantes só ficarão confusos até estarem a par. Não obstante, disse que essas leis se refletem e seguem através de todos os planos de camuflagem e em todas as manifestações, e isto aplica-se também ao vosso mundo dos sonhos. Falei sobre fragmentos, tanto fragmentos de personalidade como outros, e estes também seguem as mesmas leis.

"Os vossos animais possuem um laço mais estreito por meio dos sentidos interiores. Lembrai-vos da nossa analogia de a aranha e de a teia. A teia existe tanto no tempo como no espaço, como todas as construções físicas. É por isso que disse que o vosso universo não existe da mesma forma que a teia, simplesmente porque ele não está preso ao espaço nem ao tempo. O universo expande-se, de novo, em termos de realização de valor, e de maneiras que os vossos sentidos exteriores não conseguem compreender.

"Os instrumentos de os vossos cientistas são em si mesmos distorcivos, e apenas vos permitirão sondar mais a camuflagem. O que precisais são de ferramentas e instrumentos livres de camuflagem. Os

vossos cientistas pensam em termos de ir para lá da atmosfera terrestre e assim evitar as distorções envolvidas.

"Eles não percebem que para lá dessa distorção está outra, e é dentro dessa que deveis viajar, e é com ferramentas interiores que deveis trabalhar. Terei mais a dizer sobre isto numa data posterior.

"No que toca a testemunhas, e no que toca a a esposa, sugeriria que vos encontrásseis noutra noite, quando uma sessão não esteja para começar, e deixar o assunto a cargo de a Ruburt. Quanto a mim, daria de bom grado as boas-vindas a outra jovem. Todavia, o que importa é a personalidade global e, como a Ruburt faz as sessões, deixarei a questão a cargo dela.

"É muito melhor, a longo prazo, avançar de forma calma e cautelosa. Eu não sou o Espírito Santo. Não peço nem exijo votos de pobreza, obediência e, certamente, não de castidade. Exigirei integridade em todos os momentos, e talvez, no fim de contas, esse seja o meu único requisito.

"É muito melhor que prossigais com segurança, com razoável confiança. Mas o entusiasmo excessivo pode conduzir ao fanatismo, e isso deve ser evitado a todo o custo. As duas testemunhas desta noite funcionaram muito bem. É possível que a esposa em questão também venha a funcionar bem, mas a abordagem a ela não deve ser demasiado apaixonada, pois isso seria um erro.

"Sugiro de novo um breve intervalo."

(Intervalo às 23:18. A Jane estava dissociada como de costume. A referência de o Seth dizia respeito a a esposa de o Jim Tennant. O pensamento de o Jim T. era que a esposa poderia tirar apontamentos em estenografia das sessões. Sendo ela bastante jovem, o Jim T. preocupava-se também com o interesse dela nas sessões, visto ela não ter tido tempo para desenvolver interesse em ESP.

(A Jane retomou a sua entrega vigorosa às 23:25)

"Todo este assunto há de ser determinado através de treino e de disciplina. Não vos darei sinais, nem farei truques para convencer quem quer que seja. O método está no texto. Os sinais que eu der nestas sessões serão para os meus próprios propósitos, e nunca serão meramente para exibição, mas pelo seu valor enquanto demonstrações didáticas.

"Não há caminho fácil que seja eficaz a longo prazo e, se pareço pesado a este respeito, é porque prefiro resultados lentos e certos a exibições vistosas que não podem ser sustentadas. Isto é um projeto para a vida, e quero dizer que a Ruburt e o Joseph estão a obter os seus efeitos agora graças a trabalho árduo prévio e disciplina. Eu simplesmente não farei a Ruburt levitar dois metros no ar, nem darei quaisquer exibições clarividentes, a menos que haja um propósito profundo a servir. O nosso convidado não deve ser impaciente. Nada será ganho assim.

"Aqueles que se mostrarem interessados nestas sessões e que venham a fazer parte de um grupo serão sustentados; mas trabalharei sempre

convosco no desenvolvimento dos vossos sentidos interiores, sem fogos-de-artifício apenas por exibicionismo.

"Entrarei mais a fundo no passado de o nosso convidado noutra sessão, e também no entusiasmo que é tão refrescante e, ainda assim, tão necessitado de disciplina. Esse entusiasmo causou-te dificuldades no passado e eu não serei — simplesmente não serei — o meio que te permitirá deixá-lo atuar sem usares disciplina e discrição."

(Aqui, a Jane *apontou para* o Jim T..*)*

"Estaria a prestar-te um mau serviço se o fizesse. O entusiasmo é excelente. Contudo, deve ser canalizado e, até certo ponto, mantido dentro de limites para teu próprio benefício. Não pretendo soar severo. Os meus sentimentos não são severos. Tenho a vantagem de conhecer o passado das tuas personalidades anteriores.

"Dentro dos limites da disciplina teremos aqui liberdades relativamente desconhecidas no vosso mundo de hoje. Mas devemos evitar avalanches psíquicas. Porque as possibilidades são tão ilimitadas, temos de estar seguros de nós próprios em cada ponto do caminho. O material deve ser lido. As experiências no material devem ser tentadas.

"Um meio será encontrado a este respeito.

"Meus caros amigos, hesito, como sempre, em terminar uma sessão; e, de novo, poderia continuar durante horas. Prometi-vos a nossa sessão-festa e tê-la-emos em breve. Gosto da vossa noite chuvosa. Os meus cumprimentos estão convosco ambos e, com o meu habitual profundo pesar, vou terminar a sessão. A Ruburt correspondeu-me muito bem. Os meus melhores cumprimentos também a o vosso visitante, e o meu mais caloroso 'boa noite' a todos.

"Uma nota. As tuas experiências, o Joseph, estão a correr extraordinariamente bem e, quando ouvires a voz que ouviste na tua experiência, então reconhecê-la-ás."

("Boa noite, o Seth."

(Fim às 23:40. A Jane estava dissociada como de costume. O Jim Beckett tinha-se retirado no último intervalo. Discutimos com o Jim Tennant as nossas razões para a abordagem muito cautelosa do material de o Seth, sublinhando a nossa convicção de que era melhor ficar do lado muito conservador quanto a afirmações, etc. Nós convidámo-lo a assistir a futuras sessões; e tornava-se cada vez mais evidente que teríamos de arranjar algum modo de outros poderem ler o material, sem o deixar sair das nossas mãos. Estamos, claro, ansiosíssimos para que nada aconteça à única cópia que temos para nós.

(Ver página 54, em referência ao último parágrafo de o Seth acima.)

(Na terça-feira, 28 de abril de 1964, ao adormecer, a Jane sentiu uma sensação bastante desagradável dentro do corpo dela. Ela teve, disse, uma sensação súbita como se tivesse sido "atingida na cabeça". O corpo dela

não se moveu na cama; ela apenas sentiu este abalo muito nítido por dentro, no topo do crânio dela. Nenhuma outra sensação ou experiência se seguiu, e ela adormeceu.

(Imediatamente antes da experiência seguinte, a Jane voltou a passar por esta sensação de abalo. Foi, disse ela, uma sensação física real de pancada na cabeça. Embora fosse razoavelmente desagradável, também terminou instantaneamente.

(Como eu trabalho na Artistic Card Co. de manhã, enquanto a Jane escreve em casa no mesmo período, ela tomou o hábito de experimentar o tempo psicológico por volta das 11:30, depois da passagem dela à máquina de escrever e mesmo antes de preparar o almoço.

(No dia 30 de abril de 1964, quinta-feira, a Jane teve uma experiência muito interessante, às 11:30. Tentando o tempo psicológico, ela apercebeu-se de repente de que estava no seu antigo ambiente, Middle Avenue, em Saratoga Springs, NY. Ela viu a rua onde crescera, com muita nitidez e de um modo que não conseguiria num sonho. Ela estava de pé em frente de a sua casa, mas de costas para ela. Era inverno; o chão estava coberto de neve calcada; também as estradas, embora não houvesse grandes montes de neve.

(A Jane viu então um rapaz novo, a puxar dois outros rapazes num trenó. Ela soube imediatamente que era o Curtis Lundgren, em rapaz. Ela não vê o Curtis Lundgren, que é agora um homem, desde o nosso casamento há dez anos. A visão de o rapaz confundiu imediatamente a Jane, pois ela sabia, claro, que o Curtis L. já era adulto. Ainda assim, o bairro era real. Ela pensou: "Ora, isto não é hoje — e no entanto tem de ser. Os Lundgren moram logo ali na esquina."

(Tudo desapareceu então. Sem saber como o fez, a Jane trouxe tudo de volta e observou tudo outra vez. Ela pensou: "Ora, é hoje — ali está a casa de os Rabe na esquina, e a mercearia do bairro." Ela percebeu então que tudo o que via era passado. Ela olhou de novo e soltou um soluço profundíssimo, do fundo do peito. Depois, tudo se foi.

(A Jane lembra-se também de ter visto alguns lilases despidos no quintal de um vizinho, do outro lado da rua e junto à vedação de um edifício de escola primária. Era um dia cinzento, de manhã. Ela não viu outros carros nem pessoas. E, como eu nas minhas experiências, ela não se lembrou de tentar falar com aqueles que viu.)

(Cópia do relato de a Jane de sexta-feira, 1 de maio de 1964.

(A experiência seguinte aconteceu-me hoje entre as 11:45 e as 12:00. Disse repetidamente a mim mesma que estava extremamente leve, leve como uma pena. A experiência foi qualitativa, muito vívida, inesquecível.

(Os meus olhos estavam fechados. O meu corpo começou a sentir-se extremamente leve, mas um estremecimento envolveu-me. A minha testa sentia-se extremamente fresca, como se faixas de frescura me rodeassem

toda a cabeça. O estremecimento envolveu-me por completo, mas em ondas de maior e de menor intensidade.

(As ondas mais fortes pareciam, porém, crescer progressivamente mais fortes. Uma vez "vi" uma grande luz, como se talvez o sol tivesse surgido de repente. [Está um dia muito escuro e chuvoso.] Este estremecimento continuou, até ser quase insuportável. Senti que seria literalmente levada, ou arrastada. Em momento algum me preocupei com a minha segurança. A experiência foi espantosamente prazerosa. Tinha sugerido no início que saísse do estado de transe ao meio-dia, e tinha posto o alarme. Contudo, ele não tocou e apercebi-me de que o tempo marcado para o transe tinha terminado.

(Também me questionei sobre a conveniência de prosseguir quando não estava ninguém por perto. O Rob estava a trabalhar. Estive tentada a continuar, mas, em vez disso, contei até três e saí. Senti-me ótima, refrescada, deslumbrada. Perguntei-me, pela intensidade da sensação, se é isto que se quer dizer por êxtase.)

SESSÃO 50

4 de Maio de 1964

(*Enquanto experimentava o tempo psicológico, tive as três experiências seguintes. Foram todas muito breves e terminaram antes de eu me aperceber de que as tinha recebido: 30 de abril: jovem com a boca bem aberta; close-up de frente. 2 de maio: operário a instalar paredes verdes intercambiáveis. 3 de maio: vista de 3/4 em plano alto da metade da frente de dois cavalos pretos, a correr.*)

(*Fiz uma lista destas, juntei um esboço rápido dos cavalos e as experiências de Saratoga e de êxtase da a Jane, páginas 65 e 66; tudo com a ideia de questionar o Seth sobre elas na sessão desta noite. Estas experiências com o tempo psicológico tornaram-se tão intrigantes e numerosas que a Jane e eu criámos um método para manter uma lista, em ordem cronológica, para consulta rápida.*)

(*No sábado passado comprámos uma fita extra para ter à mão para a sessão-festa prometida pelo o Seth.*)

(*Ambos dormimos uma sesta até às 20:45. Não estavam marcadas testemunhas. Sentíamo-nos bastante relaxados, embora, à medida que se aproximava a hora da sessão, a Jane se sentisse um pouco nervosa. Ela começou a ditar com uma voz normal, caminhando devagar, e manteve estes padrões ao longo de toda a sessão. Os olhos escureceram como de costume.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Vejo que teremos uma sessão calma esta noite. Compreendo que o Ruburt tem tido as suas dificuldades e, como já disse muitas vezes, a paciência não é um dos seus atributos. Posso felicitar-te — e a mim também — pela nossa quinquagésima sessão. Exige algum trabalho da parte de todos nós. Duas sessões por semana é um horário muito rigoroso e exigente, como provavelmente já sabem por experiência própria.

Sempre que sintam que precisam de umas sessões de folga, podem, claro, tê-las. No início não quis arriscar. É demasiado difícil estabelecer o condicionamento. Agora, porém, sempre que queiram tempo de descanso, dentro da razão — da minha razão —, hão de tê-lo.

(*A Jane riu.*)

A quinta lei do universo interior é a criação, como já vos disse. Mais uma vez, esta não é necessariamente a quinta lei em termos de importância. Estou simplesmente a apresentar-vos as leis pela ordem mais simples.

Esta criação envolve não apenas o malabarismo de unidades e campos de energia, de uma forma para outra, mas também a criação de novos campos. Isto é frequentemente o resultado da realização de valor, caso em que todas as possibilidades existentes estão destinadas a emergir; mas cada emergência é, no sentido mais verdadeiro, uma criação.

A criação ocorre, na maioria das vezes, através da realização de valor, que existe numa dimensão que nada tem a ver com o vosso espaço e tempo; e, no sentido mais profundo, originalmente, não tinha nada a ver com o vosso espaço ou tempo, sendo que o assim chamado nascimento do vosso universo exterior conhecido surgiu muito depois na história da criação e da realização de valor.

Quando os vossos cientistas finalmente decifrarem as realidades físicas por detrás do nascimento do seu universo conhecido, apenas descobrirão que este era uma manifestação exterior de uma realidade psíquica vital que existia muito antes. A criação quase sempre existe de mãos dadas com a realização de valor, e no momento em que qualquer construção aparece dentro do vosso plano, já existe. Uma ideia no vosso plano dá origem a construções físicas, mas a ideia em si é apenas uma tradução de outra realidade, que lhe deu origem.

A realização de valor é muito parecida com a criação, mas há uma diferença, e a criação existe primeiro, se devemos falar em termos de continuidade; e para vós, devemos. Há muito aqui que quase só pode ser transmitido através de conceitos conceituais padrão, e novamente essa dificuldade surge em palavras encadeadas umas às outras.

Não obstante, há dentro da vitalidade interior e do valor psíquico do universo, criação constante, ou seja, a adição de algo único e novo, algo que não existia antes. Essa criação surge da vitalidade do próprio universo interior, e essa vitalidade renova-se continuamente. Não apenas se renova, mas gera mais de si mesma. Não deveis pensar numa quantidade definida e

finita de energia da qual todas as coisas devem ser criadas. Em vez disso, há, verdadeiramente, uma quantidade infinita de energia, e disso tenho certeza. Não me pergunteis, ainda, de onde vem essa quantidade infinita de energia. Por um lado, não penso em termos de causa e efeito, e a energia não tem uma fonte nos termos com os quais estais familiarizados.

A criação continua, pois, constantemente, e nem sempre ao longo das linhas de padrões antigos. Um ponto interessante: no vosso próprio plano, existe um depósito subconsciente de conhecimento, conhecido de forma condensada por todas as moléculas e átomos, em que é sabido exatamente quais variantes ou tentativas evolutivas foram feitas, com que resultados – e sempre de olho, por assim dizer, para circunstâncias que possam favorecer formas outrora adotadas com falha, ou para tentar outras formas para as quais as circunstâncias atuais possam ser mais adequadas. Eu tenho dito isto antes: todas as moléculas, átomos e partículas ainda menores possuem uma consciência condensada.

Sugiro o vosso intervalo, e iremos aprofundar isto com mais profundidade.

(*Intervalo às 9:28. A Jane estava mais dissociada do que o habitual para um primeiro monólogo. Como este material era tão interessante, decidimos esperar para ver se o Seth abordaria as nossas experiências pessoais com o tempo psicológico mais tarde nesta sessão. A Jane retomou no mesmo tom contido às 9:39.*)

Os átomos e moléculas que compõem todas as células físicas não estão basicamente vinculados ao vosso tempo. Agem dentro da estrutura do vosso tempo, mas o conhecimento condensado que contêm carrega consigo a sua própria peculiaridade e consciência singular, que não está limitada pelas vossas leis físicas.

Os próprios produtos químicos não darão origem à consciência nem à vida. Os vossos cientistas terão simplesmente de encarar os factos: a consciência vem em primeiro lugar e desenvolve a sua própria forma. Mas isso envolve individualidade e também interdependência.

A ideia de que o corpo físico consiste num tipo de consciência que controla um plano de partes completamente inconscientes é bastante rebuscada. Todas as células do corpo são individuais e possuem consciência separada. Certamente há gradações, mas o facto é que cada célula é consciente. Existe cooperação consciente entre as células de todos os órgãos e entre os próprios órgãos.

Agora, em vários momentos, vós questionastes o que realmente era a entidade, e perguntastes como fragmentos ou pedaços de personalidades poderiam tornar-se entidades, se é que alguma vez o fazem.

Aqui, de forma simples, está um caso em questão. As moléculas e os átomos, e ainda menores partículas, possuem consciência separada. Formam-se em células. Embora as células mantenham individualidade e

não percam capacidades, nesta formação existe um agrupamento de consciências individuais de átomos e moléculas numa nova consciência celular. Aqui, a consciência de cada molécula ou átomo individual, por essa gestalt psíquica, ganha de forma mensurável. A combinação da consciência individual forma uma nova consciência celular, ampliada e mais poderosa, capaz de experiências e realizações muito superiores às possíveis para átomos e moléculas isolados.

Levemos isto ainda mais longe, como provavelmente suspeitáveis. Terminamos com órgãos compostos de células individuais incontáveis, em que a mesma combinação de consciências resulta na formação de uma consciência maior.

Isto continua *ad infinitum*, e ainda assim a partícula mais pequena retém a sua individualidade, não perdendo qualquer capacidade. Pelo contrário, a sua capacidade é multiplicada milhões de vezes. A natureza cooperativa do corpo físico não poderia ser mero resultado dos seus produtos e reações químicas.

A consciência forma a sua própria materialização. O corpo físico é verdadeiramente um fenómeno muito mais maravilhoso do que se supõe, mas aqui espero não vos afastar demasiado, pois esta combinação de consciências continua, e os seus resultados podem ser observados na consciência do cérebro físico. Notareis que disse cérebro em vez de mente. Tudo isto vos será mostrado, na sua perfeição lógica, com o tempo, e muito será relevante em muitos campos aparentemente diversos.

A medicina psicossomática está ainda na sua infância, mas neste material e, num futuro próximo, ao longo dessas linhas, muito será aplicado. Quando a consciência geral, por exemplo, toma a decisão de destruir ou quase destruir uma parte do corpo, é solicitada permissão e esta é concedida ou recusada. Isto pode parecer distante de uma discussão sobre entidades. Contudo, estou a juntar muitos assuntos para a vossa edificação.

Sugiro que façais uma pausa. Eu próprio tinha alguma indecisão sobre discutir ou não convosco assuntos relacionados com testemunhas que possam querer assistir às nossas sessões, e ainda poderei fazê-lo. No entanto, neste momento, pareceis estar a resistir um pouco. Por todos os meios, fazei uma pausa e, se parece que estou a forçar-vos demasiado esta noite, é apenas porque quero aproveitar da melhor forma o tempo que temos.

(*Intervalo às 10:02. A Jane estava totalmente dissociada; lembrava-se de muito pouco do material que acabara de entregar.*)

(*No sábado passado, a Jane recebeu vários lampejos breves do o Seth; temos-nos preocupado ultimamente com a melhor forma de lidar com o problema das testemunhas — isto é, familiarizar potenciais testemunhas com o material e, ao mesmo tempo, manter o nosso sentido de privacidade*

e também o controlo das sessões. A Jane, algo irritada, cortou o o Seth, sentindo que este é um problema que temos de resolver nós próprios.)

(*Uma ideia que nos parece promissora é que as testemunhas que assistirem às sessões de quarta-feira — decidimos manter as sessões de segunda-feira privadas, para podermos relaxar — leiam primeiro o material noutra divisão enquanto decorre a sessão. Depois, quando já estiverem familiarizadas com o material, podem sentar-se nas sessões e perceber o que está a acontecer. Mas, durante essa leitura, as testemunhas podem tirar notas, etc., ou abordar o material da forma que acharem melhor. Mantemos apenas uma cópia connosco, pelo que não podemos deixar o material sair do local.*)

(*A Jane retomou, no seu tom calmo, às 10:14.*)

Parece, pois, que o que chamais consciência pode ser o resultado dessa combinação. Ou seja, parece que a autoconsciência foi o resultado dessa combinação. Cada célula, contudo, tem a sua própria consciência e, quando falo da consciência como sendo um atributo da vida celular, faço-o apenas por conveniência, pois na realidade a vida celular é um atributo da consciência.

O corpo físico é, portanto, um atributo da consciência. Os átomos e as moléculas possuem autoconsciência até certo ponto, bem como uma consciência generalizada. A autoconsciência de um ser humano é parcialmente composta pela combinação de átomos e moléculas individualmente conscientes que o compõem. A consciência generalizada que chamais subconsciente é composta pela combinação das consciências generalizadas das células e moléculas individuais. Mas agora chegamos à fonte do indivíduo consciente por detrás ou dentro de cada molécula. De onde veio, afinal?

É claro que veio do universo interior. Isto torna-se extremamente difícil de explicar até que aprendais a sentir diretamente os padrões conceptuais. Farei o melhor possível para simplificar, esperando não vos estar a oferecer material demasiado cedo.

A personalidade energética que deseja materializar-se no vosso plano torna-se parte deste plano através do uso dos sentidos internos. Pelo processo de difusão – e este é, aliás, o nosso nono sentido interno – a energia da personalidade difunde-se inicialmente em muitas partes. A entrada neste plano, como membro deste plano, não pode ser feita de outra maneira: deve ser feita nos termos mais simples e construída dentro do vosso plano, sendo o esperma, naturalmente, uma entrada nesse sentido.

A energia da personalidade deve depois ser recombinada e reunida, como especifiquei. A sensação interior de desembaraçar, que mencionei brevemente no passado, representa quase um contrário à difusão inicial, e deve ser realizada para se alcançar qualquer independência do vosso plano.

Sugiro a vossa pausa e espero que me estejais a seguir. Tentarei abordar outros assuntos que vos dizem respeito mais tarde na discussão. Mas queria levar este pensamento tão longe quanto possível esta noite: a nossa próxima lei do universo interior é a capacidade de mobilidade infinita, ocorrendo dentro do presente espaçoso, que é um presente espaçoso infinito.

A nossa próxima lei é a lei da infinita mutabilidade e transmutação. Isto é, qualquer porção de energia tem dentro de si a capacidade de assumir qualquer padrão ou de formar um número infinito de campos de energia, cada um produzindo uma variedade verdadeiramente infinita de resultados.

Como sabeis, as células ou átomos de um braço podem também formar uma orelha, no que diz respeito à capacidade inata. Este é um exemplo muito simples. Confio que vos estou a dar material suficiente esta noite para vos manter ocupados durante algum tempo.

Embora possa parecer-vos impossível, essa consciência molecular generalizada, que chamais subconsciente, contém dentro de si, de forma condensada em moda genética, todo o conhecimento do funcionamento interno do universo, sendo esse conhecimento aplicado e instantaneamente acessível quando necessário.

A vossa consciência egoísta pessoal está relacionada com o vosso próprio universo de camuflagem e com a manipulação dentro dele. No entanto, a compreensão condensada em forma de código, do que prefiro chamar genes mentais, está sempre disponível, embora não necessariamente ao egoísta «eu sou».

Quando percebeis que sois muito mais do que o egoísta «eu sou», e que a vossa verdadeira personalidade contém um ego interior muito maior e realmente mais poderoso, então essa relativa indisponibilidade da compreensão interna para o ego externo deixará de vos incomodar.

Agora, vereis que o ego interior de que falámos muitas vezes é o projetor de energia no vosso plano. O ego interior, representando a base da personalidade, através da difusão faz uma materialização de si mesmo e entra no vosso plano.

O ego interior, portanto, é a vossa contraparte. Ele decompõe a energia em formas simples, mas ainda assim deve operar dentro das leis do universo interior. Forma, assim, as moléculas e átomos separados que irão compor o indivíduo. O seu próprio conhecimento é colocado em forma condensada, e as moléculas são, portanto, capazes de se combinar e recombinar, de acordo com as propriedades materiais inerentes ao vosso universo.

Vereis porque este é um ponto importante ao relerdes este material. Percebereis porque, embora o ser humano consciente possa parecer o resultado dessa combinação e recombinação, é, no entanto, mais do que esse resultado. É uma personalidade particular formada de forma

propositada, e não aleatoriamente, o ego interior criando uma réplica de si próprio para funcionar dentro de um peculiar conjunto de circunstâncias. Isto é extremamente importante.

O todo é mais do que a soma das suas partes, mas isso é porque não vedes o todo. O todo nunca é aparente no vosso universo. Existe tanto que ainda não sabeis, e muito a ser preenchido apenas através deste tipo de contorno, que estou completamente espantado. Há tantos assuntos que ainda nem sequer foram insinuados.

(Intervalo às 11:06. A Jane estava dissociada, como de costume. Mal começou o intervalo, tomei consciência do inchaço — ou sensação de ampliação — agora familiar na minha mão direita. Tornou-se muito nítido. Senti-o também, em menor grau, na mão esquerda. A Jane disse então que ela própria tinha a sensação, até certo ponto. Não fizemos medições, por não estarmos preparados; ao fim de alguns minutos as sensações começaram a abrandar.)

(A Jane retomou às 11:14.)

Vamos cobrir as vossas experiências noutra sessão. Lamento afastar-vos, mas esta noite foi uma excelente oportunidade para transmitir-vos o material que abordámos; e desejo explicar as vossas experiências de forma bastante completa, além de as usar para aprofundar ainda mais o nosso estudo dos sentidos internos. Vós tendes feito particularmente bem, no entanto. Eu vos disse que a experiência direta através dos sentidos internos seria extremamente vívida, e agora podeis comprová-lo por vós mesmos.

O incidente do cavalo é extremamente interessante, embora represente apenas uma compreensão parcial ou melhor, uma transmissão parcial de compreensão. Estou satisfeito com a experiência de o/a «Jane» em Saratoga também, e desejo que saiba que cuidaremos para que as testemunhas não o/a incomodem.

Se me destes o devido crédito, «Jane», não precisaríeis de metade disto. As vossas sessões sociais de sábado à noite são extremamente benéficas para ambos. Sem dúvida já o sabeis.

O material relativo aos sentidos internos também estará ligado às nossas leis do universo interior, pois estais equipados para os reconhecer. Se me esqueci de mencionar, «Jane», deixai-me agora expressar a minha aprovação.

Vou encerrar a sessão, a menos que tenham alguma pergunta, já que o material passou tão bem.

(*"Creio que não. Parece que estamos a ir bem."*)

Lamento não discutir as vossas experiências, pois sei que estavam ansiosos pela explicação. Desejo a ambos uma deliciosa noite de primavera, o que resta dela, e, como sempre, hesitamos em encerrar a nossa sessão. Eu encontrei esta sessão particularmente agradável.

(*"Boa noite, o Seth."*)

(*Fim às 11:25. A Jane estava dissociada, como de costume, "a vir ao de cima", como ela diz, perto do fim da entrega. Durante a sessão, os olhos escureceram como de costume; ao longo de tudo, a voz manteve-se bastante normal. Nenhum de nós experimentou mais fenómenos nas mãos.*)

SESSÃO 51

O COMEÇO DA VIDA

6 de Maio de 1964

(*Enquanto experimentava o tempo psicológico, tive as experiências seguintes. Foram muito breves e terminaram antes de eu me aperceber de que tinham acontecido.*)

(*5 de maio: sensação de grande ampliação em ambas as mãos enquanto eu estava deitado na cama. Não é a sensação — agora familiar — de inchaço nos dedos e na palma, mas antes um verdadeiro aumento físico de tamanho. Ambas as mãos pareciam pelo menos o dobro em área; como se tivessem crescido, ou eu estivesse a usar luvas gigantes.*)

(*6 de maio: vislumbre de uma peça triangular de bijuteria, de cor estanho, vazada ao centro, com os três lados do triângulo cravados com fiadas de "pedras" incolores falsas. Ao sair do estado de tempo psicológico esqueci esta visão, mas lembrei-me dela quando entrei no estado de tempo psicológico no dia seguinte.*)

(*Às 7:25 de terça-feira, tive uma breve sensação de inchaço na mão direita.*)

(*Às 20:00 chegou o Jim Tennant para ser testemunha. Passou a hora seguinte a reler material. Trouxe também duas perguntas, uma pessoal e outra muito técnica, de pessoas com quem trabalha na Corning Glass.*)

(*A a Jane levantou-se da sesta por volta das 20:30. Às 20:55 disse que não estava tão nervosa como de costume antes de uma sessão. Teve a sensação de que o o Seth "tomara conta" dela de algum modo esta noite, sossegando a sua preocupação com testemunhas. Mostrei-lhe a nossa lista crescente de experiências de tempo psicológico, na esperança de que o Seth as discutisse esta noite. A Jane começou a ditar numa voz um pouco mais pesada do que o normal e manteve-a durante toda a sessão. Durante toda a noite andou devagar para trás e para a frente, mãos nos bolsos. Os olhos escureceram como de costume.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Na nossa última sessão, falei sobre a cooperação entre as células do corpo e a cooperação entre os átomos e moléculas que compõem essas células e órgãos.

Existe também um mecanismo no subconsciente que permite a materialização ou projeção da ideia ou vitalidade interior na construção física. Essa capacidade é inerente até ao átomo, à molécula e a partículas ainda menores.

Recordai que já dissemos que átomos e moléculas possuem consciência, uma consciência generalizada onde os dados são condensados, mas também um certo grau de autoconsciência.

A capacidade e o mecanismo necessários para projetar uma ideia na matéria física estão, portanto, presentes em cada átomo e molécula individual. Como mencionei, os átomos e moléculas combinam-se para formar células sem que percam a sua individualidade, formando assim uma gestalt. Uma célula é, de facto, uma gestalt psíquica que adquire construção física através da capacidade inerente a cada componente individual.

A projeção da ideia ou da energia na construção física ocorre, portanto, em todo o corpo humano e em todos os corpos vivos. Esta capacidade, sendo uma parte da consciência generalizada – ou o que chamais de subconsciente –, opera sem consciência ou compreensão do ego.

Mencionei ainda que as células de um braço poderiam perfeitamente formar-se noutro membro ou noutra parte do corpo. O propósito do sistema de código genético mental é manter essa organização e informação. Existe uma distinção entre o padrão cromossómico físico e o padrão genético mental: os cromossomas carregam instruções internas traduzidas em forma física condensada, guiando o desenvolvimento das células físicas.

No entanto, o sistema mental, que corre em paralelo ao sistema cromossómico, contém de forma condensada dentro da consciência generalizada dos átomos informações transmitidas pela entidade. Ou seja, antes de entrar no vosso plano físico, as principais características de uma personalidade já foram determinadas pela própria personalidade.

O ego interior sabe do que se trata. Esses dados internos são transmitidos pelo sistema genético mental, através da consciência molecular generalizada, até ao sistema cromossómico. O sistema cromossómico, por sua vez, traduz esses dados num código físico para que as células o sigam.

Verás que isto se encaixa no material da nossa sessão anterior.

No que diz respeito à Jane, ela recebeu recentemente uma mensagem curta da minha parte de forma correta, e agora vou aprofundar esse tema.

(Ontem, Jane contou-me sobre a mensagem que acreditou ter recebido de Seth. Nessa mensagem, Seth comparou a nossa ideia de viagem espacial

a uma viagem do rés-do-chão de um edifício até ao último andar. Como exemplo de edifício, ele utilizou a antiga Torre de Babel.)

A vossa ideia de viagem espacial é, de facto, tão ridícula quanto tentar construir uma estrutura enorme, com múltiplos andares, e considerar esse edifício como um veículo espacial. Os edifícios podem ser usados para muitos propósitos, mas, como veículos espaciais, hão de admitir que seriam hilariantes. Por um lado, estão ligados à terra. Por outro, viajar do porão até ao sexagésimo andar dificilmente vos aproximaria, de forma real, das estrelas.

Através do subconsciente de Jane, recorri à antiga lenda da Torre de Babel e, no entanto, é exatamente isso que estais a tentar fazer agora com as viagens espaciais. De certo modo, quase esperais que, continuando com esta analogia, seja possível construir um edifício alto o suficiente para alcançar as estrelas.

Os vossos veículos espaciais, embora aparentemente não estejam ligados à Terra, continuam presos ao vosso próprio padrão de camuflagem, pois eles próprios são uma camuflagem. Mais tarde, quero relacionar isto com outros elementos e com algumas das vossas experiências recentes.

Terei mais a dizer sobre este tema, mas sugiro que façais agora uma pequena pausa. Também farei alguns comentários sobre as testemunhas em geral, que podem ser úteis.

E, aliás, os meus cumprimentos ao vosso convidado.

(Pausa às 9h27. Jane estava profundamente dissociada—mais do que o habitual para um primeiro monólogo. Retomou o ditado de forma bastante calma às 9h30.)

Mencionei também que os produtos químicos, por si sós, independentemente da forma ou da mistura, não geram consciência. No entanto, esta afirmação é simultaneamente verdadeira e falsa, pois apenas os produtos químicos vos darão consciência, na medida em que agora sabemos que cada molécula existente no vosso plano é, na verdade, a materialização física da energia consciente.

Quando digo que os produtos químicos, por si só, não produzem consciência, refiro-me à teoria que sustenta que a matéria física—átomos e produtos químicos que se acreditavam inertes e sem vida—atingiu subitamente um estado consciente através de um processo evolutivo.

A consciência existe sempre antes da materialização física. O conceito de Deus, como é óbvio, originou-se do conhecimento inato da humanidade de que a consciência precede a construção física.

Quando a origem física do vosso universo for finalmente descoberta, os vossos cientistas não estarão mais avançados do que estão agora. Deparar-se-ão imediatamente com o problema que, mais do que qualquer outro, têm evitado durante tanto tempo: **a origem por detrás da origem**. Este simples facto precisa de ser reiterado: **o universo físico, e tudo o que**

nele existe, é resultado da consciência. Não foi a consciência que evoluiu a partir do universo físico.

Pelo contrário, a consciência não só criou o universo físico, como continua a criá-lo constantemente.

Aqui, evitaremos uma discussão aprofundada sobre o conceito de Deus. Com o material que já possuís, espero que compreendais que esta criação contínua do universo físico é realizada por cada indivíduo, a um nível subconsciente, através de mecanismos que já expliquei, pelo menos parcialmente.

A cooperação é sempre uma lei fundamental e necessária, e podeis adicioná-la à nossa lista de leis que regem o universo interior. No entanto, esta criação constante do universo físico não é mantida através de um subconsciente localizado algures entre dois ouvidos, atrás da testa. O subconsciente individual, como já expliquei, resulta de uma organização psíquica composta por múltiplos recursos e capacidades. É uma **gestalt**, formada e sustentada pela consciência cooperativa e generalizada de cada átomo e molécula que compõem o corpo físico.

Cada átomo individual, dentro da sua consciência generalizada, possui a capacidade, em algum grau, de transformar a sua parcela de energia em construção física.

É extremamente importante que compreendais este facto e que percecioneis que as células individuais, por exemplo, não perdem a sua individualidade neste processo; pelo contrário, ganham imensuravelmente. Toda a estrutura física do corpo resulta dessa cooperação de células, que, por sua vez, são o resultado da cooperação de átomos e moléculas.

Este padrão resultante—o corpo físico—torna possível que as células, átomos e moléculas se expressem e realizem capacidades que lhes seriam impossíveis de outra forma. Através desta colaboração, elas partilham, até certo ponto, a perspetiva proporcionada pelas habilidades de uma estrutura corporal fisicamente complexa, algo que lhes estaria vedado de outras maneiras.

Graças a essa cooperação, alcançam uma realização de valor dentro de determinados parâmetros. Já mencionei que a mobilidade infinita e a transmutação são leis do universo interior. O reflexo dessas leis pode ser observado na capacidade latente para a criação de uma variedade quase infinita de estruturas e combinações que os átomos, moléculas e partículas subatómicas do vosso universo podem alcançar.

Recordai-vos de que a realização de valor é também uma das leis do universo interior. Neste caso, os átomos e moléculas possuem a oportunidade de alcançar essa realização ao longo de múltiplas vias, dependendo da forma como a sua cooperação e combinação se desenvolvem.

Estou a explicar este assunto de forma bastante detalhada porque, mais adiante, abordaremos temas relacionados com a entidade e o desenvolvimento da personalidade.

A entidade, por exemplo, opera sob o mesmo princípio de cooperação individual e utiliza os blocos de energia da mesma forma que os átomos e moléculas do mundo físico se combinam para formar células, órgãos e, por fim, toda a estrutura corporal.

Tal como as várias células mantêm a sua individualidade ao mesmo tempo que ganham significado e realização de valor através da cooperação, também as múltiplas personalidades mantêm a sua individualidade e singularidade enquanto cooperam para sustentar a estrutura psíquica da entidade. Esta, por sua vez, também as molda.

E com este pequeno dilema, deixo-vos para que façais uma pausa.

Há mais do que uma maneira de ver o que está dentro de um ovo sem precisar de o partir—como em breve descobrireis.

(Pausa às 10:00. Jane estava dissociada como de costume. Sorriu amplamente ao ditar o último parágrafo acima. Retomou a comunicação às 10:10.)

Hesito em interromper o vosso intervalo social. Ainda assim, vou continuar. Escusado será dizer que a humanidade não está sozinha na manutenção do universo físico, dando-lhe continuidade à medida que projeta e constrói a sua própria imagem. E, como esta imagem é o reflexo direto do seu clima psíquico interior, e como reflete tanto a sua alegria quanto a sua doença interior, e como essa alegria e essa doença se manifestam fisicamente, todas as coisas vivas constroem as suas próprias imagens e contribuem para a manutenção das propriedades físicas do universo.

Não apenas a matéria física que compõe essas imagens retorna ao reservatório físico para ser reutilizada repetidamente, mas também a matéria física é decomposta novamente ao estado em que se encontrava antes da cooperação das suas partes formar um corpo físico específico.

A cooperação termina aí. Falámos das enzimas mentais e da sua importância. Seria útil reler essas passagens em conexão com este material. É porque cada átomo e molécula contém dentro de si uma compreensão condensada—uma compreensão interna, direta e codificada do universo interior como um todo—que esses átomos e moléculas conseguem formar combinações tão diversas e variações tão complexas.

Eu disse que essa compreensão condensada está prontamente disponível quando necessária. Ela permanece latente na consciência generalizada de cada átomo e molécula e é diretamente responsável pelas combinações estruturais das células.

Uma das pequenas perceções de Jane foi compreender que cada indivíduo vê e está ciente apenas das suas próprias construções de ideias.

Na essência, cada indivíduo habita um mundo completamente diferente. Vamos explorar isto mais adiante.

Tal como não estais cientes de muitas das realidades com as quais o vosso próprio gato está familiarizado, também não tendes qualquer perceção dos outros universos que coexistem com o vosso. Os vossos sentidos externos estão equipados para perceber apenas os vossos próprios padrões de camuflagem.

Eles não estão preparados para captar outros padrões de camuflagem. Os padrões de camuflagem dentro do vosso universo físico são suficientemente coerentes para que todos os indivíduos de uma determinada espécie percecionem, mais ou menos, o mesmo ambiente. Existem agrupamentos de perceções associadas a várias espécies, mas essas perceções não são universais. Falaremos disto com mais detalhe mais tarde, mas queria deixar esta ideia registada agora.

O material sobre a inter-relação e cooperação entre as diversas espécies na manutenção conjunta do vosso universo físico abrange várias sessões. No entanto, irei aprofundar os métodos envolvidos. Já tendes uma base sobre os mecanismos fundamentais.

O facto é que, mesmo dentro do vosso próprio universo, nenhuma espécie perceciona todas as formas de camuflagem. Na melhor das hipóteses, os vossos cientistas apenas descobrirão mais padrões de camuflagem, mas nunca conseguirão percecionar todo o sistema, e nenhuma espécie jamais conseguirá percecionar os padrões de camuflagem fora dos seus próprios. Estais, de certa forma, bloqueados na vossa busca por conhecimento além de um determinado ponto, enquanto persistirdes nas mesmas linhas de desenvolvimento científico.

Os sentidos internos podem, com treino, percecionar outros padrões de camuflagem. Como mencionei, existem universos que coexistem com o vosso, mas os vossos sentidos externos não podem captá-los. Tampouco as vossas teorias limitadas de causa e efeito vos levarão longe.

A teoria de causa e efeito, como já afirmei, é um resultado das vossas conceções de tempo. Enquanto insistirdes em pensar o tempo em termos de passado, presente e futuro, a teoria de causa e efeito parecerá um conceito lógico e infalível.

Quando desenvolverdes a vossa teoria do tempo e perceberdes que presente, passado e futuro são apenas efeitos e distorções causadas pela vossa perspetiva, os vossos cientistas irão finalmente compreender que a teoria de causa e efeito é ultrapassada e obsoleta—útil apenas por um curto período de tempo. Espero que apreciem o trocadilho com a palavra "tempo". Essa teoria deverá, então, ser descartada.

Apressei-me, de certa forma, ao transmitir-vos um material tão relevante na última sessão, e ainda assim a qualidade não sofreu, apesar de ter levado Jane ao limite. Estava um pouco preocupado desde que

começastes a ter testemunhas. No entanto, vereis que o material fala por si. Este é um processo de educação.

Quando vos perguntarem sobre estas sessões, esta deve ser a vossa resposta: da minha parte, sou um educador. Qualquer resultado ou "demonstração" será fruto de treino, estudo, disciplina e prática. O material será sempre a ferramenta fundamental para o estudo.

As sugestões contidas neste material, como os exercícios de tempo psíquico, devem ser abordadas com seriedade, após um estudo aprofundado e uma familiarização com os propósitos subjacentes a cada experiência.

Já vos falei várias vezes dos possíveis perigos de abordar estes experimentos sem a devida disciplina e estudo. Após assistirem a uma sessão inicial, os interessados devem iniciar o estudo do material. Em nenhuma circunstância deve qualquer experiência ser julgada por testemunhas no início.

À medida que estes temas forem surgindo, irei abordá-los. Não posso sublinhar o suficiente que dou as boas-vindas aos interessados. No entanto, esta noite não respondi às perguntas do vosso convidado, não por desaprovação, mas porque neste momento o material é o mais importante, e não queria que a sessão se desviasse do seu propósito.

Há outra razão para isto. Não quero que estas sessões adquiram a reputação de serem apenas "demonstrações", por motivos bastante complexos. A forma como vos transmito este material resulta numa progressão constante, e isso é crucial. Mais tarde, a minha atitude pode mudar. No entanto, devido à postura do mundo científico em geral, estas sessões devem manter um tom mais sóbrio. Não quero que nenhum de vós seja visto, para usar as palavras de Jane, como um par de malucos.

E eu sou apenas o responsável por manter a sobriedade destas sessões—como bem sabeis.

Agora, voltando brevemente, gostaria de relembrar o conceito do presente amplo, no qual todas as coisas existem. Quando este conceito for compreendido na sua totalidade, com os seus atributos de espontaneidade, a teoria de causa e efeito deixará de fazer sentido.

A teoria de causa e efeito, sendo um resultado da continuidade, não tem fundamento. O presente amplo, como sabeis, possui durabilidade, devido à existência da realização de valor.

Não há continuidade no sentido convencional do termo. A continuidade, tal como a entendeis, implica que um evento ocorra antes ou depois de outro. O presente amplo, porém, contém espontaneidade, e dentro dele todos os acontecimentos são simultâneos. No entanto, existe durabilidade.

Essa durabilidade é alcançada pela constante expansão da realização de valor. O vosso universo físico de camuflagem leva-vos necessariamente a supor que o tempo existe na forma de passado, presente e futuro,

simplesmente porque a ideia ou energia construída na realidade física opera sob propriedades físicas.

Há tanto de que não estais cientes. Definistes certos pontos arbitrários de início e de fim para fins práticos. Por exemplo, o nascimento de uma criança foi, durante muito tempo, considerado a entrada real da consciência. Agora, os vossos cientistas reconhecem que o ser humano já está vivo no útero. Séculos atrás, esta ideia não era admitida.

Qualquer manifestação física levanta esta questão: quando começa realmente a vida? Sabeis, naturalmente, que a consciência precede a forma—é a primeira realidade—enquanto a imagem física é um fenómeno secundário e resultante.

O corpo físico, que vos parece materializar-se num determinado momento e desaparecer noutro, não o faz verdadeiramente. Não há um minuto ou uma hora específicos para a materialização ou desmaterialização do físico. Apenas a vossa perspetiva vos faz acreditar que sim.

(A Jane sorriu.)

A vossa vida, acredite-se ou não, é essencialmente um acontecimento simultâneo. Apenas a percecionais como um desenrolar em câmara lenta.

O verdadeiro significado e o verdadeiro desenrolar da vossa vida ocorrem ao longo das linhas da realização de valor, expressando-se em compreensões, experiências psicológicas e realizações que não ocupam espaço e que são independentes do tempo como o entendeis.

Não podeis ver nem a consciência nem a compreensão, condensadas e latentes no espermatozoide, nem depois no feto, antes da formação completa do corpo humano. Do mesmo modo, não podeis percecionar a consciência que ainda existe quando ocorre a chamada morte.

Isto não significa que um ser humano não possua consciência antes do nascimento. Apenas decidistes que a vida começa nesse ponto arbitrário. Mas essa afirmação não exclui o facto de que a consciência já existia muito antes.

Da mesma forma, a vossa decisão arbitrária de que a consciência termina com a mudança das propriedades físicas no momento a que chamais morte não significa que a consciência cesse nesse ponto.

Existe uma metamorfose que ocorre à medida que o feto se transforma num ser humano totalmente formado no nascimento. Essa mudança não é amplamente investigada porque ocorre além do alcance dos vossos sentidos externos. No entanto, essa metamorfose envolve, em aparência, uma mudança que vos pode parecer impossível.

Da mesma forma, no outro extremo da vida, ocorre uma mudança que não percecionais. Assim como a consciência constrói o feto a partir do plano interno, ela começa, na morte, a entrar num outro plano, igualmente além da vossa perceção.

A consciência simplesmente deixa de construir a imagem física. Não há aqui nenhum grande mistério. O que vos parece um mistério não é mais do que o resultado da ignorância.

Sempre hesito ao abordar este tema, pois os chamados espiritualistas, embora possuam algum conhecimento, tendem a revesti-lo com vestes espalhafatosas de pseudo-ocultismo. São tão insensatos quanto Frank Watts com as suas vestes maçónicas.

(Aqui, como que para meu benefício — já que estou tão interessado no o Frank Watts —, a Jane bateu com força na mesa que uso como secretária de escrita.)

Sugiro que terminemos a sessão, embora ainda tenha muito para dizer. Ainda assim, uma breve conversa com o vosso convidado será benéfica e é apropriada. E ainda chegaremos às tuas experiências, o Joseph, e o Ruburt ouvir-se-á a discutir as suas próprias.

Despeço-me de todos com uma boa noite muito afetuosa. Numa destas noites serei mais brincalhão, mas grande parte deste material tem de ser aplicada com mão pesada. Boa noite, tootsies. Aguardo com agrado a nossa próxima sessão. E ainda teremos a nossa sessão-festa, o Joseph.

(“Boa noite, o Seth.”

(Fim às 11:29. A Jane estava dissociada como de costume. Discutimos o material com o Jim Tennant durante meia hora antes de ele ir para casa. Conversámos também sobre métodos de reproduzir este material mecanicamente, já que o tempo me impede de tentar datilografar mais cópias.

(Convém acrescentar aqui que o John Bradley, o nosso amigo vendedor de produtos farmacêuticos de a Williamsport, PA, que já foi testemunha várias vezes e leu algum do material, visitou-nos na terça-feira, 5 de maio, véspera desta sessão. Contou-nos de novo sobre um amigo advogado dele em a Williamsport, que queria testemunhar uma sessão e estava mesmo disposto a fazer a longa viagem [cerca de 200 milhas ida e volta] só para esse fim. A Jane não soube bem o que dizer da primeira vez que o John mencionou o amigo, pois a sua experiência com testemunhas era muito limitada. Desde então, porém, já tivemos várias testemunhas, por isso ela disse ao o John que o amigo seria bem-vindo agora; o John poderá combinar a data por correio.)

(No sábado, 9 de maio de 1964, por volta das 21:00, eu estava sentado à mesa da sala a ler o manuscrito da a Jane sobre ESP — a secção que trata da sua sensação de êxtase e da experiência de a Saratoga.

(Uma ambulância atravessou então a ponte de a Walnut Street, com a sirene a tocar. Foi travada por um carro a virar sob o semáforo, e ficou ali parada com a sirene a gritar até o carro sair do caminho. Depois a ambulância acelerou pela a Walnut Street abaixo em direção ao o hospital.

(Quando o som da sirene começou a esmorecer, a minha velha sensação familiar, a que o Seth chamou sensação de som, varreu-me com força da cabeça aos pés — o formigueiro rico, o frêmito profundo por dentro; senti como se pudesse ser erguido; esta sensação é agora muito agradável e sensual, desde que já não me assusta.

(Agora pergunto-me o que desencadeou o episódio — empatia com o material da a Jane, ou respondi ao som penetrante da sirene, ou foi uma combinação? Talvez, além de apreciar a sirene com os meus sentidos exteriores, isto é, os ouvidos, também a tenha "sentido".)

(Enquanto experimentava o tempo psicológico, tive as experiências seguintes.

(Quinta-feira, 7 de maio, 14:45: mal visível por detrás de um leve véu, tive a impressão de um bloco retangular na vertical, coberto com agrupamentos formais de algarismos, como apareceria um calendário ou estatísticas. Lembro-me de vermelho e preto. Uma lapiseira automática estava ao lado do bloco. Ouvi também retalhos de voz não identificáveis; sem recordação do conteúdo.

(Sexta-feira, 8 de maio, 21:00: homem de ar traquinas e rosto liso a soprar num trompete ou corneta extra comprido, delgado, de cor estanho, algo amassado. Sem chaves nem outra tubagem visível, apenas a longa curva do instrumento, talvez com um metro. Vi isto na parte superior esquerda do meu campo de visão. Não houve som, a cor era discreta. A visão terminou antes de eu me aperceber.

(Vi também, muito brevemente, a ponta muito ampliada, com a unha visível, de um terceiro dedo de uma mão, até à primeira articulação.

(Sábado, 9 de maio, 20:00: vislumbres breves da a Jane e — creio — do o Leonard Yaudes a experimentar chapéus ou bandas de cabeça para o ajuste correto, a conversar de um lado para o outro. Batidas na parede vindo de baixo acordaram-me a meio disto.

(Depois do meu episódio de sensação [ver página 81], fiz uma segunda tentativa de tempo psicológico. Deitado de costas, senti resíduos da sensação no topo das pernas e nos pés. Depois vi-me a rolar um pneu ao lado do nosso carro azul. O carro estava estacionado à berma da estrada. Era um dia claro e soalheiro, e eu usava boné e roupa desportiva. Estava no lado esquerdo do carro, virado para a frente. Isto foi interrompido pela a Jane a chamar-me, já que eu tinha definido um limite de tempo. Visão muito breve.

(Domingo, 10 de maio, 21:15: considero que esta é uma das minhas melhores experiências até à data. Ouvi muitos retalhos de uma conversa entre a minha mãe e o meu pai, e tive um vislumbre nítido e muito breve da parte de trás da cabeça e dos ombros do meu pai quando ele empurrou uma porta com rede. Compreendi-os claramente no momento e, após cada frase, fiz um esforço definido para me lembrar do que disseram — mas esquecia logo ao concentrar-me na frase seguinte. Não me ocorreu tentar falar com eles. Nunca vi a Mãe. Da primeira vez ouvi a voz do Pai fora do meu campo de visão, à minha esquerda e atrás de mim. As vozes eram muito claras e definidas, e o que diziam fazia sentido. Mas não consegui reter.

(De cada vez que agora me deito, digo a mim mesmo que me sinto relaxado, leve e sem preocupações. Com isto surge uma sensação interna — momentânea, é certo — de verdadeiro "aligeirar". Digo também a mim mesmo que posso visitar o Ed Robbins e a esposa dele, ou outro amigo. No episódio acima, embora não tenha visitado o Ed e a Ella, visitei alguém. Estas experiências são muito interessantes.

(Sinto que a experiência de domingo é bastante significativa. Pode notar-se também que, mais tarde nessa noite, quando a Jane experimentou o tempo psicológico, ela própria "sintonizou" a Mãe e o Pai. Não viu nenhum deles; e, tal como eu, embora a experiência tivesse alguma duração, a Jane não conseguiu reter o essencial da conversa deles.)

SESSÃO 52

11 DE MAIO DE 1964

(Às 6:00, a Jane acordou-me para dizer que estava presa por um torcicolo extremamente doloroso. Quando conseguimos tratamento já se aproximava o meio-dia, pelo que pareceu que esta noite não haveria sessão, ou, na melhor das hipóteses, apenas umas palavras de o Seth reconhecendo a gravidade do estado de a Jane.)

(No domingo, e até tarde na noite, a Jane esteve a ler The Winthrop Woman, um livro de a Anya Seton sobre a vida colonial americana nos anos 1600. Na noite passada ela não conseguiu adormecer, a pensar no livro, e supôs que de algum modo o livro a tinha agitado subconscientemente. A Jane dissera tê-lo esquecido, mas agora achava que, ao ler o mesmo livro há alguns meses, também desenvolvera problemas no pescoço, embora não tão graves. O livro tratava extensamente dos sofrimentos de as mulheres no parto e, em geral, do destino delas nesses tempos.)

(Pelas 20:30, a Jane sentia-se um pouco melhor, mas, obviamente, sem condições para uma sessão. Na hipótese de o Seth falar brevemente, preparei o meu papel de notas. Esperámos. Mesmo às 20:55, a Jane ainda não sabia se ouviria o Seth.)

(Às 21:00, o Seth manifestou-se. A Jane, segurando o pescoço muito rígido para a frente, falou suavemente e sem ênfase. Ela andou devagar; não consegui dizer se os olhos dela escureceram. Ao mesmo tempo, o nosso gato o Willy começou a miar e a tentar agarrar-se às pernas e aos tornozelos de a Jane. Ele já fez isto noutras sessões. Mas agora a Jane teve dificuldade em se esquivar, pois qualquer movimento brusco desencadeava espasmos no pescoço.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Não vos vou reter esta noite, por razões óbvias. As minhas condolências a ti, a Ruburt, e a minha simpatia.

Vou abordar as razões do problema dele na próxima sessão, pois não creio que ele o consiga suportar esta noite.

(Espera um segundo.

(O Willy, entretanto, já fizera a Jane gritar de vexação com os ataques; as garras dele estavam afiadas sobre os pés descalços dela. Pouso o papel, pego em o Willy ao colo e deixo-o noutra divisão com a porta fechada. A Jane retomou a ditar.)

A Ruburt não está totalmente comigo esta noite por causa da condição dela, e foi este conflito que o vosso gato sentiu. A condição de a Ruburt está a melhorar, no entanto, e não há aqui nada que vos deva preocupar de

modo importante, embora a Ruburt esteja, claro, muito desconfortável. Entretanto, consegui, como podereis notar, endireitá-la até certo ponto.

É uma noite linda. Lamento que não possamos realizar a nossa sessão. Não obstante, sugiro que a Ruburt descanse, e também descanse amanhã, pois será muito benéfico; e irei, em definitivo, abordar as razões da condição dela.

Eu próprio estou em excelente forma, e tinha em mente uma sessão muito boa. Contudo, pode esperar.

Lamento imenso que a Ruburt se sinta tão mal, e farei o que puder para ajudar. Meus caros amigos, desejo-vos uma afetuosa boa noite; e permita-me mencionar brevemente que tinhas razão, o Joseph; a tua última experiência com o tempo psicológico foi muito significativa. E a Ruburt também sintonizou a mesma conversa, mas já começara a enrijecer e, portanto, estava a bloquear todos os estímulos psicológicos na esperança de bloquear o correto. Infelizmente, ela bloqueou todos exceto o correto.

(A Jane tentou rir. Achei estas duas últimas frases confusas.)

Aliás, o livro que a Ruburt estava a ler teve, sim, algo a ver com o desencadear da condição dela, envolvendo uma fascinação mórbida da parte dela, trazendo ao de cima muitos ressentimentos antigos. Não vos detenho mais. A informação será igualmente benéfica numa data posterior.

De novo, uma afetuosíssima boa noite. E, para a Ruburt, lamento as circunstâncias lamentáveis que a impedem de manter uma sessão. Vais ficar bem em breve, minha rubi.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 21:09. A Jane disse que o Seth poderia ter continuado e que ela esteve tentada a tentar manter a sessão. Ela não estava muito dissociada. O Willy incomodou-a de imediato, disse ela; mas, ao mesmo tempo, ela estava mais dissociada do que pensara possível nas circunstâncias.)

(Enquanto conversávamos sobre as razões do doloroso pescoço de a Jane, o Seth voltou a manifestar-se. A Jane retomou a andar e a ditar às 21:12.)

Quero acrescentar uma breve nota para edificação de a Ruburt. Ela certamente há de estar consciente de que a pose característica de a mãe dela na cama exigia uma rotação completa do tronco sempre que queria olhar para um lado ou para o outro; e que o pescoço de a mãe, por causa de a artrite dela, não conseguia rodar normalmente.

Com a Ruburt, isto envolve uma mímica, ou adoção, uma tentativa simbólica de se tornar o objeto odiado e, portanto, ficar livre de qualquer ódio que esse objeto pudesse dirigir para a Ruburt.

Do ponto de vista psicológico, acharás este princípio bastante sólido; simbolicamente, a tentativa temerosa de se tornar parte do indivíduo temido e, assim, escapar ao veneno que poderia ser dirigido para fora. Estes

sentimentos foram reavivados pela leitura de o livro por a Ruburt, onde o parto era retratado como causando à mãe grandes tormentos.

Como a mãe de a Ruburt muitas vezes falara, com a maior veemência, de o nascimento de a Ruburt ter sido fonte de doença — isto é, a artrite dela — e de dor, subconscientemente a Ruburt temeu, num nível básico, que a mãe desejasse castigá-la por lhe causar tal dor.

O torcicolo permitiu a a Ruburt identificar-se com a mãe e, assim, evitar tal castigo. Ao mesmo tempo, o próprio torcicolo infligiu um castigo em substituição do maior castigo imaginado e temido que a Ruburt sentia que a mãe tencionava, sendo esse castigo imaginado um terror básico e infantil de ser puxada de volta para o útero.

Se a mãe de a Ruburt pudesse refazer a vida, não teria tido a criança; e a criança escondida dentro de o adulto ainda sente que a mãe tem, mesmo agora, o poder de forçar a criança de volta para o útero e recusar-se a dar-la à luz.

Estou a dar este material agora, e não mais tarde, como disse que faria, porque percebi que a Ruburt se fecharia a mim, no que toca a este assunto em particular, depois de a dor passar, e bloquearia este material.

As situações psicológicas que estiveram na origem da condição de artrite de a mãe de a Ruburt não estão presentes em a Ruburt e, de uma vez por todas, ela não tem de temer tal dilema. Muito simplesmente, a artrite, apesar de existir na família dela, não é uma das doenças que alguma vez virá a incomodá-la.

Estou particularmente satisfeito por ter conseguido fazer passar este material. Agora deixo-vos por esta noite, tendo enganado a Ruburt para ouvir a verdade sobre esta matéria. É para teu próprio bem, a Ruburt.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 21:25. A Jane esteve mais dissociada durante esta última transmissão, embora ainda consciente do pescoço muito dorido. Ela sentiu também que, de algum modo, o Seth a sobrepôs até certo ponto para fazer o material passar. A Jane disse ter encolhido, mentalmente, com o uso da palavra infantil por o Seth. Ela sentiu-se um pouco melhor no fim da breve sessão.)

SESSÃO 53

13 DE MAIO DE 1964

(Ao tentar o tempo psicológico tive as seguintes experiências. De novo, todas foram bastante breves e terminaram antes de eu perceber que as tinha visto.

(Segunda-feira, 11 de maio, 21:50, após a breve sessão de segunda-feira: tive vislumbres rápidos de muitas coisas, incluindo este símbolo, desenhado em areia escura molhada na beira da água. Vi também dois homens, muito bronzeados, em fatos de banho, junto à beira da água. Outras visões foram-se antes de eu me levantar.

(Terça-feira, 12 de maio, 20:15: no centro superior do meu campo de visão, vi uma jovem, figura inteira, sentada de frente para mim numa cadeira direita. Ela sorria, tinha as pernas cruzadas, vestia camisola e saia castanhas, e tinha cabelo escuro comprido.

(Ao mesmo tempo: no centro inferior do meu campo de visão, vi uma matilha de cães de várias raças e tamanhos, um deles um dálmata. Eles fervilhavam por ali, todos aparentemente presos a uma trela-mestra. Não vi figura humana.

(Esta manhã o pescoço de a Jane estava melhor; mas, estando longe de bem, antecipávamos apenas outra sessão curta esta noite, se é que a haveria. As quartas-feiras são também noites de testemunhas, mas como chovia intensamente não tivemos visitantes. Às 20:55 a Jane não fazia ideia se o Seth apareceria, e ela não parecia nervosa. Ainda assim, começou a ditar à hora, em voz baixa como na segunda-feira; o passo dela era lento, os olhos escuros.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Como provavelmente suspeitastes, esta sessão mal será suficientemente curta para se lhe chamar sessão. A condição de a Ruburt está agora a evoluir bem, e este período de descanso das sessões não vos fará mal.

Não quero causar qualquer desconforto a Ruburt. A confiança dela é necessária, e não quero que ela sinta que está a ser usada por mim. Sei que ela não sente isso, nem eu a uso dessa maneira. Não obstante, evito também dar tal impressão.

Temos, claro, muito a acrescentar à nossa discussão de leis de princípio, mas as leis podem esperar. Elas não vão a lado nenhum. O teu problema parental voltou a sofrer uma espécie de explosão e, até agora, trataste-o bem.

Provavelmente beneficiarás, em tais alturas, de reler o material específico que te dei sobre estes pontos. É verdade que a situação requer

um equilíbrio fino e subtil de reações da tua parte. Relê o material e encontrarás aí ajuda.

A tua ideia de manter registos detalhados das experiências de tempo psicológico é excelente. Há pelo menos a possibilidade de que tu e a Ruburt, usando os vossos sentidos interiores individuais, possais por vezes perceber aspetos diferentes de uma dada situação, e que as perceções individuais vos permitam alcançar um conhecimento maior de um acontecimento específico, ou de qualquer acontecimento específico, do que cada um separadamente conseguiria. Isto, claro, levará tempo e treino.

Contudo, tal possibilidade não deve ser negligenciada. Estou extremamente satisfeito com o vosso progresso, de ambos. Verificareis que há picos de realização relativamente alta e, à medida que ganhardes prática, os picos não estarão tão distanciados e os resultados serão mais previsíveis.

Não fiqueis demasiado penalizados por as nossas sessões estarem tão interrompidas esta semana. Voltaremos em força, e não foi causado dano. Quero, porém, fazer sempre uma aparição, à nossa hora marcada, pois isto pelo menos é necessário para que ambos saibais que, apesar de circunstâncias infelizes, o contacto entre nós se mantém.

Os meus cumprimentos a ambos. Lamento certamente a necessidade de uma sessão tão breve, mas estou muitas vezes perto em períodos como estes, e ajudo-vos a usar as vossas próprias capacidades sempre que posso.

Uma nota muito breve. É de grande benefício que perceções vindas dos sentidos interiores não permaneçam no subconsciente, mas se tornem disponíveis a o intelecto, e entrarei nisto numa data futura.

Agrada-me encontrar-vos a ambos num estado razoavelmente pacífico. As vossas experiências com o tempo psicológico também são de grande benefício, por vos permitirem liberdade das pressões quotidianas e liberdade para uma perspetiva mais ampla.

Despeço-me com uma agradabilíssima boa noite, meus caros amigos, e estou muitas vezes convosco.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 21:16. A Jane disse estar razoavelmente dissociada, para alguma surpresa dela; disse que devia estar, porque não se apercebeu do pescoço durante a entrega do material.)

13 DE MAIO DE 1964 – 9:20

(Após a sessão 53, muito breve, desta noite, tentei o tempo psicológico. Ao dar a mim mesmo as sugestões habituais no início, senti um impulso nítido e até surpreendente de leveza, de elevação, percorrer o corpo.

(Por muito tempo depois disso, nada se desenvolveu. Eu estava perturbado por uma visita a os meus pais na noite anterior. Tive dificuldade em manter os olhos fechados, por isso pus um pano dobrado sobre eles. Por fim, comecei a especular distraidamente sobre os problemas de explicar o

Seth a outros; entre esses outros estava o meu chefe no trabalho, o Harry Gottesman.

(Vi então, muito claramente, no campo de visão superior central, uma boca feminina aberta, de lábios cheios e sensuais, vermelhos, com uma língua de tipo triangular a mover-se entre eles. Vi apenas a boca e a língua, e por alguma razão pensei numa língua de cartão. A boca proferiu as palavras agora por favor, por favor, tenham paciência comigo, ou palavras nesse sentido. Como de costume, esta visão terminou antes de eu perceber que a tinha visto e, ainda assim, durante a visão, foi a primeira vez que estive inconsciente do corpo deitado na cama.

(Imediatamente após a boca desaparecer, fui varrido da cabeça aos pés pelo meu formigueiro familiar, a sensação de som. A sensação foi muito forte e difusa, quase de êxtase. Senti-me prestes a ser arrebatado e levado. Apercebi-me de que estava a sorrir e de que, por baixo da venda, os meus olhos estavam abertos. A sensação continuou intensa pelo corpo talvez durante um ou dois minutos. Esperei novos desenvolvimentos, mas não vieram, embora o sentimento perdure agora às 22:25.

(Nesta experiência estiveram envolvidos som, luz e sensação. Pergunto-me se a boca foi uma criação mais ou menos consciente para explicar o vigoroso sentir que me varria.)

(Quinta-feira, 14 de maio de 1964, 11:45. Ao tentar o tempo psicológico, a Jane experimentou de novo a sensação que tem comparado ao êxtase, e que descreveu minuciosamente na página 66. A sensação extrema, o estremecimento, durou mais de meia hora. Ela sentiu-se muito leve, disse, e disposta a ir com o que quer que se desenvolvesse. Ao discutir a experiência, concordámos que talvez ela devesse ser mais cautelosa no futuro quanto a estar demasiado disposta a ir com o que quer que se desenvolva. Pensámos que um pequeno passo de cada vez era suficiente.)

(Ao tentar o tempo psicológico tive as seguintes experiências:

(Quinta-feira, 14 de maio, 21:15: sem resultados.

(Sexta-feira, 15 de maio, 21:15: vislumbre breve de dois pintores de casas de macacões brancos a içarem-se pela lateral de uma casa branca numa espécie de andaime automático; içavam-se por meio de cordas que passavam sobre os ombros. Sonho hipnagógico?

(Sábado, 16 de maio, 17:00: possivelmente um sonho: numa vista de cima, tive um vislumbre panorâmico da superfície curva de um planeta, algo como a lua, coberta de protuberâncias que pareciam ser crateras ao contrário.

(Nesta altura também, ao tentar visualizar um método de diagramar o presente espaçoso, vi um gráfico animado constituído por longas hastes pretas articuladas a erguer-se de uma base comum, em vários ângulos. Depois vi as peças inclinadas acabarem por deitar-se sobre a linha de base,

de modo que já não conseguia distinguir umas das outras, nem início de fim.

(Domingo e segunda-feira, 17 e 18 de maio: falhou.)

(Este material é incluído aqui porque o Seth menciona o assunto na sessão seguinte, a 54.ª.

(No dia 17 de fevereiro de 1964, a nossa vizinha, a senhorita Florence Callahan, que morava no apartamento da frente, no mesmo piso que a Jane e eu, foi levada para o hospital com arteriosclerose. Ver a Sessão 25, no Vol. 1. Em 9 de março de 1964, o Seth disse que 15 de abril seria um dia de crise para a senhorita Callahan no hospital. Ver a 33.ª sessão, página 262. Em 15 de abril, o Seth declarou, durante a 44.ª sessão, que a senhorita Callahan sofreria dano cerebral. Ver página 17, Vol. 2.

(A Jane e eu soubemos depois que, nesse dia, de facto, a senhorita Callahan se comportara de modo tão errático no hospital [atirando coisas, gritando, debatendo-se, etc.] que os familiares foram avisados de que ela teria de ser transferida, pois o hospital não podia fornecer cuidados 24 horas. Em 18 de abril, a senhorita Callahan foi levada para um lar local, o Town House.

(Aqui também o problema de cuidar dela se tornou agudo e, de novo, os familiares foram informados de que a senhorita Callahan não podia ficar. Como último recurso, os familiares pensaram tentar trazê-la de volta ao apartamento, já que ela falava constantemente em ir para casa; por isto, porém, ela entendia o regresso à sua antiga casa de família, de muitos anos atrás, há muito demolida para dar lugar a uma nova escola secundária.

(Em 22 de abril de 1964, o Seth afirmou que 23 de maio representaria outra, e possivelmente a última, crise no que diz respeito a senhorita Callahan. Ver a 46.ª sessão, página 30.

(Na quarta-feira, 13 de maio, os familiares de a senhorita Callahan perguntaram a Jane se poderíamos mudar o divã azul de a senhorita Callahan para o nosso apartamento e, em troca, deixá-los levar uma cama dobrável que tínhamos em arrumo; essa cama seria usada por uma enfermeira que iria viver com a senhorita Callahan quando ela fosse trazida de volta do Town House. Concordámos com a troca, feita na quinta-feira, 14 de maio.

(A Jane gostou de o divã azul; eu achei que nos enchia demasiado a casa. Após muita discussão, decidimos oferecer o divã ao nosso vizinho da frente, o Leonard Yaudes, que precisava de um em bom estado. O Leonard, professor, conhece a senhorita Callahan, e o apartamento dele confina com o dela a sul. Mas, para abrir espaço ao divã, o Leonard teve primeiro de despachar o velho divã dele. Um amigo ajudou-o a levá-lo para a garagem; depois, na segunda-feira, 18 de maio, ajudei-o a levar o divã de a senhorita Callahan para o apartamento dele.

(Entretanto, os familiares de a senhorita Callahan mudaram a senhorita Callahan e a enfermeira para o apartamento dela na tarde de sábado, 16 de maio. A saída do lar foi feita discretamente e, embora não tivéssemos visto a senhorita Callahan na altura, soubemos que ela parecia muito melhor do que antes.

(Talvez, se eu tivesse concordado com entusiasmo em ficar com o divã azul, a Jane tê-lo-ia mantido. Tal como foi, embora eu tenha dito a Jane que cabia a ela decidir se o mantínhamos ou não, foi de facto a Jane quem o ofereceu a o Leonard. Depois da sessão de segunda-feira, a 54.ª, apercebi-me então de que não estivera muito inclinado a mantê-lo no nosso apartamento.)

SESSÃO 54

A ANALOGIA DA ÁRVORE

18 de Maio de 1964

(*Esta tarde, o John Bradley, nosso amigo de Williamsport, PA, que já foi testemunha várias vezes, passou por cá e perguntou se podia ser testemunha na sessão desta noite; trazia também informações sobre como obter cópias extra deste material. A Jane e eu somos, claro, inteiramente a favor.*)

(*O John chegou às 20:00. A esta hora a Jane já estava nervosa, sobretudo depois das sessões muito curtas da semana passada. O torcicolo estava bastante atenuado, mas ela sentia que perdera a ligação mental ao fluxo constante do material e perguntava-se como se sairia quando chegasse a hora de retomar a ditar.*)

(*Ao ler a 3.ª sessão, de 6/12/63, o John reparou que o Frank Watts, a Jane e eu tínhamos vivido juntos na Mesopotâmia, no século IV a.C. Nessa vida eu era uma mulher, o Frank Watts era minha irmã, e a Jane era nosso irmão, chamado Seth. Durante essas primeiras sessões — recordar-se-á — a Jane e eu recebíamos a nossa informação do Frank Watts. O Seth só anunciou a sua presença na 4.ª sessão. Agora o John perguntava se o Seth mencionado na 3.ª sessão, página 18, era o mesmo Seth que agora nos dá o material.*)

(*Apesar do nervosismo, a Jane começou a ditar à hora certa, com uma voz algo rouca e um pouco mais forte do que o normal; o andamento era médio, os olhos, escuros como de costume. Falou com muita ênfase e muitos gestos.*)

Boa noite.

(*“Boa noite, o Seth.”*
[O John: “Olá, Seth, como estás?”])

Boa noite, o Philip.

Depois das nossas sessões breves da semana passada, agrada-me ver o Ruburt novamente em boas condições.

Sugiro que fiquem atentos à data de 23 de maio que vos dei a respeito de a Miss Callahan, e que usem alguma cautela ao lidar com qualquer situação que possa surgir.

(*Mal o Seth começou a falar de a Miss Callahan, senti um arrepio. Depois fui varrido da cabeça aos pés pela minha sensação familiar, a que o Seth chama sensação de som. Senti-a com força, e os seus efeitos prolongaram-se por alguns minutos.*)

Foi uma boa decisão no que toca a livrarem-se do sofá azul. A Miss Callahan teria vindo cá procurá-lo e teria resultado uma situação crítica. Ela não incomodará o vosso vizinho.

Não me perguntaste, por isso não te contei. No entanto, não há distorção no material específico que estás a ler. O que Jane expressou era, de facto, Seth.

Jane falou com a minha voz, pois era a voz dele.

Não há qualquer invasão envolvida nestas sessões, como já referi várias vezes. Prometi dar-vos mais informações sobre a construção psíquica da entidade e a sua relação com os seus fragmentos.

Não poderia ter-te dito desde o início, em termos tão diretos, que Jane já fui eu próprio, porque terias saltado para a conclusão errada—de que eu sou apenas o subconsciente de Jane. Mas não é assim.

Quando compreenderes a natureza da construção das entidades, compreenderás como isto pode ser verdade.

Jane não é Seth na sua vida atual; no entanto, é uma extensão e materialização do Seth que fui.

Nada permanece imutável—muito menos as personalidades e entidades. Ainda estás a pensar em termos de formas concretas. Não podes congelar uma entidade ou uma personalidade no tempo, por muito que o tentes.

Hoje, sou Seth. Mantenho a minha continuidade, mas ainda assim mudo, e, tal como ramos que surgem a partir do tronco de uma árvore, novas correntes emergem continuamente para a existência.

Assim como uma ideia evolui, as entidades também evoluem, preservando a individualidade e a durabilidade. Mas não podes impor barreiras imaginárias para interromper ou congelar a minha identidade—nem a tua.

A Jane foi, há muitos séculos, o Seth que um dia fui. Mas cresceu, evoluiu e expandiu-se num conjunto particular e pessoal de realizações de valor. Agora, a Jane é uma gestalt real, uma personalidade que foi uma das

muitas personalidades possíveis para as quais Seth poderia ter evoluído. Eu representei outra. Eu sou outro.

Já mencionei que infinitas personalidades existem, em termos de realização de valor, dentro de cada um dos vossos átomos, moléculas e partículas subatómicas. Do mesmo modo, cada entidade contém dentro de si possibilidades quase infinitas de realização de valor.

Assim como os átomos e moléculas físicos se combinam para formar células, as células para formar órgãos, e os órgãos para formar o corpo físico, sem perderem a sua individualidade, também os fragmentos de uma entidade formam constantemente novas e variadas personalidades; e essas personalidades, por sua vez, formam entidades próprias.

Sei que isto pode ser difícil de assimilar, mas ao releres as últimas sessões compreenderás plenamente este material.

A Jane, na sua forma atual, é o resultado do Seth que eu já fui, pois mudei desde então. Jane representa e é uma personalidade formada por aquele Seth, focando-se num conjunto peculiar de atributos e habilidades.

Para simplificar, talvez, dividimo-nos—e essa divisão é sempre necessária para que várias possibilidades possam ser ativadas.

A Jane mudou desde então, e eu também. No entanto, estamos ligados, pois, de certa forma, o nosso território psíquico é o mesmo. Mais adiante, entrarei em maior detalhe sobre a construção das entidades.

O meu sentimento emocional, por assim dizer, expande-se muito para além de Jane, pois somos tentados a pensar-nos como um só—embora, na verdade, apenas partilhemos raízes comuns.

Não há contradição, ainda que assim possa parecer, no facto de todas as entidades já existirem antes da formação do vosso planeta e, ao mesmo tempo, no facto de fragmentos formarem novas entidades.

Já vos disse que a vossa conceção de causa e efeito é falha e antiquada. A teoria da causa e efeito é apenas lógica dentro da vossa perspetiva linear do tempo e da continuidade.

Se o tempo, tal como o concebeis, não existe—e não existe—então a teoria de causa e efeito não se sustenta. Todas as consciências existem dentro do presente amplo—espontâneo e durável ao mesmo tempo. Portanto, não há contradição ao afirmar que as entidades já existiam antes do nascimento do vosso planeta, apesar de, na vossa perceção linear, parecer que novas entidades estão constantemente a surgir.

A vossa experiência de tempo cria essa ilusão. Uma analogia antiga, mas ainda útil:

Ao caminhar numa floresta, encontrais muitas árvores. Podeis imaginar o tempo como sendo a floresta inteira. Mas vós vedes apenas uma árvore à vossa frente e chamais-lhe “futuro”. Pensais que a árvore não estava lá antes porque ainda não chegastes a ela. A árvore atrás de vós chamais de “passado”. No entanto, toda a floresta já existe como um todo.

Agora, levemos esta analogia um passo adiante: A floresta inteira representa o presente amplo. Cada árvore corresponde a uma consciência—todas existem simultaneamente. E, no entanto, esta floresta de presentes não ocupa espaço, tal como vós o concebeis.

Não há passado, presente ou futuro, nos vossos termos, dentro dele, mas apenas um agora. Devido às possibilidades infinitas dentro deste agora, a durabilidade mantém-se em termos de realização de valor—uma realização de valores literalmente infinita. Assim, a floresta está em constante expansão. Lembrai-vos da vossa teoria do universo em expansão, mas não em termos de espaço, nem sequer em termos de tempo, mas sim em termos de realização de capacidades e valores, que podem ser desenvolvidos em diferentes níveis e sob várias formas, sendo o vosso atual plano de existência apenas um deles.

E em cada um desses planos de existência há um reflexo das leis fundamentais do próprio presente amplo, que estou prestes a revelar-vos. Assim, não há necessidade de conceber um grupo específico de entidades antes do nascimento do vosso planeta. Disse-vos que todas as entidades que habitariam no vosso plano já existiam e participaram ativamente na criação do vosso planeta, pois nele habitariam.

Também vos disse que novas entidades estavam a ser formadas, mas, no plano do presente amplo, tudo isto é espontâneo. A contradição parece ser uma contradição apenas dentro dos vossos próprios termos. Nos meus termos, não há nenhuma. Para fins práticos, podeis dizer, na verdade, dentro dos vossos próprios parâmetros, que as entidades simplesmente tiveram "tempo" para desenvolver outras personalidades. Mas quero que fique claro que isso só é verdade dentro da vossa estrutura de tempo.

Ainda há muito a abordar sobre esta espontaneidade, que, no entanto, é durável. Também já vos disse que a vossa existência atual ocorre simultaneamente. Apenas a percecionais em câmara lenta.

(Pausa.)

Sois, de facto, divididos um milhão de vezes e reunidos de múltiplas formas diferentes, e, ainda assim, retendes o vosso ego interior e, em outras palavras, a vossa própria identidade. Mas essa identidade tem de mudar. Isto, mais uma vez, não é uma contradição. Nada pode ser estático e, acrediteis ou não, nada é.

Uma entidade pode, de certa forma, ser comparada a uma árvore que gera muitas sementes, sendo essas sementes indivíduos em si mesmas, com todas as potencialidades para se tornarem entidades plenas.

Muitas, como já disse, tornam-se entidades. Ou seja, muitas personalidades fragmentadas desenvolvem-se em entidades. No entanto, estamos a lidar com uma árvore psíquica, e as sementes ou personalidades que não se desenvolvem como entidades, não o fazem, não por falta de

ingredientes ambientais necessários, mas simplesmente porque, por várias razões num determinado ponto arbitrário, não escolhem esse caminho.

Vou mais longe e chocar-vos completamente, mencionando que as vossas sementes regulares, que não se desenvolvem, normalmente não falham devido a uma falta de condições externas adequadas, mas simplesmente porque, em determinado momento, não escolhem crescer dessa forma.

Isto aplica-se às sementes de qualquer flor, árvore ou pessoa. Já vos disse que a consciência está em todas as coisas e é a força por trás de todas as coisas. A própria entidade está sempre a mudar, e uma entidade pode, de facto, escolher desintegrar-se.

Vós vedes o processo de crescimento de uma forma altamente distorcida, devido à vossa obsoleta teoria de causa e efeito. O crescimento, no vosso plano, não é mais do que o reflexo—ou um dos reflexos—da realização de valor, visto através das lentes distorcidas da vossa perspetiva.

A mudança, como já deveis saber, não envolve apenas crescimento, mas também uma completa desorientação, para dar lugar a uma nova orientação. Vós vedes a realização de valor apenas em termos de crescimento e, por isso, pensais na desintegração como destruição psíquica e morte. Ou seja, vedes um fim como o efeito de um começo.

Isto é realmente lamentável, pois não há um verdadeiro ponto de morte, nos vossos termos. Apenas uma mudança de forma, em que uma forma desaparece noutra. Não podeis definir um momento exato nem mesmo para uma morte individual, assim como não podeis definir um momento exato para um nascimento individual.

A mudança é sempre gradual, mesmo na vossa própria perspetiva. A mudança é gradual porque a mudança é espontânea. Se a mudança não fosse espontânea, se ocorresse de forma rígida e linear, então poderíeis dizer "este é o momento exato do nascimento ou da morte".

Mesmo no vosso plano, como pode ser observado no próprio cadáver físico, as imagens físicas não cessam repentinamente. De facto, existe uma superstição antiga em algumas partes do vosso próprio país, segundo a qual um homem não está verdadeiramente morto até que todos aqueles que o conheceram tenham partido. E isso é verdade.

É verdade porque cada pessoa que conhece um determinado indivíduo cria a sua própria imagem dele, assim como cria a sua própria imagem dos outros. Enquanto a memória de um indivíduo continuar viva, essa personalidade ainda existirá no vosso plano, e isto nem sempre é vantajoso para ela.

Terei mais a dizer, como de costume. Deveis ter presente que falarei mais sobre a construção da entidade. A analogia da árvore é válida, pois nem todas as nossas sementes imaginárias se desenvolvem em árvores. No entanto, isto não significa necessariamente uma deficiência; apenas indica

que a consciência envolvida não escolheu, por uma razão ou outra, materializar-se plenamente numa forma específica, ou desenvolver certas capacidades dentro de determinados parâmetros.

Isto também pode representar um ponto de repouso necessário. E podem agora, também, tomar o vosso ponto de repouso.

(*Intervalo às 10:27. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou às 10:33.*)

Ao mesmo tempo, sabem de que estou a falar; ao mesmo tempo estão conscientes de tudo o que digo. Caso contrário, nada disto vos faria sentido. É necessário um certo nível de compreensão pessoal, e uma mistura de disciplina pessoal e liberdade. Para que este material possa passar, já têm de ter alcançado um elemento de liberdade interior e uma certa capacidade de reconhecer a vossa própria existência por detrás dos padrões de camuflagem com que normalmente se ocupam.

Têm lido acerca de chamados médiuns — e detesto o termo — a balbuciarem disparates, sendo dada a explicação de que o chamado espírito não conseguiu "passar". No entanto, o chamado disparate, quando é legítimo, representa simplesmente o facto de que nenhuma nova compreensão ou conhecimento pode ser transmitido inteiramente por via de uma entidade a falar a partir de outro plano. Os indivíduos que recebem tal conhecimento já são capazes de o compreender, e o seu próprio ego interior ajuda-os nessa compreensão. Tenho sido contra o transe profundo por esta razão, pois prefiro trabalhar convosco de modo a que sejam capazes de usar este conhecimento conscientemente e também sintam que têm parte na sua transmissão.

Passaremos agora a uma das nossas leis básicas do universo, e do presente espaçoso, que parece exigir pouca explicação: a da criação. No vosso plano, cada átomo e cada molécula contêm a potencialidade para qualquer construção física que seja. Cada átomo e cada molécula contêm, como disse, uma consciência generalizada, em que todas as leis básicas são conhecidas, e também uma autoconsciência limitada mas definida.

Esta autoconsciência, em cada átomo e molécula, determina que tipo de célula ou de combinação é que o átomo ou a molécula em particular formarão. As células, sendo um gestalt, contêm os componentes conscientes individuais, que formam então uma consciência maior do que a consciência de qualquer componente individual no seu interior, e diferente em alcance e capacidade. Por outras palavras, o todo, em quase todos os casos, é mais do que a soma das partes. E, no entanto, a consciência interior dos átomos e das moléculas individuais não é alterada; mas cada um deles combina-se para formar este valor extral —

(*"Espera um minuto. Como se soletra isso?"*)

E-x-t-r-a-l value, isto é, um valor maior do que a soma das suas partes individuais.

As células combinam-se noutros padrões, formando finalmente os vossos órgãos físicos. Quando o corpo físico inteiro está construído, a consciência da personalidade individual é, de novo, mais do que a soma das suas partes componentes. É mais do que a consciência combinada dos seus átomos. Eis a vossa criação; esta criação, a ocorrer constantemente, é, como disse, uma das leis do universo interior. Sabemos agora que a consciência por detrás de cada átomo e molécula deu construção física ao átomo e à molécula. Ou seja, a consciência veio primeiro.

A consciência vem sempre primeiro, representando parcelas individualizadas e extremamente potentes de energia que compõem o universo básico ou interior. Elas materializam-se no vosso plano, formando os seus blocos de construção. A criação que faz com que o todo seja mais do que a soma das partes é simplesmente as identidades interiores — o grosso dessa consciência — não poderem materializar-se totalmente no plano físico. Por outras palavras, nenhuma consciência se materializa por completo no plano físico.

Sugiro o vosso intervalo; e este último ponto é importante de recordar, pois estou a receber mais ajuda de vós, e dos vossos egos interiores, do que imaginam.

(*Intervalo às 10:56. A Jane estava dissociada como de costume. Como a sessão terminaria dentro de meia hora, pôs ao lume uma frigideira com frango já cozinhado, em lume brando, para aquecer.*

Intrigado com a palavra extral, fui verificar no Webster's Unabridged de 1951. O prefixo extral não constava, nem extralvalue; mas constava extralimitary, significando "fora do limite ou fronteira". Poder-se-ia dizer que a conotação das duas palavras — extralvalue e extralimitary — era a mesma. A Jane especulou que, como estudara latim no liceu, o Seth pode ter usado o seu próprio conhecimento subconsciente para cunhar um neologismo.

A Jane retomou a ditar às 11:05.)

Uma pequena nota ao Ruburt, relativa ao seu livro sobre ESP. Espero que, agora, ele perceba que "perceção extrassensorial" é, no melhor dos casos, um mau termo. "Perceção por sentidos interiores" seria uma descrição muito mais correta. Não obstante, está muito adiantado por ter prescindido de material de outros investigadores e ter confiado no seu próprio.

Não há outro investigador, se me é permitido dizê-lo, que tenha o excelente professor que vocês têm, e as vossas próprias experiências com o tempo psicológico dar-vos-ão certamente mais do que suficiente para dizer — e, mais tarde, dar-vos-ão provas que dificilmente poderão ser negadas.

Uma curta nota também ao Philip, agradecendo a sua consideração e mencionando que mudanças já começam a ocorrer entre os principais

homens da sua empresa. Um R G poderá tornar-se importante para ele a este respeito, agora ou no futuro.

(*Recorde-se que Philip é o nome dado pelo Seth à entidade do John Bradley. O John não nos tinha mencionado que sentia mudanças iminentes na sua empresa, a Searle Drug, mas, após a sessão, notou que tal bem podia ser o caso. A Searle enfrentava forte concorrência num mercado que agora favorecia o comprador, disse o John, e eram precisos métodos — e talvez pessoal — novos para enfrentar o problema.*

Quando proferiu as iniciais R G, disse a Jane depois da sessão, viu também na mente as letras I e L, quase como se estivessem escritas para serem lidas. Não se apercebeu disto senão mais tarde, quando já entregava outro material, e por isso não o mencionou até depois de o John ter saído. De qualquer modo, o John disse que as letras R G, por agora, não tinham significado para ele.)

Durante a nossa próxima sessão, dar-vos-ei mais material sobre as leis interiores do universo e mostrar-vos-ei, de novo, como as chamadas leis do universo com que os vossos cientistas lidam são tristemente inadequadas e resultam do mesmo tipo de distorção que a vossa teoria de causa e efeito. Há uma verdade por detrás da vossa teoria de causa e efeito, mas está muito longe do que imaginam e nada tem que ver com continuidade. Isto pode ser difícil, neste momento, de imaginar, mas uma durabilidade como a do presente espaçoso nada tem que ver com a vossa ideia de continuidade em termos de presente, passado e futuro.

Quanto às tuas experiências com o tempo psicológico, Joseph, dedicar-lhes-emos uma sessão inteira em breve. Tenho estado à espera de ver a diversidade que alcançarás, já que usarei as tuas experiências e vivências como base para discutir mais dados dos sentidos interiores com que ainda não estás bem familiarizado. Já referi também que, tal como os sentidos exteriores percebem o universo de camuflagem e atuam dentro das suas leis, também os sentidos interiores estão preparados para perceber o universo básico interior e, diretamente, estão familiarizados com as suas leis. Através dos sentidos interiores, então, podem perceber as leis interiores — e lembrem-se de que o ego interior sabe o que faz. O intelecto do ego exterior é apenas uma pálida imagem do vosso próprio ego interior. Iremos também aprofundar isto mais tarde.

Estão a descobrir por vós próprios que, basicamente, não há passado, presente e futuro, através das vossas experiências com o tempo psicológico, e também experienciarão diretamente outro material antes de eu vo-lo ter dado.

(*Desde o intervalo das 10:56, o frango esteve a aquecer no fogão. Já há algum tempo precisava de ser virado, fritando ruidosamente. Começou a deitar fumo e o John levantou-se para o virar. Durante esse período, a*

Jane passou muitas vezes diante da entrada da cozinha enquanto ditava, sem parecer minimamente preocupada.)

Recomendo, aliás, que o Ruburt faça uma breve visita à Miss Callahan nos próximos dias. E releiam também os vossos próprios registos das experiências com o tempo psicológico. Sugiro ainda que o Ruburt tenha cautela com aquilo a que prefere chamar a experiência de êxtase, pois não queremos que vá demasiado longe, demasiado depressa.

Não me apercebi de que esta experiência em particular ocorreria tão cedo. Na realidade, representa uma capacidade espantosa de focalizar a energia interior completa. Por outras palavras, comandar e focar a totalidade da energia inerente à personalidade a partir do universo interior; e, como tal, deve ser usada com discrição e disciplina. Nunca se deve permitir que seja usada ao serviço das emoções pertencentes ao ego exterior.

Isto é algo desagradável, mas uma energia destas, usada inadvertidamente — digamos, quando o Ruburt estivesse aborrecido com certa pessoa —, poderia conduzir a circunstâncias desfavoráveis para a pessoa envolvida; e não, isto não é "bruxaria". Qualquer energia pode ser usada para quase qualquer propósito.

Na verdade, há aqui pouco perigo desse género. Ainda assim, até que outras experiências tenham sido tentadas, recomendaria vivamente que o Ruburt não tente isto com demasiada frequência. Será o meio para excelentes demonstrações no futuro. Quis deixar isto referido.

E agora vou terminar a sessão. Espero que todos apreciem o vosso frango. Eu nunca gostei. Uma galinha é uma ave de capoeira. De novo, os meus agradecimentos pela consideração do Philip, e uma afetuosa boa noite a todos.

(*"Boa noite, o Seth."*

*[John**:** "Boa noite, o Seth."]*

Fim às 11:30. A Jane estava dissociada como de costume. E só quando a sessão terminou é que me apercebi de que não tive cãibra de escrita; creio que é a primeira vez.)

(*O John Bradley levou consigo o Volume I do Material de Seth — as primeiras 15 sessões, primeira cópia a carbono. Duas amigas dele, datilógrafas profissionais, ofereceram-se para tentar copiar o material, e o John achou que esta quantidade — 147 páginas — seria suficiente para testar o interesse e a resistência delas. Ver-nos-á dentro de duas semanas.*)

(*Enquanto experimentava o tempo psicológico, tive as experiências seguintes.*

Terça-feira, 19 de maio, 21:00–21:50: eu estava muito cansado quando me deitei. A Jane havia de me chamar às 21:30. Durante muito tempo nada aconteceu. Depois, uma voz aos gritos, irreconhecível e bastante alta, à minha esquerda enquanto eu estava deitado, acordou-me

de sobressalto e fez-me virar a cabeça nessa direção. Nada vi associado à voz.

Em seguida, deitado de costas na cama e de olhos fechados, olhei para cima e vi-me de pé diretamente por cima de mim, com os pés aparentemente sobre o meu próprio peito. Ao fazê-lo, varreu-me com força a minha sensação familiar de frêmito.

Depois, pareceu-me olhar por um corredor estreito e iluminado para as minhas costas enquanto eu estava sentado a uma secretária ou mesa. O meu segundo eu respondeu a uma pergunta que eu fizera: "Claro que sim, não vês já como isto funciona?" — ou algo do género. De novo a minha sensação.

Depois, eu estava sentado numa cadeira direita, numa divisão, a olhar para mim próprio deitado numa cama. Ambos os "eus" vestiam a mesma roupa. As luzes estavam acesas. Outra vez a minha sensação. Estas três experiências foram muito breves. Por uma vez, senti também a já familiar sensação de mãos 'grossas' ou aumentadas.

Quarta-feira, 20 de maio, 20:20: faltava pouco para a sessão — a 55.ª. Tive muitos episódios da minha sensação de frêmito. O primeiro surgiu com bastante força quando sugeri a mim mesmo que me sentia leve; então a sensação tomou-me, e ao mesmo tempo os braços, em particular, pareceram-me muito leves, quase sem peso.

Depois disso, a sensação regressava, em menor grau, a cada som que ouvia — o chamar de um robin, um carro a passar, um ruído noutra parte da casa, etc. — quase como se pudesse prever quando a sensação surgiria, quase como se estivesse prestes a tornar-se rotineira.

Disse a mim mesmo que visitaria o Ed e a Ella Robbins. Não sei se foi sonho ou não, mas pareceu-me percorrer a casa deles. Vislumbre da filha mais nova, a Lorrie, a correr da sala para a zona da cozinha; vislumbre da filha mais velha, a Arlene. Andei pela casa, em cima e em baixo.

Também na terça-feira, 19 de maio, às 17:03, enquanto datilografava a 54.ª sessão, experimentei a sensação de mãos 'grossas' ou aumentadas. Juntamente com a sensação de frêmito — a sensação de som —, estou quase a dar estas duas sensações por adquiridas.)

SESSÃO 55

COMO O VENTO A SOPRAR ENTRE AS ÁRVORES

20 de Maio de 1964

(*Na manhã de terça-feira, a Jane visitou a Miss Callahan no apartamento da frente, como o Seth sugerira na sessão anterior. O estado da Miss Callahan pareceu notavelmente bom, em comparação com o que fora quando a visitámos no hospital há algumas semanas. A Jane disse, no entanto, que ela parecia ter problemas de memória.*)

(*Pouco antes de a sessão começar, a Jane comentou por acaso que no sábado, 23 de maio, a companheira da Miss Callahan será substituída por outra, que passará a tomar conta dela aos fins de semana. Nenhuma destas duas companheiras é enfermeira profissional, embora estejam habituadas a cuidar de pessoas com problemas como os da Miss Callahan. 23 de maio é a data que o Seth nos deu como dia de crise para a Miss Callahan; e o Seth reiterou isto, com uma palavra de cautela, na última sessão, a 54.ª, página 90.*)

(*Esta tarde, o Jim Tennant, que estava marcado para ser testemunha hoje, telefonou à Jane na galeria e disse que não poderia assistir à sessão porque a esposa está no hospital.*)

(*Às 20:55 a Jane estava nervosa, como de costume; tinha também um torcicolo ligeiro. Era uma agradável noite de primavera, embora o ruído do trânsito entrasse alto pelas janelas abertas. A Jane começou a ditar com uma voz bastante normal; andava a um ritmo moderado e os olhos escureceram como de costume.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Camaradas, vejo que teremos uma sessão tranquila, sem visitas. Está de facto uma noite de primavera encantadora, e o Ruburt tem razão. Também aprecio as persianas abertas.

As células e as moléculas, formando o seu gestalt psíquico numa estrutura física humana particular, estão separadas daquilo a que podem chamar o ambiente exterior e, no entanto, também estão mais ligadas ao ambiente exterior do que separadas dele. É o ego interior, e a vitalidade interior e a determinação do ego interior, juntamente com a cooperação de todas as células que compõem o corpo físico, que permite a existência de uma estrutura tão particular como o corpo humano enquanto construção separada, mantendo o necessário sentido de identidade.

Na realidade, como todos os átomos e moléculas possuem a potencialidade de se formar em tantas variantes e como os átomos e as moléculas possuem a sua própria consciência generalizada, existe, em termos básicos, uma forte coesão interior e uma relação entre todas as

células e moléculas, independentemente da sua formação estrutural padronizada; e a estrutura humana está ligada a todas as outras construções psíquico-físicas desse tipo.

(*A meu pedido, a Jane repetiu a palavra "psíquico-físicas" (no original, psychio-physical). O Webster's Unabridged de 1951 não regista essa combinação. Em conjunto com "extral value", usado pelo Seth na sessão anterior, isto perfaz duas ocorrências recentes de termos invulgares.*)

Sem a determinação do ego interior, a coesão da identidade seria impossível. O eu, tal como o conheceis, é composto por muitas partes e contém muito mais vestíbulos e divisões do que imaginais agora. Mesmo o ego exterior contém inúmeras camadas e interconexões das quais não estais cientes.

O ponto essencial aqui é que a coesão da identidade é projetada sobre a estrutura física humana a partir de dentro, isto é, do ego interior através dos sentidos internos. Isto, naturalmente, inclui também a consciência, que é inerente às moléculas e aos átomos individuais que compõem as células.

A estrutura física, por si só, não está realmente separada de outras estruturas, como tendes a acreditar, devido à vossa perceção limitada através dos sentidos externos. Estes são normalmente considerados como órgãos percetivos que vos permitem experienciar a realidade "como ela é".

Meus amigos, há já algum tempo que aguardo a oportunidade de vos dizer que, num sentido muito real, os sentidos externos podem ser considerados inibidores.

A verdade é que os sentidos externos induzem uma focalização consciente dentro de determinadas limitações, agrupando perceções e compreensões de forma estreita e limitando a amplitude prática e imaginativa que a consciência poderia alcançar.

Através destas sessões, estais a expandir o alcance da vossa própria consciência e, consequentemente, das vossas capacidades, com a minha assistência.

Usando os sentidos externos, sois, de certa forma, forçados a conceber grupos de ideias apenas no âmbito das perceções recebidas por esses sentidos. É verdade que o uso e o pleno aproveitamento dos sentidos externos são necessários no vosso plano. Não apenas necessários, mas benéficos, sendo meios para diversos tipos de realizações de valor. No entanto, o seu alcance é severamente limitado.

É como se fosseis enviados para um campo estranho e fascinante, mas apenas com o sentido da visão. Imaginem tudo o que vos escaparia: o odor da terra fresca, os sons, a sensação do solo sob os pés, o calor do sol sobre as costas. Se apenas tivésseis o olfato, também ficaríeis severamente limitados.

No entanto, sois ainda mais limitados do que isso. É fundamental que a raça humana comece agora a utilizar e a experimentar os sentidos internos, pois, para que as potencialidades da humanidade sejam plenamente realizadas, devem surgir novos conceitos que não podem emergir dentro do âmbito limitado que atualmente se permite. Como as células e moléculas possuem consciência, porque contêm dentro de si uma cápsula de compreensão do universo como um todo, e porque possuem a capacidade de se formar numa variedade quase infinita de estruturas, há um parentesco fundamental entre cada átomo e molécula—uma ligação duradoura, independentemente da aparência separada que é percecionada através dos sentidos externos.

Os limites, as limitações, a extensão e as perceções do eu são meramente arbitrários. Em termos muito reais, cada eu é infinito, ilimitado, conectado da forma mais íntima com todas as outras coisas no universo no vosso plano; e, através dos sentidos internos e do ego interior, também se liga de maneira ainda mais profunda ao universo interior, desconhecido e invisível.

Aqui deparamo-nos com algo que será difícil de explicar. Qualquer eu, em teoria, poderia expandir a sua consciência até abranger o universo e tudo o que nele existe. O eu fechado, solitário e isolado, do qual tanto vos orgulhais, é, como já referi, uma formação arbitrária que contém o núcleo da identidade; e pareceis preferir, psiquicamente falando, permanecer "em casa".

Devido à simplicidade essencial dos elementos que compõem o vosso universo e por outras razões já mencionadas, não há fronteira real, seja química, elétrica ou mesmo psíquica, entre o eu e aquilo que geralmente considerais como não-eu.

Quimicamente, em particular, a dependência do corpo físico e do eu do ambiente planetário é evidente. Os vossos cientistas já reconhecem que a relação química entre o eu físico individual e o ambiente externo é profundamente interligada.

Assim como dependeis das plantas para a vossa sobrevivência física, essa interdependência e conexão continua em todos os outros níveis. A construção física do vosso universo, como já disse, é mantida por todas as formas de vida, não apenas pela vida humana. Cada padrão psicofísico de existência desempenha um papel na preservação e renovação da estrutura do universo físico.

O homem, ao permanecer encerrado no âmago da sua individualidade arbitrariamente designada, pode ser comparado ao homem primitivo, encolhido dentro da sua caverna. Aprendestes a aventurar-vos no universo físico. Agora, deveis aprender a aventurar-vos para além da vossa individualidade arbitrária, para um ambiente mais vasto, sem espaço ou tempo.

Tal possibilidade e tal desenvolvimento futuro não implicam uma negação do eu, nem uma dissolução ou aniquilação do eu. Muitos homens das cavernas, sem dúvida, temiam pela sua sobrevivência pessoal quando ousavam sair para a luz do dia. Temiam ser aniquilados.

Um desenvolvimento como o que estamos a considerar envolve, antes, uma expansão ou uma extensão. Assim como o universo em expansão não ocupa espaço, mas se expande em termos de realização de valor, a consciência em expansão também não ocupa espaço, mas expande-se em termos de realização de valor. Esta é a vossa nova fronteira, o vosso novo desafio.

A limitação arbitrária imposta ao eu individual resulta da sua confiança nos sentidos externos como método de perceção da realidade. Os sentidos externos são ferramentas úteis para a perceção dentro de um âmbito restrito. No entanto, o homem confiou neles durante tanto tempo e de forma tão absoluta, que agora eles ameaçam dificultar o seu próprio crescimento e desenvolvimento.

Já mencionei que as células e moléculas individuais, os átomos e outras estruturas básicas, ganham significativamente ao formarem parte de uma estrutura mais complexa, pois assim participam em experiências e realizações de valor que lhes seriam impossíveis na sua forma mais simples e isolada. Isto é de importância fundamental.

O eu em expansão, idealmente, deveria estender-se para além dos limites arbitrários que colocou sobre si mesmo. Mais uma vez, não existe uma fronteira clara entre o eu e o não-eu. Apenas existem gradações. A pele é tanto um meio de ligação como uma barreira.

(*Intervalo às 10:02. A Jane estava totalmente dissociada — "muito longe", disse ela. Conseguia sentir o Seth a tentar fazê-la usar certas frases em vez de outras, para tornar o material o mais claro possível. Tinha também uma ideia vaga da direção geral para onde o material se encaminhava. Teve um período longo de descanso, e de facto precisava dele. Retomou às 10:14, numa voz normal mas enfática, com muitos gestos e com o escurecimento habitual dos olhos.*)

O eu isolado, tal como o conheceis, pode, de facto, ser comparado às cavernas primitivas do homem. Em termos de realização de valor, a espécie expandiu imensamente o seu potencial ao sair das cavernas. Do mesmo modo, o homem alcançará a realização de potencialidades ainda não imaginadas quando abandonar a caverna do seu eu limitado e arbitrário.

(Jane riu)

Quando compreenderdes que o eu não tem limites, então podereis começar a progredir. Dado que a consciência, desde o início, não existe no espaço, não há razão para que a consciência não possa expandir-se para além das suas limitações e continuar a fazê-lo indefinidamente.

Tal expansão proporcionaria um ímpeto extraordinário e uma valorização da experiência para os seus componentes básicos—células e moléculas—uma experiência que seria preservada e utilizada.

Quando as chamadas viagens espaciais se tornarem verdadeiramente populares e práticas, elas ocorrerão desta forma. O eu utilizará os átomos e moléculas como veículos de viagem, e a consciência deslocar-se-á através deste método. O corpo físico será então compreendido pelo que realmente é: uma gestalt psíquica cooperativa, uma estrutura psíquica criada em conjunto pelo ego interior, utilizando átomos e moléculas que são, por si mesmos, vivos e conscientes.

Façamos uma pausa para assimilar este material, pois sei que é difícil de compreender. Quero esclarecer estes pontos para vos levar à questão principal. A consciência precede sempre a formação do corpo físico, tal como descrevi. No entanto, não há limites reais que separem o eu do não-eu.

Os sentidos externos, por terem sido confiáveis e dominantes durante tanto tempo, funcionam como antolhos, restringindo os campos de perceção possíveis e dificultando tanto a imaginação como o intelecto na formulação de novos conceitos.

As viagens espaciais, quando verdadeiramente ocorrerem, utilizarão a expansão do eu. A vossa ideia de morte está enraizada na dependência dos sentidos externos. Aprendereis que é possível, sem qualquer ato físico, abandonar o corpo físico, expandir o eu, utilizar os átomos e moléculas como trampolins para um destino específico, e reconstruir o corpo físico na outra extremidade. Isso certamente vos parecerá estranho. Mas só porque ainda não experimentastes.

O aspeto de dificuldade é o vosso pânico e a vossa necessidade de proteção, acumulando-se dentro do núcleo de um eu limitado, bem como o vosso receio de deixar de lado as infinitas portas entre o eu e aquilo que parece não ser o eu—portas que vós próprios erguestes.

No início, a entrada no vosso plano requer uma unidade de energia simples—um espermatozoide—uma cápsula simples, mas poderosa, que contém toda a potencialidade futura. Após a entrada no vosso plano, o eu ou identidade, a consciência, sem qualquer ato físico, pode abandonar o corpo físico, expandir-se, viajar através de átomos e moléculas e reconstruir-se completamente.

(*Mais tarde, a Jane contou-me que, enquanto proferia este material em voz alta, continha também outro canal paralelo de pensamento do Seth, como faz muitas vezes. Desta vez, estava bem consciente da preocupação do Seth de que alguém, ao ler esta secção do material, pudesse cometer suicídio num esforço mal orientado para provar que é possível à consciência passar sem o corpo físico. A Jane disse que, por vezes, está*

ciente de até três correntes paralelas de pensamento em simultâneo, ao mesmo tempo que dá voz a uma delas.)

Isto parece estranho porque não compreendeis inteiramente que a energia, a vitalidade individualizada na consciência, é aquilo que forma o corpo físico; e, uma vez que surge no vosso plano, pode abandoná-lo e reconstruir-se. Não representaria mais para os átomos e moléculas por onde passasse do que o vento que sopra pelas copas das árvores.

Mas, tal como o vento representa movimento e excitação para as árvores, a consciência, ao passar pelas células e moléculas do chamado espaço, representaria uma experiência refrescante e novas satisfações momentâneas.

O medo é tudo o que vos impede. Provavelmente descobrireis uma forma física e tecnológica de tornar isto possível antes de perceberdes que poderíeis tê-lo feito desde sempre.

Refri as viagens espaciais porque sei que te interessam, mas isso é apenas um exemplo — e um espetacular, para prender o teu interesse — das vantagens da extensão do eu.

Lamento, esqueci-me do vosso intervalo. Façam-no, sem dúvida.

(*Intervalo às 10:44. A Jane estava muito mais dissociada do que o habitual. O pescoço, disse ela, estava bem. Toda a sessão — que ela considera excecionalmente boa — foi-lhe como um sonho. A minha mão direita ficou algo contraída depois da passagem acima, embora, nas últimas sessões, tenha estado muito melhor.*)

(*Quando o intervalo começou, apercebi-me de que as minhas mãos pareciam "grossas" ou aumentadas; ao mesmo tempo, a Jane disse que as dela também, e que já o notara mais cedo na sessão, mas se esquecera de o mencionar. A minha mão direita — especialmente o terceiro dedo — parecia muito cheia e tensa. Nessas alturas, a pele ganha um aspeto esticado, quase ruborizado, e os dedos sentem-se em esforço quando se fecham. O fenómeno durou vários minutos em ambos.*)

(*A Jane comentou ainda que, em vários momentos nas últimas duas ou três semanas, sentira o pé esquerdo ou a mão esquerda — nunca a direita — como mergulhados em água quente. Não é sensação de transpiração, mas antes um "calorão". Acontece a qualquer momento — no trabalho, em casa, etc. —, quase como se o membro pudesse dissolver-se ou fundir-se num ambiente tépido que o envolvia.*)

(*A Jane retomou no mesmo registo às 10:55.*)

Os vossos cientistas descobrirão muito em breve que o eu não tem verdadeiras fronteiras, mas não pensarão, por si sós, nas implicações envolvidas durante bastante tempo. Parte das limitações impostas ao eu são culturais e variam consoante as civilizações, mas a causa básica é a confiança absoluta nos sentidos exteriores —

(*Neste momento ouvi claramente, pelas janelas abertas, o estrondo seco de um acidente de automóvel. As janelas da sala dão uma boa vista para a nossa rua, uma das principais de Elmira, mas, com um olhar rápido, percebi que o acidente estava fora do nosso alcance visual. A Jane também ouviu, mas limitou-se a lançar um olhar casual pela janela. Tal como com o frango a queimar descrito na última sessão, não ligou; durante a entrega, ela parece ser largamente imune a distrações.*)

— mesmo quando os vossos próprios avanços tecnológicos provam, sem margem para dúvida, que em muitos casos a evidência dos vossos sentidos exteriores está errada e não representa a realidade, mas um padrão arbitrário imposto à realidade. Pelos sentidos exteriores, tendes sempre de ver a realidade em termos arbitrários, realmente inalteráveis; e a realidade simplesmente não pode ser mantida dentro de tais fronteiras.

Esta extensão do eu ocorrerá, em certo grau, antes de se alcançar qualquer fraternidade humana realmente eficaz. É infeliz, mas é verdade. O eu começa a aprender as suas limitações arbitrárias ao mesmo tempo que tenta expandir-se na infância. Se as limitações culturais fossem levantadas, isso seria pelo menos uma vantagem.

A consciência, com a sua origem no universo interior e não estando presa ao tempo ou ao espaço, está em posição de se expandir nas linhas que mencionei. O corpo físico, em grande medida, não. Não me interpretes mal. Para fins práticos, deixando a teoria de lado, não poderias manter a fidelidade ao teu plano — viver, por exemplo, um tempo de vida normal (e isto é necessário) — estando separado do corpo físico.

(*De novo me apercebi de que a minha mão direita parecia aumentada; a sensação tinha passado, mas regressou agora com maior intensidade. Era algo que atrapalhava a escrita; a mão, sentindo-se diferente ao segurar a caneta, obrigava-me a concentrar-me mais no simples ato físico de passar as palavras para o papel. E vi a Jane a esfregar as mãos enquanto andava de um lado para o outro enquanto ditava.*)

Apesar disso, podes deixar o corpo físico e reconstituí-lo. Lamento dizer que, se tens uma vesícula biliar doente, o corpo reconstituído terá também uma vesícula biliar doente, pois é a consciência que causou a doença, para começar. Mesmo que deixes o corpo momentaneamente, não deixas os teus problemas para trás — ou, pelo menos, terás de voltar a eles.

Prometi dar-vos material tratando do método pelo qual todas as espécies e todos os seres vivos cooperam na manutenção e renovação constante da construção física do vosso universo, e verão que parte do material desta noite vos dará intuições sobre este assunto.

(*O fenómeno persistia na minha mão direita de forma surpreendente. Até o polegar e o mindinho estavam agora envolvidos. Nesta altura, claro, eu estava bastante certo de que isto era deliberado por parte do Seth,*

dadas as matérias em discussão. Ainda assim, não gostei de interromper o fluxo do material.)

As várias espécies e as múltiplas variedades de vida no vosso universo podem, com bastante propriedade, ser comparadas a células, órgãos ou membros de uma criatura gigantesca. Não há razão para sentir que o ser humano é insignificante, ou que o indivíduo é impotente ou está à mercê de forças que não consegue perceber nem compreender. Pelo contrário: o indivíduo — qualquer indivíduo — é supremamente importante, necessário; e a sua capacidade — dele, ou mesmo "dela", enquanto entidade — de usar a sua energia de modo construtivo e, acima de tudo, de se expandir em termos de realização de valor é mais vital do que vos consigo dizer.

(*"Porque é que a minha mão continua 'grossa'?"*
Eu estava agora muito interessado em tirar algumas medições tanto da minha mão como da da Jane, enquanto as sentíamos assim — como o Bill Macdonnel me ajudou a fazer na 47.ª sessão, quando encontrámos evidência física nítida de aumento dos dedos. Não o podendo fazer no momento, lembrei-me, porém, das declarações muito claras do Seth na 49.ª sessão, página 63, quanto à sua atitude muito conservadora em relação a demonstrações.)

Tenho-me esforçado por acrescentar, esta noite, uma perspetiva extra à sessão, no que toca às sensações, tanto para ti como para o Ruburt. A extensão ou expansão do eu envolve, momentânea e inicialmente, uma ligeira expansão do tecido. Creio que ambos já experienciaram isto, em vários momentos e em graus diversos.

Há um aumento temporário e inicial, mal percetível — uma pulsação profunda, como um bater "para fora" de células e moléculas —, na verdade uma espécie de pulsar que resulta num aumento minúsculo, mas definido, do tecido. Vocês vivenciam isto em câmara lenta. Completo, o processo representaria aquilo que pareceria ser uma propulsão da consciência — ou do eu — a partir dos tecidos.

Agora. Sendo a consciência-identidade composta pela consciência generalizada, combinada e cooperante, de todos os átomos e moléculas do corpo, e pela consciência do ego interior, essas consciências moleculares que antes — ou inicialmente — encontraram expressão ao formar a sua construção física já não o fazem; mas são competentes para o voltar a fazer quando a autoconsciência assim o exige.

(*O fenómeno na minha mão continuava a persistir, e agora envolvia também a esquerda. Em duração, esta experiência excedia, e de longe, qualquer outra anterior.*)

As consciências moleculares combinadas, mantendo a identidade, formam uma consciência gestalt—o ego externo—que, por sua vez, é utilizado pela consciência do ego interno. Como o ego interno não está

sujeito às leis do vosso plano, uma vez tendo entrado no vosso plano através do nascimento físico, pode, portanto, abandonar o corpo físico e reconstruí-lo.

Como o ego consciente é composto por uma gestalt de consciência molecular, quando abandona o corpo físico, leva consigo essa consciência molecular, que então auxilia na reconstrução futura. No entanto, uma vez que deveis lidar com as leis físicas enquanto permaneceis no plano físico, não podeis dispensar completamente as construções físicas; mas, em tais expansões de consciência, utilizareis outras moléculas e átomos físicos.

Já disse que isso envolverá essas outras moléculas e átomos apenas na medida em que o vento sopra através das copas das árvores.

Meus amigos muito amados, esta é uma das nossas melhores sessões até à data. Penso em vós com a mais alta consideração, e respeito-vos a ambos, não só como excelentes alunos mas como amigos queridíssimos. Encerrarei então a sessão. Deixa-me dizer-te, o Joseph, que o teu biombo se revelou de grande valor psíquico para ambos; e não tiveste quaisquer abcessos nas gengivas desde que sugeri pôr o frigorífico na cozinha.

Aguardo com gosto muitas sessões estivais deliciosas, embora façamos concessões sempre que o solicitem.

(*"Boa noite, o Seth."*

[A Jane: "Boa noite, o Seth."]

Fim às 11:31. A Jane estava totalmente dissociada — "muito longe", disse ela —, sem memória do ambiente enquanto entregava o material. Ainda assim, sabia que a sessão tinha sido das melhores até agora.

Longe de diminuir, o fenómeno das mãos estava agora no auge — e o da Jane também. O terceiro dedo da minha mão direita parecia aumentar ainda mais. A Jane procurou as nossas tesouras; como não estávamos preparados, levámos alguns minutos a encontrá-las e a cortar tiras estreitas de papel. Usei essas tiras como fitas para medir as circunferências do terceiro dedo de ambas as nossas mãos direitas. Medi o dedo da Jane acima da articulação média, e o meu acima e abaixo da mesma articulação.

Quando nos organizámos, a sensação já começara a diminuir em ambos, mas, mesmo assim, fiz as medições.

Às 11:35, a medição da Jane foi 2". Na noite seguinte, 21/5, o mesmo dedo mediu 2¼" no mesmo ponto, para uma diferença de " na circunferência.

O meu dedo mediu 2" acima da articulação média; na noite seguinte mediu 2" no mesmo ponto, para uma diferença de " na circunferência.

Abaixo da articulação, o mesmo dedo mediu 2¼" assim que a sessão terminou. Na noite seguinte mediu 2" e pouco, no mesmo ponto, para uma diferença na circunferência de pouco mais de ".

E, mais uma vez, dei-me conta de que, apesar de toda a escrita desta sessão, a minha mão não estava com cãibras nem demasiado cansada.)

(*Enquanto experimentávamos o tempo psicológico, tivemos as experiências seguintes.*)

(*Eu — quinta-feira, 21/5, 21:30:* poucas ocorrências da minha sensação de frêmito.)

(*Eu — sexta-feira, 22/5, 21:30:* poucas ocorrências da minha sensação após a sugestão a mim mesmo de que me sentia leve. Isto está a tornar-se um efeito fiável nessas alturas. Agora pareço conseguir saber de antemão quando a sensação se manifestará durante tais experiências.

Além disso, vislumbre de um rapaz adolescente, de roupa clara e ténis, a tentar partir nozes em cima de um soalho de madeira pintada, batendo energicamente com o pé esquerdo. Ouvi — ou senti — o baque do pé no chão. Vista de ¾, pelas costas, figura inteira. Note-se que hoje, numa mercearia, reparei em nozes, por algum motivo; normalmente não lhes presto atenção.)

(*Eu — sábado, 23/5:* falhei.)

(*Eu — domingo, 24/5, 21:45:* passámos o dia a conduzir pelo campo. Já no estado desejado, tive várias experiências curtas em que deslizava por diferentes estradas, subindo e descendo colinas, contornando curvas, etc. Não me lembro de estar num carro, nem de a Jane estar comigo. Muito agradável.

Depois, surgiu uma experiência algo desagradável. A conduzir — ou a deslizar — pela estrada do rio, a norte de Chemung, NY, com uma vedação à direita que me impedia de sair da estrada, vi descer pela encosta, alguma distância à minha frente, um grande camião-reboque — na faixa errada. A experiência teve duração suficiente para eu ponderar a melhor forma de a evitar. O camião não guinou; seguia direito a mim até que surgiu enorme mesmo à minha frente. Não houve embate, mas assustei-me; por vezes vi o camião através de um véu branco. Depois percebi que tinha espaço de sobra para sair para a esquerda e, assim, ficaria em segurança.

Sintonizei também, de novo, parte de uma conversa entre a Mãe e o Pai; ouvi-a claramente e creio que estive envolvido nela, mas não a consegui reter e esqueci-a ao levantar-me, até ao dia seguinte. Não me lembro de os ter visto desta vez.)

(*Eu — segunda-feira, 25/5:* falhei.)

(*A Jane — sábado, 23/5, 3:30:* a Jane viu duas mãos, brilhantes como as de uma pessoa doente, numa luz branca. A imagem era tão nítida que pensou ter os olhos abertos. Quando os abriu, saiu do estado desejado.)

SESSÃO 56
A QUESTÃO DO CLIMA
A RELAÇÃO PRIMÁRIA QUE O HOMEM TEM NA SUA (TRANS) FORMAÇÃO

25 de Maio de 1964

(O sábado foi 23 de maio. Tudo esteve tranquilo no que dizia respeito ao apartamento da Miss Callahan. A Jane e eu não a vimos, mas por vezes ouvimos a voz dela através da porta do apartamento quando usávamos o corredor. Teve visitas em várias ocasiões. A Jane visitara-a algumas vezes durante a semana e a Miss Callahan já a reconhecia quando a via. Mas era óbvio que a memória dela era falha.)

(De regresso a casa, depois de um passeio no domingo, ficámos surpreendidos ao ver a Miss Callahan e a sua acompanhante sentadas na varanda da frente; nunca a tínhamos visto fazer isso nos quatro anos em que aqui vivemos. A Jane disse que a Miss Callahan parecia muito inquieta e que, da última vez que a visitara, a Miss Callahan rabiscará e escrevera constantemente num bloco, sem parecer dar-se conta de que o fazia.)

(Também no sábado à noite, a Jane e eu assistimos a um conjunto de peças Nō japonesas no Elmira College, a convite do Bill Macdonnel, que participava numa delas. O Bill já foi testemunha várias vezes. Depois da peça, numa festa para o elenco e amigos, o Bill foi acometido de dores fortes no peito e nas costas; saiu para casa com os pais.)

(Note-se que nesse dia, 23 de maio, ocorreu a visão da Jane das mãos doentias, já muito tarde, depois de termos regressado a casa. No domingo soubemos que o Bill estava no hospital com um pulmão colapsado, também com bolhas, e teria de lá ficar vários dias. Ao visitá-lo na segunda-feira, encontrámo-lo muito melhor, mas ainda destinado a permanecer no hospital para observação.)

(Às 20:45 a Jane estava nervosa, como de costume. Começou a ditar com uma voz calma, andando bastante devagar. Os olhos escureceram como de costume. O dia tinha estado nublado e bastante frio e ventoso.)

Boa noite.

("Boa noite, o Seth.")

Acho-os aos dois bastante cansados esta noite. Mas depois vocês não podem estar no vosso melhor o tempo todo. Poderiam estar no vosso

melhor o tempo todo se seguissem certas regras bastante sãs, que espero abordar mais tarde para seu benefício. A propósito, o clima de facto afeta-lhes o humor, assim como o vosso humor afeta o clima, mas também vamos falar sobre isso mais tarde. Quanto à referência que fiz em 23 de Maio em conexão com a Srta. Callahan, isso não foi uma distorção; e a crise, que era uma crise psicofísica, surgiu conforme eu disse que iria surgir.

A Srta. Callahan mencionada em conexão com o dia 23 foi a primeira mencionada naquela data, como a Jane percebeu hoje um tanto tardiamente. A inquietação aparente do comportamento da Srta. Callahan que a Jane notou quando a viu era apenas uma pequena evidência tangível da crise interna. A crise em si foi principalmente psíquica, que naturalmente assumirá consequências físicas. A senhorita Callahan foi forçada a perceber que até mesmo o seu ambiente doméstico não era mais familiar, nem ela se sente à vontade nos seus próprios domínios.

Teve início uma dispersão na qual o ego achará cada vez mais difícil manter a energia dentro de formas de identidade pessoal, ou usar a energia para os propósitos do ego. A energia voará em todas as direções, descontrolada e não mais canalizada. O hábito ainda mostrará algum poder de contenção durante um tempo, mas blocos inteiros de realização conceptual e blocos inteiros de perceção do tempo estão agora certamente a afastar-se do controlo do ego.

O retorno a casa pareceu interromper temporariamente esse progresso constante em direção à difusão. Essa crise ocorreu às 2h30 dessa mesma manhã, quando a Srta. Callahan despertou, momentaneamente inteiramente despida do ego, frente a frente com o subconsciente e a sentir o eu interior dentro dela. Foi um momento de terror momentâneo, em que o ego percebeu que aquilo contra o que lutara e o que continuaria a lutar, embora inutilmente, não era de facto inimigo dele, mas um eu interior omnipresente mais familiar, contra o qual ele agora era impotente. O ego regressou, mas este foi o primeiro instante em que ela realmente ficou cara a cara com o seu correspondente em essência e de facto.

Os momentos repetir-se-ão, pois a Jane notou que a Srta. Callahan fez uns rabiscos num bloco sem qualquer conhecimento consciente do que estava a fazer e sem conhecimento do que tinha escrito. O corpo torna-se dependente de velhos padrões habituais que prosseguirão durante algum tempo. Naquela noite, blocos adicionais de células cerebrais reais foram destruídos. A cooperação, portanto, começa a ser interrompida.

A segunda menção à data de 23 não foi constituiu distorção. Tentei associá-la ao referir que a data já havia sido apresentada em associação com a Srta. Callahan. Mais uma vez, não houve distorção, aqui. O que surgiu foi correto, mas a minha encantadora Jane apenas bloqueou o resto.

Basicamente, isso não é tão problemático quanto uma distorção, embora por vezes esse bloqueio te possa deixar no ar. A data realmente referia-se ao nosso jovem amigo, que adoeceu nessa mesma noite. Não teria adiantado nada se uma informação completa tivesse sido fornecida. Se vocês tivessem sabido do que estava para acontecer, vocês não poderiam tê-lo evitado de qualquer forma.

A peça é a coisa certa, e assim foi. A peça em que o vosso amigo participou representou o trampolim para a atuação interior, infelizmente de sacrifício. A advertência que foi fornecida foi passada, mas é claro que vocês aparentemente pensaram que isso se aplicava à Srta. Callahan. Em vez disso, implicava cautela contra a possibilidade de surgimento de conflito com a mãe do vosso amigo, e isso poderia facilmente ter ocorrido, sem qualquer resultado positivo a longo prazo.

É realmente forçoso que o jovem consiga uma morada longe da família e, num aspecto, o ataque que envolveu os pulmões representou uma tentativa de adiar a responsabilidade. Como tal, durante um tempo, presta-se a um bom propósito.

Outras responsabilidades inerentes à sua profissão estavam a ser-lhe colocadas sobre os ombros, e isso mais a intenção que tinha de encontrar um próprio apartamento exerceu peso sobre ele, até que ele se livrar disso.

Ele não ousou adoecer até a última noite da peça, embora o ataque tenha ocorrido praticamente pouco antes da primeira noite da peça. Em última análise, ele terá que sair para viver sozinho. É praticamente necessário que ele perceba o modo como a mãe o está a dominar e compreenda a própria dependência em que está metido. Caso contrário, ele debater-se-á com fantasmas e despenderá energia valiosa de que agora precisa desesperadamente. Eu quis dar-lhes este material para esclarecer o mal-entendido. As duas menções separadas à mesma data se referiam-se a dois incidentes distintos que ocorreriam no mesmo dia.

As distorções estão agora a verificar-se cada vez menos. Uma segunda leitura cuidadosa do material, nestes casos, geralmente esclarecerá esses mal-entendidos, conforme verão quando relerem o texto real da passagem mencionada.

(Hoje mais cedo, ao reler a 54ª sessão, ela estabeleceu a associação intuitiva de que a referência que o Seth fez duas vezes ao dia 23 de Maio se referia de facto a dois eventos distintos. Por sugestão dela, também reli o material; embora concordasse que tal interpretação era possível, por mim próprio não fiz tal associação e pensei que tirar tal conclusão das palavras escrita seria forçar um pouco as coisas. Acreditava que havia uma explicação possível além da distorção. A Jane e eu ficamos satisfeitos com a afirmação do Seth de que não ocorrera nenhuma distorção, mas apenas um bloqueio parcial. A Jane ainda é muito cautelosa no que toca ao material pessoal. Sentimos que pouco podemos fazer para acelerar este processo de eliminação de distorção, à medida que ela ocorre. Que eu saiba, não tivemos qualquer problema em esclarecer quaisquer distorções sobre as quais perguntamos a Seth após o evento.)

A anterior observação que fiz com respeito ao facto de o tempo lhes influenciar o humor do mesmo modo que os humores que vocês têm lhes influenciam o tempo, é significativa. Há aqui muito a explicar. Com efeito, o vosso tempo pode com alguma verdade ser comparado a uma energia de uma formação muito frouxa e principalmente desestruturada, em muitos aspetos irrestrita e descontrolada por parte de uma forte centralização de controlo subconsciente ou consciente. O indivíduo pode, por exemplo, em certa medida, e para os fins da nossa discussão, ser considerado como elementos ou energia que se acha sujeito a um controlo psíquico centralizado. No vosso plano vós sois num espaço fechado, por assim dizer, elementos físicos formados numa gestalt intencional.

Porém, muita outra energia, conquanto observe certas regras interiores, não é dirigida desse modo, e pode ser submetida ao domínio de gestaltes* intencionalmente orientadas. Contudo, é claro, isso ocorre a um nível subconsciente, e representa um derrame de energia emocional e psíquica do indivíduo para aquilo que é geralmente considerado como não-eu; e há efeitos que ocorrem constantemente, uma corrente de energia que se move dessa maneira para a frente e para trás.

**NT: Tenha o leitor em atenção o facto de que por Gestalt, se refere à forma e à natureza das suas qualidades e configuração, que, usada neste contexto, não é muito diferente de Sinergia, que refere que não se pode obter conhecimento do Todo por meio das suas partes, por a totalidade ser outra que não a soma das partes constituintes.*

Mas havemos estudar esses fenómenos de uma forma mais detalhada numa outra altura, por causa da importância que têm. ISTO PODERÁ PARECER-LHES INCRÍVEL; CONTUDO, OS MESMOS EFEITOS QUE PROVOCAM AS ERUPÇÕES EMOCIONAIS TAMBÉM PROVOCAM AS TEMPESTADES FÍSICAS. A

BASE É A MESMA. SÓ A MANIFESTAÇÃO DIFERE. Como as próprias partículas de ar, compostas como são de estruturas moleculares dotadas (tal como todas as moléculas são dotadas) de um subconsciente generalizado, e uma compreensão em forma condensada das leis internas do universo, também são, pois, estruturas psíquicas tanto quanto físicas, conforme agora já deveriam entender.

Aquelas que presentemente não combinam de modo a formarem um forte padrão de identidade complexo, mesmo assim ainda mantêm necessidade de realização de sentido de valor. Ao ajudarem a formar padrões emocionalmente carregados, elas partilham de um certo tipo de consciência de realização que de outro modo lhes seria negado. A seu modo tornam-se no que chamaremos de construções puramente emocionais, e formam padrões que funcionam por meio de um ímpeto emocional que é recebido e transmitido pelos indivíduos que desse modo descarregam e no entanto orientam excessos de energia emocional, que as diversas personalidades não mais conseguem reter no seu domínio pessoal.

Este material está a ser transmitido de um modo um tanto deliberado por causa da sua possível natureza confusa, contudo é extremamente importante e válido, e também representa um exemplo do modo como o excedente de energia emocional é descarregado e reutilizado. Em diversos aspetos isso sucede em muitos outros campos.

Correndo o risco de lhes revelar demasiado muito antes do tempo, deixem que acrescente que quando as estruturas moleculares do chamado espaço se encontram relativamente esgotadas na sua energia emocional, elas valem-se da fonte humana por um processo de osmose psíquica, por assim dizer. Mas não só a fonte humana como outras fontes animais também. Quando compreenderem que basicamente todos são um, e que na realidade não existem limitações entre *eu* e o *não-eu*, então esses factos não os aborrecerão. Mas é evidente que também funciona pelo inverso, pelo que, quando o indivíduo se sente esgotado na sua energia, subconscientemente e pelo mesmo tipo de processo, drena reservas da parte de fontes moleculares de não-identidade. (NT: tudo o que não consideramos como nós próprios.)

Em muitos casos as pessoas conhecem verdades que não compreendem com o intelecto. Desde tempos remotos que se sentem emocionalmente carregadas por efeito de uma tempestade, e isso é claro, é exatamente o que sucede. O processo que envolve é um constante intercâmbio, *dar e receber*, necessário e benéfico que resulta em pelo menos algum tipo de equilíbrio. A energia emocional extraída dos indivíduos pela estrutura molecular da não-identidade é evidentemente

devolvida de um modo recarregado e revigorado. Formas de identidade ou personalidade simplesmente não conseguem lidar com grandes excedentes de energia, por esta altura. Por isso, o processo mencionado age, com efeito, como uma importante válvula de segurança. Isto não pode ser mais enfatizado.

Existe, pois, uma importante relação entre a energia emocional e o ambiente psíquico, e eu conto conseguir ir mais a fundo nisso. Muita energia é usada por qualquer indivíduo simplesmente na construção do universo material do vosso plano. Os excessos que decorrem dessa construção de sobrevivência são usados em diversos aspetos criativos, e representam as bases da cultura e da civilização. As vossas guerras constituem, evidentemente, uma forma de excesso de energia emocional mal controlada. Em muitos casos vocês foram salvos de guerras por coisas como terramotos, tornados de natureza devastadora, e outras catástrofes físicas. Não é que a vossa raça possua o instinto da destruição, embora possua o que poderá ser realmente chamado de instinto da manipulação. Aquilo que parece ser um instinto destrutivo é em vez disso uma capacidade de controlar a energia emocional, e de a descarregar da maneira mais eficaz.

Com a vossa taxa populacional crescente, torna-se-lhes mais difícil descarregar essa energia por meio do que eu chamaria de processos naturais; ou seja, deixando que vertesse no domínio molecular da não-identidade. A privação conduz, naturalmente, a sentimentos de enorme agressão. Onde existir uma privação acentuada, verificar-se-á um clima cruel, porém, não é o clima que provoca a privação. A agressão emocional provocada pela privação é a causa do clima. O tempo ocorre por ciclos, não porque esses ciclos sejam intrínsecos aos padrões do tempo, mas por os ciclos emocionais serem intrínsecos às pessoas, mas também isto será explicado no seu devido tempo.

Por causa do facto do mau tempo ter muita vez salvo o homem de guerras nos estágios iniciais do desenvolvimento humano, o homem interpretou isso de modo erróneo como querendo dizer que o sacrifício aos elementos o pudesse salvar das calamidades desse tipo. O sacrifício nada tem que ver com isso. Sem dúvida que terão ouvido falar de conceitos como *contágio emocional* e *ambiente emocional*, e esses termos acham-se corretamente atribuídos. A energia altera constantemente a forma; e se for bloqueada num sentido ela optará por outro. AS DANÇAS DA CHUVA DOS ÍNDIOS FUNCIONAVAM. E talvez agora possam perceber a razão de ser da coisa. A propósito, se me permites que faça um aparte em reposta a uma questão que manifestaste, Joseph, durante o intervalo: o Loren foi três vezes homem.

(Ao falar sobre distorções durante o último intervalo, lembrei-me de que há muitos sessões atrás, o Seth declarou por uma primeira vez que o [meu irmão} Loren viveu três vidas como mulher, seguido de três vidas como homem na sessão seguinte. Eu nunca pedi ao Seth para esclarecer a contradição.)

O mal-entendido pareceu representar uma distorção, mas não foi nesse sentido. Muitas vezes, quando uma pessoa reencarna continuamente num mesmo sexo, a impressão geral da personalidade que dá parece ser do sexo oposto. A Jane captou uma sensação muito forte de feminilidade nisso.

(Ver a sessão 10, página 48, e a sessão 12, página 59, do Vol. 1.)

Como em muitos casos um homem velho parecerá afeminado, uma personalidade reencarnada de forma sistemática como um homem desenvolverá fortes características femininas e excessivamente compensadas, como é o caso de Loren nesta existência. O próprio facto de a personalidade evitar uma reencarnação feminina é evidência de um receio já desenvolvido. A personalidade de Loren, estás a ver, é basicamente feminina, apesar do facto de que ele nunca ter tido uma reencarnação feminina. Isso levou à confusão.

Preciso nem será dizer que no vosso plano o masculino e o feminino são igualmente importantes, embora por causa da ênfase excessiva dada no plano à manipulação agressiva, o masculino tenha, até agora, dominado.

Isto encerra muito a ser explicado, já que a conceção que vocês fazem do masculino e do feminino está muito distorcida. Os termos são, é claro, reflexos, no vosso plano, de outras leis internas básicas do universo que ainda teremos que discutir. Na verdade, eles têm muito pouco que ver com o que vocês consideram masculino e feminino, mas por enquanto podemos referi-los de forma resumida em termos de advento e desaparecimento. Falarei sobre isso mais tarde, pois você ainda não está pronto para este material.

Preciso não será dizer que, no vosso plano, o uso da energia, e da energia emocional em particular, varia no homem e na mulher; mas os mesmos métodos de utilização de descarga da energia são necessários a fim de manter não só o equilíbrio psíquico e emocional, mas igualmente a fim de manterem o equilíbrio físico no que toca às coisas vivas, assim como aos efeitos de contrabalanço que tem sobre o tempo e a natureza conforme ela existe no vosso universo físico.

No vosso plano faz-se necessário que as construções físicas surjam e se desvaneçam. O seu desvanecimento é tão necessário quanto o seu

surgimento, porque sem ele as novas formas de advento de qualquer género seriam impossíveis.

"Não é coincidência nenhuma que o homem caçador pareça, pelo menos, destruir. Só que essa destrutividade em si mesma serve os propósitos da criatividade e do advento. Ambas são meras faces da mesma moeda. Não estou aqui, de forma alguma, a dizer que toda a destruição seja boa. O que estou é a dizer que a estrutura básica que envolve a constante conceção de uma vida por parte de outra presta-se aos propósitos da criação contínua.

Quando é seguida sem a adição de propósitos irrestritos e intencionalmente cruéis que nada têm que ver com a necessidade básica, o advento ou o desaparecimento podem então ser encarados como as duas faces de macho e fêmea, cada qual prestando-se ao propósito básico da realização de sentido de valor e da criação.

Isso será associado, com detalhes, à questão do tempo de uma forma muito estreita. Isso está longe do Loren, e ainda assim não está. Outras contradições serão esclarecidas à medida que tu as trouxeres à tona. O Loren deve ter uma reencarnação feminina, até mesmo para dar validade à sua masculinidade.

Como todas as coisas vivas no vosso plano cooperam a fim de formar o vosso universo físico, assim também cooperam a fim de formarem não só os vossos ciclos do tempo, mas os ciclos do clima em termos de eras glaciares e de períodos tropicais.

A Jane devia reservar a utilização da sua melhor energia para o trabalho criativo diário, e não esgotá-la preocupando-se com o material que ela remeteu para o que considera um mundo insensível.

Esta é sua única esperança de paz de espírito e estabilidade emocional. Seria vantajoso para ela, justamente quando começa a prática do tempo psicológico, sugerir a si própria que o trabalho do dia é de importância primordial. Certas datas arbitrárias poderão ser selecionadas, quaisquer datas, para as cartas necessárias aos editores; e essas cartas devem ser escritas da forma mais automática possível.

Se ela se preocupasse mais com a qualidade do material diário e menos com o sucesso e reconhecimento externo, ela não estaria em tal turbilhão mental e emocional com respeito ao material que está a ser submetido aos editores. Precisa valer-se de uma liberdade interior nisso.

Eu sugeria mesmo, como tu fizeste Joseph, que fizesse umas pequenas férias. Ela desconta a agressão que desenvolve contra os editores no seu próprio corpo, o que é altamente ridículo. Sugeria igualmente que ela volte a exercitar as costas. Há um pouco mais aqui, diria eu, mas estou a ser bloqueado.

Vocês dois beneficiarão de umas férias no final deste ano, embora desta vez a Jane vá precisar mais do que tu. A tua pintura, Joseph, está a começar a mostrar os resultados de uma maior compreensão psíquica, que se traduzirá em conteúdo e técnica. Vou encerrar a sessão mais cedo, principalmente por ter estas sessões delineadas de forma grosseira e lhes ter fornecido o material que pretendia.

Uma curta caminhada matinal também beneficiaria a Jane; mesmo que se ressentisse da perda de tempo, e mais do que compensaria. Meus queridos amigos, desejo a ambos uma boa e agradável noite. O material que cobrimos esta noite é muito importante e será a base para novos rumos que o próprio material tomará e novos caminhos pelos quais iremos percorrer juntos

Eu ainda olho para vós, vez por outra, por vezes para minha diversão e outras vezes para meu assombro.

A Jane quase viu as mãos entrelaçadas de vosso amigo doente, durante o tempo psicológico pouco antes de adormecer na outra noite. Não deixem de fazer essas experiências, e uma noite reservaremos uma sessão para os explicar.

Os meus melhores votos para ambos.

("Boa noite, o Seth."

(Fim às 11:15. A Jane estava dissociada como de costume. Nenhum de nós apresentou fenómenos nas mãos durante a sessão. Foi muito pacífica.)

SESSÃO 57

27 DE MAIO DE 1964

(Terça-feira, 26 de maio, 21:00: ao tentar o tempo psicológico tive alguns episódios da minha sensação de estremecimento. Quarta-feira, 27/5, 17:30: sem resultados.

(A Jane, ao tentar o tempo psicológico na terça, 26/5, às 11:15, tentou projetar-se para o quarto de hospital de o Bill Macdonnel. Ela obteve um vislumbre muito breve do rosto dele, olhos fechados, acenando que sim em resposta à pergunta dela: ouves-me? Verificando depois com o Bill no hospital, soubemos que ele dormia a essa hora. A condição dele está muito melhor e ele tem alta prevista para sábado.

(Pelas 20:45 não tinha aparecido nenhuma testemunha. Ao levantar da sesta, a Jane sentia-se nervosa e com sono. Ocorreu-lhe que o Seth falaria esta noite sobre o eu e o não-eu. À medida que se aproximava a hora da sessão, o nosso gato o Willy fez mais um dos números dele, investindo persistentemente contra as pernas e os tornozelos de a Jane; como de costume, acalmou assim que a sessão começou.

(Mais uma vez a Jane começou a ditar em voz calma, caminhando normalmente, com os olhos a escurecer como é habitual. Ela manteve estas características durante toda a sessão.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Vamos ter outra sessão tranquila, pelo que sei que a Ruburt está sempre grata.

Estou a dar-vos vários materiais em certas linhas em preparação para uma discussão de algumas das vossas próprias experiências com o tempo psicológico. Conseguireis compreender muito melhor as explicações de algumas experiências vossas tendo este material como pano de fundo.

A Ruburt tinha razão. Eu ia falar sobre o eu e o chamado não-eu, para podermos esclarecer alguns pontos. Parece-me, contudo, que temos andado muito sisudos ultimamente, a tratar de assuntos pesados. Porém, aproveito as oportunidades, passando bom material quando o momento é o certo, e podemos ser mais joviais nas noites em que estais demasiado cansados para outra coisa.

(A Jane riu-se.)

Como disse, há gradações suaves e impercetíveis entre o que se chama eu e o que se chama não-eu. A vossa ideia, ou a ideia de os psicólogos, de ambiente, por exemplo, aproxima-se do que quero dizer. O eu, de facto, estende-se de muitas maneiras para formar, moldar e construir o seu próprio ambiente, ao mesmo tempo que ele se estende por sua vez para afetar o núcleo de o eu.

Estamos a falar, evidentemente, de o ambiente físico vulgar. As funções químicas, biológicas, elétricas e psíquicas de o eu estão diretamente ligadas a o universo físico como um todo. Em teoria, a influência de um determinado eu é ilimitada — e não apenas no que respeita ao vosso universo físico de camuflagem no tempo. A influência de qualquer eu estende-se também a realidades que não são limitadas por espaço e tempo.

É por isso que mencionei antes que o indivíduo era supremamente importante. Ainda assim, o eu limita-se através de fronteiras arbitrárias, erguidas por medo e também por hábito, hábito que teve origem, de início, na necessidade de sobrevivência física. A sobrevivência física já não exige estes hábitos, e eles permanecem como grilhões. Já devíeis saber que o pensamento individual não fica contido dentro dos limites de o indivíduo físico. Isto foi, de facto, provado — na medida em que a telepatia é reconhecida como facto, pelo menos por alguns, e em breve por todos.

Assim, um pensamento, decerto uma das posses mais íntimas de um eu, não permanece dentro de o eu. O pensamento pertence a o indivíduo de cuja mente brotou e, no entanto, ele não o possui realmente. Ele pode retê-lo e não o pode reter. Ele pode guardá-lo como seu e, ainda assim, não pode impedir que passe a outros, mesmo que aperte os lábios e não o diga em voz alta.

Um indivíduo ou um eu também não pode esconder de outros a sua intenção básica. Ela é dele e, embora ele a possua, não pode impedir que outros a pressintam. Ao longo destas linhas há muito a dizer: muitos intangíveis, tidos como muito secretos por o eu, não permanecem dentro de o eu. Nenhuma pele, ossos ou gaiola esquelética consegue impedir que o pensamento de o eu se expanda para fora.

A pele e o osso, sendo físicos, são barreiras adequadas para delimitar outro material, mas não têm poder sobre o que não é material. A intenção de um homem é subconscientemente percebida por todos com quem ele contacta. A telepatia explica a utilidade de a linguagem falada. Sem telepatia, nenhuma linguagem seria inteligível. A camada exterior de pele, embora sirva de invólucro físico, serve-o apenas por conveniência, no que toca a distinções.

Na realidade, a camada externa de pele é um limite frágil. Ela está mais aberta do que fechada. Só para os vossos sentidos exteriores é que a pele parece lisa. Ela é antes uma malha aberta e solta, através da qual, constantemente, passam químicos, nutrientes, moléculas, elementos, luz, som e pulsações — com frequência, continuamente, para dentro e para fora.

Portanto, falando apenas em termos físicos, o eu não é delimitado. Ele não é independente nem autocontido. Precisa, para a sua sobrevivência, de nutrientes que vêm de fora de a pele. E mais: em todos os casos, as suas

próprias excreções são necessárias ao alimento do que é não-eu, ou do que parece ser não-eu.

Isto dará uma discussão longa, e sugiro que façais o vosso intervalo. Tende cuidado com o que fazeis às peças.

(Intervalo às 21:28. Novamente, para uma primeira entrega, a Jane estava totalmente dissociada. Ela retomou no mesmo tom calmo às 21:31.)

Para efeitos práticos podeis dizer — e só para efeitos práticos — que, no vosso plano, o eu é limitado apenas pelos campos de energia que consegue controlar. O eu, em termos não físicos — psicológicos, psíquicos e filosóficos —, não é teoricamente limitado.

Aquelas qualidades, aqueles atributos que o eu considera mais seus, não são de modo algum delimitados, nem podem ser contidos por o eu. Pensamentos, sonhos, propósitos e intenções, planos e desejos estão constantemente a partir do núcleo de o eu, sem impedimento. Eles não estão encerrados dentro do crânio, como podeis pensar.

Tal como muitos fenómenos bem reais não podem ser vistos por os vossos olhos, assim também, com os vossos sentidos exteriores, não captais estas partidas constantes de energia-qualidade desde o eu para o que parece ser não-eu. Estas energias — estes pensamentos e desejos — viajam. Eles atravessam a matéria física.

Cada eu está, portanto, não só a projetar, quase em modo de míssil, tal energia a partir do seu núcleo, como também é constantemente atingido por energia semelhante vinda de outros. Ele escolhe traduzir as porções desta energia que ele deseja de volta a formas que possam ser captadas e compreendidas pelo seu próprio mecanismo.

A escolha é, claro, determinada pela sua personalidade — pelas inclinações particulares, potencialidades e limitações dela. Vamos discutir isto mais adiante, em ligação com doença, boa saúde e tratamento.

Até agora temos falado de questões com as quais deveríeis estar razoavelmente familiarizados. Eu disse que cada indivíduo ajuda a construir o universo físico. Esta construção decorre continuamente. O indivíduo usa a energia de que dispõe nessas construções. Portanto, pode dizer-se que essas construções são projeções, no vosso tempo e espaço, de qualquer indivíduo dado.

O eu individual é, por conseguinte, literalmente parte daquilo que pareceria ser objetos completamente diferentes. Em forma abreviada poderíeis dizer que o eu é o objeto que contempla, já que, de facto, ele construiu o objeto a partir de o eu.

(A Jane riu-se.)

Isto fará sentido à medida que o contemplardes. É verdade que estas construções ocorrem a nível subconsciente; mas, na medida em que percebeis o que estais a fazer, elas tornar-se-ão mais compreensíveis para o

intelecto, até que se atinja a consciência plena da origem de a matéria física.

O eu, então, está longe de ser limitado, mesmo no vosso plano. Mencionei — ou insinuei — que a influência de o eu e, portanto, o próprio eu, têm também alcance em realidades que não consistem num contínuo espaço-tempo. Isto tem de decorrer, se for verdadeira a minha afirmação de que o eu é verdadeiramente ilimitado.

Espero que me sigais aqui. Falámos de o mundo do sonho e do facto de ele ter realidade psíquica, sem espaço nem tempo como os conheceis, e uma evolução e realização de valor bastante independentes da escassa atenção que lhe dais.

As vossas personalidades presentes são apenas o resultado das qualidades particulares e imagens-de-ego (com hífen) sobre as quais escolhestes focar as vossas energias e intenção. Inicialmente, antes da existência no plano físico desta vez, poderíeis, com igual facilidade, ter focado uma configuração de qualidade-personalidade diferente, embora a vossa escolha, muito provavelmente, estivesse alinhada com um amplo campo de possibilidades, admissíveis segundo os desejos de a vossa entidade.

Agora: embora tenhais escolhido formar um conjunto de qualidades num padrão de campo de uma personalidade particular, sobre o qual focalizais a maior parte da energia, existem também outras possibilidades de eus de personalidade, mais sombrias, menos bem construídas, que existem de forma solta dentro do enquadramento psíquico da personalidade dominante — e elas também têm influência. Elas tentam igualmente construções físicas, até certo ponto, e com êxito limitado.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:01. A Jane estava dissociada como de costume. Ela retomou, do mesmo modo, às 22:06.)

Estas personalidades secundárias, conhecidas de os psicólogos, têm um lugar muito mais importante na realidade do que se suspeita. Nenhuma ação psíquica é inválida. Toda a ação psíquica existe, tem efeito e tem durabilidade em termos de realização de valor. Toda ação psíquica — e ação psíquica é qualquer ocorrência psíquica, como um sonho ou um pensamento, que possa não ter existência em termos de espaço e tempo — contém em si as potencialidades de realização de valor, transferência e até transformação de energia.

As personalidades secundárias são gestalts de acontecimentos psíquicos mais ou menos associados de forma solta. Incapazes de encontrar realização de valor em termos de crescimento e construção físicos, como a personalidade primária consegue, **elas** procuram realização por vias mais acessíveis.

Nenhuma ação psíquica é estática. Estas personalidades secundárias não podem ser chamadas de eus completos, mas certamente não podem ser postas de lado como supostos não-eus. **Elas** ganham alguma proeminência e realização através dos sonhos e, por vezes, aliciando a personalidade principal à adoção de pensamentos conscientes ou inconscientes que normalmente não seriam escolhidos pelo eu primário, alterando assim, por vezes, o curso do eu primário.

De novo: nenhuma ação psíquica é estática. Nem é estéril. O mundo do sonho pode não ter realidade material no vosso plano e, no entanto, a sua existência, em muitos aspetos, não é menor do que a daquilo a que chamais realidade. A diferença está apenas na quantidade de energia que focais e na direção em que a focais.

As personalidades secundárias encontram realização principalmente no mundo do sonho, mas o mundo do sonho é tão efetivo e real, tão eficiente quanto o vosso. Aqui, vários problemas colocados à entidade são trabalhados — problemas que ou são demasiado menores para serem tratados por um eu primário no vosso plano, ou problemas que, por uma razão ou outra, simplesmente não poderiam ser resolvidos por construções físicas.

Isto é extremamente importante, pois o mundo do sonho opera dentro das dimensões do vosso próprio campo psíquico, mas completamente divorciado tanto do contínuo espaço-tempo como da construção física. Aqui vedes que o eu transborda, não só para aquilo a que chamaríeis não-eu, mas para áreas com as quais o eu consciente mal está familiarizado. A nível inconsciente, porém, o eu está muito consciente do progresso destas personalidades secundárias e, de facto, usa este plano para a realização e desenvolvimento de qualidades originalmente ligadas a ele, mas incompatíveis com os seus intentos principais. Os dois planos enriquecem-se e afetam-se constantemente.

(Intervalo às 22:27. A Jane *estava dissociada como de costume.* A entrega *do material acima foi bastante deliberada.* Ela *retomou às 22:31.)*

É óbvio que, fisicamente, não há um só eu, já que as moléculas e os átomos que constroem as células, que constroem os órgãos, mudam constantemente. E, ainda assim, dizemos que a identidade é mantida — e, mesmo assim, aquilo a que chamamos o núcleo de identidade também muda constantemente.

Eu sou eu próprio simplesmente não significa o mesmo para uma criança, um adolescente, um adulto jovem e um adulto idoso. Embora o indivíduo possa parecer o mesmo e conserve as memórias, ele não é o mesmo; e até as memórias são coloridas pelas várias diferenças no que eu sou eu próprio passa a significar.

Algo, direis, tem de permanecer o mesmo. Insistireis também que alguma fronteira particular deve marcar onde vós acabais e onde algo mais

começa — seguramente, pelo menos, onde começa outro indivíduo. Direis eu não sou ninguém que não seja eu.

A única estabilidade entre o eu e o que é não-eu, e a única diferença, não é uma identidade que faça parte de uma estrutura física em constante mudança, nem o ego exterior, cuja conceção de quem é muda constantemente segundo a idade e o meio, mas o eu interior por detrás de todas as construções físicas.

Se perceberdes então que cada partícula física contém a sua própria consciência interior e inicial, vereis que fechámos o círculo. O indivíduo, ou o eu, é absolutamente importante. Ele opera no sentido de formar um gestalt tão complexo quanto possível, seguindo a lei de realização de valor; e, ao fazê-lo, não invade, nega ou anula outras consciências individuais. Ele é ilimitado porque não há limites para as possibilidades da sua realização de valor, nem para o número de gestalts que pode formar.

Disto deveríeis concluir que o vosso universo é, portanto, ele próprio um gestalt. Tal como uma célula individual pode ser considerada à parte do resto do corpo, e a sua borda externa pode ser considerada algo que a separa do corpo, assim o eu pode ser considerado à parte do universo, e a sua pele exterior tomada como o que o separa do resto do corpo.

No entanto, como sabemos, a célula faz parte do corpo, dando e recebendo alimento dele. A sua borda externa, mais corretamente, liga-a ao corpo. Partes dela viajam literalmente por todo o corpo. Ela é ainda um indivíduo. Ela possui consciência e compreensão condensadas; ela participa de realizações de valor, através do gestalt de que faz parte, de um modo que, doutra forma, não seria capaz. Se considerásseis o corpo como um sistema fechado — o que não é —, então poderíeis dizer que o eu da célula teria como limitações apenas os limites de todo o sistema fechado. Mas o sistema não é fechado e, pela participação da célula nas atividades do corpo, que é um sistema aberto, poderíeis realmente dizer que a própria célula não tem limitações.

As gradações, admito, são extremamente suaves. Ainda assim, o resultado final de cada gradação leva-nos à conclusão de que o eu, embora individual por causa do seu contraparte interior — o eu interior —, é ilimitado. E, no entanto, não ocorre invasão.

Espero que isto não tenha sido demasiado difícil e sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:56. A Jane *estava dissociada — bem longe, como* ela *diz —, mais uma vez.* Ela *retomou às 23:00.)*

Encerrei a nossa última sessão um pouco mais cedo e tenciono fazer o mesmo esta noite. Cheguei mesmo a ponderar reduzir o número de sessões, mas não o quero fazer.

Estivestes ambos ligeiramente cansados; e, como o material agora passa muito mais facilmente, posso dizer o que pretendo com menos

palavras. Não quero que nenhum de vós fique demasiado fatigado, e não quero prolongar uma sessão depois de ter dado a minha palestra da noite, só por causa de alguma ideia arbitrária de tempo, especialmente quando o sono vos pode ser útil.

Prefiro ainda duas sessões por semana; e, nas ocasiões em que a situação o justifique, sentir-me-ei então à vontade para continuar tanto quanto quiser, dentro da razão.

Tendes recebido informação valiosa, particularmente de há pouco tempo para cá. Continuai, claro, com as vossas experiências de tempo psicológico.

Os meus melhores cumprimentos a ambos, e não fiqueis perturbados por eu encerrar um pouco cedo. Sei talvez melhor do que qualquer de vós quando vos tornáis cansados, e também sei quando avançar. Deveis já ter alguma ideia do que significa tomar tanto do vosso tempo de relógio para as nossas sessões.

Em vários momentos, as vossas próprias energias mudam o ritmo. Não quero sugerir que qualquer de vós esteja doente ou com reservas baixas; simplesmente que as energias psíquicas têm os seus ciclos, e esses ciclos devem ser respeitados, sobretudo quando estão a ser utilizados tão bem.

Poderás talvez pensar que algumas das tuas experiências tiveram que ver com personalidades secundárias, o Joseph; mas, pelo menos até agora, não é o caso. Muito em breve entraremos nas tuas experiências. Agora despeço-me de ambos com uma afetuosíssima boa noite.

De novo, digo que vos observo de quando em quando. A ideia de a Ruburt de assumir as aulas para crianças na galeria é boa. Não tive oportunidade de falar de a Mrs. Masters dela, mas fá-lo-ei. A veia de vendedor de a Ruburt servir-lhe-á bem nas aulas com crianças. Estou algo surpreendido por ele e a sua Mrs. Masters terem conseguido dar-se tão bem quanto têm conseguido. Recomendo que ele esteja muito calmo na galeria durante as próximas duas semanas. E agora, boa noite.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 23:15. A Jane estava dissociada como de costume. A Jane sentiu que o Seth estava num dos seus estados expansivos e amistosos, e teria continuado não fora a hora tardia. Nenhum de nós apresentou fenómenos nas mãos durante ou após a sessão.)

(Ao tentar o tempo psicológico tive as seguintes experiências:

(Quinta-feira, 28/5: falhou.

(Sexta-feira, 29/5, 15:30: ao atingir o estado desejado, adormeci. Passado pouco, acordei com a voz de uma criança a falar breve mas alto no meu ouvido direito. Mesmo antes de acordar totalmente, tive a breve impressão de um homem e um rapaz a uma mesa ou banco, sobre o qual havia uns comboios de brincar. O Loren e o Dougie? Se sim, não os

reconheci nem percebi o que o rapaz disse. Nesse dia, a Jane e eu enviámos a a Linda um presente de graduação. [Ela e o Dougie são filhos de o Loren.]

(Sábado, 30/5, 20:00: experimentei a minha sensação ao sugerir leveza no estado desejado. Dizendo a mim mesmo que visitaria o Ed e a Ella, tive então um vislumbre de uma rapariga adolescente a falar ao telefone. Não a reconheci. O cabelo castanho estava apanhado atrás; ela estava sentada numa cadeira direita ao lado de uma mesinha, segurando o telefone na mão esquerda, de calças de ganga. Figura inteira, vista a 3/4 de frente. Sem batom; os lábios entreabertos como se tivesse sido apanhada a falar. Breve, embora com alguma duração.

(Tive então vislumbres repetidos de uma figura masculina em silhueta, vista de costas, com um capacete pontiagudo e um grande casaco, como talvez oficiais alemães usaram no passado. A mão direita segurava um cacete; o braço direito subia e descia regularmente, embora o ritmo não fosse rápido. Não consegui ver o que, se algo, a figura estava a atingir. Esta experiência teve alguma duração.

(Domingo, 31/5, 21:00: poucos episódios de sensação. As minhas pernas inferiores e os braços sentiram-se muito leves, como penas.

(Segunda, 1/6: falhou.)

SESSÃO 58

1 DE JUNHO DE 1964

(A Jane levantou-se da sesta às 20:45. Enquanto dormia ela teve, disse, uma ideia sobre o tema da sessão, mas esqueceu-a prontamente ao acordar. Tudo estava quieto, sem testemunhas. A Jane estava nervosa como de costume antes do início. Começou a ditar com voz algo baixa, a bom ritmo, e manteve esta atitude mais ou menos durante toda a sessão. Os olhos dela escureceram como de hábito.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Eu acho sempre as vossas conversas antes de uma sessão muito agradáveis. Nunca deixarei de me divertir com os pequenos truques de a Ruburt, como ficar a vigiar os minutos, e não me surpreenderia nada, o Joseph, se descobrisse que ela continua da mesma maneira hilariante à medida que o tempo passa. Está na natureza dela.

A cautela e a força de ego por detrás desses episódios divertidos jogam a nosso favor, porém. Ela usou-os bem desta vez, para se dar disciplina extra, e isso é ótimo. Sem essa elasticidade de ego — isto é, sem

a capacidade de o ego assumir o controlo e guiar a Ruburt de volta, reassumindo imediatamente o comando — teríamos sessões muito menos pacíficas, e a quantidade e qualidade do material global sofreria. Eu certamente não gostaria de ver ela zangada comigo, tão familiar estou com as reações explosivas dela.

(Aqui, a voz de a Jane tornou-se muito leve e divertida.)

Quanto a o eu e o não-eu, a unidade de eu é organizada, como sabeis, por o ego interior, que dirige todo o campo de energia. O ego exterior dirige a manipulação desse gestalt no universo físico. O ego exterior está mais preso a propriedades físicas e, ainda assim, pode experienciar diretamente a realidade interior mudando o foco, alinhando-se com o ego interior, focando as suas energias com os sentidos interiores em vez de com os exteriores. Este é, de longe, o método mais vantajoso de experienciar a realidade interior, porque o ego exterior fica assim conscientemente a par do que ocorreu e pode usar tal conhecimento no seu próprio domínio.

Quando o ego interior e o ego exterior perseguem pontos de vista diretamente opostos e fins e objetivos diferentes, então surgem dificuldades. Ao estudar a personalidade humana e a psique, os vossos psicólogos não foram longe, nem suficientemente fundo. Quando existe uma barreira completa, ou quase completa, entre os egos interior e exterior, então o eu inteiro fica em grande medida privado de realização de valor. Tal divisão ocorre em vários períodos da História e está a ocorrer agora.

Quando os dois estão em equilíbrio e quando há comunicação entre eles, então o ego interior pode comunicar-se diretamente com o ego exterior, trazer-lhe os esclarecimentos necessários e dar-lhe — isto é, dar a o ego exterior — o benefício da sua própria compreensão condensada e da participação direta dele na existência do universo como um todo.

O ego exterior, em tais circunstâncias vantajosas, consegue também comunicar melhor a sua experiência no mundo físico a o eu interior, ajudando assim a ampliar efetivamente o eu interior, que então experiencia diretamente estímulos e manipulações num padrão de camuflagem que, de outro modo, lhe estaria vedado.

O eu interior precisa obviamente de o ego exterior com os seus sentidos exteriores, para permitir a sua própria materialização em várias formas de camuflagem. Isto não deve ser subestimado nem esquecido. Sem o núcleo exterior, o eu interior simplesmente não poderia acrescentar à sua realização de valor através da participação em construções de energia (com hífen).

Cada existência, em quaisquer dos muitos padrões de camuflagem, treina e realiza o eu interior para desenvolver a maior realização possível das suas qualidades e características. Essas qualidades e características inerentes determinam os planos em que o eu interior existirá, e, em cada

plano, é necessária certa materialização. Ela variará segundo as propriedades do plano.

É verdade que o eu interior, na análise final, é o eu durável. Não obstante, os vários egos exteriores são extremamente importantes, e sem eles o eu interior ficaria bloqueado. Nem estas capacidades interiores, por regra, ficam por realizar. Os egos exteriores não são engolidos, por assim dizer, após uma dada existência; eles mantêm o controlo das características e aptidões cuja formação e treino foram tão importantes.

O ego exterior permanece, então, no fim, controlador e diretor dessas forças que reuniu à sua volta durante a sua existência particular. Mas mesmo isto não é o fim. Ele — isto é, ele, o ego exterior — pode continuar crescimento e desenvolvimento após uma dada existência, de acordo com a sua capacidade inerente e com a sua capacidade de comunicar com o eu interior básico.

Isto é extremamente difícil, imagino. Contudo, mesmo quando um eu interior já enviou um novo ego exterior para uma nova aventura de camuflagem, o ego anterior continua a dispor de uma via quase ilimitada para desenvolvimento. Há muitas possibilidades para ele. Ele pode escolher permanecer o que é, um ego. Ficará então numa posição algo subordinada a o eu interior, mas não mais subordinada do que estava anteriormente.

Voltará, pois, mais uma vez ao mesmo plano que lhe era familiar, onde encontrará novos desafios e desenvolverá novas capacidades que, porém, serão da mesma natureza básica; isto é, se falamos do vosso plano, o ego terá novas experiências, desenvolverá novas aptidões, talvez resolva velhos problemas, equilibre deficiências — mas continuará a lidar com problemas de manipulação e de construção física.

A maioria dos egos escolhe de facto este rumo por algum tempo. De resto, os requisitos do vosso plano exigem o cumprimento de certos desenvolvimentos como os que referimos há muito, relacionados com a experiência de uma infância completa, maternidade, paternidade, etc. Estes representam requisitos mínimos do vosso plano.

O ego pode também ter desejos particulares seus nessas linhas. Agora ides perceber o que digo. Em várias reencarnações no vosso plano, o ego que reencarna é o mesmo ego. A informação de vidas passadas é retida pelo subconsciente desse ego, por razões óbvias. Mas essa informação pode ser acedida.

Teoricamente, tal ego poderia continuar a reencarnar indefinidamente deste modo, sempre a crescer e a desenvolver-se, mas sempre a lidar com problemas de manipulação e de construção física da energia. Isto representa, então, uma possibilidade de crescimento de um ego particular. Existem outras possibilidades—

Perdoai-me. Esqueci-me do vosso intervalo. Façam-no, sem dúvida; e, antes que a noite acabe — mesmo —, terei de me lembrar de vos dar um

exemplo da minha peculiar marca de humor, já que estás com ar tão sério, o Joseph.

(Intervalo às 21:41. A Jane estava novamente totalmente dissociada no primeiro intervalo — parece ser agora a regra. Eu estava consciente de que tínhamos passado da hora, pois a minha mão começava a cansar; a entrega de a Jane também acelerara.

(Ela recomeçou a ditar com voz bem mais forte, mas o fenómeno não durou muito — talvez pela página seguinte —; depois a voz voltou ao tom baixo e algo rápido. Retoma às 21:47.)

Agora, se há boa comunicação entre o eu — isto é, o eu interior — e o ego exterior, então o ego começa a entender o que é, e também a perceber que tem capacidades maiores do que as que pode realizar através de reencarnações continuadas num só plano.

Se o ego é excecional, pode tomar um de dois rumos.

Pode escolher voltar ao mesmo plano como um grande originador, usando o conhecimento que recebe de o eu interior para fazer inovações duradouras e originais nesse plano, segundo os seus interesses, aptidões e capacidade. Tornar-se-á, portanto, um Buda, um Cristo, um Miguel Ângelo, um herói numa área ou noutra — um ego que muda o mundo físico de maneiras incalculáveis pelo mero facto da sua existência.

Depois disso, ele já não reencarna nesse plano. Contudo, devido à sua própria natureza extraordinária, ele forma com o eu interior um gestalt adicional, acrescentando energia e capacidade a o eu interior; e, de um modo que ainda não vos posso explicar, pode voluntariamente renunciar em grande medida à sua identificação como ego, para dar as suas energias por inteiro ao acervo de o eu interior.

Essa é uma possibilidade. É seguida por egos que não esgotaram a energia — que é tremenda —, mas os desejos.

Outros egos escolhem, em vez disso, tornar-se entidades por direito próprio; caso em que esse magnífico ego exterior se torna, por sua vez, um ego interior, do qual, a partir dos seus próprios desejos, aptidões e iniciativas por realizar, se formam novos egos exteriores que voltam a procurar realização.

Tal ego exterior tornado ego interior só experienciou então a existência num plano particular. Está, por isso, cheio de impaciência quanto à existência noutros planos; e, portanto, se se desenvolveu no vosso plano inicialmente, não escolherá iniciar de novo aí, mas escolherá outros planos de atividade.

Ele contém, assim, em si, o conhecimento das experiências no vosso plano, embora tal entidade possa irromper de qualquer plano. Isto representa, claro, a possibilidade mais extraordinária; e tal entidade pode, se for movida pela sua própria força, existir numa variedade de planos,

levando consigo o conhecimento de todos os planos anteriores; e cada um dos seus egos exteriores tem as mesmas oportunidades. Isto é importante.

A escolha é sempre feita por o ego particular — e estamos a falar aqui de egos exteriores, lembrai-vos. Muitos contentam-se em continuar indefinidamente no mesmo plano, com encarnações quase sem fim e em contacto, maior ou menor, com o eu interior.

A Ruburt e eu fomos rebentos da mesma entidade, como já disse. Direi agora que escolhemos os mesmos caminhos. A diferença de tempo é apenas uma distorção de camuflagem. A entidade era particularmente forte, e muitos dos seus egos tomaram a decisão de se tornarem entidades.

Há certos requisitos, como vos recordais, que têm de ser cumpridos no vosso plano e noutros. Ainda assim, um ego exterior não pode, em caso algum, escolher ser uma entidade antes de a sua compreensão atingir um certo grau. E agora, meu paciente Joseph, digo-te também que és parte dessa mesma entidade; e esta é uma das principais razões pelas quais consigo comunicar-me convosco ambos.

Este conjunto particular de circunstâncias não acontece muitas vezes. Quis deixar isto claro há bastante, mas não o teríeis entendido muito antes. Tu e a Ruburt tereis de usar todas as vossas capacidades ao máximo. Encontrareis mais energia à vossa disposição à medida que a usardes para este fim. Isto é extremamente importante, pois esta é a existência em que haveis de fazer a vossa maior contribuição.

(Aqui, a Jane estendeu-me as mãos, a indicar que estavam "gordas". Ela esfregou-as vigorosamente enquanto caminhava. Eu esperava então sentir a sensação, mas nada se desenvolveu. Ela ditava agora bastante depressa.)

Agora a Ruburt não me bloqueará. Tu, o Joseph, deves pintar, usando todos os teus poderes, instilando no teu trabalho tudo o que aprendeste agora e em vidas anteriores — de compreensão humana, capacidade, aptidão e fracasso —; e deves esforçar-te por fazer o teu trabalho ser visto. Tens de o enviar para fora e, nisso, encontrarás nascimento.

Ajudarás a criar algo nos corações dos homens que lá não estará até verem o teu trabalho. Este é o teu compromisso. Este é o teu momento. Se hás de ser uma entidade, como escolheste ser, então esta é a tua oportunidade, e esta é a tua última reencarnação nesta Terra. Precisas de poder, força, determinação e espontaneidade jubilosa nas tuas horas de trabalho.

Também precisas de influenciar pessoalmente aquelas pessoas no mundo exterior com quem contactas diariamente e de te estenderes no uso pleno das tuas capacidades de compreensão e criatividade nos teus contactos exteriores. Precisas ainda de te expandir na direção em que estás a ir, em termos destas sessões e de tempo psicológico.

Há um equilíbrio delicado a manter, mas a energia virá. Deves ainda fazer um voto mais apaixonado de envolvimento com o mundo em geral, e de identificação com tudo o que há nele e dele — pois por vezes retraíste-te disto. Mas desse voto apaixonado de envolvimento há de ser arrancado o isolamento intenso e final, e a compreensão, de onde virá o teu melhor trabalho. Tem de haver, com disciplina, uma alegria e espontaneidade apaixonadas.

Tem de haver tanto um envolvimento que brota em parte do reconhecimento da vulnerabilidade humana, como também do reconhecimento da potencialidade humana; isto, se as tuas capacidades mais profundas hão de ser realizadas e se a tua obra há de alcançar o seu verdadeiro domínio e poder.

Não posso sublinhar suficientemente esta mistura de espontaneidade, alegria e envolvimento com disciplina, isolamento e determinação. No teu caso, o envolvimento — a necessidade de usar as tuas capacidades no mundo exterior — é também extremamente benéfico. Não fazes ideia do efeito da tua própria personalidade sobre os outros quando não te retrais.

Esta retração é superficial, um efeito direto da personalidade de a tua mãe atual, tal como reagiste a ela. Uma das características que te atraiu para a Ruburt como a Jane foi o envolvimento apaixonado dela. De ti ele precisava aprender alguma disciplina, mas não ser sufocado por ela — e isto também é extremamente importante.

De ele, soubeste instintivamente que aprenderias alguma consciência de envolvimento apaixonado. É verdade que ambos estão a aprender — e a aprender bem. Há pouco perigo de te tornares excessivamente envolvido. A Ruburt, porém, conceitualmente poderia tornar-se tão disciplinado que o seu envolvimento intuitivo apaixonado ficaria muito menos ativo, e isso seria um erro.

Estas sessões são obviamente prova de que isso ainda não aconteceu. Mas agora ele descobrirá, por tua ajuda, disciplina dentro da liberdade. Contudo, ele tem de se permitir a liberdade para que as intuições dele se manifestem.

Já que finalmente consegui fazer passar este material, vou continuar com ele. No entanto, se quiseres um intervalo pelo bem dos teus dedos, faz favor — toma-o.

(Intervalo às 22:32. A Jane estava totalmente dissociada — muito, muito longe, como ela disse. Ela disse que, ao entregar este material, se sentiu tremendamente certa dele. Não era como se não fosse ela enquanto dissociada, disse, mas como se fosse mais ela. Ficou quase aborrecida por o Seth ter sugerido o intervalo.

(As mãos de a Jane continuavam algo aumentadas, embora não tanto quanto quando a sensação surgiu. A minha mão de escrever estava bastante crispada pelo ritmo da dicção. A Jane retomou às 22:45.)

Muito deste conselho não podia ter-te sido dado antes, porque terias achado várias partes dele contraditórias; mas não o são, como sabes agora.

Uma coisa é isolares parte de ti para não te preocupares nem apoquentares com as experiências com o mundo exterior durante as tuas horas de trabalho. Ainda assim, tem de ser realizada uma síntese. Fechar-te numa direção resultará em fechares-te em todas as direções.

O teu trabalho, o Joseph, é uma síntese de dor tanto quanto de prazer. Um compromisso no mundo não diminuirá, antes acrescentará ao teu trabalho — concedido, claro, que te concedas tempos específicos de trabalho. Isto também agora se aplica a a Ruburt, por força de uma disciplina que tu próprio ajudaste ele a alcançar. E ele tinha razão quanto à galeria. Ele está agora pronto para expandir, porque essa expansão ajudará as suas próprias capacidades e, portanto, influenciará outros.

Ensinar ajudará ele a desenvolver capacidades em si que são inteiramente benéficas. Se ele não for autorizado a dar as aulas de crianças, ou a expandir as capacidades na galeria, então ele deve procurar trabalho fora onde possa usar essas capacidades; pois tal experiência é-lhe necessária e será utilizada no trabalho dele.

Se ele for melhor pago por as usar na galeria, ou de outro modo, ótimo. Se não, o uso das capacidades e a compreensão resultante serão a recompensa que acrescentará dimensão à poesia dele.

Tu também deves usar as tuas capacidades o melhor possível na tua ocupação exterior. Não há dizer agora uso as minhas capacidades e agora não uso. Elas têm de ser usadas, ou não se realizarão. O uso alarga-as e acrescenta-lhes.

Fui bloqueado por a Ruburt nestes pontos por tanto tempo que fico completamente espantado por ele dignar-se a deixar-me passar esta noite.

Não pode haver contenção de compromisso, envolvimento ou capacidade num aspeto das vossas vidas sem que isso se reflita noutros — isto é, noutros aspetos onde quereis crescer. Sabes que não quero dizer que deveis dar a vossa energia a toda e qualquer causa esquisita, mas que deveis expressar as vossas opiniões, que deveis usar as vossas capacidades nos vossos empreendimentos exteriores para vosso próprio bem. Isto, em particular, a Ruburt tem bloqueado.

Isto significa complexidade acrescida, mas vós sintetizareis essa complexidade no vosso trabalho — e tendes de o fazer. Para vós dois esta vida não é um jogo. Tendes muito em jogo. Não vos podeis dar ao luxo de usar metade das vossas capacidades. Apontastes demasiado alto para isso. Se seguirdes este conselho, encontrareis dimensão extra, não só no trabalho, mas em todos os aspetos da vida diária, tanto psíquicos como físicos. Qualquer outro rumo leva a um atrofiar de crescimento.

A Ruburt deve concentrar-se na poesia dele. Ele deve trabalhar muito mais diligentemente nela, e também no livro em que tenta explicar

fenómenos de sentidos interiores. Passou o tempo de ele encolher-se de contactos com o mundo exterior, no que toca à galeria ou a qualquer outro empreendimento. Esse encolhimento foi inicialmente necessário, porque ele precisava de aprender a lidar com a personalidade bastante explosiva dele. Mas, de agora em diante, ele deve começar a usar — e insistir em usar — as suas capacidades; não apenas no próprio trabalho, mas nas relações com o mundo exterior, no que toca à ocupação.

E tu também, o Joseph. Problemas podem surgir, mas sois plenamente capazes de lidar com eles se surgirem. E sem problemas não há crescimento, e sem crescimento não há realização de valor. Tu não tens de te preocupar, o Joseph, com isolamento. Ele é um núcleo principal da tua personalidade. A Ruburt já não tem de se preocupar com falta de disciplina. Ele está agora suficientemente disciplinado. As capacidades dele sufocarão se ele aplicar disciplina a mais.

Ambos achareis também as viagens, quando possível, extremamente vantajosas. Para proteger as capacidades, ambos tiveram de tomar certas medidas: a Ruburt, impondo disciplina; o Joseph, impondo isolamento. A Ruburt está seguro — a disciplina é agora parte do arcabouço dele. O Joseph, estás seguro — o isolamento é agora parte do teu arcabouço. Embora, depois da Dinamarca, nunca esperasse ver isso.

(Aqui, em ênfase bem-humorada, a Jane *sorriu e bateu na mesa.)*

Agora podeis — e deveis — dar-vos o privilégio da expansão. A vossa síntese — a síntese representada pela tua pintura, o Joseph, e pela escrita de a Ruburt — tem agora de vir de envolvimento apaixonado, concebida em isolamento mas recebida de um compromisso psíquico com o mundo tal como o conheceis. A interação é absolutamente importante.

Estais a apontar tão alto que, por certo, os vossos requisitos são maiores. Ainda assim, não há realização no vosso plano sem compromisso. Como não tendes filhos desta vez, tendes de sentir, experienciar, envolver-vos no mundo de crescimento e mudança — que é o vosso plano. Para quem escolheu tornar-se entidade, o caminho não é fácil, mas digo-vos que vale a pena.

Sem o envolvimento, como contraste e como experiência, o eu não tem modo, no vosso plano, de experienciar a sua própria singularidade. Compromisso e envolvimento tornam-se os ingredientes de que o vosso próprio trabalho retirará o génio. A síntese é vossa — e, ainda assim, o eu tem de ser mergulhado no caos para encontrar ordem, encontrar-se, e encontrar uma compreensão que trará intuição e conhecimento originais ao vosso plano. E esta compreensão original — esta intuição original — são requisitos de uma entidade.

(De novo, a Jane *bateu na mesa onde eu escrevia, para ênfase.)*

A Ruburt deve trabalhar cada vez mais arduamente na poesia dele. Ele deve publicá-la tão frequentemente quanto possível. Tu deves trabalhar

cada vez mais arduamente na tua pintura e permitir-te sempre espontaneidade e alegria, assim como disciplina, no trabalho; e deves expor, vender ou até dar a tua obra.

De preferência, deve ser mostrada ou vendida — mas tem de ser vista. Não é para ser escondida. A tua capacidade não crescerá até ao limite se o trabalho for escondido. A contração com pessoas é importante.

Este material — todo ele — é tão importante para ambos que não o posso sublinhar demasiado. Estais ambos a ir bem. O Joseph expandiu-se em grande medida — e ainda há muito espaço para melhorar; particularmente, o Joseph, em termos de vender o teu trabalho. Deixa que ele afete pessoas. Deixa que a compreensão e a magia as expandam. Não recues perante vendê-lo. O que perdes não está perdido. Mostras tanta relutância em vender o teu trabalho quanto a Ruburt mostra em comercializar a poesia dele.

Vês a falha dele aqui; vê a tua. Ele é bom a dizer-te para expandires e, ainda assim, assusta-se tanto com um eu já não indisciplinado que recua de usar as capacidades dele na galeria — e isso é reforçado pelo teu receio de que ele o faça, ou, na verdade, de mostrares as tuas próprias capacidades a outros. Expansão traz expansão. Não podes realmente encolher num campo de ação sem encolher em todos, particularmente se és criativo.

No passado, tiveste receio de gastar energia, como se tivesses uma certa quantia e nada mais. Isso não é verdade. Terás energia conforme precisares; e, se não a exiges e dela não tiras, terás menos.

Lamento usar os teus dedos tão mal esta noite, mas, encontrando a minha Ruburt tão complacente, mais vale passar o que puder. O vinho ajudou, sem dúvida. Podes sempre pedir mais de ti e encontrar mais. Com as tuas capacidades criativas, formarás sempre uma síntese a partir da tua própria experiência. De novo, viajar, quando possível, ajudará. Tens agora uma fortificação interior, paz e conhecimento que te permitirão lidar com uma vida mais complexa do que alguma vez poderias ter gerido antes. E isso é bom — particularmente no que respeita à tua contribuição e ao teu trabalho.

Não quero encerrar já a sessão, mas imagino que estejas cansado, o Joseph. De a Ruburt trato eu. Deixo, então, ao teu critério.

(A Jane riu.

(Bem, acho que é melhor encerrarmos a sessão.)

Então direi boa noite — e, a Ruburt, a minha mais sincera gratidão. Ele permitiu-me discutir assuntos que até agora ele tinha bloqueado com muita elegância. Não quero que se torne tão, mas tão disciplinado, que eu tenha de gritar para fazer passar alguma coisa. Eu poderia continuar horas. Poderia fazer a Ruburt continuar horas, mas terei compaixão de a carne e digo boa noite.

(A carne precisa do descanso.)

Ainda tomarei completo controlo dos teus dedos, o Joseph, e queria que esta noite tivesses o gravador a funcionar para eu poder continuar. Não obstante, bon soir.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 23:30. A Jane estava dissociada como de costume. Estávamos ambos muito cansados. A voz de a Jane estava rouca, as mãos ainda um pouco gordas. Da minha parte, a mão direita estava bastante crispada, mas não tive sensação de aumento.

(Tal foi o ritmo desta sessão que tivemos apenas dois intervalos em todo o decurso.)

SESSÃO 59

A ENERGIA NERVOSA E OS FENÓMENOS PSICOCINÉTICOS

3 de Junho de 1964

(*Na terça-feira, 2 de junho, falhei experimentar o tempo psicológico. Na quarta, 3/6, 20:00: sem resultados. Na quarta, 3/6, 11:15, a Jane teve um lampejo do rosto de um homem.*)

(*Às 20:45, a Jane estava nervosa como de costume antes de uma sessão. Não apareceu nenhuma testemunha. A Jane começou a ditar com uma voz bastante calma e manteve-a durante a maior parte da sessão. Andou de um lado para o outro como de costume e os olhos escureceram como de costume.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Vocês já viram que o ego é um bloco de construção. Nunca se torna menos do que uma unidade e pode tornar-se mais. Os fragmentos que podem desenvolver-se a partir dele não o tornam menos. A certa altura mencionei unidades massivas ou blocos de energia inteligente, pirâmides de compreensões psíquicas, acerca das quais não posso dizer muito neste momento; mas talvez agora vocês possam começar a perceber como tais compreensões se poderiam formar.

Talvez vocês possam começar a fazer ideia do cumprimento do valor de tais estruturas de energia inteligentes. Vocês sabem muito bem que o tempo conforme o conhecem não tem significado, exceto no domínio do vosso próprio plano. Já dei a entender certa vez no passado que fui tocado

por algo que pode estar vagamente relacionado ou substituir o que vocês pensam ser o tempo. Não tem nada a ver com intervalos, nem com inícios ou finais.

Não tem que ver com crescimento físico, é claro, mas com a realização psíquica, que é como vocês sabem, realização de valores. Chamaremos isso de profundidade de qualidade, mas não tem nada que ver com o espaço. Esta é uma qualidade que existe com garantia de expansão, ao nível da realização de valor. A qualidade de profundidade é, pois, uma espécie de perspetiva que tem que ver com a realização de valor. Talvez eu possa fazer uma analogia. A qualidade de profundidade é o tipo de perspetiva, a única perspetiva, em que uma ideia pode expandir-se. Pode-se dizer que ocupa o lugar do vosso espaço e do vosso tempo, embora isso simplifique um pouco as coisas.

É a perspetiva em que tem lugar o movimento psíquico. Na hipnose, por exemplo, consideram um transe como leve ou profundo. Isso corresponde, de certa forma, ao tipo de profundidade envolvida aqui. Infelizmente; quando vocês pensam em profundidade, pensam em termos de um movimento ao mesmo tempo interior e exterior.

Aqui, provavelmente encontraremos alguma dificuldade, mas tentarei explicar o que quero dizer e esclarecerei quaisquer questões mais tarde. Como o eu tem um ego interior e exterior, assim também o interior finalmente se torna o exterior. Teoricamente, por exemplo, se levado a cabo, um transe profundo que leve a um interior mais profundo, em última análise levá-los-ia por assim dizer, a outro um exterior. O ego externo, por exemplo, encontraria o ego interno e vice-versa.

Este é um exemplo do movimento psíquico. Agora, esta qualidade que poderia ser considerada um substituto para o vosso espaço e tempo, esta qualidade de profundidade, representa a perspetiva em que esse tipo de viagem psíquica ou movimento psíquico, ou qualquer ação psíquica, ocorre; e a sua profundidade pode ser entendida não em termos de ação descendente, mas talvez vocês possam compreendê-la se pensarem num transe profundo, por exemplo, como definitivamente detentor de movimento, embora o corpo possa encontrar-se imóvel.

Mas na profundidade de um transe, assim como na qualidade de profundidade, o movimento tem uma direção que não pode ser pensada em termos de ascendente ou descendente, norte ou sul, leste ou oeste. O movimento é ação por meio da dimensão de qualidade ou valor. Eu queria

falar sobre isto. Isso poderia facilmente ser chamado de extensão interna do vosso tempo psicológico, pelo que já poderão ver a importância que tem.

Com efeito, o tempo psicológico envolve-os na aventura inicial. É como uma borda externa. Essa qualidade de profundidade é a nossa única perspetiva verdadeira. Mais uma vez, não envolve nenhum intervalo. Tenho dificuldade em escolher palavras que evoquem aquilo que quero dizer.

Sugiro o vosso intervalo.

(*Intervalo às 9:27. A Jane estava, de novo para um primeiro intervalo, totalmente dissociada. Sabia que estava a ditar muito devagar, disse ela, mas não estava às apalpadelas. Sentia o Seth a vasculhar o seu vocabulário para se exprimir o melhor possível. Aqui, achou que o Seth estava a lidar com um conceito que não se presta a ser expresso por palavras — nem foi feito para o ser. A Jane sentiu que o que passou foi suficientemente próximo, mas ainda deixou muito a desejar. Retomou no mesmo tom deliberado e calmo às 9:31.*)

A qualidade da profundidade é, pois, a perspetiva em que todas as ações psíquicas ocorrem, todas as ideias e universos se expandem. Essa expansão ocorre em infinitas dimensões, conforme porventura se poderá dizer que uma maçã se desenvolve em torno do seu núcleo; mas essa talvez não seja uma boa analogia.

Vejam, a ideia que têm da geometria, o círculo, os triângulos e os quadrados estão tão baseadas no vosso próprio plano que a analogia da maçã que comporta a ideia do círculo mostrar-se-á inadequada, uma vez que não envolve dimensões implícitas suficientes. As enormes pirâmides da compreensão experimentaram uma qualidade de profundidade tão magnífica que representam, até onde me é dado ver, a mais elevada ou a mais perfeita formação de entidade psíquica.

No entanto, elas não são completas em termos de uma posse completa de compreensão. Isto é, não são íntegras, completas ou perfeitas, em termos de qualidade de profundidade, porque tanto quanto eu sei posso averiguar a perfeição é impossível. Um sublime descontentamento as levará a formar padrões de existência sempre novos, novas perspetivas de qualidade de profundidade, em que se movam e explorem.

Não me quero deixar envolver tanto a ponto de vocês literalmente me berrarem a pedir explicações. No entanto, uma vez vocês me inquiriram

sobre o tempo onde eu me encontro, e eu protelei isso. Isto, eu admito, é um jogo de palavras. Não obstante, falei do valor ambiental da realidade psicológica. Agora, se vocês desejarem, a qualidade de profundidade opera dentro do valor ambiental da realidade psicológica e confere uma dimensão verdadeiramente surpreendente ao presente espacial, que se acha contido no valor das alterações da realidade psicológica.

Vocês poderão, se desejarem, considerar o princípio da qualidade de profundidade como o soprar de um vento através do presente espacial, por na verdade ser como um vento no sentido de se fazer conhecer pelos seus efeitos; e se vocês pensarem nisso visualmente, adotará, talvez, um formato de funil. Todos estes conceitos são dificílimos de traduzir por padrões de palavras.

Sugiro o vosso intervalo. E devo dizer que, apesar do uso necessário das palavras como símbolos, estamos, ainda assim, a sair-nos muito bem.

(*Intervalo às 9:51. A Jane estava dissociada, como de costume. Nos últimos minutos tornei-me cada vez mais consciente de parte da sensação — agora familiar — a que a Jane e eu chamamos "mãos grossas".*

Desta vez era mais forte nos dedos da minha mão esquerda, quando habitualmente é a direita que mais se envolve. Não tentei medições agora, por estar já convencido de que, quando esta sensação de ampliação está presente, há uma diferença física nítida. Ver a 54.ª sessão, página 99. As mãos da Jane não foram afetadas, embora tivessem sido na sessão anterior.)

(*Na semana passada, a Jane acordou com a parte inferior esquerda da mandíbula bastante inchada. O médico não considerou que fosse um dente estragado e colocou-a num regime de antibióticos. O inchaço já desaparecera e a Jane sentia-se bem, embora planeasse ir a um dentista para uma radiografia que verificasse um possível dente mau. Não teve dificuldades a comer. Agora, durante o intervalo, usou o pêndulo para fazer ao subconsciente algumas perguntas sobre a causa do inchaço; as respostas indicaram que a causa fora psicossomática e que estivera envolvida uma glândula salivar. Enquanto fazia esta pequena sessão, referiu sentir da parte do Seth uma grande tolerância bem-humorada.*)

(*Retomou no mesmo tom às 10:03.*)

Torna-se-me muito mais fácil lidar com as doenças e problemas de saúde de outras pessoas do que lidar com as da Jane. Ele faz-me uma

pergunta e, em seguida, fecha as portas do ego, recusando-se a dar atenção à resposta. Por causa de qualquer possibilidade de distorção, procuro ficar fora de questões dessas, a menos que sejam sérias.

Sempre que datas forem mencionadas, a propósito, eu sugiro cautela e atenção, independentemente do motivo dado ou da pessoa para quem a data é supostamente significativa. Esta é uma boa prática generalizada. Algumas vezes, por a Jane ter ficado tão chateada que consegui consolá-la dizendo que ele não estava grávida, quando receava poder estar. Mas, afinal, não se espera que vocês dependam de mim, mas para desenvolver as vossas próprias intuições e lucrar com os vossos próprios erros e experiências. É por isso que não faço previsões chamativas.

A Jane é inteiramente livre de usar o pêndulo. Isso envolve algo que não tem nada a ver comigo, mas é um método bastante fiável de alcançar o subconsciente. Por regra, as respostas são de confiança e isto é tudo quanto direi. O material com o qual estamos a lidar esta noite é extremamente vital e, no entanto, é fornecido apenas em forma de esboço. A propósito, em benefício da Jane, primeiro ela depara-se com dificuldades na sua escrita e a seguir encontra algo de errado fisicamente, e não o contrário.

Ela não terá que se preocupar com doenças físicas graves, nem tu, Rob; a título de aparte, muitas vezes a doença física de natureza grave, ou má saúde crónica, muitas vezes pode ser tomado como uma indicação de que o indivíduo em questão se encontra no turbilhão, no centro do seu ciclo de reencarnações no vosso plano. No momento em que o final do ciclo é atingido, pequenas deficiências são tudo quanto normalmente é contraído, por a vitalidade ter sido amplamente libertada, e geralmente os problemas mais devastadores terem sido resolvidos.

Qualquer doença grave possível ou provável na existência atual da Jane teria ocorrido na sua juventude, aos 15 anos, quando uma grave crise psíquica ameaçou. Uma doença grave tornou-se-te possível a ti Rob, aos 33 anos, mas foi evitada. No entanto, em todos os casos, até mesmo pequenos incômodos físicos esgotam a energia. A energia está à vossa disposição, como vocês sabem, mas precisam saber o suficiente para pedir. Nenhum de vocês perderá órgãos físicos a partir de agora, a menos que alterem drasticamente as vossas personalidades de uma maneira prejudicial. Não há dúvida de que a Jane deve parar de fumar. No entanto, eu sei que ele há de consegui-lo, e não estou preocupado.

Já que estamos nesta matéria, sugiro que a Jane lave a boca quatro vezes ao dia, durante pelo menos uma semana, com água salgada. Isso será

vantajoso. Além disso sugiro que continue o que está a fazer, no que toca à escrita de poesia, por pelo menos uma hora depois do jantar. Subconscientemente, o desenvolvimento dela nessa linha é de suprema importância para ela, e deixar de trabalhar tanto em poesia provocar-lhe-á sintomas psicossomáticos. Ela tem medo de se manifestar de modo agressivo quando sente estar a ser injustamente explorada, uma vez que não se manifestou contra a mãe dela por medo de represálias.

Agora, ela não envia cartas perfeitamente normais de inquérito aos editores pela mesma razão, voltando a agressão que sente interiormente contra ela própria, em resultado do que em alguns casos sofre, no que diz respeito aos editores, já que alguns deles se movem apenas quando forçados.

Um profundo sentimento de insatisfação se manifestará em sintomas precoces de movimentação dos móveis; não numa escala casual nem que se deva prever normal, mas numa escala verdadeiramente monumental. Contudo, a agressão tem a tendência de ser dirigida contra as coisas vivas e, em vez de cartas raivosas, a Jane finalmente para de mover os móveis e literalmente começa a dar ordens de forma dominadora.

Digo-lhes isto para que vocês saibam que, se a repentina perturbação do sossego do vosso apartamento é um sinal de uma agressão dessas, a consequência repentina costuma dar-se por um sinal de rigidez do pescoço e dor de gengivas. A longo prazo tornar-se-ia muito mais fácil, creio eu, que a Jane dirigisse a sua agressão contra as pessoas apropriadas, onde pelo menos isso será compreendido. Os editores, como quaisquer outros seres humanos, sabem quando estão a ser negligentes. Se eu conseguir lidar com a Jane, terei um pouco mais a dizer, mas só depois de vocês fazerem o intervalo necessário.

A qualidade de profundidade, como provavelmente adivinhaste, pode ser acrescentada às nossas regras ou princípios do universo interno. Terão mais que ver com isso à medida que continuarem com os vossos experimentos com o tempo psicológico. A propósito, meu querido Rob, ouvi-te quando fizeste uma observação um tanto sarcástica a respeito da afirmação que fiz de que você teriam mais energia conforme necessitassem dela. Tudo alude ao contrário, esse é que é o caso; e apenas a vossa atitude, que é mais ou menos natural dadas as circunstâncias, o impede.

(Eu tenho pensado nisso.”

(Pelo que me lembro, fiz a observação há vários dias atrás.)

É mais importante do que tu imaginas. Inconscientemente, e à semelhança de muitos outros, acreditas que uma vez que a energia é gasta, ela se esvai, e que também dispões apenas de uma dada quantidade arbitrária de energia a usar, após a qual entrarás em falência.

Esta não é apenas uma crença falsa, mas igualmente perigosa e restritiva. Faz com que uses a última gota de energia disponível antes de uma reposição. A afirmação correta é a de que vocês têm reservas de energia verdadeira e praticamente inesgotáveis às quais recorrem. A dita energia nervosa é aquela quantidade de energia que se acha presente no organismo físico em qualquer momento particular. A energia, por natureza, repõe-se e prospera com o uso. Contudo, uma falsa conceção da energia resulta numa recusa psíquica de transformar a energia completamente disponível em termos físicos, meramente por causa da crença subconsciente de que tal transformação é basicamente impossível.

Vocês dois deviam progredir nessa linha. Em alguns aspetos, pelo menos em circunstâncias usuais, a Jane é mais proficiente do que tu, mas em momentos de crise ela reverte e avança a todo vapor com uma energia limitada; com frequência, ela transforma de forma bastante automática a energia psíquica disponível e abundante para os seus próprios propósitos e, mais tarde, esquece o modo por que o conseguiu.

Uma tentativa demasiado consciente não servirá de ajuda, porém, este material ajuda. O organismo físico com efeito requer sono, mas apenas o organismo físico mais o seu cérebro. A mente está continuamente em vigília. Seja como for, quando fores mais proficiente haverás, com o auxílio automático do tempo psicológico, de ser capaz de operar de modo muito mais eficaz, e de ser animado por uma energia desprovida de tensão.

Esta será uma das contribuições bastante práticas destas sessões para a vida diária. Não vou ficar convosco até às 11h30. No entanto, estas declarações relativas à energia devem ser levadas muito a sério, pois ambos podem beneficiar com elas. Não são distorções. O desempenho da Jane durante as nossas sessões certamente deveria ser uma prova adequada das minhas afirmações a respeito da energia adicional automaticamente absorvida e utilizada.

(O argumento do Seth aqui é certamente bem entendido, e a Jane e eu discutimos muitas vezes o seu desempenho físico fenomenal durante as sessões. Se alguém decidisse conscientemente caminhar durante um período de duas horas, duas vezes por semana sem falhar, ele poderia

aproximar-se um pouco do que isso envolve. Mas conquanto a Jane, esteja assim envolvida, também está ocupada a ditar as mensagens do Seth e enunciá-las em voz alta. Portanto, um desempenho mais preciso seria fazermos uma caminhada de duas horas a conversar constantemente; a combinação intercalada com talvez três breves pausas.)

Uma breve menção a um problema que tiveste nos pés, Joseph, na Califórnia. O prego tinha que ver com uma ferradura de uma vida anterior. Naquela época, um cavalo descalço pisou num prego preso entre as tábuas de madeira de uma parte do piso de um estábulo, prego esse que estava na posição vertical e a pata do cavalo sensível devido a um ferimento.

Naquela vida, o teu pai tentou controlar o cavalo, mas a pata dianteira bateu no prego. O teu pai colocou ferradura quente no pé e tu gritaste, pensando na dor que o cavalo pudesse estar a sentir. Tu estavas com três anos de idade. Quando pisaste no prego na Califórnia, a memória saltou das profundezas do terceiro nível do subconsciente, com o choque, para o nível superior, ou primeiro, subconsciente. Essa foi a razão do sério problema físico que tiveste. Não teria sido tão sério se não fosse pelo facto de, em criança, no estábulo, tu não conseguires entender como ou por que o teu pai infligia tanta dor ao cavalo, ao espetar com a ferradura quente no pé ferido. Identificaste-te aterrorizado com o animal e, daí que, quando pisaste no prego, por um instante a identificação provocasse a condição física.

O soro de cavalo (vacina) que te foi ministrado só piorou a situação. Isso provocou a reação física violenta que desenvolveste. O toque de paralisia foi resultado da tua anterior paralisia de medo – o teu pai tratar-te-ia da mesma maneira?

(Ao me fornecer estes dados, a Jane, na pele do Seth, perguntou-se se eu estava cansado, e eu disse que não, embora tivesse a mão com um pouco de cãibra. O incidente mencionado acima ocorreu em Santa Mónica, Califórnia, creio bem que em Setembro de 1956. A Jane e eu estávamos lá de visita ao pai dela, que estava a construir alguns apartamentos. O prego que pisei penetrou bastante fundo na sola do meu sapato, mas não doeu muito, só que como estava enferrujado achamos melhor tomar uma vacina contra o tétano. Fomos a casa para lavar o pé e, para minha surpresa, desmaiei.

(Antes de me aplicar a injeção no consultório, o médico fez-me um teste cutâneo de sensibilidade, que deu negativo. Mas três dias depois, enquanto dirigia no centro de Los Angeles, sofri fortes cólicas estomacais. Mal consegui chegar a casa e passei o mês seguinte a recuperar de uma

reação violenta à injeção à base de soro de cavalo. Não consegui andar durante talvez uma semana. Agora preciso trazer comigo um cartão de advertência na carteira e fui informado de que outra injeção desse tipo provavelmente seria fatal.

(A sessão de hipnose mencionada aqui pelo Seth ocorreu há alguns meses, e a informação apresentada aqui nesta sessão não contradiz nenhuma outra informação que eu dei enquanto estava hipnotizado. A Jane tem o evento gravado e está usá-lo no livro dela sobre PES. Muitas vezes nos interrogamos sobre a validade do material que forneci durante a sessão de hipnose; pretendíamos investigar mais, mas não tivemos tempo.)

Passos íngremes conduziam à tua casa naquele momento. Acredito que o nome da tua esposa, quando tu cresceste, era Nell Brownell. Tu hás de descobrir uma afinidade com cavalos ou com cavalos se tentares pintá-los.

("Qual era o nome que eu tinha naquela vida?")

O teu nome era Williams, como mostrou a tua sessão de hipnose. Tu conheceste a Jane em Boston, neste país, após uma ausência dele. Tu tinhas cinco filhos na família, ou seja, dois irmãos e três irmãs, uma das quais morreu antes de tu cresceres.

("O que foi que eu quis dizer com a palavra Maryland, quando a Jane me perguntou onde eu vivi naquela vida?"

(Durante a sessão hipnótica não consegui ser mais específico sobre onde vivi.)

A Jane bloqueia-me. Não foi neste país. Tu vieste aqui para Boston. Maryland é uma cidade. Não é um estado no teu país, em que nasceste. Os registos poderão ser encontrados em Boston. O nome da tua mãe era Josephine, por isso o teu nome foi Joseph, mesmo naquela época.

Naquela época tu eras magro e até certo ponto disciplinado, mas acabaste tendo quatro filhos e uma esposa que ficou inválida, sendo essa esposa a atual mãe da Jane. A jane bloqueou isso no passado. Vocês não se davam bem e instantaneamente deixaram de gostar um do outro nesta vida.

Walter Zeh era irmã da tua esposa. Eu decidi contar-te isto. Walter Zeh era tuberculoso e, enquanto mulher, extremamente carnudo, como de facto era a esposa dele. Quando Walter conheceu a mãe da Jane, eles

também antipatizaram instantaneamente nesta vida, já que tinham brigado pelo mesmo homem, e esse homem eras tu. Tu querias a irmã que não conseguiste. Por outras palavras, Tu queria a presente mãe da Jane.

Se estives cansado, eu encerro a sessão. Terás que o decidir.

(Perguntei à Jane se ela queria encerrar a sessão, mas ela apenas deu de ombros. Pude ver que ela estava um pouco cansada, e com a voz também a ficar rouca, mas como eu esperava que pudéssemos obter um pouco mais de informações para verificar o experimento de hipnose, para uso no livro da Jane, decidi continuar.

('Tudo bem, continuaremos durante mais alguns minutos.')

Aqui vemos padrões a ser reencenados. A Jane está bem, mas tentará bloquear-me quando puder. É claro que ela conheceu a tua atual mãe antes, mas apenas como uma conhecida. A familiaridade atraiu-a desta vez e isso é tudo. Tu ficaste desiludido com a tua esposa. Tiveste um breve caso com a irmã, que é a atual mãe da Jane, mas ela já naquela época parecia um abutre e assustou-te. Ela nunca te perdoou por teres rompido com ela.

Não consigo fazer passar mais material, por recear a Jane comece a distorcer.

(Parece-nos, à Jane e a mim que uma distorção já surgira, já que o Seth afirma que eu queria a irmã que não consegui, mas também me casei com ela. Perguntarei ao Seth sobre isso numa sessão futura. Não percebi o erro durante o ditado; estando, como sempre, tão ocupado a escrever, mais de uma vez achei fácil perder a noção do conteúdo das palavras que estou a transcrever. Além disso, o Seth afirmou anteriormente que é mais provável que distorções surjam no início ou no final de uma sessão; e esta surgiu perto do final.

("Bem, então podes-me dizer qual era a ocupação que eu tinha naquela vida?")

A tua ocupação era a de um clérigo episcopal.

Desejo aos dois uma boa noite.

Havia uma igreja de tijolos, num bairro inicialmente agradável e depois deteriorado. Uma velha mansão do outro lado da rua foi transformada em mercearia. Mais tarde, havia uma loja de roupas ali perto, e da janela do terceiro andar dava para ver a água.

Tu foste ordenado em circunstâncias peculiares, sem teres educação em termos ortodoxos. Quando migraste para Boston adotaste o nome de Drake. Não sei o primeiro nome. Tu eras jovem quando migraste e o navio estava três dias atrasado. A varíola estourou no porão. Um capitão colocou-te sob sua proteção. Tu não te inscreveste como devias e foste descoberto; mas tu lembraste-lhe de um sobrinho, de sobrenome Phillips, e ele protegeu-te. Também havia uma garota a bordo.

Ela é a atual Dee Masters, e a tua Jane conheceu-a em Boston como esposa rica de um político. Tu visitaste a farmácia do teu amigo duas vezes.

(A voz da Jane estava agora muito rouca e cansada, mas ela continuou. Interpreto a referência que o Seth fez à loja de um amigo boticário como aquela operada pelo nosso amigo nesta vida, John Bradley, que foi testemunha de várias sessões. De acordo com o Seth, o John, na sua vida passada imediata, administrava uma loja desse tipo em Boston; ele mudou-se naquela época para o círculo externo dos nossos conhecidos. Ver a 21ª sessão [no Vol. 1}. Nessa vida, Seth afirma que o John morreu em 1863, o que ajuda determinar igualmente a época em que a Jane e eu vivemos na nossa vida imediatamente passada.)

Não sei até onde a Jane irá comigo. Houve um filho ilegítimo resultante do teu caso com a atual mãe da Jane. A igreja tinha três sinos. Tu eras disciplinado em todos os aspetos, exceto sexualmente. Tinhas cerca de 300 paroquianos e uma voz muito rouca. Morreste aos 63 anos e foste enterrado no pátio da igreja.

(Aqui a Jane riu.)

A Jane usou as suas reservas de energia durante a noite, a tentar bloquear-me. No entanto, muitas informações foram transmitidas e, portanto, devo dizer boa noite, desta vez pelo bem da Jane, pois ela está a bloquear fortemente o material do Walter Zeh ou Ziaka.

(Boa noite, Seth.

(A Jane mostrou-se dissociada. Ela agora estava muito cansada e com a voz muito fraca. Tudo o que ela queria era dormir. Nenhum de nós apresentava nenhum fenómeno nas mãos agora.)

(Ao tentar o tempo psicológico, tive as seguintes experiências:

(Quinta, 04/06, 20h30: Sem resultados.

(Sexta-feira, 05/06, 21h30: Tentei esta sessão sem induzir deliberadamente o estado de transe ligeiro. Vi uma garotinha de vestido curto a levantar poeira numa sarjeta ao lado do passeio; a fazer a poeira voar com bastante diligência. Também ouvi algumas músicas populares. Fui tirado do estado desejado várias vezes por uma voz que gritava, não reconhecida. Também tive vários outros vislumbres e sons vagos.

(Sábado, 6/6: Perdido.

(Dom. 7/6, 3h30: Estava a dormir, mas acordei. Enquanto estava no estado desejado, vi muito vividamente e com alguma duração a cabeça e os ombros de um homem bonito de cerca de 40 anos, de frente para mim, mas sem olhar para mim. Primeiro o rosto voltou-se para a minha direita, depois a cabeça balançou lentamente para a minha esquerda. Isso era bastante vívido; tinha mechas azuis e brancas no cabelo, que era preto; também me lembro das mechas do lado do rosto, e da textura da pele. Ele usava casaco azul ou preto, camisa branca, gravata escura. O rosto estava animado; ele poderia estar a falar com outras pessoas. Também acredito ter ouvido algumas vozes.

(Segunda-feira, 8/06, 16h30: Vislumbre da Fane e eu em trajes de banho em Long Beach semelhantes aos de Daytona. A caminhar na minha direção. Havia água à direita, uma inclinação à esquerda, e estávamos apenas a começar a subir a rampa. A Jane estava a sacudir algum tipo de toalha de banho grande ou cobertor de praia por algum tempo aqui. Vi as duas figuras a alguma distância, na figura completa.)

(Jane: Sábado, 6/6, em algum momento da manhã: eu queria comprar um par de meias, mas não sabia se a loja que eu tinha em mente, a Walnut St. Market, as vendia. Então vi muito claramente na minha mente uma prateleira de meias na loja. Quando Rob e eu fomos à loja, as meias em uma prateleira estavam lá exatamente como eu as tinha visto.

(Jane: Domingo, 6/7, 11h15: Eu estava a ler algumas páginas de algum tipo de diário psíquico datado de 1962. Pude ler o material com muita clareza, mas esqueci o conteúdo ao surgir.)

SESSÃO 60 MATÉRIA

8 de Junho de 1964

(*Às 20:45 a Jane estava algo nervosa; mas disse que, nas sessões recentes, não se tem sentido tão inquieta como antes.*)

(*A Jane começou a ditar com uma voz normal e a um ritmo normal, mas a velocidade de entrega depressa começou a abrandar — como se notará — até ficar quase dolorosamente lenta. As razões para isto ficarão claras à medida que a sessão se desenrola. Ainda assim, a quantidade de material obtido mostrará por si só que a Jane falou muito devagar durante boa parte do tempo. O seu andar manteve-se como de costume. A voz não mudou de carácter ao longo da sessão, digna de nota, e nenhum de nós apresentou fenómenos nas mãos.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, o Seth."*)

Não pretendo fornecer-te hoje à noite nenhuma informação pessoal sobre reencarnação, pois tivemos algumas distorções na outra noite, como provavelmente já percebeste. No entanto, falarei sobre isso mais tarde. E sem algumas distorções, não terias recebido este material para começar. Na verdade, Jane não deve ser responsabilizada pelas distorções, pois o método com o qual estamos a trabalhar está, de certa forma, sujeito a distorções em material pessoal.

No entanto, essas distorções podem ser eliminadas. O material geral é muito raramente bloqueado ou distorcido. Talvez eu deva desculpar-me com Jane por tê-lo pressionado mais do que estava disposto a receber, e, por agora, deixarei o assunto de lado.

E, a propósito de matéria, estou ciente de que Jane pegou um livro sobre a natureza da matéria, o que é algo positivo. É importante que ambos se mantenham intelectualmente ativos, e estou satisfeito por estarem a fazê-lo.

(Jane riu.)

Jane, sem dúvida, acabará por ler mais livros sobre o assunto.

Mencionei anteriormente que estas sessões representam o trabalho de uma vida inteira, desde que, claro, estejam dispostos a continuar. Os horários das sessões podem sofrer alterações, com ajustes feitos por vários motivos. Também receberão ajuda inesperadamente, em momentos e lugares que não preveem. O trabalho será publicado, e Jane usá-lo-á também como base para os seus próprios escritos.

Prefiro que ele se mantenha altamente informado. Os seus próprios interesses levam-no nessa direção e, na forma como estamos a trabalhar juntos, é vantajoso que ele se familiarize com o máximo de conhecimento

possível em várias áreas. Se estivéssemos a utilizar um estado de transe muito profundo, isso não seria necessário, mas, para seu próprio benefício, prefiro obter o máximo de cooperação possível da sua parte e gosto de trabalhar com uma assimilação de conhecimento que envolva todo o ser.

Ainda temos muito a explorar sobre vários tópicos que apenas tocámos superficialmente até agora, incluindo a natureza da matéria, o processo envolvido na sua criação e manipulação contínuas, e a impressionante cooperação envolvida, pois todos os seres vivos contribuem com a sua energia para manter o universo físico numa forma coerente e relativamente estável.

Este processo ocorre inconscientemente, mas, se a humanidade avançar, tornar-se-á consciente do seu papel nesta criação contínua da matéria e poderá continuar este processo de uma forma mais inteligente.

(*Intervalo às 9:28. A Jane estava totalmente dissociada. À hora do intervalo, a entrega dela tornara-se bastante lenta e deliberada. Com muitas pausas entre palavras ou frases, dava a impressão de procurar cuidadosamente a palavra certa. Retomou no mesmo registo; na verdade, a entrega ficou ainda mais lenta, cuidadosa e deliberada, ao ponto de, por vezes, ela atravessar da extremidade da nossa sala de estar — onde fazemos as sessões — até à outra antes de proferir a palavra seguinte. Retoma às 9:32*.)

A matéria é, de certa forma, a base do vosso universo e, no entanto, a própria matéria não é mais do que energia transformada em aspetos específicos, com propriedades que podem ser percebidas pelos vossos sentidos e, portanto, manipuladas. A matéria é um meio de manipulação e transformação da energia psíquica em estruturas que podem ser usadas como blocos de construção. No entanto, mesmo a aparência desse material físico, que vos parece relativamente permanente, não é permanente. Apenas parece coesa o suficiente para dar a aparência de continuidade aos vossos sentidos.

Na verdade, a matéria não é contínua. Aquilo que percebeis como mudança ou crescimento numa estrutura física viva não é mudança ou crescimento no sentido em que o concebeis. As propriedades físicas da matéria não são contínuas, pois uma determinada árvore ou rocha não é, de forma alguma, a mesma árvore ou rocha que era ontem. Nem será a mesma amanhã. A cadeira onde te sentas esta noite não é, fisicamente falando, a mesma cadeira em que te sentaste na noite passada. Nenhum objeto físico específico é, em si, contínuo. A mudança num objeto físico não é mudança como a entendeis.

Não existe, por exemplo, um objeto físico que se deteriore com a idade. O que ocorre, em vez disso, são criações contínuas de energia psíquica dentro de um padrão físico que parece manter uma aparência coesa. Essa aparência dá a ilusão de que o objeto físico muda e envelhece,

mas a matéria em si não muda nem envelhece. Não há tempo suficiente para que isso ocorra.

Existe um número infinito de criações de matéria. A habilidade do criador individual de qualquer forma física em usar energia psíquica para moldar e manipular essa forma é o que cria a aparência externa de deterioração e envelhecimento.

A matéria, em si, não envelhece nem se deteriora. Isto pode confundir-vos, mas eu provarei o meu ponto. Também provarei que o chamado envelhecimento das formações rochosas e outros fenómenos arqueológicos são apenas ilusões de continuidade. A matéria é criada diretamente a partir da energia, num nível subconsciente. A matéria é gerada espontânea e instantaneamente.

Como já deveis saber, ou devíeis saber, isto aplica-se ao corpo físico humano, bem como a todos os outros materiais. O que vedes é um fenómeno em câmara lenta. Quando pensais que estais a observar crescimento e decadência, na realidade estais a ver a energia psíquica em ação, criando constantemente a matéria. Qualquer objeto material está a ser continuamente recriado, de acordo com uma forma que pode parecer rígida e permanente. No entanto, trata-se apenas da passagem de padrões de personalidade psíquica altamente individualizados e especializados.

É esta passagem de padrões psíquicos, dentro de um certo campo de organização, que causa a ilusão de um material sólido e rígido, que então parece mudar ao longo do tempo.

Mais uma vez, nenhum objeto material específico existe durante tempo suficiente, como algo indivisível, rígido ou idêntico, para mudar ou envelhecer. A energia por trás desse objeto enfraquece, e o padrão físico, portanto, desfoca-se.

Cada recriação, após certo ponto, torna-se, do vosso ponto de vista, menos perfeita. E, após muitas dessas recriações completas—que passaram completamente despercebidas por vós—percebeis então uma diferença e assumis que ocorreu uma mudança no objeto.

O material real, que parece compor esse objeto, desapareceu completamente inúmeras vezes, e o padrão foi continuamente preenchido com nova matéria.

Queria continuar enquanto estou a fazer isto passar, mas vou ter pena de ambos.

(*Intervalo às 10:07. A Jane estava totalmente dissociada. Pareceu-me que já mostrava sinais de cansaço, sobretudo na voz. Ela disse que o Seth a estava a levar ao limite, embora não soubesse exatamente o que queria dizer com isso. Creio que eu próprio estive numa espécie de leve estado de transe durante esta entrega, pois senti-me bastante letárgico. Curiosamente, tentar escrever ao ritmo lento, a acompanhar a entrega da*

Jane, achei mais difícil do que avançar ao passo mais rápido a que estou habituado.)

(*A Jane retomou no mesmo modo lento e atento às 10:15.*)

Existem leis, sobre as quais falaremos mais tarde, que envolvem a força da energia à medida que ela atravessa diferentes campos e é percecionada dentro deles. A energia, em si, não enfraquece. Ela passa além e através. Preenche formas e, à medida que passa, essas formas parecem esbater-se—como um vento que enche as velas e depois desaparece.

Mais uma vez, crescimento e deterioração são apenas aparências. Em outras palavras, são apenas propriedades aparentes do material físico. Atualmente, o material físico possui duas propriedades fundamentais: É espontâneo. É instantâneo. Nenhuma partícula física específica existe por qualquer período de tempo. Ela surge e desaparece, sendo instantaneamente substituída por outra.

A terceira propriedade fundamental da matéria é o que chamarei de adoção de padrões. Ela flui e assume padrões. A existência desses padrões cria a ilusão de que a matéria é permanente, mas essa permanência é altamente enganadora. Há muito a ser abordado neste ponto, pois devemos também considerar a forma como o material físico é constantemente criado e o papel fundamental dos sentidos nesse processo.

Isto pode parecer um desvio do assunto, mas não é. Ao pintar um plano, estais realmente a formar novos padrões através dos quais a energia pode fluir e manifestar-se sob forma material. Existem razões, que discutiremos mais tarde, pelas quais uma pintura—ou seja, o padrão físico de uma pintura—pode parecer existir, e muitas vezes existe, durante mais tempo do que o próprio homem que a pintou. Nenhuma partícula física específica possui qualquer tipo de durabilidade própria. Ela desaparece constantemente e é substituída.

O padrão que é preenchido pela matéria física é composto de energia psíquica e continua a existir como uma pós-imagem, parecendo enfraquecer, como de facto acontece, à medida que a energia por trás dele passa para além do campo em que a matéria, tal como a concebeis, é eficaz. O crescimento dos organismos vivos não envolve a extensão de um único elemento físico ao longo do tempo.

(*Intervalo às 10:35. A Jane estava de novo totalmente dissociada. A esta altura estava muito cansada; a sessão estava-lhe a exigir bastante. Ao mesmo tempo, achava o material muito bom.*)

(*Para minha surpresa, quando retomou a ditar permaneceu sentada — algo que não me lembro de ela ter feito antes. A voz estava muito calma; ficou quieta, de olhos fechados, na maior parte do tempo. Falou a um ritmo mais rápido e não parecia estar à procura — nem a lutar — por cada palavra. Retoma às 10:45.*)

Estou a utilizar o máximo de recursos de Jane, receio. Ou melhor, estou a fazê-lo por uma boa razão. Este material precisa de ser transmitido com a maior precisão possível, para que não haja equívocos.

A natureza da matéria é um tema extremamente delicado no vosso meio científico. E, a propósito, para o registo: até agora Jane não leu nenhum livro sobre o assunto. Isso não significa que não o vá fazer, ou que não deva fazê-lo. Pelo contrário. Como temos aqui uma gestalt da sua consciência, assim como uma compreensão subconsciente da informação, isso é importante. A sua familiaridade com muitos assuntos facilitará a comunicação, permitindo-nos dar grandes avanços na assimilação do conhecimento.

Intelectualmente, por exemplo, ele não será tentado a bloquear-me. A semente é a flor, mas a flor não é o fruto. O fruto não é o resultado de alterações na semente. Em cada caso, há padrões a serem preenchidos. O padrão contém os dados para que o material físico os siga. Quando considerardes esta informação em conexão com uma realidade psíquica interna, vereis a sua lógica suprema.

(*A alteração acima que o Seth fez a meio da frase é, tanto quanto me recordo, a primeira que alguma vez fez. A Jane ainda estava sentada enquanto falava, de frente para mim, do outro lado da mesa da sala de estar*.)

Quando compreenderdes que toda a matéria tem por base uma energia consciente, vereis de onde surge o padrão. Não é o material que compõe o homem que lhe confere identidade. Nenhuma estrutura nervosa, nem qualquer combinação de propriedades químicas e materiais, resultará alguma vez em consciência. A consciência dá significado ao material físico. O material físico, por sua vez, permite que a consciência atue num campo específico. O crescimento não envolve a simples extensão física de algo permanente o suficiente para se expandir por si mesmo.

À medida que a energia psíquica individualizada se aproxima do seu campo de manifestação, começa a expressar-se dentro desse campo da melhor forma possível.

Cada vez mais energia chega ao campo, concentrando-se cada vez mais dentro dele. Tendes uma chegada e uma partida psíquica contínua. À medida que a energia se aproxima, cria a matéria, primeiro de uma forma indefinida, quase plástica. Ela continua a recriar a matéria, tornando-a mais eficiente e mais focada no campo físico. Mas o feto não é o bebé, e o bebé não é o adulto. Espero que compreendas que o que temos aqui é a realização de valor de porções individualizadas de energia dentro do campo físico, através da construção dessa energia em matéria. Mas a criação é contínua—como um feixe de luz, ou melhor, uma série interminável de feixes, que surgem primeiro fracos, depois tornam-se mais intensos, e finalmente enfraquecem à medida que passam.

A matéria não é, pois, contínua. A matéria não tem crescimento nem envelhecimento, tal como a cor amarela não tem. Estou extremamente satisfeito com a forma como este material foi transmitido. Jane está agora revigorada e, quando uma sessão começar a ser mais exigente, eu ajudarei.

(Jane, de facto, parecia e soava muito mais enérgica.)

No entanto, fecharei a sessão mais cedo, pois sem dúvida foi excelente; e finalmente começamos a aproximar-nos—embora apenas ligeiramente—do cerne da questão. Isso é um trocadilho. Gosto destas sessões.

Não entrarei agora na vida passada imediata de Jane, pois ele fecharia a porta na minha cara neste momento. Jane está agora a salvo da sua mudança. Ambos serão atualizados, embora tu, Rob, já estejas há algum tempo; e, imagino, descobrirás uma dimensão adicional nas tuas experiências com o tempo psicológico.

Aliás, considero bastante útil a consulta frequente com o pêndulo em questões pessoais. Jane nem sempre bloqueará informações pessoais durante as nossas sessões. Quero dizer isto de forma clara. Ele ganhará mais confiança em mim neste sentido. Enquanto isso, o pêndulo revelar-se-á um excelente recurso.

De facto, lamento dizer boa noite. Sinto-me particularmente próximo de ambos esta noite. Sempre que possível, tentarei encerrar as nossas sessões antes das 11h30, por razões práticas, de modo que, enquanto estiverem a aprender a aceder à energia, não fiquem exaustos no dia seguinte.

Chegará um momento em que isso já não será um incómodo, em qualquer caso.

(*"Boa noite, o Seth."*

(Fim às 11:22. A Jane estava dissociada como de costume. Embora cansada, sentia-se muito melhor — agradavelmente relaxada, disse ela, como alguém depois de um longo mergulho. Quando se levantou de novo enquanto falava, sentiu-se muito descontraída. Além disso, eu não tive qualquer desconforto na mão com que escrevo.)

(*Enquanto experimentava o tempo psicológico, tive as seguintes experiências:*)

(*Terça-feira, 9/6, 20:30: isto envolveu algo novo para mim e pode ser significativo. Primeiro tive a minha sensação de frêmito habitual ao sugerir leveza, depois de atingir o estado desejado de leve transe. Depois, dei-me conta de que estava a ver e a ouvir um homem de fato cinzento-claro. Via-o da cintura para cima, a partir de uma posição ligeiramente atrás do lado direito dele. Via-lhe o perfil. Tinha cabelo castanho penteado para trás, quase uma papada, nariz afilado e testa alta, e na mão direita segurava um microfone; falava para o microfone, dando uma palestra sobre algo relacionado com pesos. Lembro-me do número 700. Ouvi a voz*

dele — agradável e algo grave — com toda a nitidez e compreendi o que dizia, mas voltava a esquecer assim que ouvia. Não consegui perceber se estava ou não com outras pessoas.

Contudo, depois consegui fazer algo que queria há muito. Lembrei-me de perguntar o nome e, ao fazê-lo, descobri que não custava nada. O homem respondeu, sem se virar, que era o Daniel Murphy. Perguntei então a idade; disse 42. Depois disse-lhe o meu nome, e ele repetiu-o. Creio que depois lhe pedi para me contactar, mas isto já fica esbatido e vago. Houve mais, mas indistinto e totalmente esquecido agora. Mas este é o primeiro caso em que consegui seguir o conselho do ***o Seth*** *e tentar imprimir a minha presença a outros quando tive oportunidade.*)

(*Quarta-feira, 10/6, 20:15: tive a minha sensação habitual ao sugerir leveza. Houve ocorrências algo vagas de ouvir trechos de música popular; também canto.*)

SESSÃO 61

10 DE JUNHO DE 1964

(Às 20:45 não tinha aparecido nenhuma testemunha. Levantada da sesta, a Jane ainda estava com sono. E, de novo, disse que não se sentia tão nervosa antes de uma sessão. Ela não fazia ideia do tema de o Seth para esta noite. O Willy dormitou numa cadeira; estava uma noite fria e muito ventosa.

(A Jane começou a ditar com voz bastante normal. Durante a maior parte da sessão, a entrega foi bastante lenta, embora não tão lenta, na maior parte do tempo, como na última, a 60.ª. Embora ainda escolhesse as palavras com cuidado, já não havia aquela atitude de esforço e busca tão visível da vez anterior. Os olhos escureceram como de costume e ela caminhava ao ritmo moderado habitual.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Provavelmente não teremos uma sessão completa esta noite, já que, na verdade, tratei a Ruburt tão mal nas nossas duas últimas sessões. Tinha de facto tencionado, inicialmente, fazer uma sessão curta da última vez, mas como o material — por favor apreciem o meu trocadilho — sobre material estava a passar tão bem, continuei.

Há, sem dúvida, muito a cobrir nessa linha e, numa suposição, a Ruburt tinha razão: ainda há material a discutir antes de eu passar às vossas próprias experiências.

Algumas coisas devem agora estar claras. Há uma interação que ainda tenho de vos explicar, entre o tempo tal como o conheceis e a matéria.

Basicamente, a matéria é espontânea e instantânea, como vos disse. A mudança nela que pareceis perceber é ilusão.

O que tendes, em vez disso, é criação constante e nova de matéria, à medida que a energia preenche os padrões. A nitidez, a rigidez ou a qualidade da matéria percebida dependem da energia que a forma; e as características da matéria dependem, portanto, da posição da energia que preenche o padrão; mas, por posição, penso em termos de chegada e partida dessa energia ao atravessar o vosso campo.

Há aquilo a que podeis chamar um ponto máximo de foco de energia e, depois de este ser atingido, começa a partida da energia. Se ajudar, pensais a energia como um vento, um vento cósmico que enche, de dentro para fora, certos padrões. Os padrões cheios parecem bastante rígidos e permanentes o suficiente para ser tido como tal. No entanto, o vento que os compõe nunca é o mesmo. Ele vai e vem, preenchendo os padrões segundo a própria intensidade.

Iremos dedicar bastante tempo a isto e a temas afins, pois temos também de tratar o padrão e a sua origem. Como a matéria é constantemente recriada e é instantânea, muitas das vossas ideias de tempo estão, obviamente, distorcidas, já que tomastes por adquirido que a matéria muda com, ou em, o tempo. Julgastes um intervalo de tempo pelas aparentes mudanças num dado objeto material.

Isto remete-me para a vossa falsa teoria de causa e efeito. Para fins práticos, até aqui essa teoria não tem sido demasiado limitadora, mas está a tornar-se. O tempo não causa mudança na matéria, apesar das aparências. Vou saltar um grande degrau e dizer que o homem e todos os seres conscientes produzem matéria subconscientemente.

Preencherei os detalhes — bastante importantes — mais adiante.

Queria frisar isto, já que a matéria é criada pelo subconsciente e, como existe simultânea e instantaneamente, e como a sua criação ou chegada, e a sua partida ou substituição, são instantâneas. Uma vez entendido isto, torna-se pelo menos teoricamente possível recriar a matéria de o passado, na medida em que os padrões para a matéria tenham sido conservados.

A última parte desta frase é extremamente importante.

Sugiro o intervalo.

(Intervalo às 21:25. A Jane estava dissociada como de costume. Embora a entrega tivesse sido lenta, ela não sentiu que tivesse sido tão penosa como na última sessão. Ela retomou do mesmo modo às 21:31.)

Toda a matéria é energia a aparecer no campo físico em padrões que foram preparados para ela. A ilusão de rigidez resulta dos vossos próprios sentidos exteriores — uma perceção demasiado lenta para apanhar as pulsações constantes, pois bocados de energia que compõem a matéria desaparecem completamente e são substituídos, constantemente.

(A Jane sorriu e gesticulou.)

Há tantos intervalos em que o vosso mundo material não existe quantos intervalos em que ele existe. Para os nossos propósitos presentes, chamaremos a estes intervalos intervalos negativos. Esta ideia em particular é uma das que mais quis transmitir, e espero ter preparado o terreno como deve ser.

Quando uso a palavra intervalo estou, claro, a usá-la para tornar a ideia compreensível. O facto é que a matéria no vosso campo é composta por pulsações de energia constantes; e, embora para vós a aparência seja de permanência a um grau razoável, e embora eu tenha dito que as pulsações são constantes, ainda assim elas são completamente distintas, separadas e novas pulsações — que não são contínuas nos termos que aplicais a um objeto tido como contínuo.

Portanto, há aquilo a que chamarei o intervalo negativo, quando uma pulsação desapareceu do vosso plano e outra está prestes a tomar o lugar. Isoladamente, cada intervalo negativo pode ser desprezável; mas, tomados em massa, isto acumula-se até haver tanta matéria negativa quanto matéria positiva.

Agora: esta matéria física no vosso plano chamaremos matéria positiva. Para o campo de matéria negativa, a vossa matéria positiva seria designada negativa. É óbvio que temos muito material a cobrir — positivo e negativo. O ponto é que a perceção é o critério daquilo a que chamais matéria. Não percebeis o intervalo negativo. Não percebeis a criação contínua de matéria.

O vosso plano físico não é o único plano dado à manipulação de matéria. É, porém, o ponto focal de tais planos, e eles estão intimamente entrelaçados. Os outros dois planos formam aquilo a que podeis pensar como as margens exteriores.

Sugiro o intervalo.

(Intervalo às 21:50. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse que sentia o Seth a empurrar conceitos para ela; era como se ela pudesse assimilar uma caneca, disse, mas o Seth quisesse que ela tomasse um quartilho. Ainda assim, sentia que ele estava a ser brando esta noite. Quando ela voltou a ditar, o passo era normal. Retoma às 22:00.)

Disse que a sessão seria curta, e será. Gostaria de fazer mais alguns pontos em linha com a vossa conversa durante o intervalo.

Tendes razão. Os nossos intervalos negativos têm, de facto, algo que ver com antimatéria, embora eu prefira chamar-lhe matéria negativa. Podeis usar o termo que preferirdes.

A antimatéria existe no vosso próprio universo. Não conseguireis determinar a sua existência por quaisquer cálculos destinados a descobrir existência de peso ou massa. A antimatéria, nos vossos termos, existe simultaneamente com o vosso universo, possuindo o que chamarei antigravidade, e em o que chamarei anti-espaço.

Se vos lembrardes agora de que há intervalos negativos, ou intervalos entre as pulsações de energia para matéria, se vos lembrardes de que o vosso universo físico é então inexistente por o mesmo número de intervalos que existe, vereis que é isto que nos dá a nossa antimatéria.

A aparente — e, para fins práticos — repulsão entre a chamada matéria positiva e matéria negativa será explicada noutra sessão, pois, se começar a desenvolver isto agora, acabareis com uma sessão mais longa, e não curta.

Espero que estejais em suspense, e que fiqueis desapontados, até a Ruburt, quando eu disser que vou encerrar a sessão. Já mencionei que, antes de muito, tereis aprendido a usufruir energia adicional, mesmo sem pensar nisso.

Entretanto, as sessões variarão na quantidade de energia usada, por muitas razões — algumas ligadas ao próprio material. Por isso precisareis, por vezes, de descanso; e digo-vos boa noite, com pesar, bastante pesar.

(Fim às 22:12. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse que se sentia tão cansada como no fim de uma sessão normal — nada como, por exemplo, ao fim da última sessão. Não houve fenómenos nas mãos em nenhum de nós.)

(Ao tentar o tempo psicológico tive as seguintes experiências:

(Quinta, 11/6: falhou.

(Sexta, 12/6, 21:15: uma vez atingido o estado desejado, experimentei a minha sensação habitual à sugestão de leveza.

(Também, por uns momentos, tive uma experiência em que o meu corpo inteiro se sentiu algo aumentado. [A Jane teve algumas ocorrências desta sensação.] O corpo pareceu especialmente largo ao nível das ancas e das mãos, enquanto eu estava deitado de costas com as mãos ao lado do corpo. Não houve imagens nem sons a acompanhar esta manifestação.

(Sábado, 13/6: falhou.

(Domingo, 14/6, 23:30: a Jane e eu relaxámos passando o dia no campo, principalmente na quinta de o nosso senhorio. Nessa noite, na cama, sem tentar o estado desejado, vi dentro de mim muitas breves cenas de bosque; elas desfilavam diante de mim como que projetadas. Cada cena era vista como através de um véu leitoso, mas estava a cores e suficientemente distinta para se perceber. Cada uma era diferente; nenhuma envolvia pessoas ou som, e nenhuma me lembrava lugares que tivéssemos visto ou vi.

(Segunda, 6/15: Perdi.)

SESSÃO 62

15 de Junho de 1964

(Sábado, 13 de junho, a Jane e eu participámos numa festa de cocktail em honra da Dee Masters, que ia sair do cargo de diretora da galeria de arte onde a Jane está empregada em regime de tempo parcial. Na festa conhecemos também o novo diretor.)

(Pelas 20h50 desta noite, a Jane não estava particularmente nervosa. Contudo, a Jane tem andado algo inquieta devido às mudanças na galeria e não estava com disposição para uma sessão: «Se o Seth conseguir tirar alguma coisa de mim hoje à noite, já é muito bom.»)

(Mesmo antes de a sessão começar, a Jane ficou nervosa. Ainda assim, começou a ditar com uma voz normal e manteve-a durante toda a sessão. A sua dicção não se caracterizou pela lentidão exagerada das últimas duas ou três sessões. Ela andou ao seu ritmo moderado habitual; os olhos escureceram como de costume.)

Boa noite.

«Boa noite, o Seth.»

Uma relação mais ou menos íntima entre vocês ajuda ambos sempre que surgem situações difíceis externas. São capazes de recorrer a uma energia mais construtiva quando existe essa ligação. Isto é verdade em qualquer caso, quer envolvendo o Rob, quer envolvendo a Jane; e a diferença entre as energias que captam quando estão em harmonia ou quando não estão é imensurável.

Não posso realçar isto em termos mais acentuados. As comunicações devem ser sempre mantidas de forma clara. Sugiro — mas apenas sugiro — que a Jane permaneça serena; a paciência, contudo, não é uma das suas características predominantes. Não me alongarei mais neste assunto. O vosso cocktail, no entanto, achei-o imensamente divertido e, mais tarde, poderei dar-vos algumas razões para a sua natureza tão explosiva.

(*"Não se esqueça."*)

Em suma, é bom que o relacionamento entre a Jane e a senhora Masters tenha terminado. A ideia de Jane se despedir é, necessariamente, positiva.

A esta altura, já devem saber que o nosso material sobre a matéria é excelente. Mencionei anteriormente que ocorre muito pouca distorção nesse tipo de material. Ainda há muito a ser abordado. Escusado será dizer que existe uma energia consciente e gentil por trás — e até certo ponto dentro — de todo o material.

A energia que atravessa o vosso plano é individualizada e, de facto, independentemente de quaisquer outras teorias, toda a energia contém alguma consciência, de forma gestáltica simples ou mais complexa, tal

como referi, quando disse que os átomos e moléculas possuem uma consciência limitada e uma subconsciência generalizada, que inclui dentro de si uma cápsula de compreensão do universo como um todo. Isto ajudá-los-á quando começarmos a falar sobre os padrões ou formas através dos quais a energia flui e mantém a sua aparência de permanência e relativa rigidez. Este será um tema algo difícil no início, mas perfeitamente compreensível.

À medida que a energia flui através do vosso campo e nele aparece, fá-lo de acordo com a sua própria natureza inerente. Esta natureza da energia — acreditem ou não — inclui a individualização e a consciência. Se pensarem por um momento em pedaços de energia ou consciência inicialmente sem forma definida a entrar no vosso plano físico, verão que, de acordo com a força e capacidade inata de cada partícula, ela já sabe, a nível subconsciente, quão grande ou pequeno poderá ser o padrão físico que poderá formar.

Este é o nosso nível mais simples e básico. As formas, então, constroem-se uma dentro da outra ou sobre a outra, da mesma maneira que expliquei anteriormente, em que a gestalt de um corpo humano é mantida. Em muitos casos, semelhante atrai semelhante; certos padrões são assim configurados e utilizados por outros pedaços de energia de capacidade e força semelhantes.

Expliquei anteriormente como a consciência do ego gestalt foi formada e, até certo ponto, a sua composição psíquica; mas há muito mais a dizer. Existe uma cooperação constante e inabalável que é a base do vosso universo físico. Contudo, não a conseguem ver.

Os vossos sentidos estão muito mais aptos a perceber diferenças e divergências do que a similaridade. Mesmo assim, é a cooperação de todas as entidades conscientes que fornece aos objetos físicos qualquer aparência de permanência que eles possam ter.

O vosso gato e os pássaros no telhado também fazem a sua parte. Com uma consciência expandida, a responsabilidade por essa cooperação torna-se mais definida. E, ainda assim, não há realmente escolha: no vosso plano físico haverá cooperação — ou haverá aniquilação.

Essa cooperação é uma necessidade a nível molecular e continua em todas as fases da existência física. Contudo, lembrem-se: é a cooperação consciente da energia individualizada que torna a própria molécula possível.

Como sabem, os chamados objetos inertes também possuem consciência, embora de uma maneira mais generalizada e muito menos específica, na qual, em grande parte, a escolha lhes é negada. Deveria ser claro que a identidade psíquica não depende da permanência física — e certamente não quando consideram que até uma cadeira mantém a sua

forma de cadeira, mesmo que, na realidade, nenhum átomo ou molécula permaneça o mesmo dentro dela.

Se consideram que a identidade depende da duração do corpo físico, estão a assumir que o corpo físico é uma entidade completa, mais ou menos rígida na forma e permanente dentro de uma certa perspetiva. Contudo, sabem agora que o corpo físico não é uma entidade fixa nesses termos, e que a matéria de que é composto está em constante fluxo — indo e vindo, chegando e partindo — e ainda assim a identidade é mantida.

Os limites da identidade são, portanto, arbitrários, desenvolvidos ao longo do vosso processo evolutivo, não por qualquer necessidade inerente à identidade em si, mas apenas por razões práticas no vosso campo físico — nomeadamente, para controlar e manipular uma certa quantidade de matéria.

Pode-se dizer, de certa maneira, que o próprio universo físico impõe um limite à extensão da identidade pessoal. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Mencionei, por exemplo, o que poderiam conceber como blocos de construção infinitos ou pirâmides de compreensão, que não poderiam operar no vosso universo físico, pois a liberdade gestáltica básica é severamente limitada aqui. Essa é também uma das razões pelas quais entidades inteiras não existem no vosso plano — apenas partes separadas e parcialmente desconectadas.

Outros planos permitem uma maior complexidade na organização psíquica. E deixem-me recordar-vos novamente que essas organizações psíquicas não implicam uma dissolução da individualidade numa superconsciência indefinida e benigna. Esse não é o ponto.

Vocês podem não estar conscientes da natureza consciente de cada átomo no vosso corpo, ou da consciência gestáltica formada por esses átomos enquanto se transformam em células, mas não é necessário reconhecerem-na para que ela exista. A consciência nas células existe, quer a reconheçam ou não.

Outra capacidade inerente da energia é o seu próprio reconhecimento inato da forma potencial. Isto vê-se claramente na compreensão inata existente no feto. Nenhum átomo ou molécula no feto existirá dentro do adulto, e, no entanto, os pedaços de energia que se organizaram para formar o padrão do feto conhecem a capacidade e os limites da sua própria natureza — e, por conseguinte, conhecem as potencialidades e limitações do padrão que criaram.

Eles seguem a lei da realização de valor, que no vosso plano é entendida como crescimento. Mas o crescimento, como tal, não é uma propriedade da matéria. A mesma matéria não cresce; em vez disso, a energia forma constantemente o padrão de novo, na medida em que a sua

força particular o permite, conhecendo as limitações e capacidades do padrão formado.

Até certo ponto, a imagem ou padrão físico acaba por se desvanecer.

Deve ser evidente, contudo, que nem toda a energia se materializa ao passar pelo vosso campo. Existem também gestalts psíquicos e inteligências que não estão materializadas no vosso plano físico, e com as quais, naturalmente, não estão familiarizados."

"É melhor esquecerem o hábito de pensar no vosso universo físico como um lugar, pois ele simplesmente não é um lugar. 'Locais' desse tipo não significam nada. Mesmo o espaço, tal como o concebem, não existe. O espaço da quinta dimensão é outra realidade completamente diferente. A aparência do espaço é uma distorção da vossa própria perceção, e nada mais.

O que os vossos sentidos mostram como vazio, chamam de espaço, e pensam na matéria, paradoxalmente, como preenchendo o espaço — e, ainda assim, como estando onde o espaço não está. Tanto o chamado espaço quanto a chamada matéria são energia, e as verdadeiras propriedades da energia são extremamente difíceis de explicar-vos, pois todos os vossos conceitos são ainda muito limitados.

Tendem a pensar em termos de algo ser ou não ser, mas isso não vos levará a parte alguma. Tudo o que é, é — quer o possam ou não perceber. No entanto, estão equipados para perceber muito mais do que atualmente percebem, através do uso dos sentidos internos.

Aliás, da mesma maneira que a experiência psicológica existe sem ocupar espaço, assim também existem gestalts psíquicos de inteligência — mais ou menos dentro do vosso plano, ainda que não visíveis aos vossos sentidos. Apesar disso, eles exercem algum efeito, ainda que limitado, sobre o vosso plano — mas esse é um tema para outra discussão.

Além disso, por razões que por agora irei reter, os padrões psíquicos dentro do vosso universo físico não são mantidos indefinidamente. Até onde sei, nenhuma gestalt de qualquer tipo permanece a mesma. Contudo, as gestalts psíquicas desenvolvem-se em termos da realização de valor, e é conhecido, no momento da primeira manifestação de um padrão físico, por quanto tempo a gestalt específica será mantida.

A própria energia é continuamente um novo evento e movimento — e nenhum padrão específico pode ser suficiente por muito tempo. A energia é auto-renovadora, e a duração indefinida de um padrão levaria inevitavelmente a becos sem saída. A energia está sempre a construir. A identidade, por sua vez, não depende da matéria. A energia impulsiona e transporta consigo os seus próprios rastos.

A identidade, sendo independente da matéria, não termina quando o padrão físico deixa de ser criado. A energia, enquanto força propulsora, é também retentiva. Retém aquilo que podem chamar a memória de gestalts

anteriores. Existe uma cápsula de compreensão mesmo na menor partícula de energia; e dentro da mais pequena partícula de energia existem todas as possibilidades de desenvolvimento e criação.

Uma gestalt psíquica depende da matéria, não para a sua identidade, mas apenas para a sua sobrevivência no plano físico. Gestalts, ou identidades psíquicas, ou individualidades, são, para todos os efeitos práticos, imortais. Podem unir-se a outras gestalts, mas nunca serão menos do que foram. A identidade, portanto, nunca é quebrada.

Qualquer aparente colapso nunca é um facto real, pois uma personalidade pode ser considerada como um colapso de uma entidade, mas não é assim. A personalidade não existia como tal antes da sua criação pela entidade, e uma vez formada, enquanto entidade própria, retém essa individualidade.

Antes disso, era apenas uma possibilidade — tal como, por exemplo, uma pintura que poderão pintar no próximo ano é, agora, apenas uma possibilidade. Estou a esforçar-me por encerrar as nossas sessões, pelo menos por algum tempo, mais cedo do que o habitual, por várias razões que não vos interessariam particularmente; e aqui terminarei a sessão, espero que com a vossa aprovação.

«Boa noite, o Seth.»

(Termina às 22h30. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Os dois ficámos surpreendidos com o término abrupto da sessão por parte do Seth. A Jane, a princípio, pensou que eram 23h00. Estávamos um pouco cansados, mas, como de hábito, preparámo-nos para continuar a sessão como de costume. Enquanto nos sentávamos a discutir o assunto, a Jane começou novamente a ditar. Retoma às 22h32.)

Têm pouca noção, aparentemente, da obra em que estamos envolvidos. Estive a encerrar as sessões mais cedo apenas para proteger os meus interesses. Temos trabalhado com material exigente. A energia da Jane recuperou-se, em geral, e espero que, na próxima primavera, tenha aprendido a lidar melhor com essa estação.

No entanto, não estou apenas a pensar na Jane. Também queria dar um descanso ao Rob na digitação do material, e estava preocupado em dar-lhe mais tempo para assimilar o material à medida que o recebe. Não sabia que ele ficaria tão preocupado. Fico realmente lisonjeado.

Existe aqui um delicado equilíbrio entre espontaneidade e disciplina, e procuro manter as sessões fluidas, disciplinadas e ainda assim vivas pela espontaneidade. Quero que também tenham algum espaço para respirar.

E agora, depois desta breve explicação, espero que estejam ansiosos pela nossa próxima sessão, na quarta-feira."

SESSÃO 63

ANTIMATÉRIA

(*Terça-feira, 16/06, e quarta-feira, 17/06, perdi a tentativa de tempo psicológico. Às 20h, o John Bradley chegou para testemunhar a sessão e informar-nos que o seu amigo na sua cidade natal, Williamsport, PA, terminou de copiar o Volume 1 do Seth Material e estava pronto para começar o Volume 2. Ontem, 16/06, eu e a Jane despedimo-nos rapidamente da Dee Masters e do seu marido, que partiram para um resort em Vermont para o verão. A Dee tinha sido da Jane diretora da galeria de arte por cerca de 2 1/2 anos. No último sábado, 13/06, eu e a Jane participámos num coquetel para a Dee, e o Seth referiu-se brevemente a esse evento na 62ª sessão.*)

(*Talvez devido à presença de uma testemunha, a Jane começou a ditar com uma voz um pouco mais alta e profunda do que o habitual e manteve essa voz durante toda a noite! O seu ditado também foi mais rápido, embora caminhasse no ritmo normal. Os seus olhos escureceram, como era esperado.*)

Boa noite.

"Boa noite, Seth." (João.) "Boa noite, Seth. Como está?"

Eu gosto sempre destas pré-discussões. A análise do caráter da Jane nunca deixa de me surpreender. Bem-vindo ao Philip. Felizmente, a minha memória é muito melhor do que a da Jane.

(*Será recordado que o Seth deu Philip como o nome da entidade do John.*)

Na verdade, é uma bênção disfarçada, em certos aspetos, que a senhora Masters tenha deixado a sua cidade. O seu nome é Yolynda, e uma situação estava prestes a surgir no seu ambiente imediato, que ainda irá ocorrer, embora não de forma tão drástica.

Não há nada a fazer. A personagem irá aprender a crescer e foi extremamente prejudicada no seu desenvolvimento até agora. A situação que ela encontrará ainda é lamentável, mas de menor gravidade do que aquela que enfrentaria aqui.

"Qual é a situação?"

A situação, de facto, envolverá o homem com quem ela está atualmente ligada, e terá a ver com uma renovada dependência das drogas das quais ele antes dependia bastante. A situação local teria sido desastrosa, culminando no seu suicídio. Isso já não ocorrerá.

A situação local envolveria cinco pessoas, duas das quais vocês conhecem. A humilhação pública teria sido insuportável para ela. O homem continuará a envolver-se, não no local onde estarão agora, mas noutro, dentro de um ano. Ou seja, ele estará envolvido, mas não será

descoberto. Ela saberá, no entanto, que ele voltou a consumir drogas, mas não o denunciará.

A personalidade da mulher está neste momento muito inclinada ao sofrimento. No entanto, após este incidente, a sua situação mudará para melhor num período de três anos. O homem, se tivessem permanecido aqui, teria sido um dos principais participantes num escândalo de drogas que ainda não explodiu, mas que está a formar-se.

A mulher irá casar-se novamente no final de três anos e meio, no seu estado da Califórnia, e desta vez estará em condições muito melhores. O homem está destinado à tragédia. Ela escolheu-o sabendo disso, para lhe dar conforto, já que numa existência anterior na Áustria, dois homens foram severamente prejudicados por sua recomendação. Ela era, na altura, um homem, tendo morrido em 1911. O escândalo local ainda irá estourar.

"Pode dizer-nos quando?"

No prazo de três meses. Envolverá cinco pessoas, quatro homens e uma mulher. No momento em que o homem for repreendido noutra parte do país, as pessoas da vossa cidade serão interrogadas, talvez até vocês próprios pelas autoridades. Isto é tudo o que tenho a dizer.

(*A voz da Jane tornou-se agora bastante divertida; ela sorriu para o John e para mim enquanto andava de um lado para o outro. O nome da senhorita Callahan entra na discussão porque estávamos a falar dela antes da sessão.*)

Eu coloco datas para sua conveniência, porque gostam muito de me verificar. Dou-vos uma data entre 12 e 15 de agosto para a vossa senhorita Callahan e uma data de 24 de agosto para serem cautelosos. Não prevejo nenhuma grande dificuldade para vocês nessa data, mas pode certamente surgir algum desagrado. Dou também ao vosso Philip, antecipadamente, uma data de 2 de Setembro, e, depois, com a permissão de todos, prosseguiremos com a discussão sobre a natureza da matéria.

Mais uma vez, para benefício do Philip, não prevejo nenhum tipo de desastre, mas podem surgir planos que afetem a sua participação na sua área profissional. Vejo também um tipo de problema em Setembro para uma vizinha, que vive três portas abaixo da casa dele.

"Três portas abaixo da casa do Philip? Em Williamsport?"

Do Philip. A dificuldade envolverá de alguma forma dois filhos.

"Pode dar-nos os nomes deles?"

Um V surge-me à mente. Se esta é a pessoa diretamente envolvida ou alguém que causa a dificuldade, não sei. A Jane guarda-me tão cuidadosamente que, por medo de que aquilo que eu diga possa não revelar a verdade, faz um excelente trabalho de bloqueio quando tem oportunidade. A discussão do assunto é certamente relevante.

"Entendi."

(*Fazendo esse trocadilho, a voz da Jane tornou-se algo mais forte e novamente um pouco mais grave. Esta foi a maior mudança de voz que ela exibiu em várias sessões.*)

Um trocadilho. É, como sabem, um tópico extremamente difícil devido às limitações das vossas próprias conceções. O Philip poderá não conseguir acompanhar-me muito bem, visto que não ouviu nem leu nenhuma discussão anterior sobre o tema. Mas isso, de novo, não importa.

Ele lerá tudo a seu tempo. Como vos disse, a matéria é criada constantemente. Nenhum objeto é composto pela mesma matéria de um dia para o outro. A matéria é causada por pulsações de energia, que possuem um padrão formal já formado através da consciência inerente à própria energia.

Mencionei que essa criação é constante e, embora os objetos pareçam ter rigidez e permanência, não a têm. Esta é uma breve revisão para o Philip. Existe, no entanto, aquilo a que chamaremos de intervalo entre a entrada de cada pulsação de energia no campo físico e a sua substituição por outra.

Por outras palavras, mais uma vez, mesmo dentro do vosso próprio esquema temporal rebuscado, existe um intervalo de não existência física para cada intervalo de existência física.

(*Aqui, a Jane bateu na mesa que eu uso como escrivaninha, para dar ênfase.*)

Fisicamente, não existem durante tanto tempo quanto existem. Chamamos ao intervalo de não existência física "antimatéria" ou "matéria negativa". Claro, do vosso ponto de vista.

Sugiro uma pausa positiva.

(*Intervalo às 9:27. A Jane estava dissociada como de costume. O John Bradley começou a trabalhar desenhando um mapa da sua vizinhança em Williamsport. Nesse mapa, indicou a localização de cada casa e descobriu que havia duas famílias com dois filhos que viviam a três portas da sua. Destas duas famílias, o John disse que o nome de uma delas, Snyder, surgiu imediatamente à sua mente quando o Seth deu o material pertinente. Uma cópia do mapa do John será encontrada no final desta sessão. A Jane retomou com a mesma voz forte e um pouco mais profunda às 10:36.*)

Portanto, este é um intervalo entre cada pulsação de energia, quando uma pulsação entra e forma um objeto físico e sai quase instantaneamente, e existe um intervalo antes que a próxima partícula chegue.

Os vossos sentidos não percebem isso. São demasiado lentos. A certa altura, os vossos instrumentos poderão descobrir este intervalo. No entanto, apesar de toda a aparência de permanência e rigidez, a vossa cadeira é apenas uma cadeira em virtude do vosso próprio conceito-gestalt, que em si é severamente limitado pelas limitações dos sentidos externos. Já

mencionei que a vossa teoria de causa e efeito é antiquada e distorcida. A matéria em si mesma não se decompõe, visto que não existe como objeto por tempo suficiente.

Esta antimatéria, portanto, por inferência, existe na duração, nos vossos termos, pelo mesmo tempo que o vosso próprio universo ou a matéria positiva existiu. Pode parecer-vos que o universo da antimatéria é um gémeo do vosso. Em termos físicos, é verdade, embora esteja num estado dividido. Com isto, quero dizer que incluo aqui os universos intimamente ligados ao vosso.

Um deles poderia ser comparado ao que chamarei de imagem anterior. O vosso universo é o ponto focal para a manifestação física, onde predomina a manipulação da matéria. Um dos outros dois universos a que me refiro é formado à medida que a energia se aproxima do vosso; e a energia, que ainda não está suficientemente consolidada para se materializar na matéria, consegue, no entanto, atingir uma forma inicial, embora mais fraca.

O outro dos dois universos forma-se à medida que a energia atravessa o vosso campo e pode ser comparado a uma imagem residual.

(*Neste momento, por coincidência, a Jane e o John acenderam cigarros. A Jane fuma muitas vezes durante as sessões, mas tem pouca memória de o fazer. O hábito funciona aqui perfeitamente, já que, ao entregar o material, a Jane pega no seu maço de cigarros, tira um, acende e sopra a fumaça, sem perder o controlo de todo o seu material.*)

A propósito, eu sempre – pelo menos recentemente – preferi um bom charuto, e se a Jane algum dia seguir o meu conselho e deixar de fumar, um bom charuto serviria para satisfazer a minha fantasia.

O universo negativo é, portanto, composto daquilo que podemos referir como uma pré-imagem e uma pós-imagem vossa. Como devem ter imaginado, cada um deles é composto do que podem chamar, para os vossos próprios propósitos, de uma estrutura aparentemente idêntica à do vosso próprio universo e seguindo a sua própria perspetiva temporal.

No entanto, as personalidades que habitam esses corpos aparentemente gémeos dos vossos não são as mesmas. Os vossos cientistas já descobriram a teoria da antimatéria, mas ao assumirem que ela é completamente separada do vosso próprio universo, estão equivocados. A mais recente teoria sugere que um universo de antimatéria poderia, possivelmente, ter sido encontrado nos confins do vosso universo conhecido.

A antimatéria existe simultaneamente com o vosso próprio universo e aproxima-se dele em termos da vossa conceção de tempo. Isso pode ser descoberto em breve, mas não será aceite. Devido à relação perigosa e necessária, e ao equilíbrio entre a matéria e a antimatéria, nunca será possível para vós entrar em contacto com o universo da antimatéria.

A razão deve ser evidente: por analogia, pensem no vosso espaço de quinta dimensão mais uma vez. O vosso universo de matéria positiva é apenas uma parte da realidade ou energia, sendo temporariamente aparente, instantaneamente, num ponto dentro de um dos nossos cubos imaginários. Talvez, então, o vosso universo de matéria positiva e os dois universos circundantes que compõem a chamada antimatéria possam ser melhor descritos como extremidades de um espectro que, pela sua natureza, nunca se poderão encontrar.

Sugiro uma pausa. Certamente todos vós tendes expressões tristes e divertidas esta noite. Talvez devesse esforçar-me para tornar as coisas mais leves.

Estou mais do que divertido. Essa hilaridade é boa para aquilo que podem chamar de a minha constituição.

Já disse mais de uma vez que não sou um espírito assustador. Não estou morto. O vosso egoísmo, ao imaginarem que aquilo que não podem perceber deve estar morto ou inexistente, nem sequer me incomoda.

Leram, ou a Jane leu, um artigo científico relacionado com o homem biológico, elétrico ou magnético. Disparate. Alguma validade, definitivamente, mas as conclusões tiradas são disparatadas. No entanto, a energia entra no vosso plano sem se materializar em massa, e eu sou energia que não se transforma em massa.

A minha ligação convosco é óbvia nas nossas discussões anteriores. A Jane e eu já estivemos intimamente ligados, sendo ramificações, por assim dizer, da mesma entidade. Desenvolvemo-nos de acordo com as nossas próprias capacidades. Eu não sou o seu subconsciente nem ele é o meu.

Considero que o seu subconsciente é um ponto de entrada fácil. Sempre foi independente, impaciente e teimoso. Se não fosse, eu poderia falar através dele com uma voz muito mais clara. No entanto, também não gostaria tanto.

Como sabem, o subconsciente é uma extensão do campo do vosso eu interior: e, para aqueles tão talentosos, o subconsciente, quando corretamente referenciado, conduz a factos concretos do universo interior, com os quais todo o eu interior está plenamente familiarizado. Pelo menos, vós não distorceis o que digo com véus de pseudo-religião, e por isso estou grato.

Em breve chegará o momento em que a experimentação que estamos a realizar será o único tipo aceite e a única investigação científica válida. Vós sois – e não deixem que o vosso ego infle demasiado – pioneiros.

O homem aprenderá ainda que o universo exterior só pode ser descoberto em termos de conhecimento interior. Tendes um conhecido da Jane, creio que se chama Gallagher, que deve ser uma boa influência. Já o conhecestes antes. No entanto, as suas habilidades subconscientes estão

bem desenvolvidas. Agora, posso, por favor, voltar à nossa discussão da matéria, uma vez que o tema é muito importante.

(*Quase todas as crianças suspeitam, a certa altura, que quando fecham os olhos os arredores imediatos desaparecem. Supondo que, não vendo a cadeira, esta não existe; neste ponto, o menino é mais inteligente do que muitos adultos.*)

"E se o menino fechar os olhos, mas tocar na cadeira?"

Quando os vossos sentidos exteriores não percebem um objeto físico na vossa auto-perspetiva (e por favor hifenizem isto), o objeto simplesmente não existe para vós. Se o objeto é tocado mas não visto nem de outra forma percecionado, então, na vossa perspetiva pessoal, ele existe apenas no domínio da vossa perceção sensorial. Não existe para ser visto se não for visto. Se, por exemplo, o pai vê a cadeira que o menino não vê, então o objeto existe como algo visível na perspetiva do pai. Cada indivíduo cria por si mesmo uma porção ou um objeto físico completo. Muitas pessoas parecem ver um objeto, mas o objeto que veem não é o mesmo objeto, apenas se aproxima de um objeto.

(*Esta construção quase automática de ideia-energia em um material-objeto é realizada subconscientemente através dos métodos que anteriormente expliquei a você, a respeito da compreensão-cápsula inata e das capacidades existentes nos átomos e moléculas individuais, e é formada por esta gestalt de que falei.*)

A vossa ideia de espaço é tão errónea que é extremamente difícil corrigi-la. Para cada sinal aparente e objeto que tendes, existem literalmente infinitas variedades, nenhum objeto específico, de facto. A partir da vossa própria perspetiva, da vossa perspetiva espacial pessoal, e por meio dos métodos que vos dei, cada um de vós cria a sua própria versão de um objeto específico, utilizando a energia de forma pessoal.

A confusão que surge, por exemplo, no caso de testemunhas de um evento particular, como um acidente, talvez ilustre o que quero dizer. Agora também sabeis que não apenas os homens, mas todas as consciências, contribuem para a formação do vosso universo físico. A consciência vem primeiro.

Sugiro a vossa pausa regular, pois após ela quero continuar nas linhas desta discussão.

(*Intervalo às 10:37. A Jane estava dissociada, como de costume. Durante o intervalo, eu, o John e a Jane discutimos o material acima, perguntando-nos o que realmente acontece quando três de nós, com pontos de vista diferentes, olham para o mesmo objeto, por exemplo, o nosso televisor: todos vemos o mesmo objeto?*)

(*A Jane retomou o seu discurso forte e incisivo às 10:56.*)

Certamente admiro as vossas discussões entusiásticas, e por vezes abordo temas bastante próximos da Jane, sobretudo no que respeita à

habilidade inata que, nas mulheres em geral, não é utilizada em todo o seu potencial. No entanto, neste momento, ainda estou focado na matéria.

Disse-vos que sem telepatia a linguagem seria inútil e ineficaz. É verdade que cada um de vós constrói o seu próprio universo físico e responde a ele. Também é verdade, contudo, que através da telepatia contínua estais familiarizados com as ideias dos outros sobre os seus universos físicos aproximados; e, enquanto construís e vedes o vosso, também construís qualquer objeto material dado, considerando o seu tamanho aproximado, largura, espessura e localização, conforme recebidos telepaticamente dos outros.

Contudo, os objetos simplesmente não são os mesmos. Não vedes, sentis, cheirais ou tocais o mesmo objeto. Irei ainda mais longe e afirmar que, nos vossos termos, os objetos nem sequer existem no mesmo espaço, mas no espaço de autoperspetiva pessoal, formado e criado por cada indivíduo.

(*Agora a Jane pegou num livro de fósforos de papel e ergueu-o diante de mim e do John enquanto andava de um lado para o outro.*)

Isso pode ser facilmente comprovado através de um simples experimento com qualquer objeto pequeno, como uma carteira de fósforos. Nenhum de vós pode ver uma carteira de fósforos exatamente da mesma perspetiva, pela simples razão de que ela não existe para vós senão dentro da perspetiva pessoal em que a criastes. Poderemos levar esse experimento adiante, e certamente o faremos.

A propósito, este simples facto nem sequer suscitará descrença da parte dos vossos cientistas retrógrados, já que ninguém o pode contestar, e experiências já foram realizadas nesse sentido.

Vou dar-vos outra sessão curta. A propósito, Rob, tinhas razão: tenho ensinado a Jane a sentir conceitos em vez de os transmitir palavra por palavra, embora seja dessa forma que ela deva entregá-los a vós.

Tenho-vos dado o mesmo tipo de treino. No entanto, isso exige mais da Jane, pois ela deve, com a minha ajuda, traduzir os conceitos de experiência direta para uma sucessão de palavras significativas. A todos vós, os meus melhores votos e os meus agradecimentos ao Philip pelas cópias. Descobrirão que as sessões farão os seus próprios amigos; com o passar dos anos, se conseguirem pensar nisso, esses amigos crescerão. Desejo a todos uma boa noite afectuosa, e estivemos a discutir assuntos dos mais importantes.

(Boa noite, o Seth.)

([o John:] «Boa noite, o Seth.»)

([a Jane:] «Até logo, miúdo.»)

(Termina às 23h08. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. A minha mão de escrita não sentiu fadiga digna de registo,

apesar de ter sido uma sessão longa e rápida. Nem a Jane nem eu exibimos quaisquer outros fenómenos manuais.)

(O John Bradley pediu uma cópia do material que lhe dizia respeito. O John partiu para o seu motel, levando consigo um carbono do Volume 2 do Material de Seth para copiar. Parece possível que, quando o John voltar a assistir a uma sessão, o John venha acompanhado pelo seu amigo advogado de Williamsport, PA.)

(Encontrar-se-á uma cópia do mapa que o John desenhou do seu bairro na página seguinte.)

O mapa do John. Cada ponto e X representa uma casa, sendo os X a representar famílias com crianças no bairro. Nota que duas famílias com crianças vivem a três portas do John; a família Snyder, em particular, veio à mente do John quando o Seth deu o material nas páginas 159-160.

(Cópia da declaração da Jane envolvendo tempo psicológico, de quinta-feira, 18 de junho de 1964, das 10h00 às 10h30.)

(Isto é mesmo estranho e, embora agora sejam 11h00 enquanto escrevo, ainda estou a tremer. Eu estava bastante cansada esta manhã, mas comecei a trabalhar no meu livro sobre PES como de costume. À medida que se aproximavam as 10h00 decidi que teria de descansar meia hora; ocorreu-me então a ideia de me pôr num transe ligeiro e sugerir que o meu subconsciente considerasse quaisquer problemas que eu pudesse encontrar no capítulo em que estava a trabalhar. Às 9h55 desliguei o rádio na sala da frente onde estava a trabalhar e, deixando as portas abertas entre a sala da frente e o quarto, deitei-me.)

(Quando comecei a colocar-me num estado de transe ligeiro, de repente veio da sala de estar um ruído de estática como o nosso rádio costuma fazer. Era alto e inconfundível, com um som semelhante a voz também. Eu sabia muito bem que tinha desligado o rádio, mas estive tentada a levantar-me e verificar, e em circunstâncias normais tê-lo-ia feito. No entanto, lembrei-me então de algo que tinha acontecido algures na semana passada quando eu também andava a experimentar o tempo psicológico, e que tinha esquecido. Dessa vez eu também tinha desligado o rádio, mas depois continuei a ouvir música vinda dele, com volume variável. Comecei a levantar-me mas lembrei-me do "clique" que o interruptor fez quando o desliguei e, curiosa, fiquei no sofá a ouvir. A música orquestrada continuou talvez durante três ou quatro minutos antes de esmorecer. Mais tarde verifiquei o rádio e estava de facto desligado. Hoje, depois de me levantar, verifiquei o rádio e também estava desligado.)

(Isto é apenas o começo. Hoje voltei a escutar à procura do ruído, mas não ouvi nada. Continuei então a colocar-me num transe ligeiro, sugerindo que o meu subconsciente me desse uma experiência que provasse a validade da clarividência, premonição ou previsão para o

capítulo em que eu estava a trabalhar. Eu pensava em termos de uma experiência para o leitor tentar.)

(Depois tentei contactar mentalmente o meu marido, o Rob. Eu disse: «Amo-te, estou de pé junto à tua cadeira no departamento de arte na empresa de cartões», mas embora me sentisse muito leve não me vi nem me senti lá. Perguntei-me se o Rob poderia estar fora da sala, no intervalo para café.)

(Disse então a mim própria que eu podia viajar se quisesse; olha, disse a mim própria, e verás; a minha sensação de êxtase chegou, mas de uma forma reconfortante em vez de assustadora. Sugeri que sairia do estado em meia hora, como de costume, e que me sentiria renovada e cheia de energia para o resto do dia.)

(Então vi o seguinte:)

(Uma vista rápida de casas, céu azul, árvores, a partir de uma perspetiva de esquina; desapareceu instantaneamente.)

(Uma mulher a inclinar-se, a apanhar algo, a olhar para mim com simpatia casual e a sorrir.)

(Vista de nuvens e céu a passar. Eu olhava para fora através de uma janela de vidro de algum tipo; sensação de viajar depressa, visão rápida de uma cabine de pilotagem.)

(Eu sabia que estava num bom estado, mas ocorreu-me que precisava de alguém para me fazer perguntas, ou que eu própria deveria de algum modo orientar o meu propósito e energia. Repeti algumas vezes que estava novamente junto à cadeira do Rob, mas nada aconteceu. Depois, por impulso, disse mentalmente: «O que é que se passa com o pescoço do John Bradley?» [Tendo visitado ontem à noite e assistido à 63.ª sessão, o John comentou a sensação de um caroço dentro da garganta ou do pescoço, mas não conseguia encontrar nenhum caroço.])

(Assim que perguntei isto, instantaneamente, ouvi o seguinte: «O que queres dizer, pescoço? É uma má língua que está a causar o problema.»)

(Não consigo descrever bem o som. Eu parecia captá-lo com os ouvidos como uma estática muito alta e distorcida; e esta voz, de um homem, distinguia-se no meio da estática e, de algum modo, formava-a. A estática era como um borbulhar nos meus ouvidos, vindo de dentro. O som não vinha da sala. A voz era definitivamente independente, de outra pessoa, não a minha; nem o pensamento era meu.)

(Fiquei tão surpreendida e chocada que voltei a mim instantaneamente. Estava a tremer de espanto. O tom da voz era muito impaciente. Ao "acordar" eu respondia-lhe em voz alta, mas não consigo lembrar-me do que estava a dizer. O som da voz era muito alto — assustou-me como assusta um som súbito e forte. Tive a sensação de que eu poderia ter perguntado mais e que teria sido respondida, mas isto foi

logo após eu voltar a mim. Arrependi-me de ter saído do estado, pois a resposta que recebi foi do tipo que nos faz querer fazer mais perguntas.)

(Eram exatamente 10h30 quando saí do estado. No entanto, o alarme ainda não tinha tocado. Terei voltado então porque disse a mim própria que o faria às 10h30, ou por puro susto?)

(Acabei de usar o pêndulo, perguntando-lhe se a experiência da voz foi legítima? A resposta foi sim. Mas não tive coragem, agora, para lhe fazer mais perguntas.)

(Terça-feira, 23/6, 11h30: a Jane viu um breve relance de uma mulher com um vestido estampado, de pé ao lado de umas cortinas de chintz. A Jane vislumbrou também um homem numa bata de padrão vivo, deitado; viu-o de cima.)

(Enquanto tentava o tempo psicológico tive as seguintes experiências:)

(Qui., 18/6, 20h00: Sem resultados.)

(Sexta-feira, 19/6, 21h30: A meio da minha indução ao estado de transe desejado, apercebi-me de que os meus antebraços e mãos voltavam a sentir-se intrinsecamente bastante aumentados, e também bastante afastados, talvez uns 2 metros, embora, deitada de costas na cama, as minhas mãos estivessem tão próximas dos meus flancos que tocavam as ancas. Ao tomar consciência do que antecede, a minha familiar sensação de arrepio percorreu-me com bastante força e alguma duração. Ainda perdura enquanto escrevo isto.)

(Terminei então a auto-indução. Algum tempo depois, ao que parece, apercebi-me de que estava a observar uma mulher jovem, com um vestido de bolinhas — bolas brancas sobre preto ou cor escura —, a subir três ou quatro degraus das traseiras e a entrar numa casa, com uma porta de rede a fechar-se atrás dela. Poderia estar a carregar alguma coisa. Ao pé dos degraus estava uma menina a olhar para a mãe que desaparecia. [Não sei como me senti tão certa de que eram mãe e filha.] A menina, com cabelo castanho comprido e um vestido curto algo indefinido, estava de costas para mim. Depois ouvi-a dizer muito claramente, numa voz aguda de menina: «Tens a bola? Tens a bola?»)

(Estas pessoas eu vi com distinção suficiente, embora não com a visão de nitidez aguda e vívida que experimentei em algumas ocasiões, como, por exemplo, a cabeça do homem de domingo, 7/6. Não reconheci nenhuma delas.)

(Em resposta à pergunta da menina, eu disse: «Aqui está a tua bola, menina.» Apercebi-me então de que via uma bola escurecida, parecida com uma bola de ténis velha, deitada na relva à minha frente e um pouco à minha esquerda. Baixei-me impulsivamente para apanhar a bola — e

então, na cama, torci o corpo com o esforço; isto bastou para quebrar a transmissão, embora eu não acredite que tenha saído do estado desejado.)

(Posso acrescentar aqui que é a primeira vez de que me lembro que, estando no estado, tentei realizar deliberadamente um ato físico. Penso que posso ter tocado a bola; certamente a minha mão esquerda estava curvada e a agarrar, como se prestes a apanhar tal objeto. Não tenho memória da reação da menina, ou se ela me ouviu. Depois de me virar na cama, tentei recuperar a imagem e perguntei à menina o nome, ao que não recebi resposta.)

(Depois, novamente, mais tarde ainda, ouvi-me perguntar: «Como te chamas, menina?» Desta vez, uma voz — podia ter sido a minha — respondeu, vinda de fora de cena à minha direita: «Eu sou a Bonnie Lou Ryerson.» «Quantos anos tens?», perguntei. A mesma voz respondeu: «Tenho sete anos.» Não vi nada desta vez. Houve mais, mas creio que, a essa altura, eu já estava a sair do estado desejado e estava, conscientemente, a ligar o apelido Ryerson a um professor local com esse nome que a Jane vê ocasionalmente em ligação com a galeria de arte onde trabalha. Eu não o conheço, nem sei se tem filhos.)

(Pode acrescentar-se que, no dia seguinte, quando a Jane e eu estávamos a sair de casa, encontrámos o Leonard Yaudes, o nosso vizinho do outro lado do corredor. O Leonard conhece o senhor Ryerson e disse que ele tinha uma filha que teria, pensava ele, possivelmente uns dezassete anos. O nome dela, especulou o Leonard — por não conhecer muito bem o senhor Ryerson —, era Julie ou Kathy, ou algo do género. A Jane e eu não verificámos mais. Lembro-me de que, ao obter o nome enquanto estava no transe, fiquei muito ansiosa por lembrar-me dele para o escrever mais tarde. Ironia: ao acordar descobri que, pelo menos momentaneamente, o tinha esquecido; mas, assim que comecei a escrever este relato, o nome Bonnie Lou me veio à mente, e sinto que está correto.)

(Domingo, 21/6, 21h30: Mais uma vez, enquanto estava no estado desejado, senti as minhas mãos e antebraços tornarem-se bastante aumentados; e, novamente nesse estado, pareciam estar muito afastados — outra vez, uns 2 metros. A minha sensação de arrepio estava apenas a começar quando o estado foi interrompido por uma porta a abrir-se. Senti que a experiência poderia ter sido boa.)

(Segunda-feira, 22/6, terça-feira, 23/6: Falhei. O pai da Jane está a visitar-nos durante alguns dias. Também falhámos a sessão de segunda-feira à noite. A Jane não sentiu qualquer desconforto de qualquer tipo quando a hora da sessão chegou e passou. À hora da sessão, a Jane, o Del, a Midge [a companheira dele] e eu estávamos a visitar o nosso senhorio e a esposa, na quinta deles em Pine City.)

SESSÃO 64

24 DE JUNHO DE 1964

(A sessão de segunda-feira, marcada para 22/6, não se realizou porque o pai de a Jane estava de visita desde a Califórnia. Esta é a primeira sessão que deliberadamente falhámos desde que começaram, em dezembro passado. O pai de a Jane chegou no sábado e, logo na manhã de domingo, a Jane anunciou-me que não haveria sessão na segunda à noite.

(À hora exata a que a sessão estava marcada na segunda-feira, a Jane, a Del, a Midge e eu estávamos a visitar o senhorio e a esposa dele na quinta deles em Pine City. À medida que se aproximavam as 21:00, observei a Jane para ver se ela daria algum sinal de estar consciente de o Seth, ou de que ele queria sessão. Ela não deu; mais tarde, a Jane disse que não tivera a menor noção da presença de o Seth quando a hora passou. A Del e a Midge partiram e antecipamos uma sessão normal hoje.

(Recordar-se-á que, na última sessão, a 63.ª, páginas 158-159, o Seth afirmou que iria rebentar um escândalo de narcóticos em Elmira dentro de 3 meses. Esta informação foi dada em 17/6/1964. Hoje, 24/6/1964, saiu um artigo no *Elmira Star-Gazette* detalhando um julgamento por narcóticos em Ithaca, NY, a cerca de 35 milhas. É nomeada uma taberna de Elmira, juntamente com o facto de que um detetive de Nova Iorque forneceu às autoridades de Elmira os nomes de elmirenses para investigação. Os nomes não foram revelados. O Seth disse que cinco pessoas estariam envolvidas. Pode afirmar-se categoricamente que nem a Jane nem eu tínhamos qualquer conhecimento de que tal investigação estivesse em curso envolvendo elmirenses, antes de o Seth o mencionar na semana passada.

(Ao tentar o tempo psicológico na quarta-feira, 24/6, 20:00, não tive resultados. No mesmo dia, às 19:30, durante o tempo psicológico, a Jane voltou a ouvir dentro de si o som estático descrito na página 167. Na altura, ela pensava em telefonar a o dono de a galeria onde trabalha, por motivos de trabalho na próxima sexta-feira. A Jane então pensou ter ouvido a sogra de o dono dizer ele vai estar fora até ao fim da semana. Também nesse período, a Jane sentiu uma sensação estranha no campo negro de visão interior: como se ela se movessem rapidamente no espaço, mudando de perspetiva.

(Pelas 20:55 a Jane estava um pouco nervosa, mas não tanto como antes. Ela não fazia ideia do tema de o Seth para esta noite. Quando chegou a hora da sessão, o nosso gato o Willy também ficou bastante ativo. Muitos

insetos tinham-se acumulado nas redes das janelas da sala e alguns entraram. O Willy perseguia vários, chegando a trepar às redes.

(A Jane começou a ditar com voz algo mais grave. O ritmo, contudo, foi regular e os olhos escureceram como de costume.)

Desejo-vos uma calorosa boa noite—

(Boa noite, o Seth.)

—depois de termos faltado à nossa última sessão marcada. A Ruburt teve a minha permissão e até a minha bênção.

Posso mencionar que a Ruburt lidou com a situação de a amante de o pai de forma muito mais inteligente do que teria feito, não fosse a perceção que ganhou em resultado destas sessões.

De momento eles não são casados, e a mulher está a dar mais do que o homem. Quando for possível darei mais informação ao longo de—não consigo apanhar o inseto—

(O Willy estava cada vez mais ativo a perseguir insetos. Finalmente, quando a Jane começou a ditar, ele encurralou um inseto maior e começou a brincar com ele pelo chão da sala. Primeiro a Jane contornou o Willy; por fim, mesmo ao lado da minha cadeira, ajoelhou-se, afastou o Willy e tentou apanhar o inseto com que ele brincava. Ela não conseguiu e olhou para mim.

(Pedi a a Jane que esperasse um momento e pus de lado a prancha de escrita. Ajoelhei-me para apanhar o inseto e achei bastante difícil. Lembro-me de que se assemelhava a um escaravelho, tinha cerca de meia polegada, uma bela cor castanho-avermelhada clara, e jazia de costas a agitar as patas. Tinha um formato muito bonito; parecia vê-lo como sob uma lupa; todos os detalhes da sua construção pareciam claríssimos. Quando o consegui ter na mão em concha, sem o danificar, senti-o debater-se com força surpreendente. Fui à janela da cozinha, abri a rede e lancei o inseto para fora. Sentei-me novamente e peguei na caneta.)

Obrigado.

Sei que o vosso gato não tinha intenção de fazer mal e lamentaria privá-lo do companheiro de brincadeira, exceto que, quando é possível, não só é sensato como vantajoso ajudar qualquer criatura viva, independentemente do seu estatuto no vosso esquema de coisas.

(Por esta altura o Willy recomeçara, a perseguir mais insetos.)

Vede que o vosso gato não sofre efeitos nocivos de tal brincadeira, embora, noutro nível de valores, fosse classificada de destrutiva. No vosso nível, tem de haver um compromisso mesmo nas menores questões. A realização de valor não se mede pelo tamanho; e, em casos assim, conta mais a realização de valor não de o cativo tanto quanto de o potencial salvador.

Há aqui algo que podemos considerar já, relativo à cooperação existente entre todas as criaturas vivas na construção de o universo físico. Esta interação é extremamente importante, e o equilíbrio continua a ser delicado e por vezes perigoso.

(Agora o Willy sentou-se silencioso na janela aberta, a olhar para a noite.)

Tomemos o vosso gato e o seu inseto. O vosso gato criou o inseto que ele viu. O inseto que ele viu foi uma construção diferente de o inseto que qualquer de vós viu, e as três construções eram diferentes da construção física de si mesmo que o inseto fazia. Estas construções de inseto, por vários meios que discutiremos, coincidiram no vosso espaço de camuflagem de modo surpreendentemente aproximado.

Contudo, não eram de modo algum idênticas — nem no espaço, nem no tempo, nem no volume físico. Literalmente, o inseto de o gato era maior e mais pesado em volume, existiu mais tempo no tempo dele — o de o gato — e ocupou também mais espaço.

O teu inseto, o Joseph, diferia também em construção física real do de a Ruburt. Estava melhor detalhado e mais precisamente desenhado, era menor do que o de a Ruburt ou o de o gato, existiu menos no vosso tempo de camuflagem e ocupou uma quantidade mensuravelmente menor do vosso espaço.

O vosso gato também é diferente — uma construção completamente diferente — para cada um de vós. É talvez mais fácil de entender se primeiro considerarmos a diferença entre a construção de o inseto de o gato e a construção de o gato de o inseto, antes de prosseguirmos.

Em comparação com a construção que um humano faz de o vosso gato, por exemplo, o inseto cria uma construção limitada, mas ainda assim eficiente e válida para os seus próprios fins. Ao vosso modo de pensar, o inseto não constrói um gato inteiro.

(Depois de descansar, o Willy estava outra vez ativo, quase perversamente, parecia. Desistindo de perseguir insetos, agora ocupava-se a desfazer uma pequena caixa no armário da sala; o ruído era surpreendentemente alto e quase interferia com a minha audição de a Jane.)

O gato de o inseto é uma espécie de construção enorme e aterradora — um animal-montanha. Contudo, a construção é dotada daquilo a que podemos chamar propriedades físicas de que não estais conscientes.

Isto é difícil de explicar. Uma coordenação psíquica, uma apatia sensível, recebida por o inseto quanto à natureza de o gato, cria em torno da construção que o inseto faz de o gato bandas em infravermelho, sólidas tanto para o gato como para o inseto. O inseto vê então uma imagem de gato gigantesca mas difusa — incompleta, por assim dizer —, rodeada de solidez infravermelha, significativa para o inseto em termos completamente incompreensíveis para vós.

(Agora o Willy abandonara a caixa rasgada. Como por vezes faz, soltou um grito alto e atirou-se aos tornozelos de a Jane enquanto ela caminhava. Ele mordeu-a de leve. A Jane ficou então quieta e calada enquanto eu me levantava de novo; desta vez pus o Willy noutra divisão e fechei a porta.)

Se pudésseis estar mais cientes do modo como outras espécies observam objetos físicos, veríeis facilmente a grande diferença existente entre várias construções daquilo que julgais ser um único objeto físico.

Sugiro o intervalo.

(Intervalo às 21:31. A Jane estava dissociada até o Willy a morder. Ela disse que o Seth queria que ela própria apanhasse o inseto, mas, mesmo enquanto ditava, ela mantinha paralelamente o receio de que o inseto mordesse. Antes de a Jane recomeçar a ditar, deixámos o Willy voltar à sala para ver como se portava. Ele respondeu enroscando-se na sua cadeira de verga favorita. A Jane retomou no mesmo bom tom, algo mais grave, às 21:42.)

Estas são construções completamente separadas de energia em matéria. Vós não — e repito: não — percebeis todas as construções em matéria. Percebeis apenas as vossas próprias construções físicas. A Ruburt apreendeu isto intuitivamente mesmo antes das nossas sessões.

(Aqui o Seth refere-se a o livro de a Jane, The World as Idea Construction, que ela começou no fim do ano passado, 1963. Estas sessões começaram mais tarde, em dezembro/63.)

Há, obviamente, muitos pontos a explicar, mas não há quaisquer exceções. A telepatia é um dos principais elos no mundo das construções. As semelhanças — e pode haver um número quase infinito de construções daquilo a que poderíeis chamar um único objeto físico — parecem tão grandes apenas porque vedes tão pouco.

As aproximações em localização, volume e aparente durabilidade tornam prático pensardes em termos de um aparente objeto único. O material que já vos dei, acerca da criação constante de objetos físicos, é naturalmente válido no âmbito desta discussão mais recente.

Embora isto soará certamente complicado, voltemos por um momento a considerar esta cadeira.

(Parando ao lado da nossa Kennedy rocker, a Jane pô-la a balançar.)

A cadeira, tal como construída por a Ruburt, é construída constantemente quando ela está na divisão. Ela é parcialmente construída por ela quando ela está noutra divisão do vosso apartamento.

Quando ela não está minimamente preocupada com a cadeira, ela não se dá ao trabalho de a construir. Ela poderia estar a milhas de distância, imaginar subitamente esta divisão e construir instantaneamente a cadeira. Se o fizesse, e se estivesse mais alguém presente na divisão, essa pessoa não a veria, pois estais apenas conscientes das vossas próprias construções.

(Ao longo destas passagens, tive muitos momentos em que a Jane, enquanto ditava, respondia a perguntas que me surgiam à medida que o material se desdobrava. O parágrafo anterior é um exemplo particularmente marcante.)

A matéria física que é a cadeira — ou, melhor, a cadeira de a Ruburt — é formada como expliquei, e nenhum átomo nela é o mesmo hoje e amanhã. Ela usa energia para construir o seu universo físico. Tu constróis a tua própria cadeira do mesmo modo, usando energia diferente; e, mais uma vez, nenhum átomo da tua cadeira é o mesmo hoje e amanhã.

Essa mesma cadeira, por assim dizer, é construída de modo diferente por toda a gente que entra na vossa casa. A questão da sua localização no espaço não é difícil. A comunicação telepática de fundo interior resolve

isto muito bem. Há aqui alguns deslizes bem divertidos que ocorrem — como quando dás com o corpo numa cadeira, por exemplo. A culpa aqui não é de esquecimento. É de lembrança que nasce o problema.

(Aqui a Jane sorriu amplamente.)

Tu esqueces-te; isto é, esqueces-te de construir a cadeira na sua localização correta. Se continuasses a ignorar a falha de construção, não sofrerias a nódoa negra. Mas lembras-te mesmo a tempo, e constrois a tua cadeira onde está o teu joelho.

Há muitas implicações neste material, como verás. Lembra-te também de que os átomos se deixam usar nestas construções e de que eles contêm a subconsciência generalizada e a compreensão em cápsula de que tenho falado.

Eu sugiro o vosso segundo intervalo.

(Intervalo às 22:05. A Jane *estava dissociada como de costume.* Ela *disse que* as costas*, que a incomodaram durante o dia, se sentiam bem enquanto entregava o material; mas, assim que chegavam os intervalos, o incómodo teimoso voltava de cada vez.* A Jane *retomou no mesmo tom forte e algo enérgico às 22:14.)*

Podem fazer-se medições de um chamado único objeto físico apenas porque a comunicação interior é tão exata e extensa. Na nossa última sessão, durante um intervalo, o Philip mencionou o televisor como sendo um objeto físico único, acerca do qual ele acreditava que todos vós poderíeis concordar numa discussão de tamanho, material, cor e dimensão.

Na altura eu estava preocupado com outros dados. Contudo, entremos nisto agora. Primeiro, tu, o Philip e a Ruburt, quando estão todos presentes na divisão, cada um constrói a partir de energia a vossa própria materialização física da ideia televisor.

A ideia está em circulação. Caso contrário, é possível que as construções não coincidissem todas, mas seriam gradualmente alinhadas. Nas vossas construções físicas do televisor, então, sois geralmente ajudados por a ideia corrente de televisor, tal como existe em o conhecimento de massa.

(Aqui novamente, a Jane *prosseguiu a responder às perguntas que me vinham à mente, uma após outra.)*

Isto aplica-se geralmente à maioria das construções de ideias, e mais tarde discutiremos a construção de uma ideia desconhecida em construção física que depois é classificada como uma invenção. As vossas construções do televisor são ainda auxiliadas por outros dados inconscientes ocultos, como o material mais adequado às construções, o tamanho, a forma e a cor gerais com que já estivestes familiarizados. Tudo isto é básico.

Tendes também, em nível telepático, uma transmissão de específicos que ajuda a dar pormenor mais preciso e ajuda a localizar pontos aproximados. Tudo isto sem qualquer cooperação por parte de os átomos que compõem a construção inicial — querendo eu dizer, a primeira construção.

Isto precisa de breve explicação. Se os três voltarem a atenção para o aparelho, o primeiro a considerá-lo formará a chamada construção inicial. Isto é por simplicidade. Já vos disse que todas as condições vivas — e usarei o termo condições — cooperam na formação de o vosso universo físico. A tua construção do aparelho, o Joseph, envolverá o uso de energia formada em várias combinações de átomos e moléculas; e estes, por sua vez, emitem vibrações que são recebidas subconscientemente e servem também, portanto, para dar indicações de localização aproximada, volume e até material e cor particulares, ao subconsciente de qualquer observador, por assim dizer; embora ele não veja a tua construção, mas forme a sua própria, mais ou menos em réplica fiel do que percebeu subconscientemente por telepatia de ti e de qualquer outro construtor, de noções generalizadas da ideia por trás da construção e de vibrações e até impactos recebidos de os átomos e as moléculas que compõem outras construções do chamado único objeto.

Agora, devido a variações existentes na capacidade de vários indivíduos de receber, perceber e atuar sobre tais informações, as construções não são exatamente iguais, embora em geral pareçam iguais; e, por utilidade, são suficientemente eficazes.

Deslizes podem ocorrer em qualquer das linhas acima mencionadas. Uma mangueira espessa de borracha preta num quintal ao escuro pode, por um momento, tornar-se de facto — ou poderia tornar-se —, para uma alma tímida, uma cobra particularmente malvada, ridiculamente longa e gorda, preta.

Isto não é um caso de uma mangueira parecer-se com uma cobra. É uma falha de outro tipo, conforme o construtor de a mangueira esteja presente ou ainda a construir o seu objeto. Há aqui algo que vou explicar. Mencionei brevemente antes, creio, aquilo a que chamarei uma pós-

imagem. Quando cessas a construção ativa de um objeto, o padrão começa a esvanecer, mas permanece inativo.

Vibrações fracas estão presentes e podem ser percecionadas. Aqui imaginaremos o padrão fraco — a forma de a mangueira — e um indivíduo a percecionar o padrão generalizado. Falta informação adicional, talvez não se perceba mensagem telepática nenhuma.

Com base na pouca informação disponível, e dada a escuridão, os medos vêm ao de cima. O indivíduo constrói de facto uma cobra, mas uma cobra defeituosa e impossível, a partir de o padrão fraco de a mangueira. A cobra, por razões que discutiremos mais tarde, nestas condições não poderia existir no vosso universo.

Se o nosso indivíduo pedir ajuda e, por acaso, o construtor de a mangueira responder ao apelo, a construção dele da mangueira terá precedência, preenchendo o seu padrão antigo.

Eu sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:46. A Jane estava dissociada como de costume. Mais uma vez, ela disse que as costas se sentiam bem durante a entrega do material. Ela sentiu, enquanto entregava, que o Seth achou que tinha ido longe de mais ao dar-nos o material da mangueira-cobra neste ponto, pois levanta demasiadas questões nas quais ele não queria entrar ainda.

(Enquanto recebia este material, eu próprio parecia estar num leve estado de transe, sentindo-me bastante letárgico por vezes. A minha mão de escrita *não mostrou cansaço.* A Jane *retomou a voz algo grave às 22:55.)*

Estou a cumprir a minha intenção de manter sessões um pouco mais breves por algum tempo. Ainda assim, há alguns pontos que gostaria de frisar.

A capacidade de o indivíduo para receber as impressões de que temos falado, e a capacidade de as traduzir e construir, é toda determinada pelo seu próprio historial psíquico pessoal em existências passadas e na presente, e pela sua conceção interior de si mesmo, de o universo físico, do seu lugar nele, e pelas suas reações interiores a ideias.

Ele cria de facto o seu próprio ambiente, mas este ambiente é criado por ele segundo concepções recebidas telepaticamente — agora, na infância, no berço e mesmo antes do nascimento.

Isto, por si, é extremamente importante e trataremos disto de forma bastante extensa em termos de limitações precoces impostas por atitudes parentais, pessoal e coletivamente; em termos de autorrealizações individuais; e em termos de realizações nacionais e expectativas raciais.

As limitações impostas a o eu são danosas para a raça como um todo e travam a realização de valor. Portões psíquicos são fechados por os pais e erguem-se vedações em torno de o eu, excluindo muitas possibilidades importantes de crescimento e realização; essas barreiras têm de ser quebradas; à medida que a conceção de o homem de si mesmo se amplia, também as suas capacidades e possibilidades reais serão alargadas. As suas limitações psíquicas são, em larga medida, auto-adotadas.

Aqui encerrarei a sessão. Cobriu-se muito esta noite e há muito mais que eu gostaria de cobrir. Contudo, para já, as onze horas são uma hora de fecho razoável e eficaz no geral.

Não fiqueis impacientes. Ainda se tornarão, ou tereis, fartura de tempo para se cansarem de mim. A Ruburt, o meu bónus por uma excelente sessão será umas costas mais confortáveis. Ele tem-se conduzido de forma muito mais eficiente ultimamente, de todo o modo, e tudo vai bem.

Gosto de as esculturas de crianças e sugiro que as considerem, particularmente as duas grandes, como parte da vossa coleção doméstica mais ou menos permanente. E agora, os meus olhos de tarte, despeço-me com uma afetuosa boa noite.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 23:01. A Jane estava dissociada como de costume. As costas sentiram-se muito melhor desde o início da sessão. A minha mão de escrita sentiu apenas um ligeiro cansaço. A escultura a que o Seth se refere acima representa algumas feitas por alunos nas aulas de arte de o Bill Macdonnel; no fim do ano letivo os alunos não reclamaram os trabalhos, por isso o Bill ofereceu-nos algumas peças. Gostamos muito delas.)

(Ao tentar o tempo psicológico tive as seguintes experiências:

(Quinta, 25/6, 20:30: alcancei a minha sensação habitual de arrepio ao sugerir a mim mesmo leveza. Uma vez atingido o estado desejado a que já me habituei, sugeri então a mim mesmo que entraria num estado secundário, mais profundo. Isto pareceu resultar; senti-me de forma semelhante ao estado que experienciei quando a Jane me hipnotizou e usou

regressão etária. Contudo, nesta primeira ocorrência não houve fenómeno e fui algo distraído por crianças a brincar no exterior.

(Sexta, 26/6, 21:30: tive a minha sensação à sugestão usual de leveza e depois entrei na fase secundária. A sensação de arrepio continuou durante algum tempo nas mãos e antebraços; boa duração aqui. Tive também alguma sensação de aumento nas mãos e antebraços.

(Sábado, 27/6, 02:30: devido a um dia muito ocupado, falhei a experiência regular, mas, ao adormecer à noite, vi com bastante clareza a cabeça grisalha e desgrenhada de uma velha. Ela estava sentada numa cadeira, as costas contra uma parede. O cabelo era espesso e emaranhado; as sobrancelhas salientes e os olhos muito escuros, fundos. Fiz um esboço tosco da cabeça. A cabeça parecia virar-se de um lado para o outro, a olhar em redor. Houve alguma duração.

(Domingo, 28/6, 21:30: muitas ocorrências de batidas de tambor e música, e cenas vagas diversas, muito rápidas, de pessoas e partes de árvores e campo, nada de familiar para mim. Normalmente as imagens enfatizavam uma pequena porção diante dos meus olhos — por exemplo, um ramo com um tufo de folhas —, cada uma das quais eu vislumbrava com detalhe nítido e colorido. Experimentei também uma leve sensação à minha sugestão de leveza.

(Ao tentar o tempo psicológico, a Jane teve as seguintes experiências:

(Quinta, 25/6, manhã: pouco conseguido; interrompida por ruídos do bairro. Tive um breve relance de um camião ou carro longo, baixo e vermelho, a encostar ao passeio em frente de a casa.

(Poderá ser coincidência, mas às 19:45 encostou em frente um camião Ford longo e baixo, vermelho, tal como o que vi esta manhã.

(Sexta, 26/6, 11:30: pouco conseguido. Voltei a perguntar sobre o problema com a língua de o John Bradley e recebi a palavra muito pouco clara calosidade. Quando esta resposta surgiu, vi uma grande sala amarela e ensolarada, com uma mesa e cadeiras dispostas junto a uma parede comprida ao fundo. A sala tinha a forma da nossa grande sala de estar.

(Ainda na sexta: a subir as escadas esta noite, tive uma súbita forte sensação de que um envelope estava debaixo de a nossa porta. Pensei num telegrama. O Rob estava a trazer as compras do carro, por isso não tive ocasião de lhe dizer. Ao chegarmos à porta, encontrei um bilhete deixado para nós por um amigo.

(Domingo, 28/6, 21:40: de novo experienciei a minha sensação de viagem. Tive um relance de estar no banco de trás de um carro futurista, passando por uma paisagem futurista. Ponho isto à conta da imaginação.

(Vi também uma grande aranha preta no vestido de uma mulher, sobre um seio. A aranha estava gorda. Não gostei e tentei mudá-la para uma rosa. Isto também será provavelmente imaginação.)

SESSÃO 65

28 DE JUNHO DE 1964

(Esta sessão não estava agendada. Hoje fomos ver uma casa no campo, mesmo fora de Elmira. Ela chamou-nos a atenção até certo ponto e estava possivelmente dentro da nossa capacidade de compra, a acreditar na palavra de os nossos amigos. A casa pertencia a um artista e professor que deixara a cidade de vez; a Jane conheceu-o na galeria, eu não. A casa oferecia privacidade, mas parecia levantar tantas questões como as que respondia, uma delas sendo o facto de estar situada numa encosta e ser acessível apenas por uma estrada de terra muito íngreme que não era mantida nem pelo estado nem pelo condado.

(Ao regressarmos a casa por volta das 18:00, discutimos a perspetiva de mudança e os seus muitos envolvimentos, etc. A Jane disse então que sentia a presença de o Seth e que poderíamos ter uma sessão se quiséssemos. Decidimos ver o que surgia, perguntando-nos que ajuda, se alguma, o Seth poderia oferecer numa situação destas.

(Peguei na caneta e no papel. Ficámos sentados em silêncio alguns minutos, depois a Jane levantou-se e começou a ditar. A voz estava algo rouca e assim se manteve. Ela falou por vezes bastante depressa e, em geral, com alguma troça, sobretudo no início. Ela andava como de costume; os olhos não exibiam o escurecimento tão habitual à noite, mas havia neles uma mudança.)

Como estais a descobrir, apesar de toda a nossa conversa sobre matéria, a matéria importa mesmo quando não importa nada.

A Ruburt percebeu corretamente que eu estive convosco esta tarde. Ambos me sintonizaram, e achei a vossa discussão extremamente interessante, embora deva dizer que estou bastante contente por já não ter de lidar pessoalmente com tais assuntos.

(A Jane abriu um grande sorriso.)

Com o que lido é extremamente complicado e, ainda assim, ao lado do vosso dilema — comprar ou não comprar —, devo dizer que as minhas próprias preocupações parecem quase infantis em comparação.

Estou a evitar uma resposta direta de imediato e a rodear o assunto por alguns momentos por razões minhas, mas não vos vou adiar. Fico satisfeito que tenham notado que a minha previsão relativa a um escândalo não foi ociosa, e recomendaria seriamente que evitassem quaisquer transações comerciais ou pessoais de qualquer tipo com o senhor Marvin, que creio ser dono de uma escola que estiveram a ver esta tarde.

(Além da casa do professor, de facto olhámos brevemente para uma escola reconstruída pertencente a o senhor Marvin, que a Jane e eu mal conhecemos. Não pensámos em comprá-la, porém, pois ouvíramos antes que o preço era elevado e não gostámos da localização. O Seth estava muito sério enquanto transmitia a informação acima através de a Jane.)

Tomai bem a peito este aviso. Não deve haver aqui envolvimento de espécie alguma.

Não vos convém, em caso algum, comprar terreno que esteja fechado. Isto não resultaria para nenhum de vós. Incomodaria o Joseph, assim como a Ruburt. É uma ideia muito boa comprarem agora uma casa com terreno à volta. Já foste proprietário de terras, como sabes, e o teu grande desejo por muitos acres provém disso.

A tua relutância em comprar uma casa com privacidade de facto adequada, mas sem grande área, nasce de uma espécie de despeito contra ti próprio. Em tempos tiveste muita terra e, se não podes ter muita agora, pensas que não te contentarás com menos, mesmo que tenhas de esperar vinte anos.

Isto está longe de ser realista. Ainda assim, pareces manter tais sentimentos e, já que os tens, devem ser considerados. Conhecer a razão destes sentimentos deverá ajudar-te a reconhecer a sua origem distante e tornar-te mais disposto a ficar satisfeito com menos.

(Recordar-se-á que o Seth referiu muitas vezes eu ter sido proprietário de terras na Dinamarca, em Triev, nos anos 1600.

(O nosso gato o Willy estivera algo ativo desde o início da sessão. Agora, mais uma vez, começou a correr atrás de a Jane. Em vez de se atirar aos tornozelos, saltou para a minha mesa; depois, quando a Jane passou, estendeu a pata para ela; as garras prenderam-se nas calças de ela. Sem interromper a entrega, a Jane pegou nele e meteu-o noutra divisão; fechou a porta.)

Já estou habituado a ser assim cumprimentado por o vosso bichano, e, embora a mim não me incomode nem um pouco, a Ruburt não aprecia ser tratada desta maneira.

Precisais de privacidade, e isso preocupa-me. A privacidade ajudar-vos-á de facto a lidar com o mundo exterior de forma mais eficaz, o que vos permitirá receber benefícios de o mundo exterior graças a uma atitude mais descontraída para com ele.

Não deveis endividar-vos. Isto é, embora eu não seja banqueiro, não deveis neste momento pagar mais de seis mil, ainda que um valor mais alto pudesse tornar possível mais terreno. A preocupação financeira, no fim, levaria até tu, e não a Ruburt, a sentires amargura com a própria terra. Estavas habituado a tirar dela o sustento — e bom —.

A ideia de comprá-la agora causa raiva subconsciente, embora ames a terra. A Ruburt expandir-se-á como tu. Ela será muito boa em tudo o que tenha a ver com plantio, e a intimidade com as estações trará a ambos uma maior frutificação psíquica. Esta intimidade com as estações é importante para ambos.

Certamente não vou tomar decisões por vós. A casa que viram hoje deverá revelar-se uma excelente compra, embora não esteja necessariamente a falar em termos financeiros. A intimidade com a natureza que aí desfrutariam compensaria de maneiras que não conheceis.

(Enquanto a Jane entregava o parágrafo seguinte, senti a minha sensação familiar varrer-me da cabeça aos pés, com bastante força. Resíduos dela duraram algum tempo conforme a sessão prosseguiu.)

Se comprares a casa, pintarás duas telas em particular, paisagens a têmpera, que ajudarão a firmar o teu nome. A casa em si é boa, por estar alta e perto de água. Devias estar perto de água. Não deves, porém, estar em terreno baixo. Não deves comprar uma casa, mesmo com muita terra, que não esteja perto de água, pois isso não te contentará e acabarás por desistir. A água — isto é, um corpo de água — tem valor para o desenvolvimento de habilidades interiores.

Ainda não falei disto, e não é este o momento para tal.

No vosso tempo vindouro, se possível, faríeis bem em viver junto a um oceano ou mesmo um grande lago. Um rio é a segunda melhor opção, desde que a terra não seja baixa. A casa que viram é boa, repito, porque está em terreno alto e porque fica acima e perto de água, e sem infiltrações. Há rocha por baixo. As fundações são boas, e as correntes muito fundo por baixo das fundações são boas. Estou a falar aqui de outra coisa que ainda não abordámos.

A colina é amigável e não ameaçadora, e noutras estações o enquadramento é mais aberto do que agora. Os atributos psíquicos da casa são bons. É um entre muitos locais que vos seriam muito adequados e que, se me é permitido dizê-lo, pareceriam quase feitos à medida.

A criança que viveu na casa até há pouco estava algo perturbada e, se tivesse vivido lá mais tempo, a casa não teria permanecido psicicamente benéfica — mas é-o agora. Terreno alto como este é bom do ponto de vista de saúde e psique. Não vejo perigo iminente com os vizinhos, que se mantêm à parte.

Sugiro um pequeno intervalo e continuarei, embora muito brevemente.

(Intervalo às 19:40. A Jane estava dissociada como de costume. O tempo pareceu ter passado depressa. Fora-nos dito que a casa tinha cerca de um acre de terreno, embora todo ele na parte íngreme da encosta. Encontrámo-la aberta e entrámos, mas não pensámos em examinar especificamente as fundações. De um lado a colina descia até a estrada; do outro, subia em forte inclinação. A Jane e eu ponderámos deslizamentos de terra.

(A Jane retomou do mesmo modo às 19:45.)

A liberdade psíquica e a explosão de energia que ireis experienciar como resultado direto da intimidade com a terra serão libertadas independentemente da quantidade de terra. Algum sentimento de propriedade é necessário. Contudo, embora talvez não o queiras aceitar, velho proprietário Joseph, um acre libertará esta energia tão bem como dez acres. Tens pouca noção da energia que seria benéfica para ti, mesmo no desenvolvimento de um acre que fosse teu.

Escolhi a cifra dos seis mil por boa razão. Sentir-te-ás seguro com este valor. Uma hipoteca de quinze ou vinte anos não precisa de te inquietar, pois uma compra de casa de seis mil dólares será liquidada por ti, sem aflição, num período de cinco a oito anos.

Por razões demasiado complicadas para entrar agora, um montante maior não seria pago até muito mais tarde, porque os receios que terias impediriam a plena utilização das tuas energias. As energias libertadas pela compra da casa que viram permitir-te-ão, indiretamente, pagar o montante dentro do período de cinco a oito anos.

Não tens preocupações com este valor. Isto não é uma declaração geral, aplica-se à casa específica de que falamos. Todas as condições mudam quando o objeto ou o terreno são diferentes. Uma casa psicicamente insalubre reduziria muito a tua capacidade de a pagar.

Não antevejo dificuldades com a estrada. A tua ideia de trocar o teu carro por um jipe velho resultaria muito bem, e não seria dispendiosa. Todas as janelas da casa devem ser, como a Ruburt sugeriu, abertas; deixai que o ar de topo de colina atravesse. A parte de baixo da casa tem estado fechada demasiado tempo, mas não há grande dificuldade aqui. Abrir as janelas na parte inferior ajudará uma ligeira humidade bolorenta.

(Há crianças na vizinhança

(Há mais duas casas na colina, ambas bastante afastadas da nossa; uma fica bem acima, a outra além.)

Não há crianças. Não vejo nenhumas num futuro razoável. A localização é vantajosa de muitos pontos de vista. Estou muito atento aos elementos psíquicos de qualquer casa que estejam a considerar. A influência psíquica ali é segura. Mais uma vez, terreno alto é benéfico, e uma disposição de cimo de colina como esta, com a sua proximidade a água, é bastante invulgar.

(Acresce que a casa assenta na encosta de um lado da estrada principal que sai de Elmira para oeste. Do outro lado da estrada corre o rio Chemung. A Jane e eu podíamos ver o rio da longa varanda da frente, olhando por entre as árvores. A vista seria obviamente melhor no inverno.)

Recomendaria vivamente uma horta, na qual ambos trabalhem. Encontrarás um forte apego a ela, o Joseph, tal como a Ruburt, e há espaço. Com o bosque envolvente, vejo que uma horta e um lugar de relvado tranquilo ao lado da casa são muito bons. Verás que um arranjo de um pequeno lago, do tipo artificial comprado, uma bacia onde a água pinga através de rochas, por detrás de os caixilhos envidraçados na parte de trás, com um agrupamento muito simples de rochas e flores, vos seria de grande benefício: como lugar de contemplação interior, no qual os sentidos interiores ampliariam bastante o seu alcance.

Mais tarde — e a Ruburt intuiu parte disto —, um resguardo simples e barato aqui proporcionaria o máximo de privacidade. Não para um bosque sagrado, e sim para um cenário simples dentro da natureza exterior que vos serviria muito bem para um tipo de desenvolvimento de sentido interior diferente do que normalmente alcançais no interior.

A sala grande é saudável, a cor branca é boa. O acesso à cave deve ser arejado muito a fundo. Se comprarem a casa, voltarei a percorrê-la para assegurar que tendes a atmosfera psíquica mais benéfica.

De novo, deixai-me sossegar os vossos receios. Financeiramente, não vejo dificuldade com o valor indicado. A água é pura. O ar de topo de colina acrescentará três anos à vossa vida. Vós tereis de tomar as vossas próprias decisões. Eu, por mim, não prevejo problemas. Não deveis ficar com nenhum dos pertences de as crianças.

(Havia mais do que uma criança)

Havia uma criança. Contudo, a criança tinha brinquedos que pertenciam a outra criança, e quaisquer brinquedos devem ser deitados fora. Quaisquer bolas de criança devem ser deitadas fora e não dadas a o gato para brincar.

(Conseguiremos encontrar todos os brinquedos espalhados)

Conseguireis encontrá-los todos sem dificuldade. Menciono isto apenas porque, de outro modo, tu e a Ruburt poderiam achar simpático guardar alguns brinquedos para o gato. Não há aqui grande perigo, de forma alguma, mas estas simples precauções evitarão quaisquer dificuldades.

Mencionaste pintar as paredes, e isto é excelente. Devem ser cobertas desta maneira, e esta precaução deve ser tomada em geral sempre que mudais de residência. Verificareis que, muitas vezes, as pessoas, por não perceberem estas precauções, deparam com dificuldades desnecessárias que poderiam ser evitadas.

Sugiro que, se comprarem a casa, tomem muitas vezes as refeições numa sala de jantar. O ato de comer é psiquicamente significativo e, quando possível, deve ser tratado como tal. É, de facto, uma comunhão de certa ordem.

Sugiro um pequeno intervalo.

(Intervalo às 20:15. A Jane estava dissociada como de costume. Mesmo antes do intervalo, ela estendeu-me as mãos enquanto ditava para indicar que estavam gordas, ou sentiam-se aumentadas. Pareciam estar, sobretudo os polegares e os indicadores. Não tentei medições, já que esse procedimento indicara anteriormente que haveria de facto uma diferença física definida nas circunferências dos dedos.

*(*A Jane *disse que as sensações começaram a abrandar pouco depois do intervalo.* Ela *recomeçou a ditar quase de imediato, do mesmo modo.)*

Se preferirem, desconto isto da sessão de amanhã.

(Não)

O homem que viveu na casa tinha uma tendência destrutiva e por vezes cruel. No entanto, ele era basicamente criativo e, apesar de energias descontroladas e indisciplinadas, o seu sentido interior criativo acrescentou à atmosfera psíquica, mas teria voltado-se contra ele se tivesse permanecido.

Vós estais a gerir as vossas vidas interior e exterior com muito maior vantagem do que têm feito, e, em geral, não prevejo dificuldades desde que se atenham ao vosso rumo atual.

Dou por adquirido que terão telefone se comprarem a casa em questão.

(Sim)

Se não tivessem, isto conduziria a grande amargura por parte de a tua família, o Joseph; além disso, agora podeis permitir-vos a ideia por trás de um telefone, particularmente no campo. Não há agora necessidade de recear o contacto com o mundo exterior.

Sei que reconheceis que todo o espaço deve ser limpo a fundo, em particular a cave deve ser arejada. Todos os quartos serão benéficos para dormir e trabalhar; a sala grande, naturalmente, para usarmos nas nossas sessões.

(Aqui a Jane abriu um largo sorriso.

(Sim)

O ar de todos os lados é, em geral, muito mais benéfico do que a disposição que tendes; ainda que envolva realmente pouca área, a localização e a situação são mais vantajosas do que muitas outras com mais terreno, e a intimidade com a natureza será viva e boa.

Poderia continuar, novamente, por bastante tempo, mas deixo-vos, esperando ter ajudado. Existem, claro, outros locais que seriam adequados. Neste momento particular, este é o único disponível e, afinal, não é

coincidência que o tenham procurado. Caso contrário, não se teriam dado ao trabalho.

(As duas últimas frases responderam de imediato ao pensamento que eu tinha em mente.)

Pode decorrer um período de talvez dois anos antes que surja outro local adequado. Se quereis ou não esperar tanto tempo, cabe-vos decidir. Uma mudança deste tipo deve ocorrer ou no início da primavera ou nesta altura do ano, por muitas razões que não vos são obviamente práticas.

O rio naquela zona é benéfico. Noutros pontos não é, e há infiltrações malévolas; mas não ali.

Despeço-me com a minha habitual afetuosa boa noite, com uma breve nota para a Ruburt, embora esteja certo de que as suas capacidades de arrumação não carecem de lembrete: os armários devem ser limpos a fundo, e a casa de banho, dado que as divisões estão razoavelmente próximas.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 20:30. A Jane estava dissociada como de costume. A minha mão não sentiu fadiga, mesmo agora. Passámos algum tempo a discutir a sessão e o facto de a nossa senhoria atual ter subido connosco para ver a casa em que estamos interessados pela segunda vez. Ela gostou da casa à primeira vista e ia discuti-la com o marido.

*(*A Jane *começou então, de súbito, a ditar novamente, sentada à minha frente.)*

Uma breve nota: Os vossos amigos a Marion e o James são elementos importantes nas vossas vidas. Eles são muito leais. Ambos têm personalidades psíquicas fortes, e os bons votos deles ajudaram-vos no passado, particularmente o Joseph quando ele esteve doente. Os vossos bons votos ajudaram-nos em grande medida.

A relação futura deve ser mantida, mesmo que já não vivam na casa deles. Há uma ligação significativa.

Os quatro fazem-se bem psiquicamente uns aos outros, e não devem deixar que a relação morra. Ambos sentem isto instintivamente e acolhem-vos sempre por essa razão.

Embora o vosso apartamento tenha as suas desvantagens, e embora esteja na altura de possuirdes uma porção de terreno vossa, no geral o apartamento, por causa dessa relação, tem sido benéfico. E foi esta a razão por que a Ruburt escolheu o apartamento desde o início, e por que tu concordaste apesar de reconheceres as outras desvantagens.

O objetivo do vosso estabelecimento atual foi principalmente garantir um bom fundo psíquico global. Vós descansastes aqui e ganhastes forças. Tendes muito a agradecer a estes amigos, e eles têm muito a agradecer-vos.

Vós sentir-vos-eis pesarosos por partir, independentemente do que possais pensar, mas a nova situação revelar-se-á muito vantajosa e será

realmente a vossa primeira casa. De passagem, a Ruburt, sim, a água ali é segura para nadar. Vou mesmo encerrar, mas queria que soubessem da importância destes bons amigos em particular.

(Boa noite, o Seth)

(Fim às 20:59. A Jane estava dissociada como de costume. Ela sentiu-se muito bem após a sessão. Desde que estas sessões começaram no fim do ano passado, a Jane e eu pensávamos que devia haver boas razões para termos tomado este apartamento e nele vivido mais de quatro anos. Nunca perguntei a o Seth as razões, pensando que de algum modo a Jane e eu estaríamos envolvidos com a Marion e o James Spaziani; e pensando também que, a seu tempo, as razões começariam a emergir no material.

(E não há dúvida de que sentiremos falta de o apartamento, se e quando mudarmos. A referência de o Seth a um lugar seguro para nadar diz respeito ao troço de o rio Chemung que víamos da posição na encosta de a casa que nos interessa.

(A Jane está para um aumento substancial de salário em a galeria de arte onde trabalha a tempo parcial. Perguntávamo-nos se o Seth teria incluído algum futuro salário dela, ainda desconhecido por nós, nos seus cálculos sobre se poderíamos ou não suportar a casa.

(Discutimos este problema e a Jane *começou então a ditar de novo.* A voz *estava normal. Retoma às 21:03.)*

A situação da galeria não entrou nos meus cálculos financeiros. Usei a situação atual de a Ruburt, e o montante e assim por diante podem ser suportados tal como as coisas estão. Elas não ficarão assim, mas melhorarão. Contudo, não tendes de esperar aviso absoluto de tal melhoria antes de entrar nesta transação em particular.

(Boa noite, o Seth

(Fim às 21:05. Desta vez, disse a Jane, o Seth *partira.)*

(O material seguinte é incluído aqui para registo, e porque o Seth o menciona a meu pedido e poderá voltar a fazê-lo.

(Sexta-feira, 26 de junho, algures depois do jantar, a Jane sentiu vontade de experimentar a tábua Ouija sozinha. Eu trabalhava então numa pintura, sem saber da atividade dela. A transcrição termina onde a interrompi, ao entrar na sala de estar onde a Jane estava a usar a tábua.

(Como de costume, as perguntas de a Jane *em itálico,* as respostas de a tábua *em redondo.)*

(Alguém quer falar comigo)

Sim.

(Quem és)

S u v t r d

(Por favor começa de novo)

Fazer não mais não é suficiente.

(Quem és)
Voghler.
(Masculino ou feminino)
M.
(Fazer não mais do que o quê)
Pagar preço.
(De quê)
Consciência.
(Que mais é preciso)
Somar a uma soma de verdade.
(Voghler é o teu apelido)
Sim.
(Nome próprio)
Thomas.
(Estás morto como nós entendemos)
Sim.
(Em que ano morreste)
1894.
(Em que país)
Inglaterra.
(Tens mais alguma coisa a dizer)
Forte—
*(*A Jane *relata que não proferia* as perguntas *em voz alta. Normalmente recebia* a resposta *interiormente antes de* a tábua *a soletrar*. Ela *não ouvia* a resposta *dentro de si e, ainda assim, sabia qual seria* a resposta. Ela *não tem opinião sobre o material acima; inseri-o no registo por curiosidade e na hipótese de vir a ser útil no futuro.)*

SESSÃO 66

29 DE JUNHO DE 1964

(Hoje, 29/6, às 20:15, não obtive resultados a tentar tempo psicológico.

(Às 20:55, a Jane ainda estava sentada nos degraus da frente; fora um dia muito quente e atarefado para nós. Por esta altura eu já estava a juntar os meus papéis para a sessão. Tomei o meu lugar habitual à mesa da sala, a pensar se a Jane apareceria a horas. Mal me sentei confortavelmente, ela entrou, dizendo que, embora não soubesse a hora exata, sentira que devia subir.

(Mais cedo esta noite, o pêndulo *dissera a* a Jane *que teríamos* uma testemunha *para* a sessão*, mas ninguém apareceu.* A Jane *estava algo nervosa às 20:59, embora nada como costumava estar. Começou a ditar à hora certa, com* uma voz *normal e a um passo bastante vivo.* Os olhos *escureceram e* ela *andou de um lado para o outro como de costume. Nenhum destes atributos mudou de forma apreciável durante* a sessão.*)*

Boa noite.

(Boa noite, o Seth*. Quem era* o Thomas Voghler*)*

Quem é quem

(Quem era o Thomas Voghler*)*

Não sei quem é.

*(*A Jane *apanhou* o nome *na tábua Ouija na outra noite)*

É muito provável que seja uma ligação legítima. No entanto, não estou familiarizado pelo menos com esse nome. Posso dar-vos a conhecer numa data posterior.

(Note-se que o Seth *se referiu a* o Thomas Voghler *no presente, ao passo que* a tábua *assinalou que* ele *morreu em 1894. Mas este assunto fica encerrado, pelo menos por agora.* A Jane *soltou um riso divertido.)*

O humor de a Ruburt está verdadeiramente tempestuoso. Ainda bem que não trabalho na galeria de arte dela. Ainda bem que não sou o diretor lá. Muita coisa surgiu ultimamente, em termos da chegada de o pai de a Ruburt, sobre a qual tencionava falar.

Também estou ciente de que o vosso agente imobiliário esteve aqui, e também estou ciente de que continuamos envolvidos na nossa discussão sobre a matéria. Além disso, deixei que as vossas próprias experiências se acumulassem por um tempo. Vereis por vós próprios que tenderão a encaixar-se em certos tipos de padrão, e tereis vários exemplos de cada tipo.

Quando chegarmos a essa discussão será uma discussão de grande fôlego, como o material sobre matéria, e parte da discussão sobre a matéria

será usada como pano de fundo. Esta é a razão por que ainda não falei sobre as vossas experiências.

Iremos a todas elas, em detalhe, mas também serão agrupadas.

*(*A Jane *e eu temos aguardado, sem esforço mas com expetativa, que* o Seth *chegue às nossas experiências pessoais com tempo psicológico. Mantivemos registos detalhados, e eu fiz pelo menos um esboço da maioria das minhas. Muitas das minhas foram visuais, enquanto* a Jane *parece produzir mais efeitos áudio. Temos estado cientes, sem fazermos qualquer análise detalhada por falta de tempo para o estudo necessário, de que as nossas experiências com tempo psicológico provavelmente cairão em certas categorias.)*

Ainda há muito a cobrir na nossa discussão sobre a matéria, e isto também será básico para a compreensão de outros dados. Continuo a não ver dificuldade quanto à casa e as vossas finanças. Disse-vos que esta decisão é vossa, e dei-vos informação que deverá ser útil.

Sugiro apenas que o vosso amigo e senhorio a veja, mas apenas porque isto alinhará os vossos próprios sentimentos; e só isso.

(Para registo, fique sabido que o nosso senhorio, o James Spaziani, *já viu* a casa *em questão.* Ele *fê-lo na noite de domingo, ontem, sem o nosso conhecimento. Ontem à tarde eu dissera a* o Jimmy *que* a Jane *e eu valorizaríamos* a opinião *dele sobre* a propriedade, *mas não foi combinado quando os três iríamos ver* a propriedade *juntos.* O Jimmy *disse-me esta tarde que já tinha visto* a casa.*)*

A carga emocional de a Ruburt esta noite é verdadeiramente assombrosa. Se eu estivesse do outro lado dela, esconder-me-ia. No passado, ela não era tão honesta consigo mesma como agora e, nos seus anos mais jovens, enquanto adolescente, nunca se permitia saber exatamente ao que é que estava zangada.

Agora, apraz-me ver direção tão boa.

Umas férias far-lhe-ão muito bem. Não necessariamente férias de mim, entenda-se, embora possa afinal dar-vos uma folga. Não sei se conseguirei fazer passar claramente esta noite, através dos labirintos turbulentos de a Ruburt, mais material sobre a natureza de a matéria.

Certamente vos dei bons dados preliminares sobre os quais construir, e sugiro, quando encontrarem tempo, que releiam as últimas quatro sessões, excluindo a sessão de ontem.

A pedra angular aqui é que só estais conscientes das vossas próprias construções. Isto é da maior importância. Vós de facto construís o vosso próprio ambiente, e ele por sua vez exerce influência sobre vós. Quando falo de ambiente incluo, por simplicidade, aquilo que está próximo de o self na sua forma nebulosa, mas que ainda é chamado não-self.

Em teoria, este ambiente pessoal estende-se indefinidamente. No entanto, falaremos dele normalmente como incluindo aquelas gradações algo nebulosas que parecem situar-se entre self e não-self.

Na realidade, pode dizer-se que, já que o self cria o seu ambiente, então o ambiente é uma extensão de o self. A divisão entre o sujeito que cria o ambiente e o objeto-ambiente, que é criado, é um desenvolvimento artificial mas necessário.

Este desenvolvimento é necessário no vosso plano por causa do treino na manipulação de energia que aí é exigido. Limitais-vos a focar a vossa energia nestas linhas. Esta sendo, naturalmente, a principal razão por que, em regra, a humanidade não tem usado outras capacidades em grande medida.

Noutros tempos não podia dar-se a esse luxo. Agora, porém, tem de aprender a usar e a compreender essas capacidades. Nenhum plano permanece igual; nada permanece igual. Até os requisitos, as necessidades e as propriedades de um universo mudam. As ideias mudam primeiro. A conceção por trás das construções muda. As perspetivas mudam. O que é percecionado muda, à medida que o que é criado muda.

Desenvolvem-se novos sentidos para percecionar novas criações. A ideia impõe-se; nem é a ideia uma não-entidade absoluta e desencarnada, mas composta de energia desde o início.

As ideias originam-se sempre em indivíduos em qualquer plano e sob quaisquer circunstâncias. Uma vez originadas, porém, são dotadas de realidade de energia pelo indivíduo e adquirem por isso uma vitalidade própria. As ideias são captadas por o subconsciente através de uma comunicação telepática. Contudo, não têm de ser captadas diretamente de uma mente; isto é, não tem de haver comunicação direta.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:31. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse que lhe parecera uma meia hora fora do tempo. A minha mão não sentia fadiga.

*(*O nosso gato o Willy *estivera mais ou menos pacífico durante a primeira entrega, mas, pouco antes do fim do intervalo, tornou-se bastante ativo, como tem feito ultimamente durante* as sessões. O Willy *começou a perseguir insetos. Depois, quando* a Jane *retomou a ditar, atirou-se aos tornozelos dela e começou a mordiscá-los sem grande delicadeza. Sem interromper* a entrega, a Jane *apanhou-o e colocou-o noutra divisão. Retoma às 21:38.)*

Dar-vos-ia mais informação sobre a posição de a Ruburt na galeria. No entanto, quando ela me bloqueia, bloqueia-me mesmo.

Não vou manter uma sessão completa por causa da extra. Contudo, preocupa-me que avancemos na nossa discussão sobre a matéria, e parte do material de hoje é bastante importante.

Há leis no vosso plano que regem a construção de matéria, mas essas leis são leis psíquicas relacionadas com a capacidade de o indivíduo na projeção de ideia em matéria, a capacidade de receber e transmitir energia, e com capacidades relativas à própria construção.

O fator principal, obviamente, é a capacidade de o indivíduo de recorrer a energia e depois utilizá-la eficazmente. A coordenação e a comunicação entre o ego interior e o ego exterior são aqui também um forte fator. Deveis igualmente lembrar-vos de que o indivíduo cria o seu próprio ambiente através das suas sucessivas encarnações.

Há, portanto, um forte fio de propósito-continuidade em todas as suas construções. As construções físicas de um indivíduo são assim projetadas por ele para e dentro de matéria, em resposta a um propósito psicológico interior.

Em escala mais ampla, ele molda certamente a história, em termos de continuidade no vosso plano. É importante que considereis a natureza e a construção da matéria em termos desse propósito psicológico interior e individual, pois isto é, afinal, o cerne da questão.

*(*A Jane *sorriu com o trocadilho.)*

Não pode haver aqui divisão, nem sequer na nossa discussão, por uma questão de simplicidade; pois tal divisão levar-vos-ia muito para fora do caminho. Poderão ver isto com mais facilidade, talvez, em termos, por exemplo, de cálculos biliares ou pedras nos rins, que são construções adversas, projetadas por o indivíduo devido a um desequilíbrio psicológico; isto é, uma confusão de propósito interior.

(O parágrafo seguinte respondeu de imediato à pergunta que me ocorreu. Isto tem sido quase um acontecimento comum nas sessões recentes.)

O corpo físico saudável, portanto, é testemunho eloquente de equilíbrio interior. E, em todos os casos de doença, a causa interior deve ser descoberta; não apenas descoberta intelectualmente, mas compreendida intuitivamente, se a recuperação há de ocorrer.

Mencionei, a certa altura, o infeliz episódio da doença de o vosso cão. O cão, claro está, criou e manteve a sua própria construção física, mas vós vistes apenas a vossa própria construção dele.

Através dos seus sentidos interiores, no entanto, ele percebeu o vosso apoio energético. Abordaremos a cooperação psíquica e as sobreposições que existem entre todas as consciências, para manter a aparência e a construção de a matéria.

O cão, por razões em que entrarei mais tarde, não tinha a vossa capacidade de recorrer a energia. Ele não podia projetar a sua própria construção para além de um certo ponto sem ajuda de os vossos reservatórios psíquicos. Isto não é invulgar, e todas as consciências trocam

energia de um lado para o outro; e existe aqui uma grande cooperação, de que mal falámos.

(Aqui a Jane *fez uma pausa bastante longa, caminhando de uma ponta a outra da sala de estar antes de retomar.)*

Mencionei que cada construção física é composta por átomos e moléculas, que também possuem uma consciência generalizada e uma compreensão em cápsula. Eles carecem, em si, de fortes tendências organizativas, e é a energia de o indivíduo que auxilia nesta formação.

Uma fraca capacidade de recorrer a energia produzirá construções pobres. As pulsações inerentes nos átomos e moléculas das construções são, naturalmente, captadas por outros. A construção de má qualidade, nunca percebida pelos sentidos exteriores, fica registada pelos sentidos interiores.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:05. A Jane *estava dissociada como de costume.* A sua entrega *abrandara um pouco em relação ao ritmo anterior. Deixámos* o Willy *sair da outra divisão; ignorando-nos,* ele *enroscou-se numa cadeira.* A Jane *retomou do mesmo modo às 22:14.)*

Para além das construções óbvias que percebeis como matéria, vós também formais, ou projetais, construções de outra ordem, que não percebeis a nível consciente.

Estas construções existem efetivamente em termos de estrutura atómica, mas de densidades e velocidades tão diferentes que vós não tendes consciência delas, embora sejam percebidas pelos sentidos interiores e utilizadas por o subconsciente e o self interior como uma realidade muito importante.

(Seremos alguma vez capazes de detetar tais construções por instrumentos)

Em um futuro longínquo os instrumentos poderão detetá-las completamente. Em um futuro próximo serão percecionados vislumbres com o uso de instrumentos, mas o uso e o reconhecimento de os sentidos interiores resultarão num reconhecimento mais rápido.

As ideias representam este tipo de construção, e podem de facto ser transmitidas de geração em geração, dado um impulso inicial suficientemente forte por parte de um indivíduo. Mencionei-vos que existe um plano dedicado ao mundo dos sonhos, e esse plano também representa construções reais com as quais a vossa mente consciente não está normalmente familiarizada.

Estas não são vagas semirrealidades sem forma. A existência delas é tão real como a vossa, mas simplesmente noutro nível. Por várias razões, todas as vossas ideias não são obviamente construídas sobre o plano físico. Muitas dessas razões são psicológicas. Algumas têm a ver com questões que ainda não abordámos.

É verdade que, em geral, a vossa energia é focada na construção e manipulação físicas. Nem toda ela é assim usada. Contudo, todas as ideias e toda a energia são construídas de um modo ou de outro. As ideias que são impraticáveis de construir fisicamente, seja por motivos psicológicos ou psíquicos, são canalizadas para construção noutros planos ou níveis.

Isto significa apenas que as características da sua realidade diferem da realidade da construção física. Existe sempre uma compreensão interior de tais construções, mas a mente consciente tem o seu propósito de lidar com o mundo da construção física, é em si uma construção física e está inconsciente de outras realidades.

Provavelmente devemos aqui substituir cérebro por mente, já que creio ter sido essa a terminologia em que decidi fixar-me. Usando de novo as divisões arbitrárias, cérebro para a construção física e mente como o intangível, então, para pôr os pontos nos ii, o cérebro não sentiria os planos interiores, enquanto a mente com eles lidaria.

Estas outras construções são extremamente importantes para a entidade, e também são construídas por propósito psicológico; e, uma vez construídas, desenvolvem o seu próprio destino.

A independência e a individualidade são sempre mantidas, enquanto a cooperação atua vigorosamente entre os indivíduos. Esta cooperação nunca apaga a individualidade em qualquer tipo de gestalt.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:32. A Jane estava dissociada como de costume. Mesmo antes do intervalo, ela estendeu-me as mãos, indicando que, novamente, as sentia gordas ou aumentadas. Ela não soube dizer exatamente quando o fenómeno começara, mas durante o intervalo começou a abrandar rapidamente.

*(*A Jane *retomou a ditar às 22:37.)*

Existe uma troca constante entre as realidades, como o vosso mundo de construção física e os mundos de construção que vós não percebeis conscientemente.

Como existe cooperação para ajudar a manter o vosso universo físico, assim existe cooperação entre os universos invisíveis e o vosso universo; e cada universo auxilia continuamente o outro na manutenção de a realidade.

Há interação constante entre todos os planos e universos. Vou tentar explicar algo aqui.

(Um copo vazio repousava na mesa diante de mim. A Jane *pegou nele para dar ênfase.)*

Se cinco pessoas estiverem a observar esse copo, ou melhor, se cinco pessoas parecerem estar a observar esse copo, tendes cinco copos diferentes, não um. Cada pessoa constrói esse copo em termos da sua própria perspetiva pessoal.

Portanto, dadas as cinco pessoas, existem cinco perspetivas e cinco contínuos de espaço em que um copo existe. Cada uma das cinco pessoas tem consciência de um só contínuo de espaço, o seu, no qual a sua construção física existe. No entanto, cada uma das cinco pessoas construiu um copo. De facto, tendes cinco copos físicos.

Cada copo físico é construído de moléculas e átomos bem reais, que têm a sua consciência generalizada e a sua compreensão em cápsula, e que se juntam no gestalt chamado um copo.

Há um ponto onde as cinco perspetivas se sobrepõem. Se pudésseis encontrar este ponto focal, poderíeis vislumbrar, e apenas vislumbrar, os outros quatro, usando a dedução a partir do ponto de sobreposição.

Se dez pessoas aparentemente observarem este copo, tendes dez perspetivas pessoais que realmente existem, dez contínuos de espaço e dez copos reais. Cada indivíduo está completamente inconsciente das outras perspetivas. É como se elas não existissem. Matematicamente isto pode ser trabalhado. Os contínuos de espaço são criados por cada indivíduo, nos quais ele forma as suas próprias construções físicas.

Agora, entendendo isto, deveis ser capazes de ver como outros planos, outros contínuos de realidade, podem existir simultaneamente com o vosso e serem impercecionados conscientemente. Este ponto de sobre-passagem, ou sobreposição, este ponto de sobreposição é extremamente importante, pois existem pontos de sobreposição em todos os universos; e isto será também um fator básico em a viagem, embora não em qualquer futuro no universo físico em que vós estareis envolvidos.

A morte no vosso plano é, na verdade, entre outras coisas, uma chegada a tal ponto. Isto será discutido mais amplamente mais tarde.

Estou verdadeiramente surpreendido por a Ruburt me ter permitido fazer passar tão bem este último material, devido ao humor dela esta noite. Gostaria também de mencionar que a nossa comunicação em si envolve o meu uso de tal ponto de sobreposição.

Poderás achar a nossa discussão do copo, o Joseph, evocativa para a tua pintura. Gostaria de acrescentar uma nota pessoal, a título de mera sugestão, de que acampar alguns fins de semana, se o conseguirdes, será muito benéfico para ambos, e deverá até refrescar as vossas capacidades nos vossos campos artísticos particulares.

Encerraria agora, depois de uma sessão muito eficaz. A minha afetuosa boa noite a ambos.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 23:00. A Jane *estava dissociada como de costume.* As mãos *ainda lhe pareciam algo gordas, disse* ela, *embora a sensação fosse muito mais suave do que antes.* A minha mão *de escrita não sentiu fadiga digna de nota.)*

(Ao tentar tempo psicológico tive as seguintes experiências:

(Terça-feira, 30/6, 20:30: Experimentei a minha sensação habitual ao sugerir a mim mesmo que me sentia leve, embora de forma bastante branda. Mais tarde, tive um breve vislumbre diretamente de cima de dois homens a descer para uma entrada de cave exterior anexa a uma casa. Ambos usavam chapéus, que vi claramente, e as faces estavam ocultas. Vi também os degraus a descer e a porta de madeira aberta à direita, do meu ponto de vista. Pensei que os homens poderiam estar a inspecionar uma propriedade e acrescento que esta é a altura do mês em que a Jane e eu temos considerado a compra de uma casa. Nós também temos andado a ver uma propriedade.

(Quarta-feira, 1/7, 20:15: Assim que me deitei comecei a experimentar a minha sensação habitual de thrilling. Foi bastante forte. Depois induzi o estado desejado habitual e tentei um estado secundário, mais profundo. Pareceu-me alcançá-lo.

(Primeiro, ouvi uma voz feminina não identificada, em off, à minha direita, dizer com toda a clareza: Está na hora do café.

(Mais tarde vi o rosto sorridente de o nosso senhorio, o James Spaziani. Ele disse algo com toda a clareza, que compreendi e retive por alguns minutos, mas que, no entanto, esqueci quando a experiência terminou.

(Mais tarde ainda, observei um homem na zona de campismo de o Enfield Glen. Ele arrastava uma grande lona sobre a qual estava empilhada uma coleção variada de equipamento de campismo; ele puxava a lona pelo relvado central do parque, em direção à entrada.

(No início desta experiência, ao acertar o alarme, instruí-me para sair de o estado desejado um pouco antes de o alarme tocar. Saí do estado alguns segundos antes de ele soar.

(Poderá valer a pena notar aqui um ponto que surgiu quando a Jane *e eu discutíamos* a experiência *acima no dia seguinte. Verifica-se que, precisamente à hora em que eu induzira* o estado desejado *em mim, deitado na cama do nosso quarto,* a Jane *estivera sentada quieta na sala de estar, quase a adormecer no sofá. Duas portas fechadas separavam-nos. Tinha sido* um dia *atarefado para* a Jane *na galeria, tão atarefado que* ela *não teve tempo de descer ao restaurante para* o habitual café *de que* o pessoal *da galeria costuma desfrutar todas as tardes. Sentada no sofá,* ela *pensou de novo em ter perdido* a pausa do café*;* o pensamento *surgiu com alguma veemência porque* a galeria *está em fluxo, e* a Jane *acha isto bastante perturbador.)*

SESSÃO 67

1 de julho de 1964

(Às 20:59, a Jane estava um pouco nervosa, mas nada como costumava estar em sessões anteriores. Ela não fazia ideia do assunto de a sessão. O nosso gato, o Willy, ficou muito irrequieto pouco antes de a sessão começar, como tem acontecido ultimamente; para evitar interrupções, a Jane levou-o para outra divisão. A Jane começou a ditar às 21:01, com voz calma e a um ritmo confortável para a minha velocidade de escrita; o compasso dela também era moderado, e os olhos escureceram, como de costume.)

("Boa noite, Seth.")

("Sim.")

(E aqui, novamente, o Seth, em o parágrafo acima, pôs-se imediatamente a responder às perguntas que me ocorreram.)

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada, como de costume. Durante o intervalo falámos sobre a situação em a galeria onde ela trabalha em part-time. Com a saída de a Dee Masters de o cargo de diretora, um novo diretor está a ser experimentado para o lugar; a situação está, portanto, instável, e a Jane não é favorável a algumas de as suas novas tarefas e está a pensar seriamente em deixar o emprego. Esta situação também tem interferido com a nossa consideração de compra de casa.

A Jane recomeçou da mesma maneira às 21:32, depois de sorver um pouco de vinho. Há mais de dois meses que ela tinha perdido o hábito de tomar sequer o copo ou dois nominais de vinho durante uma sessão.)

(Recorde-se que o Seth afirmou que uma experiência de galeria de arte estava nas cartas para a Jane há muitas sessões — lá por o início de as sessões. Na altura, o Seth disse também que, se nós nos tivéssemos fixado em a Miami, Florida, como considerámos fazer há alguns anos, a Jane teria trabalhado numa galeria lá. Ele deu algumas localizações de rua com esta informação, mas nós não tentámos confirmar.)

(Aqui a Jane riu.)

(Agora, por uma única frase, a voz de a Jane aprofundou-se e ressoou.)

("Está bem."

A minha mão sentia um pouco de fadiga, mas apenas um pouco.)

(Intervalo às 22:05. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que o Seth a enganou: depois de beber o vinho e relaxar por causa disso durante o último intervalo, percebeu que o Seth queria que ela o fizesse.

A minha mão estava algo cansada. A Jane retomou da mesma maneira às 22:10.)

Boa noite.

Estamos a ter uma semana tempestuosa, eu vejo. No entanto, vocês aprenderam a lidar com situações irritantes, e estão agora melhor preparados. O Ruburt bloqueia-me em o material sobre a galeria. Nesta fase, o bloqueio pessoal deste tipo é mais forte durante tais situações, e isto é inteiramente natural. Não há, portanto, muito que eu possa dizer. Mas vocês progrediram o suficiente em a vossa compreensão para que a situação passe sem demasiada dificuldade. Eu certamente diria mais se fosse possível, mas, à parte derrubar o Ruburt à pancada ou pô-lo num transe profundo, há realmente pouco que eu possa dizer. Eu continuo preocupado com a nossa discussão sobre a matéria, e assim estarei por algum tempo. Iremos, naturalmente, relacionar estes dados com os nossos sentidos internos em larga medida, e há muito que eu ainda não vos dei sobre os sentidos internos por si só. A informação sobre a matéria é um preliminar necessário para a compreensão de outra informação de os sentidos internos, e parte disto será dada quando eu discutir as vossas próprias experiências. Embora uma discussão de construções que não são materiais para a vossa maneira de ver as coisas não pertença a um estudo de a matéria, todavia as duas estão ligadas, e eu quero que vocês compreendam que a matéria representa apenas aquelas construções que são percecionáveis através de os sentidos externos.

Há outras construções, igualmente válidas, que exercem pouca ou nenhuma impressão sobre os sentidos externos, mas são construções com as quais o eu interior está bastante familiar; e estas chamadas construções imateriais exercem uma forte influência, indiretamente, sobre o mundo de a construção física. Outra vez: a única diferença principal entre construções materiais e imateriais é que as construções imateriais não são percecionadas por os sentidos externos. Estas construções imateriais incluem, entre outras, construções de sonho e também certas construções intangíveis e necessárias sobre as quais os mundos materiais assentam.

Algumas de estas poderiam dizer-se que ficam a meio caminho entre a matéria e as construções imateriais. Algumas não podem ser tocadas, como se pode tocar numa mesa, e, no entanto, são percecionáveis indiretamente dentro de o mundo material. As perspetivas inserem-se neste agrupamento, e outras diretivas espaciais. Estas são utilizadas em o universo material, mas não existem realmente nele da mesma forma que, digamos, uma pedra ou uma cadeira. Representam meios em que a ação pode ocorrer. Os objetos materiais são, de facto, ações — literalmente sem início ou fim específicos — sendo a ação contínua. São vocês que mudam a forma aparente de a ação e dão a forma um nome. São vocês que, de modo arbitrário, reconhecem uma porção de uma ação como qualquer objeto material particular. Há muitas ações que vocês não reconhecem porque não as percecionam.

Todas as ações, de uma maneira ou de outra, continuam. São apenas os sentidos externos que não conseguem percecionar o que não cai no seu próprio domínio. Quando vocês percecionam uma ação com os vossos sentidos externos, chamam-lhe material se ela é, ou se parece ser, estática. Se uma ação parece ser capaz de movimento, vocês dizem que a ação está viva. Quando os vossos sentidos externos já não percecionam movimento, vocês chamam a a ação uma ação morta. Em todos os casos, porém, a ação continua. Eu sugiro o vosso primeiro intervalo.

O ponto principal, antes que eu me disperse, para o qual eu estava a conduzir, é que a matéria é ação utilizada por os sentidos internos e percecionada por os sentidos externos. Parece que vocês criam a ação. Para todos os efeitos, vocês criam a ação, mas, na verdade, vocês estão a utilizar a ação e apenas a construir em termos que os sentidos externos conseguem percecionar.

Se o Ruburt me permitir uma pequena nota aqui: Tu, o Joseph, tens sido extremamente prestável para o Ruburt durante os últimos dias, embora eu saiba que, de a tua parte, isso é um esforço acrescido. Se o Ruburt tiver a paciência de me ouvir: ele beneficiará das tuas ideias bastante objetivas sobre a galeria, se tu conseguires falar delas objetivamente. A situação não será de confusão básica nem duradoura. Vocês aprenderam demasiado para isso. Eu mencionei antes que a experiência de a galeria de arte era necessária. Este requisito ficou resolvido. Uma galeria de arte não tinha de ser a resposta, claro. Alguma instituição semelhante serviria igualmente bem. O Ruburt teve uma maior medida de independência em a galeria até muito recentemente, e é isto, mais do que qualquer outra coisa, que causa a dificuldade. A exigência de maior — e, se me permites uma opinião pessoal, por vezes desnecessária — atenção a o detalhe, ele também a interpreta como uma limitação ou restrição adicional, somada a a supervisão pessoal sob que ele está agora. Isto, assim, está sem distorção.

A rebelião é causada por as restrições. Ele estava mais habituado a uma independência de movimento e a maior margem para usar o seu próprio juízo. O conflito surge porque ele tenta equilibrar isto, que lhe vai contra a fibra, com a esperança de — ou contra a esperança de — futuras possibilidades de ganhar mais independência e usar capacidades criativas a ensinar as aulas de crianças. Eu estou, até, um pouco surpreendido de que tanto tenha passado, mas isto deve ao menos esclarecer-vos as razões de o conflito básico. O Ruburt considera este tipo de posição sem responsabilidade como inferior e algo degradante. Ele sempre objetou vigorosamente, por princípio — ao pensamento de tomar a palavra de uma pessoa como valendo por verdade absoluta. Daí o desconforto em tomar ditado, mesmo de uma carta simples, que tem de ser transcrita em réplica fiel a as palavras e ideias de outro. Isso atira-o para uma atrapalhação emocional. Isto, somado a o sentido implícito de superioridade de o novo

diretor, acrescenta-se a a dificuldade. Ele trabalha melhor num emprego quando é mais ou menos deixado em paz, responsável por funções atribuídas para desempenhar, como quando atuou como vendedor. Embora eu não esteja a sugerir um regresso a isto, por várias razões. Se ele pudesse operar de tal maneira em a galeria, no plano que ele delineou, as coisas deveriam correr bem.

Com a vossa permissão, eu vou avançando enquanto o Ruburt ainda me deixa passar, e suspendo a nossa discussão de a matéria por mais um pouco. Em o passado, ele ficou em a galeria, apesar de algumas desvantagens naturais, por causa de a independência de que gozava lá, por causa de o compromisso mencionado antes e por causa de o interesse inato em as pinturas que o rodeavam. Mas a parte principal era a razoável dose de independência concedida. Como secretário, o nosso querido Ruburt simplesmente não terá sucesso — pelo menos não como o tipo de secretário agora exigido. Tomar as palavras de outra pessoa, verbatim, é para o Ruburt, por causa de a sua própria capacidade criativa, uma posição inferior. A única exceção aqui seria tomar, palavra por palavra, as palavras de alguém que o Ruburt estivesse convencido possuir capacidade criativa ou conhecimento superiores. Eu estou a fazer o meu melhor para ajudar a esclarecer a situação básica para que, pelo menos, vocês saibam as razões por trás dela e, talvez, possam ajudar o Ruburt a tomar uma decisão em conformidade. É também verdade, como ele sabe, que o incidente de a Florida o assustou o suficiente para que ele não deixe um emprego a menos que esteja quase forçado a isso.

Aqui vai uma pequena nota que o Ruburt bloqueou antes, respeitante a ti, o Joseph: este medo também te atingiu e teve muito a ver com a tua aceitação exterior de o teu emprego tal como estava, antes de tu fazeres uma mudança — e benéfica — em relação a ele. Tu farias melhor em fazer o teu intervalo antes que os teus dedos se partam. Com a vossa permissão, eu apresso-me enquanto o Ruburt ainda vai comigo. O Ruburt não estava a projetar outras dificuldades para a situação de a galeria, como ambos pensaram ser provável, mas estava a reagir a os limites impostos sobre a independência.

Ele iria, talvez, manter o respeito por os pequenos detalhes se eles fizessem parte de um conceito criativo, até mesmo o conceito criativo de outro, já que os detalhes são extremamente respeitados por ele em a poesia de ele, onde ele os transforma em conceito criativo. O novo diretor tem de facto um amor picuinhas, quase afeminado, por o detalhe pelo detalhe, e este tipo de mente é aquele com o qual o Ruburt acha difícil sintonizar quando está intimamente envolvido. E aqui está um ponto curioso: a insistência de o Ruburt em o termo secretário de galeria deixava margem para certa independência, impessoalidade e liberdade de ação, que o termo

secretário de o Sr. Tal-e-Tal não deixa. A forma sem o espírito deixará sempre o Ruburt frio. Eu próprio sou exigente com ambos.

(A Jane bateu na mesa por o Seth.)

Esta é então a razão de a nossa celeuma e, como o Ruburt de facto gozou de certa independência em a qual funcionou bem, ele sente-se agora privado e zangado. Será difícil eu dizer mais, embora isto deva ser de grande ajuda. Além disso, a supervisão apertada, ou mesmo razoavelmente apertada, incomoda o Ruburt por causa de a proximidade constante de a mãe de ele, em o espaço, durante a juventude. Uma reação de pânico poderia ser desencadeada sem que as razões fossem conhecidas. Isto conduz a confusão de o ego, já que a personalidade, a esforçar-se por agir de o modo que julga razoável, não consegue entender o veemente de a sua rebelião. O dinheiro, na verdade, tem pouco a ver com isto aqui, no que respeita a o problema básico. O Ruburt queria subconscientemente mais dinheiro para compensar a falta de independência — ou, antes, a retirada de independência. Um salário maior ajudará, claro, de forma geral, mas não começará a compensar a situação básica, se ela não for alterada. No que toca a o bloqueio, entende que isto é uma reação quase automática, construída ao longo de os anos. E, se as vossas posições estivessem invertidas, o Joseph bloquear-me-ia mais. Eu sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:26. A Jane estava dissociada como de costume. Ela terminou esta entrega com bastante vivacidade e humor, particularmente os parágrafos finais. A minha mão de escrita sentiu pouca fadiga.

Por ter ficado perturbada com a situação de a galeria, a Jane desejou, neste ponto, em voz alta, que o Seth a pudesse ajudar quanto a o que o futuro reservava; isto é algo que nós temos evitado escrupulosamente fazer de modo sério, mas desta vez nós sentimos sinceramente que poderíamos usar toda a ajuda possível. Mesmo assim, nós não fizemos pedidos formais a o Seth durante o intervalo. A Jane retomou como antes às 22:31.)

Eu não vejo nenhuma dificuldade séria a vossa frente. Independentemente de o conhecimento, nenhuma vida está sem problemas, mas, se estes problemas forem considerados como desafios, o caminho será muito mais fácil. De novo, o Joseph: o facto de a vossa vida íntima estar em quilha estável ajudou ambos ultimamente, e a tua compreensão tem sido muito gratificante no que diz respeito a o Ruburt. Eu não o posso dizer com força a mais. Eu não creio que tu, que ambos, tenham progredido o suficiente para aceitar por fé a minha afirmação de que é seguro comprar a vossa casa. Eu posso dizer-vos que é, mas é melhor eu não vos empurrar em direção nenhuma, e que vocês ajam naturalmente a o vosso ritmo. A consideração de a casa entrou, sim, em a situação de o Ruburt — de modo adverso, porém — por causa de os medos de ambos sobre finanças; por isso, foi acertado, por esta razão, que o avanço fosse temporariamente suspenso, embora não tenha de ser assim. A observação de o Ruburt para

contigo foi de facto infeliz, porque despertou os teus próprios medos. A independência é extremamente importante para ambos. Vocês apenas a mostram de maneiras diferentes.

("Qual observação?"

Eu pensei saber qual, mas quis certificar-me, e confirmou-se que estava correto.)

A observação relativa, eu creio, a conformar-se com menos, por algum tempo, em a galeria enquanto se procura outra posição, para que a casa pudesse ser comprada sem tensão. Eu repito: em termos gerais, eu não vejo dificuldades importantes imediatamente a a frente, apesar desta situação de a galeria, e eu não vejo dificuldades financeiras. Noutra ocasião, eu entrarei em os benefícios e perigos de as expetativas, pois estas são o resultado de sentimentos subconscientes, que não só são projetados para fora como também são sentidos por outros. Todo o nosso material deverá ter grande valor prático. Lembra-te de que o subconsciente está em a extremidade externa de os sentidos internos, e os sentidos internos criam construções físicas. Uma vez que tu aprendas a lidar e a comunicar com o teu subconsciente, então tu poderás criar construções mais construtivas — porque tu compreenderás que expetativas temerosas colorem fortemente a tua perceção de a realidade e a tua construção de ela. Eu vou terminar a sessão mais cedo. Eu considero-a muito frutífera. No entanto, muito de ela foi dado a situações pessoais e, em qualquer caso, não há tempo esta noite para eu lançar mão de outros dados sobre matéria. Eu embalei muito habilmente o ego de o Ruburt num falso sentido de segurança, do ponto de vista de ele, e então ele não me bloqueou nem de perto tanto quanto eu pensei que poderia. O Ruburt beneficiará definitivamente — e tu também, se, depois de leres este material, tu lhe apresentares a tua ideia sobre a situação. Eu dei a ambos uma compreensão de a situação básica, para que a tenham à mão ao formarem a vossa própria decisão. Eu despeço-me de ambos com uma afetuosa boa noite, e o Ruburt sabe agora quão manhoso eu posso ser quando a situação o exige.

("Boa noite, Seth."

Fim às 22:51. A Jane estava dissociada como de costume. A minha mão de escrita sentiu pouca fadiga.)

(Este material é inserido aqui em o registo porque é abordado brevemente por o Seth em a sessão seguinte, a 68.ª.

É, de novo, uma experiência com tábua Ouija que a Jane e eu tentámos na sexta-feira, 3 de julho de 1964, às 22:05. Nós sentámo-nos a a tábua para começar, sem fazer perguntas. Os erros ortográficos são incluídos tal como recebidos. Eu tomei notas verbatim à medida que nós avançávamos. As palavras "sim" e "não", soletradas em a tábua, são aqui indicadas entre parêntesis sempre que o indicador se moveu até elas.)

(Sim) c probert tm (sim) Roberts Jane, tu és (sim) tu és médium.
([Eu perguntei:] "Quem é este?")
Eu sou o Tom Roberts.
("Quem é o Tom Roberts?")
Parente.
("Que tipo de parente?")
P (sim).
("Tenta outra vez. Que tipo de parente és?")
Tio.
([A Jane:] "O meu pai não tem irmãos.")
Tio-avô.
("Estás morto, como nós nos referimos a a morte neste plano?")
Claro.
("Em que ano morreste?")
1841.
("Onde morreste?")
De noite.
("Podes dar-nos a localização de algum modo?")
Oslo.
("Oslo, Noruega?")
Sim.
("Podes dar-nos o nome de uma rua em Oslo?")
Não.
("Porquê?")
O nome tinha a ver com Snopes (sim).

(A Jane recebeu mentalmente a maior parte de a resposta acima antes de a tábua a soletrar. Ela também recebeu algumas outras respostas do mesmo modo; e, para o restante de a sessão, ela soube com antecedência muitas de as respostas. Ainda assim, ela não ouviu o Seth nem outra voz; tal como em a sessão de a tábua Ouija com o Thomas Voghler, páginas 186-187, as respostas surgiam-lhe em a mente.)

("Tom Roberts, podes dizer-nos algo sobre Snopes?")
J (não).
("O que significa a palavra?")
Festa de espécie (sim. [pausa]). O nome escapa-me.
("Alguma vez estiveste na América?")
Sim.
("Quando?")
1839.
("Onde?")
Champlaine.
("O que é Champlaine?")
Zona a norte com água.

(“Em que ano nasceste?”)

1789.

(“Quantos anos tinhas quando morreste?”)

Velho suf agor melhor — derrame. 52. Boa vida, boa esposa.

(“Como se chamava a tua esposa?”)

Querida.

(“Querida quem?”

Quando o Tom Roberts começou a soletrar o nome, a Jane e eu sabíamos ambos, de antemão, qual seria.)

Them (não) Thelma.

(“Onde nasceste, Tom Roberts?”)

Terra inglesa.

(“Podes dizer-nos qual terra inglesa?”)

Gales.

(“Onde em Gales? Podes dar-nos o nome de uma cidade?”)

Cidade de Tenderhoof (sim).

(“Porque foi tão fácil, Tom Roberts, contactares-nos esta noite?”)

Eu estou brilhante como a luz de as estrelas.

(“O que queres dizer com isso?”)

Esperto.

(“Já estiveste connosco antes?”)

Não.

(“Então porque estás connosco agora?”)

O Delmer esteve convosco.

(O pai de a Jane, o Delmer Roberts, tinha-nos visitado há algumas semanas. Ele é um errante; a Jane raramente o vê e, mesmo na visita de a Florida, o Del ficou connosco apenas uns dias.)

(“Então tens estado com o Del?”)

Algum.

(“Qual é o teu propósito em estares com o Del?”)

Isso é da minha conta.

(“Conheceste, ou conheces, o Thomas Voghler?”)

(Sim). Ele era amigo.

(“Em que país era ele amigo?”)

Nós éramos todos médiuns: família e amigos em grupo.

(“Em que plano estás agora?”)

(Sim) diferente.

(“Vais voltar ao nosso plano?”)

Quando?

(“Vais reencarnar de novo no nosso plano?”)

Não, se eu puder evitá-lo.

(“O que estás a fazer onde estás agora?”)

(Demasiado longo para contar.)

(“Bem, podes ao menos dizer-nos alguma coisa sobre isso?”)

Uma reorganização.

(“De que modo?”)

Talants (sim).

(“É assim que a Jane escreve essa palavra.”)

E daí?

(“Conheces o Seth, o Tom Roberts?”)

O Seth é o melhor. Compinchas.

(A esta altura, tanto a Jane como eu estávamos muito desconfiados de a origem de estas mensagens; nós suspeitávamos de fontes subconscientes. Escusado será dizer que, ao usar o indicador, ambos tivemos muito cuidado para não o mover conscientemente.)

(“Na outra noite, o Seth disse que não conhecia o Thomas Voghler.”

(Ver a 66.ª sessão, página 187.)

Ele não conhece. Eu não disse que ele conhecia.

(“Bem, parece que vocês deviam todos conhecer-se se eram compinchas.”)

Razões.

(“Que razões?”)

(Adeus adeus adeus).

(O indicador moveu-se três vezes até a palavra acima em a tábua. Ambos ficámos surpreendidos. Em tom de brincadeira, eu perguntei a a Jane o que é que ela estava a fazer a o indicador.)

(Adeus) v out g.

(A tábua parecia morta, por isso eu apontei que a sessão terminou às 23:15. A Jane e eu estávamos com vontade de continuar, por isso pensámos tentar algumas artimanhas para pôr a tábua a funcionar outra vez. Primeiro, eu sentei-me sozinho a tábua para ver se conseguia algo. No passado, isto nunca me funcionou, o indicador nem sequer se movia sobre as letras.

Desta vez, o indicador começou a mover-se, muito lentamente. Gradualmente ganhou velocidade enquanto a Jane escrevia cada letra sobre a qual ele parava. Não surgiu sentido de a série. Pode acrescentar-se aqui que, em uma página inteira de cordões de letras, não houve casos de grafias acidentais de palavras — nem sequer curtas como “to”, “as”, “but”, “is”, “on”, etc. Foi quase como se o indicador, ou eu próprio, tivesse escolhido deliberadamente produzir nada de reconhecível.

Depois a Jane tentou a tábua sozinha; com ela, ela tinha “levantado” o Thomas Voghler sozinha na semana passada. Esta noite, a tábua não funcionou de todo para ela. Como último recurso, tentámos novamente a tábua juntos; e quase imediatamente começou a responder. Retoma às 23:48.)

Roberts, tu fechaste-me. Porquê?

(“Conheces o Seth, o Tom Roberts?”)

Eu disse que sim.
("Qual é a tua relação?")
Amigo.
("Em que ano morreu o Seth?")
Qual vez?
("A vez em que tu e o Seth eram amigos aqui na Terra.")
Nós somos amigos agora. Não na Terra.
("És uma entidade como o Seth?")
Sim.
("Qual é o teu nome de entidade?")
Uarek.
("Está correto?")
Sim.
("És também um educador como o Seth?")
Em formação.
("O Seth é teu professor, ou um de eles?")
Sim.
("O Seth sabe que tu nos estás a contactar agora?")
Sim.
("Tu, o Uarek, tens estado com o Seth quando ele tem estado connosco?")
Não.
("Já contactaste outros como nós?")
Não.
("É então a tua primeira vez?")
Sim.
("O que achas da experiência?")
Eu não tenho a certeza.
("Podes dizer-nos o que o Seth está a pensar sobre a tua experiência connosco agora?")
Não.
("Podes perguntar-lhe?")
Sim.
("Então, pergunta-lhe.")
Espera. (Pausa.) Ele não está satisfeito.
("Porquê?")
Quer que eu aprenda mais.
("Tinhas a permissão de ele para nos contactar?")
(Não).
("Tal coisa é necessária?")
Não e (sim).
("O que queres dizer com isso?")
Complicado.

(“Tom Roberts, podemos contactar-te no futuro?”)

Sim.

(“Boa noite, Tom Roberts.”)

Adeus.

(Fim às 00:20. Nós terminámos a sessão porque ambos estávamos cansados. Parecia que nós poderíamos tê-la continuado indefinidamente.)

(Ao tentar o tempo psicológico, eu tive as seguintes experiências:

(Qui., 2/7, 20:15: Eu experienciei uma leve sensação de arrepio em as pernas inferiores mesmo antes de me deitar, mas nada consegui depois de ter alcançado o estado desejado e secundário. Eu induzi o estado desejado de a cabeça para baixo desta vez, e pareceu funcionar muito mais depressa.

Mais tarde, eu ouvi uma voz não identificada dizer, abaixo de o campo de visão de o meu olho direito: “George, o Allan está bastante preocupado—”, ou palavras nesse sentido. A frase ficou inacabada; pelo menos eu não a ouvi por inteiro.

Mais tarde, eu estava de pé mesmo dentro de uma ombreira a ver-me sair por a porta. Eu deixei a porta de rede fechar-se atrás de mim com a mão direita. Em a esquerda eu levava um envelope de 9 x 12 manilha. Eu usava um boné, uma t-shirt e calções caqui. [Eu tenho um par.] Eu disse, ao sair por a porta: “Bem, o Bob, vemo-nos. Não sei bem quando, mas...” Outra vez a voz desvaneceu-se. Tentei interrogar-me, mas nada obtive.

Por vezes durante este experimento as minhas pernas pareceram-me dobradas e algo recolhidas em os joelhos, embora intelectualmente eu soubesse bem que estavam esticadas em a cama. Também a sensação de elevação foi bastante pronunciada em os meus antebraços e mãos, embora as minhas mãos repousassem, de facto, ao nível de as costas. Uma sensação curiosa de estar simultaneamente em dois níveis — muito agradável depois de habituado a ela.

Houve outros fragmentos dispersos durante este experimento que eu esqueci ao despertar.)

(Sex., 3/7, 11:00: Feriado por causa de o 4 de Julho. Deitado de forma muito relaxada, sem induzir o estado desejado, eu voltei a sentir a sensação de elevação em os antebraços e mãos. A experimentar deliberadamente, eu movi um pouco a mão direita para me tornar consciente de sentir a manta por baixo. [Eu tinha derivado sem esforço para o estado desejado.] Este contacto retirou a sensação de elevação de a mão direita; mas a mão esquerda manteve a sensação, por isso, durante alguns minutos, eu fiquei a explorar as peculiaridades de estar outra vez, ao mesmo tempo, em dois níveis.)

(21:00: Isto pode chamar-se o episódio de a Louisiana. Eu estou algo inseguro sobre isto e terei de esperar pela explicação de o Seth.

Infelizmente eu não retive tudo ao sair de o estado desejado. Demorou pelo menos um dia até eu me lembrar do que agora estou a apontar.

Para começar, relaxei sem me esforçar demasiado por o estado desejado. Eu não tive sensação nem leveza.

Depois, eu estava diretamente por cima de um automóvel estacionado, um sedan de tipo antigo, com o tejadilho cinzento arredondado. A olhar para o carro, eu vi um homem jovem, ágil, de camisa branca com as mangas arregaçadas acima de os cotovelos; apressado, ele contornava o carro, dava a volta toda e espreitava pelas janelas. Eu não consegui ver se o carro estava numa estrada, numa entrada ou onde.

"Olha", eu disse, "o que se passa aí em baixo?"

O homem olhou para mim. Pareceu ver-me e não se surpreender com a minha posição. Ele apontou para o carro; eu não consegui ver pelas janelas.

"Há um homem aí dentro", ele disse, "e há algo de errado com ele. Eu não o consigo tirar. As portas estão trancadas..."

O meu correspondente tinha cabelo castanho espesso, constituição delgada e musculada, uma boca larga, generosa, preocupada, um maxilar algo quadrado. Cada vez que ele me falava, eu via-o sozinho, como num grande ecrã branco-leitosa. O ecrã cortava-o à altura de a cintura e era grande em proporção a o tamanho de o homem. Cada vez que ele falava, parecia inclinar-se para o campo de visão a partir de o canto inferior direito e mantinha-se algo inclinado enquanto falava. O meu ponto de vista também tinha descido, embora não até ao nível de ele.

"Consegues ver-me?", eu perguntei.

"Sim, claro, eu consigo ver-te..."

"Como te chamas?"

"O meu nome é o George Marshall."

"Que cidade é esta? Onde vives?"

O George Marshall deu uma resposta clara e lúcida, mas, para o meu desgosto, eu já não consigo lembrar o nome de a cidade. Eu ouvi-o nitidamente e retive-o durante algum tempo, mas, quando comecei as minhas notas sobre este experimento, eu já o tinha esquecido.

O George Marshall indicou o estado, a Louisiana, e, por alguma razão, eu não tive dificuldade em reter isto. Eu não duvidei disto nem de a minha memória. Eu sei, de algum modo, que a cidade que eu não consigo recordar fica localizada no canto noroeste de o estado de a Louisiana.

As coisas começaram a ficar vagas, como se eu tivesse dificuldade em manter o foco sobre a situação. Tornou-se muito difícil falar, e eu lembro-me de tentar com muita força, quase desesperadamente, terminar o que queria dizer.

"Ouça, o meu nome... é o Robert... Butts... Eu quero que você contacte..."

Eu não sei se terminei ou não; tenho a sensação de que o George Marshall prometeu contactar-me. [Lembrar-se-á que o Seth instruiu a a Jane e a mim para pedirmos isto a quem conseguíssemos contactar durante o tempo psicológico.]

Numa tentativa de avivar a memória, eu consultei um atlas de estradas. Dois nomes de cidades em o canto nordeste de a Louisiana pareceram-me familiares: a Columbia e a Cameron. Mas, mais tarde, num passeio de carro com a Jane, ocorreu-me que o nome de a cidade que eu queria era a Sheridan. Durante o experimento, lembrei-me de pensar que o nome que o George Marshall me deu era razoável para uma cidade, e que era o mesmo de uma cidade [ou urbe] em o Wyoming.

Voltando ao atlas, eu não encontrei uma Sheridan, LA, onde esperava. Mas o meu olhar caiu então sobre uma Sheridan, Arkansas; é uma cidadezinha talvez a uns oitenta quilómetros para norte de a fronteira norte de a Louisiana, em o Arkansas, e em linha norte–sul direta com a porção norte-central de a Louisiana. Mas eu estou certo de que o George Marshall nomeou o estado de a Louisiana, não o Arkansas.)

(Sáb., 4/7, 22:30: Poucos resultados. A dada altura pareceu-me estar deitado de costas, a olhar diretamente para uma série de bandeiras americanas a desenrolarem-se de um grande rolo. Estavam todas ao contrário.)

(Dom., 5/7: Espalhamento de impressões vagas. Sem sensação.)

(Seg., 6/7, 20:15: Sem resultados.)

(Ter., 7/7: Falhei.)

(A Jane: Sex., 3/7, noite: Eu vi água escura com luar a refletir, a figura indefinida de uma mulher na margem. Veleiro lá muito ao largo.

A Jane: Sáb., 4/7, noite: Eu olhei para uma árvore alta e senti como se fosse levitar até ela. Um puxão forte em os pés tirou-me de o estado. Depois eu ouvi a mãe de o Rob dizer aproximadamente estas palavras: “Tu vais levar-me de volta contigo, quer tu saibas ou não...” Depois eu ouvi “A investigação”, em voz não identificada.)

SESSÃO 68

6 de julho de 1964

(O tempo poderá vir a mostrar que esta sessão é uma das mais significativas até à data, no que toca a demonstrações de a autenticidade de o Material de o Seth. O que eu registei aqui foi feito com o máximo esforço de objetividade. A Jane, o Bill Macdonnel e eu concordamos quanto a os conteúdos, e os nossos três pontos de vista são aqui apresentados. Pode acrescentar-se que a Jane e eu não temos opiniões fixas sobre o Material de o Seth. Nós estamos envolvidos nele e com ele, e registamos o que aprendemos. Nós não sentimos que, nesta fase, seja necessária qualquer outra opinião ou atitude. Nós deixamos que o material fale por si.)

(Hoje fizemos um pagamento inicial para adquirir a casa de a Birch, tratada extensamente em a 65.ª sessão. Nós ficámos ambos satisfeitos e entusiasmados com isto. Antes de a sessão, a Jane disse que se sentia exausta e nervosa; ela referiu que o Seth estivera com ela por vezes durante a tarde, "a zumbir à volta", como ela disse, enquanto pensava sobre a casa.

O Bill Macdonnel chegou às 20:30 para ser testemunha. O nosso gato, o Willy, estava quieto, para variar, à medida que se aproximava a hora de a sessão. A Jane também se sentia nervosa. Ela começou a ditar a horas, com a voz um pouco mais grave e forte do que o habitual. O compasso era médio; os olhos escureceram, como de costume.)

Boa noite. E boa noite a o nosso convidado. Há muitas coisas de que eu gostaria de falar. Eu tenho mais a discutir sobre a natureza de a matéria e algumas observações, pelo menos, relativas a a casa; e a a posição de o Ruburt em a galeria, se ele decidir deixar-me passar. Há um ponto de a nossa discussão anterior que deve ser acrescentado. É em termos de uma definição mais clara. Vocês chamam matéria viva ou morta segundo designações bastante arbitrárias. Aqui, nós temos um passo mais a dar. Em a nossa última sessão, eu mencionei que vocês consideravam matéria viva a ação em movimento. Na verdade, vocês consideram viva a ação que pareça ser pelo menos parcialmente autodirigida. A ação que pareça ser de natureza estática, vocês chamam-lhe matéria inerte. Escusado será dizer que toda a ação é, de facto, ação autodirigida em algum grau e, portanto, deve ser denominada matéria viva. Em termos de a nossa discussão, isto é muito importante. Nenhum objeto material de qualquer tipo se forma sem a cooperação e sem o consentimento interior de os átomos e moléculas que o compõem. A forma não é imposta a a matéria. Os átomos e as moléculas, através da sua própria compreensão encapsulada, formam-se em objetos particulares sob a direção — mas não a coação — de o indivíduo que está a cargo de uma dada construção física particular. Sem tal cooperação,

nenhuma construção física seria possível. Eu vou, se me é permitido, usar novamente o nosso copo para esclarecer outro ponto.

Eu disse que, se cinco pessoas parecessem ver este copo, então o que vocês teriam em realidade seriam cinco copos físicos individuais. À medida que tu e o Ruburt e o Mark olham para este copo, cada um de vocês vê um copo diferente. Nem um de vocês consegue ver o copo que os outros veem. Nós falámos disto brevemente. Eu gostaria de entrar em mais detalhe. Os três criam cada qual o seu copo. Vocês criam o vosso copo na vossa própria perspetiva pessoal. Portanto, aqui vocês têm três copos diferentes, mas cada um existe numa perspetiva diferente, em um continuum de espaço inteiramente diferente.

Agora, o Mark, tu não podes ver o copo de o Joseph, nem ele pode ver o teu copo. Isto pode ser provado matematicamente, e os cientistas já estão a trabalhar com o problema, embora não compreendam os princípios por trás dele. No entanto, há um ponto, um ponto infinitesimal, onde a perspetiva de o Mark, e a tua, e a de o Ruburt, se sobrepõem. De novo — teoricamente — se vocês pudessem percecionar esse ponto, poderiam efetivamente ver os outros dois copos físicos. Objetos físicos simplesmente não podem existir a menos que existam numa perspetiva e num continuum espaciais definidos. Mas cada indivíduo cria o seu próprio continuum espacial. Estes continuuns existem de modo positivo. Não são ilusão. Existem de forma espontânea e simultânea, mas nenhum homem pode caminhar na perspetiva espacial de outro homem.

Eu vou ligar isto a material que trata de as diferenças que vocês parecem ver em um objeto particular. Essa diferença é mais profunda do que imaginam. Não se explica dizendo que um homem vê um dado objeto de maneira diferente de outro por causa de um estado de espírito particular que o acometa. Ele cria um objeto inteiramente diferente, que os seus próprios sentidos externos então percecionam. Como nós temos aqui esta noite um convidado tão elegante e bem-vindo, vamos então percecioná-lo em termos de uma breve discussão de a matéria, em que ele será o nosso cobaia.

Tu percecionas o Mark, o Joseph, sentado em a tua cadeira. Ele senta-se em a cadeira de ele, que ele construiu em o continuum espacial e na perspetiva pessoal de ele. Tu e o Ruburt percecionam o Mark, e, no entanto, nenhum de vocês vê o Mark de o Mark. Enquanto ele se senta em a cadeira de ele, constantemente ele cria a própria imagem fisicamente, usando a energia psíquica de ele e usando átomos e moléculas particulares para a construção de o corpo de ele. Temos aqui, então, até agora, um Mark — construído por ele próprio; e, antes que a noite termine, vocês ficarão espantados com a quantidade de Marks com que nós acabaremos. Eu sugiro o vosso primeiro intervalo e, marca as minhas palavras, Mark: tu és mais

do que sabes. De passagem, eu gostaria de particular atenção para a sessão, pois o material será de particular valor.

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada, como de costume.

Assim que chegou o intervalo, o Bill anunciou que tinha visto uma imagem em a ombreira de a casa de banho; foi isto que lhe prendeu a atenção enquanto a Jane ditava. O Bill pediu uma folha de papel e pôs-se imediatamente a fazer um esboço do que tinha visto. Ele é artista e professor.

A Jane e eu, claro, olhámos para a ombreira, mas não vimos nada. O Bill viu muitas imagens e aparições ao longo de a vida, e o Seth discutiu em sessões passadas algumas delas e a sua origem, brevemente; portanto, a Jane e eu não ficámos surpreendidos quando o Bill disse que tivera outra visão.

Para quem se sentia mal no início, a Jane disse agora que se sentia ótima. O Seth "derrubou-a rapidamente". O nosso gato, o Willy, tornou-se agora ativo à medida que o intervalo avançava, como tem feito na maioria de as sessões recentes. O Willy começou a rondar pelo apartamento a miar; a noite estava fresca e não se viam insetos. O Willy portou-se de maneira bastante assustadora, a olhar para todo o lado.

A Jane começou a ditar de novo com a mesma voz forte e muito grave. O Bill continuou a trabalhar no esboço, dizendo que não estava satisfeito e que tentaria outro. Retoma às 21:32.)

O Seth

Eu terei algo a dizer dentro em pouco sobre a aparição de o William. Antes de mais, eu gostaria que notassem que a voz de o Ruburt está algo mais baixa; e então, com a vossa permissão, eu continuarei. Enquanto o Mark cria a sua própria imagem, tu pareces ver a imagem de ele, mas tu não a vês. Neste momento há três Marks inteiramente diferentes nesta sala, embora eu use o termo "esta sala" de forma muito lata. Há o Mark que o Mark criou — uma construção física real. Há outro Mark que o Mark não vê, e este Mark é uma construção física real criada por ti. Há, neste momento, ainda mais dois Marks físicos: um criado por o Ruburt e um criado por o vosso gato. Se outra pessoa entrasse na sala, haveria ainda outro Mark físico. Nesta sala, por assim dizer, há quatro Ruburts físicos, há quatro Josephs físicos e há quatro gatos físicos. Há, de facto, quatro salas. O vosso amigo Mark, a digredir, é uma excelente testemunha, de um certo modo, porque ele é sensível a aparências e construções que surgem dentro de o domínio físico vindas de outros planos.

(De o meu estúdio, no fundo de o apartamento, veio o miado de o Willy. Ele continuava a rondar.)

A extensão de atenção de ele, num aspeto, é curta. No que diz respeito a a energia psíquica de ele, ele é muito dotado. Eu estive, de facto, por um instante em a ombreira; embora, se me é permitido dizê-lo — (aqui a Jane

fez uma pausa ao lado de o Bill e pegou o primeiro desenho a caneta que ele fizera de a visão de a aparição de o Seth) — eu sou um sujeito muito mais bem-disposto do que aqui retratado. Tu perdeste um certo traço ao longo do que tu podes chamar os ossos de a face; e, se tu observares a imagem mais de perto, eu talvez consiga torná-la mais nítida. (A Jane devolveu o esboço a o Bill, que continuou a fitar a ombreira escura de a casa de banho.) Esta é a primeira vez que eu tentei aproximar-me deste modo durante uma sessão. Eu estou satisfeito por ter sido percecionado e tenho-vos observado a partir de o meu próprio ponto de vista.

A imagem em a ombreira é de facto a minha, embora tenha de haver uma distorção em a perceção de o Mark sobre mim. É através de os sentidos internos que ele me perceciona, e esses dados ele tenta depois transformar em informação que possa ser percecionada por os sentidos externos. A construção é uma de aquelas que eu disse que geralmente não são percecionadas e, portanto, não existem, por regra, em termos de tempo ou espaço físicos.

(Agora a Jane ficou atrás de o Bill, a espreitar por cima de o ombro de ele enquanto ele desenhava.) Há um ar de autosatisfação nos lábios — muito bom — de que eu estou, de facto, bastante satisfeito. Tu vais verificar que esta construção está a ser criada por mim próprio. Só para aparecer em o vosso plano, qualquer construção — seja percecionada por vocês ou não — tem de ser composta de átomos e moléculas. O movimento e a velocidade variam face a as construções regulares. Eu estou, neste caso particular, a falar através de o Ruburt, ao mesmo tempo que eu também estive ao lado, numa construção, a vê-lo falar. Em data posterior, eu poderei, brevemente, falar a partir de a minha própria construção. Mas isto exigirá treino e eu precisarei de muita cooperação.

(A Jane tirou o segundo esboço de a mão de o Bill e percorreu a sala, falando enquanto o examinava. Eu apanhei um relance de o desenho quando ela o acenou por um instante na minha direção.) Eu tenciono também falar brevemente sobre o Tom Roberts de o Ruburt. É verdade que eu não sou, de certos modos, nenhuma beleza em os vossos termos, e no entanto vocês atestarão que eu não sou de todo feio. Eu vou deixar-vos fazer o vosso intervalo. E eu quero agradecer a o Mark. Quando eu disse que o Mark se juntaria a mim numa demonstração, eu quis dizer que o Mark se juntaria a mim numa demonstração.

(Intervalo às 21:56. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela rematou o diálogo com uma risada para o Bill.)

(O Bill Macdonnel disse que a ombreira escura de a casa de banho se tornou branca e enevoada; viu então a forma de a aparição de o Seth recortar-se contra esse fundo mais claro. A forma era sobretudo uma silhueta, disse ele, sem grande detalhe; porém, durante o primeiro monólogo, ele obteve um vislumbre forte de a face. O efeito foi algo como

o de um negativo invertido. O Bill disse que a face de a aparição estava a uns dois metros acima de o chão.

Foi enquanto nós discutíamos dimensões que a segunda parte de a demonstração de o Seth teve lugar; e, novamente, foi sem sugestão de a parte de ele, nem aviso de espécie alguma.

A esta altura, a Jane sentia-se muito bem, totalmente recuperada de o estado abaixo do normal que antecedera a sessão. A brincar, ela colocou-se em a ombreira, no ponto exato em que, disse o Bill, a aparição de o Seth estava a aparecer. Nesse momento, o Bill disse que não conseguia ver a imagem. Eu estava de pé ao lado de a cadeira de baloiço que o Bill ocupava, e ambos estávamos a olhar para a Jane, que permanecia a sorrir e a rir em a ombreira.

O Bill Macdonnel e eu notámos então, ao mesmo tempo, que os traços animados de a Jane estavam a mudar. Enquanto falava connosco, a mandíbula de ela tornou-se mais quadrada no recorte contra o cabelo preto comprido; o nariz aumentou, a boca ganhou lábios mais grossos e largos à medida que se moviam com a fala, e o pescoço engrossou. O conjunto de os traços tornou-se mais pesado e masculino. Nem o Bill nem eu notámos qualquer mudança em os olhos ou em a testa de ela.

A nosso pedido, a Jane manteve-se onde estava; disse que "formigava" ao permanecer no ponto certo. Ela não estava assustada, embora tivesse ficado inquieta quando o Bill e eu lhe dissemos o que nós víamos. Não havia dúvida sobre o que nós vimos. O efeito durou talvez um ou dois minutos; a sala estava suficientemente iluminada [embora não inundada de luz; durante as entregas, a Jane costuma ter uma luz de 60 W acesa, mas, em o intervalo, nós acendemos mais luzes; e, se isto incomoda a Jane enquanto fala, ela apaga-as automaticamente enquanto percorre a sala], e o Bill e eu tivemos oportunidade suficiente para garantir aquilo que estávamos a observar.

Eu pedi então a a Jane que avançasse alguns centímetros. Ela avançou, e o efeito diminuiu e depois desapareceu. Para mim, a mudança de os traços pareceu ocorrer num plano a uns dois ou três centímetros à frente de os traços físicos reais de a Jane. Este novo conjunto de traços podia estar suspenso num ecrã transparente; e, enquanto eu os observava, eu via — ou percebia — por trás deles, ou através deles, os traços reais de a Jane como eu os conheço. O Bill Macdonnel não contestou a minha leitura de o efeito, embora eu tenha a sensação de que ele não o viu exatamente assim.

Este "pairar à frente", recordar-se-á, é notavelmente semelhante ao efeito que eu observei quando os três de nós experimentámos a nossa primeira e única sessão espírita. Ver a 11.ª sessão, página 56. Nessa ocasião, enquanto o Bill, a Jane e eu olhávamos para um espelho, o reflexo de a cabeça de a Jane mudou de tamanho e forma e acabou a parecer suspenso no espaço, um pouco à frente de o resto de o reflexo de ela. Essa

aparição ocorreu com luz bastante pior do que a de esta noite. Desta vez, eu pude ver em detalhe as mudanças em curso e o seu termo. [A sessão 11 está em o Vol. 1.]

O Bill disse a a Jane e a mim que a "sensação" de a forma de a aparição persistia na ombreira mesmo durante o intervalo, embora mais fraca. Disse que a imagem, a espaços, ganhava bastante força, permitindo-lhe então entrever detalhes. Os desenhos de o Seth revelavam um conjunto de traços bastante talhados, com a diferença óbvia de um crânio muito grande e alto. Ele disse que sentia que o crânio era gigantesco.

Eu mandarei fazer fotocópias de os dois desenhos para inserir nas cópias a carbono de este registo. A minha impressão pessoal é que o crânio enorme de o Seth nos desenhos é simbólico — talvez ligado a a sensação de o Bill de que o Seth possui um conhecimento maior ou diferente de o nosso.

Ainda insatisfeito com o segundo esboço, o Bill pôs-se a fazer algumas pequenas alterações. O Willy estava agora sossegado. A minha mão de escrita não sentia fadiga digna de nota. A Jane começou a ditar com a mesma voz forte e muito grave. Na verdade, ela manteve o fenómeno de a voz durante toda a sessão, sem aparente incómodo e sem efeitos adversos depois. Retoma às 22:08.)

O Seth

Não há razão válida para que tu não me pudesses ver também, o Joseph, nem há razão para que o Ruburt não me pudesse ver. Vocês são ambos bastante picuinhas quanto ao que verão e não verão. Isto, nós abordaremos depois com algum detalhe. (De novo a Jane pegou no segundo esboço de o Bill. A andar depressa pela sala, estudou-o e apontou-lhe frequentemente enquanto falava.) O queixo tem uma forma algo diferente da de o segundo esboço. Não é tão pontiagudo, embora seja igualmente comprido. Eu estou, ainda assim, satisfeito com a representação global. Acontece simplesmente que, por muitas razões, as capacidades de o Mark se desenvolveram por estes caminhos. É um talento natural, embora ainda sem treino. Com treino, a capacidade de ele aqui poderia ser espetacular.

Eu, no entanto, farei esta afirmação: a figura — (erguendo o esboço, a Jane acenou-o na minha direção) — representa uma transformação exterior, à medida que o Mark tentou construir uma réplica exata de material que ele captou com os sentidos internos; e, como tal, é a reconstrução de o que eu sou. Ela representa o aspeto que estas capacidades de mim assumem quando ligadas de muito perto a o plano físico. Isto não significa necessariamente que, em todos os planos, eu tenha a mesma imagem.

(A Jane gesticulou em direção a o Bill. Ela andava muito depressa e a voz grave soava retumbante.) É a primeira representação deste tipo de mim, e eu tenho-lhe bastante apreço.

Eu não estranharia que tu te perguntasses sobre o papel que a sugestão pode desempenhar em tal demonstração. Eu falei de uma demonstração sem mencionar que tipo de demonstração. Antes de o facto, eu não mencionei aparições. Em termos gerais, porém, nenhum objeto físico pode ser construído, e nenhuma ação pode ocorrer, sem aquilo a que vocês gostam de chamar sugestão. Nenhuma ação e nenhum objeto material podem ser percecionados sem consentimento e vontade internos. Por detrás de cada ação e de cada construção há, de facto, aquilo a que vocês gostam de chamar sugestão. Sugestão é nada mais — e nada menos — do que uma vontade e consentimento internos para permitir que uma determinada ação ocorra; e este consentimento é o gatilho que ativa os mecanismos subconscientes que vos permitem construir dados internos em realidade física. Não é mais verdadeiro, nem mais falso, dizer que a minha aparição em a ombreira foi causada por sugestão do que dizer que esta sala e tudo o que nela há são causados por sugestão.

(O Bill Macdonnel estava novamente a fitar a ombreira de a casa de banho, acrescentando traços a o segundo desenho de a aparição de o Seth.) Os vossos sentimentos emocionais são, como vocês sabem, os sentidos internos tal como eles surgem junto a o plano físico. Estes são as diretivas. Vocês formam, na vossa perspetiva pessoal, os dados que existem dentro de o eu interior; mas fazem-no de modo individual, em linha com as vossas próprias expetativas, sugestões e atitudes. Estas muito frequentemente distorcem os dados internos, de modo que se formam construções não fiáveis e até repulsivas. Isto é de grande importância.

Eu sugeriria também, antes de a sessão terminar, que tu peças mais uma vez a o Mark que diga, para o registo, o que ele viu, além de incluir o excelente retrato de mim em o registo. Eu sugiro igualmente que repares de novo na mudança em a voz de o Ruburt; e, se eu talvez soar severo, é apenas o resultado de a transição. Eu consigo fazer melhor, nesta vertente, na presença de indivíduos particulares que cooperem comigo no esforço. Ainda uma nota breve: o vosso médico de frente, mesmo agora, ergueu o olhar e viu-me, como já o fez em várias ocasiões. E, no entanto, desta vez, ele soube que algo era diferente e sentiu a proximidade.

(Eu tinha ouvido uma porta bater ao lado, já que a noite estava agradável e as janelas de a nossa sala estavam abertas. No verão, a Jane prefere as janelas abertas — haja sessão ou não — embora eu ache o ruído de o trânsito incómodo por vezes. Nós vivemos no segundo andar. Os consultórios de o Dr. Levine, o nosso amigo e médico, ficam a uns doze metros, em o rés-do-chão de uma casa de que ele é proprietário. A entrada lateral de o consultório fica mesmo em frente de as nossas janelas, e nós vemos muitas vezes o Sam Levine a entrar e a sair. Ele trabalha muito à noite, e as luzes de o consultório já muitas vezes ficaram acesas enquanto decorria uma sessão.

O Sam Levine sabe de o Seth, mas nunca assistiu a uma sessão. Foi convidado. Ele não manifestou nem crença nem descrença; também ouviu parte de a gravação áudio que nós fizemos de a Jane a entregar a 25.ª sessão. Ver a página 183. Um dia, a Jane e eu tencionamos pressionar o Sam e fazê-lo assistir a uma sessão, por mais ocupado que esteja. [A sessão 25 está em o Vol. 1.])

Se tu tiveres paciência comigo, eu continuarei brevemente sem parar para o vosso intervalo neste momento, já que o Ruburt também está a cooperar comigo tão bem. Seria melhor nós não fazermos uma pausa em a hora habitual. Para tua informação, ele está no comando de as faculdades de ele e coopera comigo por vontade própria, e não há invasão de espécie alguma. Eu vou salientar aqui um ponto relativo a o experimento com a tábua Ouija em que vocês participaram (ver a página 201). O material não passou claramente porque o homem que tentou vir não foi treinado o suficiente para executar a tarefa particular que se propôs. A comunicação é autêntica. Não obstante, contém distorções devido à incapacidade de o homem para transmitir dados desta maneira.

Quanto a a vossa casa, vocês têm a minha bênção, como sabem. O assunto terá sucesso. Eu já mencionei que não é coincidência vocês terem dado com a casa. Nem é coincidência a porta ter estado aberta quando vocês lá chegaram. Para tua informação, tu e o Ruburt abriram ambos a porta. (A Jane apontou para mim.) Como? Há muito a explicar. Acontece que, no mesmo instante, ambos desejaram fortemente que a porta se abrisse; e, com as capacidades que estão a desenvolver, vocês trouxeram massa psíquica — que é força de massa válida, mesmo em o vosso mundo físico — contra a porta e abriram-na.

(Isto foi uma surpresa. A Jane e eu acabámos por sair de carro para ver a casa, de que já sabíamos há várias semanas sem nos darmos ao trabalho de ir ver. A subir uma estrada de terra muito íngreme, nos arredores de a Elmira, por sorte tomámos a bifurcação correta e entrámos no quintal da casa certa. Gostámos logo à primeira vista.

Encontrámos a porta da frente trancada e com o ferrolho corrido, e passámos uns minutos a espreitar a parte da frente e a apreciar a vista. Ocorreu-me então dar a volta por trás para ver se a porta de trás também estaria trancada. A a Jane ocorreu o mesmo, embora, na altura, pouco caso tenhamos feito. E nós de facto encontrámos a porta de o alpendre de trás aberta. Não tinha fechadura por fora, mas estava trancada por dentro com um ferrolho.

Segundo o Seth, então, a Jane e eu usámos a força — ou energia — psíquica combinada para recuar o ferrolho. Eu lembro-me de ter encontrado a porta, muito pesada e espessa, ligeiramente entreaberta. Isto ficou explicado para a nossa satisfação na segunda visita; a tentar correr o ferrolho pelo interior do alpendre, a Jane e eu verificámos que era preciso

exercer bastante pressão contra a porta para alinhar o ferrolho com o aro; e, uma vez fechada, a porta ficava extremamente firme. Se a Jane e eu usámos força psíquica para abrir esta porta, pode dizer-se com segurança que a força necessária e exercida foi considerável.)

Todos os vossos amigos sentiram que esta casa é boa para ambos. Eu não sou banqueiro. Contudo, eu posso dizer-vos que vocês não terão dificuldades financeiras; nem o Ruburt deverá sentir qualquer receio relativo a o emprego de ele em a galeria, no que toca a a casa e a as finanças.

("Estávamos a Jane e eu na propriedade quando usámos essa força psíquica para abrir a porta?")

Em a propriedade propriamente dita?

("Sim, usámos essa capacidade enquanto estávamos lá, em frente de a casa?"

(Eu estava a pensar se talvez nós a teríamos aberto a caminho de a casa, talvez enquanto subíamos a estrada de terra.)

Vocês estavam em frente de a casa. Há aqui uma pequena nota. Eu vou dizê-la enquanto o Ruburt não me bloqueia. Vocês construíram reservas psíquicas que nem sequer entreviram. A mudança de atitude interior, de a tua parte particularmente, em relação a o mundo exterior, criou, por sua vez, um tipo diferente de mundo exterior — e um mais benéfico do que o que tu conhecias antes. Isto é um resultado direto de os resultados de expetativas interiores, e começa a dar frutos. Mudanças no vosso ritmo de vida já não vos confrontarão em termos de amargura, raiva ou arrependimento, pois vocês estão a criar um ambiente material e psíquico mais construtivo.

Vocês nada têm a temer, financeiramente, quanto a a posição de o Ruburt em a galeria; a condição exterior de ele no mundo vai melhorar — de novo, por causa de a expetativa interior. Quer essa melhoria ocorra em ligação com a galeria, quer ocorra noutro âmbito de trabalho, não faz diferença e não precisa de vos preocupar. Não haverá um período longo em que ele esteja desempregado. Eu tenho estado tão bem esta noite; e sugiro que repares que a voz de o Ruburt não está nem seca nem rouca. (Verdade. A Jane continuava a trovejar com a sua voz grave e forte, sem quebra; não apresentava sintomas de incómodo.)

Não há nada a temer por o Mark. O pulmão de ele manter-se-á em excelente condição durante o verão. Contudo, eu mantenho que se torna imperativo para ele viver sozinho, ou a condição continuará. Ele provocará o regresso de sintomas se não tomar seriamente medidas para assegurar a o eu interior de ele a sua intenção. Isto não é de modo algum para alarmar, mas para o ajudar a evitar tal dificuldade. Ele não corre, em qualquer caso, perigo de um ataque mais grave do que o primeiro. Outros ataques, se ele permitir que continuem, não seriam tão difíceis, mas seriam desnecessários.

(Ver a 56.ª sessão, página 110, para todo o material sobre a doença recente de o Bill. Agora, novamente, a Jane pegou no segundo desenho de o Bill; falou diretamente com ele.)

Eu não gosto deste tipo de mensagem, mas tu fizeste isto, e eu devo-te toda a ajuda que eu puder dar. Nós usaremos mais tarde a aparição de a minha imagem para avançar a nossa discussão sobre a criação de a matéria. Tu podes agora fazer o teu intervalo.

(Intervalo às 22:55. A Jane estava dissociada, como de costume. Assim que começou o intervalo, ela anunciou que as mãos lhe pareciam inchadas. A sensação começou a diminuir rapidamente.

Por sugestão de o Seth, eu voltei a inquirir o Bill sobre a visão de a imagem de o Seth; o Bill confirmou as notas que eu já tinha tomado e que estão incluídas neste registo, voltando a enfatizar a grande elevação de o crânio de a imagem.

O Bill Macdonnel afirmou também que, na opinião de ele, a voz de a Jane estava pelo menos uma oitava abaixo da sua gama habitual. Durante o último monólogo, disse não ter visto nada adicional relativo a a imagem em a ombreira, e que agora também não a via.

A minha mão de escrita estava já algo cansada, pois a sessão fora longa e rápida. A Jane retomou a ditar com a mesma voz grave, usando muitos gestos enquanto percorria a sala. Retoma às 23:01.)

O Seth

Vocês compreenderão que é completamente erróneo pensar em termos de um único universo físico. Vocês existem agora em quatro universos diferentes neste momento. Isto é: em o espaço aparente de uma sala, vocês compreenderão que há quatro salas. Eu vou terminar a sessão muito em breve. Vocês talvez se perguntem o seguinte: se há quatro Marks neste momento, em que pensam os outros três Marks? (“Boa pergunta.”) Eu espero aprofundar muito mais a realidade e a existência destes tipos de imagens de perspetiva espacial diversas. Nós tivemos uma sessão muito frutífera. Eu quero agradecer a o Mark mais uma vez pela minha representação e peço-lhe também que leve a sério o meu conselho. É verdade que, de alguns modos, ele precisa de disciplina, mas, de outros, precisa de liberdade — e ele descobrirá a sua disciplina em termos de liberdade.

Há um verão agradável pela frente para ele. Planos concretos para um apartamento devem ser feitos com a chegada de o outono. A mudança propriamente dita — ou o momento de ela — não é tão importante quanto a necessidade de haver planos definidos. Há muito que eu ainda gostaria de dizer hoje sobre matéria, mas não faz mal que espere mais. Eu despeço-me de todos com uma muito afetuosa boa noite, e agradeço-vos a cooperação e o interesse.

(“Boa noite, Seth.”

Fim às 23:13. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que esta foi uma daquelas ocasiões em que o Seth podia continuar horas a fio; ele sentia-se bem e estava num raro estado de espírito. Disse também que o Seth lhe pregara uma partida durante a última entrega: não a deixou aproximar-se de a minha mesa de escrita, onde ela costuma deixar os cigarros, e ela não conseguiu fumar.

A minha mão estava algo cansada, mas não em mau estado. A Jane, o Bill e eu discutimos uma experiência que os três poderíamos tentar enquanto o Bill estivesse de viagem. Ele planeava ir para a Cape Cod; assim que estivesse instalado para a estadia prevista de várias semanas, o Bill escrever-nos-ia, indicando horas de noite em que os três tentaríamos contactar-nos telepaticamente e anotar quaisquer impressões que nós recebêssemos.

Nós estávamos a discutir o material de a noite quando eu observei, de passagem, que parecia que um artista na televisão, por exemplo, ao ser visto por outros, poderia ser criado por milhões de espetadores — muitos deles independentes uns de os outros quanto a a nossa conceção de distância — e, no entanto, todas as imagens assim criadas sobrepor-se-iam o suficiente para serem identificáveis como o mesmo artista.

A a Jane estava sentada à minha frente, a a mesa. Mal eu disse isto, ela começou abruptamente a ditar outra vez, com a voz tão grave como sempre. Levantou-se, foi até o divã e, num gesto muito masculino, agachou-se sobre um braço de o divã, inclinando-se para a frente com as mãos sobre os joelhos. Eu nunca a tinha visto usar este gesto. Mas ali ficou durante todo o material seguinte. Os olhos estavam muito escuros.)

O Seth

Essa foi a minha alusão a os muitos Marks, mais cedo em a sessão. Eu tencionava mostrar-vos a maneira como esses Marks seriam multiplicados, e a forma como os mundos físicos se multiplicam indefinidamente e, aparentemente, sem fim. Eu só quero acrescentar aqui algumas explicações simples. Houve definitivamente uma mudança em os traços de o Ruburt. Eu entrarei em as razões por trás disto noutra sessão. A demonstração foi de facto válida. Eu não vos vou reter mais. Eu queria pôr o registo direito quanto à mudança nítida em os traços de o Ruburt; e, como vocês terão suposto, eu estive de facto a escutar a vossa pequena conversa. Testes como os que vocês têm em mente para a viagem de o Mark deverão revelar-se muito vantajosos, se levados a cabo de a maneira correta e em boas circunstâncias.

(A referência seguinte de o Seth a a mistura de papéis tem origem no facto de que, ao reler em voz alta algumas notas de a sessão para a Jane e o Bill, eu as baralhei; durante um minuto ou dois não percebi o que acontecera, e o material soou estranhamente confuso.)

Eu não apreciei de todo a mistura de os papéis. Eu não podia deixar de mencionar isto, e espero que os tenhas posto em ordem. Nós teremos a nossa festa prometida na vossa casa nova — e que festa ela será. Eu adiei-a por razões minhas, e vou compensar. Vocês podem, sem falta, convidar o Mark, e nós vamos mesmo divertir-nos. Eu não sou nenhum velho casmurro, e posso muito bem dar-vos um paladar de o meu sentido de humor que vocês não esquecerão tão cedo. Eu apresso-me a assegurar-vos que o meu humor não é malicioso. Não obstante, pode ser aguçado; e a entrada em a vossa casa nova, velho proprietário, deverá ser, de facto, ocasião para alguma graça.

(A Jane sorriu de orelha a orelha e apontou para mim do seu poleiro no braço de o sofá. Eu tomo o termo "velho proprietário" como outra de as referências de o Seth a a minha vida em a Dinamarca nos anos 1600; nessa altura eu possuía muita terra.)

A minha ideia de diversão pode não ser a vossa. Talvez, certa noite, ao olharem pelas vossas janelas novas, vocês vejam uma cena bem diferente. Vocês podem ver a Dinamarca. Vocês poderiam ver uma peça bastante hilariante reencenada, talvez num certo celeiro que vocês poderiam ver no vosso quintal da frente — por cima de a lomba, onde agora não há terreno.

(Para uma explicação completa de as implicações acima, ver a 46.ª sessão, página 35. O episódio de o celeiro, que teve lugar em a cidade de Triev, em a Dinamarca, envolveu a Jane, o Bill, o Seth e a mim.

Pode acrescentar-se que esta é a sessão em que o Seth se refere com um pouco mais de detalhe a a perceção de aparições por parte de o Bill, e a a mecânica envolvida. Por isso, a 46.ª sessão está estreitamente relacionada com esta, nesse aspeto.)

Isto não é impossível. Eu aguardo com expectativa tal receção privada em a casa nova, e eu poderei mesmo trazer um presente de eu próprio.

("Como o quê?")

Vocês talvez não o vejam, mas saberão que eu o deixei. Há poucas noites em que eu me senti tão bem-disposto, e nós teremos uma noite que compensará toda a sisudez pesada que eu sou forçado a usar para enfiar material importante nas vossas cabeças.

Dói-me, dói-me verdadeiramente, deixar-vos agora, e eu não tenho a certeza de que o vá fazer.

("E a viagem de o Bill? Vai correr bem?")

Eu costumo sair por volta de as onze e dez, muitas vezes quando eu podia ficar mais; mas o Ruburt decidiu a hora e ele — (aqui a Jane, com um gesto muito cómico, deixou a posição em o sofá e, com as mãos abertas, fez um enérgico gesto de varrer, como com uma vassoura invisível, curvando-se ao mesmo tempo até perto de o chão) — ele empurra-me para fora. Ele é um teimoso cabeça-oca metade de o tempo, e um teimoso

cabeça-de-burro a outra metade. No conjunto, serve, mas isto mostra com o que eu tenho de aturar.

("Vocês os dois são velhos amigos.")

De facto, nós somos. Se não fôssemos, ele não me deixava abrir a boca.

Eu vejo, naquela grande sala branca, alguns acontecimentos na nossa noite de festa, e eu vou divertir-me bastante a ver as vossas expressões. Eu poderei até cumprimentar-vos no que o Ruburt chama as vossas grandes portas francesas. É uma excelente ideia. (A Jane apontou vigorosamente para o Bill.) Eu poderei até cumprimentar-te em férias. No conjunto, eu não me divertia tanto numa sessão há meses. Eu tentei poupar a tua mão de escrita, o meu pobre Joseph "multi-dedado", mas, se estás mesmo cansado, eu despeço-me de ti de má vontade.

(Eu tive de admitir que a minha mão estava agora bastante cansada e contraída, mas a inércia ajudava. Enquanto eu continuasse, eu conseguia continuar.)

("E a viagem de o Bill?")

O Bill-Mark. O Mark terá, tanto quanto eu sei, uma excelente viagem. Uma nota: eu estou a divertir-me imenso com o Ruburt neste momento, a impedi-lo dos cigarros.

Mark, Mark. O Mark irá, claro, para o litoral. Há um homem, talvez de cinquenta anos, com quem ele ficará conhecido — ou com quem ele poderá ficar conhecido — com cabelo espigado. Eu vejo um barco a remos com um símbolo qualquer. Eu não vejo particularmente mulheres. Isso pode ser porque os meus interesses agora são algo diferentes, embora isto possa ser enganador. Acima de tudo, eu vejo uma festa.

("Aposto que vai ser uma festa e tanto.")

E o gravador deve estar ligado. Eu direi quando. E agora eu vou sair, por compaixão por dois cavalheiros cansados, maltratados e perseguidos. O Ruburt não me preocupa assim, já que ele e eu nos arranjámos muito bem esta noite. Cheerio.

("Até logo, amigo."

Fim às 23:59. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que se sentia muito melhor do que antes de a sessão começar. O Seth estava cheio de traquinices, disse a Jane; ele divertiu-se mesmo a dar a sessão; e o conceito de a diversão de ele, tal como ela a sentia por dentro, era, por sua vez, agradável e "engraçado" para ela.

A minha mão de escrita estava cansada, mesmo com a ajuda de o Seth. Eu pedi a o Bill que fizesse um desenho de qualquer materialização que o Seth pudesse realizar para ele durante a viagem.

A Jane manteve a voz grave até ao fim de a sessão.)

SESSÃO 69

8 de julho de 1964

(Qua., 8/7: Eu falhei a tentativa de tempo psicológico. A Jane não tinha nada a relatar.

Ao meio-dia de hoje, a Jane disse-me que achava que o Seth nos daria uma sessão curta, por causa de a extraordinária de segunda-feira, 6/7. Isto para me ajudar a pôr em dia toda a dactilografia.

A Jane levantou-se da sesta às 20:30. À medida que se aproximava a hora da sessão, ela sentia-se um pouco nervosa, mas não muito. Pelas 20:50, o Willy andava de novo a rondar o apartamento, simultaneamente alerta e furtivo. Mas, de novo, mal começou a sessão, ele acalmou-se e começou a dormitar numa cadeira.

A Jane começou a ditar com uma voz ligeiramente rouca, a um ritmo bastante rápido. O andamento era vivo; os olhos escureceram, como de costume.)

O Seth

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu vejo que nós estamos sozinhos esta noite. Eu apreciei imenso a nossa última sessão. Eu mencionei que a mudança em os traços de o Ruburt foi autêntica, e também que aquilo a que vocês preferem chamar uma aparição existiu de facto.

("Preferias chamar-lhe outra coisa?")

Por agora, a palavra serve, já que eu sei o que tu queres dizer com ela. Claro, foi uma construção válida. Há muito a dizer aqui. Eu disse-vos que usaria o Mark para uma demonstração sobre a natureza de a matéria — e assim fiz. A aparição, portanto, foi construída por o Mark. Tu não a viste, o Ruburt não a viu, porque o indivíduo só vê as suas próprias construções; e, neste caso, os dados-ideia foram dados apenas a o Mark.

("O nosso gato viu?")

(A pensar nisto depois de a sessão de segunda-feira, eu não me lembrava de o Willy fazer alarido, salvo a vez referida em a página 211, durante a sessão.)

Ele não viu. Por razões que mencionaremos depois, o gato sentiu a aparição. Agora, eu disse-vos que há muitos fatores envolvidos em a construção de a matéria, e eu expliquei que a telepatia e muitos outros fatores que eu enumerei são importantes. No caso de a aparição, muitos destes fatores faltavam. Eu interrompi-os propositadamente, e muito bem, por razões minhas. Ora, apesar de, por norma, os indivíduos só verem as suas próprias construções, com os outros fatores em operação vocês aparentarão ver as construções de outros, porque haverá tal semelhança nas

várias construções de aquilo que parece ser um único objeto físico. Neste caso, tais pistas não vos foram dadas. Portanto, a construção foi vista apenas por a pessoa a quem as pistas internas foram dadas. A construção foi então formada, mais ou menos em réplica fiel, conforme os dados internos recebidos por o Mark.

(E aquele crânio enorme que o Bill desenhou nos esboços?)

É aqui que eu quero chegar. As construções exteriores são sempre traduções de ações de a realidade interior para o material. A sua validade depende de a capacidade de o indivíduo para receber dados internos, traduzi-los, manipular energia e construí-la em o campo material. O Mark, entre outras coisas, recebeu — e foi-lhe dado — a impressão de uma inteligência superior a qualquer que vocês normalmente experienciam em o vosso campo. Na construção de a aparição, portanto, ele traduziu essa conceção em lóbulos frontais e crânio grandes. Se os dados tivessem sido recebidos por todos vocês, todos pareceriam ver mais ou menos a mesma aparição. Vocês teriam, claro, cada qual construído a sua própria aparição, na sua perspetiva espacial; e, por causa de as outras pistas que normalmente são dadas, as três aparições pareceriam uma só, concordando, para todos os efeitos, em termos de aparência e localização aproximada.

("Disseste que a Jane e eu éramos muito picuinhas com o que víamos.")

É bem verdade. Uma intrusão aparente como uma aparição, em o campo físico, representa algo que, para vocês, tem de ser enfrentado; e, quando o desconhecido toma forma física, torna-se muito mais alarmante, para a maioria, do que até uma ideia estranha — que, afinal, não parece tão real de modo físico. Vocês vão habituar-se. Não se preocupem.

("Queres dizer que nós veremos a aparição?")

Obviamente vocês não verão aquela. Vocês verão outras.

Eu também falei de construções que não surgem de o modo habitual em o nível físico, embora existam e sejam válidas. Há muitas razões para tais construções não manterem — ou por vezes nem sequer ganharem — a aparência de durabilidade física, e a aparição de a outra noite insere-se nesta categoria. Eu disse também que todas as construções são compostas de átomos e moléculas, mas a sua ação pode ocorrer a velocidades tão diferentes que vocês não dão por elas em o plano físico. Eu estou a conduzir a um ponto bastante importante, que exigirá bastante explicação. Eu sugiro o vosso primeiro intervalo. E, como eu me demorei convosco mais do que o costume em a nossa última sessão, o nosso encontro de esta noite não terá a duração habitual.

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou com a mesma voz rouca às 21:30.)

O Seth

A construção de a aparição foi, portanto, formada por átomos e moléculas. A ideia por trás veio de mim e foi recebida por o Mark; e então o Mark construiu a aparição, que existiu de facto fisicamente. Era composta de matéria real. Como vocês devem saber, tal como todos os outros átomos e moléculas, os seus átomos e moléculas tinham compreensão encapsulada — consciência generalizada. Eles formaram-se, por instigação de o Mark, num gestalt de construção física; mas o gestalt não podia operar de forma consistente, nem perdurar por qualquer quantidade de tempo físico em o vosso campo, por causa da ausência, aqui, de os dados mais amplos que são património de o eu total ao construir uma forma humana completa. Isto exigirá que releiam. Certas condições — que discutiremos longamente depois — são necessárias para uma materialização completamente válida ou eficaz em forma humana.

A discussão sobre a matéria ainda nos ocupará muitas sessões. Tal aparição, contudo, é composta de matéria legítima e envolve cumprimento de valor por parte de os átomos e moléculas que a compõem.

("As aparições são muito comuns?")

A pergunta confunde-me. São mais comuns do que as pessoas supõem —

("Era isso que eu queria dizer.")

— e, quanto mais completas, menos são reconhecidas como aparições. Encontram-se outras razões para racionalizar a sua existência e afastá-la. Eu estou satisfeito com a casa, como vocês sabem, e vocês ambos beneficiarão de modos desconhecidos. Eu vou, como mencionei e como o Ruburt supôs, reter-vos apenas por pouco tempo. Eu continuo entusiasmado com o conseguido em a sessão anterior.

("Já te materializaste a tal ponto antes?")

Não em o vosso plano.

("E aqueles fragmentos que disseste que a Jane e eu criámos em York Beach, Maine, em agosto passado? Eram aparições?")

(Ver a 9.ª sessão, 18/12/63, página 43, em o Volume 1.)

Eu disse-vos que eram fragmentos, e, se vocês relerem o material à luz do material mais recente sobre a matéria, então todo o incidente vos ficará mais claro. Eu também ligarei estas discussões à sua forte ligação com a expetativa, já que o envolvimento aqui é extremamente prático em termos do dia a dia; e, embora pareça à primeira vista coisa de "Pollyanna", de modo nenhum o é — e, em muitos casos, é necessário bastante treino antes de se atingir atitudes adequadas. Em todos os casos, sem exceção, o medo conduz a construções defeituosas, e o ciclo é vicioso.

(A Jane e eu consideramos isto um dado muito significativo.)

Eu queria referir antes que, independentemente de os vossos sentimentos conscientes, a cidade de Sayre não era um bom lugar para vocês viverem, e uma proximidade tão estreita com os vossos pais nunca é

aconselhável, como agora sabem. As construções de eles são extremamente falhadas e distorcidas, e, telepaticamente, são más. É verdade que a telepatia nada tem que ver com distância em o espaço como vocês a conhecem. No entanto, a telepatia representa apenas uma esfera de influência. Eu direi muito mais aqui noutra sessão, em assuntos pessoais. Em qualquer caso, vocês estão a aprender a erguer a vossa própria proteção. Tornaram-se muito mais eficazes nesse aspeto. O Ruburt passou o ponto de crise no que toca a a sua esfera em a galeria — pelo que eu estou certamente agradecido. É escusado dizer que ele não ficará em a galeria por tempo extenso, e assim deve ser. Vocês estão cobertos de muitos modos de que não estavam no passado, e isto é a vosso favor.

Qualquer construção em o vosso campo — ou em outro — tem consciência em algum grau. A consciência, porém, pode não mostrar sempre as mesmas características a que vocês estão habituados e, em muitos casos, não será percecionada por vocês. Isto será importante numa discussão posterior. E, no que respeita à nossa situação imaginária de os três copos, vocês têm de perceber então que cada um desses três copos, sendo construções físicas válidas, é composto de átomos e moléculas que contêm a sua própria compreensão encapsulada e consciência generalizada.

Isto vai ser difícil. Eu vejo-te a abanar a cabeça, e eu tenho adiado o inevitável. Contudo, em vez de os copos, considerem uma situação muito simples: os dois, nesta sala. Agora. O Ruburt constrói a sua própria imagem física, que é — eu espero que seja óbvio — consciente. Tu constróis a tua imagem física de o Ruburt. E agora a questão é: e quanto a a tua construção de o Ruburt, que é válida enquanto construção material? É ela consciente —

("Sim.")

(Eu dei esta resposta por impulso.)

— e em que grau? Se cinco pessoas estivessem nesta sala, então cada uma construiria, na sua perspetiva pessoal, a sua própria imagem de o Ruburt, composta de átomos e moléculas materiais e definidos. Tu terias cinco construções físicas reais, mais a de o próprio Ruburt. Todas as cinco construções, mais a de o próprio Ruburt, contêm a consciência de o Ruburt? Elas contêm consciências diferentes, ou são sequer conscientes? Eu estou agora a conduzir-vos a o ponto de construções primárias e secundárias. E, com isto, vocês podem fazer o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:00. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que sentia o Seth a encaminhar para este ponto desde a última sessão. Ela também achava que seria uma sessão curta. A minha mão de escrita não sentiu fadiga.

Durante este intervalo, a Jane e eu verificámos um ponto que nós tínhamos pensado desde a última sessão: a quantidade de luz disponível na

sala quando o Bill Macdonnel e eu notámos a mudança em os traços de a Jane enquanto ela estava em a ombreira de a casa de banho.

Então eu pedi à Jane que voltasse a ocupar o mesmo lugar. Ver o plano de a divisão em a página 223. Eu depressa descobri que até o candeeiro de pé que eu mantenho sempre aceso dava luz suficiente para ver claramente os traços de a Jane. Embora esta luz estivesse do outro lado de a porta de a casa de banho, a reflexão de as paredes brancas dava luz de sobra. Com a luz de o divisor de a sala acesa, ou a luz de o roupeiro acesa, a iluminação aumentava. A Jane disse que, após pensar bem, sentia que a luz de o roupeiro também estava acesa durante o intervalo de as 21:56. Eu não verificara isto na hora.

Retoma às 22:06, do mesmo modo.)

Agora, este é o ponto para o qual eu conduzia. E, embora eu saiba que eu te vou desapontar, eu decidi encerrar a sessão. Por um lado, nós excedemo-nos na última vez. Por outro, eu já cobri o que queria esta noite. Por terceiro, eu não quero sobrecarregar-te com a dactilografia. Se tu quiseres — mas só se tu quiseres — tu podes fazer-me algumas perguntas; caso contrário, eu direi boa noite.

(“Está bem, só uma pergunta. E se a Jane e eu formos outra vez a a York Beach, em o Maine, e encontrarmos aqueles fragmentos que nós criámos; o que acontecerá, se é que acontece algo?”)

Muitas coisas podem acontecer. Vocês não têm nada a temer, certamente, e as circunstâncias peculiares não se repetirão. Eu esperaria que as aparições não ocorressem; e, se ocorressem, representariam o vosso medo do que outrora significaram, e não seriam as ameaças que foram originalmente, mas pós-imagens, por assim dizer. O Ruburt estava absolutamente certo nas intuições de ele naquela altura, quanto a praticamente te forçar a tirar férias — e para longe. Tu estavas definitivamente em baixa, coisa que começara antes de tu conheceres o Ruburt, desamparado em muitos aspetos após o êxito financeiro inicial que foi resultado de trabalho e expetativa.

(Eu fiz a pergunta acima porque o material sobre a aparição em a última sessão trouxe a episódio de a York Beach à mente.)

Eu vou deixar-te tempo para pensares em mais perguntas, se preferires. Não obstante, eu acrescento que o ponto baixo já passou, e até a expetativa volta a subir, como tem de ser. Tu poderias ter começado pintura séria em Nova Iorque e, se o tivesses feito, também terias continuado e saído bem em trabalho comercial.

(“Se por acaso a Jane e eu encontrarmos de novo esses fragmentos em a York Beach, seremos capazes de falar com eles?”)

Oh, sim.

(“E eles teriam a sua própria consciência, inteligência, e assim por diante?”)

Se estivessem tão completamente construídos, teriam. Estariam livres de o vosso controlo e autorizados a o seu próprio cumprimento de valor. Tu poderias achar tal conversa intrigante. Contudo, eu não creio que vocês os vejam.

("Eu só estava curioso. A Jane e eu falámos por vezes dessa possibilidade.")

Eu recomendaria vivamente algum tipo de férias e/ou excursões de fim de semana, pois serão muito benéficas, particularmente para o Ruburt. De novo, eu não sou banqueiro, mas vocês não têm com que se preocupar, financeiramente, em a compra de a casa. E a sugestão de o Ruburt mais cedo esta noite foi uma tradução — e excelente — de alguns conselhos generalizados que eu lhe dei.

(Isto a propósito de um sistema diferente de orçamento que a Jane sugeriu experimentarmos.)

Eu aprecio as sessões de perguntas e respostas. Eu vejo uma data de treze de agosto ligada a a vossa casa e a as formalidades finais.

("Assinado, selado e entregue, hein?")

Eu creio que sim.

("Vais manter olho em o Bill Macdonnel na viagem?")

(Tanto quanto a Jane e eu sabíamos, o Bill estava agora a caminho de a Cape Cod.)

Eu posso.

("Podes ajudar os três quando nós tentarmos enviar mensagens telepáticas para trás e para a frente?")

(Ver a página 219, 68.ª sessão.)

Sim, embora eu queira que desenvolvam as vossas próprias capacidades. O Ruburt tem-se esforçado demasiado ultimamente com o tempo psicológico, tentando fazer o subconsciente funcionar e focar da mesma maneira que a mente consciente. Eu sugeriria, por algum tempo, um método simples: deitar-se, relaxar e deixar os pensamentos divagar para onde forem. Isto permitirá que dados internos passem mais facilmente.

("Disseste antes que, quando o Willy e o inseto se criaram mutuamente, eles viram a solidez em infravermelho. Isto aplica-se também às construções de a Jane e de mim?")

Isso não foi exatamente o que eu disse. A pergunta é demasiado complexa para ser respondida assim; eu cobri-la-ei numa discussão regular.

(Ver a 64.ª sessão, página 172. A Jane sorria, muito divertida. De novo, caminhou até o nosso sofá e agachou-se sobre um braço, como fizera na sessão anterior. Eu perguntei-me se, outra vez, o Seth a estaria a impedir de ir aos cigarros, que estavam na mesa à minha frente.)

Certamente tu guardaste mais perguntas para mim do que isto.

("Eu estava só a poupar a Jane, por uma vez."

Já, por causa das minhas perguntas, a sessão ia bem para além do ponto em que eu tinha a certeza de que o Seth a teria normalmente terminado.)

Eu, claro, sugeriria "a casa de o Seth" como nome apropriado para a vossa nova residência. Isto pode dar azo a perguntas embaraçosas, por isso façam como quiserem.

("Bem, nós juntamos todos os amigos lá na sala, fazemos uma sessão, e tu explicas-lhes tudo de uma vez.")

Perfeitamente bem para mim. Eu não tenho de viver com eles; tu é que tens.

("Eu gosto das árvores lá, em a propriedade.")

As árvores são muito benéficas. A água, aplicada com algodão, ajudará os olhos de o Ruburt e melhorará a visão de ele.

("Queres dizer água de a torneira?")

A água de o poço.

("Porquê?")

Por causa da natureza particular de a água, que contém certas propriedades minerais particulares devido à formação rochosa.

("Com que frequência a Jane tem de a usar?")

Duas vezes por dia seria excelente. Se eu conheço o Ruburt, duas vezes por semana é o máximo que eu posso esperar.

("E haverá uma melhoria gradual na visão de a Jane?")

Melhoria gradual e cumulativa, por razões que vos podem parecer muito insuficientes. A temperatura de a água é um elemento aqui, e é muito fria.

("Os olhos de a Jane podem estar fechados quando usa esta água, ou devem estar abertos?")

Banhar as pálpebras será suficiente.

("Pode ser em excesso?"

Nota que o Seth não respondeu diretamente a esta pergunta; e eu estava tão ocupado a inventar perguntas, a escrevê-las e a tomar as respostas, que não reparei que ficou sem resposta.

Pode acrescentar-se aqui que, embora as passagens de perguntas e respostas sejam divertidas, são difíceis para mim conduzi-las. Eu não perco material, mas sou forçado a ir à velocidade máxima para apanhar tudo. Costumo anotar poucas palavras com o sentido de a pergunta e concentro-me em apanhar a resposta "verbatim". Respostas curtas de o Seth interrompem o fluxo rítmico do registo. Também constatei que, em geral, se recolhe muito menos material e é menos detalhado. Ainda assim, vejo que tais passagens divertem bastante o Seth/a Jane.)

O Seth

De facto, algodão embebido nesta água, aplicado sobre as pálpebras antes de experiências de tempo psicológico, seria o mais benéfico. Banhos

na água, como decerto farão, ajudarão ambos. Em certos momentos, a temperatura de a água descerá até 58 graus Fahrenheit.

("E isso é um elemento importante?")

O quê?

("A temperatura de a água, intrinsecamente.")

A temperatura variará. Não obstante, a temperatura é geralmente fresca e, para a afecção ocular particular de o Ruburt, a frescura é importante — embora, noutros males, pudesse desejar-se calor. O pânico provoca calor. A condição ocular de o Ruburt resulta de pânico precoce condicionado, e a temperatura fresca, somada aos componentes minerais desta água de a vossa terra, vai ajudá-lo.

(A Jane não tem perceção de profundidade, embora os óculos a ajudem. Ela não pode conduzir automóvel, por exemplo. Foi-lhe dito que, embora esteja em bom estado, por alguma razão ela não usa um dos olhos. Acontece que o olho com que ela vê é bastante o mais fraco de os dois.)

(A Jane continuava agachada sobre o braço de o sofá. Ela fitou-me, os olhos muito escuros, as mãos sobre os joelhos.)

Tão travado de língua, o Joseph. ("Tenho andado ocupado a escrever. Estou a pensar em encerrar a sessão.") Eu vou, em cuidadosa deferência a os teus desejos, portanto encerrar a sessão. ("Foi muito agradável.") Os óculos de o Ruburt precisarão em breve de ser mudados, já que ele insiste em usá-los. O uso de eles, contudo, não seria necessário se ele utilizasse as capacidades de cura que possui. ("Ele pode usar conscientemente essas capacidades de cura?") A pergunta está mal colocada. Ele pode usá-las com o auxílio de o inconsciente, e certamente está a aprender a usar o inconsciente de ele. A dificuldade reside em a construção de as imagens de ele em um campo visual, mais do que em a perceção de elas. Ele já deverá ser capaz de construir tais imagens com mais fidelidade, mas o hábito e o condicionamento travam, embora a capacidade de construir imagens em nível visual já tenha melhorado. Enquanto ele usar óculos, a capacidade não será utilizada, e os óculos precisarão em breve de ser mudados. Eu vou agora encerrar. ("Boa noite, Seth. Foi muito bom.")

(Fim às 22:40. A Jane estava dissociada, como de costume. A minha mão de escrita não sentiu fadiga.)

SESSÃO 70

A SESSÃO DE JOHN BRADLEY

13 Julho de 1964

(Falhei a tentativa de tempo psicológico na quarta-feira, 8/7, e na quinta-feira, 9/7. Na sexta-feira, 10/7, às 21h00, não obtive resultados.

(Sábado, 11/7, 1h30: Enquanto cochilava antes de adormecer, vi brevemente uma mulher de cerca de 40 anos, sentada enroscada no terço esquerdo de um ecrã retangular branco. Foi breve mas bastante nítido. Tinha cabelo castanho-claro, liso e curto, e sorriu para mim por cima do ombro direito. Fiz um esboço da visão.

(Domingo, 12/7, 21h00: Sem resultados. Falhei na segunda-feira, 13/7. A Jane não tem nada a acrescentar a este registo.

(John Bradley, de Williamsport, PA, foi testemunha da sessão de hoje. Bradley ficara de se juntar aqui ao seu amigo com o seu advogado de Williamsport às 8 da tarde, mas o amigo não apareceu.

(John encontrava-se de humor bastante aborrecido e deprimente, devido à situação profissional. Não tinha o emprego em perigo, porém, John estava inquieto e necessitava de mudanças; ao mesmo tempo achava não ser a personalidade estereótipo que a empresa exigia para os dirigentes distritais, cuja posição deveria constituir o passo seguinte para o John na companhia farmacêutica para que ele trabalhava. Agora ele tem que ir a Chicago na semana que vem, a fim de se reunir com os seus superiores.

(O John Bradley trouxe também consigo cópias em papel químico das sessões iniciais, que um amigo dele em Williamsport tem estado a datilografar para a Jane e para mim. Escusado será dizer que estamos muito agradecidos.

(A Jane e eu decidimos gravar a sessão desta noite e passar a fazer disso prática mais frequente no futuro. Assim, a Jane preparou o gravador depois do jantar, de modo que só tivesse de acionar um interruptor para o pôr a funcionar no início da sessão.

(A Jane não estava particularmente nervosa esta noite. Começou a ditar com uma voz algo rouca e forte, e manteve-a durante a maior parte da sessão. A sua entrega foi animada e rápida, a cadência regular, os olhos escuros como de costume.

(A Jane estava a ter uma conversa animada com o John à medida que se aproximavam as 21h00; quando começou sem as saudações habituais, acionou o gravador.)

Fico encantado por pelo menos a Jane parecer tão jovial, já que o John se encontra de tão mau humor. Faço intenções de falar dos seus problemas particulares dentro de instantes. Ele não pode ser diferente daquilo que é, e

qualquer tentativa de pretensão o trairá, e não lhe renderá proveito nenhum. O valor que representa para a empresa é apreciado pelos seus superiores, e na reunião que irá ter lugar, a posição dele de indivíduo será a sua máxima garantia de sucesso.

Se ele não for fiel à crença que tem, então a reunião resultará num fracasso no que diz respeito às esperanças que nutre. Se ele tomar uma posição de indivíduo, a despeito da pressão que lhe está a ser imposta, ele conseguirá a maior parte do que deseja, e chegarão a compromissos satisfatórios para ele. A sua abordagem será a melhor caso ele siga fielmente as seguintes sugestões.

Ele devia assinalar que o êxito que até aqui teve, e o valor que tem, tem sido um resultado directo da insistência que tem feito em seguir a sua própria natureza e agir com base nas ideias que defende. A arte de vender dele tem resultado da originalidade. Ele deve assinalar com franqueza o facto de ter sido mais válido para a sua firma do que outros que têm seguido servilmente a política convencional. Esse aspeto fortemente realçado irá marcar-se naqueles que participarem na reunião.

É mais do que possível que ele possa alcançar os seus fins e ao mesmo tempo reter a sua integridade sem que seja beliscada. Eu com efeito não sou um negociante assim, no entanto estou ciente de que o verdadeiro valor fala por si, já que o valor que ele representa para a empresa é evidente.

Esta mesma individualidade e independência que o tornou um vendedor extraordinário, operará de modo ainda mais eficaz se ele estiver numa posição elevada de responsabilidade. A individualidade, originalidade e determinação dele na realidade representam o valor que tem para a empresa, e eles sabem disso.

Recuar seria desastroso. Eles pretendem agora, mesmo agora, comprometer-se. Mas uma firme postura da parte do John resultará em compromissos que eles não estão agora a considerar, mas que precisam ser tomados para lhe garantir a relativa ventura no campo.

Qualquer compromisso de princípio da parte do John será interpretado não como um compromisso, mas como fraqueza, e resultará em desfavor do respeito com que eles agora o encaram. Se estes aspetos forem considerados e seguidos, então os ganhos financeiros revelar-se-ão. Eu mencionai antes que tu não percebes com clareza o significado da natureza prática. Tu vais conseguir o que queres John, somente por esses indivíduos te respeitarem a despeito das diferenças. Eles estão cientes do valor que tens.

Eles haverão de conseguir aquilo que querem às tuas custas, se te mostrares fraco, mas isso não é ser prático.

A força evidencia-se por si só. A força é respeito, porém, a verdadeira força é resultado de uma excelente comunicação entre o eu externo que enfrenta o mundo e o eu interno que se volta para dentro.

Esses indivíduos percebem exatamente o valor que tens, e eles, dois em particular, receiam-te. Recuar agora resultará não só no fracasso nos negócios mas no fracasso pessoal que haveria de te atormentar para o resto da tua vida.

Nós aqui temo-nos interessado com a expectativa, e a forma como ela influencia o ambiente, e o mundo real que criais para vós. Isto está longe de ser mera treta otimista, mas é prático e resulta.

Os homens pressentem o medo. Os homens conhecem uma farsa. Pela tua integridade pessoal, deves dispor-te a comprometer a presente segurança financeira. Se te dispuseres a fazer isso, esses indivíduos detetarão que não te poderão dobrar, e em geral aceitarão os teus termos.

Aquilo que te dispões a arriscar, não porás em risco. Aquilo que temes arriscar, perderás. Estes aspetos são extremamente importantes, e eles hão de resultar, John. Há um sentido quase instintivo com que os homens reconhecem o temor no outro, e se eles pressentirem o medo da tua parte poderão usar de barganha contigo.

Tudo isto poderá parecer-te altamente teórico e pouco prático. No entanto, eles conhecem bem a independência que é a base do valor que tens para eles. Eles tratariam, caso pudessem, de te chamar à razão; só o suficiente para te tornar mais agradável. No entanto, quando a questão se puser, se te mantiveres firme, então eles irão considerar-te nos teus termos em vez de te alienar. Porém isso depende do conhecimento que obtiverem de que a tua postura é sincera e determinada. Se eles pressentires que te comprometes, não nos pequenos aspetos mas nos princípios básicos, então perderás essa cartada que lhes estás a mostrar. Se eles pensarem isso tu irás em última análise continuar, por causa das finanças, pelo que não terás nada com que fazer barganha.

Pretendo discutir outros aspetos com que infelizmente o John se acha envolvido. Porém, com base na imensa generosidade de coração de que gozo, vou fazer uma breve sugestão. Tens sido tão fiel e deveras tão diligente na discussão que temos feito do assunto, acerca de temas que importam, que te vou deixar ir embora, caso a Jane e tu (Robert) quiserem acompanhar o vosso deprimido John no passeio que fizer de bar em bar. Não irão achar isto demasiado desagradável, e de facto fará bem a ambos; e eu irei acompanhar-vos e permanecer um parceiro que vai ficar em silêncio se preferirem, embora a situação se torne bastante divertida caso me permitam dizer uma palavra de vez em quando. Agora, uma palavra acerca de uma outra situação.

Bem, a Jane deixa-me confuso com a sua longa crina de cavalo; sinto o pescoço a aquecer - uma palavra acerca de uma outra situação.

Não me atrevo a entrar numa discussão geral acerca do tema das mulheres, dado que a Jane realmente ficaria a ferver. Não sei porque razão haveria de reagir desse modo; unicamente com base num sentido

equivocado de lealdade, suponho. No entanto, gostaria de fazer umas observações acerca de uma situação particular. Eu tenho um jeito com as mulheres, que no meu tempo resultava muito bem. Com efeito eu fui mulher, e a Jane foi homem. Apesar disso, se estas sessões fossem feitas através de ti, Robert, em vez da Jane vocalmente, então a mulher do John não ficaria tão preocupada. Esta não é uma reação consciente da parte dela, embora ela reaja conscientemente contra a mulher que tem gravado as sessões.

Ser, ou tentar ser um ser humano completo, é difícil. Por causa da civilização ocidental em particular, isso torna-se extremamente difícil para as mulheres em particular. Isto não se destina especificamente à Jane; ou seja, ela não precisa ficar muito enfatuada, nem se deve sentir ofendida tampouco. No entanto, tanto a Jane quanto a mulher que transcreveu as notas são invulgarmente independentes, e as mulheres ressentem-se da independência das outras mulheres, embora apreciem a mesma qualidade num homem. Aquilo que elas receiam é que as responsabilidades decorrentes da independência lhes sejam atiradas à cara. A imagem interna mais apessoada do John, a imagem interna primária, é a de um homem individual e independente. Não é preciso muito para notar isso. Isto que não quer dizer que ele não seja um homem de família, mas a imagem de homem de família foi invertida por ele, assim como por outros. (Apontando para o John de forma enfática, a Jane riu)

Nenhuma observação depreciativa é intencionada, mas ele fracassou num aspeto importante da vida pessoal; e se respeitosamente pedires que me cale, eu calar-me-ei.

(John: Não, Seth, continua.)

Tu não te apresentaste a ti próprio à mulher que é tua esposa num aspeto muito importante. Ela vê o indivíduo que tu permitiste que ela visse; e essa imagem é a de marido. Essa imagem acha-se comprometida com certas emoções geralmente ligadas à instituição do casamento, e à de um respeitável ganha-pão e de pai. Tu não apresentaste por completo a tua imagem interior, mas apenas lha sugeriste, pelo que para ela, é secundária e irreal, sempre que ela se vê confrontada com acontecimentos em que te comportes de acordo com a imagem interna que tens de ti, ela fica confusa, e imagina que tu sejas demente.

(Uma vez mais o John riu)

Por agora vamos deixar passar isso do demente, mas isso representa um fracasso da tua parte, e uma atitude um tanto presunçosa de esconder da vista o que é melhor. Não podes, consequentemente, esperar que ela compreenda. Não cabe no domínio da sua natureza nem experiência, mas tu podes levar isso ao domínio da sua experiência; e o que fizer parte do domínio da experiência dela tornar-se-á parte da sua natureza.

Ela sente-se enormemente preocupada com os vossos filhos. Ela vê-te da maneira que te mostraste, e, no entanto, não vê a tua parte importante, por optares por não lha mostrar. Com o tempo, essa tua parte poderia trazer-lhe uma imensa ajuda, embora não por intermédio de nenhuma revelação dramática imediata. A independência é receada pela maior parte das mulheres, e, no entanto, admirada. Se ela te conhecesse conforme tu te conheces a ti próprio, para falar de uma forma geral, então não se sentiria tão receosa.

Ela pensa que tu sejas inteiramente composto da imagem que lhe mostras. Consequentemente, qualquer mudança que essa imagem sofra deixa-a apavorada. Se ela soubesse que és mais do que essa imagem, não se agarraria tão fortemente a essa imagem.

Geralmente não me volto inteiramente para questões pessoais. Contudo, isto já se estendeu demais. Vou deixar que descanses.

Os dois indivíduos de quem falei estão à procura de um buraco na tua armadura. Eles receiam um possível avanço da tua parte. Eles recearam-no desde que o teu valor foi pela primeira vez determinado. Eu disse-te antes que iriam ocorrer mudanças internas, creio que, num período de três anos. Se seguires estas sugestões, irás dar a volta e obter a vantagem de uma reviravolta definitiva, e já estás a ser observado por indivíduos que ainda não se sentem na posição de falar.**

(A Jane apontou de novo para o John)

Espero que todos nos divirtamos esta noite. Pela minha parte faço intenções de me divertir; e a ti, meu jovem, foi-te dado o melhor conselho da tua vida, ou eu não o diga. Não vos vou deixar, mas vou dar a sessão por terminada, e vou seguir-vos pelas vossas andanças. Não sugiro uma embriaguez total da tua parte, John; apenas metade.

**NT: Seth realça o aspeto importantíssimo da barganha feita consigo próprio em termos da aceitação servil a que se pode recorrer em nome da defesa do que nos pode ser 'tirado,' ao invés do que pode ser tirado que não procede da nossa própria iniciativa, atitude esta que sempre concorrerá para a nossa própria integridade.*

***(NT: Seth tocou nesses aspetos numa sessão anterior, que passo a incorporar abaixo.)*

(Termina às 22h01. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Terminou a sessão de muito bom humor. Todos nós ficámos surpreendidos com o seu final rápido e com a sugestão do Seth para sairmos com o John. Pode notar-se que, a esta altura, o John parecia estar de melhor espírito.)

(Para registo, acrescente-se que, embora tenhamos ido beber cerveja, antes levámos o John até à casa que planeamos comprar, para uma inspeção rápida da propriedade. O John precisava de saber a localização,

de qualquer modo. Levámos uma grade de seis e fizemos a curta viagem para fora da cidade, subindo a estrada de terra ao longo da encosta.)

(Estava, claro, muito escuro, mas víamos algumas luzes no vale abaixo. A noite estava no ponto. O John estacionou o carro de modo a que os faróis iluminassem a casa razoavelmente bem, e mostrámos-lhe o que foi possível sem chave para entrar. Sentámo-nos na varanda frontal longa e larga e bebemos a cerveja. A ideia partiu da Jane, e ela achou que havia hipótese de o Seth se manifestar enquanto estivéssemos na propriedade, mas não aconteceu.)

(Nem revelou a sua presença quando mais tarde nos sentámos numa tasca do bairro, com mais cerveja. Foi um momento muito calmo e relaxante; despedimo-nos do John por volta das 2h00.)

(Enquanto tentava o tempo psicológico tive as seguintes experiências:)

(Ter., 14/7, 20h45: Esta experiência aparentemente tinha algo de diferente para oferecer. Mal atingi o estado desejado, comecei a sentir como se tivesse as pernas cruzadas pelos tornozelos, embora intelectualmente soubesse, claro, que não estavam. A sensação era diferente e bastante nítida; a pressão de um tornozelo sobre o outro era inconfundível.)

(Enquanto esta sensação se desenvolvia, ouvi muitos sons dispersos e indefinidos, música e vozes, e tive alguns relances extremamente breves de pessoas em várias posturas, todos demasiado vagos para identificar.)

(Depois, a sensação de membros cruzados surgiu nas mãos. Embora estivesse deitada de costas com as mãos junto aos flancos, e soubesse que as mãos estavam assim posicionadas, comecei a ter a sensação de que estavam cruzadas ao nível dos pulsos e pousadas sobre a minha cintura. Esta sensação tornou-se muito nítida e inconfundível, e de facto mais intensa do que nos tornozelos. Por fim, tornou-se tão definida que exigiu de mim um ato formal de vontade para me impedir de mover efetivamente as mãos para confirmar que não estavam cruzadas sobre a cintura.)

(Ainda assim, verifiquei que estavam junto aos flancos, simplesmente exercendo uma pressão ligeira para baixo, contra a cama, para conseguir sentir a cama. A sensação durou alguns minutos, tempo mais do que suficiente para garantir a verificação. Tornou-se então bastante diversificada e, uma vez mais, tive a sensação peculiar de existir em dois níveis ao mesmo tempo. Já experienciei esta sensação algumas vezes antes, mas não exatamente desta maneira. Isto pode ser uma experiência significativa; tenho a sensação intuitiva de que representa uma tentativa clara de viagem psíquica da minha parte.)

(Qua., 15/7, 20h15: Alguns resultados; sons vagos de música e vozes.)

(A Jane: 14/7, 11h30: Ouvi claramente uma voz não identificada dizer: «O Pierre descerá esta noite; estará à porta.»)

(A Jane: 15/7, 11h30: Enquanto tentava o tempo psicológico, comecei a sonhar acordada com a casa que planeamos comprar. Nesse estado, abri uma torneira no lava-louça. Tive então a experiência surpreendente de ouvir a água jorrar da torneira com a mesma nitidez de quem está na mesma divisão.)

SESSÃO 71

15 de julho de 1964

(Às 20:58, a Jane disse que não se sentia muito nervosa, mas sentia-se estranha porque não fazia ideia do que o Seth iria falar. Ela disse que tinha a cabeça na casa que nós planeamos comprar, em vez de em a sessão. O nosso gato, o Willy, também estava muito quieto.

A Jane começou a ditar com voz normal, e assim se manteve durante a sessão. O andamento foi moderado, os olhos escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A única matéria que importa a o teu Ruburt agora é a casa nova, embora eu tenha a certeza de que não preciso dizer-to. Tu fizeste um bom serviço a o Philip e também te divertiste a sair na outra noite. Eu estive convosco por um bocado na vossa festa improvisada em a casa. Ele, o Philip, deverá sair-se bem na situação dele se a levar por diante.

Eu gostaria de continuar a nossa discussão sobre a matéria. Se tu te recordas, nós estávamos a entrar em construções primárias e secundárias. Há, claro, muitas subdivisões aqui, e também outros tipos de construções. Nós começaremos, porém, por as primárias e as secundárias.

Uma construção primária é um gestalt psíquico, formado em matéria por uma consciência de si. Tal construção primária é uma tentativa de criar, em o mundo de a matéria, uma réplica de a construção psíquica interior de o eu total. Tal construção primária permite que a consciência opere, manipule e seja percecionada em o mundo de a matéria. A construção física de a consciência nunca fica completa no que respeita a cumprir o propósito interior; isto é, a consciência nunca pode construir-se totalmente em matéria — e fazê-lo aprisionaria de facto tal consciência, de modo que ela não pudesse escapar à natureza transitória de a própria matéria. Mesmo uma construção primária é, portanto, apenas uma aparência parcial de a natureza interior em matéria.

O termo consciência, como eu o uso aqui, pode precisar de alguma explicação, embora tu devas já perceber o que eu quero dizer. Aquilo a que tu chamas a tua consciência, ou o teu eu, ou o teu ego pensante, representa, claro, apenas uma porção de a tua consciência total — a parte que tu estás a

usar agora. É como se, por exemplo, a consciência de qualquer eu total fosse comparada a uma luz enorme — quase infinita — com a capacidade inerente de focar em muitas direções; de se difundir, como se a luz tivesse muitos interruptores que a virassem para intensidades e direções maiores ou menores. Algumas condições, alguns caminhos e países, exigiriam feixes diferentes para enfrentar circunstâncias diferentes — como em os automóveis tu usas máximos ou médios conforme a necessidade; e, nalguns casos, os máximos não só seriam ineficazes como perigosos, e então usam-se os médios. Assim, o eu total liga e desliga várias porções de a sua consciência total conforme o campo em que o eu total se empenha em fazer contacto, manipulações, e conforme o campo em que ele se empenha em se projetar. Usar a consciência total seria extremamente distrativo em muitos casos.

Quando eu falo, portanto, de construções primárias em o campo físico, outros campos têm, claro, as suas próprias construções primárias também — embora não sejam compostas de matéria em os vossos termos. As construções físicas secundárias são aquelas criadas por uma consciência a partir de a sua conceção de outras consciências, com base em dados recebidos por telepatia e outros meios. Eu sugiro o vosso primeiro intervalo.

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou, do mesmo modo deliberado, às 21:32.)

A consciência, portanto, forma a construção primária em torno de si — não para se proteger de a matéria, mas para se aliar a ela — ficando a consciência obviamente difundida por toda a construção física. Ela paira sobre e dentro de a construção. Não fica aprisionada por a construção. O aparente aprisionamento de a consciência dentro de a construção primária resulta de ignorância e também de uma incapacidade que surgiu por várias razões. No que toca a usar todos os poderes de a consciência, isto é estritamente cultural e nada tem que ver com as propriedades inerentes quer de a consciência quer de a matéria.

As construções secundárias, sendo compostas de átomos e moléculas, contêm consciência generalizada e compreensão encapsulada inata. Não contêm a direção pessoal unificadora, integradora e organizadora de um eu total. Cumprirão, no entanto, o seu cumprimento de valor e, dentro dos limites estabelecidos pelas suas próprias capacidades, desempenham também as funções de construção. Isto deve ser óbvio.

Aqui nós esbarramos com algo de que eu por vezes falei, sobre pós-imagens; dado que, em realidade, todas as construções são simultâneas, repara que eu uso o termo “pós” apenas por simplicidade para o vosso modo de pensar. Estas pós-imagens podem ser imaginadas como a ondular para fora a partir de qualquer construção primária. Teoricamente, não haveria fim para elas. Variam, claro, em intensidade.

O entrelaçar de consciência e matéria é dos mais intrincados e altamente complexos. Em todos os casos a consciência vem primeiro, e forma as suas construções físicas segundo as suas capacidades — formando primeiro a sua própria construção primária e, depois, ramificando-se para fora, construindo imagens secundárias de outras consciências com que entra em contacto. Os aspetos cooperativos de a construção por a consciência formam todo o tecido de o vosso universo material.

Uma subdivisão de construção primária pode ser chamada a construção-espelho distorciva, que incluiria, claro, a construção física de outro ser físico no nascimento. Esta tentativa distorciva de recriar o eu, mais uma vez, em o plano físico — e de assegurar continuidade de o eu dentro desse plano — está na base da divergência de tipos e características físicas. Tal criação, ou recriação, é obviamente impossível. As distorções são tão grandes que a tentativa está condenada à partida. Não obstante, ela é tentada e é um adjunto físico necessário a as construções em o vosso campo.

Eu já expliquei o nascimento, pelo menos brevemente. O novo ser humano não é, obviamente, nem o pai nem a mãe, e no entanto é, obviamente, uma construção formada por cada um, a partir de matéria física pertencente a cada um. Ainda assim, a matéria física de o recém-nascido não contém nenhuma de a mesma matéria física que foi recebida inicialmente de os pais. A matéria original desapareceu completamente, para ser substituída por outra matéria, à medida que a consciência de o bebé lentamente constrói em torno de si a sua crescente perceção de si própria em matéria física. Os pais, portanto, dão partes definidas de a sua própria matéria física para iniciar a construção de o bebé — e, contudo, não é essa matéria particular que cresce.

(De novo, a Jane entregava este material muito devagar, com muitas pausas.) Chama a a matéria particular dada por os pais "x" e "y". Quando a criança nasce, não contém em parte alguma dentro de si essas porções particulares de matéria chamadas x e y. Poderia parecer que a matéria mudou. Em vez disso, a matéria desapareceu — nos modos que eu expliquei antes. Tu lembras-te?

("Sim." — Ver a 60.ª sessão, página 144, entre outras.)

Nenhuma partícula de matéria em o recém-nascido é a mesma que estava contida quer em o feto quer, antes, em o espermatozoide ou em o óvulo. Eu entro nisto por uma razão. Deixa isto um momento e considera uma semente — uma semente de relva. Tu dizes que a relva cresce de uma semente, mas a relva não é a semente. A matéria de a relva não é a matéria de a semente. Pela experiência, tu sabes que a semente muitas vezes precede a relva. Eu sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:03. A Jane estava dissociada, como de costume. A minha mão de escrita não sentiu fadiga. A Jane retomou do mesmo modo às 22:10.)

Como de costume, isto é pôr as coisas ao contrário. A relva não contém nenhuma partícula de matéria que seja idêntica à de a semente. Aqui tu vês claramente a diferença entre cumprimento de valor e aquilo a que tu chamas crescimento. Em o vosso campo físico, cumprimento de valor consiste no desenvolvimento da capacidade de o imaterial se exprimir dentro de o campo físico. "Crescimento" é uma conceção errónea que começa com a ideia distorciva de matéria física contínua, durável em o tempo. E, como tu sabes, em vez disso, a matéria é a expressão simultânea de a consciência. A matéria tem pouca — na verdade, nenhuma — durabilidade em si; é meramente a forma instantânea tomada por a consciência ao projetar-se em o campo físico.

A relva é comum. Supõe-se que cresce de a semente, e, no entanto, nenhuma partícula de matéria é a mesma em a relva ou em a semente. A semente não cresce em relva. As bolotas não crescem em árvores. As crianças não crescem em adultos. Em todos os casos, nenhuma partícula de matéria é a mesma na versão "crescida" e na construção inicial. A matéria não cresce. Eu não o posso tornar mais claro.

(Agora a Jane fez uma longa pausa enquanto percorria a sala.)

Há, obviamente, algo de idêntico — e uma certa continuidade — entre a criança e o adulto, mas não é a matéria. A consciência, segundo a sua capacidade, projeta-se em o plano físico e, através de o cumprimento de valor, constrói a sua imagem. Tem de trabalhar de acordo com a sua capacidade para o fazer. Tem primeiro de firmar pé, por assim dizer; daí a nossa semente. À medida que a consciência ganha esse apoio, projeta-se com mais eficácia. Ela dispensa os seus átomos e moléculas — ou matéria — quase instantaneamente, como vocês sabem. Os átomos e as moléculas aparecem e desaparecem. O lugar delas é tomado por outros, tão rapidamente que vocês não notam o ir e vir constante.

A forma que a consciência assume em o campo de a matéria é determinada pela sua própria força e capacidade. A consciência força a sua entrada em a matéria. Tu deves então ver que, embora tu chames a uma porção particular de relva uma "haste" de relva, a matéria que a compõe não é estática ou permanente, e não está um objeto físico particular a "crescer", visto que a matéria que o compõe não é estática nem permanente. Tu dizes que a matéria que o compõe muda de forma contínua, mas não é o caso. A continuidade aparente resulta de a tua incapacidade de percecionar os átomos reais que compõem a matéria à medida que aparecem e desaparecem. Porque a relva surge onde foram lançadas sementes, tu saltaste para a conclusão de que a matéria de as sementes

cresce a partir de a matéria de que são compostas — e que a relva cresce a partir de a matéria efetiva de as sementes.

De novo: não há absolutamente continuidade alguma entre a matéria que compõe as sementes e a matéria que compõe a relva. O que tens, em vez disso, é o cumprimento de valor de a consciência por trás de a matéria, à medida que se expande e se expressa em várias formas. Dado que tu podes, mais ou menos, contar com o aparecimento de a semente antes de a relva, tudo isto pode parecer fazer muito barulho por nada — mas é muito importante, como verás mais tarde. Não é a matéria que tem continuidade, e não é a matéria que dita a forma. Eu sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:36. A Jane estava dissociada, como de costume. A minha mão de escrita não sentiu fadiga. A Jane retomou, do mesmo modo muito deliberado e atento, às 22:38.)

Agora que nós abordámos a natureza de a matéria no que toca a a relva, tu compreenderás mais claramente a minha próxima analogia. Considera um relvado. Obviamente, isto é uma designação arbitrária por utilidade. Por si, a matéria de a relva não se forma em relvado. Tu limitas certas porções de relva e chamas-lhes "relvado". É o mesmo que fazes quando designas certas porções de matéria como "hastes" de relva. Relvados não "vêm" de a relva. Ou seja: a relva não cresce "em" relvado. Tu acompanhas-me aqui?

("Sim.")

E, então, as sementes também não crescem (sublinha isto para ficar claro) "em" relva. Tu percecionas certa matéria como hastes de relva, tal como percecionas a matéria de a relva como relvado. Tu vês claramente que a matéria de a relva em um relvado não é a mesma. Então entende também que a matéria dentro de uma única haste de relva não é a mesma. Tu chamas a um soalho "soalho". Pode acrescentar-se matéria ao soalho na forma de tinta ou verniz, e tu continuas a chamar-lhe soalho. Pode acrescentar-se tinta a uma casa — e a tinta pode desaparecer por desgaste — e tu continuas a chamar-lhe casa. Tu chamas a ti próprio "tu mesmo", embora a cor de o teu cabelo possa mudar; e, de facto, o adulto tem pouca semelhança com a criança.

A forma simplesmente não pode ser uma característica de a matéria, já que se pode demonstrar que a matéria vai e vem, enquanto a forma, em muitos casos, permanece reconhecível. Este será um ponto vital em discussões futuras. Tu tens — e terás — de aprender a olhar as coisas de um novo modo, e muitas implicações nascerão de a discussão de esta noite que nos levarão mais longe. Tu verás, com clareza, que a matéria é criada simultaneamente e não tem duração — sendo completamente, e quase de imediato, substituída por outra matéria — e que a identidade e a continuidade não são características de a matéria, devendo encontrar-se noutros lugares.

Esta foi uma sessão muito frutífera, e eu encerrá-la-ei, a menos que tu tenhas perguntas que me queiras fazer.

("Acho que não tenho, por uma vez.")

Então eu direi boa noite. Talvez eu vos acompanhe a a vossa casa no sábado, embora eu recuse fazer a limpeza de o Ruburt por ele.

Deixa-me dizer-te que só agora, com este material, nós começaremos realmente o salto para a verdadeira compreensão de as coisas como elas são. As minhas felicitações a ambos. Vocês concluíram, assim, as lições preliminares de o nosso curso — e eu quero dizer preliminares. Este é o material sem o qual nenhuma compreensão profunda poderia ser alcançada. Marca o primeiro passo importante em o vosso desenvolvimento e entendimento — e eu dar-vos-ei um A.

Ainda assim, ele representa apenas o ponto de base de realização — um primeiro passo necessário em o caminho. Eu estou muito satisfeito com ambos, e isto pode ser chamado o fim de o livro um. Haverá muitos mais livros —

("Ótimo.")

— mas este é o manual de principiante. Tanta parte quanto possível deverá ser lida por quem quer que venha a interessar-se. É um livro de factos tal como têm de ser interpretados para a vossa compreensão — e essa última frase é extremamente importante, porque têm de ser interpretados e traduzidos em termos que vos sejam compreensíveis.

Vocês não só se saíram bem ao nível de a teoria como também estão a aprender a aplicação prática, o que é excelente. Em o trato com o universo físico e com outros indivíduos, vocês fizeram grandes progressos. As vossas construções melhoraram enormemente — e em linha com as vossas expetativas. Nós entraremos nisto na próxima lição, pois o assunto é vital. Vocês ajudaram outros, assim como a vós mesmos. Qualquer prudência aparente de a parte de o Ruburt foi necessária, particularmente no início. Esta prudência será gradualmente substituída por expetativa e confiança, mas é um elemento necessário. As capacidades psíquicas de ele estão a ser canalizadas — como devem ser. São demasiado fortes para lhes ser permitido já maior liberdade. Ainda assim, mesmo agora, a confiança de ele começará — e isso ajudará no desenvolvimento de sessões futuras.

A tua força psíquica é extremamente importante, o Joseph, nas nossas comunicações; sem ela, uma comunicação adequada seria muito difícil. Porque nós três estivemos estreitamente envolvidos em o passado, o gestalt psíquico entre nós é possível. E nós temos um gestalt psíquico. Eu vou agora encerrar, mas queria dar-vos algo como um boletim, por assim dizer. E podemos acabar por falhar algumas sessões devido a as vossas férias e a a compra de a casa — mas não muitas. Boa noite, meus queridíssimos amigos e alunos. Mesmo agora eu preparo a vossa casa nova para vocês,

em modos mais importantes do que a limpeza física que o Ruburt contempla.

(“Boa noite, Seth. Uma sessão muito boa.”)

(Fim às 23:10. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que o Seth poderia ter continuado, se nós quiséssemos. Por esta altura, a minha mão de escrita estava cansada, e a Jane bastante cansada. Foi uma daquelas sessões que realmente lhe exigiram; ela disse que sentiu o Seth a “empurrar” o material.)

(De novo, esta é uma experiência com tábua Ouija que a Jane e eu conduzimos no domingo, 19 de julho de 1964, às 22:45. Foi feita principalmente porque a noite estava extraordinariamente quente; demasiado quente para fazer grande coisa, e a Jane e eu não tínhamos muito sono. Eu tomei notas “verbatim” à medida que avançávamos. As palavras sim e não, soletradas em a tábua, são aqui colocadas entre parêntesis sempre que o indicador se moveu até elas. As respostas que a Jane recebeu mentalmente antes de a tábua as soletrar são assinaladas com .)

(“Está alguém aí?”)

(Sim).

(“Pode dar-nos o seu nome, por favor?”)

Reach soon come o (sim).

(“Pode dar-nos as suas iniciais?”)

H. R.

(“Está correto? H.R.?”)

(Sim).

(“Pode soletrar o primeiro nome?”)

Hubbell.

(“E o apelido?”)

Roberts.

(“Em que ano morreu, o Hubbell Roberts?”)

1863.

(“Onde? Em que país?”)

Inglaterra.

(“Em que cidade ou vila, ou província, etc., morreu?”)

Longshire.

(“Pode descrever Longshire para nós?”)

Cidade.

(“Conheceu o Tom Roberts?”)

(Ver a sessão de tábua Ouija de 3/7/1964, página 201.)

Sim.

(“Qual era a relação de o Tom Roberts contigo?”)

Irmão.

(“Conheces o Seth, o Hubbell Roberts?”)

Não.
("Tiveste filhos?")
Sim.
("Quantos?")
4.
("Destes, quantos eram rapazes?")
1
("Tiveste um filho do sexo masculino, está correto?")
Sim.
("Podes dizer-nos o nome de o rapaz?")
O Ted (sim).
("Em que ano nasceu o Ted?")
1
("Quantos anos tinhas então, o Hubbell Roberts?")
35.
("O teu filho Ted alguma vez casou?")
Sim.
("Podes dizer-nos o ano em que o Ted casou?")
Não.
("Porquê?")
Esqueci.
("Então, podes aproximar a data em que o Ted casou, digamos dentro de 5 anos?")
1840.
("Está correto?")
Sim.
("Com quem casou o Ted?")
A Alice Matigen.
("A Alice e o Ted tiveram filhos?")
7.
("Podes dizer-nos o ano em que nasceu o último filho de eles?")
Não.
("Podes aproximar?")
Eu já estava morto.
("O Hubbell Roberts, tens parentes vivos?")
O Elmar, a Jane, a Ruth, a Maude, outros.
("Elmar, a Jane e eu" entendemos que se referem a o pai de a Jane, o Delmer. O nome de ele é o Delmer Roberts; e o Hubbell é o apelido de família. Em este contínuo questionar sobre descendentes, nós queríamos obter informação suficiente para a Jane poder perguntar a o pai algumas coisas sobre a árvore genealógica de a família; a Jane nada sabe, e o pai de ela não discutiu o assunto com ela. A tarefa agora é saber se o Delmer ou a

Jane tiveram um tio-trisavô chamado Tom Roberts, e se o Tom Roberts tinha um irmão chamado Hubbell Roberts.)

("O Hubbell Roberts, qual é o teu nome de entidade?")

O Humphry.

("Quem é o teu professor em o teu plano?")

Não.

("Queres dizer que não tens ninguém a ajudar-te onde estás?")

Sim.

("Bem, então quem?")

Amigos.

("Podes dizer-nos quem são alguns de os teus amigos aí?")

Não.

("Por que não nos dizes?")

Sem propósito.

("Poderemos contactar-te no futuro?")

Sim.

("Boa noite então, o Hubbell Roberts.")

Adeus. Sim.

(Fim às 23:28.)

(Ao tentar o tempo psicológico, a Jane teve as seguintes experiências:

(Dom., 19/7, 21:10: Assim que atingi o estado desejado, eu vi um homem numa motorizada a entrar na via privada de uma casa. Depois eu ouvi uma voz — creio que a própria — dizer "Baynor Road", ou "Baynor Drive"; eu não tenho a certeza de qual.

Mais tarde, eu entrevi uma mulher a entrar numa divisão por uma janela aberta. Ela ficou ali, dentro da janela, e depois saiu de novo pelo mesmo sítio.)

(Seg., 20/7, 11:30: Eu tive várias imagens rápidas, em cores vivas, assim que estava no estado adequado. Primeiro eu vi uma garrafa de vinho vermelha pousada num canto feito de blocos de cimento.

Depois eu vi água verde brilhante, com muita matéria viva, a passar veloz. Parecia que eu mergulhava para baixo através dela, embora não fosse tocada; eu parecia estar fechada dentro de uma enorme bolha. Depois eu vi um jorro de água azul a correr à minha direita, como um rio.

Depois eu estava dentro de a casa que nós tencionamos comprar. Eu estava de frente para dois homens com roupa de trabalho; um deles era moreno e, creio, por barbear. Eu perguntei quem eram. Eles disseram que eram de a companhia de gás. Eu não sabia como tinham entrado. Disseram então que iriam precisar de uma chave; tinham de ter o local aberto para entrar.

A seguir eu vi água no lava-loiça da mesma casa, e eu deixei-a correr pelo ralo ao virá-lo.)

(Ao tentar o tempo psicológico, eu tive as seguintes experiências:

(Qui., 16/7, 20:30: Sem resultados.

Sex., 17/7, 21:00: A meio de alcançar o estado desejado, eu comecei a sentir a familiar sensação de estremecimento em as mãos. Deitada de costas na cama, com as mãos voltadas para baixo, eu senti como se o segundo dedo de cada mão se dobrasse ou recuasse para uma posição fletida. A sensação foi muito nítida; eu verifiquei com pressão descendente de os dedos que, de facto, ainda repousavam planos sobre a cama.

Depois, como se um interruptor tivesse ligado, o estremecimento varreu-me com força de os pés até a a cabeça; começou a subir de o meu pé esquerdo.

Então a sensação em as mãos mudou. Pareciam aumentar, principalmente em comprimento. Eu parecia estar consciente de outro par de mãos a aparecer mesmo por cima de as minhas, a estender o alcance e a dimensão até uns 25 cm de comprimento. A sensação durou vários minutos. Durante todo este tempo, este par extra de mãos pairava logo acima de as minhas, lembrando-me, em parte, garras arqueadas. Outra vez, eu tive de resistir ao impulso de mover as mãos de forma drástica para ver se, na carne, estavam de facto sem distorção.

O estremecimento voltou, desta vez em menor grau e a descer de o topo de a cabeça. A primeira vez subira pelo corpo desde o pé esquerdo.

Depois, algo novo: eu tive uma breve sensação ondulante ao longo de o centro de o peito, como se, outra vez, eu tentasse erguer-me para fora de mim. Embora breve, a sensação foi nítida e bastante agradável. Em tudo isto, eu tive de novo a intuição de estar a tentar viagem psíquica.

Eu não vi nada durante esta experiência, mas ouvi uma voz não identificada proferir uma frase, com nitidez; eu já a tinha perdido quando saí de o estado.)

(Sáb., 18/7: Falhei.

Dom., 19/7, 21:00: Eu senti um leve estremecimento assim que eu me deitei. Estava talvez a meio de alcançar o estado desejado quando eu me apercebi de o meu pai no meu campo de visão centro-esquerdo. Em traços gerais, eu vi-o sentado, recostado numa poltrona, a perna direita cruzada sobre a esquerda, e a segurar um jornal aberto. A minha visão de ele era a 3/4 por trás. O pai sacudiu o jornal de forma bastante enfática e depois disse uma frase de várias palavras que eu agora esqueci. Tentei muito lembrá-la e recordo-me de a repetir várias vezes para a fixar na memória.

Mais tarde, eu estava a ver a Jane e a minha mãe. A Jane estava à minha esquerda, a Mãe à direita. Entre elas, na parede, havia um desenho de a Jane, com passe-partout cinza-esbranquiçado de uns sete ou oito centímetros. Apontando para o desenho, a Mãe perguntou a a Jane: “Foste tu que fizeste isto?” “Fui”, disse a Jane. A Mãe então disse: “Não está muito bem emoldurado. Talvez o Pai consiga fazer melhor.” Estas citações

são quase exatas, enquanto, por alguma razão, eu não me lembro de todo do que o Pai disse.

Depois eu tive uma versão algo diferente de a minha sensação de estremecimento: em os braços do cotovelo para baixo, incluindo as mãos, e em as pernas do joelho para baixo, incluindo os pés. Foi mais forte na perna e no pé direitos, igual em os braços. Os braços e as pernas superiores ficaram livres de a sensação. Foi semelhante a uma sensação de aperto, suficientemente clara para não haver dúvida quanto à sua existência.)

(Seg., 20/7, 20:00: A noite estava muito quente e húmida, e foi difícil alcançar o estado desejado. Ainda assim, eu tive uma sensação nítida e generalizada de aumento em os antebraços e mãos.)

SESSÃO 72

20 de julho de 1964

(Depois de o jantar, esta noite, eu fui à esquina a o consultório de o Dr. Piper e convidei-o a assistir à sessão, já que na semana passada ele mostrara interesse. O nosso amigo aceitou o convite, com a condição de que viria a o apartamento se o consultório ficasse livre de doentes até às 21:00. Nós combinámos ainda que ele viesse à sessão de quarta-feira se não pudesse vir esta noite.

A noite estava muito quente e húmida. Às 20:55, o Dr. Piper não tinha aparecido e, de o meu estúdio no fundo de o apartamento, eu conseguia ver, por trás de os quintais, as luzes de o consultório ainda acesas. A Jane estava apenas um pouco nervosa antes de a sessão. "A ideia de pessoas que nós conhecemos virem às sessões não me incomoda nada", disse ela. "Só fico mesmo nervosa quando são estranhos a vir."

A Jane começou a ditar à hora, e com voz calma e normal. O andamento estava confortável; os olhos, escuros como de costume. Ela manteve estas atitudes durante toda a sessão, embora, onde indicado, fizesse pausas bastante longas ao entregar o material.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu estou satisfeito por nós entrarmos agora em a fase secundária de a vossa educação. Pode dizer-se que vocês concluíram o nível de jardim-de-infância de realização e treino. Eu digo isto não para minimizar os vossos esforços até aqui, mas apenas para dar uma pista de quanto ainda está para vir. Nós estaremos ainda algum tempo envolvidos em a discussão de a matéria, e as discussões serão muito importantes sob muitos pontos de vista.

A forma não é uma característica de a matéria, apesar das aparências. A matéria, por si, não possui durabilidade. É em si, portanto, incapaz quer de crescimento quer de deterioração, em os vossos termos. Nós podemos levar isto já mais longe — apesar de certos perigos de má interpretação que poderiam, mas eu espero que não, resultar.

A matéria é, como vocês sabem, formada. A matéria é o resultado de composição molecular. Um objeto é composto de matéria — isto é verdade. Os vossos sentidos externos então percebem a matéria como objetos particulares, diferenciados, separados.

(A esta altura, a Jane falava mais devagar, com bastantes pausas longas entre frases.)

Os objetos existem — e, noutro sentido, os objetos não existem. Eu disse-vos, por exemplo, como vocês e outros constroem, digamos, um televisor, uma cadeira, uma imagem ou uma mesa. Usando energia, vocês manipulam átomos e moléculas existentes num certo padrão que vocês, e outros como vocês, reconhecem como um objeto particular. O objeto, nesse sentido, existe. O facto, porém, é que ele existe como objeto particular por causa de a vossa construção íntima dele num padrão particular, e por causa do reconhecimento que lhe dais.

(Agora a Jane caminhava para trás e para a frente no espaço de uns 60 cm entre a nossa mesa de centro longa e estreita e o divã, gesticulando enquanto falava.)

O espaço entre este sofá e a mesa está tão cheio de estrutura molecular como o espaço ocupado por o sofá, ou o espaço ocupado por a mesa. A matéria contida no espaço que medeia entre ambos é toda a mesma. Vocês é que não construíram, a partir de os átomos e moléculas, nenhum padrão a que chamem objeto e que reconheçam.

Os objetos são, então, designações arbitrárias dadas a certas divisões arbitrárias de os átomos e moléculas enquanto todo. Não há universo objetivo — e, no entanto, há universo objetivo. Isto não é contornar a matéria — se me perdoam o trocadilho — e o assunto exigirá muito mais estudo de a vossa parte. Vocês devem agir como se houvesse um universo objetivo. O mundo — ou campo — que atualmente habitam é real, definido, em o vosso nível. O facto de a sua realidade estar limitada a o vosso nível e não se estender a outros campos não vos deve tentar a desvalorizá-lo; e, ainda que vocês tenham, em grande medida, de se comportar como se o vosso universo fosse inerente e basicamente objetivo, devem ainda reter o conhecimento de que esta objetividade aparente tem grandes limites — mesmo falando praticamente; e uma dependência demasiado grande de um mundo de objetividade pode conduzir a um aprisionamento psíquico desnecessário.

Num futuro distante, mesmo em o vosso campo, os limites do chamado mundo objetivo serão claramente conhecidos e demonstrados, e daí resultará uma grande liberdade para a humanidade.

O estudo e a prática com o tempo psicológico mostrar-vos-ão a validade e a força de esse eu interior, de modo que verão claramente que ele não está completamente preso, de modo algum, a o chamado universo objetivo. A matéria não é uma forma aprisionante. É um meio por o qual a consciência se expressa dentro dos limites de o campo físico. Eu sugiro agora o vosso primeiro intervalo.

(Intervalo às 21:27. A Jane estava dissociada, como de costume. Pode ser interessante notar que, enquanto entregava este material, ela passeava pela sala sem sinal de desconforto nesta noite muito quente, abafada e húmida. A pele estava seca e fresca. Eu, pelo contrário, com a roupa colada a o corpo, tive de pôr um cartão por baixo de a mão direita para não encharcar o papel de notas.

A Jane retomou, do mesmo modo calmo e com algumas pausas longas, às 21:35.)

Os objetos, portanto, são designações arbitrárias — divisões que vocês estabelecem. Vocês percebem porções de o mar sem fim de construções moleculares. Vocês formam porções em objetos separados que, na realidade, não são mais separados nem diferentes de o mar inteiro do que um jato de espuma é de outro. Isto é: um jato de espuma, embora separado por um momento, é como toda a outra espuma em os seus componentes e construção básicos.

Pode demonstrar-se — e nós entraremos nisto — que a forma não é uma característica de a matéria. Terão de procurar noutro lugar a durabilidade e a forma. A vossa teoria de causa e efeito é, de novo, responsável aqui por muitas distorções — como a ideia de que a matéria, digamos, de uma flor cresce diretamente a partir de a matéria de uma semente. Não é o caso.

A matéria, em o vosso campo, é por natureza — por assim dizer — não diferenciada, e são as complexas capacidades humanas que lhe dão forma e significado. Eu já mencionei que a expetativa tem muito que ver com as construções individuais — e isto não pode ser sublinhado com força suficiente.

Os mecanismos envolvidos na construção efetiva de a matéria estão todos entrelaçados e intimamente ligados. Vocês dão às construções a aparência de continuidade ao criá-las continuamente em linha com as vossas expetativas — baseadas, entre outras coisas, em construções anteriores em o aparente passado; e essas expetativas resultam de comunicação psíquica entre vocês e outros, particularmente de os pais, que dão a a criança as primeiras conceções de o ambiente que, de facto, os pais criaram.

Em todos os casos, as construções seguirão a linha de a expetativa — e, muitas vezes, inicia-se um círculo vicioso, em que o ambiente criado por um indivíduo reforça depois as conceções distorcidas que o geraram. Num plano prático, mais tarde, nós veremos que passos podem ser dados para contrariar tal desvantagem. Com efeito, vocês próprios já começaram a operar muito mais eficientemente nestas áreas importantes de expetativa e construção.

O reconhecimento de muitos de os factos que nós estamos a discutir esta noite será benéfico nas vossas experiências de tempo psicológico. Uma vez que vocês constroem objetos, podem portanto construí-los mais a vossa conveniência quando percebem que a matéria pode ser manipulada assim. Há, claro, diferentes métodos de construção adequados a vários campos e, nalguns casos, os mesmos átomos e moléculas podem ser utilizados por habitantes de mais de um campo. Neste caso, claro, os habitantes de os diferentes campos permanecem inconscientes uns de os outros e só veem — ou reconhecem — o padrão particular que impuseram aos átomos e moléculas em questão.

Isto não é contraditório. Eu sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:58. A Jane estava dissociada, como de costume. E, de novo, não se mostrava incomodada pelo calor pesado enquanto entregava o material. A minha mão de escrita estava agora algo cansada, embora eu não tivesse sido demasiado exigido esta noite.)

(A Jane retomou do mesmo modo calmo e deliberado às 22:06.)

A matéria — átomos e moléculas — representa apenas um aspeto e uma única dimensão de uma realidade muito maior. Vocês só podem manipular a porção dessa realidade que conseguem percecionar. Portanto, as vossas manipulações são extremamente superficiais no que toca ao efeito sobre a realidade mais vasta. Eu creio que é a primeira vez que este tema entra nas nossas discussões. Ainda assim, a nossa sessão inicial sobre a quinta dimensão deu uma pista nesse sentido. (Embora o Seth nos tenha dado relativamente pouco sobre a quinta dimensão, ele tem feito muitas referências a essa sessão. Ver a 12.ª sessão, de 2 de janeiro de 1964, página 60. Note-se também que este material foi obtido há 60 sessões; e, tanto quanto a minha memória serve, o Seth não se contradisse sobre este assunto em sessões ocorridas desde então.)

Vocês estão a brincar com a camada mais exterior de uma realidade cuja verdadeira “espessura” e “profundidade” estão, por agora, para além da vossa compreensão. Eu uso os termos profundidade e espessura para vos ajudar: valem pelo seu efeito intuitivo e não devem ser tomados à letra. Nem este material pretende, de forma alguma, sugerir que procurar conhecimento seja fútil — de modo nenhum. Apenas que as vossas próprias conceções têm primeiro de se alargar, e não ficar aprisionadas por limitações.

O cumprimento de valor representa uma extensão de o eu interior na sua jornada dentro desta realidade. A realidade só pode ser manipulada depois de se conhecer a sua existência. Nós não teremos uma sessão longa esta noite. Eu certamente não vos dou férias de verão; no entanto, de vez em quando eu alivio o esforço, porque eu gosto de variar as intensidades das nossas sessões — é um método de ensino muito eficaz — e várias partes de matéria exigem gastos de energia diferentes. (A Jane, de novo, fazia pausas bastante longas enquanto entregava este material.)

Eu gosto sempre de que haja muita energia vossa em reserva. É verdade que, quase sempre, as nossas sessões de inverno serão mais intensivas, por várias razões. A matéria desta realidade, sobre a qual vocês sabem tão pouco, será a base de discussões futuras e, de facto, os vossos sentidos interiores ajudar-vos-ão a percecionar alguns de os seus facetas.

A energia muda constantemente. A forma não é uma caraterística de a energia — tal como não é uma caraterística de a matéria. Regra geral, nenhuma forma imposta a a energia pode durar muito. A forma não pode perdurar. A consciência por trás da forma — aquela que impõe a forma — essa, sim, perdura; porque, embora a energia mude continuamente e não retenha a forma imposta, ela é, em si, consciente — e a sua consciência perdura.

Eu expliquei que nem a consciência usa sempre a sua potencialidade completa — como na analogia da luz, na outra noite. A entidade representa aquela parte de a consciência que está ciente de os outros compartimentos de si própria. Isto chega por hoje, sobre este ponto. Nós avançámos bastante em material novo, e eu desejo-vos uma muito afetuosa boa noite.

(Fim às 22:25. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que sentiu o Seth sair abruptamente quando atingiu o fim da sessão. “Ele foi-se”, disse ela. Opina que o Seth gosta de entregar o material em lotes, longos ou curtos. A minha mão de escrita não sentia fadiga. Também não chegámos a perguntar sobre o material de o Hubbell Roberts incluído no início desta sessão. A Jane disse que o Seth optou por não se ocupar disso esta noite.)

(A tentar o tempo psicológico, eu tive as seguintes experiências:

(Ter., 21/7, 20:30: Sem resultados.

(Qua., 22/7, 20:00: Eu experimentei de novo uma sensação generalizada de alargamento em as mãos. Embora tenha sido o único resultado, a meia hora reservada para a experiência passou muito rapidamente. Eu não dormi.

(A Jane não tinha nada a relatar.)

(Gostaria de acrescentar aqui uma nota que pode ou não ter interesse futuro.

Para a sessão seguinte, a 73.ª, nós recebemos como convidados o Dr. e a Sra. Piper, com quem nós nos temos vindo a familiarizar no último ano.

Depois da sessão, a Jane e eu mostrámos-lhes como usar a tábua Ouija, pois estavam curiosos. A tábua começou a funcionar para eles imediatamente, quando a nós tinha levado várias sessões até obtermos algo de todo. Eu apontei as respostas que os Pipers obtiveram, e a Jane foi observadora.

Quando eles fizeram a terceira pergunta, sobre o nome do comunicante que tinham "erguido" — o Fred Lake — a Jane já tinha recebido esse nome mentalmente. Não o disse aos Pipers, mas tinha o nome completo em mente quando o indicador se moveu para a letra F. Ficou bastante surpreendida — nunca lhe acontecera antes — embora já fizesse meses que nenhum de nós observava outros a trabalhar a tábua (na verdade, desde que o material de o Seth começou a fluir). Talvez as capacidades de a Jane também tenham melhorado nesse campo.

A pergunta seguinte dos Pipers pediu uma data a o Fred Lake. A Jane recebeu também uma resposta e anotou-a por conta própria; contudo, o indicador hesitou sobre vários números ao dar a resposta aos Pipers, pelo que os resultados aqui são inconclusivos.

Cansada da sessão, a Jane não prosseguiu e deixámos os Pipers à vontade enquanto recebiam mais respostas. Mas a Jane e eu tencionamos repetir esta experiência com outros casais, enquanto nós observamos para ver se algum de nós consegue captar, de algum modo, respostas que o indicador vá dar.)

SESSÃO 73

22 de julho de 1964

(Esta manhã, a Jane convidou o Dr. e a Mary Piper para presenciarem a sessão de hoje à noite. O médico e a esposa aceitaram o convite, dependendo de o consultório ainda estar ocupado à hora da sessão e de conseguirem uma ama.

De novo, a noite estava muito quente e húmida. Caía uma chuva leve por volta das 20:55, e os Pipers não tinham aparecido. Embora a Jane não parecesse nervosa, eu sabia que ela estava nervosa até certo ponto por causa da perspetiva de novas testemunhas.

O Willy dormitou na sua cadeira favorita. A Jane começou a ditar com voz totalmente normal, a passear vagarosamente, os olhos escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu vou dar-vos mais material relativo à nossa discussão sobre a matéria, mas antes eu gostaria de fazer um comentário. Depois das oito da

noite, em noite de sessão, o Ruburt deve tomar providências para não ficar preocupado com a questão de se determinadas visitas vão ou não chegar. Eu não consigo passar por ele tão bem quando ele está assim preocupado; nem, quando ele está assim preocupado, eu lhe consigo dar a saber com antecedência se as testemunhas virão.

(Antes da sessão, a Jane comentara que gostava que o Seth pudesse, ou quisesse, avisá-la se viriam testemunhas. Se ela conseguir permitir que o Seth a informe de antemão, seria no mínimo muito conveniente.)

Tudo deve ser tratado a nível subconsciente, de modo que ele pareça preparar-se automaticamente com antecedência em resposta a um conhecimento interior quanto a se as testemunhas virão ou não. Ou seja, eu consigo dar-lhe a saber; mas uma preocupação demasiado consciente bloqueia-o de o saber.

(Do meu lugar à mesa da sala, junto às janelas, eu olhei para fora a tempo de ver os Pipers dobrarem a esquina e descerem a rua em direção à nossa casa. Eu apontei para a janela e a Jane percebeu o que eu queria dizer.)

Amigos próximos obviamente já não o incomodam. São apenas estranhos, ou pessoas com quem vocês não estão muito familiarizados.

Agora que os vossos convidados estão, de facto, a chegar, podem deixá-los entrar — ou eu próprio abrirei a porta. Eu sugiro que desta vez tu abras a porta, e que os peças para se sentarem.

(A Jane parou junto às janelas, olhando ao longo da sala até à porta. Eu pus a prancha de lado. Ao fazê-lo, a porta abriu-se e os Pipers entraram silenciosamente. Nenhum deles tinha assistido a uma sessão antes, mas a Jane combinara que entrassem sem bater se chegassem depois das 21:00.

A Jane manteve-se de pé, calada, junto às janelas, enquanto eu mostrava os lugares aos convidados. Eu dei-lhes cópias das últimas sessões, para se familiarizarem com o material caso preferissem ler em vez de ouvir ao início.

A Jane retomou; mas agora a voz estava muito mais forte e algo mais grave, bem diferente do tom fácil com que abrira a sessão.)

Eu nunca fui grande anfitrião. Eu espero, porém, que tu lhes tenhas explicado o teu nome e as circunstâncias que o rodeiam. Nós vamos agora continuar uma discussão que iniciámos sobre a natureza de a matéria, salientando em particular um ponto que eu quero tornar claro. Como eu vos disse, a forma não é uma característica de a matéria. Eu disse, por exemplo, que a relva não cresce de a semente. Vocês observam que relva muitas vezes aparece onde se semearam sementes, e concluem erradamente que a semente cresce a partir da matéria que contém, e que a relva cresce de a semente. Os átomos e as moléculas — energia em matéria — aparecem e desaparecem instantaneamente. A energia é constantemente construída sob

o disfarce de matéria, mas a matéria é a expressão simultânea de energia sob certas condições.

(A esta altura, a entrega de a Jane era muito mais vigorosa; a voz, bastante alta e forte. Agora, ela foi até a uma cadeira de verga desocupada.)

Nós vamos usar de novo esta cadeira, desta vez para explicar o ponto. A cadeira está a ser constantemente construída. Agora, a cadeira representa uma subdivisão em matéria, sendo aquilo a que vocês chamam matéria morta — embora nós saibamos que a consciência está em toda a parte. A cadeira está a ser plenamente construída de modo simultâneo e instantâneo. Agora tomem a haste de relva e a semente. A energia, e a consciência dentro dela, constrói-se continuamente em construções completamente novas; por causa das várias velocidades de que eu falei, e porque vocês não percebem a realidade completa, vocês não notam as construções simultâneas e julgam-nas contínuas, em vez de separadas e sempre novas.

Quando a energia, no seu desempenho, provoca uma mudança completa de forma — como faz quando uma semente parece crescer numa haste de relva — o que vocês têm é apenas uma diferença tão completa entre as gradações que conseguem percecionar que, finalmente, vocês são obrigados a admitir que aquilo que tomam por matéria contínua se tornou, de algum modo, em algo inteiramente diferente.

Vocês sabem que não conseguem percecionar com os sentidos externos as pulsações de energia à medida que formam esta cadeira; por não conseguirem percecionar essas pulsações, a cadeira parece durável — uma parte do vosso tempo e espaço — e contínua no tempo e no espaço. A cadeira não é nem durável nem contínua, e a realidade de ela fica limitada ao reconhecimento que vocês lhe dão como objeto.

Antes de o nosso primeiro intervalo, eu dou as boas-vindas aos nossos convidados, embora eu lamente que muito do material não lhes seja claro, já que tanto assenta em discussões anteriores com as quais eles não estão familiarizados. O nome de entidade de a senhora é Aeiada — A-e-i-a-d-a — e o de o senhor é Norman. Eu sugiro o vosso primeiro intervalo e, mais uma vez, eu digo que eu aprecio a vossa noite chuvosa. Eu tenho estado a preparar a vossa casa para vocês. Façam favor de fazer o intervalo.

(Intervalo às 21:23. A Jane estava dissociada, como de costume. O Seth ainda não explicou o que quer dizer com “preparar” a nossa casa nova para nós. Durante o intervalo tentámos dar aos Pipers um breve resumo do que envolve o material de o Seth. A Jane retomou do mesmo modo vigoroso e com voz forte às 21:32.)

Eu não conhecia nenhum de os vossos convidados antes, mas não preciso. Eu não sou o nervoso. É o Ruburt que constantemente, e muitas vezes teimosamente, bloqueia o que eu tenho para dizer.

No entanto, o Norman foi duas vezes homem e, imediatamente antes desta existência, foi mulher. Havia então dois filhos, e ele, nesta vida, está

estreitamente familiarizado com três indivíduos que lhe foram próximos na existência passada. Ele, uma vez — e não intencionalmente — partiu as costas de um homem num acidente com cavalos. Não houve culpa profunda. Ainda assim, na existência como mulher, ele passou ao lado de um sentimento de culpa. Desta vez, ele conserta as costas das pessoas — mas esta não é a única ligação.

Ele foi um alquimista. Em existências passadas, ocupou-se de matérias que jazem por baixo de a matéria — se me perdoam o trocadilho — e, por isso, o interesse cresceu. Uma vida foi num país próximo do que hoje chamam Palestina, creio que aproximadamente em 832 d.C.; e foi nessa vida que o acidente ocorreu. Alemanha também — 1732 — no que é agora Colónia; um alquimista. 1872, uma vida muito breve como mulher, morrendo aos 33 anos, em parto. Suécia. Tem havido necessidade de disciplina, agora em parte alcançada, e interesses antigos que, desta vez, se consolidaram num propósito mais coerente. Noutra altura entraremos mais a fundo nestas matérias.

De novo, descobrimos que a senhora foi duas vezes masculino. Isto deu-lhe uma abertura de espírito que, desta vez, se combina com uma intuição mais feminina. O mais próximo que eu consigo agora é que uma vida teve a ver com a ocupação de bateleira, de embarcações pequenas, costeando perto de as margens de o Mediterrâneo. A embarcação transportava mercadorias, mas não especiarias — talvez algodão. Houve também uma existência de soldado, bastante supersticiosa, num envolvimento durante o período das Cruzadas, onde — se me é permitido dizê-lo — os homens foram movidos como tolos, e por vezes idiotas sem miolo, numa nobre perseguição de uma ideia de Deus que não eram capazes nem de conceber nem de construir.

(A Jane apontou para o Bob Piper. Nesta altura, a voz dela ia abrandando.)

Ele foi, de facto, tão supersticioso então como os outros. Em batalha, foi morto por um mouro. O saque levado a cabo em nome de o Deus cristão faria, de facto, os pagãos corarem. Ainda há aqui uma tendência para depender talvez em demasia de intuições que são, no essencial, sólidas; mas tal dependência deve andar de mãos dadas com a disciplina de que eu falei. A morte ocorreu no deserto. Aconteceu muito perto de Lepanto. Ele tinha então perto de cinquenta e muitos anos, e deixou duas mulheres. Não uma. Também um filho e quatro filhas.

Há muito mais nesta linha. Eu creio que ele enviou uma mensagem a uma mulher por um jovem, e a mensagem não foi entregue. Isto não significará muito para a personalidade atual ao nível consciente, mas o facto de a mensagem não ter sido entregue significará muito para o eu interior, porque aquela personalidade anterior dava-lhe grande importância.

Eu vou sugerir um intervalo curto. E, a propósito, eu não me esqueci da festa, sobre a qual já eu disse demasiado. Eu sinto que, depois de tantas sessões secas e estudiosas, eu vos devo uma noite de recordar — mas eu manterei a minha dignidade, e vocês podem preocupar-se com a vossa.

("Faz o teu intervalo, por todos os meios."

Intervalo às 21:56. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou com a voz mais calma às 22:06.)

Não houve comunicação entre os quatro de vocês no passado, nem ligação entre as vossas vidas. Houve, no entanto, um tipo de comunicação telepática entre vocês no presente, e não é coincidência que vocês se tenham conhecido. A um nível subconsciente, vocês aperceberam-se de que muitos de os vossos interesses eram os mesmos.

A criança de o homem e de a mulher existiu como personalidade quatro vezes antes, o que a torna mais "velha" do que os pais, por assim dizer. Em uma ocasião morreu ainda pequena, uma rapariga com capacidades musicais. Noutra existência, creio que em a Babilónia, foi aquilo a que se chamava um escriba. Trabalhou em tábuas de pedra e recebeu posição social por causa dessa capacidade, embora não viesse de pais abastados.

("Qual é o nome de entidade de a criança?")

O nome de entidade de ele é Waldoon. A capacidade musical foi retomada no século XVI, em a Inglaterra, onde o encontramos como um compositor menor para órgão — aí também usou a capacidade de escriba.

Há um talento mecânico, desenvolvido cedo, embora curiosamente em uma vida de mulher, quando era uma rapariga que tomava conta de a loja de o pai. A loja ocupava-se com o antecessor — ou um antecessor — de balões, uma invenção precoce que nunca ganhou popularidade, para a distribuição de cartas em a França medieval.

Eu vou agora, com a vossa licença, dizer algumas palavras sobre a realidade de que falei brevemente na última sessão. Vocês podem aproximar-se de a compreensão desta realidade se voltarem a considerar uma analogia que nós fizemos bem antes. Vocês lembram-se de o nosso quadro imaginário pendurado na parede?

("Sim." — Ver a 43.ª sessão, página 4. A Jane apontou agora para um quadro que eu acabara há dois anos; pendia sobre o nosso divã, acima de o sofá. Eu usei a Jane como modelo: em o quadro, ela estava junto a um rio, sob árvores; do outro lado vislumbrava-se uma aldeia.)

Nós tomaremos esse quadro como exemplo. Em a nossa analogia, o quadro, embora enquadrado num espaço dado, expandia-se. Não "entornava" para a divisão e, no entanto, as árvores podem imaginar-se a crescer, o fundo a ganhar distância e perspetiva, a água a correr; e ainda assim não ficaria qualquer marca em a parte de trás de o quadro. Examinar a parte de trás do quadro não mostraria nada. Os elementos de o quadro

expandir-se-iam do mesmo modo que eu vos disse que o universo se expande — de um modo que nada tem que ver com espaço, mas com cumprimento de valor, que tem o seu próprio tipo de profundidade e perspetiva, e que existe não só "por trás" mas dentro de a construção de a matéria.

A profundidade desta realidade não pode ser "mergulhada" como se mergulha num rio ou ribeiro. Essa profundidade pode, de novo, ser comparada à profundidade de um sono ou transe, ou à profundidade de qualquer experiência psicológica comum. O Ruburt, creio, escreveu um poema em que dizia — muito mais poeticamente, de facto — que a dor era mais funda do que um lago ou um rio; é a esse tipo de profundidade que eu me refiro aqui. Existem perspetivas de que vocês sabem relativamente pouco, e que, por sua vez, são molduras que formam construções físicas — construções físicas reais — que vocês não percebem.

Há construções físicas inúmeras no espaço entre estas duas cadeiras, de que vocês não têm consciência, porque vocês não conseguem percecionar a perspetiva em que ocorrem.

Eu vou sugerir o vosso intervalo. Antes de mais, eu sugeriria — e apenas sugeriria — que os quatro mantivessem a vossa convivência, pois creio que todos beneficiarão. Existem capacidades, de a parte de os vossos visitantes, que não estão a ser utilizadas e que certamente o deveriam ser.

(Intervalo às 22:28. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou do mesmo modo, algo mais firme e enérgico do que o habitual, às 22:35.)

Eu aprecio, e de facto eu desfruto, as vossas discussões vivas. E eu recordo, sim, as incursões de o Ruburt — algo arrojadas, mas quase estúpidas — em o primeiro transe profundo de ele.

(O transe de 10/1/64 de a Jane é descrito na Sessão 14, Vol. 1.)

Eu sugeriria que os vossos visitantes pudessem levar um exemplar de o material emprestado, pois ambos são capazes de o compreender e de dele beneficiar. O material deve ser lido desde o início, com exceção de o material pessoal dado esta noite. Não há dúvida de que o desenvolvimento de a matéria — e a compreensão de ela — vos permitirá manipulá-la e, por vezes, descartá-la quase inteiramente.

Dado que o indivíduo constrói a matéria — e, na verdade, constrói o seu próprio universo físico — ele pode melhorar essas construções; e as expetativas de ele estão intimamente ligadas ao próprio mecanismo subconsciente de construção. A glândula tiroide opera fortemente no que respeita a expetativas, mantendo os equilíbrios hormonais em níveis bastante normais — normalmente. É, porém, sensível ao pânico e ao medo e, ao afetar outras glândulas que trabalham com mecanismos subconscientes internos, fica excessivamente estimulada e leva

mecanismos subconscientes a criar, de facto, em matéria, o objeto de os medos que causaram a sobre-reação inicial.

Do mesmo modo, outras construções são afetadas. É verdade que aquilo que se torna matéria tem de ser tratado como matéria; e, no entanto, a vitalidade interior e o eu interior têm a sua própria capacidade de curar. O problema é que essas capacidades são pouco utilizadas e raramente apreciadas.

A mente constrói, em matéria, a sua própria ideia de realidade — e é aqui que entra a expetativa pessoal. Vocês não apenas criam o vosso ambiente, em termos gerais: vocês criam-no concretamente, em formas de massa e matéria. Vocês dão com a cabeça em paredes que vocês próprios fizeram. Nós entraremos, noutra sessão, numa longa discussão sobre os mecanismos físicos e subconscientes realmente envolvidos na construção de a ideia em realidade material.

Em consonância com isto, por favor considerem o material já dado sobre os modos como átomos e moléculas formam um objeto simples, como uma cadeira.

Eu vou agora encerrar a sessão — um pouco mais cedo, por uns momentos — e, de novo, eu sugeriria que os vossos visitantes lessem o máximo de material possível. Eles são, claro, bem-vindos a qualquer sessão; mas a familiaridade com o material aumentará o benefício que se pode obter ao assistir a uma sessão ao vivo e, na verdade, eu posso ser bem vivo. Eu fui, no meu tempo, bastante reprovável. O Ruburt não me dá agora grande folga. Eu despeço-me, pois, de todos com um afetuoso boa-noite. As vossas experiências de tempo psicológico deverão correr melhor na próxima semana.

("Porquê?")

Tem simplesmente que ver com o fluxo e refluxo de as vossas próprias energias; e nós teremos em breve uma sessão dedicada às experiências que vocês listaram.

("Boa noite, Seth."

Fim às 22:55. A Jane estava dissociada, como de costume. A minha mão de escrita sentiu pouca fadiga.)

(Ao tentar o tempo psicológico, eu tive as seguintes experiências bastante leves. Segundo o Seth na 73.ª sessão, as minhas energias psíquicas estão em baixa:

Qui., 23/7: Falhei.

Sex., 24/7: Sem resultados.

Sáb., 25/7, 01:00: Ao deitar, uma série de breves lampejos de pessoas e lugares. Cor muito ténue e discreta. Nada familiar.

Dom., 26/7, 21:15: A meio de alcançar o estado desejado, eu experimentei a minha sensação familiar de "arrepio" com alguma força. Foi

seguida por uma sensação suave mas durável de aumento em ambos os pulsos e mãos, e nos pés.

Seg., 27/7, 20:15: Um ligeiro indício da minha sensação familiar ao deitar. Estava muito quente e húmido e foi difícil atingir o estado adequado.

A Jane nada tinha a relatar.)

SESSÃO 74
27 DE JULHO DE 1964

(Outra vez, uma noite muito quente e húmida. À hora da sessão se aproximar, a Jane disse que estava demasiado calorenta e cansada para se sentir nervosa, ou o que quer que fosse. Não esperávamos testemunhas.)

(A Jane começou a ditar com uma voz calma, a um ritmo confortável no que dizia respeito à minha capacidade de escrita. Ela andava pela sala a um compasso regular; os olhos escureciam como de costume. Manteve estas características ao longo de toda a sessão.)

Boa noite.

«Boa noite, o Seth.»

Vejo que vamos ter uma sessão tranquila.

Com toda a probabilidade, as nossas sessões nesta casa estão a chegar ao fim, mas a própria casa ficará mais saudável para futuros habitantes do que estava antes de vocês virem.

Fiquei contente por ver que o Ruburt recomeçou os exercícios para as costas. A quietude e o relaxamento que deles derivam são excelentes. Consegue-se também um certo treino de concentração.

Esta vai ser, em certos aspetos, uma sessão descontraída. Quero salientar que os exercícios para as costas, devido à quietude e ao treino de concentração, constituem práticas excelentes para os dois, e em particular para o Ruburt. A antiga condição tiroideia dele esclareceu-se. O que resta é novamente apenas hábito, embora em tempos tenha estado intimamente ligado a uma perturbação física.

Ele está agora a aprender — e muito bem — a controlar esta condição ocasional; e ela esmorece, aparecendo apenas de vez em quando, em momentos de stress. O uso diário desses exercícios específicos para as costas, com a sua disciplina mental, ajudará ainda mais no desenvolvimento dele, até que ele venha a descobrir, de facto, que não só consegue relaxar à vontade, como mesmo quando não tem tempo para "querer" relaxar, isto é, o relaxamento será o reflexo condicionado incorporado que antes era o pânico.

Não quero dizer, claro, que ele se transformará automaticamente numa alforreca quando for preciso um bom combate. O uso do tempo psicológico também desempenha esta função, em larga medida. Se ele tivesse decidido — e não decidiu — planear um processo que lhe permitisse usar as suas capacidades ao máximo na escrita e noutros campos do seu interesse, e ao mesmo tempo disciplinar-se para não dispersar as suas capacidades; se tivesse traçado um plano rumo à maturidade e para estabelecer controlos definidos sobre as suas respostas por vezes demasiado rápidas e desproporcionadas, não poderia ter encontrado caminho melhor do que aquele que agora segue.

O uso da intuição plena com disciplina e controlo, e um horário diário que inclua contemplação e um relaxamento temporário e abrandamento do processo corporal, significa que viverá mais tempo por causa disto, e que o seu trabalho será mais profundo e de maior importância.

Menciono isto particularmente por causa das reações de pânico dele na semana passada, na galeria. Podem incluir este material ou não nos registos, como entenderem. Ele teme a autoridade. Este medo da autoridade é uma das razões da sua admirável independência de mente e de espírito.

É também a razão de muitos dos seus problemas no passado, e em muito menor grau no presente. A mãe dele, representando autoridade para ele enquanto criança, era assustadora, ameaçadora, por vezes cruel e caprichosa. A criança levou à letra as afirmações da mãe de que, embora coxa, conseguia andar à noite, abria os bicos de gás, e por aí fora.

A criança, emocionalmente, ficou quase paralisada de terror; daí a condição tiroideia, daí também os movimentos rápidos da criança, respostas céleres e assustadas que eram mecanismos de defesa desesperados. O novo diretor é uma figura de autoridade, e insiste, de facto, em ser considerado sob essa luz.

Logo, o nosso Ruburt fica como um porco-espinho, a sentir-se encurralado e eriçado de alto a baixo, olhos a cintilar, e atitude mais espinhosa do que as cerdas de um porco-espinho. O facto de o Ruburt considerar o homem um asno ajudou, porque o Ruburt pôde então justificar o seu próprio reflexo condicionado perante a autoridade; e tenham em mente outro material que vos dei acerca do Ruburt e da galeria.

É também verdade que, durante certos períodos do mês, as hormonas dele estão mais ativas, visto que ele habita, e é, uma mulher desta vez. Ele também recusou de modo algo frio o convite, suficientemente inocente, do homem para que vocês visitassem a casa dele. De facto estavam ocupados nessa noite, mas não foi essa a razão da recusa do Ruburt.

Ele está compelido a colocar-se como distante e superior ao homem no comando. Pode ser superior em muitos aspetos, mas certamente não em todos, e as reações desdenhosas dele afetariam naturalmente o pobre novo

diretor. Sobre ele terei algo a dizer. Não obstante, tinhas razão, o Joseph, e certamente a atitude do Ruburt é pelo menos parcialmente responsável.

Isto pode, de facto, ser remediado, já que o Ruburt agora está atento a isso. Os exercícios e todas as outras medidas que aprendeu vão servi-lo bem. O remoer interior, sombrio e ressentido, dos problemas da galeria é um sinal de alerta de que a bomba do pânico foi acionada. Mas, neste caso, ele atirou-a pela janela.

Em anos anteriores, uma situação destas era enfrentada pelo Ruburt com uma fuga cega de uma ponta do continente à outra. Portanto, podemos dizer que ele melhorou.

(A Jane riu-se.)

Mais uma vez, a tua ajuda foi extremamente benéfica. O relaxamento e, em particular, dias inteiros ocasionais fora — isto é, um dia inteiro ocasional fora — são excelentes e valem bem quaisquer incómodos que possam causar.

É extremamente difícil para o Ruburt não se atirar de corpo e alma, completa e integralmente, a seja o que for que esteja a fazer; e, por isso, não admira que, de vez em quando, perca o seu distanciamento razoavelmente adequado no trabalho. Mas então sente-se engolido.

Façam a vossa pausa.

(Pausa às 21h35. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Tal como em sessões recentes durante esta vaga de calor, ela não foi minimamente incomodada pelo calor e pela humidade enquanto ditava, ao passo que eu tive de usar um cartão por baixo da mão de escrita para não ensopar o papel. A Jane retomou no mesmo tom calmo, e por vezes bastante divertido, às 21h43.)

Na galeria, o Ruburt interpreta agora tudo, entre ele e o novo diretor, em termos de superioridade ou inferioridade implícitas.

Ele não consegue esboçar um sorriso sem recear que isso seja tomado como sinal de "dar graxa", porque dar graxa, claro, implica um sentimento de inferioridade por parte de quem a dá. Para garantir que nenhuma tal impressão possa ser dada por ele, recorre ao sarcasmo e, em algumas ocasiões, a uma franca grosseria que inevitavelmente tornará o destinatário menos do que feliz.

Ele — o vosso diretor — tem mantido o terreno com coragem. A insistência dele no detalhe, o Ruburt toma-a como ofensa pessoal. O homem é simplesmente picuinhas com os pormenores. Ele não está a esfregar o nariz do Ruburt em cada palavra mal soletrada, nem está a sugerir, como o Ruburt suspeita, que o Ruburt é um bronco mental por ser um fraco soletrador.

Em privado, o vosso diretor não vê razão para que alguém instruído não saiba soletrar corretamente, mas tem feito das tripas coração para não dar essa impressão. Por pura perversidade, o Ruburt tem recusado aprender

a soletrar. Se a autoridade diz para soletrar uma palavra de uma maneira, o Ruburt, desafiador, soletra-a de outra.

Ao mesmo tempo, ele escolhe as palavras como base para a sua arte. Aqui, ele vinga-se da autoridade. Ele comunica ao mundo autoritário em geral ideias originais, excelentes, incisivas e concisas, através de palavras que são consistentemente mal soletradas.

Não estou a sugerir que ele atire bouquets ou rosas ao seu diretor — um homem de traje bastante florido —, mas pode, pelo menos, guardar as adagas. Podem vir a descobrir que o homem pode ser bastante agradável no futuro. Ele é extremamente inseguro, escondendo-se atrás de uma atenção compulsiva aos pormenores.

Ele trata dos pormenores para que o guardem. Protegem-no de impulsos interiores. São os piquetes da sua vedação. Escondem a extravagância interior que ele teme e à qual cede, em formas parcialmente aceites. Ele vive de elogios; por isso, fiel à sua maneira, o gigante mata-homens Ruburt insulta-o na cara.

Ele pode tornar-se vingativo se for tratado assim durante muito tempo, pois a rejeição do tipo que o Ruburt lhe está a servir assusta-o e confunde-o. O Ruburt é, normalmente, pelo menos, justo. O homem tem falhas bastante gritantes, é verdade, mas não são mortais. Nem um pouco de amabilidade seria degradante para o Ruburt.

Ele — o Ruburt — acha definitivamente que seria. Pode ser extremamente inflexível, mas creio que esta sessão vai ajudar bastante. Estou a falar agora da situação tal como existe no presente. O Ruburt estava ciumento da sua própria autoridade na galeria. Não queria aceitar a responsabilidade total pela galeria e, no entanto, queria responsabilidade definida em termos definidos e limitados.

Quando não vende quaisquer contos ou livros durante algum tempo, então procura outras satisfações do ego no mundo exterior, noutros campos, pelas quais, na verdade, não está disposto a pagar o preço. Ele simplesmente não está assim tão interessado em qualquer carreira fora da escrita. Se o livro sobre PES tivesse sido agarrado de imediato, nada na galeria o teria incomodado.

Ele procura satisfação para o ego no mundo exterior quando este foi magoado por causa de uma carta de rejeição. Torrentes de energia, tanto construtiva como agressiva, soltam-se de repente no local de trabalho e, ai de quem estiver por perto.

Ele começa a lutar por posição e autoridade, coisa com que, em circunstâncias normais, está-se nas tintas. Isto confunde quem trabalha com ele. Não quer isto dizer que ele não tenha queixas, ou que não valha mais dinheiro, mas ele quer mais dinheiro por razões de prestígio, mais do que por razões práticas.

Se não consegue ver-se, em todos os momentos, como um escritor bem-sucedido e remunerado, então sente-se parvo noutras áreas também, e fica subitamente enfurecido com situações na galeria que, não sendo ideais, mal o incomodam quando está a vender a sua escrita.

Esqueci-me. Façam a vossa pausa.

(Pausa às 22h11. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Mais uma vez, não foi incomodada pelo calor enquanto ditava. Disse que, mesmo quando o Seth está a falar sobre ela — quando ela está, por assim dizer, a "dar-se um raspanete" —, não sente vontade de o interromper em sua própria defesa.)

(A Jane retomou do mesmo modo às 22h20.)

Esta sessão deverá certamente ajudar a esclarecer a situação em geral e, com certeza, ajudar o Ruburt a distinguir queixas reais de queixas projetadas. O Ruburt pode, pelo menos, ser agradável. Também deverá ajudar a acalmar as suas frequentes tiradas em casa contra a galeria; mas, quando as emoções dele transbordam — ou transbordaram — para a fala, isso tem sido benéfico, muito mais do que se as tivesse deixado acumular até uma tempestade de proporções assustadoras.

Isto, no entanto, deverá começar a esvanecer. Não faria mal nenhum convidar o homem para um copo em vossa casa, embora admita que, para qualquer um de vocês, a sugestão equivalha a uma espécie de traição. Não te faria mal, o Joseph, permitires que ele entre em tua casa, onde o poderias avaliar por ti mesmo. Um simples convite bem-intencionado pode estar na ordem do dia — e foi um inferno conseguir fazer isto passar, com os bloqueios do Ruburt.

(A Jane terminou a frase acima com grande vigor. Abrandando o dedo para mim, proferiu as palavras de modo divertido e enérgico.)

«Então como é que o fizeste?»

Pura teimosia da minha parte. O gesto seria bem recebido. Um sinal de simples cordialidade da vossa parte não vos exporia de modo algum. Nem consegui fazer passar plenamente o meu sentido nessa frase.

(Novamente surgiu o dedo a abanar da Jane.)

Até pode ajudar o Ruburt ver o diretor quando este não está numa posição de autoridade que sinta, por honra, ter de sustentar. Não tencionava ocupar toda a sessão com assunto privado. No entanto, é bom que este material tenha passado.

Há mais que eu diria, mas já agitei o Ruburt o suficiente para uma noite. Ele ficará tenso por me bloquear se continuarmos por estas linhas.

(A Jane disse-me após a sessão que, ao proferir estas palavras, se apercebeu de repente de que as duas mãos, metidas nos bolsos das calças, estavam cerradas. De facto estava a enrijecer, ela sabia.)

Retomaremos "a todo o vapor" a matéria sobre a matéria e a sua natureza na nossa próxima sessão. Queria, sim, deixar um ponto. Os

exercícios para as costas e a calma subsequente apressarão o momento em que o Ruburt será capaz de prescindir da dependência de cigarros.

Em boas estações, a envolvente natural onde a vossa casa está situada ajudará os dois. E, à medida que aprenderem relaxamento e disciplina mental, encontrarão mais energia disponível para o vosso trabalho, para as sessões e para o gozo da vida em geral.

Tenho andado a preparar a vossa casa para vocês. Não se esqueçam da minha sugestão de arejarem a cave.

«Como tens andado a preparar a casa?»

(O Seth já mencionou isto antes; desta vez eu estava pronta com a pergunta quando ele voltou a falar desta preparação. Mas todo o meu esforço rendeu apenas um sorriso da Jane.)

À minha maneira.

«Ah.»

Não vou entrar nisso agora, pois envolve assuntos que não discutimos. Se tiverem outras perguntas, podem fazê-las.

Uma pequena nota. Já mencionei que o Ruburt beneficiará claramente com umas férias, e vocês devem viajar para algum sítio. Sugiro perto de, ou até, um grande corpo de água, de preferência o oceano.

A ida ao vosso vale ajudou o Ruburt de forma espantosa, e essas pequenas viagens são excelentes renovadores psíquicos e também boas para o vosso trabalho. Muito deste material não é surpreendente esta noite, mas é necessário, e vocês ganharão em levá-lo a sério.

Sabem o quanto vos estimo a ambos, e não fazem ideia de quantas circunstâncias desafortunadas e possíveis já evitaram por atenderem aos meus conselhos, por vezes de som prático. Tento dar-vos conselhos sensatos sem vos empurrar em direção alguma, e isto é muitas vezes difícil. Vocês usarão a possibilidade para o bem, para vós, nesta localidade; como noutras localidades falharam em fazê-lo.

Agora vou desejar-vos uma boa noite. Estou convosco com bastante frequência, de uma forma ou de outra, e o meu afeto por ambos é profundo. Recomendaria com veemência os exercícios para as costas — na verdade para os dois, mas definitivamente para o Ruburt.

«Boa noite, o Seth.»

(Termina às 22h45. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. A minha mão de escrita não sentiu fadiga.)

SESSÃO 75
29 DE JULHO DE 1964

(A Jane não tinha nada a reportar das suas experiências com o tempo psicológico. Na terça-feira, 28/7, eu falhei a tentativa; na quarta-feira, 29/7, às 20h15, tive uma sensação ligeira em ambas as mãos e pés, e uma leve impressão de que ambas as categorias estavam a um nível algo mais elevado do que o resto do meu corpo.)

(A Jane sentia-se bastante cansada antes da sessão desta noite. Não fazia ideia do tema. O tempo estava muito mais fresco, e o Willy dormitou na sua cadeira. À medida que a hora da sessão se aproximava, a Jane estava tão pouco entusiasmada que, a pedido dela, eu fiz-lhe café para a animar.)

(Quando chegaram as 21h00, a Jane não começou a falar, ficando sentada. Não estava, porém, preocupada, e começou às 21h02. A voz estava normal, a cadência regular, os olhos escuros como de costume. Não variou muito na voz nem no andamento durante a sessão.)

Boa noite.

«Boa noite, o Seth.»

A nossa relutante vidente não me saudou com grande entusiasmo esta noite.

Por um lado, a sessão de segunda-feira atingiu-o no plexo solar, por assim dizer; e, brincadeiras à parte, a sessão de facto cansou-o bastante, simplesmente porque ele estava inclinado a bloquear o material, embora na maioria dos casos não o tenha feito.

A tentativa inicial dele de gentileza na galeria, no dia seguinte, tirou-lhe ainda mais, embora ele tenha visto rapidamente que o meu diagnóstico da situação ali estava correto.

Gostaria de sugerir que ele volte a ler o corpo das sessões. Não necessariamente o material do Frank Watts, mas as mais recentes. Há, claro, muito mais a dizer sobre a matéria e temas afins.

Quero mencionar que, embora a forma não seja uma característica da matéria, é uma das características da consciência. A forma que a consciência assume é normalmente composta de matéria no vosso plano.

A forma percebida pelos vossos sentidos exteriores é sempre composta de matéria, naturalmente. Existem, no entanto, formas ou estruturas que se podem chamar formas ou estruturas psicológicas, mesmo dentro do vosso próprio campo, que não percebeis com os sentidos exteriores, mas que, apesar disso, são arcabouços que subjazem à forma tal como aparece na matéria.

Estas formas ou estruturas psicológicas têm realidade e validade, compostas de gestalts que existem em perspetivas que vocês não reconhecem.

Falei, no passado, de profundidades que nada têm que ver com o espaço tal como o concebem; e acrescento agora a ideia de solididades psicológicas que nada têm que ver com o espaço tal como o concebem.

(Ver a 59.ª sessão, página 134; na qual o Seth trata de profundidade de qualidade, realização de valor, etc.)

Cada consciência, além da estrutura ou forma material, possui também uma estrutura psicológica que existe numa profundidade e solidez noutra perspetiva que os sentidos exteriores não percebem. É aqui que encontrarão a entidade. A consciência adota muitas formas, em tantas perspetivas quantas é capaz de se manifestar.

A consciência, de facto, cria estas perspetivas, nas quais então se pode manifestar em forma. Entendam aqui que falo em termos de forma e estrutura psicológicas. Por outras palavras, a consciência individual opera em muitas perspetivas diferentes, em muitos tipos de formas. Em alguns estádios, está inconsciente das divisões ou várias manifestações de si mesma, devido ao grau de focalização necessário para tal projeção de forma.

Estas estruturas psicológicas existem como pré-requisitos para a estrutura material do vosso universo. Os sentidos interiores representam tais estruturas psicológicas. Tornam-se fisicamente aparentes, até certo ponto, nas emoções, que têm forma definida, certa massa, profundidade e solidez no reino da perspetiva psicológica que vocês não percebem fisicamente.

À sua maneira têm algo equivalente a forma, cor e estrutura. Estas formas psicológicas prévias existem antes da construção de matéria e de forma física por parte de um indivíduo. Ele agarra, manipula e jongla estas formas psicológicas interiores antes de as construir — a sua versão delas — em forma física.

Algumas das formas básicas no vosso universo físico são, portanto, reflexos destas estruturas psicológicas interiores, mais ou menos reproduzidas na matéria. São, num certo sentido, certamente tangíveis para o eu interior. São estes padrões de estrutura psicológica interior, em grande medida, que determinam a forma e o desenho das estruturas físicas.

Sugiro a vossa primeira pausa.

(Pausa às 21h29. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Disse que continuava cansada na pausa, mas bem enquanto transmitia o material. Retomou do mesmo modo às 21h35.)

Tenho intenção de entrar nestes temas. Receio que agora os abordemos apenas de forma algo superficial; e voltaremos a eles mais profundamente em ligação com outros tópicos. Contudo, estas estruturas psicológicas, repito, são formas adotadas pela consciência numa perspetiva não percebida fisicamente.

O indivíduo tenta projetar estas estruturas psicológicas na realidade física, onde serão então conhecidas, realizadas, manipuladas e, até certo ponto, dominadas como matéria.

Até certo ponto, então, as estruturas físicas são símbolos de estruturas psicológicas; e as estruturas psicológicas são adotadas pela consciência e serão projetadas em muitos campos, diferindo na aparência e na estrutura exterior, mas seguindo sempre fielmente a estrutura psicológica interior.

Farei uma analogia, embora talvez não excelente. Tomem uma ideia qualquer. Imaginem representar a ideia de várias maneiras. Imaginem primeiro, porém, que a ideia particular tem a estrutura psicológica de um triângulo.

Agora imaginem a ideia — não a ideia de "triângulo", mas a ideia que tem a forma de um triângulo — a ser expressa em arquitetura, numa dissertação filosófica, em cor, numa escultura, num poema, numa pintura, em música, e também em fenómenos ditos naturais, como a forma de uma rocha, o ângulo de uma sombra, uma porção de um cristal, um ramo de árvore.

Verão que, nos primeiros exemplos mencionados, o efeito seria criado pelo homem de acordo com as suas capacidades, e, nos últimos exemplos, os efeitos seriam criados, nalguns casos, pelo que às vezes se chama matéria morta — mas que nós conhecemos como outras formas de consciência — segundo a sua capacidade.

Em todos os casos, porém, teremos estrutura material de uma ou outra espécie, criada pela consciência de acordo com a sua capacidade de perceber, manipular e construir uma estrutura psicológica interior — neste caso uma ideia — em forma material.

Não há limitação quanto à variedade de estrutura psicológica interior per se. Não obstante, por várias razões relacionadas com o desenvolvimento da consciência individual, regra geral apenas uma pequena porção das estruturas psicológicas teoricamente possíveis pode ser utilizada em qualquer ponto dado.

Daí haver certa semelhança nas formas em que a matéria aparece. A matéria poderia, portanto, mesmo no vosso campo, aparecer em muitas formas que presentemente vos são desconhecidas. A estrutura psicológica, existente numa perspetiva que não podem perceber fisicamente, tem primeiro de ser montada pela consciência individual antes de poder ser, então, construída materialmente.

Tenho falado bastante depressa e o material é novo, por isso façam a pausa.

(Pausa às 21h56. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Tinha transmitido o material da pausa anterior sem usar os óculos; andou pela sala como de costume, evitando com destreza móveis e outros

obstáculos, de um modo que normalmente lhe seria difícil. Disse que estar sem óculos não parecia ser handicap.)

(A minha mão de escrita não sentiu fadiga. Durante a pausa, mencionei que me perguntava se o Seth nos poderia dizer o que o Bill Macdonnel estava a fazer nas férias em Cape Cod, visto termos recebido apenas um postal dele há algum tempo. Nós os três tínhamos combinado tentar comunicação telepática a certas horas, mas não ouvir do Bill deitou os planos a perder. Ver a 68.ª sessão, página 219.)

(Novamente sem os óculos, a Jane retomou às 22h02.)

Há, portanto, um processo de construção psicológica em que estruturas psicológicas básicas são manipuladas e formadas numa perspetiva que, fisicamente, vocês não percebem.

Esta construção psicológica tem lugar no que chamam o subconsciente. Expliquei antes que não existe divisão real entre consciência e subconsciente, sendo ambas igualmente conscientes e parte da mesma consciência do eu total.

O subconsciente está simplesmente ciente de — e opera dentro de — uma perspetiva psicológica muito válida, com a qual o chamado eu consciente não está familiarizado. Antes de a construção física poder ocorrer, portanto, têm de ser executadas perceção, manipulação e construção psicológicas de dados ou estruturas interiores.

Estas estruturas e construções psicológicas são a base da construção material e, por isso, esta manipulação interior de estruturas psicológicas é extremamente importante.

Tomaremos como exemplo o ódio. O ódio não existe como estrutura psicológica básica. É, no entanto, resultado da manipulação psicológica do medo; e o medo não é uma estrutura psicológica básica.

A sobrevivência é uma estrutura psicológica básica. A sobrevivência da consciência: a construção desta estrutura psicológica básica — da sobrevivência da consciência — tem de ser interpretada, projetada ou construída em termos de sobrevivência física dentro do vosso campo físico.

Perceção, manipulação ou construção inadequadas na estrutura psicológica da sobrevivência da consciência conduzem à criação psicológica do medo e do ódio.

O indivíduo então constrói medo e ódio em construção física, dando ao medo e ao ódio forma física definida. O erro está na incapacidade original de perceber os dados interiores corretos — a estrutura psicológica subjacente básica da sobrevivência da consciência.

Este erro pode tornar-se habitual, colorindo todas as outras estruturas psicológicas e resultando em construções físicas infelizes e perigosas. São erros extremamente destrutivos e têm muitas causas. A construção física é então percebida pelos sentidos exteriores como ameaçadora e temerosa, e influencia — através dos sentidos exteriores — o indivíduo interior, de

modo que ele inicia um círculo vicioso, tentando formar outras construções físicas ainda mais ameaçadoras para combater as anteriores. E quanto maior o número dessas construções físicas destrutivas, maior a sua expetativa de novo medo.

Tenho vindo a insinuar as razões para tais erros. Erros habituais passam a fazer parte da perspetiva psicológica. A comunicação entre indivíduos, na perspetiva psicológica, é quase exclusivamente telepática, e é captada cedo pelos mais novos a partir dos pais. No início, as crianças começam realmente a sua construção física segundo linhas recebidas telepaticamente dos pais, ao mesmo tempo que aprendem a sua própria manipulação na perspetiva psicológica.

Usando a analogia da sobrevivência da consciência e da sua distorção em medo e ódio, dei-vos apenas um exemplo das maneiras como estruturas psicológicas básicas são mal interpretadas, com resultados infelizes.

Estou a encaminhar-me para a parte que a expetativa desempenha na construção do vosso ambiente físico, mas podem agora ver por que foi necessário explicar-vos antes a perspetiva psicológica.

Sugiro agora a vossa pausa.

(Pausa às 22h28. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Disse que se sentia muito melhor do que quando a sessão começou. Novamente sem os óculos, retomou do mesmo modo às 22h33.)

Esta noite, ou numa sessão seguinte, delinearei para vocês as estruturas psicológicas básicas, pois são extremamente importantes: formam a base das vossas construções físicas, e o seu conhecimento dir-vos-á com o que têm para trabalhar.

Esboçarei as básicas com que precisam de se preocupar, em qualquer caso, já que existem muitas outras que, neste momento, não vos dizem respeito.

Entendam, porém, que a consciencialização é o critério. Não há lei que limite o número de estruturas psicológicas disponíveis para vocês; mas, devido ao vosso desenvolvimento presente — e só por isso —, estão limitados. Experiência, ou a falta dela, em vários campos ainda não foi possível; portanto, falando praticamente, têm um número limitado de estruturas psicológicas básicas com que lidar; e a vossa perceção, a clara compreensão psicológica, a compreensão intuitiva e a manipulação e construções psicológicas dessas estruturas básicas determinarão a validade das vossas construções materiais que virão então a formar o vosso ambiente.

Podem ver que mal começámos a arranhar a superfície aqui. Talvez vislumbrem, de modo intuitivo, o que quero dizer quando digo que as vossas construções físicas formam — ou se tornam — a forma do vosso ambiente, nos termos do que disse sobre forma psicológica, ponto.

A forma do ambiente físico, por exemplo, não é estática; embora seja feita de matéria, não é uma coisa num lugar e dentro de um tempo, e não outra coisa. Isto é, a qualidade a que chamam ambiente, e de que falam como se fosse uma coisa com uma forma e figura únicas, é, na verdade, em vários momentos, muitas coisas em muitos lugares, estando vocês no ponto focal.

Assim, em qualquer momento, fisicamente, podem mudar aquilo a que chamam o vosso ambiente físico, simplesmente mudando de localização. O ambiente, portanto, não envolve uma coisa, mas uma perspetiva que existe em relação ao indivíduo.

Uma vez que o ambiente físico, por si, não é uma coisa que possam levar convosco, mas uma relação dentro de uma perspetiva pessoal, donde, então, se origina a sensação de consistência do ambiente?

Um homem, por exemplo, em várias fases da vida, pode estar sempre rodeado de livros ou de apetrechos de pesca, ou de uma cidade ou de um campo. Não serão sempre os mesmos livros ou apetrechos, nem a mesma cidade ou o mesmo campo. Mas o ambiente de um indivíduo terá, apesar disso, uma consistência de elementos, um padrão de aparências, que se pode chamar característico dele.

Este sentido de continuidade no ambiente individual resulta do modo característico do indivíduo de construir estruturas psicológicas básicas em estruturas físicas.

As estruturas psicológicas básicas disponíveis têm solidez, profundidade, massa, etc., definidas, na perspetiva psicológica, e podem ser formadas em padrões gestálticos sem número, que são então construídos fisicamente. As variações de construção são infinitas. Nada força um indivíduo, por exemplo, a formar gestalts psicológicos de ódio e medo a partir da estrutura básica de sobrevivência da consciência.

Fazê-lo representa uma incapacidade de perceber claramente a natureza da estrutura básica, e tal incapacidade transporta-se muitas vezes para o hábito, de modo que outras estruturas básicas também são mal interpretadas.

Um acerto — num pequeno ponto da perspetiva psicológica — pode, portanto, resultar numa mudança benéfica na manipulação de outras estruturas básicas, mesmo que pareçam não relacionadas. Depois de uma pequena nota, terminarei a sessão. Felizmente, pois a sessão foi excelente.

O vosso amigo fez duas amizades, uma mais velha e outra aproximadamente da sua idade, ambos homens. Ele tem estado, claro, ou esteve, perto de água. Esteve num bar com um barril grande. Há duas casas por perto, e uma sala da frente em frente de uma praia. Há um barco e um ancoradouro. Creio também que esteve num grupo com quatro homens — talvez algo a ver com um fio de conchas, também.

Boa noite, muito afetuosamente.

«Boa noite, o Seth.»

(Termina às 23h03. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume, embora dissesse que estava a sair do estado quando deu este último material sobre o Bill Macdonnel. Eu tinha reparado que ela falava muito cuidadosamente, quase com reserva, e ela confirmou que assim o fez, sem querer cometer erros.)

(Recorde-se que, na 68.ª sessão, página 221, em relação à viagem prevista do Bill, o Seth tinha dito que via o Bill a conhecer um homem mais velho «de cabelo espinhoso», e que via um barco a remos com um símbolo. Um homem mais velho e um barco são ambos mencionados acima e, quando o Bill regressar de Provincetown, Cape Cod — que fica, de facto, no oceano —, será interessante comparar o material do Seth com o que o Bill realmente viu e/ou fez.)

(A minha mão de escrita sentiu pouca fadiga. A Jane afirmou que dispensar os óculos não a incomodou nada enquanto transmitia o material.)

(Enquanto tentava o tempo psicológico tive as seguintes experiências:)

(Qui., 30/7: Falhei.)

(Sex., 31/7, 21h00: Sem resultados.)

(Sáb., 1/8, 21h00: Experimentei a minha familiar sensação de arrepio de modo suave mas definido, antes de me deitar e imediatamente ao deitar-me. Mais tarde, notei novamente a agora familiar sensação de elevação. Primeiro o meu pé esquerdo pareceu um pouco elevado, depois a minha mão esquerda e, finalmente, todo o lado esquerdo do meu corpo. Esta sensação — bastante agradável e definida — teve boa duração; a certa altura senti como se me tivesse virado para ficar deitada sobre o lado direito, de modo que o meu lado esquerdo ficasse levantado. A intensidade variou por vezes e, juntamente com isso, tive a sensação de arrepio em vários membros.)

(Perto do fim da experiência, vi a Jane entrar no meu campo de visão pelo lado direito. Ela sorria e vestia uma blusa branca sem mangas, e era seguida por uma jovem que eu não conheço. A Jane caminhava do outro lado do capô longo e brilhante de um carro preto; olhou para mim, sorriu e acenou em saudação.)

(Dom., 2/8, 21h00: Ao atingir o estado desejado [e não muito eficaz; as minhas capacidades continuam, pelos vistos, em baixa], experimentei uma sensação de arrepio leve e dispersa. Depois, as minhas mãos e pés pareceram algo elevados. Depois disto, surgiu algo novo para mim: enquanto se sentiam elevados, as minhas mãos também se sentiram fortemente atraídas uma para a outra, como por algum tipo de atração. Embora soubesse que não se moviam, pareciam cruzar-se e descruzar-se aos pulsos, com bastante frequência, aproximando-se e depois repelindo-

se. O mesmo ocorreu, de forma mais suave, nos pés, os tornozelos como se se cruzassem e descruzassem.)

(Seg., 3/8: Falhei.)

(A Jane não tem nada a acrescentar ao relatório.)

SESSÃO 76

O PODER DA EXPECTATIVA

(Na quinta-feira passada, 30/07, a Jane e eu fomos notificados pela Administração de Veteranos de que nosso pedido de empréstimo G.l para comprar a casa Birch foi negado; o motivo apresentado foi a íngreme estrada de terra que conduzia ao local.

(Esse cancelamento levantou muitas questões, uma vez que o Seth não havia dito nada sobre tal evento; por outro lado, as previsões dele foram todas prefaciadas pela palavra "se" ou outras semelhantes. Pensamos brevemente em solicitar uma sessão especial para tratar da surpreendente reviravolta dos acontecimentos, mas decidi não fazê-lo, não querendo cultivar tais hábitos de dependência. A minha ideia pessoal era que as nossas expectativas em relação à casa estavam em processo de mudança, sendo a perda do empréstimo o culminar natural da disso.

(É claro que ainda poderíamos ter obtido a casa através de um empréstimo bancário, que nos foi oferecido, mas recusamos, sentindo que as nossas ideias tinham mudado de alguma forma que ainda não estava clara para nós; no entanto, sentimos que estava relacionado com o material, ainda escasso, que o Seth nos tem dado respeitante ao poder da expectativa.

(Mais uma vez, a Jane não esteve nervosa antes do início da sessão. Ela não se sentia com muita energia e, como aconteceu na 75ª sessão, as 21h chegaram e passaram. Ela começou a ditar às 9h02, com uma voz natural e de forma deliberada, de maneira confortável. Os olhos escureceram como sempre.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Vou agora começar a sessão. Explicarei no devido tempo as circunstâncias que cercam a vossa casa ou, se preferires, irei abordá-las esta noite.

('Não importa.)

(Achei que qualquer material adicional sobre as expectativas poderia ajudar a explicar a situação da casa.)

Vou, pois, começar com um pequeno tratado sobre a importância da expectativa, não apenas na construção de objetos físicos a partir de informação interna, mas também na importância desempenhada pela expectativa no peneirar efetivo da informação interna que é recebida, e na importância da expectativa na interpretação da informação interna após o processo de eliminação ter sido feito.

A expectativa, talvez mais do que qualquer outra qualidade, caracteriza o indivíduo e representa os aspetos mais íntimos da sua personalidade. É a estrutura das suas construções físicas e, mais do que átomos e moléculas, representa os blocos de construção psíquicos de que as suas construções se erguerão.

Já falamos de construções psíquicas, e dissemos que as formas físicas são construídas sobre quadros psíquicos internos. As emoções, pois, no seu próprio domínio não percebido pelos sentidos externos, têm a sua própria solidez, forma, e é a partir delas que as vossas expectativas são formadas.

As emoções realmente formam as expectativas, e não o contrário.

Assim como objetos físicos podem ser manipulados, as emoções também podem ser manipuladas, elas podem ser combinadas em várias formas e construções psíquicas. As expectativas de um homem são o resultado da sua herança emocional e da sua própria capacidade de compreender e manipular essa herança.

Se ele manipular bem essa herança, então as suas expectativas resultarão para ele. As emoções devem ser usadas e desfrutadas como blocos de construção psíquica. Contudo, não existe nenhuma lei que afirme que um homem não possa, em vez disso, lançar esses blocos ao vento e ter esperança que, quando caírem, possivelmente caiam na forma de um castelo.

Uma vez mais, as expectativas não são apenas vitais na formação das construções físicas, mas também determinam qual a informação interna disponível de entre toda, será recebida pelo indivíduo; e então o indivíduo interpreta a informação em termos dessas mesmas expectativas.

O cerne da individualidade assenta, pois, nas expectativas que o indivíduo comporta, porquanto ele realmente obtém aquilo que deseja, tanto individual como coletivamente.

Se um homem desejar mudar o seu destino, o desejo não é suficiente, mas a expectativa é. O desejo pode se transformar em expectativa, mas por si só não é suficiente. A expectativa é realmente o principal factor de desencadeamento que ativa a informação interna no domínio da construção física. Sem ele, nenhuma construção física resulta.

Esta é uma informação extremamente valiosa, particularmente no que concerne ao papel desempenhado pela expectativa na análise da informação disponível. A expectativa é um tanto influenciada também por existências passadas, mas não o suficiente para se tornar vinculativa na personalidade presente.

Uma expectativa de perigo realmente criará perigo. Uma expectativa de sucesso criará sucesso. Isto é traçado de forma muito simples, mas não existe nada, em termos práticos, de mais válido, uma vez que a expectativa tem por trás dela a força motivadora da personalidade e utiliza num nível subconsciente fortes capacidades e abrangência.

A expectativa é a força, pois, que desencadeia realidades psíquicas em construção física. . .

No vosso campo físico, e esta limitação é importante, no vosso campo físico, as verdades muitas vezes são causadas por, ou são o resultado do exercício de expectativas. Portanto, se vocês acreditarem, por exemplo, que excelentes artistas devam ser acometidos pela pobreza, então isso fará parte da vossa estrutura de expectativas geral; e para vós realmente será, e existirá como, uma verdade.

Se vocês enriquecessem, incorreriam no risco de perder a vossa capacidade, já que no vosso domínio de expectativas, capacidade desta natureza e riqueza não existem em simultâneo. Para proteger a vossa habilidade então, você haveriam de lutar diligentemente por manter a vossa pobreza.

Se outro homem, por exemplo, não acreditar que talento artístico de alto grau não possa coexistir com riqueza, então a sua verdade não é a verdade dele, e ele não será ameaçado pela riqueza, nem pela sua capacidade.

Pode até melhorar. Como eu disse que as expectativas são formadas pelas

emoções, então obviamente são as próprias emoções básicas que devem ser manipuladas, uma vez que as expectativas são os quadros formados pelas emoções. Este é o ponto de partida.

É inútil ignorar o facto de que vocês sentem ódio, embora o ódio seja uma distorção de uma mobilidade psíquica básica. A menos que vocês aprendam a nunca distorcer a sobrevivência da consciência básica em termos de ódio, vocês sempre terão que lidar com ódios e agressões aparentemente não resolvidos.

As agressões são meramente o resultado de uma energia não direcionada de forma clara, de padrões de sobrevivência inválidos. Se essas agressões não forem tratadas com alguma medida de sucesso, elas se transformarão em expectativas, onde então irão liberar o seu poder na formação de construções menos afortunadas.

As emoções, ou a energia emocional, podem ser transformadas com bastante facilidade de uma coisa em outra. A energia do ódio pode ser utilizada no amor, por exemplo. Contudo, as agressões podem ser transformadas em termos construtivos se usarem de cuidado. As agressões deviam ser, assim que possível após o seu reconhecimento, transformadas em construções. Caso contrário, vocês esquecem conscientemente a agressão; a energia é armazenada até explodir no que chamaremos de construção não supervisionada.

A reação quase instantânea da Jane após o aviso do G.I. foi, aqui, excelente. O sentimento agressivo, descontrolado, teria causado dificuldades na galeria e até no vosso relacionamento pessoal. O facto de ela procurar a amiga, vossa senhoria, foi benéfico, uma vez que numa conversa inofensiva e tagarelice muita energia agressiva foi construída de forma inofensiva.

A azáfama quase imediata no apartamento foi ainda melhor. Ela já estava preparada para ação e atividade física. Um acesso de raiva, como lançar os pratos à parede, teria sido mais eficaz do que nenhuma ação, embora não fosse o melhor tipo de solução.

Contudo, a mudança construtiva do apartamento foi instintivamente acertada, tal como foi o vosso acordo em ambos os casos. A atividade física é uma excelente forma de utilizar e controlar o efeito da reação agressiva, e impedirá a acumulação de emoções agressivas em ‘construções físicas’ (NT: Enfermidades?) não supervisionadas, e também evitará a acumulação

habitual de tais agressões, do que resultam continuamente construções prejudiciais.

Exceto pela deceção no campo da sua escrita, a Jane opera quase instintivamente dentro de um padrão benéfico nesse aspeto, e tu certamente estás a progredir. Também não é tolice considerar melhorias no vosso apartamento nas circunstâncias de que estamos a falar.

(A Jane agora teve a sensação de que o Seth começaria a discutir o assunto da casa se quiséssemos. Conversando sobre o assunto, decidimos deixar que o Seth tocasse no assunto quando quisesse. Razão por que não fizemos perguntas no intervalo.

(A Jane retomou da mesma maneira deliberada; com muitas pausas.)

Não há como contornar o que eu disse. O poder emocional que existe por trás das vossas expectativas transforma as vossas expectativas em realidade física. O subconsciente, como vocês o chamam, representa um tremendo poder bruto que desencadeia a construção de acordo com as expectativas que vocês formam com base nas emoções. O intelecto deveria ajudá-los a compreender essa usina de energia, para que vocês possam direcionar as vossas energias para onde for necessário. O intelecto deve funcionar como um raio X, permitindo-lhes ver o seu interior.

Embora muitas das vossas expectativas sejam formadas na infância, nenhum interruptor está realmente encravado numa posição, e é prerrogativa vossa canalizar a vossa energia emocional para qualquer padrão de ação que desejarem. É extremamente importante, embora difícil, sondar e descobrir exatamente quais são as vossas expectativas atuais.

Não os vossos desejos, mas as vossas expectativas, pois vocês só construirão fisicamente aquele ambiente que vocês acreditam ser capaz de construir. Foi dito que muitas vezes as expectativas dos homens são demasiado elevadas para as suas capacidades, mas na verdade as expectativas formam as capacidades; e se as expectativas fossem mais elevadas, as capacidades também florescerão.

Isso tudo são aspetos práticos relativos à construção de informação interna em matéria física, e informação mais prática não lhes poderia ser dada. Eu sugeria, Joseph, que tu tenhas recebido a ideia inicial de que um verdadeiro artista não pode ser rico. Sabes inconscientemente que eras um artista. No momento em que percebeste conscientemente que eras um

artista, paraste de tentar ganhar um bom dinheiro, com receio de que isso te furtasse a capacidade.

(A esta altura, a fala de Jane estava a tornar-se mais enérgica e animada, embora ela não exibisse qualquer mudança digna de nota na voz.)

Enquanto acreditares nisso, as expectativas que nutres com relação à realidade tornar-se-ão, em verdade, uma realidade. Nem é preciso dizer que se toda a tua energia se voltar para o ganho de dinheiro, pouco sobrará para a pintura, mas há uma diferença muito grande entre esta equação e aquela que diz que um artista deverá ser pobre.

Há muita margem de manobra aqui. Gostaria, se me permitires, de sugerir, infelizmente, um reforço neste tipo de expectativa. Eu insinuaria da tua parte um sentimento de culpa bastante ilógico, mas talvez compreensível, que envolve o teu pai. Eu sugeria, de facto, que talvez tu hesites, enquanto o primeiro filho, em ser mais solvente financeiramente do que o teu pai é, e por conseguinte, aos teus próprios olhos, o envergonhes simbolicamente.

(A voz de Jane tornou-se repentinamente muito alta. A palavra seguinte que ela enunciou foi a palavra "de facto" começando a frase seguinte. Eu anotei-a como de costume; então, caminhando até junto de mim, a sorrir, mas também atenta, ela tirou-me a caneta da minha mão; ela própria escreveu a palavra no topo da página, em letras de 3/4 de polegada de altura, e sublinhou-a fortemente para dar ênfase em termos inequívocos.)

DE FACTO.

Também sugeria, se é que me perdoas, um receio inteiramente natural de um relacionamento incestuoso com a tua mãe. Nada lhe agradaria mais do que dinheiro, e tu receias teme que, ganhasses mais dinheiro do que o teu pai, ele sentisse que tu estavas a fazer isso de propósito, para ficar com ela.

(A Jane esboçou um sorriso amplo, encarando-me com um pé em cima de uma cadeira.)

Agora, o que tu gostarias de fazer com uma mulher de setenta e dois anos vai além da minha compreensão. Perdoa a meu humor, pois o assunto é sério. Eu não pude resistir. Mas todas estas realidades psicológicas

internas influenciam as tuas expectativas, assim como a Jane está inteiramente convencida de que um escritor de verdadeiro mérito não pode ter filhos. No caso dele, porém, os reforços estão tão perigosamente interligados que não farei nenhuma tentativa de o esclarecer. A estrutura da personalidade dela está agora tão ligada a esta verdade inexistente que seria perigoso para mim alterá-la.

Tu estás seguro desde que coloques uma boa porção de energia na pintura, mas essa tua expectativa distorcida pode acabar deixando-te amargo até mesmo com a sua pintura; porque mesmo quando tu está satisfeito com o teu trabalho, isso pode tender, definitivamente, a impedir-te, em termos veemente, de buscar dele não apenas recompensa financeira, mas também outras satisfações, impedindo-te de o exibires onde tal exibição em galerias e exposições por todo o país é importante.

Tal veto sobre exposições, por exemplo, não faz parte da vossa expectativa distorcida agora, mas poderia facilmente tornar-se parte dela. Todas as expectativas evoluem, válidas e inválidas.

Não estou, como tu deverias saber, a sugerir um trabalho de oito horas. Estou a sugerir que examines tão objetivamente quanto possível as próprias expectativas básicas que entreténs, pois isso irá ajudar-te e é um passo básico para as mudares para melhor. O teu talento é realmente excelente e da mais alta qualidade. Muitos artistas produziram e obtiveram lucro com as suas produções. Há certos trabalhos que tu poderias fazer que poderiam ser comparados à ficção científica da Jane; isto é, comercial, por trazer dinheiro e, ainda assim, expressar uma parte intuitiva e criativa da personalidade e não ser, como tu dizes, trabalho pirateado.

No teu campo da arte tu poderias sair-te melhor agora do que ela no da ficção científica, já que tu tens mais certeza de como consegues os teus efeitos, e ela ainda não. O teu medo do trabalho freelance é provocado principalmente, mas não inteiramente, pelas expectativas distorcidas que abrigas. Por um lado, receias ganhar muito dinheiro, enquanto conscientemente receias não ganhar o suficiente, pois a energia expandiu-se; e enfatizo *expandiu-se*, em vez de *estendeu-se*.

Esta tua expectativa, esse medo de ganhar dinheiro, é um elemento forte na tua constituição psicológica e, além dos motivos já apresentados, existe uma necessidade subconsciente de punir a tua mãe. Tu percebes que ela pressionou o teu pai a ganhar dinheiro, e ninguém, inclusive tu, poderá fazer o mesmo contigo. O mesmo acontece com o raciocínio interno.

Aponto-te isto para seu benefício. Mais uma vez, não sugiro que saias a correr a tentar conseguir um emprego a tempo integral, ou que despendas todas as tuas energias como freelancer.

(Mais uma vez a Jane tirou-me a caneta da mão e sublinhou a palavra "todos" na frase acima. Não tinha a voz não tão alta agora.

(Estás a divertir-te esta noite?)

Estou a divertir-me. Diverte-me ter que te apontar estas verdades acolhedoras; e para que a Jane não se sinta negligenciada, irei procurá-la novamente um dia destes.

Eu sugiro que, com as tuas habilidades, se tu puder corrigir as expectativas que nutres, poderás ficar numa situação muito mais confortável, e isso acontecerá se tu corrigires as tuas expectativas. Sugiro também que tu subconsciente e conscientemente sabias desde o início que as expectativas da Jane nesse sentido coincidiam exatamente com as tuas. Vocês reforçaram-se mutuamente na perfeição.

Qualquer coisa que lhe desses era mais do que ela tinha e muito mais do que ela esperava. Isto também é muito importante, e a tua mãe sabe disso. É por isso que às vezes ela suspeita que a Jane esteja aliada a ti contra ela, como de facto está.

Vocês dois estão a esforçar-se por não ganhar dinheiro, embora isso seja um pouco mais compreensível da parte da Jane, pelo menos devido a que o treino não seja tão específico. Quando algum de vocês requer ou solicita mais dinheiro, vocês sentem-se como ladrões. A jane ainda não administrou as capacidades dela com competência, mas tu só tens essa expectativa distorcida que te tinge as construções.

Não o fez, percebes, antes de perceberes que era basicamente um artista, porque então os dois elementos do talento e do dinheiro não estavam em contato. Poderias ter feito uma transição muito menos dolorosa entre a total comercialização e a pintura do que fizeste, mas aqui, num momento crucial, estava a Jane, de olhos arregalados, com as suas ideias sobre o artista acometido pela pobreza; e tu pode prosseguir a partir daí.

Eu próprio não acredito que seja possível, devido à tua composição, que tu algum dia venhas a ser um milionário, embora eu possa estar errado. Mas com o mesmo dispêndio de energia, tu poderia ficar muito melhor com uma mudança de expectativas, e a mudança resultante na direção da sua construção energética.

Agora, a Jane também tem receio do dinheiro. Ela receia que lhe seja tirado e, portanto, tem medo de ter dinheiro, desde logo. Esta é uma noção altamente ridícula, causada por uma interpretação infantil dos acontecimentos na vida de teu avô, e também pelo receio de que a tua mãe te roubasse tudo o que ele possui.

Ela escreverá uma história não apenas excelente, mas vendável, e colocará uma ou duas linhas e um matiz ao longo da história, que a torne não comercializável. Como esse tipo de expectativa une vocês os dois, vocês dois deviam tentar superá-la, pois, caso contrário, haveria uma discrepância problemática, embora não crítica, que poderia, pelo menos temporariamente, perturbar o vosso relacionamento.

Se tiveres a mão cansada, dar-te-ei uma pausa ou encerrarei a sessão.

("Bem, está a ficar cansada.

(Era verdade; eu tinha anotado as últimas páginas em alta velocidade.)

Encerrarei então a sessão, pois a Jane está um tanto irritada comigo. Além disso, ela receia que anotar em demasia te tire tempo para o teu trabalho. Precisarei dizer que tal material é extremamente útil e que o conhecimento raramente é obtido tão facilmente? Desejo-lhes uma boa noite.

(A Jane disse que ela estava fortemente dissociada. Seth, disse ela, deixava-a fumar o quanto quisesse, apenas para que fosse mais fácil para ele mantê-la tão bem sob controlo.

(Eu mal tive a hipótese de relaxar a minha mão, e a Jane e eu tínhamos acabado de começar a discutir a sessão, quando Seth surgiu de novo. A Jane ditou em voz baixa enquanto estava sentada à minha frente.)

Não se trata de ir atrás do dinheiro com frieza, mas antes de naturalmente esperar que a capacidade traga as suas construções físicas naturais, em termos de satisfação física.

(Seth não havia falado muito sobre a aventura pela casa, de modo que a Jane e eu estávamos a discutir isso quando ele regressou. Mais uma vez a Jane ditou enquanto estava sentada.)

A Jane sentiu durante a vossa terceira visita à casa o humor das pessoas que a cercavam. Tu também. Se vocês tivessem ficado com a casa vocês teriam mudado no dia 13, e teria dado muito certo, porque as vossas expectativas teriam aumentado.

Tentei edificar as vossas expectativas. Antes das nossas sessões tu sentir-te-ias satisfeito com menos. Terias feito um excelente trabalho nisso. Admito que tentei de alguma forma influenciá-los aos dois; mas sem a vossa aceitação, e aceitação prática, desta ideia de possuir uma propriedade e uma casa, e eu quero dizer aceitação prática, assinada nas entrelinhas, vocês não teriam chegado a lugar nenhum com o vosso desejo de ter casa própria.

Quanto às crianças, não considero crianças jovens de 15 anos. No entanto, após o dia 13, e por motivos psicológicos, a casa não estará à vossa disposição. Vocês precisavam ver em termos concretos exatamente quais eram as vossas expectativas, e a casa representava naquele momento o ápice das vossas expectativas, senão o ápice do vosso desejo.

No entanto, mais uma vez, vocês teriam feito um excelente projeto; vocês os dois alteraram as vossas expectativas, quando as enfrentaram em termos concretos. Não vou entrar nisso agora. Este é apenas um pequeno pós-sobescrito.

A energia libertada na expansão da expectativa pode ser aproveitada no vosso trabalho, bem como na construção natural das expectativas que sempre se seguem.

SESSÃO 77

5 DE AGOSTO DE 1964

(Ao tentar o tempo psicológico na terça, 4/8, às 20:15, não tive resultados. Na quarta, 5/8, falhei a tentativa. A Jane não tinha nada a acrescentar ao registo. Ambos sentimos que estamos ainda em baixa psíquica.

(A Jane não fazia ideia do tema da sessão à medida que a hora se aproximava. Ela não estava nervosa. E, mais uma vez, como nas sessões 75 e 76, as 21:00 chegaram e passaram, e ela não começou a ditar à hora. Contudo, começou às 21:01. A voz estava baixa, o passo bastante lento. Os olhos escureceram como de costume.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.

(Neste momento a Jane abriu um largo sorriso.)

Vocês de facto assustaram o nosso coelhinho Ruburt esta noite. Ele é muito mais tímido nas relações com o mundo exterior do que talvez suponhais.

Não me vou alongar muito nisto hoje, salvo dizer que ele ficou completamente chocado. De muitos modos ele é, de facto, uma criatura de hábito, e sente-se relativamente seguro na galeria, e detesta abdicar de um refúgio que, certamente, ajudou financeiramente. Onde a escrita dele não está em causa, e quando ele se relaciona com o mundo em geral, ele é tímido, receoso, e sem a confiança que o conhecimento interior do próprio valor decerto lhe deveria dar.

Ele confia no seu valor básico enquanto indivíduo, enquanto escritor e até, por fim, enquanto esposa na relação contigo. Mas quando ele se relaciona com o mundo em geral, a sua primeira reação infeliz é um pânico que deriva de herança psicológica e emocional, ambiental, pois ele absorveu a desconfiança de o exterior de a mãe.

A aparência de confiança, o eu social cativante, é na verdade uma camuflagem, adotada para dar tempo a ele de se aclimatar a novas circunstâncias deste tipo. Como sabes bem, ele viveu sob estreita supervisão de a mãe e, até à adolescência tardia — muito tardia —, toda a vida dele foi literalmente passada no perímetro de quinze quarteirões, salvo excursões muito curtas.

Ele foi certamente encorajado, e por a mãe, a seguir os caminhos das liberdades intelectuais interiores — até certo ponto; mas cedo lhe foi incutida a expectativa de que o mundo exterior significava perigo, no mínimo, e tragédia, muito provavelmente.

Circunstâncias posteriores forçaram-no para fora; e, ainda assim, sempre que as circunstâncias permitem, no que toca a relações e situações de negócio, ele permanecerá onde está.

As tuas sugestões esta noite foram boas. Ele está na verdade mais assustado com relações de negócio do que tu, para dizer o mínimo, mesmo concedendo que a formação dele não é tão específica. À medida que começar a compreender estas questões, ele irá expandir-se, como deve, nessas direções.

Este material, e outro do mesmo teor pessoal, deve ser tomado como bónus adicional no âmbito das nossas sessões. Eles são mais benéficos do que agora imaginais. A atuação algo hilariante dele numa reunião social pouco habitual é causada por este medo, e o comportamento agressivo espetacular representa uma tentativa de atacar antes de ser atacado.

Vender de porta em porta tinha, para ele, a vantagem subjetiva de que ele era o senhor da situação e era de facto o invasor. O pobre dono de casa ficava na defensiva. Isto já não resultará, e eu sugiro que ele não o

considere. À sua maneira, ele tem estado a remoer. Ele gostaria de algum prestígio em termos de posição e benefício financeiro, coisa que antes não o preocupava.

Talvez vejas como expectativas são de facto traduzidas pelo indivíduo em realidade concreta. Aprender é sempre possível. Se não fosse, estaríeis muito mais severamente limitados. Estas sessões estão por certo a acelerar o vosso processo de aprendizagem, e são, por si mesmas, naturalmente resultado das vossas expectativas interiores.

Se não fosse assim, a própria possibilidade das sessões nem sequer existiria para vós.

Quero acrescentar uma nota sobre a importância e perigos de a crença. Uma mente aberta é, de longe, uma das melhores vantagens que podeis possuir. A crença é uma porta de duas vias, embora não tenha de o ser. Uma crença, por exemplo, pode parecer negar outra crença. Um exame atento mostrará muitas vezes que não é o caso. Simplesmente, por exemplo, uma crença na cor vermelha não nega uma crença na cor verde.

Quando uma crença num termo abstrato parece negar outro termo abstrato, pode muito bem ser porque a vossa aceitação ou expectativa não é suficientemente expansiva para incluir ambos.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:28. A Jane estava dissociada como de costume. Seguiu-se um intervalo bastante longo, durante o qual discutimos o rumo que a escrita de a Jane deveria tomar no futuro imediato. Quanto mais falávamos, menos parecíamos conseguir decidir; por fim ocorreu-nos que estávamos ambos cansados e que provavelmente não devíamos tentar tomar tais decisões neste estado.

(A Jane retomou do mesmo modo calmo, com algumas pausas, às 21:42.)

Ambos irão beneficiar das férias. Não haverá sessões. Sugiro até que prescindais, nesse período, dos vossos experimentos de tempo psicológico.

A Ruburt poderá beneficiar de fazer esboços, como planeou. Tu, o Joseph, poderás achar muito útil esboçar para futuras pinturas. O prazer sensorial far-vos-á muito bem nas férias — uma imersão sensorial e psíquica nos padrões da natureza irá retemperar-vos.

Sei que esta próxima sugestão suscitará protestos de ambos, por aquilo que julgais ser razões práticas. Ainda assim, por causa das vossas constituições particulares, pequenas férias devem definitivamente tornar-se parte da vossa existência anual; e, quando as esperardes, surgirão os meios para as realizar. Mas é preciso mostrar fé.

Nos vossos casos, pelo menos um fim de semana por mês deve ser reservado para imersão sensorial nos padrões da natureza, dispensando as considerações práticas habituais. O restauro mais do que compensará o

“tempo perdido”. Não falo necessariamente de viagens longas. Os detalhes serão vossos, claro.

Na verdade, porém, a extensão física no espaço, mesmo em termos de deslocações curtas, ajudará a expandir os vossos horizontes psíquicos e mentais e ajudará a compensar outras liberdades que a vossa casa teria proporcionado.

Estou propositadamente a dar este tipo de material esta noite, por razões minhas. Embora ambos estejam a ir muito melhor, ainda assim despenderam muita energia subconsciente no passado recente — e não de formas construtivas. Essa perda é muito menor do que a mesma situação vos teria causado no passado.

No entanto, drenou-vos a ambos até certo ponto. Felizmente não será nada difícil recuperar. Psiquicamente, estais agora muito mais resilientes. Outro pequeno ponto: do vosso pequeno círculo de amigos recebeis uma troca muito benéfica de energias e compreensões psíquicas.

Isto tem faltado com o Mark, por exemplo, atualmente ausente. Não é o Mark, necessariamente; é que a troca discreta mas frequente, informal, entre tu, a Ruburt e um amigo chegado do mundo exterior tem faltado. Este tipo de relação com alguém que ambos achais afim é um sopro psíquico de ar fresco, pois oferece saídas e intercâmbios psíquicos extremamente importantes.

Queria ter mencionado isto mais cedo. Claro que dentro de limites; ainda assim, um amigo ou amigos afins representam uma necessidade básica de intercâmbio psíquico, e até uma válvula de segurança para pressões acumuladas. O intercâmbio psíquico é o aspeto importante.

Terão de encontrar um equilíbrio. Influências a mais deste tipo seriam dispersivas, mas algumas são definitivamente necessárias; e volto a sugerir que convideis alguns visitantes afins a vossa casa. Telepaticamente e através dos sentidos interiores, captais de forma valiosa e diversificada dados deste modo — dados esclarecedores e úteis ao subconsciente, que alargam a base psíquica de consciência.

Sugiro o intervalo.

(Intervalo às 22:02. A Jane estava dissociada como de costume. “Bem longe”, disse. Ela retomou do mesmo modo, novamente com algumas pausas, às 22:05.)

Não vou manter uma sessão regular esta noite; vou terminá-la em breve. Tenho, porém, uma sugestão — e apenas sugestão — para o Joseph. Amanhã à tarde sugiro um passeio longo, despreocupado, refrescante e solitário, na tarde que costuma ser dedicada a pintar.

Enquanto caminhas, envolve-te sensorialmente com as árvores, a paisagem em geral e as cores e, se possível, perde-te no perfume e vitalidade delas. Respira fundo fisicamente, deixa que o teu organismo

sinta o seu envolvimento e o entrelaçamento complicado com o próprio ambiente físico.

Este é um modo espantosamente agradável e benéfico de relaxamento e renovação psíquicos. Não te preocupes com o tempo físico. Não exageres. Volta a casa antes de estares cansado. Esquece, se possível, todas as considerações pessoais egotistas, sentindo apenas unidade psíquica. Hás de ficar admirado com a ajuda que isto dará.

Este tipo de experiência é muito mais prático quando usado antes de seres realmente empurrado para ele — e não estás, de modo algum, nesse ponto. As coisas então cairão no seu lugar. Há aqui um dar-e-receber psíquico que compensará em parte a atual falta de amigos afins.

A troca psíquica de que falei, a propósito de visitantes afins e relativamente regulares como o Mark, é subconsciente, e todos vós beneficiais. Mesmo a regularidade, quando não exagerada, é um trunfo forte e, na sua ausência, devem ser tomadas medidas compensatórias de algum tipo.

Embora a vossa relação — isto é, a relação entre tu e a Ruburt — seja extremamente útil a ambos, tendes a tendência, cada um de vós, para vos tornardes ensimesmados; e, psiquicamente, precisais de variedade, afluxo e dos dados diversificados obtidos subconscientemente de outros, ao mesmo tempo que também acrescentais ao afluxo deles.

Não tenho intenção de deixar o nosso material sobre matéria no ar. Contudo, a discussão desta noite é muito oportuna; desde que tenho agora confiança em vós

(Aqui a Jane sorriu.)

podemos permitir-nos algumas digressões pessoais. Determinadas liberdades têm de ser conquistadas para compensar as liberdades que a casa teria proporcionado.

A proximidade de o rio ao vosso apartamento deve ser aproveitada. Sugiro também que prescindais de tempo psicológico durante o resto desta semana. Precisais agora de recarregar as baterias, por assim dizer, e isto deve ser o mais agradável e aprazível possível. Como favor especial nessa direção, vou encerrar a sessão.

A minha afetuosa boa noite a ambos. Não correis perigo de uma depressão severa de qualquer tipo. Um dos benefícios destas leituras pessoais é eu poder ajudar-vos a apanharem-vos a tempo, por assim dizer — e isto é uma aventura mais importante do que imaginais.

Com pesar, digo boa noite.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 22:26. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse que sentia que o Seth poderia ter continuado indefinidamente, mas estava a poupar-nos porque estávamos cansados. Observei que me sentia bem e que podia continuar por algum tempo, se alguém quisesse.

(A Jane retomou, sentada à mesa comigo. A voz estava um pouco mais forte e rápida. 22:27.)

Muitas vezes, como posfácio, tu bloquearás pessoalmente dados interiores teus por causa das tuas próprias conotações psicológicas, mas aceitarás o mesmo material básico telepaticamente de outra fonte, como um amigo.

Tendes tendência a ir aos extremos. Ou a Ruburt enche a casa de gente, ou não vem ninguém. Escusado será dizer que uma boa parte da vossa resistência nesta área é causada por o medo. Há uma resistência necessária que fala por o isolamento, e alguma é certamente imprescindível.

Uma abertura psíquica é difícil de alcançar, sem dúvida, e ainda assim fará progredir grandemente o vosso trabalho. A Ruburt trabalhará com nova energia depois de férias, e até as sessões mostrarão novos progressos.

Um dia, como mínimo absoluto — de preferência dois por mês — deve ser consagrado a envolvimento animal com os elementos, e isto equilibrará as vossas vidas psíquicas e aumentará as vossas perceções e o vosso trabalho.

Descobrireis que o tipo de foco — o foco particularizado — atingido na contemplação livre e no gozo de a natureza é uma mudança bem-vinda face ao foco dissociado procurado, em certa medida, nas buscas psíquicas. Se possível, sugiro que a Ruburt esqueça até depois de férias todos os problemas relativos a o emprego dela ou a um novo.

Mencionei antes que ela precisa mais de férias do que tu, tal como no ano passado a situação era inversa. A necessidade dela não é tão premente como a tua foi então, mas é, ainda assim, premente. Atividade física fará bem. Quaisquer melhorias físicas criativas no apartamento ajudarão. Ela tentou, muito mais do que nunca, corresponder ao que considera ser as suas responsabilidades, e fê-lo de bom grado — e pode usar uma exuberância. Exuberância, para ela, é de facto uma válvula de segurança — e, no geral, excelente quando mantida dentro de limites.

A expectativa, da parte dela, de a casa, proporcionava isto em certa medida. A sua tendência, tanto para reações indisciplinadas como para disciplina habitual, parece contraditória, mas representa meros contrapesos na natureza dela. Ela poderia, conceitualmente, agir sem disciplina nenhuma; mas também poderia, conceitualmente, negar-se qualquer liberdade e esconder-se dentro de horários e hábito.

Tu não te apercebias, antes, de quão forte podia ser nela este desejo de hábito, e a confiança nele. Como outros — embora em menor grau —, deixaste-te enganar pelo desejo mais vistoso de exuberância e liberdade, que é também uma parte básica e cativante da natureza dela, e uma parte importante, na verdade, do ponto de vista de a escrita e de as nossas sessões.

Disciplina é necessária para ela, mas o medo poderia impor a disciplina com mão demasiado pesada.

Meus caros amigos, vou agora terminar a sessão. Mas espreitarei por vós antes de segunda-feira, e os meus melhores votos estão sempre convosco.

(Boa noite, o Seth.

(Fim às 22:45. A Jane estava dissociada como de costume. A minha mão de escrever sentiu muito pouca fadiga.)

SESSÃO 78
10 DE AGOSTO DE 1964

(De quinta-feira, 6/8, a segunda-feira, 10/8, a Jane e eu descansámos de tentar o tempo psicológico e não temos nada a relatar.)

(A Jane não estava nervosa antes da sessão. Estava tudo silencioso. Ela começou a ditar à hora marcada, com uma voz normal. A fala dela foi bastante deliberada, e fez muitas pausas entre as frases ao longo de toda a sessão. O compasso foi regular, os olhos dela escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, o Seth.")

Vamos abordar uma variedade de temas esta noite, começando talvez com um pequeno trecho de material relativo à energia em geral.

Nenhum sistema é um sistema fechado. A estrutura de todos os sistemas é basicamente infinita. Qualquer aparência de clausura resulta de distorções de camuflagem, bastante necessárias dentro de um dado sistema para que os organismos nele contidos possam concentrar a sua principal atenção nos problemas de um sistema particular.

(Recentemente, a Jane tinha andado a ler um ensaio no qual se discutia a entropia, a medida matemática da energia indisponível num sistema termodinâmico. O autor do livro postulava sistemas fechados. Ontem, a Jane comentou comigo que não achava que o Seth concordasse e que talvez tivesse algo a dizer sobre isto, embora não soubesse quando.)

Uma vez que os sentidos exteriores, ou o seu equivalente, são os principais percecionadores das construções de camuflagem, então os sentidos exteriores e o aparelho físico, ou o seu equivalente, perceberão habitualmente o seu sistema particular como um sistema fechado.

Os sentidos exteriores percebem apenas certas distinções dadas dentro de um sistema aberto e infinito, e essas distinções tornam-se, portanto, os limites aparentes do sistema. Um sistema fechado é, por outras palavras, o resultado das limitações dos sentidos exteriores, cuja natureza é distinguir

como realidade significativa apenas uma porção de um sistema aberto e infinito.

As distinções formadas pelos sentidos exteriores limitam, portanto, a perceção como um todo, ao mesmo tempo que a intensificam num pequeno mas vívido raio de realidade aparentemente fechado. Quando o pensamento conceptual se desenvolve o suficiente, então imagina-se que toda a energia tem origem no que parece ser um sistema fechado; e este erro de perceção acaba por colorir todas as deduções feitas acerca da natureza da própria energia.

Repito que nenhum sistema, seja de tamanho microscópico ou cósmico, é alguma vez um sistema fechado. Não existe sistema fechado. Não discutirei, por agora, a questão mais profunda de um sistema único, infinito e aberto, embora esta seja a realidade que, teoricamente, não tem de facto limitações. A energia renova-se completa e constantemente.

Isto pode ser um pobre exemplo. No entanto, imaginem uma sala pequena, uma sala muito pequena, para dentro da qual foi arremessada com grande força uma leve bola de pingue-pongue, de modo a que ressalte de um lado para o outro contra as paredes estreitas. A partir do interior da sala, os habitantes que observassem poderiam, através de deduções matemáticas, calcular exatamente durante quanto tempo a bola manteria as suas atividades de ressalto contínuo, a que ritmo o movimento da bola diminuiria e em que momento futuro o movimento cessaria por completo.

Isto representaria um sistema fechado. Os cálculos teriam de basear-se na suposição de que o sistema original, de algum modo, teve a sua origem dentro da própria sala. Imaginem agora que os nossos habitantes foram hipnotizados a acreditar que estão numa pequena sala fechada. A atenção deles fica completamente focada dentro da sala imaginária, com o resultado de que todos os conceitos deles se baseiam nessa crença.

É este o caso no que toca à ideia de um sistema fechado. Todos os chamados sistemas fechados são causados por uma limitação da perceção, um estreitar da distinção, um acordo subconsciente de que os cenários são reais e de que existem fronteiras. Inversamente, as fronteiras existem quando se pensa que existem.

Uma célula não é um sistema fechado. Um ovo, apesar de todas as aparências, não é um sistema fechado. Um crânio não é um sistema fechado.

Vou agora sugerir uma breve pausa.

(Pausa às 21h27. A Jane estava dissociada como de costume. Ela retomou do mesmo modo deliberado e tranquilo às 21h37.)

A estrutura da realidade, incluindo todos os fenómenos físicos, é composta de energia mental, a expandir-se em termos de realização de valor psicológico. Neste tipo de realidade não pode haver sistemas fechados.

A energia mental, na verdade, é um atributo da personalidade; mas a personalidade sobrevive à moldura física, tal como existia antes da moldura física e, na verdade, criou a moldura física. Podem ver, portanto, quão pouco imaginativa e basicamente inviável é a ideia de um sistema fechado.

Um sistema fechado, enquanto conceito, está também intimamente entrelaçado e dependente da ideia distorcida de tempo como continuidade e da consequente premissa de causa e efeito, que já considerámos antes. Uma distorção conduz a outra. Aprenderão muito mais à medida que continuarmos.

Uma ideia, que não pode ser cientificamente observada em nenhum dos vossos laboratórios, existe definitivamente. Uma ideia dificilmente é um sistema fechado, mas a realidade de uma ideia, o seu crescimento e potencial, aproxima-se muito mais de uma descrição das características do universo do que qualquer teoria atual.

Uma ideia contém em si uma energia que não conseguem, no presente, distinguir ou medir, uma energia transformada numa forma não percecionada pelos sentidos exteriores. Basicamente, não existe tal coisa como energia em diminuição. Isto, mais uma vez, é o resultado de um conceito de sistema fechado.

A vitalidade psicológica é uma transformação de energia, novamente, em termos não reconhecíveis pelos sentidos exteriores. Existem literalmente incontáveis manifestações desse tipo de energia com que os sentidos exteriores não estão familiarizados. Os sentidos interiores, pelo contrário, estão bem cientes dessas manifestações e da existência de um sistema aberto e infinito, dentro do qual só eles estão equipados para funcionar.

À medida que a confiança individual nos sentidos exteriores se desenvolve, a personalidade, em grande medida, passa a confiar neles e, gradualmente, perde o hábito de confiar nos sentidos interiores, mais familiares e utilizados principalmente na infância. Isto é, geralmente, uma questão de praticidade; no entanto, há aqueles que continuam teimosamente essa confiança mais antiga e básica nos sentidos interiores, e esses indivíduos utilizam a perceção de um sistema aberto.

Vocês estão a fazê-lo agora. O Ruburt está a fazê-lo agora. A vossa falta de sucesso, ultimamente, com o tempo psicológico deveu-se, em grande medida, a uma concentração consciente demasiado intensa na tarefa. Uma aceitação emocional — por mais desagradável que isto pareça ao o Ruburt — é aqui a resposta e, mais uma vez, uma imersão sensorial no presente espaçoso e na natureza irá revigorar-vos.

O ego e os sentidos exteriores reforçam a crença num sistema fechado e, portanto, fecham-no. Os sentidos interiores, quando o corpo físico está relaxado, levar-vos-ão através das fronteiras imaginárias; mas um foco consciente nas fronteiras a serem transpostas tenderá a reforçá-las.

Concentrem-se no objetivo em vez dos meios para o atingir, e irão atingi-lo.

Os resultados, quando forem recebidos, parecerão espontâneos. Dizer "eu estou sem peso", como o Ruburt faz, apenas reforça a ideia de massa e deve ser descartado. As vossas férias irão ajudar, e vocês devem, de facto, estar despreocupados e relaxar, se possível, como as crianças fazem.

Vocês sabem que uma imersão intensa em qualquer atividade particular resulta numa perda momentânea, ou aparente perda, da identidade do ego, na medida em que a atividade e a personalidade se tornam uma. O Ruburt torna-se o poema dele nessas ocasiões, e tu tornas-te a pintura tua.

Eu sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h01. A Jane estava dissociada como de costume. Mais uma vez fez pausas frequentes enquanto transmitia o material acima. Ela retomou, da mesma forma, às 22h07.)

Nesse estado, a personalidade está livre das limitações do conceito de sistema fechado. A identidade não se perde realmente, embora possas parecer esquecer-te de ti próprio, mas perdem-se os adereços da identidade. É nesse mesmo tipo de estado que têm lugar as experiências com os sentidos interiores mais significativas e benéficas.

Vocês já experimentaram tais estados, tanto no trabalho vosso como nos episódios de tempo psicológico. Vocês não sabem, de forma precisa e consciente, como alcançar esse estado quando estão a trabalhar. Parece simplesmente apoderar-se de vocês… e desaparecer. Vocês não conseguem provocá-lo por ato de vontade.

Ao evitarem distrações, vocês frequentemente, no trabalho vosso, deram-lhe duração. Vocês não temem tal aparente perda de identidade quando envolve uma imersão do eu na ideia. Não devem temê-la, também, nas experiências de tempo psicológico.

Embora de facto surja espontaneamente, há por trás disso uma boa dose de condicionamento e de expectativa, e o subconsciente de vocês traz isso à tona. Uma perda algo semelhante dos adereços pode também ser alcançada por uma imersão parcial numa ideia com a qual vocês já estejam familiarizados, como degrau; e isto é, na realidade, o que é a contemplação.

A ideia deve ser um conceito filosófico abstrato. Isto, pelo menos, pode ser feito por um intento consciente inicial. A contemplação de natureza abstrata conduz muitas vezes mais além, a uma experiência psíquica válida. Podem experimentar isto para variar o ritmo. Deve haver sempre um equilíbrio entre o condicionamento, o ritual e o hábito necessários e a espontaneidade, a liberdade e aquilo a que vamos chamar relaxamentos psíquicos instantâneos.

O condicionamento, portanto, também tem de ser vivificado, e a intuição irá ajudar-vos aqui. A natureza física vossa é, como vos disse, uma

aproximação e materialização da realidade interior num nível físico. Portanto, atividades tão simples como caminhar à chuva, deitar-se sobre a relva, caminhar com tempo ventoso — todas representam portais para a experiência psíquica.

Eu não estou a minimizar a necessidade ou o poder do intelecto; mas qualquer atividade em que o indivíduo momentaneamente se esqueça dos adereços da identidade e se mergulhe nela permite-lhe prescindir das limitações práticas inerentes a um sistema fechado, e reanima a capacidade psíquica dele.

Com efeito, os momentos vossos de chamada inspiração no trabalho vosso verão que seguem tais períodos de imersão, dos quais o subconsciente, então, obtém a inspiração. Quaisquer propósitos que desejem alcançar devem ser mencionados ao o subconsciente antes de tais períodos de imersão sensorial ou de contemplação, e depois esquecidos ao nível consciente.

Um foco consciente demasiado grande nesses propósitos provoca uma reação negativa de dúvida e ansiedade. Eu não estou a dizer que não devam estar, de todo, conscientemente preocupados com os propósitos vossos. Um lembrete ao o subconsciente quanto aos propósitos vossos, sejam eles psíquicos ou práticos, será muito útil antes de uma imersão como um passeio, e assim por diante.

Agora. Imersão sensorial implica baixar, por um momento, as barreiras entre o ego e aquilo de que o ego está a desfrutar. Isto é suficientemente simples de seguir, e a informação dada esta noite será de grande valor.

A espontaneidade da experiência psíquica não pode ser enfatizada em demasia, e vocês irão encontrá-la novamente seguindo estas diretrizes que vos dei. Elas representam o segundo passo, tal como as experiências iniciais em tempo psicológico representaram o primeiro.

Devem ser retomadas e alternadas com as diretrizes acima, de acordo com o desenvolvimento vosso.

Eu sugiro a vossa pausa. Ou, porque tenho sido leniente ultimamente, podem terminar a sessão, se preferirem.

("Não.")

(Pausa às 22h35. A Jane estava dissociada como de costume. Ela retomou da mesma maneira às 22h45.)

Esta é uma das principais razões pelas quais eu sugeri, como regra, pelo menos um dia, se não dois, por mês, passado longe dos adereços familiares do apartamento e em pequenas viagens. Os pormenores não são importantes e não precisam de grande despesa.

Se um carro não estiver disponível, mesmo longas caminhadas por várias zonas da cidade, com, digamos, almoço em vários locais de refeição desconhecidos, serviriam. O próprio viajar, com a mudança de ambiente e

com a atitude certa, tende a aliviar e a facilitar transformações psíquicas. Se o viajar for realizado também com a imersão no desfrute de que falei, então os benefícios são duplos.

O Ruburt não deve trabalhar menos do que quatro horas diárias na escrita dele e, quando possível, talvez algumas horas ao fim de semana. Tu deves também tentar quatro horas por dia. Subconscientemente, tudo o que fazes acrescenta experiência que irás usar no trabalho teu.

Esta foi uma sessão excelente. Não obstante, até a pausa de mim vos fará bem. Meus amigos mais queridos, eu desejo-vos uma muito agradável boa noite.

("Boa noite, o Seth.")

Tentativas espontâneas — antes, sessões espontâneas por conta própria — podem ser benéficas se não forem excessivas. Eu não direi mais sobre isto, esta noite.

(Fim às 22h56. A Jane estava dissociada como de costume. A mão minha de escrita não sentiu fadiga.)

SESSÃO 79
12 DE AGOSTO DE 1964

(Ter., 11/8, 20h15, eu experimentei a técnica de imersão, conforme discutido pelo o Seth na 78.ª sessão. Tentei contemplar mentalmente a parede de tijolo na lareira do o Ed Robbins, em casa dele, em New Paltz, N.Y. Pareceu resultar. Depressa atingi uma sensação de elevação e de pulsação no lado esquerdo meu, incluindo a mão esquerda e o pé esquerdo. Durante algum tempo, a mão esquerda também pareceu como se se estivesse a levantar de si própria, numa posição encolhida. Eu creio que poderia ter conseguido mais, mas fui interrompido pelo canto de um mosquito no ouvido meu.)

(Qua., 12/8, 20h12, eu fiz uma tentativa de contemplação sentado, mas não consegui nada para além de uma ligeira sensação na mão esquerda.)

(A Jane também tem tentado a contemplação e observou o princípio de algumas conquistas, após um longo período sem sucesso em tempo psicológico.)

(Recordar-se-á que, na 63.ª sessão, página 159, o Seth deu-nos uma data de 12–15 de agosto para a a Sr.ª Callahan. Esse período, a significar não sabemos o quê, começa hoje. Eu mencionei-o à a Jane esta manhã, mas não tinha planos de perguntar ao o Seth sobre isso esta noite.)

(Ambos dormimos até às 20h40 esta noite. A Jane não estava nervosa antes da sessão e, novamente, só começou a ditar às 21h01. Mais uma vez,

a voz dela estava calma e deliberada, e ela fez muitas pausas. Em contraste, o andamento foi bastante acelerado no início da sessão, e manteve-se assim até perto do fim. Os olhos dela escureceram como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, o Seth.")

Esta será a última sessão nossa antes das férias bem merecidas vossas.

Se os cientistas vossos perceberem que as ideias em si, e quaisquer fenómenos desse tipo, são compostos de energia definida, então perceberão que a energia não diminui.

As estruturas psicológicas subjacentes à realidade física também são compostas de energia, e são os blocos de construção de que eu falei anteriormente. A expansão delas não é limitada por nenhuma das leis vossas conhecidas, ou mal interpretadas, do espaço, do tempo ou da termodinâmica, uma vez que elas existem numa dimensão em que tais leis simplesmente não se aplicam.

Os princípios científicos vossos foram formulados quer através da interpretação direta da matéria, tal como é percecionada pelos sentidos exteriores, quer formulados indiretamente, mas em conformidade com tal perceção. Não se pode, portanto, pensar que eles se apliquem a dimensões não percecionadas pelos sentidos exteriores. A energia, então, expande-se em termos de realização de valor, na forma que eu expliquei em sessões passadas.

Os métodos atuais não conseguem investigar este tipo de expansão, do mesmo modo que não conseguem investigar a validade, o desenvolvimento e a taxa de expansão de uma ideia. Isto não pode ser enfatizado em demasia. Como acontece, as ideias variam na estrutura energética delas. Existem leis básicas que podem ser aplicadas no que diz respeito à taxa de expansão da ideia. No entanto, os métodos científicos atuais não irão descobrir tais leis.

O poder do impulso da ideia também pode ser realmente medido, mas não em termos que vocês possam agora compreender; e as taxas de resistência podem, teoricamente, ser medidas.

No passado, eu falei brevemente de pulsações, quando átomos e moléculas eram transformados de um plano de energia para outro, tornando-se visíveis no campo material. Essas pulsações, expansões e contrações também operam no que diz respeito à energia na estrutura psicológica.

Elas têm, naturalmente, os resultados ou efeitos delas em níveis psicológicos, representando aquilo a que podemos chamar impulso de personalidade psicológica. Isto não se aplica apenas à realidade da personalidade humana, mas àquela unidade interior básica e mínima, a consciência prime individual que está no núcleo de qualquer gestalt

psíquico. Ou seja, a menor unidade de consciência individual que encontra realização física na formação da matéria.

Essa unidade psicológica mínima representa o componente psíquico individual mínimo, o bloco de construção de personalidade mais básico, a partir do qual outras estruturas psíquicas mais complexas são formadas.

Essa unidade pode, então, ser comparada a uma molécula no plano puramente físico. Ela é composta de energia psíquica individualizada, capaz de reunir em torno de si apenas um mínimo de materialização física; e, no entanto, é extremamente necessária, pois é o primeiro degrau da energia psicológica para dentro do campo físico.

Ela representa também o valor mínimo de impulso necessário para a transformação física da energia de um estado puramente psicológico para um estado físico. Representa, então, a expansão mínima necessária para superar a resistência física. Representa a expectativa psicológica mínima necessária para a construção.

Ela é automotriz, auto-perpetuante como unidade de energia psicológica. Ela irá, de facto, materializar-se no plano físico em simultâneo e retirar-se em simultâneo, como eu expliquei anteriormente. O sentido de tempo vosso dá a ela e a toda a matéria a aparência de durabilidade. A energia que compõe a menor unidade física, ou qualquer unidade física, atravessa o campo físico para onde os sentidos exteriores já não a podem percecionar. Parte dessa energia — e uma grande quantidade — atravessa o campo físico de tal modo que vocês não a percebem de todo, tomando uma forma que vocês não distinguem e que não pode ser aproveitada no plano físico. E é aqui que os cientistas vossos obtêm a ideia de entropia.

Eu sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h35. A Jane estava dissociada como de costume. Ela retomou do mesmo modo calmo, com pausas frequentes e o andamento rápido, às 21h41.)

A energia não utilizada num nível é simplesmente utilizada num nível diferente. Toda a energia é, basicamente, autoativada, mas são necessários potenciais de energia distintos para uma utilização eficaz em vários campos eletromagnéticos.

As ideias, sendo elas próprias compostas de energia, são traduzidas ou transformadas em outros tipos de energia, que vocês, em muitos casos, por acaso percebem. Noutros planos, a energia da ideia é percecionada, e a energia transformada em campos físicos não é percecionada.

As unidades de energia psicológica menores ou mais fracas do que a unidade mínima exigida para a construção física simplesmente atravessam o campo físico sem serem percecionadas nem construídas. Exercem, no entanto, algum efeito — embora inconsequente — que, teoricamente, também poderia ser medido e que explicaria parte da energia considerada diminuída, ajudando a justificar a teoria da entropia.

Este material é altamente relevante. Em teoria, as leis que regem as estruturas de energia psicológica poderiam ser trabalhadas matematicamente, mas, até que se reconheça que a energia é, basicamente, de natureza e de origem mental e psicológica, pouco se poderá fazer.

Um exemplo simples pode ver-se na transformação de uma ideia numa pintura — ou seja, a transformação da energia, da energia psicológica de uma ideia, em materialização física. A própria ideia, uma vez concebida, representa um componente energético adicional que tu constróis, formulas e manipulas ao nível psicológico e depois transformas; mas a ideia, em si mesma, contém energia.

Não estou, portanto, a falar apenas da energia óbvia que tu, enquanto personalidade e estrutura física, utilizas na atividade de transformar a ideia. As próprias ideias, sendo compostas de energia, dão energia adicional à estrutura psicológica e física que as concebe e manipula.

A ideia tem um potencial energético baseado no potencial energético inato do criador dela. Estás agora a lidar com aquilo que se pode considerar invólucros de energia, e esta é uma descrição muito válida de todas as realidades. A experiência contínua em conceber ideias, manipulá-las e transformá-las acrescenta, de facto, à energia disponível do indivíduo.

Não posso repetir vezes suficientes o facto de que falo do conteúdo energético real da ideia, como algo separado e adicional à energia obviamente utilizada em transformar a ideia do campo psicológico para o campo físico.

Aqui eu sugiro uma breve pausa, pois a natureza do material assim o exige.

(Pausa às 22h04. A Jane estava dissociada, como de costume. A mão minha de escrita não sentiu fadiga. A natureza do material a seguir revelará o tema da nossa conversa durante a pausa. Quando retomou, a voz da Jane mudou para se ajustar ao assunto, como muitas vezes acontece durante a transmissão.
(Durante a primeira parte desta sessão, a entrega tinha sido muito deliberada e profissional, quase como se as personalidades envolvidas fossem pouco importantes. Assim que as personalidades passaram a estar envolvidas no material, porém, a voz da Jane tornou-se bastante divertida e exibiu muitas inflexões humorísticas. Retoma às 22h14, sem mais pausas.)

Uma pequena observação aqui, em linha com a conversa vossa durante a pausa. O nosso bom o Ruburt surpreendeu o diretor novo dele com o súbito ânimo efervescente e a exuberância desconcertante.

Ele está tão diferente na atitude dele que chega a parecer duas pessoas completamente distintas. O diretor tem receio de esperar que isto dure. Ele precisa fortemente de sentir que é querido. As afetações dele servem para construir uma imagem que ele acredita ter de ser suficientemente superior

para ser respeitada. Se não for para ser querido, ele está determinado a ser respeitado.

A poderosa insegurança básica dele foi causada por um lar desfeito e por uma situação em que também foi atirado para culturas alheias; não só ele estava inseguro quanto ao pertencer a uma família, como também sentia que não tinha pertenças culturais ou nacionais.

Desenvolveu-se um conflito quanto a requisitos sexuais, pois eram mantidas qualificações diversas para os sexos nos países onde ele viveu. Isto acrescenta à insegurança. O meu conselho, por uma vez, por desespero, foi seguido pelo o Ruburt, com os resultados que vocês conhecem.

O homem tem, de facto, lampejos de brilhantismo. Ele exagera o brilhantismo dele por causa de dúvidas persistentes acerca do mérito dele. No entanto, uma das chaves básicas do caráter dele é a necessidade avassaladora de ser querido como ser humano.

Agora, uma nota sobre a forma como a expectativa controla o modo como um indivíduo utiliza e manipula a energia da ideia.

Tomaremos a personalidade do diretor vosso, o Ruburt, se nos permitem. Aqui não só o desejo, mas também a expectativa, conduziu à direção dele. Ele quis e, por fim, esperou algum tipo de domínio próprio. Por não fazer parte de nenhuma comunidade real em jovem, por estar inseguro mesmo quanto à unidade familiar, primeiro procurou vários cargos organizacionais e ambientes governamentais — como um homem que se envolve num manto para se proteger dos elementos.

Assim, ele tentou envolver-se no manto da organização. Manteve-se, no entanto, basicamente anónimo. O desejo dele de pertencer e a expectativa dele também se tornaram mais fortes. A galeria representa uma unidade de afiliação comunitária em que ele pode exercer algum poder e, ainda assim, estar dentro de uma unidade comunitária.

A agressividade dele contra estruturas comunitárias será usada de modo construtivo, numa tentativa de moldar a estrutura à conceção dele do que é bom, e ainda forçar a comunidade como um todo a reconhecê-lo como alguém com quem tem de lidar.

Há ocasiões em que a expectativa muda de repente. Está em processo de mudança, mas, subitamente, revela a mudança quando esta se torna óbvia através da construção física. Quando finalmente consegue alterar construções, trazendo-as em linha com modificações presentes, o indivíduo apercebe-se de que algo aconteceu.

Um exemplo, caros amigos, é a casa vossa.

Vocês ter-se-iam mudado para ela no dia 13. O Ruburt, principalmente, resolveu o problema psicologicamente, vivendo realmente na casa no campo psicológico. Ela — e digo "ela" de propósito, uma vez que aqui o Ruburt operou como mulher — a desilusão dela foi instantânea, mas superficial.

A carta pouco teve que ver com a decisão conjunta vossa de não comprar. Ambos decidiram "não" antes de a carta chegar, e vocês causaram a carta. A energia vossa focou-se na propriedade, construiu a propriedade até ao estado em que a estrada se desintegrava num trilho.

(Agora a Jane empoleirou-se no encosto do sofá enquanto falava, e lá permaneceu durante algum tempo. Ela falou com muita seriedade, usando muitos gestos. Poder-se-á acrescentar que a carta referida acima foi recebida do escritório regional da Administração dos Veteranos, em N.Y.C.: a carta caracterizava a estrada de terra que conduzia à propriedade como um "trilho" e afirmava que o pedido de empréstimo era negado, a menos que o veterano — significando eu próprio — pudesse ser assegurado de que a estrada seria mantida pela cidade ou pelo condado sem despesa adicional para o veterano. Isso não podia ser feito, pois, neste momento, a estrada está classificada como privada e tem de ser mantida por quem vive na propriedade.)

Agora. Vocês descobriram que queriam mais, quando chegou a hora, do que aquilo que a propriedade parecia oferecer. Vocês não esperavam que pudessem obter, pelo preço, aquilo que descobriram que queriam. Vocês construíram, então, a propriedade em termos do que esperavam conseguir pelo preço — e depois não consideraram isso suficiente.

Ora, eu tentei — de forma ineficaz, diga-se — nas sessões, elevar as expectativas vossas quanto à propriedade pelo mesmo preço, mostrando-vos justificadamente, pensei eu, como a realização de valor, de forma psíquica, podia claramente acrescentar à construção.

Se eu tivesse conseguido, a transação teria sido excelente. As expectativas vossas aumentaram. Nisso, eu consegui. Mas, na prática, vocês não conseguiram transpor a barreira: não conseguiram esperar obter tanto (entre parêntesis: as expectativas acrescidas) por tão pouco. Portanto, vocês deitaram abaixo a construção para a ajustar ao preço — e depois recusaram-na.

Querem uma pausa?

(A Jane fitou-me do poleiro dela no sofá.
("Não.")

Eu queria dar-vos este material mais cedo, mas achei mais vantajoso esperar. O empréstimo bancário proposto representou a perceção interior vossa do que havia ocorrido, oferecendo realmente outra oportunidade que vocês não conseguiram aproveitar.

(Isto pode ser, mas o empréstimo bancário oferecido à a Jane e a mim era bastante mais caro, e nós não sentimos que quiséssemos assumir a despesa adicional. Incluía pedir emprestado para cobrir a entrada — uma hipoteca dupla, por assim dizer — e nós não queríamos nada disso.)

Isto não é, de forma alguma, uma reprimenda; é apenas um exemplo, à mão de semear, de como a expectativa opera. A desilusão do o Ruburt,

então, foi apenas superficial, porque ele sabia que a decisão tinha sido tomada muito antes. O perito avaliador, portanto, com o livre-arbítrio dele, viu, ainda assim, a propriedade tal como vocês a tinham construído. Eu certamente não espero, neste ponto, que vocês me acreditem à letra —

(A Jane tinha deixado o sofá e agora batia na mesa à minha frente, para dar ênfase.)

— ainda assim, vocês poderiam ter mantido essa estrada mentalmente, com pouca dificuldade.

(Vale a pena notar aqui que a propriedade foi avaliada por um perito de Ithaca, NY, e não por um de Elmira. Aconteceu que, na altura, os três avaliadores da Administração dos Veteranos sediados em Elmira estavam fora da cidade em férias; portanto, o banco em Elmira teve de chamar um representante de fora para avaliar a propriedade — e alguém que nunca tinha visto a propriedade antes. A a Jane e eu especulámos sobre o que o relatório do avaliador poderia ter dito se tivesse sido elaborado por um homem local, familiarizado com a propriedade.)

O problema do aquecimento, de que o Ruburt soube, foi resultado de expectativas por parte dos inquilinos anteriores e não precisava (sublinhe-se: não precisava) de vos preocupar. É escusado dizer que as expectativas vossas se transformaram em realidade, e a casa agora não seria prática — a não ser, claro, que as expectativas vossas mudassem drasticamente.

Curiosamente, como vocês podem ter notado, as expectativas vossas mudaram, isso sim, no que diz respeito ao o apartamento vosso. Tinham de mudar. As expectativas, então, trarão sempre uma mudança definida, não apenas na atitude vossa perante a matéria, mas na própria matéria.

Isto deve ser sempre tido em consideração.

(A Jane riu. Ela estava agora sentada do outro lado da mesa em frente de mim enquanto ditava. Esta sessão é uma das muito poucas em que ela esteve sentada, sem se levantar, durante algum tempo.)

Eu não vos vou reter mais. Posso sugerir que vocês esperem ter umas férias excelentes. Uma pequena nota adicional: quando estiverem fora, deem de vez em quando um pensamento ao o gato vosso. Isso mantê-lo-á mais saudável, na ausência vossa.

Eu despeço-me de ambos com um afetuoso boa noite e, embora não tenhamos sessões regulares, eu estarei convosco durante as viagens vossas, se o Ruburt me permitir. Bon voyage.

("Boa noite, o Seth."

(Fim às 22h55. A Jane estava dissociada, como de costume. Ainda sentada do outro lado da mesa em frente de mim, ela observou que, se o Seth tivesse prometido, mais cedo, manter a estrada até à casa por nós, ela teria levado o negócio por diante. Eu respondi a brincar que, se o Seth tivesse feito algo quanto ao ruído do tráfego a subir pela encosta, eu teria

levado a compra por diante. A Jane retomou então a ditar às 22h56, sentada onde estava.)

A decisão vossa de não comprar ocorreu na primeira vez em que vocês ouviram o tráfego, e a do o Ruburt ocorreu quando as crianças apanharam as bagas preciosas dele. Se os olhares pudessem matar, as crianças teriam morrido no local.

O facto é que o preço baixo incomodou-vos e, como resultado, vocês tornaram-se sensíveis ao som do tráfego, procurando uma forma de justificar o preço baixo, tal como o Ruburt. Isto, apesar do cenho franzido teu, é um facto. E agora, caros amigos, boa noite mais uma vez.

(Eu tinha estado a rir e também a franzir o sobrolho. Nenhum de nós, conscientemente, tinha sido incomodado pelo preço da casa. Tínhamos pensado que oferecêramos um preço justo, dentro do que podíamos pagar.

(A mão minha de escrita estava agora muito cansada, pois a última parte da sessão foi bastante rápida. A Jane disse-me que o Seth ainda estava connosco. Eu tinha uma pergunta a fazer, mas hesitei em dizê-la até que ela finalmente cedeu com uma gargalhada. Era simplesmente saber se o sistema de aquecimento, que eu aceitara sem alarme como estando bem, teria funcionado melhor para nós do que para o inquilino anterior. Depois de o negócio ter caído, a Jane ouviu por acaso que as contas de aquecimento no inverno eram exorbitantes — cerca do dobro do que tínhamos sido levados a esperar. Se assim fosse, teriam tornado a casa demasiado cara para nós.

(A Jane retomou então novamente enquanto se sentava em frente de mim. Ela, outra vez, tinha estado dissociada ao transmitir o breve material anterior. Retoma agora às 23h05.)

A atitude algo despreocupada e atabalhoada dos outros residentes nessa estrada é, na verdade, mais eficaz a mantê-la, pois eles não se detêm nas desvantagens dela, mas esperam simples e puramente que a estrada seja transitável.

Eles não esperam, no entanto, mais do que isso dela. A estrada estará em melhor condição quando três famílias a usarem do que quando for usada apenas por duas. Se vocês vivessem lá e se detivessem nas imperfeições dela, vocês poderiam tê-la arruinado para toda a gente.

Com o sistema de aquecimento presente, expectativas altas ter-lhe-iam aumentado a eficiência. Expectativas baixas ter-lhe-iam diminuído a eficiência. O medo vosso de compromisso foi, de facto, um elemento aqui. Vocês têm duvidado de forma constante da eficiência prática vossa num universo material, e continuarão a fazê-lo, pois, com as atitudes presentes vossas, vocês não irão testar a eficiência vossa. Ou, se ousarem testá-la, os medos vossos derrotar-vos-ão e apenas servirão para vos convencer ainda mais dessa ineficiência.

As expectativas vossas têm de mudar primeiro. Num nível limitado, o compromisso com valores intangíveis, que vocês têm, limita-vos a um compromisso em termos físicos. Os dois parecem estar em oposição. Isto é causado por uma expansão e compreensão psíquicas insuficientes, provocadas por forças ambientais precoces.

Não deixa, no entanto, de ser lamentável. Eu insinuei isto fortemente há poucas sessões, em ambos os casos vossos. A menos que o clima emocional básico seja alterado, os resultados materiais permanecerão os mesmos.

Eu já disse o suficiente nestes termos. É verdade que vocês estão a melhorar. Vocês continuam tão pouco comprometidos com uma comunidade unida como dantes, e isto tem algo que ver com a aversão vossa a comprar propriedade que tenderia a prender-vos a uma comunidade, mesmo ao mesmo tempo que satisfaria a necessidade de possuir terreno.

Pela terceira vez, eu digo boa noite. Vocês entendem que eu, pessoalmente, poderia conversar deste modo durante muitas horas. Não sintam que se aproveitam de mim. Eu não falo do o Ruburt, claro.

("Boa noite, o Seth."

(Fim às 23h18. A Jane estava dissociada, como de costume. Estranhamente, a mão minha de escrita sentia-se muito melhor.)

SESSÃO 80
24 DE AGOSTO DE 1964

(Esta foi a primeira sessão nossa desde o regresso de férias em York Beach, no Maine. Ambos apanhámos constipações fortes quando chegámos a casa no domingo, 23 de agosto.)

(A Jane ficou constipada enquanto estávamos no Maine. É estranho dizer, mas ela acredita que começou na noite de terça-feira, 18 de agosto, enquanto dançávamos no Driftwood Lounge, em York Beach — o bar do hotel onde vimos os fragmentos projetados, descritos pelo o Seth na 9.ª sessão [no Volume 1], página 43.)

(Para registo: chegámos a York Beach na segunda-feira, 17 de agosto, e passámos as noites de 17 e 18 no Driftwood. Não vimos os fragmentos do verão passado, nem sequer alguém que remotamente se lhes parecesse. Vimos a mesma hospedeira, que não se lembrava de nós embora nós nos lembrássemos dela, e os mesmos membros da banda. O bar tinha sido redecorado até certo ponto, mas ficou lá bastante do antigo para o tornar familiar. Ainda assim, o aspeto mais moderno não nos agradou

tanto e, na primeira noite, a Jane comentou que já não gostava tanto. Nos dias 19 e 20 fomos dançar a outro sítio.)

(Recordar-se-á que, na 63.ª sessão, 17 de junho de 1964, página 159, o Seth indicou a data de hoje, 24 de agosto, como podendo, possivelmente, trazer-nos um contratempo. Ao começar o dia, lembrámo-nos da data, mas não fizemos planos, salvo talvez estar de olho em situações que pudessem tornar-se desagradáveis. Por exemplo, eu conduzi o carro com um pouco mais de cautela, embora, de início, eu seja um condutor cuidadoso.)

(O que aconteceu foi que o chefe meu no trabalho, às 11h50, me telefonou — ele estava, por acaso, noutro pavilhão da empresa, no lado sul de Elmira — e pediu-me que passasse a dedicar mais tempo ao emprego como rotina. Mal a secretária me disse quem telefonava, eu soube intuitivamente ao que vinha a chamada e preparei-me ao pegar no auscultador.)

(Eu gosto muito do regime de meio-tempo que tenho agora na Artistic. Dá-me as tardes para pintar — um arranjo que aprendi ser necessário, até vital, para o meu bem-estar físico e mental. Recentemente, ao falar com a Jane, decidi não alargar o horário de trabalho na fábrica. Levei a decisão ao ponto de, se a gestão insistisse, eu sair e tentar desenvolver outras ideias recentes para ganhar a vida — uma delas, ensinar arte, talvez abrindo uma escola própria à escala pequena, para começar.)

(Quando o Harry me pediu que aumentasse o tempo, eu recusei, e ele aceitou a resposta com a habitual boa disposição dele. Agradeci-lhe a oferta de rendimento extra. Não houve qualquer contratempo. Não baseei a decisão sobre horários no material do Seth, embora a informação que a Jane e eu recebemos sobre expectativas tenha pesado; ela aumentou muito a confiança nossa em várias áreas para além das artes.)

(Recordar-se-á também que, na 63.ª sessão, o Seth indicou a data de 12–15 de agosto para a senhora Callahan, a nossa vizinha do apartamento da frente. A senhora Callahan e a doença dela, e a ligação dela com o Frank Watts — que, alegadamente, foi o primeiro contacto psíquico que a Jane conseguiu — têm sido tratados em várias sessões. O Seth não especificou o significado desta última data para ela, e a Jane e eu vimos a senhora Callahan no dia seguinte ao regresso das férias, com bom aspeto. Saímos de Elmira na manhã do dia 15.)

(Eu pensara que, se houvesse sessão esta noite e fosse curta, esperaria para perguntar ao Seth o que se passou com a senhora Callahan nesse período. Se a sessão se alongasse, planeava perguntar-lhe esta noite.)

(Quero mencionar aqui outra experiência, algo tímida, que tentei em férias. A caminho do Maine, reparei que o nosso carro, que é antigo, estava a consumir bastante óleo. Não mantive registo exato porque não tinha a experiência em mente no início da viagem. Contudo, quando

saímos de York Beach, tentei sugerir ao subconsciente meu, em linha com o material que obtivemos sobre o valor da expectativa, que o carro consumiria menos óleo do que na ida. De novo sem contagem exata, cheguei a casa com a sensação definida de que o carro gastou pelo menos dois quarts a menos. Duas vezes, ao parar em estações pelo caminho, fiquei algo surpreendido quando os funcionários me disseram que não era preciso óleo, ou que estava tão pouco abaixo que não valia a pena adicionar. Não contei à Jane este pequeno esforço até estarmos em casa. Outra vez: se houvesse sessão esta noite, pensei perguntar ao Seth se eu tinha razão ou se era apenas vítima de desejos demasiado otimistas.)

(Ambos estávamos ocupados quando se aproximou a hora da sessão. Durante o dia — as férias da Jane ainda têm mais uma semana; as minhas terminaram hoje — a Jane comentou várias vezes que duvidava que houvesse sessão. Às 20h45 pus o caderno na mesa, caso acontecesse.)

(Às 21h01, a Jane disse: "Tenho uma sensação vaga de que ele pode aparecer por uns minutos. Não tenho a certeza." Eu ocupei o lugar habitual à mesa de escrita. A Jane começou a ditar às 21h02, a sorrir, bastante divertida. Embora tivesse tossido muito, transmitiu o material seguinte sem esforço nem interrupção, em voz bastante baixa. O andamento dela foi lento, os olhos escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane sorriu, radiante.)

Eu estava, de facto, a dar-vos férias bem necessárias, mas senti-vos a clamar esta noite, e por isso vamos conversar por pouco tempo.

O encontro do Ruburt com o pai dele, em muitos aspetos, fez-lhe bem e foi, em grande parte, vantajoso. O encontro nada teve a ver com a constipação dele — nem com a vossa.

(Mais uma vez, como tem feito em sessões recentes, a Jane tirou os óculos.)

O abandono na dança vossa fez-vos bem aos dois. A indisposição — ou constipação — surgiu por uma razão curiosa, baseada sobretudo no simbolismo que ambos atribuíram ao estabelecimento onde criaram os fragmentos no ano passado.

Tornou-se, por estranho que pareça, um lugar de "aconchego" psíquico. O Ruburt, em particular, ressentiu as mudanças materiais feitas ali e sentiu-se deixado ao frio.

(A Jane tornou a sorrir.)

Há mais do que isto, mas esta é a razão básica. A expectativa acrescida de tempo frio ajudou.

Encontrarão muitas vezes um transbordar, em que atitudes e expectativas se mostram em vários meios. Apanhaste a constipação dele

pelo mesmo motivo. Na verdade, esperaste subconscientemente apanhá-la. Agora já a deverás estar a ultrapassar.

(A ironia aqui é que eu fiz esforços, pelo menos conscientemente, para me convencer de que não apanharia a constipação da Jane, depois de ela a ter desenvolvido na terça-feira passada. Fiquei constipado, de facto, na noite de sábado, 22 de agosto, enquanto a Jane e eu estávamos sentados num bar com correntes de ar, com o pai dela, em Saratoga Springs, NY, a caminho de casa. A noite estava fria e chuvosa.)

Eu não vou realizar uma sessão completa, justamente porque as férias são claramente vantajosas. Contudo, não quis falhar quando senti que me esperavam. Sugiro que, entretanto, leiam uma boa parte do material.

Posso dizer algumas palavras curtas na quarta-feira. Contudo, a sessão regular fica para a segunda-feira seguinte.

O contratempo previsto para esta data foi evitado em grande parte devido às expectativas e à compreensão melhoradas vossas.

Agora despeço-me com um afetuoso boa noite. Podem, se quiserem, conduzir pequenas experiências em conjunto, sem mim. E agora… Boa noite.

("Boa noite, o Seth.")

(Fim às 21h16. A hora é uma estimativa, pois eu esqueci-me de apontar a hora real de término. A Jane disse que não estava muito bem dissociada, embora não tivesse tido dificuldade em receber o material. A voz dela não a incomodou enquanto ditava.)

(Temos descansado das tentativas de tempo psicológico desde 12 de agosto. Após a sessão desta noite, tentámos algumas experiências, mas não obtivemos resultados, com a exceção de que, a certa altura, quando a Jane anunciou que podia alcançar um certo resultado, eu senti a velha e familiar sensação de arrepio a invadir-me com bastante força. Note-se que, embora a mão da Jane repousasse na minha, nessa altura, ela não se apercebeu de qualquer mudança de sensação ou de sentimento da minha parte.)

SESSÃO 81

DEUS E ORAÇÃO

(Depois da curta sessão de segunda-feira, a Jane visitou a Srta. Callahan, mas não conseguiu apurar da parte dela qualquer coisa incomum ou significativa que lhe possa ter acontecido durante o período mencionado por Seth na sessão 63. A Srta. Callahan, embora frágil, parecia estar de bom humor.

(O resfriado da Jane não melhorou muito e, à medida que o horário da sessão se aproximava, ela disse que a menos que o Seth a ajudasse consideravelmente, não haveria sessão, pois ela sentia dificuldade em falar.

(Justamente antes da sessão marcada, mencionei duas coisas que esperava que o Seth discutisse: os encontros dele com a Srta. Callahan e o experimento com o carro da minha parte, descrito na página 302. [O nosso carro é uma carrinha Ford antiga e enferrujada.] A Jane não estava nervosa antes da sessão. Ela começou a ditar em voz baixa; ela tossiu muito, mas assim que a sessão começou a tosse parou, exceto por algumas tossidelas isoladas que ela deu a esporadicamente. A voz dela soou seca, porém, não rouca. O andar era lento, os olhos escuros como habitual.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.')

Eu disse que vou falar de forma sucinta. Mencionarei, no entanto, dois incidentes em que vocês os dois demonstraram sucesso na manipulação psíquica do mundo da matéria. Um exemplo diz respeito à Jane e ao teu automóvel. O outro envolve-te a ti, Joseph, e uma vez mais ao teu automóvel.

Insisto em que a Jane tire férias, pelo menos até certo ponto, e não nos aprofundaremos nestes assuntos até a nossa próxima sessão. Há muito a ser explicado. Escusado será dizer que o ímpeto emocional esteve na base do sucesso em ambas as ocasiões; e a falta de ímpeto emocional foi o principal motivo do vosso fracasso quando vocês dois tentaram mover o anel, usando as vossas energias psíquicas, na outra noite.

(Aqui Seth nos surpreendeu ao se referir a um dos nossos pequenos esforços da última segunda-feira à noite, após a sessão. Nesse experimento, sentámo-nos a uma mesa vazia num aposento mal iluminado. Sobre a mesa estava o anel da Jane, a poucos centímetros de um cinzeiro. O nosso objetivo era concentrar as nossas energias psíquicas juntas e mover o anel até atingir ou tocar o cinzeiro. Pelas diversas informações que o Seth nos deu, acredito que tais coisas são por vezes possíveis, e a Jane concorda. Desta vez, porém, a Jane rapidamente ficou impaciente por

alguma razão, e literalmente ordenou mentalmente que o anel se mexesse. Claro que ele não se mexeu.)

MANIPULAÇÃO CONSCIENTE DA MATÉRIA

Estes simples comentários serão por si só a base para mais discussões complexas, já que os mecanismos que foram postos em movimento com tal manipulação da matéria nunca chegaram realmente a ser explicados. Lembrem-se, porém, de que tal manipulação psíquica da matéria é a ocorrência normal.

No entanto, geralmente opera a níveis subconscientes e sem qualquer conhecimento ou intenção no que diz respeito à mente consciente. Ser capaz de sujeitar essas forças naturais, mas subconscientes, ao domínio da mente consciente é uma tarefa incrível.

Tal domínio nunca será habitual, mas a consciência consciente da manipulação subconsciente da matéria pode tornar-se habitual, e muitas vezes pode, por conta próprio acordo seguir os desejos da mente consciente, se certas condições forem reunidas.

Em primeiro lugar, os desejos conscientes devem estar aliados e sem oposição da parte de expectativas subconscientes. Dois, o ímpeto emocional suficiente deve ser descarregado, e isso ocorrerá nos níveis subconscientes ou a partir deles. E três, comunicação entre o consciente e o subconsciente, ou entre as partes interior e a chamada parte exterior do eu integral precisa ser excelente.

O desejo consciente de atingir um determinado fim pode representar apenas uma ideia superficial e um desejo culturalmente adotado, que pode, até mesmo, ser diretamente oposto aos desejos emocionalmente carregados e expectativas do eu interior.

Se esse for o caso, então o fim aparentemente desejado não é realmente desejado ou esperado, e a manipulação subsequente da matéria não terá sucesso.

Quando a Jane ouviu de ti que os militares pareciam não saber o que problema o carro tinha, ela imediatamente lembrou-se do que eu havia dito sobre a expectativa. Conscientemente ela decidiu esperar que o carro fosse consertado, apesar das tuas meias previsões verdadeiramente sombrias. Por o desejo consciente dela se basear fortemente na necessidade emocional interior, e não se opor a ela, e por essa necessidade emocional naquele momento se ter mostrado potente, ou seja, a necessidade dele de sair de férias, e por ela se lembrar da nossa discussão sobre a expectativa, ele foi capaz de utilizar as energias tanto conscientes quanto inconscientes. Por outras palavras, focar conscientemente as vossas capacidades psíquicas subconscientes para atuar com relação a um fim material definido.

Bem, aqui; esse fim, aparentemente, na opinião dela, não poderia ser alcançado por nenhum outra maneira mais comum. Se o fim poderia ter

sido alcançado de outra maneira não faz diferença. Emocionalmente, ela não pensava nem acreditava que isso pudesse acontecer.

Isto contribuiu para a força com que ela concentrou as suas capacidades; e eu terei mais a dizer sobre essa atitude, que muitas vezes, mas nem sempre, acompanha tais manipulações psíquicas, mesmo as comuns de que vocês não têm conhecimento.

(Esse incidente com o carro a que o Seth se refere, um que eu já tinha esquecido, embora à época me tenha afetado fortemente; e quando eu olho para trás, eu recordo que foi o motivo principal da minha própria experiência com o consumo de óleo dos carros.

(Aconteceu numa tarde de sexta-feira. Estava previsto sairmos de férias na manhã de sábado. Por precaução, levei o carro ao nosso posto de gasolina habitual e deixei-o lá para uma troca do óleo. Isso foi às 13h; Eu fiquei de ir buscá-lo às cinco e depois ir ao encontro da Jane no galeria para levá-la para casa.

(Descendo para a garagem à hora marcada, vi o carro ainda no elevador. O mecânico assistente disse-me que havia algo errado com a tampa do filtro e que ela não poderia ser apertada o suficiente para evitar vazamento de óleo. O chefe dele estava ocupado e pediu-me para voltar mais tarde, depois de ele ter uma possibilidade de dar uma olhadela no carro. É claro que percebi como a Jane se iria sentir se não pudéssemos sair de férias na manhã seguinte, caso o carro não estivesse pronto. Observando o assistente, enquanto ele se esforçava por apertar a tampa, tive a nítida sensação de que ele não sabia muito bem o que estava a fazer e que a quantidade de força que estava a usar poderia arrancar os fios e realmente atrasar a viagem se uma nova peça tivesse que ser pedida para substituição. Isso implicava desmontar parte do mecanismo de direção.

(Expressando com clareza os meus sentimentos, pensava eu, sem ter dito muito, na verdade, saí da garagem e fui contar à Jane, que já havia saído da galeria e estava à minha espera no exterior. Tive tempo durante a caminhada para pensar um pouco sobre o uso da expectativa positiva, mas não me tinha acalmado o suficiente para o tentar com eficácia. A Jane imediatamente anunciou que o carro estaria pronto quando voltássemos para apanhá-lo e pediu-me para não pensar nisso enquanto fomos jantar:

(Comemos calma e lentamente, depois voltamos à garagem. A dois quarteirões de distância, pensei ter visto um carro azul e branco estacionado do lado de fora. A Jane disse que era o nosso carro, embora eu tivesse certeza de que ela não conseguia vê-lo, na verdade, suficientemente bem para ter certeza. Mas era o nosso carro, prontinho. A Jane disse-me então que durante toda a refeição ela se concentrou ao máximo que pôde no facto do carro estar consertado e à nossa espera. Ela estava, disse ela, determinada a ir de férias no sábado de manhã.)

Incluídas em discussões posteriores serão algumas das razões pelas quais a presença de outros indivíduos pode ajudar na manipulação psíquica da matéria, embora não vá entrar neste assunto esta noite. Também abordarei as tuas façanhas, como quando tu realmente aumentaste a eficiência do teu carro na viagem de volta. Essa foi um pouco diferente, embora basicamente igual ao feito da Jane. E também explicarei por que a Jane não superou fisicamente o resfriado, embora tenha tentado. A voz da Jane não sofrerá com a nossa sessão, embora eu saiba que ela se fartou de tossir e gemer o dia todo.

Talvez a sessão lhe traga um alívio. Eu continuava a sessão, exceto o facto de a Jane ter tido mais ou menos a promessa de umas férias de duas semanas, e ainda não as ter tido, pelo que me concerne. Acho que vou deixar que vocês descansem e posso ou não decidir continuar.

(A Jane mostrava-se dissociada como sempre. Ela terminou o monólogo com riso. A voz não a incomodou em nada durante o ditado; e como eu fiz uma contagem atenta, posso relatar que ao apresentar o material acima ela tossiu apenas quatro vezes o tempo todo.

(A confirmação do Seth de que eu tive pelo menos algum sucesso com o meu experimento com o carro levou-me a sugerir à Jane que quando dirigíssemos para Rochester para visitar o meu irmão William Richard Butts, nós os dois deveríamos nos concentrar em manter o controlo consumo de óleo do carro ao mínimo. A distância, talvez 190 quilómetros em cada sentido, seria tempo suficiente para que uma medição precisa fosse feita, ida e volta. A Jane retomou com a mesma voz calma, sem tossir, às 9h40.)

A oração foi extremamente bem-sucedida na capacitação das pessoas no sentido de manipularem a matéria por meio do uso das capacidades psíquicas.

Contudo, o conceito de Deus é verdadeiro e não é. Mitos e símbolos acham-se muita vez mais próximos da realidade do que os chamados factos concretos, já que estes constituem muitas vezes distorções dos sentidos externos. Contudo, tais distorções constituem modelos necessários à existência do eu interno no universo material.

Uma vez mais, pois, até mesmo os factos concretos são verdadeiros e não são verdadeiros. Por conseguinte, uma mente aberta, ou um espírito aberto. . .

(Aqui, a voz da Jane explodiu abruptamente, muito alta, tão alta que me assustou. Ela própria não apresentou sinal de surpresa nem de tensão. Durante algumas frases ela continuou neste tom de voz mais profunda e forte; então, como se ela tivesse estado apenas praticar, a sua voz começou a suavizar.)

. . .precisa ser suficientemente amplo para comportar espaço para o que poderá parecer uma informação inteiramente oposta. Uma vez mais,

mitos e símbolos muitas vezes aproximam-se mais da realidade do que os chamados factos concretos.

É verdade. Mas os chamados factos concretos, que podem parecer opor-se a mitos e símbolos, não são necessariamente falsos, uma vez que podem representar distorções necessárias sem as quais o eu interno não conseguiria sobreviver no universo material.

(De novo num tom de voz intenso.)

Eu decidi enfrentar isso até certo ponto, aqui e agora.

O mito de Deus, conforme referido na teologia Cristã, é com toda a clareza visto pelo adolescente inteligente como tendo evoluído e sofrido mudanças desde o Antigo até ao Novo Testamento. Até mesmo o adolescente maduro no seu âmbito mental e emocional sabe que nenhuma divindade masculina, nenhum indivíduo com super poderes existe em algum céu isolado onde se ocupa pessoalmente dos assuntos mais íntimos dos homens, ratos, mosquitos e pardais.

Por um lado, o adolescente desvia-se do domínio tanto de mãe quanto de pai. Por outro, esta é uma era espacial, para vós. Situar-se-á o céu em Marte ou Vénus? Quantas estrelas irá o homem explorar antes de descobrir esse céu arcaico?

(A voz da Jane acalmou de novo, mas ainda falou animada e num ritmo acelerado.)

Para aquele que é inteligente até mesmo o simbolismo da Crucificação é repugnante. Contudo, isso significará que tal crucificação não tenha ocorrido? Pode não ter ocorrido num local e determinado momento, a alguém chamado Cristo; mas, devido a que o homem tenha criado o mito, ele criou a Crucificação com base na própria necessidade que tinha; e mesmo assim tal Crucificação, que historicamente não ocorreu tal como o mito refere ter ocorrido, possui tanta realidade – ou mais – do que se tivesse existido, caso se tivesse verificado com base no (que é chamado de) facto concreto.

Sugiro que façam um intervalo.

(A Jane tossiu durante o intervalo, mas durante o ditado não. Ao retomar o ditado apresentava a voz mais calma.)

Assim, o adulto inteligente sabe, agora – não é mesmo – que nenhum indivíduo na qualidade de ser superior existe como Deus num céu qualquer, a ameaçar os pecadores e os descrentes com o inferno. Por diversas razões, a ideia não faz sentido lógico. Tu nunca acreditaste emocionalmente nela. A Jane acreditou.

Portanto, o facto concreto pareceria ser o de que não existe nenhum Deus. Esse teria parecido ser um ponto de partida. Ou acreditam no mito ou acreditam no que parecerá ser facto concreto.

O facto concreto, para as mentes inteligentes deverá ser o de que não existe nenhum Deus. O mito insiste em que existe um Deus, e o homem

inteligente depara-se com um dilema que não tem existência para o homem menos inteligente. Isso é mera coincidência.

O facto está em que o mito aproxima-se muito mais da realidade do que o facto.

O mito representa a tentativa do homem de compreender os factos que deve distorcer na existência que leva no plano material. E ele deve distorcê-los simplesmente por no plano material necessitar de um meio de focar as suas capacidades de modo que não permita que o âmbito mais amplo do enfoque (NT: Consciência) que exerce opere. Esse foco, que já tive ocasião de referir antes, foi eleito por ele para satisfazer as circunstâncias da sua existência.

Ora bem, a oração habilitou certa vez o homem inteligente a concentrar as suas capacidades psíquicas, devido a que o facto concreto, tido como dado adquirido por toda a civilização Ocidental, ter representado a crença num tal Deus. O chamado facto concreto mudou. A verdade por detrás do mito ainda subsiste. A humanidade tem estado absorta em sonhos de um Deus semelhante a si própria, à exceção de o considerar superior e de possuir as mais elevadas qualidades que o homem admira em si próprio.

(Com as duas últimas palavras da frase a voz da Jane subitamente irrompeu no tom e veemência. Durante uns momentos permaneceu assim, para a seguir começar a acalmar.)

O mito de Deus habilita-o a conceder objetividade aos seus instintos ditos superiores, e o conceito de Deus representou e ainda representa um elo com o Eu interno.

Bem, no que diz respeitos aos factos concretos, não existe Deus nenhum conforme a humanidade o imaginou, mas ainda assim Deus certa vez existiu conforme a humanidade o imagina agora.

(A Jane sorriu)

Aquilo que Deus é, não é o que os religiosos pensam que seja. Contudo, certa vez Ele foi somente aquilo que é agora. Porque de facto evoluiu e não estava completo, mas representava uma suprema vontade de existir desde o começo.

Ele não é humano, para o referir nos vossos termos, embora tenha atravessado estágios humanos; e nisso o mito Budista aproxima-se mais da realidade. Ele não é um indivíduo, nos vossos termos, mas uma gestalt psíquica, uma Gestalt* de energia.

**(Nota do Tradutor: No contexto psicológico, a Gestalt refere-se a uma abordagem teórica que se concentra na compreensão da perceção e do pensamento humano como um todo, em oposição à análise de partes isoladas. O conceito de Sinergia assenta mais na particularidade da interação das partes, mas enfatiza igualmente o todo, e que é mais do que a soma das partes constituintes. Enquanto a Psicologia da Gestalt se concentra na perceção e organização mental do todo, a Sinergia destaca a*

eficácia resultante da interação harmoniosa entre as partes. Ambos os conceitos sugerem que a compreensão do conjunto é crucial a uma visão completa e eficaz, seja na perceção visual ou nas dinâmicas de grupo.)

Se bem te lembras do que referi acerca da forma como o universo se expande, que nada tem que ver com espaço, então conseguirás porventura perceber, embora de forma vaga, a existência de uma pirâmide psíquica composta por consciência interrelacionada e em constante expansão, que cria em simultâneo e instantaneamente universos e indivíduos dotados do dom das perspetivas pessoais, de durabilidade, inteligência, compreensão psíquica e de eterna validade.

É isso que o conceito que fazem de Deus insinua.

Ora bem. Tal gestalt psíquica absoluta e instantânea que se acha em constante expansão, a que poderão chamar Deus caso prefiram, acha-se de tal modo segura da Sua existência agora, que se pode decompor a si mesma constantemente, e voltar a restaurar-se. A energia que possui é de tal modo inacreditável, que com efeito forma todos os universos; e por a Sua energia estar contida e existir por detrás de todos os universos, de todos os planos e de todos os campos, ela tem efetivamente consciência de todo o pardal que cai morto, por ser todo o pardal que cai morto.

Isso não nega o livre-arbítrio do homem, que se acha de facto mal-interpretado. Essa energia suprema luta efetivamente pela existência seja em que forma for em que se apresente; e a justiça – para vossa edificação – constitui apenas um termo humano quando muito míope. Fariam bem em recordar isso.

Não vou prendê-los por muito mais tempo. Nem tenho nenhuma intenção de começar uma nova religião. Estou, todavia, a tentar transmitir-lhes a verdade, e este material é porventura o mais importante de todos até agora, por a compreensão permitir que o homem inteligente se valha de energias e habilidades antes utilizadas na oração.

A oração é agora evitada. Por que orar se não há ninguém que ouça?

(Novamente com voz mais alta e profunda; mas breve.)

A oração comporta em si a sua própria resposta, e conquanto não exista nenhum Deus Pai de cabelos brancos, amável que a escute, então existe em vez disso a energia inicial em constante expansão que forma tudo quanto existe e de que todo ser humano faz parte. Essa Gestalt poderá parecer-lhes impessoal, mas dado que a Sua energia dá forma à pessoa que são, como poderá esse ser o caso? Se preferirem chamar a essa Gestalt psíquica suprema e absoluta Deus, então não deverão tentar objetivá-la em termos materiais, por ela representar o núcleo das vossas células e ser mais íntima do que a vossa respiração.

Eu sei disto e nada mais – Ele não é humano. Ele não é "ele," caso o imaginem em termos de sexo. Tão pouco é "ela." Tais distinções e designações são arbitrárias e têm cabimento somente no vosso âmbito. Ele

é individual nos termos da concentração de múltiplas energias numa só; e de facto existe uma personalidade infinita, mas constitui uma Gestalt.*

**(Nota adicional do Tradutor: Gestalt refere o facto de não se poder conhecer o todo através das suas partes, mas antes as partes por meio do conjunto. Refere que a forma possui duas características: a subjetiva, que impregna as impressões sensíveis com que formamos as ideias e as visões do ser e do mundo, e a objetiva, que decorre das impressões dos sentidos.)*

Não existe, pois, nenhum verdadeiro começo nem fim, por estarmos a falar em termos de uma expansão que nada tem que ver com o espaço ou o tempo, uma evolução em dimensões com as quais vós e o vosso género nem sequer ainda sonharam. À medida que uma ideia se expande e altera um mundo sem ocupar qualquer espaço, sem ser percebida pelos vossos instrumentos científicos, também a derradeira e absoluta Gestalt instantânea a que poderão optar por chamar Deus, existe e expande-Se.

Por conseguinte, há quem refira que tal conceito represente uma fuga da realidade. Contudo, esses seguem os seus sentidos externos de uma forma servil. Eles ignoram e receiam a realidade interior, assim como as ideias internas e sonhos que efetivamente moldaram a realidade de que tanto se orgulham.

É verdade que as fugas histéricas e indisciplinadas por tais domínios podem ser perigosas, pelo menos a curto-prazo; porém, uma busca disciplinada, equilibrada, curiosa e baseada numa atitude de abertura de espírito conduzirá à realização pessoal e constituirá a forma de libertarem a energia inata inibida, e a orientarem para fins construtivos.

Abordarei numa outra altura o mito da Crucificação e do forte elemento de verdade que encerra.

Uma vez que tu, Joseph, pareces ligeiramente irrequieto, vou terminar a sessão. Aprendeste muito, e este material será útil para muitos.

("Boa noite, Seth."

(A Jane mostrou-se de novo inteiramente dissociada. Ela não se lembrava do material. Também não tossiu. Sentia a mão com que escrevo um pouco cansada. A Jane disse também que sentia que a garganta realmente estava melhor do que antes do início da sessão.)

SESSÃO 82

27 de agosto de 1964

(Esta sessão, a seguir à de ontem — que estava na agenda —, não estava marcada. As razões ficarão claras.

Esta manhã, enquanto eu estava a trabalhar, o John Bradley passou brevemente, em viagem de negócios apressada, para dar a a Jane alguma informação relacionada com uma previsão de um escândalo de estupefacientes que o Seth fizera para Elmira na 63.ª sessão, de 17 de junho. Ver página 158. O Seth afirmou que o escândalo era devido dentro de três meses.

Pelos vistos, ontem à noite, o John, enquanto jantava num restaurante com um amigo que nós não conhecemos, foi informado por esse amigo de que a polícia de Elmira detivera um homem que andava a dar a volta às farmácias de Elmira com uma receita falsificada para estupefacientes. Isto não saiu no jornal.

O John quis também chamar a atenção de a Jane para uma notícia no jornal de Elmira de 23 de agosto de 1964. Apareceu no domingo, o dia em que nós chegámos de férias, e nós não a conhecíamos. A notícia era, em grande parte, uma refutação de um artigo sobre drogas em Elmira publicado por um tablóide nacional, o National Mirror. Ironia: enquanto as autoridades de Elmira negavam essa história, na coluna ao lado vinha um item a detalhar o furto de a mala preta de um médico — contendo estupefacientes — do carro de o médico, num de os parques de um hospital local. Eu estou a guardar ambos os recortes.

Eu arquivo também um item de a edição de quinta-feira de o jornal de Elmira, sobre outra tentativa de usar uma receita falsificada em drogarias em Corning, N.Y., a uns dez milhas. Os impressos usados eram de a mala roubada acima referida. O culpado não foi apanhado.

(Para outro material sobre estupefacientes que surgiu desde a previsão de o Seth, ver as notas na página 170.)

Esta noite, depois de o jantar, enquanto tratava de outro material, a Jane recebeu o pensamento de que estava na altura de começar o Livro Um de O Material de Seth, um projeto que nós discutíramos algum tempo antes das férias. Ela achou que o título devia ser O Universo Físico como Construção de Ideias. Veio ao estúdio dizer-me isto e que também recebera o pensamento — evidentemente de o Seth — de que o Donald Wollheim, o editor de ela na Ace Books, poderia — ou iria — escrever a introdução de o Livro Um.

A Jane disse que talvez conseguisse ter uma sessão. Eu não a incentivei, por não saber se seria boa ideia. Passados momentos, ela voltou

e pediu-me que trouxesse o bloco para a sala quando acabasse de arrumar — o que levaria uns minutos.

Por fim, eu sentei-me com ela, pronto caso a sessão se desenvolvesse afinal. Ainda estava claro; música clássica no rádio. De novo, a Jane estivera a tossir todo o dia, mas quando se levantou para começar, a tosse praticamente desapareceu. Ela começou a ditar com voz um pouco mais grave do que o habitual; o andamento era lento, os olhos escuros como de costume.)

Eu não quero acrescentar às tuas tarefas, o Joseph. Não obstante, por muitas razões esta noite pareceu auspiciosa, e há algumas coisas que eu gostaria de acrescentar. Habitualmente nós seguimos de perto o horário — como devemos. Ainda assim, há momentos que não caem no horário, e oportunidades podem perder-se se se lhes negar passagem.

O Ruburt não me chamou; e, no entanto, certos elementos em a mente interior de ele vieram espontaneamente à minha atenção. Ocorreu-me que talvez tu não soubesses a importância de o material ou que achasses difícil destacar os pontos mais distintos e valiosos.

A base e o alicerce firmes de o material — e a sua contribuição primária — residem no conceito de que a própria consciência cria de facto a matéria; que a consciência não está aprisionada por a matéria, mas forma-a; e que a consciência não está limitada nem vinculada por o tempo ou por o espaço — sendo o tempo e o espaço, em os vossos termos, distorções necessárias, ou condições adotadas, que formam um estrato para a existência física.

Uma vez isto compreendido, todo o resto de o nosso material pode ser visto à luz da lógica e da intuição. É, de facto, tempo de compilar tal livro, e eu sugiro que, quando for compilado, vocês peçam a o Sr. Wollheim que escreva uma introdução. Nós entraremos nisto com mais profundidade à medida que avançarmos.

A ideia básica de o material deve ser sublinhada — e fortemente — visto que é dela que emergem os outros conceitos. Devem também ser incluídos os mecanismos pelos quais a energia psíquica — ou consciência — forma a matéria; e, naturalmente, o conceito de que a matéria não tem duração.

A diferença entre cumprimento de valor e crescimento, a quinta dimensão e as partes sobre o universo em expansão também devem ser sublinhadas. Quando o homem perceber que ele próprio cria, em termos concretos, o seu ambiente pessoal e universal, então poderá começar a criar um ambiente privado e universal muito superior ao que resulta de construções ao acaso e sem esclarecimento.

Esta é a nossa mensagem principal para o mundo — e esta é a próxima etapa no desenvolvimento conceptual de o homem, que se fará

sentir em todos os campos, e em a psiquiatria talvez tanto como em quaisquer outros.

Quando o homem perceber que cria a sua própria imagem agora, não lhe parecerá tão surpreendente acreditar que cria outras imagens noutros tempos. Só com tal base é que a ideia de reencarnação alcançará a sua validade natural; e só quando for entendido que o subconsciente — certas camadas de ele — é uma ligação entre a personalidade presente e as passadas é que a teoria de reencarnação será aceite como facto.

Eu estava preparado para vos dar esta informação; mas uma oportunidade apropriada não parecia apresentar-se. E eu sinto responsabilidade em ajudar-vos a preparar um livro a partir de o material. Vocês encontrarão quem ajude. Qualquer divergência de opinião entre o Ruburt e tu, se surgir, pode ser trazida a mim. O material deve ser copiado o mais fielmente possível. Vocês podem ter de fazer certas supressões, mas, sobre qualquer assunto dado, eu prefiro não ser parafraseado.

Vocês não podem incluir todo o material num só livro, obviamente. É por isso que eu quero que os tópicos acima mencionados fiquem definitivamente incluídos em o primeiro livro, pois os outros livros assentarão neles. Um capítulo introdutório pode explicar como o material surgiu e continua. Eu vou deixar descansar a tua mão — e eu espero agradecimentos por tal ajuda prática de a minha parte.

(Intervalo às 20:30. A Jane estava dissociada, como de costume, e terminou o monólogo com um sorriso. Durante o intervalo, eu disse a brincar que seria uma grande ajuda sabermos quem se interessaria por publicar o material. Não esperava resposta explícita.

A Jane tossira apenas umas poucas vezes. Retomou com voz normal às 20:34.)

Eu não te posso "desbravar" o caminho. Eu só te posso ajudar. Tu perceberás as razões disto mais tarde — mas é necessário, não direi infelizmente, que tu trabalhes e que dês muito a este material e a estas ideias. Este material ocupará lugar na vida conceptual e emocional de a civilização ocidental, e acabará por se espalhar pelo mundo. Ideias novas não são aceites facilmente. Quando, porém, pegam fogo, varrem literalmente o universo.

Eu não estou a repreender nenhum de vocês de modo algum; não obstante, o vosso falhanço em ficar com a casa representou uma falta daquilo a que podemos chamar fé — e o vosso trabalho com o material exigirá fé nas ideias aqui apresentadas. Se vocês não tiverem fé nelas, quem mais se poderá esperar que tenha?

O Ruburt, com receio de ser tomado por "mulher histérica", detém-se por vezes — como é, em certa medida, natural, e dentro de limites, necessário. Tu podes dar-te ao luxo de assumir um compromisso mais livre. A fé numa ideia é malvista em os meios científicos; mas nenhum conceito,

ideia ou descoberta surgiu alguma vez sem que houvesse primeiro fé de que, de facto, existia.

Eu devo, portanto, trabalhar dentro das limitações de as vossas dúvidas — e são as vossas dúvidas, e só as vossas dúvidas, que nos atrasarão. Para informação de ambos — e isto é inteiramente sem distorção — o Ruburt, apesar de todo o bramido, achará o seguinte tão "impraticável" quanto tu, o Joseph.

Eu não falo por pensar que algum de vocês se permitirá seguir as minhas sugestões neste caso particular; falo apenas para dizer o que poderia ser feito, para benefício de todos nós.

(A Jane sorriu e fez uma pausa. Desligou também o rádio, que tocava desde o início.)

Eu quase tremo em falar —

("Aposto.")

— já antecipando o vosso horror automático — teu e de o Ruburt — ante tal "impraticabilidade", e também já sabendo que o Ruburt receará que tu receies que o material fique distorcido. Ele não quereria ser responsável.

Agora: fé e crença numa ideia implicam algum compromisso. O compromisso depende de expetativa. Quem não tem expetativas em certas linhas não se compromete — e não alcança; no caso particular, não dará o bastante de si e não receberá, salvo em proporção ao que der.

A minha sugestão será, portanto, que o Ruburt faça o trabalho de ele próprio de manhã. De passagem, eu farei algum esforço para ajudar nesta linha, de modo a que, financeiramente, as coisas se equilibrem. À tarde, em vez de trabalhar em a galeria, eu sugeriria que ele se ocupasse com o meu livro — com seriedade, como faz com o trabalho dele — e que tu continues a registar as nossas sessões.

Eu não quero que tu tires tempo de a tua própria pintura para trabalhar em o Livro Um de as sessões de o Seth, nem quero que outra pessoa registe as sessões.

O livro não é algo que se possa fazer "entre tempos", pois deve haver um agrupamento de matéria de assunto, em vez de uma reprodução estrita página a página. Eu disse, contudo, que sempre que possível — e, como regra — as minhas palavras devem ser citadas exatamente. A sugestão que eu acabei de vos dar é a única via que vos dará o progresso mais rápido e vantajoso; e também, quando o livro estiver pronto sob este horário, o tempo será propício. Haverá outros momentos que também serão propícios mais tarde. Eu já falei com o Philip sobre questões práticas, e de facto vocês ambos concordaram. Agora eu falo a vocês ambos sobre as questões práticas.

(A Jane, com um pé numa cadeira, apontou enfaticamente para mim. Recorde-se que o Philip é o nome de entidade de o John Bradley. A Jane riu-se ao continuar.)

Eu preocupo-me com o vosso bem-estar. Eu preocupo-me com um livro que vai espalhar estas ideias. Enquanto eu tenho o Ruburt num estado de passividade tão excelente, eu acrescentarei outro ponto que ele bloqueou no passado. Por isto, a culpa é de ele — e não tua —, pois ele sabe intuitivamente o que eu vou dizer; e, por medo e dúvida, recusou agir segundo esse conhecimento. Tu poderias ter sido persuadido, mas, apesar de toda a falação de ele, ele não teve a coragem de as suas convicções interiores e, na realidade, não tentou agir de acordo com elas.

Se ele tivesse deixado a galeria quando o romance de ele foi publicado, por esta altura teria uma vez e meia o rendimento atual a partir de a escrita. Ou seja, o rendimento anual de ele excederia o que é agora. Ele teria agido por expetativa, em aliança com a necessidade subconsciente e consciente, e o ímpeto de querer dinheiro tê-lo-ia trazido, se ele tivesse fechado as outras vias. Ele não o fez. Ambos, sendo práticos, mal o consideraram. Apesar de toda a conversa, ele temeu o fracasso — e a tua opinião sobre isso. Se vocês querem testar a validade de a expetativa, então eu não direi que vos desafio; eu limito-me a submeter, gentilmente, o horário acima.

(E a Jane bateu — não muito suavemente — na mesa, para dar ênfase.)

As tuas expetativas, o Joseph, em linha com as tuas pinturas, melhoraram imenso — mas ainda não estão suficientemente desenvolvidas. Eu vou deixar-te descansar.

(Intervalo às 21:06. A Jane informou que estava "muito, muito longe". Tossira pouco, mas não se lembrava se o fizera. A minha mão de escrita estava a ficar algo cansada. A única observação que eu fiz no intervalo foi que a Jane teria apenas um tempo limitado para começar a trazer dinheiro de a escrita, pois a nossa conta bancária não duraria para sempre. A Jane retomou, em voz determinada, a fixar-me, às 21:10.)

Aparentemente eu não fiz tanto progresso contigo quanto pensei. O Ruburt tem razão — e eu preocupo-me com vocês ambos — no sentido em que, por esta altura, vocês já deviam ser capazes de aplicar este material a fins práticos; isto é, por esta altura estas ideias básicas já deviam fazer a vossa existência prática melhorar. Vocês deviam poder, usando-as, manipular a matéria de forma mais vantajosa. Eu vou pôr isto em termos muito simples.

Vocês podem estar a receber benefícios deste conhecimento que ainda não estão a receber. O ato de fé — o ato de expetativa — envolvido no que eu sugiro fará a diferença entre trabalho que agora não vende e trabalho que venderá; e nenhum "truque" dará o mesmo resultado. Eu não posso agitar nenhuma varinha mágica. As expetativas, e os atos de expetativa que gerarão a energia emocional e psíquica necessária, têm de vir de vocês, e de

todo o coração. Isto fará a diferença. O compromisso com o meu livro fará a diferença.

Vocês não podem obter primeiro os resultados, "em teste". Escusado será dizer que as capacidades técnicas e o saber-fazer de o Ruburt como escritor estão desenvolvidos. É teoricamente — e efetivamente — possível que um indivíduo, de repente, execute uma arte para a qual, no passado, não adquiriu conhecimento ou domínio conscientes — e que a execute bem. Mas, normalmente, as expetativas não são assim tão fortes — e é necessária uma preparação consciente e inconsciente. Acima de tudo, o compromisso. Enquanto outras vias são usadas para abordar ganhos financeiros, neste caso confia-se nelas durante demasiado tempo. O Ruburt "arranjou o carro", por assim dizer, à sua maneira psíquica. Ele nunca teria arranjado o carro com uma chave de fendas, se tivesse uma chave de fendas nas mãos.

(De novo, a Jane bateu na mesa para vincar o ponto.)

Ainda assim, tu concordarás que os resultados foram práticos. Eu cortarei uma de as nossas sessões na semana que vem — muito curta — para compensar esta; mas eu não creio que, mesmo agora, vocês percebam o serviço que eu estou a tentar prestar-vos — e a mim próprio. Descansa a tua mão.

(Intervalo às 21:27. A Jane estava dissociada, como de costume. Não tossiu. Retomou, com voz mais calma, às 21:30.)

Eu já esperava que a minha sugestão assustasse o Ruburt ainda mais do que te assustou a ti — e tu estás bastante horrorizado. De novo, a culpa é bastante de ele: ele tem consciência intuitiva de uma energia acumulada que deveria ir para o trabalho de ele próprio. Ele temeu — e teme — comprometer-se com o trabalho de ele próprio, quanto mais com o meu. Tu podes ser de grande ajuda a ele, a ti e a mim. A energia de ele, o Joseph, e a capacidade de projetar ideias em construção material são verdadeiramente espantosas; e, com a tua ajuda, nós temos de as aproveitar.

O meu propósito aqui não foi — nem é — "encostar" nenhum de vocês; foi apontar o rumo com a melhor chance de sucesso para todos os vossos empreendimentos e esperar, pelo menos, que o sigam. Eu reconheço que tal rumo não parece prático, em termos usuais. Ainda assim, é, na verdade, o passo mais prático que vocês poderiam dar.

É precisamente por o Ruburt ficar sem fundos que ele se permitirá — e exigirá de si — usar toda a tremenda energia em o trabalho de ele. Não numa espécie de desespero consciente, mas numa súbita e jubilosa libertação de energia para fins construtivos. Esta é uma simplificação extrema; mas, enquanto ele obtém fundos por outras vias, não sente verdadeiramente a necessidade — nem o ímpeto — de vender o trabalho de ele. Ou seja, o ímpeto não é bastante forte para superar certas repressões que ele agora se permite em a escrita de ele.

O trabalho em o meu livro, porém, deve ser levado a cabo segundo um horário, à tarde — e certamente não ser negligenciado. Extratos podem então ser enviados a várias fundações e cartas necessárias podem ser escritas.

O Ruburt sairá em breve de o seu "torpor". Eu imagino que ele se sentirá bastante chocado. A decisão, como sempre, é de vocês. Eu não vos repreenderei se vocês não tomarem este rumo. Eu digo que é o melhor.

Eu fiz o meu melhor. Eu tenho carinho por vocês ambos. Eu tentei explicar as minhas razões para sugerir este rumo. Eu não quero que vocês sintam pressão da minha parte — mas, por lealdade à nossa relação, eu não podia fazer menos do que apontar o caminho de menor resistência e de melhor esperança de sucesso. Eu encurtarei, sim, a nossa sessão na semana que vem — e despeço-me de vocês com o mais afetuoso "boa noite".

("Boa noite, Seth."

Fim às 21:45. A Jane estava dissociada, como de costume. A minha mão de escrita estava algo cansada.)

(Este material é aqui incluído por ser demasiado longo para anteceder a sessão seguinte, a 83.ª.

Recorde-se que:

Na 68.ª sessão (6 de julho de 1964, página 221), o Seth afirmou que o nosso amigo o Bill Macdonnel, que ia passar férias em Provincetown, Cabo Cod, por algumas semanas, "irá, claro, à beira-mar. Há um homem — talvez com cinquenta anos — com quem ele ficará conhecido, ou com quem poderá ficar conhecido, com cabelo "espigado". Eu vejo um barco a remos com um símbolo qualquer. Não vejo particularmente mulheres… isto pode ser enganador."

Na 75.ª sessão (29 de julho de 1964, página 273), o Seth disse sobre o Bill: "O vosso amigo fez dois amigos — um mais velho e um aproximadamente da idade de ele. Ele esteve, claro, perto de água. Esteve num bar com um grande barril. Há duas casas perto e uma sala da frente em frente a uma praia. Há um barco e um cais. Eu também creio que ele esteve num grupo com quatro homens — talvez algo com um fio de conchas."

O Bill voltou de Provincetown no sábado, 29 de agosto de 1964. Visitou-nos no dia seguinte, domingo, e confirmou as afirmações de o Seth em quase todos os pontos.

O Bill chegou a Provincetown na segunda semana de julho. Não demorou, disse, a conhecer um homem como descrito por o Seth na 68.ª sessão. O nome e a morada serão fornecidos a pedido. O homem tinha, na realidade, 54 anos — e o "cabelo espigado" revelou-se um corte à escovinha. O Bill conheceu-o primeiro no Old Colony Bar, em Provincetown. O homem é de Nova Iorque e passava uma semana em Provincetown para "fugir da mulher e da família".

Na 68.ª sessão, o Seth mencionou um barco a remos com símbolo. O Bill não se lembra de tal barco — disse que não prestou atenção aos barcos. O conhecido usava um boné com um símbolo de âncora, embora nós não consideremos que fosse a isto que o Seth se referia.

Numa zona de férias como o Cabo, o Bill conheceu várias mulheres, mas não formou com nenhuma ligações duradouras.)

(Relativamente ao material dado na 75.ª sessão, de 29 de julho:

Primeiro, após alguma reflexão e contas de datas, o Bill afirma que a data, 29/7, está correta para as situações descritas abaixo. Por essa altura, ele já estava em Provincetown há tempo suficiente para conhecer várias pessoas.

O Bill fez de facto dois amigos, um mais velho e outro sensivelmente da sua idade. O jovem chama-se Gary e é de Boston. O mais velho chama-se Larry O'Toole e é de Baltimore, MD. Ambos são artistas. O Gary terá cerca de 25 anos [o Bill tem 27] e o Larry O'Toole uns 50. O Bill conheceu o Gary durante cerca de duas semanas e o O'Toole durante cerca de seis. Ele tem as moradas de ambos e o apelido de o Gary, que não se recordava de momento.

O Larry O'Toole, como se veio a saber, alugou para o verão "a sala da frente em frente a uma praia". Esta divisão faz parte de um chalé que está ligado a outro chalé na zona apertada de Provincetown, e ambos os módulos ficam, na realidade, diretamente por trás de um estabelecimento comercial voltado para a rua principal de Provincetown, a Commercial St. Para lhes aceder é preciso usar um beco contornando o estabelecimento. Para explicar esta configuração algo complicada, o Bill desenhou um mapa para a Jane e para mim, e eu junto a minha cópia a estas notas.

Saindo dos chalés por um momento, rua abaixo e a três quarteirões, há um bar com um grande barril, tal como o Seth referiu. Assim, o local descrito na sessão abrange uma área física relativamente pequena. O bar chama-se Atlantic House, e o Bill diz que é, na verdade, composto por vários bares mais pequenos, cada um com decoração diferente. Num desses bares menores há um barril muito grande, cortado ao meio; cada metade está embutida numa parede, formando um conjunto marcante.

O Bill diz que em, ou algures pouco antes ou depois de, 29 de julho, data da 75.ª sessão, esteve numa festa no chalé de o Larry O'Toole. Estiveram presentes o Bill, o Gary, o Larry e mais dois homens que o Bill não conhecia. Assim, como o Seth afirmou, o Bill "esteve num grupo com quatro homens".

A festa terminou relativamente cedo nessa noite, e o Bill foi então ao bar Atlantic House com o Garry e o Larry, onde viu o barril. O Bill refere que noutro bar de Provincetown há muitos pequenos barris suspensos do teto como decoração, mas esses são bastante pequenos e não se comparam, em tamanho, ao da A-House.

O Bill considera que as “duas casas próximas” se referem aos dois chalés mencionados acima, um partilhado por o Gary e o Larry O’Toole, com a sala da frente voltada para a praia, já que ficam não muito longe do bar A-House.

O Bill Macdonnel também refere que, ao olhar-se da sala da frente do chalé de o Larry O’Toole, veem-se, ligeiramente à esquerda, um cais com barcos, embora o Seth tenha mencionado “um barco e um cais”, no singular. À direita dos chalés geminados fica o Provincetown Playhouse.

A sala da frente com vista para a água é, ao contrário do que se poderia esperar, bastante invulgar em Provincetown, disse o Bill, uma vez que os chalés estão bastante comprimidos entre outros edifícios, de forma um tanto caótica, e na realidade a maioria não tem vista de água. Neste ponto, o chalé de o O’Toole era fora do comum. O bar do chalé tem um pequeno barril de cerveja, disse o Bill, mas não acredita que seja este o referido por o Seth.

O Bill fez [por coincidência?] uma pintura da zona geral descrita acima, e eu irei fotografá-la para o registo.

Quanto à referência de o Seth a um fio de conchas, a única associação com conchas de que o Bill se lembra é a de que, na festa, foram usados cinzeiros de concha. Ele não pensa que fosse a isto que o Seth se referia.

Fique registado que nem a Jane nem eu alguma vez estivemos em Provincetown, em qualquer ponto de o Cabo. Eu passei um dia em Boston há cerca de 23 anos, quando estava no serviço, a caminho de um aeródromo no Maine de comboio.

Note-se também que o Bill foi testemunha da 68.ª sessão, mas não, obviamente, da 75.ª. Na 68.ª sessão, o Bill, a Jane e eu fizemos planos provisórios para experimentar comunicação telepática, em horas marcadas, enquanto o Bill estivesse no Cabo, mas esses planos não se concretizaram.)

SESSÃO 83
31 DE AGOSTO DE 1964

(Dando continuidade à história dos estupefacientes em Elmira, prevista pelo Seth na 63.ª sessão, 17 de junho de 1964, foi publicado no jornal de Elmira de sábado, 29 de agosto, o relato da detenção de um toxicodependente ligado ao furto de uma mala de médico e de talões de receita no parque de estacionamento de um hospital de Elmira. Ver página 311.)

(No domingo, 30 de agosto, o Bill Macdonnel, de regresso de Provincetown, Cape Cod, confirmou quase todos os dados fornecidos pelo Seth nas 68.ª e 75.ª sessões, referentes às férias do Bill. Ver páginas 318–319.)

(A Jane e eu ainda não retomámos o estudo do tempo psicológico.)

(Antes da sessão desta noite, eu disse à Jane que esperava que o Seth falasse da data de 12–15 de agosto que ele deu para a senhora Callahan, e que mencionasse o relatório do Bill acerca das previsões dele. A Jane não fazia ideia do assunto da sessão, embora esperasse que fosse curta. Começou a ditar à hora certa, com voz normal e a um ritmo regular. O andamento dela foi algo lento, os olhos escuros como de costume. A constipação dela estava bastante melhor, de passagem.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Esta será uma sessão curta.

Quando temos uma sessão inesperada ou não programada, eu procurarei sempre encurtar a sessão seguinte, como neste caso.

Voltaremos, sem dúvida, à nossa discussão dos sentidos interiores. Contudo, há mais material sobre a natureza da matéria que deve ser considerado primeiro.

Há alguns pontos, de caráter geral, que gostaria de enunciar. O Ruburt tem andado a ler o Jung, embora sem consistência. A libido não tem origem no subconsciente individual da personalidade presente. Tem origem, isso sim, na energia da entidade e do eu interior, e é dirigida, por meio dos sentidos interiores, para fora, por assim dizer, através das camadas mais profundas da mente subconsciente do indivíduo e, depois, através das camadas exteriores ou pessoais.

Os vossos Freud e Jung sondaram o subconsciente exterior e pessoal. O Jung vislumbrou outras profundidades, mas ficou-se por aí. Há distorções bastante infelizes nos escritos do Jung, assim como nos do Freud, porque não compreenderam a natureza primária e cooperativa da libido. Envolver-nos-emos num estudo muito mais minucioso destes temas quando chegarmos a outro corpo de material.

No entanto, a natureza cooperativa básica da libido é, em grande medida, responsável pela cooperação psíquica em que todas as entidades estão envolvidas, na construção de um mundo físico de matéria habitado por todos no vosso plano.

Essa natureza cooperativa da libido foi completamente ignorada e mal interpretada por várias razões, muitas delas por simples ignorância. Sabem que as células individuais de qualquer forma cooperam para formar outro gestalt mais complexo; e, sem essa cooperação, não só a estrutura mais complexa deixaria de funcionar, como as células individuais também deixariam de funcionar.

Já falámos da interdependência e da cooperação, biologicamente, entre organismos no vosso universo físico. O aparecimento de um indivíduo no reino físico é ajudado pela cooperação psíquica dos indivíduos no vosso plano. Quase de imediato, a nova libido assume o dever adotado de manter o universo físico, em conjunto com todas as outras, e sem hesitação.

Se não o fizesse, não existiria por muito tempo. A cooperação, em todos os níveis, é a necessidade em todos os planos.

A cooperação pode ser jubilosa, dada livremente nos níveis subconsciente e consciente, ou pode ser dada de má vontade; mas será dada.

Gostaria de mencionar algo acerca do vosso amigo, o Mark.
(Recorde-se que o Mark é o nome da entidade do Bill Macdonnel.)

O Ruburt bloqueou parte do material, mas deixou passar uma porção significativa. Os quatro homens e o quarto com vista para a água, de que falei, referiam-se aos homens e ao quarto de que o Mark vos falou. Eu vi, no entanto, também lá fora, nessa noite, um barco com um símbolo na proa, e esse barco eu tinha-o mencionado antes. O barco estava amarrado a um cais e era o primeiro na linha, quando se olhava a partir do quarto.

(Lembre-se que o Seth mencionou um barco tanto na 68.ª como na 75.ª sessão.)
("O Bill viu-o?")

Eu vi-o. Ele deveria tê-lo visto desse ponto de vista. Pode é não se lembrar. O bar referia-se ao bar a alguns quarteirões, com um grande barril no interior, e não a qualquer outro bar, muitos dos quais estavam decorados com pequenos barris.

A senhora Callahan, no dia 14 de agosto, sofreu apenas um enfarte ligeiríssimo. Digo “apenas” porque o episódio poderia ter sido de natureza ainda mais grave. No dia seguinte ela estava mais agitada mentalmente do que o costume, tonta e com alguma incapacidade motora no braço esquerdo. A condição — a condição mental — passou mais ou menos despercebida, à luz das incapacidades já conhecidas.

Se ela tivesse consultado um médico no dia 14, a condição teria sido detetada, creio.

Eu sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h29. A Jane estava dissociada, como de costume. Deu a informação sobre a senhora Callahan enquanto andava de um lado para o outro, com a mão esquerda na testa, como se estivesse em profunda reflexão. Na pausa, disse que não se apercebera de o estar a fazer. A Jane retomou do mesmo modo às 21h35.)

Eu disse-vos que esta será uma sessão curta, e assim será. Sugiro que, nas noites de sessão, o Ruburt encontre algum tempo para relaxar. E que, sempre que possível, ambos leiam o nosso material e retomem agora o tempo psicológico, seguindo as indicações que vos dei.

Não pensem, também, que eu me esqueci de discutir as experiências anteriores vossas, porque não me esqueci. Serão discutidas nos respetivos tópicos quando chegar o momento.

Não me darei ao trabalho de tecer comentários sobre a vossa falta de decisão em seguir a minha sugestão durante a nossa sessão não programada, nem sobre a mudança de posição do Ruburt na galeria. Suponho, porém, que, neste último caso, estão de parabéns — e, portanto, dou-vos os parabéns.

(Aqui o Seth refere-se ao facto de a Jane ter sido nomeada diretora adjunta na galeria de arte. Ela está muito satisfeita. As funções dela foram algo alteradas e passarão a incluir palestras às turmas de crianças sobre história da arte; a Jane gosta de ensinar e, há muitas sessões, o Seth disse que essa aptidão era um remanescente de uma vida anterior e que, até aqui, não estava a ser usada nesta vida.)

Eu estava algo preocupado com a leitura do Jung pelo Ruburt, simplesmente porque, embora pareça oferecer mais do que o Freud, em certos aspetos ele tentou muito e as distorções dele são bastante importantes: ao parecer ir mais fundo e oferecer muitos resultados significativos, acaba, ainda assim, por conduzir a conclusões insidiosas. Tanto mais limitadoras por causa do alcance dele.

Falarei disto com mais pormenor noutra altura, e no seu devido lugar.

Nunca procurarei exercer pressão sobre vocês, espicaçando-vos para seguirem as minhas sugestões, e compreendo muito bem — acreditem — os chamados aspetos práticos do mundo em que vivem. Não deixo, no entanto, de registar alguma desilusão, e assim o faço.

E, já que ambos têm andado a ler o livro do Cayce, deixo algumas observações. O nosso material fala por si, e muitos comentários do senhor Cayce são extremamente válidos e devem ser úteis para vocês. Ele apontou, como sabem, alguns dos perigos de mexer no subconsciente sem disciplina; e eu também insinuei que, certamente, alguns perigos podiam — e de facto

— existir, razão pela qual temos avançado devagar e com segurança, de modo disciplinado.

Estamos a trazer todos os aspetos para o equilíbrio desta forma. A personalidade do o Ruburt manteve-se em excelentes rédeas, sendo flexível, e é esta flexibilidade que é extremamente importante. É esta flexibilidade, nos padrões de personalidade de vocês os dois, que nos dá a força e o equilíbrio necessários — e estou agora a falar de uma flexibilidade subconsciente, básica das personalidades vossas.

Um padrão de personalidade rígido, mantido firmemente num torno de, digamos, psicose subconsciente extremamente imóvel, é incapaz de encontrar libertação por canais saudáveis e não consegue elevar-se ao mundo móvel da criação.

Tudo o que é rígido parte-se facilmente quando são aplicadas novas pressões. Assim, quando uma personalidade psicótica e rígida descobre subitamente um modo de se libertar abrindo o subconsciente, então a rocha rígida no núcleo dela explode numa lava de fantasia incontrolável; e o terror na base de tal personalidade é então exteriorizado, ficando o indivíduo forçado a enfrentar, nas piores condições possíveis, aquelas perturbações pessoais enterradas durante tanto tempo.

Eu sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 21h59. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou do mesmo modo reservado às 22h02.)

Eu não vos vou reter muito mais.

Queria declarar que, quaisquer neuroses pessoais que ambos tenham — e toda a gente tem algumas, vocês não são exceção — essas, devido à fluidez e à flexibilidade das configurações subconscientes vossas, têm sido bastante bem aproveitadas através da sublimação nas atividades criativas vossas.

É por esta razão que o nosso progresso tem sido suave e, no entanto, constante. Nem foi — nem deveria ser — a minha sugestão bem-intencionada tomada, como o o Ruburt chegou a mencionar, como qualquer espécie de tentação para ele recuar do mundo exterior.

Eu também tencionava, se a sugestão fosse seguida, acrescentar certas indicações relativas à necessidade de ver outras pessoas e até de algumas atividades, por assim dizer, mais assertivas, que teriam contrabalançado eficazmente qualquer possível tendência ao retraimento da parte dele.

Nunca me encontrarão a defender um afastamento do mundo exterior, a defender preconceito de qualquer tipo, a defender atividades que, de algum modo, sejam prejudiciais para a saúde, nem a defender fanatismo — jamais — da parte das próprias sessões.

Compromisso, sim; compromisso fanático, não. Eu defendo, certamente, que o corpo do material seja disponibilizado ao público, e o

propósito dele é, de facto, ajudar o homem a compreender-se, para que possa compreender o mundo que espelha a realidade interior dele.

Eu não sou — nem nunca serei — a colocar o Ruburt ou a colocar-te a ti, o Joseph, como qualquer tipo de seres superiores, sagrados de um modo que todos os homens e mulheres não sejam sagrados. Se tu e o Ruburt tendes certas capacidades para perceber, receber, traduzir e comunicar aquilo que alguns outros não conseguem, muitos outros também têm capacidades que nenhum de vocês possui.

Por outro lado, nunca insistirei numa humildade rastejante, num sentimento de inutilidade, pois sobre uma conceção de si falsa e inadequada assenta o tipo mais infeliz de pose exterior. Eu insisto numa aceitação honesta, humilde e orgulhosa da vossa própria relação com o universo, e numa aceitação da responsabilidade vossa nele.

Com estes preceitos, ninguém poderá encontrar falha. É verdade que as manifestações exteriores da libido se orientam para o mundo físico, mas, até que a fonte da libido seja vista, estudada e reconhecida como existente — não nas camadas subconscientes superiores do indivíduo, nem sequer no subconsciente racial, mas dentro da própria entidade — o homem não se conhecerá a si mesmo.

O Jung temeu, basicamente, tal jornada, porque sentiu que ela conduzia apenas à fonte racial. Temeu que quem se envolvesse nesse estudo acabasse no gargalo de um primeiro ventre; mas aí há uma abertura para outros reinos, pelos quais a libido também passou. Em sentido figurado, espremeu-se pelo gargalo — e, do outro lado, há ausência de limitação.

O Freud sondou corajosamente as camadas superiores individuais do subconsciente e descobriu-nas mais profundas do que ele próprio suspeitava. Esses níveis estão, de facto, cheios do que se pode chamar impulsos diferenciados e indiferenciados — que dão vida e tentam a morte — adquiridos na vida presente de um indivíduo. Mas, quando estes são ultrapassados, há ainda muitas descobertas a fazer.

Quando estes são ultrapassados, então o buscador diligente, consistente, intuitivo e flexível do conhecimento encontrará horizontes com que o Freud nunca sonhou. O Freud tocou apenas os limites exteriores. O Jung, com os olhos turvados pelo turbilhão levantado por o Freud, entreviu mais algumas regiões — mas mal.

Aquilo que o Freud fez pelas camadas pessoais do subconsciente, nós — e outros como nós — devemos fazê-lo pelos alcances mais longínquos.

As mãos tuas estão cansadas?

(A mão minha de escrita começava a cansar-se, mas eu não queria fazer pausa, por isso respondi negativamente.
"Não.")

Aqui vocês descobrirão as verdadeiras origens do homem, e os mecanismos e as formas pelas quais o eu invisível opera, forma o universo dele de matéria através de energia psíquica e comunica em níveis não percecionados pelo organismo físico exterior dele.

Vês — ou o homem vê — nem metade da entidade inteira que é ele próprio. É verdade que, nesta jornada e nesta busca, se exige disciplina, alguma cautela e compreensão, e muita coragem.

Assim deve ser. Eu estou a ajudar-vos nisto — e outros, como eu. É porque tanta salgalhada surgiu que uma investigação disciplinada e consistente deste género, da vossa parte, é necessária. Ambos estais singularmente talhados para tal perseguição, com uma combinação de intuição, capacidade psíquica básica e, ainda, identidades interiores integradas.

Isto é extremamente importante. Eu sugiro uma pausa. A sessão terminará até às onze.

(Pausa às 22h37. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que andara a ler o Jung ultimamente, embora de forma muito irregular e nada avidamente. Retomou a ditar, no mesmo tom calmo, às 22h40.)

Quero também acrescentar que eu não sou um "controlo", como os médiuns dizem ter um controlo. Eu não sou, como creio já ter mencionado, uma personalidade secundária ou cindida do o Ruburt. Por exemplo, eu não sou uma aglomeração de tendências masculinas que se tenham reunido numa personalidade subsidiária a lutar por reconhecimento ou libertação.

Eu não sou, certamente, uma aglomeração de aspetos criativos vagamente definidos da personalidade do o Ruburt, a lutarem por libertação. A própria gama de escritos do o Ruburt, publicados e inéditos, deveria atestar que ele não precisa de válvula criativa adicional.

Operamos em base de cooperação e assim continuaremos. Sugiro que este material seja enviado, com cartas ou com outras partes do material, às fontes que têm em mente. Digo que sou uma essência de personalidade-energia, porque é isso que eu sou.

Não há qualquer invasão da mente ou do subconsciente do o Ruburt da minha parte. Ele permite-nos comunicar. O meu nome para ele é o Ruburt, que calha ser um nome masculino simplesmente porque esse nome é a tradução mais próxima, nos termos vossos, do nome do o eu total ou da entidade de que ele é agora uma parte autoconsciente.

Não há perigo de quaisquer "(entre aspas) espíritos insalubres, maus, demoníacos ou incontrolados (fim de citação)" encontrarem acesso à porta no subconsciente que o Ruburt abriu. Tais demónios, quando parecem —

(Aqui a Jane bateu na mesa para dar ênfase.)

— irromper subitamente, há muito que se escondem no subconsciente pessoal e são, de facto, criações infelizes de uma mente psicótica. Não há nenhum destes na mente subconsciente do o Ruburt.

Felizmente — e isto aplica-se a ambos — quaisquer aspetos menos saudáveis de formações subconscientes fortes encontram acesso através das obras criativas vossas. O subconsciente fechado e perigoso é aquele que está fechado tanto às profundezas interiores de inspiração, vindas do o eu interior, como às portas exteriores de expressão.

Aí a pressão é explosiva — mas isto não se aplica a nenhum dos vossos casos. Portanto, não temos qualquer invasão da personalidade do o Ruburt da minha parte, como disse. Mostrar-se-á que as personalidades continuam a existir após a morte física, e então não parecerá tão estranho que aqueles como eu possam comunicar.

Eu não sou algum "espírito sinistro", para abanar as orelhas ao primeiro pedido de aplauso, de festas ou para o vosso entretenimento. Não que mo tenham pedido, mas fica para registo. Eu não sou "um espírito" nesses termos sentimentais de que falam algumas mentalidades bem-intencionadas mas pouco equilibradas.

Eu sou uma essência de personalidade-energia. O sentido interior de identidade vosso — e do o Ruburt — é forte. Não precisam sequer de ponderar a possibilidade de qualquer género de invasão que vos fosse prejudicial. E qualquer invasão seria prejudicial.

Quis todo este material junto para que se pudesse fazer uma declaração concisa das posições nossas e do propósito deste material. E agora, depois de vos reter mais do que tencionava, despeço-me com um muito afetuoso boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23h02. A Jane estava dissociada, como de costume.)

SESSÃO 84

2 DE SETEMBRO DE 1964

(Um marido e uma mulher, que estavam programados para assistir à sessão desta noite, avisaram a Jane que não poderiam comparecer por pressão de trabalho. No entanto, o Bill Macdonnel chegou para ser testemunha.)

(Ultimamente, desde o regresso de Cape Cod, o Bill tem sentido umas pontadas no pulmão — um regresso ligeiro do problema tratado pelo Seth com algum detalhe na 56.ª sessão, 25 de maio de 1964, página 110. Na 68.ª sessão, página 218, 6 de julho de 1964, o Seth afirmou que, a menos que o Bill tomasse certas medidas, o problema do pulmão regressaria. E, recentemente, o Bill tem andado à procura de um lugar para viver que pudesse também usar como estúdio.)

(Ao tentar o tempo psicológico na quarta, 2/9, às 20h15, eu senti a sensação familiar de arrepio mal me deitei. Teve alguma duração no meu lado esquerdo; sem grande esforço, alcancei um estado muito agradável. Durante esse estado ouvi várias vozes vagas, vi várias cenas vagas, incluindo um homem de cabelo branco. Não despendi muita energia nem tentei fixar nada em particular.)

(A Jane não estava nervosa antes da sessão. Esperava que fosse curta. Começou a ditar com uma voz um pouco mais alta do que o habitual. O compasso foi regular, os olhos escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Com o vosso consentimento, vou agora iniciar a sessão. Mesmo face ao vosso cansaço; e, para vossa edificação, serei de facto breve.

As minhas boas-vindas ao Mark, que está connosco de novo, e repito: o barco era o primeiro barco visível a partir do interior da sala grande onde os homens se reuniam.

(Ver página 322. Tínhamos discutido com o Bill a informação adicional que o Seth deu na última sessão sobre o barco com um símbolo, supostamente visível para o Bill a partir daquela sala à beira-mar, em Provincetown, mas o Bill não consegue recordar a embarcação em causa. O Seth também mencionou este barco nas 68.ª e 75.ª sessões.)

Eu vi claramente o barco quando abarquei toda a cena. Talvez o Mark não se tenha apercebido de o ver.

("Que símbolo tinha?")

O símbolo era um meio arco com uma linha cruzada na diagonal, quase como um cêntimo invertido — c-e-n-t. Não era grande. Pode ter havido uma inicial "J" ao lado, e uma segunda inicial "F" ou "W".

Nada tenho a acrescentar, além do que foi dado na sessão anterior, sobre as viagens do Mark.

Do mesmo modo, nada disse ainda sobre a mudança de estatuto do Ruburt na galeria, pelas minhas próprias razões. E não vos servirá de nada perguntar-me quais são.

(Aqui a Jane apontou enfaticamente para mim. Recorde-se também que Mark é o nome de entidade do Bill.)

Sugiro, novamente, que releiam algum do nosso material anterior quando encontrarem tempo, e que retomem as experiências de tempo psicológico com algum tipo de calendário.

Como sabem, existem barreiras, fronteiras e várias dimensões pelas quais têm de viajar neste tipo de exploração interior. Com treino aprenderão as várias profundidades por onde se deslocam e, até certo ponto, avaliarão o vosso próprio progresso.

O tempo psicológico é, de facto, o único meio — ou enquadramento — dentro do qual a exploração do eu interior pode ser levada a cabo. Outra

vez: ambos deverão encontrar-se a entrar numa esfera de atividade, nas experiências vossas, com a chegada do outono. Por razões que discutirei mais tarde, a mudança de estação dá sempre origem a surtos adicionais de energia psíquica — embora, na verdade, os surtos adicionais de energia psíquica sejam, em grande parte, responsáveis pela mudança de estação.

Creio que, nesses períodos, verão que atingem patamares mais altos de sucesso, e os aspetos naturais da mudança de estação, por si, desencadearão essa atividade interior — se apenas o permitirem.

Aqui temos uma combinação de forças psíquicas a manifestarem-se em manifestações químicas e elétricas. As estações, como sabem, representam a construção física do clima psíquico interior. Tal como porções particulares de matéria são transformadas — à medida que o eu interior, através dos sentidos interiores, cria um simples objeto material que é captado pelos sentidos exteriores, claramente, como, digamos, uma mesa — assim também estas outras construções, que espelham de perto a realidade interior, são percecionadas pelos sentidos exteriores como efeitos.

Estas construções não podem ser facilmente apontadas. Podem apontar aqui —

(a Jane tocou na mesa) —

e dizer "isto é uma mesa", e quase todos concordarão. Mas as estações são construções automáticas, na linha de alterações, a acontecer sobre matéria já construída.

Não podem, por exemplo, ver o outono, mas apenas os efeitos dele sobre matéria já construída. As estações representam, de facto, uma cadência e um ritmo interiores mais ou menos regulares, que encontram expressão ao alterar aquilo que a energia psíquica já criou.

Existem, portanto, construções que se conhecem apenas pelos efeitos. Estas são as que mais de perto se aproximam da realidade interior, por não estarem tão completamente aprisionadas na forma ou na matéria, mas por, elas próprias, mudarem a forma ou a matéria.

Isto será extremamente importante em discussões futuras.

O Ruburt está a bloquear uma imagem do Philip. Eu vejo-o numa cozinha, e no meio de algum desacordo — desacordos — nesta data.

("Com quem está?")

(Esta afirmação apanhou-me de surpresa, até me lembrar que, na 63.ª sessão, 17 de junho de 1964, página 159, o Seth tinha dado a data de 2 de setembro, em que "podem nascer planos nessa data que afetarão a sua participação no campo profissional". Refiro-me, claro, ao John Bradley, nome de entidade Philip; e o John tinha sido testemunha da 63.ª sessão.)

O Ruburt está a bloquear-me. Talvez duas mulheres e um homem, e vozes altas, com uma criança a ouvir por perto.

Eu sugiro a pausa vossa.

(Pausa às 21h25. A Jane estava dissociada, como de costume. Lembrou-se do bloqueio; disse que receava cometer um erro — especialmente no início da sessão. Quando eu disse que a sessão já ia bem adiantada, a Jane apontou que a definição dela de "início" inclui todo o material dado até, e incluindo, a primeira pausa.

(Depois disso, disse, a dissociação é mais profunda e segura e não teme tanto erros ou distorções. Pela minha parte, tendo em conta o sucesso recente com o material relativo ao Bill Macdonnel, eu queria obter o máximo de informação possível sobre o John esta noite, para podermos verificar depois.

(O Bill disse que ainda não se conseguia recordar do barco a remos com o símbolo, no cais de Provincetown, embora concordasse prontamente que podia tê-lo visto e esquecido. Explicou que, devido à construção do pontão que se via à esquerda, olhando da sala da frente em causa, seria bastante difícil ver um objeto tão pequeno como um barco a remos ali amarrado; o pontão é bastante alto e, devido à inclinação da praia, um objeto baixo, como um barco a remos, seria difícil de ver.

(O Bill disse lembrar-se de outro tipo de embarcação ali, uma espécie de barcaça com guindaste. Perguntei se tinha amigos que ainda lá pudessem estar, a quem pudesse escrever para verificação.)

(A Jane retomou com uma voz bastante normal às 21h30.)

Havia um barco verde, amarrado, que não estava vazio, mas tinha volumes no interior, e algum material escuro. Um pouco afastado, e baixo, e sem motor, era usado duas vezes por semana e num outro dia designado. Eu sugiro que deixemos o assunto por aqui.

Encontrarão novas abundâncias de energia, como vos disse, e podem usá-las para melhorar as construções físicas vossas e para enriquecer as experiências de tempo psicológico.

Quando falo em melhorar construções materiais, falo de construções mais perfeitas, réplicas mais fiéis do pensamento em matéria; e, portanto, falo de quebrar ciclos infelizes causados pela influência de construções físicas pobres no ambiente, que por sua vez coloram a noção do o eu interior acerca do mundo material.

Porque vos retive tanto tempo numa sessão não programada, tenciono agora ficar apenas por um breve período. Em breve começaremos a regressar aos os sentidos interiores, ligando-os à nossa discussão sobre a matéria.

Agora, em linha com a minha política de equilibrar as sessões, vou terminar esta. Despeço-me de todos com um afetuoso "boa noite" — e não me podem culpar agora por ocupar mais do que o tempo que nos permitimos.

Uma nota para o Mark. Eu já mencionei, com bastante insistência, que é absolutamente necessário que ele encontre o estabelecimento dele. As

pontadas que sente são, de facto, avisos — ou, antes, empurrõezinhos — do subconsciente dele para que faça isto e, assim, traga os planos à realidade efetiva.

Há três noites ele teve um sonho que, simbolicamente, também lhe deu as mesmas indicações. Noutra altura abordaremos a importância dos sonhos nos vários níveis deles e esboçaremos os tipos de sonhos com mais pormenor do que os psicólogos fizeram até hoje. O tema será de grande interesse para vocês, e usaremos os sonhos vossos como exemplos.

("Podes dizer-nos mais sobre o John Bradley agora?")

Apenas o episódio da cozinha, por volta das oito e dez. Não sei de quem era a cozinha. Presumo que fosse cozinha por causa de uma mesa desse tipo.

("De que falavam as pessoas que lá estavam?")

Agora não vos posso dizer mais. De alguém próximo. Houve, ultimamente, dificuldades interiores contra as quais o Philip tem lutado. A conversa pode envolver também essas dificuldades — ou, pelo menos, tocá-las na mente dele.

Eu acrescentaria — não a isto — que, de há pouco para cá, o Ruburt está a aprender a pôr o subconsciente a trabalhar a favor dele, e não contra ele; tem que ver com a galeria. Eu não vou transformar estas sessões em truques mentais, mesmo que o fim fosse bom. As demonstrações deste género surgirão sempre espontaneamente, e os dados espontâneos que assim surgem serão, em geral, exatos.

Em transe profundo poderíamos dizer-vos muito, o Ruburt e eu, mas continuo a concordar com os princípios de cooperação e sigo sempre os ditames da cautela. As capacidades do o Ruburt nestas linhas são grandes, mas é sempre necessário manter certos controlos — e ele trata disso, certamente!

Há um laço emocional que é importante na configuração de contactos deste tipo, e aquilo que é nítido em tal clarividência pode abranger certos objetos ou situações que são percecionados não pela coesão lógica deles, mas por eventos ou situações a que o laço emocional confere significado.

Este material será útil na interpretação vossa desses dados. Mesmo quando situações percecionadas clarividentemente parecem independentes de conteúdo emocional pessoal, verificar-se-á que se estabeleceu uma simpatia intuitiva. As emoções são extensões dos os sentidos interiores, como vos disse —

(a voz da Jane aprofundou e retumbou)

— e, portanto, são as vias de acesso à clarividência. Quando não se veem laços emocionais pessoais presentes, haverá, ainda assim, uma simpatia psíquica interior.

A simpatia psíquica pode ser ampliada em algum espaço da mente — de qualquer mente, de qualquer mente interior. Todas as coisas são

conhecidas, pois, nas profundezas do o eu interior, a simpatia emocional é infinita. Por simpatia, refiro uma ligação interior, uma atração — não necessariamente pena.

O sonho do o Mark foi significativo.

(Eu esperava que o Seth falasse do sonho do o Bill. Desde a primeira menção tenho tentado concentrar-me nessa questão enquanto tomo notas. De facto, durante esta sessão, tive muitos momentos em que o material transmitido pela Jane ecoava diretamente pensamentos meus.)

Três noites atrás, de uma sala grande. Eu tenho consciência dele através do subconsciente dele. Não creio que ele esteja conscientemente ciente, embora o sonho tenha apressado os planos dele. Havia uma sombra sobre a sala, e a sala estava dividida em muitas porções, que representavam os medos e desejos divididos que ele tem neste momento.

A sala, no sonho dele, tinha um teto circular que representava, se me permite, o útero da mãe dele, do qual o adulto deve finalmente escapar de modo simbólico.

Eu sugiro pausa ou fecho da sessão, como preferirem. Como prometi uma sessão curta, cedo e encerro.

O Mark pode não se lembrar do sonho. O Ruburt tem, às vezes, o hábito de registar os sonhos dele, e uma interpretação deles seria, por vezes, útil. E agora, a sério: um afetuoso "boa noite". Como sempre, eu poderia continuar por horas, e aí estão vocês, cansados depois de um dia longo. Eu sei que devia ter pena de vocês. Terei?

("Sim.")

(A Jane sorriu.)

Lembrem-se: eu espreito-vos de vez em quando, e tomo conta dos que vos são próximos. Se eu não sou um anjo da guarda, faço um trabalho bastante aceitável a aproximar-me dos deveres de um, com pouco agradecimento — embora ouça ténues lampejos de apreciação. E a energia do o Ruburt ainda podia ser direcionada para fins mais construtivos.

Pois bem, vou encerrar. Mas, enfim, cedo tantas vezes a vocês. A mão tua está cansada?

("Sim.")

Desejo-vos um afetuoso "boa noite". Desejar-vos-ia um "boa noite" ainda mais afetuoso se usasses a tua própria energia de modo mais eficiente, para eu poder continuar por mais tempo.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h07. A Jane estava dissociada, como de costume. O Bill disse que não se lembrava do sonho. Confirmou, no entanto, a presença de um barco verde e branco, ancorado na baía e visível da sala da frente da casa de o Larry O'Toole. Era, disse ele, talvez um "cabin-type speedboat" de uns quinze pés, e podia ter algo dentro; quanto a isto, o Bill não tinha a certeza. O topo do barco era verde, o fundo branco. Lembrou-se também

de um barco a remos verde, ancorado em frente da casa. O Bill sugeriu então escrever ao o Larry O'Toole para confirmação, já que, tanto quanto sabia, o O'Toole ainda deveria estar em Provincetown. Em particular, o O'Toole poderia verificar o barco a remos com um símbolo na proa, como descrito pelo Seth.)

(Enquanto os três discutíamos a sessão, e o facto de a Jane parecer muito menos cansada do que antes de começar, ela começou de súbito a ditar novamente. A voz estava um pouco mais alta do que o normal. A Jane falou, na maior parte do tempo, sentada em cima da mesa. Retoma às 22h17.)

Uma nota. Ambos podem — e devem — aprender a utilizar as energias vossas do mesmo modo que o Ruburt utiliza as energias dele durante uma sessão. A fadiga dele não só é esquecida, como ele já não está fatigado, embora o dia de trabalho tenha sido, pessoalmente, extenuante.

É um facto indiscutível que, a uma hora mais tardia, ele consegue valer-se de energia que normalmente não tem à disposição, e usar essa energia de forma construtiva e eficaz. Sem duplicarem exatamente as circunstâncias, os três nesta sala podem aprender a usar a energia tão eficazmente nas tarefas correntes. Há uma mudança de foco. O Mark também tem muita energia que não está a usar.

Ele tem, de facto, o hábito peculiar da inércia, que deve vencer se as capacidades artísticas dele hão-de dar frutos. E tu, meu caro amigo, podias dar mais liberdade às intuições tuas, porque de autodisciplina já estás suficientemente bem servido.

(Aqui a Jane estava a olhar para mim.)

Eu certamente, aqui, vou abster-me até de sugerir que ponhas as tuas intuições a trabalhar em termos práticos, visto que isso, obviamente, não conta com a tua aprovação plena — fica muito aquém.

O Mark está a considerar um compromisso com uma ideia. A menos que se estude a si próprio de modo muito minucioso, terá de se esforçar bastante para garantir que esse compromisso seja seguido de autodisciplina. Tu deves fazer por que a tua autodisciplina siga os ditames da intuição. Se me desculpas o comentário, o Ruburt é ou toda autodisciplina ou toda intuição.

Ele deve esforçar-se por atar as duas, num qualquer "pacote". Eu não farei mais quaisquer sugestões práticas, a não ser que mo peças com a proverbial humildade de joelhos. Eu encontro desconfiança; não se segue uma única das minhas sugestões.

Tratam-me como um inimigo, embora de cara simpática. Se as minhas sugestões viessem apenas do subconsciente do o Ruburt — e não vêm —, seriam válidas para ambos.

Compreendo porque tais sugestões são recebidas com cautela e, apesar de tudo, não vos culpo. Sempre acreditei na cautela. O tempo, porém,

mostrará que este material é válido, que não estão a encontrar via de libertação quaisquer tendências subconscientes insalubres, nem a ditar-vos o que quer que seja.

Tem de haver equilíbrio — e haverá. De facto, aqui, entre intuição e disciplina. Mas eu conheço leis de energia de que nenhum de vocês tem conhecimento. Longe de mim mexer no precioso ego do o Ruburt. A assistente do diretor da Arnot Art Gallery não é, com efeito, para se mexer!

(Aqui a voz da Jane voltou a retumbar enquanto se castigava a si própria. O tom foi meio sério, meio bem-humorado, como tinha sido ao longo de todo este material.)

Ele nunca largará tal título sem as mais terríveis lutas. E foi para evitar que lhe fosse dado tal título que eu sugeri que deixasse a galeria. A satisfação do ego dele, que está tão faminto, e a necessidade real de finanças devem ser satisfeitas — e poderiam sê-lo através da escrita dele, como vos disse.

Há perigo de divisão de energia. O ego dele irá sorver todo o elogio que precise por ser assistente do diretor. E isto, a longo prazo, não lhe seria vantajoso — nem, na verdade, a ti.

Eu sugiro algo. Vou dizer "boa noite". Se me apetece continuar horas, é porque há um ano, precisamente esta noite, fiz o primeiro contacto com o o Ruburt — pelo menos um contacto inicial subconsciente de que ele não tinha consciência. O ano foi bom, mesmo que as minhas sugestões práticas não tenham sido seguidas; a vossa situação melhorou em linha com as leis da expectativa.

Nunca pretendo insinuar que objetivos materiais sejam basicamente importantes — não o são. Mas, dentro de certos limites, construções físicas pobres são um fraco comentário sobre a saúde psíquica. Como a tua mão está cansada, vou terminar e volto a prometer uma sessão curta.

O Ruburt poderá resmungar, mas não tem de quê. Eu mantenho-o em forma — e receio que terei de fazer o mesmo contigo. E assim, boa noite.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22h37. A Jane estava dissociada, como de costume, e disse que não tinha consciência do ponto em que o diálogo começou, partindo da nossa conversa após o primeiro encerramento da sessão. A minha mão de escrita estava bastante cansada.)

SESSÃO 85
7 DE SETEMBRO DE 1964

(Nem a Jane nem eu temos dados de tempo psicológico a relatar, por ainda não termos retomado um calendário para o seu estudo.)

(Durante o fim de semana, dediquei algum tempo a tentar destrinçar o material contraditório do o Frank Watts dado pelo o FW nas duas primeiras sessões. Eu queria fazê-lo há algum tempo, sabendo que parte era contraditória, antes de pedir ao o Seth que o esclarecesse. A a Jane e eu tínhamos falado em tentar verificar algum desse material, pois, presumivelmente, deveriam existir registos locais acerca do o Frank Watts; e talvez se encontrassem pessoas que o tivessem conhecido — para além da a senhora Callahan e da a senhora Borst, colega da a Jane na galeria quando as sessões começaram — que nos ajudassem a confirmar quaisquer dados dados pelo o Seth. [Ver Volume 1 de The Early Sessions.])

(Pouco antes da hora da sessão, a a Jane comentou que esperava que o Seth falasse do material do o Frank Watts, poupando-me assim o trabalho de colocar a pergunta durante a sessão. Ela não fazia ideia, de antemão, do conteúdo. Começou a ditar à hora certa, com uma voz um pouco mais forte do que o habitual, a um ritmo bastante rápido. O compasso foi também algo rápido; os olhos, escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu desejo-vos uma muito afetuosa “boa noite”.

Eu mencionarei, sim, o material do o Frank Watts, e mais alguns assuntos que temos em mãos.

Gostaria de preambular as observações dizendo que ambos estão, neste momento, em excelente condição psíquica e física, e no melhor nível de realização — mantendo, de facto, um equilíbrio que nenhum de vocês tinha conseguido alcançar antes.

Fico satisfeito por ver isto. Fico também satisfeito por ver o sinal de confiança pessoal quanto ao o Ruburt, e a decisão conjunta de que ele deixe a galeria. Estou plenamente consciente — talvez, com toda a certeza, mais do que qualquer um de vocês — dos perigos de distorção neste material.

Distorção não é falsidade. É apenas uma interpretação da realidade, colorida ou vista através de um estado de perceção limitada. Quero deixar isto claríssimo. Tenciono aprofundar o tema, pois envolve vários estágios de consciência pelos quais teremos de viajar.

No que respeita ao subconsciente pessoal do o Ruburt, nenhum de vocês tem de recear qualquer material nele que possa ser — ou apresentar — fenómenos perigosos, desviados, egocêntricos ao extremo ou sombriamente inibidos.

O subconsciente pessoal dele, para meu alívio — e espero que para o vosso — dá conta de si com toda a adequação por meio da sublimação das fabulações de fantasia em prosa e poesia criativas, nas quais eu não estou, de modo algum, envolvido. Não faço, por exemplo, qualquer tentativa de inspirar o Ruburt no trabalho criativo dele. No entanto, se ele não tivesse tal válvula — e se tu não a tivesses no teu trabalho — então, sim, teríamos tido muito mais problemas, porque essa camada do subconsciente pessoal não seria apenas um canal recetivo, mas um que também emitiria as próprias estações ruidosas e exigentes.

Isto teria criado grande dificuldade — como, de facto, sucede quando indivíduos sem um sistema adequado de transferência para o subconsciente tentam investigações como estas.

Eu reconheço e compreendo que ambos desconfiam, de algum modo, do material pessoal quando eu o transmito. Até o Ruburt considera bem possível que tal material resulte de maquinações do subconsciente pessoal dele. Não é o caso.

É verdade que vos é difícil tomar à letra as minhas sugestões de ação no mundo prático, particularmente quando tais sugestões podem parecer nem práticas nem possíveis. Eu sei disso. Deveria ser mais compreensivo.

Eu não sou perfeito. Sou uma personalidade, não uma divindade — toda compreensiva e toda justa —, e sou, por vezes, irascível. Não pretendo ser irrazoável. Não precisas de te preocupar que eu traga apenas material pessoal; mas este material de hoje é importante no que toca à nossa relação.

Estou a pensar no longo prazo, e muitos temas serão abordados ao longo dos anos, com a vossa cooperação. Agora, o Ruburt, novamente, suspeita veementemente de que a minha observação, sobre a esperança de que este material seja lido em todo o mundo, seja fruto de alguma egomania inibida da parte dele. Isto resulta da interpretação conjunta vossa. Eu sei que o material não é nenhum "novo evangelho", acredita. Contudo, representa factos que não são geralmente conhecidos e que devem ser comunicados, independentemente da fonte. Não vejo nada de grosseiramente egocêntrico nesta afirmação; e, se não consideram o material válido, então por que gastam tanto tempo com ele?

A minha personalidade pode, de facto, por vezes mostrar que sou algo de um homem impaciente — que puxa, simbolicamente, as orelhas aos alunos —, mas nunca pretendi ser outra coisa que não aquilo que sou.

Eu deixo-vos fazer a primeira pausa. E, com este preâmbulo, começo com uma breve explicação do material do o Frank Watts.

(Pausa às 21h26. A Jane estava plenamente dissociada — "lá longe", como ela diz. "O Seth surgiu alto e claro." Apesar desse estado, ela lembrava-se do material, sobretudo da parte sobre o material dar a volta ao mundo. Retomou, com voz um pouco mais calma, embora ainda viva, às 21h31.)

Agora. O material do Seth começa com o material do Seth. Ponto.

Vou explicar-vos de onde veio o material do o Watts, o significado dele e a razão das distorções.

Eu não quis abordar isto no início. Não quis travar o vosso progresso nem ferir a confiança vossa. Repito: no que me diz respeito — e eu sou o Seth — o material do Seth começa com o material do Seth.

(A Jane suspeitava que esta seria a resposta do o Seth, e tinha-mo dito no fim de semana. Isto significa que o Seth anunciou pela primeira vez a presença dele, pelo nome, na página 23 do material e durante a 4.ª sessão. Contudo, o caráter das respostas que vínhamos recebendo, já um pouco antes desse ponto, tinha mudado relativamente ao tipo de resposta que o Frank Watts dava; lembro-me de que, mesmo então, nos perguntámos se alguma outra entidade, que não o Frank Watts, não se teria envolvido. (Por outro lado, não duvidámos de que algum tipo de ligação com o Frank Watts tivesse sido estabelecida primeiro — apenas achámos essa ligação "baralhada". A a senhora Borst, colega da a Jane na galeria, agora reformada, declarou, com certeza, que conhecera um o Frank Watts que morrera na década de 1940 e também a irmã dele, a Treva.)

Apesar disso, grande parte do material do o Watts foi válida. As distorções — demasiadas para enumerar aqui — deveram-se à falta de experiência, não só por parte do o Ruburt, mas também por parte da personalidade que viveu e se chamou o Frank Watts.

Ele era uma personalidade da minha entidade, inteiramente independente de mim e fora do meu controlo, tal como expliquei que tais personalidades são. As capacidades do o Ruburt só começavam a manifestar-se e tinham aquilo a que podemos chamar uma frequência de baixo alcance. Havia, desde o início, uma afinidade, mas o Ruburt simplesmente não conseguia chegar longe o bastante — nem para dentro, nem através dos os sentidos interiores — para me contactar diretamente; e existem, para simplificar, "convenções de conduta" que eu não quebraria.

Se eu próprio tivesse tentado contactar o Ruburt nessa altura, o contacto teria equivalido a uma espécie de invasão psíquica — o que eu consideraria profundamente antiético da minha parte.

O Frank Watts estava mais perto e atuou como uma estação de retransmissão inconsciente, por um lado, enquanto, por outro, o inconsciente dele deu consentimento. O material que surgiu veio extremamente baralhado, algumas distorções resultando da inexperiência do o Ruburt e outras, simplesmente, da tradução.

Esta foi a razão da mudança algo brusca da identidade o Frank Watts para a minha. É também por isso que não dei o meu nome nos esforços iniciais, para poder soltá-los à deriva. Ainda assim, representaram um começo necessário nestes trabalhos — um começo pelo qual nem da vossa parte nem da minha é preciso pedir desculpa.

O material foi, em parte, captado ou iniciado pelo o Ruburt a um nível subconsciente a partir da a senhora Borst, que creio que estava na galeria nessa altura. Existiu um Frank Watts. A senhora Borst sabia dele, e ele existiu como personalidade independente.

("Podes dar-nos algumas datas?")

Por causa da reação do o Ruburt, esta noite não darei. Noutra ocasião, inseri-las-ei sorrateiramente no meio do material. Elas — ou melhor, o material do Frank Watts — devem, contudo, ser considerados à parte do meu material. O meu material é aquele em que uso o meu nome.

Durante o outono e o inverno continuaremos longas sessões sobre os sentidos interiores, a natureza da matéria, o tempo e também discutiremos outros meios pelos quais podem, pessoalmente, experimentar.

Esforçar-me-ei, por causa das reações vossas, por não discutir aspetos da existência prática vossa — embora devessem saber que, independentemente disso, tais discussões vos beneficiam. Ainda assim, deferirei ao que creio ser o desejo vosso neste assunto. Não tenho, porém, de o fazer com muita graça.

("Não me importo.")

Falas só com a língua. Então direi —

(a voz da Jane retumbou de súbito)

— que eu sabia o que fazia quando, abrupta e até fortemente — admito — sugeri que o Ruburt deixasse a galeria, dois dias inteiros antes de lhe ser dada a preciosa subdireção.

Ambos suspeitaram de toda a espécie de manobras subconscientes do o Ruburt. O facto é que, se ele tivesse seguido a minha sugestão então, as coisas ter-lhe-iam sido muito mais simples. Tal como ficou, por iniciativa dele e com a ajuda tua, por acontecimentos bem práticos, escolheu sair depois de ter aceite a subdireção. Se ele tivesse seguido a minha sugestão quando lha dei, tudo teria corrido mais liso. Assim, haverá mal-entendidos que poderiam ter sido evitados.

Agora. Ele bloqueou parte desse material. Contudo, a urgência era evidente; como foi numa sessão súbita e não programada, muito disso conseguiu passar. Eu sabia que, de qualquer modo, ele sairia. Quis que saísse antes de lhe oferecerem o cargo. O cargo pode nem significar muito para ele, mas o facto de o aceitar foi tomado como sinal de disposição para aceitar as condições na galeria, e a resignação dele não será tão compreensível, para quem lá está, como teria sido antes.

Uma sessão não programada, com tons de urgência, deve ao menos ser estudada a fundo. Eu não estou a sugerir que ajam por fé cega, mas tal sessão é sintoma de algo "no ar" que deve ser observado — mesmo que o Ruburt bloqueie os pormenores.

Não posso deixar de "tomar conta" de vocês, pois não?

("Não.")

Eu sugiro a pausa vossa.

(Pausa às 22h01. A Jane estava, de novo, plenamente dissociada. Ela terminou a sessão num tom de grande boa disposição. A voz estava agora bastante normal em timbre e volume, e retomou do mesmo modo às 22h03.)

Esta será a sessão curta há muito prometida.

Contudo, acrescentarei mais uma nota. O Ruburt também teve um sonho que lhe deu um aviso claro de problemas — o sonho em que estava em casa do presidente da galeria de arte. Ele — o Ruburt — abriu uma porta estranha e encontrou lá dentro uma figura masculina ameaçadora.

Tentou gritar, não conseguiu por um momento gelado, depois gritou e fugiu. A porta representava o que parecia ser uma nova oportunidade. A figura lá dentro representava a realidade; isto é, aquilo que parecia oportunidade acabaria, afinal, num beco sem saída — uma posição ameaçadora e estagnada. A figura masculina representava o diretor, que ofereceu o novo posto. O intervalo em que o Ruburt não conseguiu gritar representou o hiato gelado de indecisão, no qual não podia agir.

A conclusão final do sonho, quando ele gritou e fugiu, representou o subconsciente dele a dar-lhe a solução. O cargo era ameaçador porque representava uma possível diluição das energias dele, desviando-as do objetivo principal — a escrita — para uma satisfação de ego superficial, que o deixaria basicamente não só insatisfeito, mas pessoalmente traído.

Ele acabaria, acreditem ou não, com um título mais alto dentro de cinco anos — embora não de diretor —, e isso acalmaria tanto o ego interior que este se contentaria com isso. Mas os impulsos interiores dele nunca o deixariam conformar-se. No entanto, eu queria que ele fizesse os ajustes necessários para manter o equilíbrio e a cordialidade exterior com o diretor, para ajudar a própria compreensão dele e para que a resignação dele — que previ, com esperança — fosse relativamente indolor.

O sonho nada teve que ver comigo. Isto pode considerar-se um caso — isto é, a sessão não programada e os acontecimentos subsequentes — que vos deve mostrar que o material pessoal nosso tem validade.

O material relativo à casa não foi distorcido. Eu esperei demais — e isso é culpa minha. Notem, porém, a diferença de urgência das várias sugestões. Sei que isto é difícil de aceitar. O facto é que, se se tivessem mudado, o tráfego simplesmente não vos teria incomodado, no gozo de outras qualidades.

Eu não estava a insistir nesse ponto como insisti na sugestão da galeria. O Ruburt irá melhorar — e está a melhorar — no que toca a distorções; porque, outra vez, não usamos um estado de transe profundo, e porque trabalhamos em cooperação. O processo pode levar mais tempo, mas é muito mais vantajoso a longo prazo — e vocês esquecem que isto é apenas o início.

O Ruburt e tu estais ambos “em treino”, por assim dizer. Não se pode começar no topo, e eu próprio sou cauteloso. Eu não quero —

(de novo a voz da Jane irrompeu, breve)

— ter de lidar com qualquer histeria, e vocês também não. Portanto, avancemos ao nosso ritmo. Os resultados vão valer a pena.

Não fiques excessivamente preocupado quando eu sugerir algo que não te pareça prático; mas investiga tais assuntos a fundo. Se o Ruburt estiver a bloquear, deverá haver, em qualquer caso, uma validade nítida.

Se não te apetecer agir de imediato, também não tomes por garantido que não haja necessidade clara de agir. É por estarmos apenas a começar — e porque o Ruburt muitas vezes me bloqueia — que as minhas sugestões podem parecer tão pouco práticas. É o material concreto que ele teme.

Agora desejo-vos um afetuoso “boa noite”. Podem contar com dados substanciais e suculentos, sobre assuntos menos pessoais, para as sessões futuras. Ganhai ânimo, porém, com o facto de que ambos estão em excelente condição global — o que é muito importante em todos os empreendimentos vossos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22h28. A Jane estava, como de costume, dissociada. Ambos nos lembramos do sonho da Jane que o Seth discutiu. Foi muito vívido e bastante desagradável; a Jane contou-mo assim que acordou e escreveu-o de imediato, em detalhe, no caderno de sonhos. Teve o sonho na noite de domingo, 30 de agosto; no dia seguinte foi-lhe dada a subdireção na galeria.)